07

2010

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

edições UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

07

2010

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

edições UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

DIRECTOR
Salvato Trigo

DIRECTOR-ADJUNTO
Maria do Carmo Castelo Branco

COORDENAÇÃO DE NÚMERO
Elisa Gomes da Costa, Pedro Reis, Rui Estrada

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Ana Viale Moutinho

CONSELHO CIENTÍFICO
Alcinda Cabral (UFP), **Ana Isabel Sani** (UFP), **Ana Sacau** (UFP), **António Cardoso** (UFP), **António Regedor** (UFP), **Carla Barros** (UFP), **Celina Silva** (U Porto), **Eduardo Meditsh** (U Federal de Santa Catarina), **Eduardo Paz Barroso** (UFP), **Elsa Simões** (UFP), **Gloria Jólluskin** (UFP), **Inês Gomes** (UFP), **Isabel Silva** (UFP), **João Casqueira** (UFP), **Joaquim Ramalho** (UFP), **José Soares Martins** (UFP), **Judite Freitas** (UFP), **Luísa Álvares Pereira** (U Aveiro), **Luísa Faria** (U Porto), **Luísa Vasconcelos** (UFP), **Manuel Gonçalves Martins** (U Minho), **Maria Angeles Pérez López** (U Salamanca), **Milton Madeira** (UFP), **Paula Mota Santos** (UFP), **Paulo Cardoso** (UFP), **Pedro Cunha** (UFP), **Raul Guimarães** (UFP), **Rosa Bizarro** (U Porto-UFP), **Rui de Melo** (UFP), **Rui Torres** (UFP), **Sandra Tuna** (UFP), **Sérgio Lira** (UFP), **Victor da Rosa** (U Ottawa)

TÍTULO
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, N.º 7 - 2010
© Universidade Fernando Pessoa

EDIÇÃO
Edições UNIVERSIDADE FERNANDo PESSOA
Praça 9 de Abril, 349 / 4249-004 Porto Portugal
edicoes@ufp.edu.pt / www.ufp.pt

DESIGN E IMPRESSÃO Do INTERIOR
Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

IMPRESSÃO DA CAPA E ACABAMENTOS
Jobrile, Lda.

DEPÓSITO LEGAL **215362/04**

ISSN **1646-0480**

PERIODICIDADE **Anual**

LEMBRETE BIBLIOGRÁFICO **Revista da FCHS, n.º 7, 2010**

Esta revista está indexada na Fuente Académica.
O conteúdo dos artigos é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

EDITORIAL

1. Termina com este número (**7**) a minha responsabilidade quanto à orientação / estruturação da *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais* – mantida neste número apenas porque a actual Directora entendeu, delicadamente, ceder-me essa função que já é a sua, mas que, pela desconstrução temporal dos acontecimentos e das funções, criou uma descontinuidade entre o trabalho da organização da Revista e a substituição da antiga pela actual (e por inerência) Directora-Adjunta. Só assim será explicável a colocação do meu nome no fim deste Editorial.

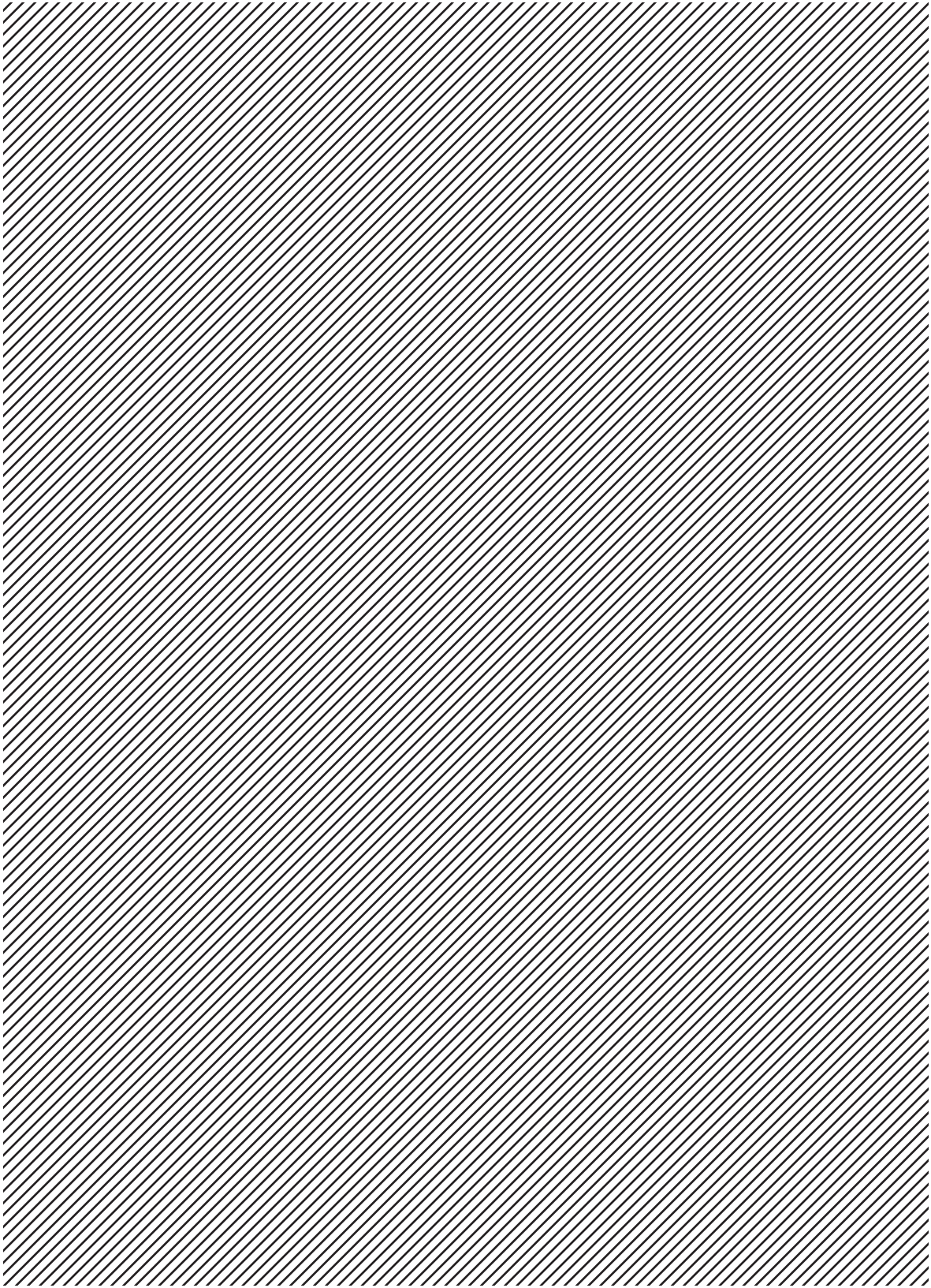
A responsabilidade de que falo é, contudo, naturalmente, repartida pelo Conselho Científico da Revista (a quem compete a sanção exigível e rigorosa dos artigos), pela Coordenação de Número (que tem o trabalho de reunir e, depois, distribuir os artigos pelos membros específicos do Conselho Científico) e pela Coordenadora Editorial. A todos, as minhas felicitações pelo trabalho realizado e o meu muito obrigada.

2. Este número segue a organização que instituí (com a devida autorização do Director), a partir do número 2, e que, para além das duas secções (correspondentes aos dois Departamentos), inclui também uma "Área temática" (que indicia áreas de conhecimento inter-relacionadas), uma secção de "Projectos", iniciada no Número 5 da Revista, e a secção final onde se integram as recensões dos trabalhos científicos, publicados sob a égide da Universidade.

Este ano, a área temática centrou-se num *laço* integrador e coerentemente filiado no campo literário, reunindo as doze comunicações científicas (internas e externas) do Reitor da Universidade, de professores e de uma doutoranda da UFP – todos eles participantes no colóquio de Abertura do *Núcleo de Estudos do Modernismo em Língua Portuguesa*, com uma homenagem ao escritor Edgar Allan Poe – todos eles, de diversas formas, manifestando a influência deste escritor na literatura europeia, nomeadamente na portuguesa, a partir do século XIX.

O relativo equilíbrio entre os dois Departamentos, no que respeita ao número de obras publicadas e número de artigos recenseados, manifesta o crescente envolvimento científico da comunidade académica desta Faculdade (professores e alunos de pós-graduação) e, simultaneamente, neste dealbar da 2ª década do século XXI, a importância dada aos aspectos sociais e humanísticos, emprestando-lhes aquela "visão aberta e multipolar", que preconizava o matemático João Filipe Queirós, o mesmo será dizer, envolvendo-os nos "movimentos do espírito" e nas "ciências da vida".

Maria do Carmo Castelo Branco
(Directora Adjunta)



ÍNDICE

HOMENAGEM A EDGAR ALLAN POE

10 POE OU O VOO DO CORVO - ALOCUÇÃO INAUGURAL PROFERIDA PELO REITOR DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA NO ENCONTRO "HOMENAGEM A EDGAR ALLAN POE"
Salvato Trigo

16 CONFLUÊNCIAS E (DE)COMPOSIÇÕES: ESPAÇO FECHADO?
Maria do Carmo Castelo Branco

28 POÉTICAS DA COMPOSIÇÃO: POE E PESSOA
Fernando Guimarães

34 A PROVÍNCIA DA BELEZA
Paulo Tunhas

40 "O CORVO" DE PESSOA: UMA FILOSOFIA DA TRADUÇÃO
Manuel Portela

54 UM CORVO NUNCA MAIS
Rui Torres

64 CONTAMINAÇÕES FECUNDAS*:* TRAÇOS DE EDGAR ALLAN POE EM ANTERO DE QUENTAL E EÇA DE QUEIRÓS
Maria de Lurdes Sampaio

80 O FANTÁSTICO DE EDGAR POE NA POÉTICA DE MÁRIO SÁ-CARNEIRO
Fernando Hilário

92 OS SURREALISTAS E EDGAR ALLAN POE: ATRACÇÃO/REPULSA FATAL
Maria de Fátima Marinho

102 EDGAR ALLAN POE – DETALHES, SOMBRAS E REFLEXOS – AFINIDADES ESTÉTICAS E SUBVERSÕES ICONOGRÁFICAS
Maria de Fátima Lambert

122 HITCHCOCK PRESUMÍVEL LEITOR DE POE
Eduardo Paz Barroso

130 REFLEXÃO SOBRE AS (IM)POSSÍVEIS FRONTEIRAS DA MORALIDADE
Raquel Monteiro

CIÊNCIAS EMPRESARIAIS E DA COMUNICAÇÃO

144 A CONSERVAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS DIGITAIS: UM DESAFIO NA ERA DA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO
Alexandra Vidal

156 AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO BANCO-CLIENTES NUMA PERSPECTIVA DE MARKETING RELACIONAL: O *HOMEBANKING* COMO POTENCIALIZADOR DA RELAÇÃO
António Cardoso, Marcelo Fernandim

170 ATUAÇÃO DA IMPRENSA JUIZFORANA NA GREVE DE 1912
Arthur Barroso Moreira

180 ANTÓNIO RODRIGUES SAMPAIO E O *ECO DE SANTARÉM*
Jorge Pedro Sousa, Sandra Gonçalves Tuna, Patrícia Teixeira

196 EMPREENDEDORISMO SOCIAL E DESEMPENHO ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO APLICADO ÀS ORGANIZAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS
Lara Santos

208 APROPRIAÇÃO E COMPREENSÃO DE UM CONTO DE SARAMAGO: *A MAIOR FLOR DO MUNDO*
Maria Antónia Jardim, Marilene Barbosa

216 LIBERDADE DE IMPRENSA: DA INEXISTÊNCIA DURANTE A DITADURA AOS EXCESSOS DO QUARTO PODER COEVO
Mário Pinto

228 A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DOS SERVIÇOS EM EMPRESAS ORGANIZADORAS DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES
Paulo Cardoso, Sandra Isabel Bento

240 TEORIA DA INFORMAÇÃO E CONCEPÇÃO POÉTICA EM SALETTE TAVARES
Rui Torres e Débora Cristina Santos e Silva

252 A VERDADE É O QUE CAMILO DEIXOU ESCRITO
Rute Silva Correia

264 CORPOS MUTANTES ENTRE A PINTURA E O CINEMA EM JULIÃO SARMENTO
Teresa Silva

CIÊNCIA POLÍTICA E DO COMPORTAMENTO

276 AMBIENTE PSICOSSOCIOLÓGICO DA SALA DE AULA E RENDIMENTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO
Abílio Afonso Lourenço, Victor Pereira Da Rosa, Maria Olímpia Almeida de Paiva

290 "VIVER AOS BOCADINHOS": O PAPEL DO CUIDADOR INFORMAL DO IDOSO EM CONTEXTO DOMICILIÁRIO
Alcina Mangas, Teresa Martinho Toldy

302 ANÁLISE DA FUNDAMENTAÇÃO DAS DECISÕES DOS JUÍZES: A RELEVÂNCIA DOS RELATÓRIOS SOCIAIS
Ana Sacau, Glória Jólluskin, Andreia de Castro-Rodrigues, Salvador Gonçalves, Filipa Rua, Marisa Pinho

314 A HERANÇA TRANSGERACIONAL NO INDIVÍDUO: UM ESTUDO DE CASO
Cátia Duque

324 AS RELAÇÕES LUSO-AMERICANAS: UM GRANDE DESAFIO, ENORMES POTENCIALIDADES
João Luís Dias, Carla Pinto Cardoso

336 CRENÇAS E EXPECTATIVAS INTERSUBJECTIVAS DE PAIS RELATIVAMENTE À PRÁTICA DE FUTEBOL DOS FILHOS NA ESCOLA DE FUTEBOL DRAGON FORCE DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO
José Magalhães, Milton Madeira

354 PERCEPÇÃO DO RISCO DE CONTAMINAÇÃO PELO VIH/SIDA EM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS
Margarida Soliz Fernandes, Zélia Teixeira

366 AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL FRENTE ÀS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS DO SÉCULO XX PARA O SÉCULO XXI
Maria José Fernandes Porto, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo

378 VARIÁVEIS EXPLICATIVAS DO SUCESSO ESCOLAR: UM ESTUDO NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
Maria Olímpia Almeida de Paiva, Victor Pereira Da Rosa, Abílio Afonso Lourenço

392 OBSTÁCULOS E FACTORES PROMOTORES DA PROCURA DE TRATAMENTO NO ALCOOLISMO
Marta Alexandra Fernandes Rodrigues, Zélia Teixeira

402 O CRIME DA GLOBALIZAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO DO CRIME
Laura M. Nunes

412 CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES SOBRE A VIOLÊNCIA INTERPESSOAL
Lúcia Machado, Ana Isabel Sani, Madalena Sofia Oliveira

424 NOS DESPOJOS DA CRISE ECONÓMICA E FINANCEIRA: A INVIABILIDADE DE UMA MOEDA MUNDIAL
Paulo Vila Maior

436 NEGOCIAÇÃO E GRH: RESULTADOS PROVISÓRIOS DE UM ESTUDO QUALITATIVO
Ricardo Bessa Moreira, Pedro Cunha

450 THE PORTUGUESE IN VENEZUELA: A CONTINUOUS PRESENCE
Victor Pereira Da Rosa, Ari Gansman, Salvato Trigo

PROJECTOS

468 AVALIAÇÃO DOS MOTORES DE PESQUISA COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO (ESTUDO DE CASO GOOGLE, SLIDESHARE, YOUTUBE)
Fernando Bandeira, Tânia Marisa Fernandes Dias

484 IMORTALIDADE SIMBÓLICA, ESTUDO COMPARATIVO ENTRE TER OU NÃO TER FILHOS NUMA AMOSTRA DE PORTUGUESES
Paula Isabel Santos

RECENSÕES

496 CRIME E COMPORTAMENTOS CRIMINOSOS LAURA M. NUNES
por Ana Sacau

497 ERAS DE EROS - FRANCISCO SIMÕES E ISABEL PONCE DE LEÃO
por Fernando Hilário

498 PATRIMÓNIOS PARTILHADOS. ESTUDOS SOBRE ÁFRICA E ÁSIA - ALCINDA CABRAL (COORD.)
por Ivo Sobral e Rui Miguel Ribeiro

501 CADERNOS DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS N.º 4 - ANA MARÍA DA COSTA TOSCANO
por João Casqueira Cardoso

501 D. BRANCA DE VILHENA: PATRIMÓNIO E REDES SOCIAIS DE UMA NOBRE SENHORA NO SÉCULO XV - JUDITE ANTONIETA GONÇALVES DE FREITAS
por Joaquim Fernandes

502 CSI CATÁSTROFES - MARIA DE FÁTIMA TERRA PINHEIRO PEREIRA (ORG)
por José Soares Martins

503 LITERATURA E GEOGRAFIA - ISABEL PATIM ET AL., (COORD.)
por Maria do Carmo Castelo Branco

506 CRIANÇAS ÍNDIGO. NOVAS ATITUDES PEDAGÓGICAS
- MARIA ANTÓNIA JARDIM (ORG.)
por Marina Lencastre

508 ENTRE MANCHESTER E LOS ANGELES – ILHAS E NOVOS CONDOMÍNIOS NO PORTO PARADIGMAS SÓCIO-ESPACIAIS, POLÍTICAS DA DIFERENÇA E ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS URBANAS - PAULO CASTRO SEIXAS
por Paula Mota Santos

510 NUESTRA AMÉRICA N.º 5 - RUI TORRES (ORG.)
por Paulo Castro Seixas

512 A LOCOMOTIVA DOS SONHOS - EDUARDO PAZ BARROSO
por Paulo Tunhas

515 CADERNOS DE ESTUDOS MEDIÁTICOS VI - ELSA SIMÕES LUCAS FREITAS E SANDRA GONÇALVES TUNA (ORGS)
por Pedro Reis

516 RUMOS DO JORNALISMO NA SOCIEDADE DIGITAL: PORTUGAL E BRASIL - PAULA MELANI ROCHA E JORGE PEDRO SOUSA
por Rui Torres

517 ANTROPOLÓGICAS N.º 11 - ALCINDA CABRAL E DOLORES VARGAS LLOVERA (COORDS)
por Teresa Martinho Toldy

525 NORMAS EDITORIAIS

HOMENAGEM A

EDGAR ALLAN POE

POE OU O VOO DO CORVO - ALOCUÇÃO INAUGURAL PROFERIDA PELO REITOR DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA NO ENCONTRO "HOMENAGEM A EDGAR ALLAN POE"

Salvato Trigo
Reitor
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
reitoria@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 10-15 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 31 Mai. 2010

Na conhecida carta que Pessoa escreveu a José Osório de Oliveira, escritor e ensaísta a quem devemos, entre outras coisas, a primeira divulgação substantiva da literatura brasileira e das literaturas africanas de língua portuguesa, designadamente a caboverdiana, na conhecida carta pessoana, dizíamos, o poeta dos heterónimos revela a sua formação estética e literária, a saber:

A primeira infância e primeira adolescência foram influenciadas pela leitura exaustiva de *Pickwick Papers*, de Charles Dickens;

A segunda adolescência alimentou-a com Shakespeare e Milton e outros poetas românticos ingleses, como Shelley;

A terceira adolescência, agora em Lisboa, viveu-a na atmosfera dos filósofos gregos e alemães e no convívio de leitura com os decadentistas franceses.

A acreditarmos apenas nesta confissão de Pessoa, diríamos, então, que Edgar Allan Poe não foi importante na sua formação estético-literária, mesmo que João Gaspar Simões, seu quasi-biógrafo, tivesse visto coincidências literariamente importantes no facto de ambos os escritores terem ficado precocemente órfãos de pai, o que, aliás, também aconteceu a Baudelaire.

Gaspar Simões deduziu, ou melhor, induziu, que a figura do padrasto foi relevante na construção e na educação do imaginário dos três autores. Enganou-se, como tantas vezes aconteceu com suas induções: no caso de Pessoa, como Hennings o demonstrou, em seu *Os dois exílios – Fernando Pessoa na África do Sul*, e no caso de Poe, como o prova Harry Lee Poe, em *Edgar Allan Poe – An illustrated companion to his tell-tale stories*.

De facto, a ausência do pai ou a infância traumática não são temas germinantes nem da imaginação nem da fantasia (para tomarmos aqui duas categorias kantianas essenciais) de Poe ou de Pessoa.

A aproximação de Pessoa a Poe não deverá fazer-se pela biografia mas pela bibliografia, isto é, pela forma como ambos entenderam a filosofia da composição poética e literária.

Sabemos que a primeira referência explícita feita por Pessoa a Poe foi, no momento em que lhe foi atribuído o *Queen Victoria Memorial Prize* (1903), prémio galardoado com 7 libras em livros, foi, dizíamos, ter escolhido entre os livros *The choice works of Edgar Allan Poe.*

Que efeitos terá produzido em Pessoa a leitura de Poe e dessa poética gerada na soleira da vigília, lá nesse instante em que se sai do estado de alerta e se entra na porta do sono? Podemos induzi-los, agora nós, na poética pessoana ortónima e heterónima, sobretudo, por onde se passeiam também Keats, Byron, Tennyson, Emerson, Melville e Whitman e ainda Woodsworth e Pope, que tinham, em comum com aquele, a experimentação métrica, um sentido intenso do símbolo e uma urgência emocional ou intelectual para mergulhar fundo nas vivências e transes individuais.

Pessoa terá admirado em Poe seguramente a poética da extravagância e do delírio, que a sua intolerância às bebidas alcoólicas, que todavia, consumia, lhe provocava e enredava em palavras-ideias obrigadas a viver em contextos inimagináveis.

De tais palavras-ideias dizia Poe:

> Elas não são ideias nascidas do meu cérebro. Não são sonhos. Erguem-se da alma, da sua mais profunda tranquilidade. Não surgem nos estados de vigília; não me ocorrem durante o sono. Tomam forma naqueles pontos precisos em que o mundo da vigília se mistura com o mundo do sono – no momento exacto em que o meu espírito flutua entre os sonhos e a consciência – e quem poderá dizer se o ser humano está, nesse momento absolutamente psíquico, acordado ou a dormir?

Poe perguntava para concluir:

> Acaso não é esse momento a própria origem da minha vida, a própria essência do meu génio? E, sendo assim, é essa experiência comum a todos os homens, ou limita-se apenas ao meu ser individual?

A necessidade duma *escrita* nos limites levava Poe a interrogar-se como poderia tornar as suas fantasias dignas de crédito e fazer com que os leitores experienciassem com ele o princípio em que acreditava furiosamente de que o objectivo da obra de arte literária é evocar a beleza através da música das palavras, nunca o de preconizar uma moral ou encerrar uma verdade.

A criatividade literária, tal como Poe a concebia e praticava, deve gerar uma realidade *artística*, e não científica; verosimilhança, e não verdade; mera semelhança da verdade, e não verdadeira verdade. Por isso, não o preocupavam os factos, pretendia apenas os efeitos. Não se interessava tanto pela verdade como pela beleza. Afirmava com convicção que "o sentido da beleza é um instinto imortal e profundo no espírito do homem".

Quem não será tentado em escrutinar nestas considerações de arte poética fracturantes, como diríamos agora, a génese do simbolismo francês e do sensacionismo pessoano?

Poderá ter sido também este Poe, poeta, ou o contista, a inspirar a Pessoa a heteronímia que assumiria como marca indelével de enunciação, a partir de 1914, ano de nascimento de Caeiro, de Campos e de Reis, depois de ter experimentado precocemente, na segunda adolescência, a pseudonímia, em português, em 1903, nos contos *Os Rapazes de Barrowby*, inspirados no *Pickwick Papers*, de Dickens, da autoria de um tal Adolph Moscow, e *A Riqueza de um Doido*, inspirada no *Bleak House*, também de Dickens, de autoria de um tal Marvell Kish.

Ou poderá também ter sido o Poe folhetinista e polemista do *Baltimore Saturday Visitor* ou do *Southern Literary Messenger* (da Virgínia) ou do *Graham's Magazine* ou do *Philadelphia Saturday Courier* a inspirar a pseudonímia em inglês de Pessoa, assinando C.R. Anon, na polémica que travou, em 1904, com um professor, na *Commercial School of Durban*, de nome C.H. Haggar, nas páginas do *Natal Mercury Pictorial*, com 16 anos recém feitos.

A leitura de Poe terá mostrado seguramente a Pessoa os muitos caminhos para se transformar, como certeiramente Jorge de Sena o predicou, num "indisciplinador de almas" e que levou o poeta mexicano Octávio Paz, depois de chamar a Fernando Pessoa "anglómano", a reconhecer que "a obra de Pessoa é um passo para o desconhecido. Uma paixão".

Nos *The choice works of Edgar Allan Poe*, terá lido Pessoa o primeiro livro de Poe publicado em 1827, em Boston, o *Tamerlane and other poems*, que assinou apenas como "a Bostonian",

num exercício inaugural da despersonalização que culminaria com *The Raven*, o poema mais famoso alguma vez escrito por um americano, publicado em Fevereiro de 1845 com o pseudónimo "Quarles".

A despersonalização e as máscaras da poética de Poe, associadas ao futurismo da sua imaginação geradora de voos através do Atlântico e para a lua, de aventuras para além das fronteiras do mundo conhecido que muito influenciaram também Jules Verne, fascinariam certamente o criador do *Chevalier de Pas* e das *dramatis personae* ancoradas em *O Marinheiro*, um drama estático que terá encontrado o seu *modus* de "unreliable narrator" em estórias como *The Cask of Amontillado* e *The Tell-Tale Heart*, nas quais Poe introduz essa importante "nuance" na narração na primeira pessoa. E não terá *O Marinheiro* ecos de *Berenice – a tale of premature burial*, onde Poe escreve: " A morte de uma mulher bonita é, inquestionavelmente, o tópico mais poético do mundo"?

A despersonalização do narrador ocorreria também em *Al Aaraaf*, estranho título para um estranho conto de outro mundo, ou em *Metzengerstein*, em que Poe explora, pela primeira vez, a problemática da maldade humana, que passará a ser uma constante na sua obra.

Este é o Poe chamado "the father of short stories" e dos "short essays" em que Pessoa pôde espraiar a sua própria fantasia poética e imaginação literária, ao mesmo tempo que terá aprendido que o coração é um "comboio de corda" e que, portanto, em arte "sente-se com a imaginação", tal como nos confessa no seu poema *ISTO*.

O "não uso o coração" do mesmo poema *ISTO* teria sido o desconsolo da Ofélia inconquistada por incompetência de amar, ou de novo, ecos do poema de Poe *To Helen*, que muitos consideram o seu mais belo poema, dedicado a Jane Craig Stanard, mãe dum seu colega de escola, Robert Stanard, que terá sido a primeira mulher que verdadeiramente lhe dirigiu palavras de amor e lhe dedicou gestos de carinho?

Esta mulher, Jane, suicidou-se aos 31 anos por depressão mental profunda e Poe, que tinha então 15 anos, ficou tão abalado com essa morte que, a partir daí, começou a explorar até limites indizíveis a temática da doença mental, numa escrita de morbidez e de melancolia horrorosamente cativante.

Este Poe geriu o seu próprio mito popular que o via como uma figura sombria, encerrada na loucura e em estados induzidos pelo álcool com uma inspiração torrencialmente selvagem, sem deixar de ser ao mesmo tempo interpelante de Deus que o apartara de tão admirada e amada mulher.

O questionamento de Deus e as interrogações sobre a vida, que Poe imaginava também depois da morte, terão despertado em Pessoa, adolescente, no precoce poema narrativo fragmentado *The old castle*, através de Marino, as mesmas interrogações de "Que sou eu?", "O que é Deus?", "Qual o sentido da vida?", as quais, todavia, são por muitos consideradas como emergentes da leitura por Pessoa *de A velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro.

O mito popular de Poe, a estrangeiridade e a loucura, que lhe estavam associadas, poderão ter ajudado a compor o próprio mito popular de Pessoa e sua etílica criatividade, surpreendida em "flagrante delitro" ou no quadro do bagacinho do Orpheu de Almada Negreiros, no

Martinho da Arcada, sorvendo aguardentemente a vida no des-sentido das coisas, na busca de uma poética dos sentidos do des-sentido.

Tê-la-á achado Pessoa no ensaio de Poe *The Philosophy of Composition*, escrito em Abril de 1846, como uma espécie de análise poïética do poema *The Raven* que lhe foi "case study"?

É provável que sim, pois também Pessoa não resistiu a traduzir para português o poema "O Corvo", tal como Stéphane Mallarmé o havia feito com "Le Corbeau", ilustrado com cinco desenhos do célebre Manet.

Também é provável que Pessoa tenha experienciado alguns efeitos de Poe, atarvés de Baudelaire e de Valéry que, aliás, consideravam, tal como Mallarmé, ter sido Poe o percursor do simbolismo francês, por onde Pessoa passou, mas não estacionou.

David Mourão-Ferreira explica, por isso, a génese do *Oprheu* como resposta de Pessoa para

> **superar as influências do simbolismo, bem como libertar-se da sua meteórica passagem – mais de ordem intelectual do que propriamente afectiva – pelos arraiais saudosistas da revista *A Águia*.**

Que melhor inspiração para essa superação poderia ter Pessoa do que em "O Corvo", uma experiência poética e narrativa, onde se procura o sentido na musicalidade das palavras ao mesmo tempo que o narrador demanda "the lost Leonor" (a Leonor perdida) em diálogo de monótona sonoridade com o pássaro que, qual papagaio, repete o refrão "nevermore".

Refrão que ecoaria em Poe até à sua morte em 7 de Outubro de 1849, às 3 da manhã, não sem antes se reconciliar com Deus a quem perguntou "Ó Deus!... Tudo o que vemos ou julgamos ver/Não passa de um sonho dentro de um sonho?", para, na ausência de resposta, fazer a prece final: "Lord, help my poor soul".

Pessoa, mais uma vez, subscreveria essa tese de Poe de que tudo, afinal e sobretudo a arte, se baseia no sonho que faz todo o homem mover-se do passado para o futuro em busca da utopia de alcançar a felicidade e de contemplar, na eternidade, num tempo sem tempo, finalmente, a face de Deus, origem de toda a cosmogonia e fim de toda a ontologia, isto é, do *ser*.

David Mourão-Ferreira, outra vez com perspicácia, viu em Caeiro, uma "arte de *ser*", em Campos, "uma arte de *sentir*" e em Reis, "uma arte de *viver*", expressões heterónimas a recolocarem o homem, tal como Poe com o "corvo", no centro da filosofia, isto é, no entendimento do mundo pelo *verbo*, como centro do nosso sistema de pessoa, que o mesmo é dizer, de existir!

O modernismo do Orpheu está na ave em que Plutão o transformou por não ter observado a condição que lhe impusera para libertar Eurídice do Hades. Perdeu Eurídice e o canto, ganhou, todavia, a inquietude do Corvo, afinal anunciador do nosso destino comum!

A *morte*, o fim do tempo, sem o qual não compreenderíamos a vida e muito menos a apreciaríamos como o intervalo a fruir entre um antes de nós e um depois de nós, durante o qual deveremos sublimar o pensamento no templo por excelência da linguagem multímoda e polissémica que é a Literatura!

Foi isso que Poe nos inspirou; é isto que Pessoa nos serve, no fascínio que certamente teve por uma escrita que também fascinou Dostoievsky que se inspirou em *The Tell-Tale Heart* para escrever *Crime e Castigo,* o espelho da nossa condição humana, dialogicamente traduzida na polifonia e no carnaval do texto, como símbolos maiores da modernidade! Assim o disse Bakhtine, sem a originalidade, é verdade, da escrita de Poe e da poética de Fernando Pessoa, sua tributária.

É este, enfim, o nosso tributo duplo a dois poetas que tiveram pressa de regressar para o conforto divino de Athena.

CONFLUÊNCIAS E (DE)COMPOSIÇÕES: ESPAÇO FECHADO?

Maria do Carmo Castelo Branco
Professora Associada
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
mcseq@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 16-27 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 10 Jun. 2010

RESUMO

Se a linha de reflexão sobre a Poética de Edgar Poe encontrou em Portugal e com Fernando Pessoa um dos seus pontos altos, a verdade é que o seu nome já tinha começado a circular (entre a referência e a *integração* textual) com o Romantismo (Camilo é um dos autores que cedo o citou) e, sobretudo, com a *Geração de 70*.

Procura-se, neste texto, verificar algumas das inclusões/impulsos e *neutralizações* da sua obra narrativa em contos de Álvaro Carvalhal, Fialho de Almeida e Eça de Queirós.

PALAVRAS-CHAVE

Álvaro Carvalhal, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Kenosis, "Imaginação pura", ruptura, perversidade

ABSTRACT

If the line of reflection about Edgar Poe's Poetics found, in Portugal, one of its highlights with Fernando Pessoa, truth is his name had begun to circulate (between textual reference and integration) with Romanticism (Camilo is one of the authors that early quoted him) and mainly with *Geração de 70*.

This text tries to verify some of the inclusions/impulses and neutralizations of Poe's narrative pieces in Álvaro Carvalhal, Fialho de Almeida and Eça de Queirós' tales.

KEYWORDS

Álvaro Carvalhal, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Kenosis, "Pure Imagination", rupture, perversity

1. René Lalou, na parte final da "Advertência" à tradução para francês dos "três manifestos" literários de Edgar Poe, considerava, a propósito da "Essência do verso":

> …Les pages où il imagine ainsi le roman du vers, du langage, de l'esprit humain nous offrent peut-être, en définitive, l'image la plus fidèle de sa propre dualité: improvisation et réflexion profonde, paradoxes de polémiste et justesse durable, intuition hasardeuse et rigueur mathématique, verve facile et culte de la Beauté, mystification et génie (Lalou 11)

"Reflexão profunda", "paradoxos de polemista", "intuição" e "rigor matemático", "culto da Beleza", "mistificação e génio". Quase poderíamos reverter estas palavras para Fernando Pessoa, integrando, neste contexto e nesta similitude, o ângulo de *disputa* que o poeta português travou, à distância e a uma só voz, com as páginas do autor norte-americano. Muitos textos o comprovariam, estabelecendo e confrontando essa linha de admiração e contra-admiração de Pessoa pelo criador do romance policial[1]. Não é, no entanto, estritamente essa a linha que pretendemos hoje aqui seguir, embora não seja despiciendo, para o estudo que pretendemos esboçar (e como seu enquadramento teórico), lembrar algumas palavras de Pessoa que quase repetem Lalou (214):

> O que há de mais notável na sua personalidade complexa é a justaposição – mais que a fusão – de uma imaginação vizinha da vesânia com um raciocínio frio e lúcido. Na imaginação visionadora do estranho ninguém o superou ainda, salvo talvez Sá Carneiro cuja intuição do Mistério era, talvez por uma questão de raça, mais completa. Nos contos de «raciocínio» não apareceu ainda seu igual…

Antes de traçar o rumo de continuidade externa, mas também de desconforto derivado, desse dispositivo de ruptura ou *Kenosis*, tal como foi definido, mas também tornado implicante, por Bloom[2], não podemos esquecer, dentro da teoria estética de Edgar Poe, a noção de "efeito" que contamina toda a sua *Filosofia da composição* e se torna, talvez, a base de construção da sua escrita, o seu primeiro mas consciente movimento:

> Existe, creio, um erro radical no método geralmente usado para construir uma história. Ora a história nos dá uma tese; ora o escritor se encontra inspirado por um incidente contemporâneo, ou então, *pondo as coisas pelo melhor*, *aplica-se a*

1 Várias notas sobre Edgar Poe e o romance policial surgem ao longo da obra de Pessoa – notas que poderemos encontrar, por exemplo, em *Páginas íntimas e de auto interpretação* (Ática), *Páginas de estética e teoria literárias* (Ática), *Pessoa – crítica – ensaios, artigos e entrevistas* (Assírio e Alvim), para além de traduções que efectuou de alguns textos poéticos e ensaísticos, como "O Corvo", "Annabel Lee" e ainda *A filosofia da composição* (Ulmeiro) – demonstrativas não só do seu espírito de "teorizador preocupado", como diria Luso Soares, mas também do interesse que lhe despertava a obra do escritor norte-americano.

2 Assim a define: "Dispositivo de ruptura semelhante aos mecanismos de defesa que as nossas psiques empregam contra a compulsão à repetição; a Kenosis é então um movimento na direcção de uma descontinuidade em relação ao precursor…" (Bloom 26). Assim implica e envolve autor e leitor: "Precisamos de deixar de pensar nos poetas como egos autónomos, por muito solipsistas que os poetas mais fortes possam ser. Todo o poeta é apanhado por uma relação dialéctica (transferência, erro, comunicação) com outro poeta ou poetas (*idem* 104).

> *combinar acontecimentos surpreendentes* que devem formar simplesmente a base da sua narrativa…[3]
>
> …Quanto a mim, a primeira de todas as considerações é o *efeito* a produzir. Tendo sempre em vista a originalidade (porque é traidor consigo próprio quem se arrisca a passar sem um meio de interesse tão evidente e tão fácil), dizia eu, antes de tudo, entre os inumeráveis efeitos ou impressões que o coração, a inteligência ou, para falar mais em geral, a alma é susceptível de receber, qual é o único efeito que devo escolher no momento presente? (*apud* Pessoa, *O Corvo e outros poemas de Edgar Allan Poe* 34)

Procuremos conciliar estas afirmações com outras retiradas de *O Princípio Poético* (mesmo aceitando a reticência e o perigo da soma fragmentária):

> Si nous divisons le monde de l'esprit selon ses trois distinctions les plus immédiatement évidentes, nous obtenons l'Intellect Pur, le Goût et le Sens Moral. Je place le Goût au milieu parce que c'est exactement la place qu'il occupe dans l'esprit (…) De même que l'intellect s'occupe de la Vérité, ainsi le Goût nous renseigne sur le Beau (…), mais le Goût se contente d'en déployer les charmes, livrant bataille au Vice seulement parce qu'il est laid, disforme, hostile à l'équilibre… (Lalou 24)

Tomando em conta esta possível e nem sempre respeitada conciliação, podemos somar-lhe outras afirmações interessantes do autor, entre as quais o conceito de "místico", que designa, dentro da perspectiva do romantismo alemão, nomeadamente de Wilhelm Schelegel, como uma "clase de composición en la cual, bajo la transparente superficie del significado, subyace una corriente *sugestiva* o trasfondo" (Condor 213)

Como se poderá formar essa "corrente subterrânea"? Será o seu conceito de "imaginação pura" que lhe dará a resposta, considerando que esta escolhe, por regra, aquelas coisas que, até ao momento, foram combinadas. No entanto, como acontece frequentemente na Química, o resultado da combinação pode não ter a ver com as qualidades de qualquer dos elementos combinados:

> … Así, el âmbito de la imaginación es ilimitado. Sus materiales se extienden por todo el universo. Incluso a partir de deformidades fabrica esa Belleza que es al mismo tiempo el único objeto y su inevitable prueba. (Condor 231)

No seu conjunto, será esta a teia de considerações e de "combinatórias" com que pretendemos dar cambiante e forma à rápida leitura (ou confrontação textual) que constitui este nosso trabalho.

3 Itálicos nossos. Não deixa de ser interessante a nota parentética de F. Pessoa à tradução de "O Corvo": (tradução de Fernando Pessoa ritmicamente conforme com o original) – tradução a que se pode juntar a advertência sequencial, aparentemente invertida: "Agora, conhecido que é o poema, passemos à análise da sua génese que Poe intitulou *A filosofia da composição*".

2. Procuraremos, assim, conciliar estas ideias (orgânica e estruturadamente, mas também com essa espécie de "ritmo" de que falava Pessoa e que ultrapassa os limites físicos do texto) com o desenvolvimento de uma temática de *horror* em graus variados, tal como a podemos encontrar nos seus contos "A Queda da Casa de Usher", "O Retrato Oval" ou em "Nunca aposte a sua Cabeça com o Diabo"[4] – como ainda, através de uma espécie de *repetição* e de continuidade externa, mais ou menos distanciada, em "A Ogiva Sombria" de Fialho de Almeida ou, "O Defunto", *O Mandarim* e "Enghelberto" de Eça de Queirós, ou, ainda em *Os Canibais* de Álvaro Carvalhal.

De facto há, em todos estes contos (para além de uma razoável mistura do gótico, do fantástico e de uma certa dose de *perversidade*, tal como a clarifica Poe em "O Demónio da Perversidade"[5] uma espécie de coligação contextual / metatextual, onde as margens do tempo parecem diluir-se, consubstanciando-se numa autêntica acronia, sem sinais visíveis de cronologia ascendente. É essa concentração simbólica num tempo e num espaço marcados que, simulando uma realidade estática e sombria, esmorece o rodar dos acontecimentos e faz surgir, como horizonte, o espaço fantástico na sua globalidade émica – globalidade onde todo o acontecimento estranho pode infiltrar-se, permitindo a concretização textual fantástica e a sua narratividade.

É dentro deste sentido embrionário e deste quadro arquitextual que Charles Grivel[6] implica e conjuga o que designa como "os *quatro efeitos* em suspensão" que estarão subjacentes a uma narrativa fantástica (efeito de "desconhecido", de "ruptura", de "intensidade" e de "superlatividade negativa") – todos eles em íntima ligação de tempo/espaço, exigindo, consequentemente, uma narratividade própria, onde uma espécie de intervalo inquietante possa fazer nascer sintomas específicos que, parecendo ocupá-la, a desocupam, criando o horror na sua essência. É esse intervalo, espécie de penumbra hesitante, entre o que está e o que está para vir, que determina e metaforiza o princípio da "aparição", legitimadora da dúplice ligação entre a verosimilhança e o sobrenatural, reproduzindo o fantástico numa atmosfera e num local de terror[7]. É, na aparente intransponibilidade da escuridão ou do obstáculo, que se gera o limite entre a proibição e a abertura. É necessário, porém, um espaço que gere a interrogação[8]. Sem ele não existe fantástico:

4 As páginas com que refenciaremos as páginas citadas reportam-se a *Edgar Allan Poe – Todos os Contos I e II*. Círculo de Leitores: Quetzal, 2009.

5 "A indução a posteriori teria levado a frenologia a admitir como princípio inato e primitivo da acção humana, uma coisa algo paradoxal, a que podemos chamar perversidade, à falta de um termo mais característico. No sentido que pretendo é, de facto, um *mobile* sem motivo, um *motiviert*. Sob o seu estímulo, agimos sem objectivo compreensível; ou, se isto for entendido como uma contradição nos termos, podemos modificar a proposição de forma a dizer que, por força dos seus estímulos, agimos pela razão de que *não* devíamos. Em teoria, não pode haver razão mais irrazoável…" (*Todos os Contos 1* 346)

6 Grivel, Charles. "Horreur et Terreur: philosophie du fantastique". *La Littérature Fantastique*. Colloque de Cerisy. Paris: Albin Michel, 1991. 171-87.

7 Laurent Jenny procura criar um nexo linguístico - homonímico, fazendo coincidir, numa mesma (embora transitória) conjugação, os dois lexemas *terror* e *território*, como se a língua francesa os quisesse reunir na mesma origem e na mesma amplidão (cf. Laurent 7).

8 Jean Fabre estabelece através deste desejo heurístico, a relação entre o fantástico e o policial: "Comme son cousin germain le roman policier, il engage une heuristique, un questionnement implicite ou explicite sur un savoir, celui de l'existence d'un phénomène surnaturel. Mais loin de se réduire à une hésitation intellectuelle, il met en cause, dans l'expérience fondamentale de la peur et le vertige de l'impossible, (…) toute la personnalité du lecteur…" (Fabre 449)

> … Nous dirons qu'il faut de l'ombre. Un certain coloris, une certaine pâleur. L'atténuation du contour et du sens. Une tour, un souterrain, une caverne, une fôret, un dessous presque quelconque fournissent la pénombre nécessaire au surgissement de la forme inquiétante… (Grivel 45)

Um dos motivos decorrentes, assinalado por Grivel, é o da porta fechada, esse interstício que separa o sujeito de algo que está para além dele e o perturba ou paralisa nessa indecisão entre o saber e o não saber, entre o terror e a vontade de descoberta. Fernando Pessoa, sob a máscara de Alexander Search, em "A Porta", mostra perfeitamente esse sentido subtil e perverso das coisas em si, tudo aquilo que podem representar de intermédio entre a atracção e a repulsa, a sanidade e a loucura, o natural e o sobrenatural, ou, noutro sentido atenuado, entre a razão e a emoção:

> O medo que acompanhava toda a atracção e repulsa quanto a este objecto era indefinido e indefinível. Entendo, portanto, que o seu objecto é também – deve ter sido – indefinido e indefinível. Todos os temores humanos parecem indefinidos, mas podem ser facilmente reduzidos a objectos muito definidos. Há o medo do desconhecido, do possível – o medo de um é um negro: este é a encarnação do medo. Mas, em mim, em relação à porta, não era assim. Qualquer medo era certamente de alguma coisa desconhecida, mas tinha a particularidade de se transmitir através da porta e era acompanhado de um sentimento semelhante muito curioso de medo (Pessoa 48).

3. Esta íntima ligação do terror com o "território" que o produz (aberto, interrompido, em trânsito ou fechado) é parte substantiva de alguns contos de Edgar Allan Poe, criando o efeito de ruptura entre o conhecido e o desconhecido, evidenciando a "superlatividade negativa" de que falava Grivel. Assim acontece em "A queda da casa de Usher", de forma caricatural em "Nunca aposte a sua cabeça com o Diabo" e, de um modo diferente e agudo, em "O retrato oval" – lugar onde a ideia de que a arte consome a vida se substantiva no retrato, enquanto relicário vivo de um rosto morto.

A "porta" de passagem para o insólito formata-se neste último conto através da transição da escuridão para a luz. De facto, por *vontade* da personagem, um candelabro de "inúmeras velas" passa a iluminar o *livro* que, em *mise en abyme*, comenta os inúmeros quadros pregados, não só nas paredes, como em "muitos recantos que a intrincada arquitectura do castelo" tornava necessários (359). Em continuidade estranha, acaba por iluminar, igualmente, num dos nichos do quarto, outro quadro, anteriormente despercebido, onde, numa espécie de "encruzilhada estrutural" (como diria Umberto Eco) a *cristalização* da beleza de uma mulher substitui a degradação do modelo morto, *furtando-lhe* a imagem e consagrando assim, numa espécie de meta-estética, o motivo da "perversidade da arte".[9]

9 A parte final do conto é elucidativa desta verificação implícita: o *livro* que decodifica a história do retrato termina de forma coincidente com o primeiro nível da narrativa, colocando o pintor (marido da mulher que lhe servira de modelo) perante a obra terminada:
"– Isto é realmente a *Vida***!**
Depois voltou-se de repente para olhar a sua amada: estava *morta***!"**

Interessantemente, e porque o efeito que se pretende consagra talvez mais (na óptica do autor) o "Gosto" do que a "Moral", este conto torna-se contraposição a uma outra transferência que, porque os imperativos da *Kenosis* se impõem, nos obrigamos a invocar: referimo-nos a *O retrato de Dorian Gray* de Óscar Wilde. De facto, neste, é o lado inverso que, malignamente, se projecta: é o modelo que furta a imagem pintada, substituindo-se ao quadro e "pervertendo a arte".

3.1. De uma forma muito mais visível, porque caricatural, o conto "Nunca aposte a sua cabeça com o Diabo" apresenta também o seu "motivo" de transferência do real para o Sobrenatural – neste caso, a "ponte coberta" que, "fechada numa escuridão incómoda", estabelece a ligação entre as duas margens do rio ou entre as duas linguagens que o texto pretende atingir. Jogando simbolicamente com o contraste terrífico entre o "esplendor de fora" e as "trevas do interior", permite, através de uma aposta impertinente e teimosa (a teimosia é também, na óptica do autor, uma forma de *perversidade*) a ligação da força esotérica da palavra ao sombrio da passagem, originando a aparição do mal ou do Diabo, sob a forma, aparentemente insuspeita, de "um cavalheiro coxo".

3.2. Em "A queda da casa de Usher" o processo atinge, diria, a perfeição, na íntima ligação harmónica e trágica entre o espaço, as personagens e a própria respiração das artes que entre si dialogam fatidicamente, numa anunciadora e interligada predição/ reflexão/ meta-significação, iluminada, no texto, por um processo forte e quase obsessivo de reduplicação interpretativa. Iniciado no título (onde se esculpe, de forma hiperonímica, a conjugação dos intervenientes animados e inanimados na configuração da *queda*), continua com a repetição da história, através de quadros pintados pelas personagens, enraíza-se fortemente nos poemas que cruzam a narrativa ("O palácio assombrado" é verdadeiramente "um resumo intratextual") e liga-se intrinsecamente à música com que Roderick os acompanhava, como se a personagem "pretendesse representar uma ideia".

É o que poderemos considerar, com Lucien Dällenbach, uma "estrutura forte", autêntico "aparelho de auto-interpretação", desenvolvido e ampliado ainda, através do olhar do visitante, narrador homodiegético, que observa, com emoção, o espaço que habilmente interpreta e torna proléptico, não só através de juízos pessoais, pressentimentos, considerações sobre o facto da família de Rederick "nunca ter deitado qualquer ramo duradouro", mas, sobretudo, simulando (no emaranhado descritivo do "aspecto real do edifício") a palavra *fenda*. Autêntica palavra-chave da tragédia, ela designa o elemento que, alargando-se irremediavelmente, provocará a queda total dos elementos que constituem o edifício, sem, simbolicamente, os desintegrar ou desunir. Colocada nos pontos delimitativos da narrativa, cria aquele círculo que é também fechamento semântico do texto. Quando o inicia:

> Talvez o olhar de um observador minucioso pudesse ter descoberto uma fenda dificilmente perceptível que se estendia do telhado do edifício que tinha diante de si, para descer em ziguezague pela parede e acabar por se perder nas soturnas águas do lago (Poe 286)

E quando o termina:

> Enquanto eu observava, esta fenda alargou rapidamente, soprou uma violenta rajada de furacão; o disco inteiro do satélite revelou-se instantaneamente ao meu olhar; senti uma vertigem ao ver as sólidas paredes abrirem-se de alto a baixo;

> houve um longo e tumultuoso clamor que parecia a voz de um milhar de torrentes; e o fundo e pantanoso lago aos meus pés fechou-se soturna e silenciosamente sobre as ruínas da casa de Usher. (Poe 300)

Assim, a lagoa surge como símbolo e cumpre a sua função de "olho da terra", de onde os habitantes do mundo subterrâneo podem observar os homens e, eventualmente, atraí-los para a morte, encerrando-os para sempre.

4. Como se expande, então, um enunciado fantástico e se vai cristalizar em textos posteriores, com matizes e cambiantes estáticos diferenciados que reagem à interferência, anulando-a ou *neutralizando-a*, para utilizarmos a expressão de Kristeva? Por outras palavras: como se gera a onda intertextual que reelabora a sincronia textual específica e vai encontrar noutras réplicas a sua diferença?

Se nos detivermos em textos como "O defunto" e *O Mandarim* de Eça ou em "A ogiva sombria" de Fialho, verificamos que o peso premonitório do espaço tem uma figuração semelhante, embora desenhada em contextos estéticos e ideológicos diferenciados, nomeadamente, por vezes, atraindo a moral para a diegese e, consequentemente, retirando-lhe o pendor fantástico. É o que acontece com "O defunto", onde a descrição tétrica (obedientemente desenhada) do espaço de onde surgirá o sobrenatural definha progressivamente no seu efeito, não causando nenhum pânico ou interrogação. Pelo contrário, é recebido como adjuvante oportuno, sem que a personagem aparente qualquer surpresa com "la ausência de orden de las cosas" de que falava Roger Caillois. Pelo contrário, ajuda a construir a clássica superstrutura do conto (moral incluída, enquanto o vai empurrando para outra fronteira: a do maravilhoso cristão, sob a espécie de *milagre*.

Não deixa, todavia, "O defunto" de obedecer às linhas tradicionais do espaço requerido para a "aparição". Neste caso é *o lugar desabitado* (depois de um sintomático cruzeiro), onde encontramos o "cerro dos enforcados" – espaço perfeito para o aparecimento do fantasma, parodicamente descrito:

> Com um sinistro som de ossos entrechocados o corpo caiu no chão (…) e ergueu para D. Rui uma face morta, que era uma caveira com a pele muito colada, e mais amarela que a lua que nela batia. Os olhos não tinham movimento nem brilho. Ambos os beiços se lhe arreganhavam num sorriso empedernido. De entre os dentes, surdia uma ponta de língua muito negra (Queirós, *Contos* 183)

Não assim em *O Mandarim*, onde a "aparição" surge num espaço bem diferente e oposto: o da realidade quotidiana e monótona da casa de hóspedes de D. Augusta, onde vive a personagem cuja rotina é subtilmente alterada pela força simbólica da palavra cabalística do LIVRO (neste caso, *A brecha da alma*) – espécie de *intermediário* ou campo a decifrar donde exalava a magia, como garante, aliás, o autor:

> Mas aquele sombrio *infolio* parecia exalar magia, cada letra afectava a inquietadora configuração desses sinais da velha cabala, que encerram um atributo fatídico; as vírgulas tinham o retorcido petulante de rabos de diabinhos entrevistos numa alvura de luar; no ponto da interrogação final via eu o pavoroso gancho com que

> o Tentador vai fisgando as almas que adormecem sem se refugiar na inviolável cidadela da oração (Queirós, *Contos* 26)

4.1. De forma diferente, o conto "A ogiva sombria" de Fialho de Almeida aparece enquadrado numa ampla divagação erudita em honra da catedral gótica, enquanto símbolo e sinal da criação artística de uma época. É nesse quadro que a narrativa surge, por derivação discursiva abrupta, embora não motivada, situando-nos na Idade Média, na casa de Mestre Gerardo – o arquitecto da Catedral de Colónia -, escutando da sua voz um hino, ao mesmo tempo orgulhoso e humilde, à volta do zimbório inacabado da Catedral que considera, verdadeiramente, "a última estrofe do poema da sua vida". É um longo monólogo que ressoa "entre o rebanho soturno dos trovões e o restrugir medonho da floresta" – fazendo-nos penetrar, em simultâneo, numa espécie de réplica da natureza à força do mal que se aproxima sob a máscara de um "irmão da confraria dos obreiros construtores de Strasbourg" – figura estranha que traz consigo (como motivo fantástico) uma *aposta* fatal (espécie de contrato diabólico) que conduzirá o mestre por aparentemente a ter perdido, ao suicídio, atirando-se dos coruchéus da catedral.

Interessantemente, na parte final, o narrador oferece a possibilidade de uma explicação realista da queda de Mestre Gerardo[10], dando razão às considerações de Irene Bessière não só no que concerne ao duplo artifício literário da inverosimilhança, como à importância do "lugar" do contrato diabólico na perspectivação do paradoxo inerente ao género fantástico[11].

4.2. Por trás desta narrativa, podemos vislumbrar de novo a sombra do conto de Edgar Poe "Nunca aposte a sua cabeça com o Diabo" – conto com MORAL (como afirma o autor, em subtítulo com maiúsculas) que – utilizando aquela espécie de "judo mental" de que fala Antoine Faivre[12] - altera, na diegese, o espaço concedido à moralidade. La Fontaine, *menos sabiamente*, colocá-la-ia no fim, como ironicamente afirma.

Ambos os contos utilizam o motivo do "contrato diabólico", mas, em Poe, o *efeito* de crueldade[13] sobrepõe-se-lhe, de forma um tanto insólita, actuando como contrafacção ou como desvio, ao contrário do que acontece, por exemplo, em "O coração revelador" (conto que estará talvez na base de *Crime e Castigo* de Dostoiewski). De facto, debuxado em traços grossos e exorbitantes, (como acontece em alguns passos de *O Mandarim* de Eça de Queirós), torna-se a máscara satírica da moralidade, alcançando a mesma força irónica e destruidora

10 "… disseram que fora a alegria de ver a sua obra que lhe causara o desvario que o precipitou…" (Almeida 100)

11 "Le caractère antinomique du récit fantastique se constitue par le jeu d'un double artifice littéraire, celui de l'invraisemblable et celui d'un réel à la fois , empirique et meta-empirique (…). Par un paradoxe supplémentaire, le surnaturel semble, dans le récit fantastique, une des composantes de la motivation realiste. Il ajoute au réel le nécessaire príncipe d'inconsistance pour que l'índicible s'installe…

… Dévenu thème littéraire, le contrat diabolique constitue le lieu narratif où s'assemblent ces éléments opposés (la foi et le scepticisme" (Bessière 36, 37 e 81)

12 "Réalisme et humour servent à jouer avec ce scepticisme, à l'utiliser, comme dit joliment Raphael Llopis, en vue d'une « prise de judo mental»: procédés cultivés par Edgar Poe…" (Faivre 27)

13 No conto "O Demónio da Perversidade", e na voz de um condenado fechado em sua cela, Edgar Poe desenha os matizes da perversidade humana (ou da sua *teimosia* na caminhada para o mal), como razão suficiente para a explicação de um crime perfeito.

com que, na "Introdução", aparentara defendê-la, num autêntico e simétrico paradoxo de intenções cujo eixo se centra numa dupla escrita à boa maneira dialógica da menipeia.

Uma forma semelhante, mas talvez mais sofisticada na sua incompletude, utiliza Eça de Queirós no conto "Enghelberto",[14] onde, sob um formato heterodiegético, desenha o percurso da crueldade perfeita, numa autêntica e tipificada biografia do mal, que alguma coisa poderá dever à biografia igualmente traçada de Toby Dammit, mas sem lhe suportar as consequências. Em Eça, porém, a duplicidade da linguagem, igualmente utilizada, põe em jogo não a moral enquanto efeito, mas o naturalismo enquanto estética literária. De facto, para além de certas intrusões que parodiam o fantástico, como as condições sobrenaturais em que ocorreu o nascimento da personagem[15], por outro lado, utiliza deliberadamente (como inversão /contraversão a um passado estético assumido, mas, quanto a nós, nunca inteiramente cumprido) os cambiantes do determinismo para, ironicamente, explicar o comportamento da personagem, considerado mais à mercê das circunstâncias externas do que ao próprio arbítrio, tornando-a, afinal, uma autêntica "machine aux rouages ordonnés", como diria Taine. De facto, Enghelberto surge-nos marcado pela força da hereditariedade; pela morte dos seus progenitores que o deixaram dependente da educação dada pelo avô (uma espécie de Afonso Maia, *de pernas para o ar*) – avô que, "para o tornar bravio, lhe dava a chupar, logo no berço, corações de ursos ainda sangrentos" e que, ao mínimo sinal de moleza ou serenidade, logo, se assustava, vendo nessa alteração a perda daqueles atributos que são prenúncios de "uma alma esforçada e soberana" ("o desdém da dor e a indiferença pelo sofrimento"); avô que protegia e alimentava, portanto, um sadismo cada vez mais forte e mais sofisticado – dentro de um trajecto crescente que, tendo latente uma profunda comicidade, anula a estética que o autor defendera e ensaiara. Assim, este conto (em termos de prática narrativa) como que tem o mesmo efeito do "Prefácio", sob a forma de carta, para a edição francesa de *O Mandarim*, de 1884, ou do ensaio "Positivismo e Realismo"[16] de 1893 (em contrafacção irónica do *encoberto* Manifesto Naturalista, "Idealismo e Realismo"[17]), escrito para funcionar como Prefácio à 2.ª edição de *O Crime do Padre Amaro* mas, afinal, substituído, cautelosamente, pela discreta "Nota à 2.ª edição".

O grau máximo da caricatura do fantástico surge, porém, dentro desta geração, em *Os Canibais* de Álvaro Carvalhal – com a total desconstrução do género e onde o narrador (com objectivos básicos diferentes, mas com a mesma intencionalidade crítica) coliga, ironicamente, o comentário com a narração, numa espécie de *distanciamento épico* à Bertold Brecht (avant la lettre), ou atinge o limite máximo do macabro canibalesco, na última cena, quando Ur-

14 Este conto foi publicado pelo filho do autor, José Maria d'Eça de Queirós, em *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*, que o situa, com algumas dúvidas, na mesma altura de *A Ilustre Casa de Ramires*.
Neste mesmo volume é também republicado o folhetim da *Gazeta de Portugal*, da série de 1866, "Poetas do mal", onde o autor interrogava os leitores sobre se conheciam Poe, Baudelaire e Flaubert, juntando-os na mesma ideia bizarra de só verem o mal…

15 "Quando Enghelberto nasceu, todas as tochas e lâmpadas do castelo de Kolnor (…) se apagaram bruscamente, e as que estavam apagadas começaram, maravilhosamente, a alumiar com uma luz muito clara e muito firme…" (142)

16 Publicado, inicialmente, na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, pode ser lido em *Notas Contemporâneas*, Porto: Lello & Irmão, s.d. 85-102. Sobre a importância deste texto, em termos da dúvida manifestada pelo autor sobre se o naturalismo poderia satisfazer o sentido estético, cf. Castelo Branco, M.C. *A dimensão fantástica de Eça de Queirós*, 85-102.

17 Publicado em *Cartas inéditas de Fradique Mentes e mais páginas esquecidas* (165-83).

bano Solar (o pai da heroína Margarida) e seus outros filhos comem a transformada "estátua viva" do visconde de Aveleda, rolada por ele próprio para "as brasas do fogão".

Esbarramos aqui com cenas paralelas a outras de dois dos contos já referidos de Edgar Poe: "Coração revelador" (quando o assassino desmembra friamente o corpo do velho e lhe decepa a cabeça, os braços e as pernas" (378) ou, "Nunca aposte a sua cabeça com o Diabo" (quando, no final da narrativa, o narrador vende, "como comida para cães" e para pagamento do enterro, o corpo – naturalmente sem cabeça – do Sr. Dammit).

Em relação a este último conto, porém, outro aspecto similar e com o mesmo distanciamento humorístico surge em *Os Canibais,* numa espécie de diálogo interno com Edgar Poe: refiro-me à alusão à moral, agora, sim, colocada no seu devido lugar e com referência (mais extensiva) a Esopo, Fedro e La Fontaine:

> **Facilmente se reconhece que por forma alguma convinha ao meu intento reservar para o remate a fria moralidade, segundo usança dos meus defuntos confrades acima citados. Mas para que não me censurem por leigo na missão, que escolhi, aí a dou [a moralidade] em duas palavras suculentas, conceituosas e profundas (…): Aprendam desta fúnebre história as donzelas inexperientes a temperar os amorados ímpetos com o sal da desconfiança… (216)**

Não é, de facto, inocente, embora se assemelhe a acto falhado, a forma irónica com que afirma: "Chama-se a isto um conto! (…) Mas conto para gente fina e séria, para gente que sabe de cor Edgar Poe e Hoffmann!"

5. Regressemos, para terminar, à ideia base deste estudo – ideia da *roda contaminante* que parece, paradoxalmente, imobilizar a evolução literária, enquanto mobiliza a intertextualidade – isto é, ao entendimento da literatura enquanto herança – feita de cruzamentos e sequencialidade de textos, neste caso, sob o abrigo simbólico de um arquitexto fantástico – onde o não tético se conjuga com o tético[18], numa mescla de horror /realismo /cepticismo/ descrença ou "suspensão da descrença". Esta combinatória estabelece-se na Europa desde os finais do século XVIII, através de estruturas semi-anómalas, semi-racionais de carácter estético e ideológico, muitas vezes esbatendo-se nos ecos de uma névoa erudita ou de um distanciamento racional e científico, indo encontrar na obra de Edgar Poe um ponto nevrálgico e proliferante que, num primeiro momento, entra em Portugal através de Baudelaire.

Sampaio Bruno, em *A geração nova*, falando do conto fantástico, estabelece a importância dessa influência em Portugal, coligada com a influência de Hoffmann, sobretudo em Álvaro Carvalhal, Teófilo Braga, Eça e Gomes Leal. Por antítese com Hoffmann, acentua doutrinariamente a estética de Poe, reportando-a ao espírito do homem moderno:

18 Lembrando Bessière: "Le caractère antinomique du récit fantastique se constitue par le jeu d'un double artifice littéraire, celui de l'invraisemblable et celui d'un réel à la foi empirique et meta-empirique (…). Le récit fantastique ne semble pás alors «la ligne de partage entre le merveilleux et l'étrange», comme le suggère encore Todorov, mais plutôt, par la fausseté voilée, le lieu de la convergence de la narration thétique (roman des *realia*) et de la narration non-téthique.» (36)

> … o americano compraz-se pela sofística de um raciocínio subtil em deduzir a irrealidade da sua visão da sua própria noção cognitiva da realidade; é respeitando as leis naturais que em Edgar Poe resulta o corolário fantástico.
>
> Por isso, a impressão é espantosa, ela confunde e desequilibra; chega a ter-se medo da infernal lógica do escritor; receia-se acreditá-lo, concluir com ele, raciocinar com ele, porque um último raio de luz natural nos adverte que nos movemos no círculo da loucura… (Bruno 98).

Dentro destas ideias e, com elas, colaborando, procurou-se delinear uma *conversa inacabada* que se desdobra, durante o século XIX, entre outros, na obra de Álvaro de Carvalhal, Fialho de Almeida e Eça de Queirós, sabendo que se estende também pelo século XX, onde quase tudo leva a Poe, ou onde quase tudo parece sentir o peso da sua asa estranha… Essa continuação do diálogo não cabe, porém, no âmbito restrito deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, F. *Contos fantásticos*. Lisboa: Tipografia Universal, 1865.

Bessière, Irène. *Le Récit Fantastique – la poétique de l'incertain*. Paris: Larousse, 1974.

Bloom, Harold. *A Angústia da Influência*. Lisboa: Cotovia, 1991.

Bruno, Sampaio. *A Geração Nova*. Porto: Magalhães e Moniz ed., 1886.

Carvalhal, Álvaro. *Contos*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

Fabre, Jean "Pour une sociocritique du genre fantastique en littérature". *La Littérature Fantastique*. Colloque de Cerisy. Paris: Albin Michel, 1991.

Grivel, Charles "Horreur et terreur: philosophie du fantastique". *La Littérature Fantastique*. Colloque de Cerisy. Paris: Albin Michel, 1991.

---. *Fantastique-Fiction*. Paris: PUF, 1992.

Jenny, Laurent. *La Terreur et les Signes*. Paris: Gallimard, 1982.

Pessoa, Fernando. *Crítica – ensaios, artigos e entrevistas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999.

Poe, Edgar A. *Escritos sobre poesía y poética*. Trad. María Condor. Madrid: Hiperión, 2009.

---. *O Corvo e outros poemas*. Trad. Fernando Pessoa. Lisboa: Ulmeiro, 1989.

---. *Todos os contos 1 e 2*. Lisboa: Círculo de Leitores ; Quetzal, 2009.

---. *Trois manifestes: le principe poétique; la philosophie de la composition; l'essence du vers*. Trad. René Lalou. Paris: Éditions Charlot, s.d.

Queirós, Eça de. *Contos*. Edição Livros do Brasil, s.d.

---. *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*. Porto: Lello & Irmão, 1965.

---. *O Mandarim*. Porto: Lello & Irmão, s.d.

POÉTICAS DA COMPOSIÇÃO: POE E PESSOA

Fernando Guimarães
Investigador
Centro de Estudos do Pensamento Português
Universidade Católica, Porto, Portugal

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 28-33 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 23 Mai. 2010

RESUMO
Edgar Allan Poe desenvolveu num dos seus ensaios uma teoria ou, como diz, Filosofia da composição. Ela corresponde a um *modus operandi*, a uma teoria de efeitos, à procura de uma essencial complexidade, organização ou construção literária. Procura-se entender aqui o ponto de vista de Fernando Pessoa que vê também como construção o acto da criação artística.

PALAVRAS-CHAVE
Poe, poesia, composição poética, estética

ABSTRACT
Edgar Allan Poe has developed a theory or, as he says, a Philosophy of Composition in one of his essays. It corresponds to a *modus operandi*, a theory of effects, looking for an essential complexity, organization or literary construction. Fernando Pessoa's point of view is expected to be understood; he also sees the act of the artistic creation as construction.

KEYWORDS
Poe, poetry, poetical composition, aesthetics

Há três textos teóricos de Edgar Poe sobre estética literária – a saber: *O princípio poético*, *A filosofia da composição* e *A essência do verso* – cuja importância levou René Lalou a considerá-los como "la charte de la poésie pure" (Poe 9)[1]. Não será mesmo por acaso que um deles, *A filosofia da composição*, foi traduzido por Baudelaire. Com efeito, o papel da intuição ou da inspiração prevalece no Romantismo e tanto Poe como Baudelaire põem em questão o seu peso excessivo na escrita poética. Fernando Pessoa também. E por isso critica acidamente aqueles poetas que escrevem como Deus é servido "e Deus fica mal servido". Poe, Baudelaire, Pessoa pertencem àquele raro grupo de criadores que, no seu tempo, souberam reflectir sobre o que faziam: a criação poética.

Um dos textos teóricos de Poe, *O princípio poético* que foi publicado em 1850, enuncia precisamente o que se deve entender por poesia. Daí a importância de se apontar algumas das noções aí desenvolvidas. Poe defende a poesia que tenha uma pequena extensão, considerando mesmo que o poema longo não existe. "A expressão *um longo poema* não é mais que uma mera associação de termos contraditórios," dir-nos-á… Daí a valorização que faz da "unidade," a qual se traduz na "totalidade do efeito ou da impressão" e, ao mesmo tempo, a desvalorização de um género, o da poesia épica tão marcada pela sua extensão, admitindo mesmo que um poema épico como a *Ilíada* poderia ser visto como uma sequência de poemas líricos.

Outra ideia-chave é a que se refere à "heresia do Didáctico". Em que consiste tal heresia? Na subordinação da expressão poética à verdade – veremos mais adiante e com mais detenção o que Poe pensa sobre isto – e à moralidade. Desde logo, o autor de *O princípio poético* recusa-se a admitir que o mérito da poesia derivasse de uma subordinação a quaisquer prescrições de valor ético ou, se alongássemos por nossa conta tal noção, de natureza ideológica. Conjugando tais ideias – a de unidade e a de amoralismo – chegaríamos, como propôs Poe, ao "*poema em si*, esse poema que é poema e mais nada, esse poema escrito apenas para o poema".

Na sua visão, a poesia ou, como também dirá, o sentimento poético mantém uma relação especial com a música. Tal relação decorre do ritmo. Merecerá o ritmo, especialmente em *A essência do verso*, uma detida atenção por parte de Poe, que, todavia, não deixa de valorizar outros aspectos que poderíamos considerar como sendo de natureza formal: o metro – que se não confunde, mas que se relaciona directamente com o ritmo –, a estância, a rima, a aliteração ou o refrão. A partir daqui a poesia será considerada como "a criação rítmica da Beleza. O seu árbitro é o Gosto. Com o Intelecto ou com a Consciência tem apenas relações colaterais," não se preocupando, a não ser acidentalmente, com "o Dever ou a Verdade".

Ora esta conclusão pode induzir em erro. A proclamada rasura ou desvalorização do intelecto na poesia -- relacionada como está com a noção de "poema em si" que, como julga Poe, "é poesia e nada mais"-- tem que ser devidamente entendido. É certo que a expressão poética não inclui enunciações racionais, de verdade, porque o que se defende em *O princípio poético* é a poesia pura. Mas se esta elisão se passa no domínio da expressão, não ocorrerá necessariamente no domínio da criação. Poe inclusivamente valoriza o papel da inteligência

1 Neste livro encontram-se reunidos os três ensaios acima referidos.

criadora e é nesse sentido que havia publicado um outro texto crítico em 1846, *A filosofia da composição*.

Há uma noção que preside à *composição*; é ela, como Poe expressamente diz, a do efeito ou, mais explicitamente, a do efeito de leitura. Poe, que, como vimos, não renuncia à ideia de beleza, introduz aqui um conceito estético importante: ela, a beleza, constitui-se não enquanto qualidade mas, sim, sob a forma de efeito. É o caso – sendo este um exemplo a que se recorre – do refrão que desempenha um papel tão importante no poema "O Corvo," desenvolvendo-se aí "o poder da monotonia relativamente ao som e ao pensamento" que, no entanto, "produz efeitos constantemente renovados" conforme o poema se desenvolve sem que o dito refrão, o qual é o bem conhecido "nevermore," seja alterado. Um dos efeitos que se atinge é o de um *crescendo*, capaz de motivar uma intensificação dramática, de modo que o *som* ganha *sentido*.

O processo intelectual da criação poética, onde se exige mesmo "a precisão e o rigor lógico de um problema matemático," não faz com que a poesia seja equivalente a um conjunto de enunciados puramente intelectuais. Há apenas um *modus operandi* (expressão latina que Poe utiliza), o qual visa atingir certos efeitos como, por exemplo, aquele em que o som ganha sentido, para que o sentido não aponte para uma expressão unívoca e, por isso, redutora. As palavras podem ganhar, assim, uma dimensão simbólica: "o leitor começa então a considerar O Corvo como sendo simbólico". E, ao terminar o seu longo ensaio, Poe chama a atenção para a estância final do poema; aí, o último verso levará o leitor "a ver distintamente a intenção de fazer do Corvo o símbolo da *Recordação funérea e imperecível*". Fernando Pessoa, que do poema fez uma tradução "ritmicamente conforme o original," apresenta dessa estância a seguinte versão (Pessoa 29):

> E O Corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
> No alvo busto de Athena que há por sobre os meus umbrais.
> Seu olhar tem a medonha dor de um demónio que sonha,
> E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais.
> E a minh' alma d'essa sombra, que no chão há mais e mais,
> Libertar-se-á… nunca mais.

Como se referiu acima, ao transcrever-se uma precisão dada por Pessoa, a sua versão de "O Corvo" está conforme o ritmo do original. Ora esta afirmação pode ser relacionada com uma das muitas notas soltas conservadas durante bastante tempo inéditas do poeta português. Aí considera o problema da tradução poética e, tal como Poe, releva o papel do ritmo verbal. Para Pessoa a tradução de um poema deve "conformar-se absolutamente (1) à ideia ou emoção que o constitui, (2) ao ritmo verbal em que essa ideia ou emoção é expressa".

Embora não se refira ao caso da sua versão de "O Corvo" – não a teria escrito ainda? (*Pessoa,* páginas de estética e de teoria e crítica literárias 75)[2] – diz-nos que foi assim "que fiz as minhas traduções portuguesas de "Annabel" e "Ulalume" de Poe".

2 O texto anteriormente citado e o que se segue, plausivelmente escritos em 1923, encontram-se em Fernando Pessoa, *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Ed. George Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa,

Dê-se desde já o devido relevo ao facto de Pessoa propor que se considere conjuntamente num poema *emoção* e *ideia*. Para ele, há entre ambas uma complementaridade. Ora tal ponto de vista fora fundamentadamente desenvolvido a partir de 1912, quando na revista *A águia* publica uma série de artigos intitulada "A nova poesia portuguesa". Essa nova poesia apontava certamente para uma modernidade que estava próxima, a qual não via o poema como se fosse uma mera manifestação emocional. Havia nele uma intelectualização de emoções ou uma emocionalização de ideias, sendo esta uma das características da nova poesia: a *complexidade*. É sabido que esta noção de complexidade há-de acompanhar sempre a reflexão que em torno da poesia Fernando Pessoa desenvolveu. E talvez seja de admitir que é ela, a complexidade, que acaba por estar relaciona com a *composição*. Ambas devem ser entendidas como sendo as duas faces da mesma moeda…

Fernando Pessoa, no entanto, não evoca o nome de Poe relativamente ao papel que a composição desempenha em poesia. As suas duas grandes referências neste campo teórico são Aristóteles e Milton (além de Shakespeare, mas quanto a um questão diferente, a da poesia entendida dramaticamente). Na *Poética* de Aristóteles defende-se um conceito de unidade para a obra artística. Daí a afirmação de que o belo deve ser apreendido como um todo, de modo que as partes desse todo tenham que se apresentar devidamente ordenadas. É o princípio de construção ou de unidade estética a que já nos referimos.

No século XVIII, Milton será visto por Pessoa como um dos casos exemplares. Ele é, se reproduzirmos as suas palavras tão laudatórias, o grande Mestre da Construção em poesia. Pessoalmente, confesso que a minha tendência é cada vez mais a de colocar Milton acima de Shakespeare como poeta (Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação* 138, 139).

Mas dentro do espírito da modernidade, era certamente em Edgar Poe que se encontrava a melhor referência para este princípio de construtividade poética, na medida em que o seu pensamento acabou por ter maior difusão mediante as intervenções de um Baudelaire ou de um Mallarmé que, aliás, também foram seus tradutores.

No pensamento estético de Poe há um aspecto, relacionado com o princípio da construção, que importa ter igualmente presente. Para ele, como já ficou dito, a Beleza não era uma qualidade de uma realização artística. Era um *efeito*. O efeito de quê? Precisamente de um processo de construção que passava pelo desenvolvimento versificatório, pela sonoridade das palavras – Poe refere-se em especial ao nome de Pallas tal como é usado no poema "O Corvo" – , pelo ritmo, pela figuração que tenderia para um momento expressivamente superior, o do símbolo. O leitor *sofre* estes efeitos; desempenha, assim, um papel fundamentalmente receptivo, sendo este um ponto de vista que não deixa de colidir com a própria valorização feita por Poe da expressão simbólica. É sabido que a noção de símbolo não se compadece com uma pura receptividade, dado que há nela uma multiplicidade de sentidos virtuais, latentes, que o acto de leitura vem actualizar, proporcionando uma maior ou menor ambiguidade… Ora importa não esquecer que essa ambiguidade parece ter sido posta igualmente em questão em questão por Fernando Pessoa. Eis um dos seus apontamentos:

Ática, s.d. [1967]. 75. Os dois poemas a que se refere logo a seguir foram também publicados na revista *Athena* n.º4 (1925): 161-64.

"a obra de arte, ou qualquer seu elemento, deve produzir uma impressão, e uma só; deve ter um sentido, e só um" (Pessoa, *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias* 10)[3].

Mas não será este *só um sentido* precisamente o da sua deriva, o de uma irradiante multiplicidade? Nenhuma situação evidenciará tanto esta circunstância como aquela que é criada pela tradução, se admitirmos o que seria a própria diversificação ou irradiação de sentidos que resulta do encontro de duas línguas diferentes. Mallarmé, quando desenvolveu a sua ideia mítica do Livro, admitiu que ele "ne reclame pas approche de lecteur". No caso da tradução da poesia quem é que não é convocado? Será o leitor ou o tradutor, na medida em que este último não deixa de ser um novo leitor? Seja como for, tanto no caso da escrita do poema como no caso da sua reescrita – que é precisamente o que acontece na tradução – há sempre qualquer coisa de comum. E isto acontece porque o poema, através da diversidade das línguas e da multiplicidade dos sentidos, procura encontrar-se a si mesmo.

BIBLIOGRAFIA

Pessoa, Fernando *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Ed. Georg R. Lind e Jacinto Coelho. Lisboa: Ática, s.d.

---. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Ed. Georg R. Lind e Jacinto Coelho. Lisboa: Ática, 1966.

---. ""O Corvo", de Edgar Allan Poe". *Athena* .1 (1924).

Poe, Edgar A. *Trois manifestes*. Paris: Charlot, 1946.

3 Cf. também Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpreta*ção 116.

A PROVÍNCIA DA BELEZA

Paulo Tunhas
Professor Auxiliar
Instituto de Filosofia - Departamento de Filosofia
Faculdade de Letras
Universidade do Porto, Porto, Portugal
paulo.tunhas@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 34-38 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 26 Jun. 2010

RESUMO
A poética de Poe é aqui vista como tendo a sua base numa dupla distinção entre três formas de objectos de pensamento – a Verdade, o Belo e o Dever – e três capacidades do espírito – o Intelecto Puro, o Sabor e o Sentido Moral.

PALAVRAS-CHAVE
Beleza, Verdade, Puro intelecto, Gosto, Sentido moral

ABSTRACT
Poe's poetics is here conceived as having its basis in a twofold distinction between three kinds of objects of thought - the True, the Beautiful and the Duty – and three faculties of the mind – the Pure Intellect, the Taste and the Moral Sense.

KEYWORDS
Beauty, Truth, Pure Intellect, Taste, Moral Sense

Procurarei apenas, nas poucas linhas que se seguem, indicar um aspecto que me parece dever ser salientado na poética de Edgar Allan Poe: o modo como ela se institui sobre uma tripartição das faculdades do espírito à qual corresponde uma distinção entre três tipos muito gerais de objectos de pensamento.

O contexto de base em que é formulada a poética de Poe é, com efeito, o de uma divisão dos objectos de pensamento bem como dos fins e das operações do espírito que lhes correspondem. Assim, a divisão entre poesia e ciência corresponde à divisão entre prazer e verdade: "Na minha opinião, um poema opõe-se a uma obra de ciência por ter como seu objectivo *imediato* o prazer e não a verdade" (Poe, *Textos* 26). Em "O princípio poético," tal separação é ainda mais fortemente acentuada:

> Com certeza que deve ser cego *aquele* que não percebe as diferenças radicais e abissais entre os modos de inculcação da verdade e da poesia. Deve ser um louco pela teoria e sem redenção possível aquele que, apesar destas diferenças, persiste ainda na tentativa de reconciliar os obstinados azeites e águas da Poesia e da Verdade (Poe, Textos 151, 152).

O soneto *To Science* expõe igualmente esta incompatibilidade que, segundo Poe, existe entre a percepção poética e a percepção científica (cf. Abrams 308).

O objecto da poesia é "a *excelência*, ou perfeição, em todos os pontos" (Poe, *textos* 42). A afirmação da beleza, a posição da sua existência, é tudo o que interessa à poesia: a beleza é a "única e verdadeira tese poética" (Poe, *textos* 47). Quais as condições dessa posição, dessa tese? Notemos apenas duas, a título ilustrativo: a relação todo/partes e o par repetição/variação. As poéticas, em geral, reclamam a unidade como princípio ordenador da composição. A poética de Edgar Allan Poe não é excepção. A "unidade de impressão," ou "unidade de efeito" que um poema provoca, o sentimento de "totalidade," são imprescindíveis para que se verifique o prazer poético, como nos lembra "A filosofia da composição" (Poe, *textos* 36-38). E "O princípio poético" repete-o: a unidade é um "requisito vital para todas as obras de arte" (Poe, *textos* 142). A unidade é concebida à maneira orgânica, quer dizer, como um todo do qual nenhuma parte pode ser retirada sem prejuízo para a sua identidade (Poe, *Essays* 365). Um outro aspecto relativo ao prazer poético, e que se encontra intimamente associado ao tema da unidade, reside no par repetição/variação. Analisando, em "A filosofia da composição,""O Corvo," Poe nota que o "prazer resulta apenas do sentido de identidade – da repetição" (Poe, *Textos* 40). Mas para que a repetição e a identidade sejam mais efectivas, é necessário acrescentar-lhes um princípio de variação: "Resolvi diversificar, e assim grandemente intensificar o efeito, aderindo, em geral, à monotonia do som, enquanto continuamente variava a do pensamento" (40)[1]. Ambos estes pares valem, em princípio, apenas para a província da Beleza, não para a da Verdade. Não valem, igualmente, para a da Paixão. Com efeito, Poe não se limita a opor Beleza e Verdade. Ele introduz – obedecendo nisso a uma tripartição dos objectos de pensamento que o jogo entre as três Críticas kantianas tornou clássica – uma terceira província, a da Paixão. A beleza, como já se viu, é "a única e legítima província do poema" e a "contemplação do Belo" é a mais segura fonte de prazer (Poe, *Textos*

1 Sobre a variação, cf. igualmente Poe (*Textos* 43, 45).

38). E ela distingue-se tanto da verdade - que corresponde à "satisfação do intelecto" e que remete para uma "precisão" que nada tem a ver com a beleza – como da paixão – que lida com a "excitação do coração" e que supõe a "intimidade" com o seu objecto (Poe, *Textos* 39). Em "O princípio poético" esta tripartição dos objectos será acompanhada por uma distinção de faculdades, uma "divisão do mundo da mente":

> "Dividindo o mundo da mente nas suas três distinções mais imediatas e óbvias, encontramos o Puro Intelecto, o Gosto e o Sentido Moral (…) Da mesma maneira que o Intelecto se preocupa com a Verdade, assim o Gosto nos informa sobre o Belo, enquanto o Sentido Moral se responsabiliza pelo Dever" (Poe, *Textos* 152)[2].

Noutros textos, Poe designa o gosto como "faculdade de idealidade" <*Faculty of Ideality*>, o "sentimento da Poesia," o "sentido do belo," algo que cada poema deve excitar, e pode excitá-lo exactamente porque a humanidade se encontra dotada desse "Sentimento Poético," dessa "faculdade Poética" [recensão de livros de Joseph Rodman Drake e de Fitz-Greene Halleck (Poe, *Essays* 510, 511)]. A poesia é a "criada do Gosto" [recensão de *Ballads and Other Poems*, de Longfellow (685)], ela permite a actualização de uma disponibilidade que se encontra sempre já presente.

Convém notar – e mais uma vez aqui a referência a Kant aparece como necessária, se pensarmos no estatuto intermediário da *Crítica da faculdade de julgar* por relação às duas outras Críticas - que o Gosto possui uma função mediadora entre o Puro Intelecto e o Sentido Moral: "Coloco o Gosto no meio porque é exactamente essa a posição que ele ocupa na mente" (Poe, *Textos* 152)[3], a de um "espaço intermediário" [recensão de *Ballads and Other Poems*, de Longfellow (685)]. Seria certamente útil inquirir mais longamente sobre o que faz o Gosto ocupar a posição que ocupa. Um ponto indisputável é o carácter indefinido da verdadeira beleza (cf. Bowra 190, que aproxima, neste como noutros aspectos, a posição de Poe da de Coleridge; e Abrams 137, que associa Poe e Longino). É a indefinição – noutros termos: a ausência de determinação – que garante a possibilidade mediadora do gosto, já que ela permite que a "província da beleza" não fique presa a nenhuma objectividade concreta (lembremos a crítica da "precisão" acima mencionada).

Esta articulação entre os três objectos de pensamento (Verdadeiro, Belo, Dever) e as três maneiras de pensar (Puro Intelecto, Gosto, Sentido Moral), repete, num plano superior, aquela relação entre o todo e as partes que é fundamental na poética de Poe e que, evidentemente, se encontra já em Aristóteles (no capítulo VII da *Poética*, Aristóteles, falando do todo <*to holon*> e da relação entre as partes, compara os mitos, ou fábulas, aos organismos vivos; e, no capítulo XXIII, referindo-se à identidade das leis da poesia e da tragédia, repete a ideia: a estrutura dramática do *mythos* da epopeia deve, tal como a da tragédia, ser constituída por "uma acção inteira e completa, com princípio, meio e fim, para que, una e completa, qual organismo vivente, venha a produzir o prazer que lhe é próprio"). Com efeito, o todo sistemático sobre o qual se institui a poética de Poe, integra, numa relação complexa, as várias partes que são os objectos de pensamento e as correspondentes maneiras de pensar. O

2 Cf. tb. a recensão de *Ballads and Other Poems*, de Longfellow (Poe, *Essays* 685; Bowra 177).
3 Tradução modificada.

que sugere, de resto, a possibilidade de uma poética da filosofia – matéria que me dispenso aqui de abordar.

Procurei apenas, nestas muito breves linhas, mostrar, como indiquei no início, que a geografia das operações da mente de que parte Poe na sua poética obedece a considerações de sistematicidade fortes, ligadas a uma distinção entre várias faculdades do espírito e vários tipos de objectos de pensamento. Referi-me, e unicamente de passagem, à obra de Kant, como um lugar onde uma divisão idêntica se encontra, mas os exemplos poderiam ser outros. Desde Platão – a tríade do Belo, do Bom e do Verdadeiro – a autores tão diversos como Ernst Cassirer ou Rudolf Carnap, passando por certas versões dos transcendentais medievais, a relação entre o pensamento e os objectos foi muitas vezes assim concebida pela filosofia.

BIBLIOGRAFIA

Abrams, Meyer H. *The Mirror and the Lamp*. Oxford: Oxford UP, 1953.

Aristóteles. *Poética*. Ed. Eudoro Sousa. Lisboa: IN-CM, 1992.

Bowra, Maurice. *The Romantic Imagination*. Oxford: Oxford UP, 1980.

Poe, Edgar A. *Essays and Reviews*. New York: The Library of America, 1984.

---. *Textos teóricos*. Ed. Helena Barbas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

"O CORVO" DE POESSOA: UMA FILOSOFIA DA TRADUÇÃO[1]

Manuel Portela
Professor Auxiliar com Agregação
Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
mportela@fl.uc.pt

1 Comunicação apresentada no colóquio "Homenagem a Edgar Allan Poe," Núcleo de Estudos do Modernismo em Língua Portuguesa, Universidade Fernando Pessoa, 10-11 de Dez. 2009.
Este artigo integra-se numa das linhas de investigação do novo Programa de Doutoramento "Estudos Avançados em Materialidades da Literatura," que teve início na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no ano lectivo 2010-2011.

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 40-53 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 24 Mai. 2010

RESUMO
Este título refere-se à tradução portuguesa do poema "The Raven" (1845), de Edgar Allan Poe, publicada por Fernando Pessoa em 1924. Descrevo as texturas sonoras e as redes semânticas d'"O Corvo" como uma poderosa recriação das correlações som-sentido do texto original. Esta tradução constitui, ao mesmo tempo, uma aplicação dos princípios combinatórios descritos por Poe em "A filosofia da composição" (1846) e um exercício de determinação do sentido através do ritmo que materializa a poética de Pessoa. À luz da noção de tradução de poesia do próprio Fernando Pessoa, "O Corvo" é analisado enquanto paródia translinguística e plágio autoral.

PALAVRAS-CHAVE
Edgar Allan Poe, Fernando Pessoa, 'O Corvo', Tradução

ABSTRACT
My title refers to the Portuguese translation of Edgar Allan Poe's "The Raven" (1845) published by Fernando Pessoa in 1924. This article describes the sound textures and semantic webs of "O Corvo" as a powerful recreation of the sound-sense correlations in the original text. This translation is both an instance of the combinatorial principles described by Poe in "The Philosophy of Composition" (1846), and an example of the determination of meaning through rhythm that sums up Pessoa's poetics. In the light of Fernando Pessoa's definition of poetry translation, "O Corvo" is analysed as translinguistic parody and authorial plagiarism.

KEYWORDS
Edgar Allan Poe, Fernando Pessoa, 'The Raven', Translation

O poema "The Raven" foi originalmente publicado em Nova Iorque no segundo número de *American Review*, datado de Fevereiro de 1845.[2] Tornou-se, em poucos anos, o poema mais lido de Edgar Allan Poe, com dezenas de edições em jornais, revistas e antologias. Foi também objecto de diversas traduções no século XIX, entre as quais se contam as traduções para francês de Charles Baudelaire, em 1856, e de Stephane Mallarmé, em 1875 (revista em 1888), com ilustrações de Édouard Manet. No que diz respeito à língua portuguesa, existem mais de duas dezenas de traduções, a primeira das quais, feita por Machado de Assis, foi publicada no Rio de Janeiro em 1883.[3] A tradução de "The Raven" por Fernando Pessoa foi publicada em Lisboa em 1924, na revista *Athena*, juntamente com os poemas "Annabel Lee" e "Ulalume". A longa história da sua tradução reflecte também o lugar de "The Raven" no desenvolvimento de uma poética modernista da criação, de alguma forma antecipada pela crítica da ideologia romântica da criação contida na auto-descrição que Poe faz do seu processo de composição.

O significado particular de "The Raven" para a arte poética de Edgar Allan Poe está no facto de este ter sido o texto utilizado como exemplo do seu método de criação no ensaio "The Philosophy of Composition", publicado em 1846. Neste ensaio, que deve ser lido também como uma arte poética paródica, Edgar Allan Poe aplica à construção do poema um conjunto de procedimentos formalizados que desmistificam os bastidores da criação literária. Em vez do acto inconsciente de um demiurgo inspirado, médium dos espíritos divinos e da força da imaginação, Poe descreve-nos um método material de trabalho, no qual se combinam tentativa e erro com cálculo deliberado. O uso de restrições e de procedimentos combinatórios, assim como a natureza progressiva da invenção literária coloca o raciocínio no centro do trabalho de criação, substituindo a histriónica do discurso romântico:

> Most writers — poets in especial — prefer having it understood that they compose by a species of fine frenzy — an ecstatic intuition — and would positively shudder at letting the public take a peep behind the scenes, at the elaborate and vacillating crudities of thought — at the true purposes seized only at the last moment — at the innumerable glimpses of idea that arrived not at the maturity of full

2 Entre versões impressas e provas com emendas manuscritas, existem dezoito testemunhos textuais com variações, datados entre Janeiro de 1845 e Setembro de 1849. Esta última versão, publicada no *Semi-Weekly Examiner,* a 25 de Setembro de 1849, é geralmente considerada o texto autorizado final. Só nos Estados Unidos, o poema surgiu em cerca de 40 publicações diferentes (jornais, revistas e antologias) entre 1845 e 1849. Cf. http://www.eapoe.org/works/info/pp073.htm (consulta 04 Dez 2009).

3 Coligida posteriormente no livro *Ocidentais* (1901). De entre as traduções para português – a maior parte das quais publicadas no Brasil – refiram-se as de João Kopke (1916-17), Emílio de Menezes (1916-17), Fernando Pessoa (1924), Máximo das Dores (1928), Manoel José Gondin da Fonseca (1928? 1931?), Milton Amado (1940), Benedicto Lopes (1956), João Costa (1970), Cabral do Nascimento (1970), a tradução parcial de Haroldo de Campos (última estrofe, 1971), Rubens Francisco Luchetti (1976), Alexei Bueno (1980), a tradução parcial de Augusto de Campos ("Transcorvo de Poe," 1992), José Lira Ortigão (1996), João Inácio Padilha (1997), Sérgio Duarte (1998) e Margarida Vale do Gato (2004). Cf. Claúdio Weber Abramo, A *espada no livro:* The Raven*, de Edgar Allan Poe, suas referências e traduções*, edição do autor, 1999, p. 64. José Colaço Barreiros identificou 120 traduções apenas nas línguas neolatinas (castelhano, francês, italiano, português, catalão e esperanto). No que se refere a traduções para o português, identificou 23 no Brasil e 5 em Portugal. Cf. José C. Barreiros "O que é uma boa tradução? É uma tradução bem feita. E o que é uma tradução bem feita?...". *Babilónia: revista lusófona de línguas, cultura e tradução* 3 (2005): 129-145. Haroldo de Campos (8-16) analisou cinco traduções de "The Raven" (Óscar Mendes, Milton Amado, Machado de Assis, Fernando Pessoa e Haroldo de Campos) através de uma comparação das diferentes versões da última estrofe.

> view — at the fully matured fancies discarded in despair as unmanageable — at the cautious selections and rejections — at the painful erasures and interpolations — in a word, at the wheels and pinions — the tackle for scene-shifting — the step-ladders and demon-traps — the cock's feathers, the red paint and the black patches, which, in ninety-nine cases out of the hundred, constitute the properties of the literary *histrio.* (Poe, "The Philosophy of Composition" 163)

O facto de se tratar de um poema altamente formalizado nas suas recorrências sonoras e rítmicas ajuda Poe a enfatizar a componente matemática e mecânica do texto. Poe tem, de resto, o cuidado de estender esse formalismo ao nível dos efeitos emocionais da semântica textual. Trata-se de mostrar o poema como uma engrenagem em todos os seus ínfimos mecanismos, fruto de um processo gradual e hipotético de descoberta.

A tradução de Fernando Pessoa constitui uma aplicação exemplar da teoria modernista da tradução e permite-lhe testar a sua própria teoria do poema como emoção pensada no ritmo da língua. Trata-se portanto de uma tradução demonstrativa de uma teoria poética particular, à semelhança da função exemplar que o original desempenhara na descrição metodológica da composição. Nas poucas reflexões que Fernando Pessoa dedicou à tradução, fica clara a sua preferência pela recriação rítmica como critério predominante, em conformidade com a sua conceptualização do discurso do poema. Recordemos uma das suas definições de poesia: "A poesia é a emoção expressa em ritmo através do pensamento, como a música é essa mesma expressão, mas directa, sem o intermédio da ideia". [1913?] (Pessoa 73). Ao apresentar a tradução d' "O Corvo" na revista *Athena*, Pessoa sublinha justamente a conformidade rítmica ao original. Esta conformidade, como veremos adiante, manifesta-se em todos os padrões sonoros da sua tradução: na estrutura de rimas finais e internas, nas recorrências aliterativas, assonantes e consonantes, nas cesuras, no número de sílabas, e, em certos casos, na própria distribuição relativa de acentos no verso.

Do ponto de vista do método composicional, poder-se-ia dizer que Pessoa segue o método de Poe, gerando as suas 18 sextilhas a partir de um conjunto de regras e padrões básicos inferidos da análise da estrutura rítmica da estrofe original. Desse modo, o seu procedimento assemelha-se ao do próprio Poe que, fiel ao princípio da unidade de efeito e do desenvolvimento retrospectivo a partir de um desenlace ou clímax, teria alegadamente escrito o texto a partir do fim, começando pela antepenúltima estrofe. A unidade e a sequencialidade narrativa da composição literária não reflectiria a unidade e a sequencialidade do acto de escrita, mas seria antes o resultado de um processo elaborado de reescrita e reorganização calculada para alcançar a unidade de efeito. Sob este aspecto, a tradução assemelhar-se-ia afinal a qualquer acto de composição: trata-se de aplicar as regras inventadas pelo texto original na organização particular dos seus materiais verbais ao conjunto de elementos materiais e formais de organização da língua no texto traduzido. Ou seja, o tradutor joga, dentro das possibilidades combinatórias de um novo universo de signos, o mesmo jogo que o autor jogou com os signos e possibilidades originais. Traduzir não seria mais do que descobrir os princípios de composição do texto e testá-los num outro conjunto de correlações som-sentido. Traduzir tomaria a forma de uma metacomposição, isto é, um segundo acto de composição que se desenvolve por referência explícita a um primeiro acto de composição. No poema traduzido seriam visíveis não só o seu método composicional particular mas também o método composicional do original.

Lembremos que Poe descreve "The Raven" como tendo sido composto com a precisão de um problema matemático. De facto, muitas das suas regras rítmicas, dos seus padrões lexicais e semânticos, e das suas estruturas sintácticas poderiam ser descritos algoritmicamente, como acontece em geral com as formas regulares fortemente padronizadas. Poe refere ainda o facto de a intenção inicial ser a de compor um poema que pudesse corresponder ao mesmo tempo ao gosto popular e ao gosto crítico, revelando uma consciência clara das diferentes comunidades de leitores e dos protocolos adequados a cada comunidade. Desses protocolos Poe destaca a unidade de efeito, que depende da duração. A duração, que seria forçosamente breve, é equacionada com a duração de uma unidade de leitura ("one sitting"), isto é, cerca de cem versos. A unidade de efeito, que depende da capacidade de o leitor receber uma impressão total de todos os elementos do poema, obrigaria portanto àquela restrição na extensão do poema. Poe identifica ainda a elevação da alma pela contemplação do belo e a melancolia como o tom mais legítimo na expressão poética do belo. Reconhecendo o refrão como um recurso poético universal, decide manter a sua identidade rítmica e sonora mas introduzindo variações nas ideias expressas. Considerando a extensão relativa do verso chega à conclusão de uma única palavra como elemento invariante do refrão (Poe, "The Philosophy of Composition" 164).

A escolha da palavra do refrão em função dos seus valores sonoros parece sugerir um cálculo absoluto em todos os demais elementos, incluindo a posição relativa do refrão na estrofe, da palavra repetida no refrão e da situação narrativa que justifica o uso dos sons da palavra. Todo o texto é concebido quase gerativamente como um pretexto para usar os sons contidos na palavra 'Nevermore' e os efeitos conjugados desses sons com o sentido da palavra. Não parece haver nenhuma experiência ou sentido prévio a que o poema pudesse dar forma. O poema é conceptualizado como um mundo de efeitos obtidos pela manipulação calculada dos sons e das palavras, com uma lógica interna inteiramente dedutível e explicitável, desde o micronível do fonema ao macronível da narrativa. A própria ideia da personagem de um corvo seria assim fruto da materialidade da palavra escolhida para refrão, ou seja, o resultado de uma decisão processual e metodológica, em que o som determina o sentido. Dessa decisão inicial decorreria o desenvolvimento textual quase como programa genético ou informático dependente de um código material.

O processo semiótico de diferenciação fonética que torna possível o sentido e, portanto, os actos simbólicos e hermenêuticos humanos é dramaticamente encenado através da repetição instintiva daqueles sons pelO Corvo e através do acto correlato de atribuição de sentido pelo narrador e pelo leitor. O intérprete lê na criatura o ómen da sua condição de interrogador da própria materialidade da linguagem enquanto possibilidade de sentido. Ao colocar O Corvo como mediador do objecto amado no diálogo pós-*mortem* com a amante, o poema encena a paixão enquanto processo de intensificação melancólica. A morte da mulher bela como o mais poético dos temas serve apenas o mecanismo de precisão que Poe deseja materializar e testar no poema. Trata-se de construir, em graus sucessivos de aproximação, um conjunto de contextos para a palavra "Nevermore" quando pronunciada por um corvo, ele próprio emanação da unidade mínima de composição formada pelos sons "r" e "o", que surgem assim como a matriz ou código genético da composição. A conversa entre o solitário amante estudioso e O Corvo visitante nocturno não passa afinal de um conjunto de efeitos sígnicos e rítmicos resultantes de um modo de produção particular: o modo de produção de poemas enquanto modo de trabalho que tira partido das estruturas fónicas e discursivas da língua para produzir formas simbólicas. Estas formas revelam a dimensão ideológica do poema enquanto conjunto de sentidos arbitrariamente dependentes de uma certa organi-

zação sonora ou semântica. A primeira estrofe composta determinaria, ao mesmo tempo, a progressão narrativa, isto é, o movimento hermenêutico que ligará conceptualmente as várias sequências, e também o dispositivo material que determinará as recorrências sonoras e as cadências prosódicas, isto é, o movimento semiótico de semelhança e diferença que instancia o poema como objecto sensorial disponível para o ouvido e para o olho.

O seu efeito emocional e estético foi meticulosamente programado na máquina melancólica do poema enquanto objecto fono-semântico. Esta valorização do ritmo imagético e sonoro do poema como dispositivo de intelectualização da impressão sensorial ou de emocionalização de uma ideia parece aproximar as poéticas de Poe e de Pessoa. Num e noutro caso, a palavra cria a possibilidade do pensamento para as impressões e a possibilidade de emoção para as ideias. A verbalização contém já em si a abstracção que confere ao som da voz humana o seu poder simbólico, mas que o ritmo permite manter vinculado à materialidade do corpo consciente, isto é, do ser que se sente a sentir. O ritmo na poesia funcionaria como emulador e intensificador material dessa retro-alimentação entre emoção e pensamento. Seria uma espécie de manifestação da consciência nas estruturas formais da linguagem. A tradução de um poema é portanto um exercício de metacomposição que permite testar a função rítmica que põe a emoção a pensar e o pensamento a sentir:

> A poem is an intellectualised impression, or an idea made emotion, communicated to others by means of a rhythm. This rhythm is double in one, like the concave and convex aspects of the same arc: it is made up of a verbal or musical rhythm and of a visual or image rhythm, which concurs inwardly with it. The translation of a poem should therefore conform absolutely to the idea or emotion which constitutes the poem, to the verbal rhythm in which that idea or emotion is expressed; it should conform relatively to the inner or visual rhythm, keeping to the images themselves when it can, but keeping always to the type of image.
>
> It was on this criterion that I based my translations into Portuguese of Poe's "Annabel Lee" and "Ulalume", which I translated, not because of their great intrinsic worth, but because they were a standing challenge to translators. [1923?] (Pessoa, *Páginas* 74)

A dupla face, côncava e convexa, dos ritmos verbal e visual do poema pode observar-se no desafio que a sua tradução constitui. Se a composição de um poema permite colocar a dupla materialidade da linguagem numa posição auto-reflexiva, a tradução exacerba essa auto-reflexão ao espelhar aquela dupla tensão num espaço material e conceptual interlinguístico. Na tradução, a composição surge também como simulação ou emulação de uma composição prévia anterior. Num dos fragmentos escritos em inglês sobre tradução, Fernando Pessoa equaciona história da tradução com história do plágio e com história da paródia. Escreve Pessoa: "a translation is only a plagiarism in the author's name"; e acrescenta ainda: "a translation is a serious parody in another language" (Pessoa, *Pessoa inédito* 92). Traduzir seria portanto plagiar em nome de um autor e parodiar uma forma numa outra língua.[4]

4 Transcrevo o fragmento em que surgem aquelas duas frases: "I do not know whether anyone has ever written a History of Translation(s). It should be long, but a very interesting book. Like a History of Plagiarisms — another possible masterpiece which awaits an actual author — it would brim over with literary lessons. There is a reason why one thing should bring up the other: a translation is only a plagiarism in the author's name. A History of Parodies would complete

A aplicação das categorias "plágio" e "paródia" à tradução de "The Raven" permite compreender tanto o exercício de Pessoa com o poema de Poe, como o alcance da poética da tradução modernista em geral. Com efeito, a opção por uma tentativa de recriação integral quer dos padrões rítmicos e sonoros, quer das estruturas sintácticas e das redes lexicais e semânticas, quer ainda das correlações entre padrões, estruturas e redes mostra a produtividade dos conceitos de plágio autoral e de paródia translinguística. O tradutor copia os princípios composicionais do autor, isto é, faz um plágio em nome do autor. E esse plágio consiste numa paródia, isto é, numa emulação dos padrões de som e de sentido e das estruturas formais e genéricas da obra na materialidade específica de outra língua. Ao atravessar o espaço entre duas línguas, a tradução transportaria ao mesmo tempo os procedimentos composicionais do texto e a estrutura abstracta de correlações que constitui a sua forma. O tradutor plagia através da paródia reconstituindo a condição autoral num outro universo verbal. "O Corvo" seria assim um plágio paródico de "The Raven" que reconstitui na língua portuguesa o conjunto de correlações que permite reconhecê-lo enquanto tradução, quer dizer, enquanto processo de produção de equivalências, mas sobretudo enquanto poema, isto é, na reconstituição da concavidade e convexidade sonora e visual que lhe conferem a sua forma poética particular. O tradutor surge como o dispositivo ou agente de mediação capaz de transformar em princípios de tradução os princípios de composição.

Na recriação da variedade rítmica do original, por exemplo, é possível reconhecer a tradução como plágio autoral paródico. A autoria do tradutor é mediada pela transposição paródica da forma material do texto para outro sistema linguístico e poético. Neste acto de transposição, certas regras do texto original reconfiguram-se em função das propriedades linguísticas e dos recursos poéticos codificados na língua de chegada. Devido à assimetria entre línguas e entre códigos poéticos, as equivalências paródicas têm de ser aferidas quer atravessando o espaço interlinguístico, quer enquanto sistema de diferenças internas capaz de sustentar um conjunto equivalente de correlações som-sentido, ainda que estas tenham de se reconstituir através de fonemas e semas apenas parcialmente equivalentes. A recriação das recorrências sonoras (rimas internas e finais, consonâncias, assonâncias e aliterações) e do ritmo exemplifica a grande tensão entre aqueles dois modos de equivalência entre textos e dentro do texto.

Vejamos como funciona a organização das recorrências sonoras internas e finais, bem como a recriação métrica dos octâmetros acataléticos e dos heptâmetros cataléticos originais em "O Corvo" (**Figura 1**).[5] Saliente-se a produtividade dos conjuntos consonânticos e vocálicos

the series, for a translation is a serious parody in another language. The mental processes involved in translating well are the same as those involved in translating competently. In both cases there is an adaptation to the spirit of the author for a purpose which the author did not have; in one case the purpose is humour, where the author was serious, in the other one language when the author wrote in another. Will anyone one day parody a humorous into a serious poem? It is uncertain. But there can be no doubt that many poems — even many great poems — would gain by being translated into the very language they were written in". (Pessoa, ***Pessoa*** 92).

5 Poe descreve deste modo a prosódia do poema: "Of course, I pretend to no originality in either the rhythm or metre of the "Raven". The former is trochaic — the latter is octametre acatalectic, alternating with heptameter catalectic repeated in the *refrain* of the fifth verse, and terminating with tetrameter catalectic. Less pedantically — the feet employed throughout (trochees) consist of a long syllable followed by a short: the first line of the stanza consists of eight of these feet — the second of seven and a half (in effect two-thirds) — the third of eight — the fourth of seven and a half — the fifth the same — the sixth three and a half. Now, each of these lines, taken individually, has been employed before, and what originality the "Raven" has, is in their *combination into stanza;* nothing even remotely approaching this com-

escolhidos para as rimas finais, a começar pela sequência 'ais' (**Figura 2**). Além disso, a tradução reconstitui rigorosamente as rimas internas e as cesuras do original fazendo com que cada verso da versão portuguesa contenha uma espécie de dupla redondilha maior, com acentos na 7ª e na 14ª sílaba (**Figuras 3, 4** e **5**). Pessoa consegue inclusivamente aproximar alguns dos versos ou partes de versos do metro trocaico original, jogando com a distribuição de sílabas tónicas e com a alternância entre dissílabos e monossílabos na versão portuguesa.[6] Esta marcação acentual das rimas internas, das rimas finais e das cesuras é fortemente correlata com a prosódia do original (**Figuras 6** e **7**). A versão portuguesa reconstrói não só a textura de recorrências consonânticas, assonânticas e aliterativas, por vezes com uma estatística de frequências superior à do original, como faz uso, em alguns casos, dos mesmos fonemas em posições relativas idênticas (**Figuras 8** e **9**). As estruturas sintácticas, os campos lexicais e semânticos e os marcadores deícticos estabelecem também uma tensa rede de correlações.

verso 1	Octâmetro trocaico acataléctico **16 sílabas: 8 x (/ x) [8 pés]**
verso 2	Heptâmetro trocaico cataléctico **15 sílabas: 7 x (/ x) + 1 x (/) [7 ½ pés]**
verso 3	Octâmetro trocaico acataléctico **16 sílabas: 8 x (/ x) [8 pés]**
verso 4	Heptâmetro trocaico cataléctico **15 sílabas: 7 x (/ x) + 1 x (/) [7 ½ pés]**
verso 5	Heptâmetro trocaico cataléctico **15 sílabas: 7 x (/ x) + 1 x (/) [7 ½ pés]**
verso 6	Tetrâmetro trocaico cataléctico **7 sílabas: 3 x (/ x) + 1 x (/) [3 ½ pés]**

Figura 01. Estrutura métrica de "The Raven": número de sílabas e de pés.

"Prophet!" said I, "thing of evil – prophet still, if bird or devil!	A	"Profeta", disse eu, "profeta – ou demônio ou ave preta!	A
By that Heaven that bends above us – by that God we both a**dore** –	**B**	Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mor**tais**.	**B**
Tell this soul with sorrow laden if, within the distant Aidenn,	C	Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida	C
It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Le**nore** –	**B**	Verá essa hoje perdida entre hostes celesti**ais**,	**B**
Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Le**nore**".	**B**	Essa cujo nome sabem as hostes celesti**ais**!"	**B**
Quoth the Raven, "Never**more**".	**B**	Disse O Corvo, "Nunca **mais**".	**B**

Figura 02. Paródia translinguística em "O Corvo": rimas finais.

bination has ever been attempted. The effect of this originality of combination is aided by other unusual, and some altogether novel effects, arising from an extension of the application of the principles of rhyme and alliteration". (165).

6 É esse o caso, por exemplo, do primeiro verso, cuja cadência parece directamente derivada do metro trocaico inglês: "Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,".

"Prophet!" said I, "thing of **evil** –	**A**
prophet still, if bird or **devil**!	**A**
By that Heaven that bends above us –	(D)
by that God we both a**dore** –	**B**
Tell this soul with sorrow **laden**	**C**
if, within the distant **Aidenn**,	**C**
It shall clasp a sainted **maiden**	**C**
whom the angels name Le**nore** –	**B**
Clasp a rare and radiant **maiden**	C
whom the angels name Le**nore**".	**B**
Quoth the Raven, "Never**more**".	**B**

"Profeta", disse eu, "pro**feta** –	**A**
ou demônio ou ave **preta**!	**A**
Pelo Deus ante quem ambos	(D)
somos fracos e mor**tais**.	**B**
Dize a esta alma entriste**cida**	**C**
se no Éden de outra **vida**	**C**
Verá essa hoje per**dida**	**C**
entre hostes celesti**ais**,	**B**
Essa cujo nome sabem	(E)
as hostes celesti**ais**!"	**B**
Disse O Corvo, "Nunca **mais**".	**B**

Figuras 03 e 04. Paródia translinguística em "O Corvo": cesuras, rimas internas e rimas finais.

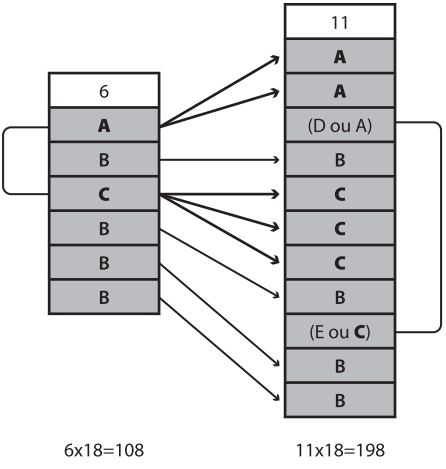


Figura 05. Paródia translinguística em "O Corvo": a transformação dos hemistíquios em redondilhas.

Once upon a midnight **dreary**, while I pondered, weak and **weary**,																	**A**
1	2	3	4	5	6	**7**	**8**	9	10	11	12		13	14	**15**	**16**	
/	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	(**x**)	**/**	**x**	**/**	**x**	
Over many a quaint and curious volume of forgotten **lore**,																	**B**
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	**15**			
/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/			
While I nodded, nearly **napping**, suddenly there came a **tapping**,																	**C**
1	2	3	4	5	6	**7**	**8**	9	10	11	12	13	14	**15**	**16**		
/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/	x		

As of some one gently **rapping**, rapping at my chamber **door**.																**B**
1	2	3	4	5	6	**7**	**8**		9	10	11	12	13	14	**15**	
/	x	/	x	/	x	/	x		/	x	/	x	/	x	/	
"'Tis some visitor," I muttered, "tapping at my chamber **door** –																**B**
1	2	3	4	5	6	7	8		9	10	11	12	13	14	**15**	
/	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	(**x**)	**/**	**x**	**/**	**x**	**/**	**x**	**/**	
Only this, and nothing **more**".																**B**
1	2	3	4	5	6	**7**										
/	x	/	x	/	x	/										

Numa meia-noite a**gres**te, quando eu lia, lento e **tris**te,															**A**
1	2	3	4	5	6	**7**	8	9	10	11	12	13	**14**		
/	x	/	x	/	x	/	x	/	x	/	/	x	/	x	
Vagos, curiosos **to**mos de ciências ances**trais**,															**B**
1	2	3	4	5	6	**7**	8	9	10	11	12	13	**14**		
/	x	x	x	/	x	/	x	x	/	x	x	x	/		
E já quase adorme**cia**, ouvi o que pare**cia**															**C**
1	2	3	4	5	6	**7**	8	9	10	11	12	13	**14**		
x	/	/	x	x	x	/	x	/	x	x	x	x	/		
O som de alguém que ba**tia** levemente a meus um**brais**.															**B**
1	2	3	4	5	6	**7**	8	9	10	11	12	13	**14**		
x	/	x	/	x	x	/	/	x	/	x	/	x	/		
"Uma visita", eu me **di**sse, "está batendo a meus um**brais**.															**B**
1	2	3	4	5	6	**7**	8	9	10	11	12	13	**14**		
/	x	x	/	x	x	/	/	x	/	x	/	x	/		
É só isto, e nada **mais**."															**B**
1	2	3	4	5	6	**7**									
/	/	/	x	/	x	/									

Figuras 06 e 07. Paródia translinguística em "O Corvo": metro, cesuras e rimas.

Once upon a mi**d**ni**g**ht **d**reary, wh**i**le **I** pon**d**ere**d**, **wea**k and **wea**ry,	**A**
O**v**er **m**any a **qu**aint and **c**u**r**ious **v**olu**m**e of forgotten **l**ore,	**B**
Wh**i**le **I** no**d**de**d**, **n**early **n**a**pp**i**n**g, su**dd**e**n**ly there came a ta**pp**i**n**g,	**C**
As **o**f s**o**me **o**ne g**en**tly **r**a**pp**i**n**g, **r**a**pp**i**n**g at **m**y ch**am**ber door.	**B**
"'**Ti**s so**m**e v**isi**tor," **I** **m**u**tt**ered, "**t**a**pp**i**n**g at **my** ch**am**ber door –	**B**
Only th**i**s, **an**d n**o**th**i**n**g** m**o**re".	**B**
Nu**m**a **m**e**i**a-no**i**te agres**t**e, quando eu **li**a, **l**en**t**o e **t**ri**st**e,	**A**
Vago**s**, cur**i**oso**s** tomo**s** de **ci**ên**c**i**as** an**c**estrai**s**,	**B**
E **já** qu**a**se adorme**ci**a, ouv**i** o que pare**ci**a	**C**
O **s**o**m** de algu**ém** que bat**i**a leve**men**te a **m**eus **um**brais.	**B**
"U**m**a v**isi**t**a**", eu **m**e d**i**sse, "est**á** ba**t**e**n**do a **m**eus **um**brais.	**B**
É só **i**sto, **e** n**a**d**a** m**ais**".	**B**

/d/ x 4	/ai/ x 3	/wi/ x 2			9	A
/v/ x 2	/m/ x 2	/k/ x 2	/l/ x 2		8	B
/ai/ x 2	/n/ x 3	/p/ x 2	/~i/ x 2 + /~e/	/d/ x 2	12	C
/~e/ + /~i/ + /~a/		/r/ x 2	/p/ x 2		7	B
/t/ x 5	/m/ x 3	/i/ x 3	/~i/ + /~a/		13	B
/~o/ + /~a/ + /~i/		/o/ x 2	/i/ x 2		7	B
					56	
/m/ x 2	/i/ x 4	/t/ x 5	/l/ x 2		13	A
/ch/ x 6	/i/ x 4	/s/ x 3			13	B
/a/ x 2	/s/ x 2	/i/ x 3			7	C
/~o/ + /~e/ x 2 + /~u/		/t/ x 2	/m/ x 2		8	B
/i/ x 3	/m/ x 3	/t/ x 3	/~e/ + /~u/		11	B
/i/ x 3	/ch/ x 2	/a/ x 3			8	B
					60	

Figuras 08 e 09. Paródia translinguística em "O Corvo": frequência relativa de assonâncias, consonâncias e aliterações.

Números de «The Raven»: 108 versos 18 estrofes 6 versos em cada estrofe 16-15 sílabas por verso 7 sílabas no refrão 84 sílabas em cada estrofe c. 1512 sílabas no poema Frequência de assonâncias e consonâncias: 3 a 5 por verso c. 378 assonâncias e consonâncias (média de 3,5 por verso) c. 108 cesuras (média de uma cesura por verso) 3 rimas em cada estrofe: 2xA; 4xB; 3xC (finais + internas) metro básico: trocaico (octâmetro + heptâmetro + tetrâmetro)	**Números de "O Corvo":** 108 versos 18 estrofes 6 versos em cada estrofe 14 sílabas métricas por verso 7 sílabas métricas no refrão 77 sílabas métricas em cada estrofe 1386 sílabas métricas no poema Frequência de assonâncias e consonâncias: 3 a 5 por verso c. 378 assonâncias e consonâncias (média de 3,5 por verso) c. 108 cesuras (média de uma cesura por verso) 3 rimas em cada estrofe: 2xA; 4xB; 3xC (finais + internas) metro básico: redondilha maior (e dupla redondilha maior)

Figura 10. Paródia translinguística em "O Corvo": equivalências numéricas das estruturas e recorrências.

O funcionamento da paronomásia dentro de cada um dos textos e entre os dois textos é o melhor exemplo do uso do princípio composicional como ferramenta translatória. O levantamento das paronomásias da última estrofe de "The Raven", algumas das quais parcialmente invertidas, foi realizado Roman Jacobson no histórico ensaio "Linguistics and Poetics" (1960). Enquanto tropo geral da linguagem, a paronomásia revela a projecção da lógica associativa do som sobre o eixo sintagmático, uma projecção que Jakobson utilizou para caracterizar os usos poéticos da língua. Alguns anos mais tarde, Haroldo de Campos analisou também a transposição do princípio paronomásico do original de Poe na tradução de Pessoa (Campos, "Edgar Allan Poe: uma engenharia de avessos" 9-11). Haroldo de Campos assinala, em particular, o efeito de estranhamento conseguido pela importação das correlações do original para o texto traduzido, uma importação que parece aproximar as relações fónicas entre os dois textos da transcrição musical de um instrumento para outro.[7]

A tradução de Pessoa caracteriza-se por um alto grau de simulação das correlações fono--semânticas de "The Raven". Pessoa parece ter conseguido sintetizar plenamente em "O Corvo" a sua poética da determinação do sentido pelo ritmo: "Um poema é uma obra literária em que o sentido se determina *através* do ritmo. O ritmo pode determinar o sentido inteira ou parcialmente. Quando a determinação é inteira, é o ritmo que talha o sentido, quando é parcial, é no ritmo que o sentido se precisa ou precipita. Na tradução de um poema, portanto, o primeiro elemento a fixar é o ritmo". (Pessoa, *Pessoa inédito* 242).[8] A análise sónica e prosódica revela a preponderância da marcação rítmica criada pela distribuição de acentos e de recorrências e transformações sonoras na geração dos processos translatórios que re--reproduzem a fono-semântica do texto de Poe no texto de Pessoa. Composição e tradução partilhariam de uma poética da criação literária que parte da experiência sensorial e perceptual da materialidade do som na linguagem.

A tradução enquanto paródia translinguística, que toma a forma de um plágio autoral, parece implicar um apagamento autoral do tradutor e, ao mesmo tempo, a sua presença conspícua enquanto gerador do dinamismo translinguístico. No primeiro caso, é o princípio de composição que surge como determinante, como se nada mais restasse ao tradutor do que fazer-se veículo da geratividade dos processos linguísticos que através da materialidade

7 A análise de Haroldo de Campos identifica sete tipos de equivalência entre a última estrofe de Poe e a sua própria versão, que consistem sobretudo em acentuar os processos paronomásicos internos, baseando-se na análise linguística que Jakobson fez do original de Poe (Campos, "Edgar Allan Poe: uma engenharia de avessos" 15-16). A tradução concretista da estrofe final d' "O Corvo" feita por Haroldo de Campos combina a tradição fono-prosódica das traduções do poema (mantendo as repetições em 'ais' introduzidas por Machado de Assis na primeira tradução e depois intensificadas por Fernando Pessoa) com a consciência hipercrítica dos efeitos fono-semânticos e fono-visuais revelados pela análise formalista jakobsoniana:

> E O Corvo, sem revoo, pára e pousa, pára e pousa
> No pálido busto de Palas, justo sobre meus umbrais;
> E seus olhos têm o fogo de um demónio que repousa,
> E o lampião no soalho faz, torvo, a sombra onde ele jaz;
> E minha alma dos refolhos dessa sombra onde ele jaz
> Ergue o voo – nunca mais! (9).

8 Este fragmento não datado de Pessoa tem a indicação "Poe (Introd.)," o que sugere a ligação desta concepção poética com a filosofia da composição de Edgar Allan Poe. Pessoa refere-se ainda a Poe em vários outros textos, incluindo "Heróstrato" (Pessoa, "Erostratus" 108-109) e o fragmento "The aim of art is not to please" [1907?] (Pessoa 26). Sobre a tradução d'"O Corvo" de Fernando Pessoa, veja-se ainda Keating, 2001.

fono-visual do texto desencadeiam um mundo simbólico singular. Recordemos que o princípio composicional, redefinido nesta instância como princípio translatório, é já caracterizado por Poe em termos anti-expressivos. As escolhas dos termos que produzem uma rede singular de correlações na materialidade fono-semântica do texto traduzido equivaleriam, de certo modo, ao procedimento de cálculo que está na origem do texto original, que inferira uma estrutura fonética e narrativa a partir de um princípio composicional interno à materialidade do meio.

No segundo caso, o dinamismo do resultado parece negar a mera função mediúnica de transubstanciação textual de um texto alheio. O dinamismo conseguido na rede de relações intratextuais da tradução e na rede de relações intertextuais entre tradução e original revela a produtividade de um acto de leitura que se materializa noutro sistema semiótico. A paródia, que permitiria à forma atravessar o espaço entre línguas, depende de uma intervenção performativa do tradutor na produção de uma leitura que se instancia numa determinada escrita. Os termos surgem a partir de então invertidos: é a tradução que se vê plagiada pelo original, cuja anterioridade parece dissolver-se no novo sistema de diferenças introduzido pela co-presença de ambos nesse espaço de tensão translinguística. É necessário conceber ainda a constituição de uma constelação de relações metatextuais que permitem percepcionar original e tradução a partir dos campos de forças criados no intervalo translinguístico da sua nova co-existência. Adoptando o princípio composicional de um original numa outra materialidade, a tradução reage afinal retroactivamente sobre o original e mostra a sua potencialidade significante.

BIBLIOGRAFIA:

Abramo, Cláudio W. *A espada no livro: The Raven, de Edgar Allan Poe, suas referências e traduções*. São Paulo: s.n., 1999. Internet. 4 Dez. 2009 <http://cwabramo.sites.uol.com.br/espada.pdf>.

Barreiros, José C. "O que é uma boa tradução? É uma tradução bem feita. e o que é uma tradução bem feita?..". *Babilónia: revista lusófona de línguas, cultura e tradução* .3 (2005): 129-145.

Câmara Jr., J. M. "Machado de Assis e O Corvo de Edgar Allan Poe". *Revista do livro* III.11 (1958): 101-109.

Campos, Haroldo. "Edgar Allan Poe: uma engenharia de avessos". *Revista colóquio/letras*. .3 (1971): 5-16. Internet. 4 Dez. 2009 <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=3&p=5&o=r>.

---. "O texto-espelho (Poe, engenheiro de avessos)". *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 23-41.

Daghlian, Carlos. "A recepção de Poe na literatura brasileira". *Fragmentos* .25 (2003): 45-54.

Jacobson, Roman. "Linguistics and Poetics". *Style in Language*. Ed. T. Sebeok. New York: MIT, 1960. 350-377.

Keating, Maria E. "Das fronteiras do 'estranho': Edgar Allan Poe por Baudelaire, Mallarmé e Pessoa". *A tradução na encruzilhada das culturas*. Org. J. F. Duarte. Lisboa: Colibri, 2001. 119-130.

Pessoa, Fernando. "Erostratus". *Heróstrato e a busca da imortalidade*. Org. Richard Zenith. Lisboa: Assírio e Alvim, 2000. 45-123 e 125-199.

---. *Pessoa Inédito*. Org. Teresa R. Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

---. *Páginas de estética e de teoria literárias*. Org. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1996.

Poe, Edgar Allan. «The Philosophy of Composition.» *Graham's Magazine* XXVIII.4 28 Abr. 1846: 163-67. Internet. 4 Dez. 2009 <http://www.eapoe.org/works/essays/philcomp.htm>.

---. "The Poetic Principle". *Home Journal* 31 Ago. 1850, no. 36 (whole number 238): 1. Internet. 4 Dez. 2009 <http://www.eapoe.org/works/essays/poetprnb.htm>.

---. "The Raven". *Richmond Weekly Examiner* 25 Set. 1849: s.p. Internet. 4 Dez. 2009 <http://www.eapoe.org/WorkS/poems/ravent.htm>

UM CORVO NUNCA MAIS

Rui Torres
Professor Associado
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
rtorres@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 54-63 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 21 Jun. 2010

RESUMO

Apresentação do trabalho interactivo *Um corvo nunca mais*, no qual procedimentos combinatórios, generativos e multimediáticos são aplicados com o objectivo de criar variações orientadas pela leitura do utilizador.

PALAVRAS-CHAVE

Tradução generativa; Fernando Pessoa & Edgar A. Poe, O Corvo; Ciberliteratura; Poesia combinatória

ABSTRACT

Presentation of the interactive work *Um corvo nunca mais*, in which certain combinatory, generative and multimedia processes are used in order to alow the reader to create multiple variations of the original text.

KEYWORDS

Generative translation; Fernando Pessoa & Edgar A. Poe, The Raven; Cyberliterature; Combinatory poetry

INTRODUÇÃO

Um corvo nunca mais[1] é uma investigação criativa na área da ciberliteratura. Polifonia de elementos variados (e variáveis) sujeitos a uma encenação não-linear, no centro do seu palco está um texto combinatório programado com a ferramenta digital *Poemário* e que usa como ponto de partida a tradução de Fernando Pessoa do poema "The Raven," de Edgar A. Poe. As inúmeras versões virtualmente disponíveis nestes textos-programa habitam um espaço simulado e navegável no qual a leitura pretende ser simultaneamente imersiva e interactiva. Texto, som e imagem, fragmentados e gerados a partir do código que as reconfigura, constituem o mobiliário desse espaço - onde os materiais operáticos viajam e se projectam em dimensões várias.

Este artigo tem como objectivo apresentar esse trabalho, não propondo qualquer reflexão teórica,[2] mas antes e apenas tentando tornar inteligível o complexo processo de criação envolvido neste tipo de obras.

POEMÁRIO – UMA MÁQUINA DE PROGRAMAÇÃO TEXTUAL

O *Poemário*[3] é uma ferramenta de programação textual que teve como motivação principal a obra inspiradora de Pedro Barbosa, desde os programas Texal e Permuta[4] até ao Sintext[5], devendo igual reverência ao conhecimento das obras de poetas tão variados quanto Raymond Queneau, Nanni Balestrini, E. M. de Melo e Castro e Herberto Helder. Trata-se de uma aplicação programada em linguagem Actionscript 3.0 que permite ao seu utilizador construir textos (poemas, narrativas, cartas, etc.) segu(i)ndo procedimentos combinatórios.

1 Disponível em <http://telepoesis.net/pessoa/menu.html>. Concepção, desenho e programação textual e do ambiente de Rui Torres, com texturas sonoras de Luís Aly, imagens 3D de Luís Carlos Petry, vídeo de Ana Carvalho e voz/declamação de Nuno M. Cardoso. As duas versões disponíveis - versão horizontal e versão vertical - oferecem aos leitores a possibilidade de navegar entre distintas tipologias de página: em modo panorama, no primeiro caso; ou em modo códice, no segundo. Os recursos utilizados na construção desta obra incluem, além do software *Poemário*, o Flash Panorama Player, Perl, XML e WordPress. Para ler e interagir com este trabalho, torna-se necessário ter um navegador com ligação à Internet com o plugin Flash Player 9 + instalado e JavaScript activo. Realizado a convite do Núcleo de Estudos do Modernismo em Língua Portuguesa da Universidade Fernando Pessoa, Porto.

2 Para entender a tradução de Pessoa/Poe, v. texto de Manuel Portela publicado nesta Revista. Para entender os procedimentos combinatórios e generativos da ciberliteratura, v. obra de Pedro Barbosa *A ciberliteratura. Criação literária e computador* (Lisboa: Cosmos, 1996) e outros artigos do mesmo autor disponíveis em <http://www.pedrobarbosa.net>.

3 Disponível em <http://www.telepoesis.net/galeria-poemas/pplayer.php>. Concepção de Rui Torres, programação de Nuno F. Ferreira.

4 Apresentados nas obras de Pedro Barbosa *A literatura cibernética 1. Autopoemas gerados por computador* (Porto: Árvore, 1977) e *A literatura cibernética 2. Um sintetizador de narrativas* (Porto: Árvore, 1980).

5 v. Pedro Barbosa e Abílio Cavalheiro, *Teoria do homem sentado* (Porto: Edições Afrontamento, 1996) e Pedro Barbosa e José M. Torres, *O motor textual* (Porto: Edições UFP, 2001), também disponível em <http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>.

O utilizador pode escrever o seu texto, indicar que palavras ou fragmentos de texto pretende que o programa substitua, criando para isso listas de palavras ou frases (categorias) que possam ser utilizadas na combinatória. O utilizador, desse modo tornado autor/programador, pode ainda configurar algumas opções de funcionamento do programa, que aqui se resumem:

- *Animação automática:* Se esta opção for seleccionada, o poema anima as palavras programadas de um modo automático e aleatório (sem interacção do leitor, como é o caso da versão horizontal/panorama[6] de *Um corvo nunca mais*). Se o pretendido for uma interacção do leitor (isto é, que o leitor tenha que clicar nas palavras para processar a combinatória respectiva, como no caso da versão vertical/códice[7] de *Um corvo nunca mais*), basta não activar esta opção.

- *Com edição de lista:* Se esta opção for activada pelo autor, o leitor do poema terá acesso às listas de palavras programadas, podendo desse modo invocá-las e alterá-las, bastando para isso, em modo de leitura, clicar na(s) respectiva(s) palavra(s) com o botão Control (Ctrl) pressionado.

- *Som:* Permite utilizar som de um modo combinatório e aleatório. Se esta opção for seleccionada, a leitura será acompanhada de uma banda sonora gerada com base num procedimento combinatório, tornando-se para isso necessário configurar as listas de som, que por defeito aceitam vozes e texturas sonoras.

- *Dir-WordPress:* Permite escolher ou criar um directório próprio no Blog Poemário,[8] onde são arquivadas as versões dos vários leitores desta obra.

6 Disponível em <http://www.telepoesis.net/pessoa/navigation.html>.
7 Disponível em <http://www.telepoesis.net/pessoa/flash/poemario/index.html>.
8 Disponível em <http://www.telepoesis.net/poemario>.

O texto de *Um corvo nunca mais* foi programado tendo em consideração estas possibilidades do software.[9] Veremos a seguir de que modo essa programação textual se efectuou.

UM CORVO NUNCA MAIS

As 18 sextilhas com refrão de "O Corvo" foram portanto programadas de forma a permitir ao leitor alterar, em tempo de execução e através de uma combinatória baseada em procedimentos aleatórios, as várias categorias (ou, se preferirmos, os paradigmas) que alimentam a sintaxe original do texto de Pessoa (e de Poe, portanto de "Poessoa," como refere Manuel Portela).

O léxico que anima essas categorias foi seleccionado a partir da obra completa de Fernando Pessoa[10]. No futuro, será possível programar o texto de forma a ter em consideração os diferentes léxicos dos vários heterónimos de Pessoa. Assim, por exemplo, será possível criar versões de traduções de "O Corvo" usando apenas o léxico de Álvaro de Campos, ou o de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, etc.

O som é também gerado, dinamica e aleatoriamente, a partir de bases de dados previamente gravadas, com declamações de fragmentos da tradução de "O Corvo," de Fernando Pessoa, a que se juntam texturas sonoras e ambientes musicais variados. A cada nova leitura deste trabalho, portanto, temos como ponto de partida uma configuração textual completamente nova/distinta da anterior, tanto ao nível verbal quanto em relaçao à banda sonora gerada para acompanhar a navegação. Daí o título escolhido, jogando com o refrão do poema: um corvo que, a cada início, nunca é o mesmo, isto é, um corvo nunca mais.

A enorme quantidade de execuções textuais possíveis motivou a utilização de uma das possibilidades abertas pelo *Poemário*: a possibilidade de gravação das versões criadas pelos leitores. Assim, além de alterar a combinatória do poema, o leitor pode ainda guardar as suas versões/leituras no weblog disponível na Internet, que representa uma espécie de comunidade de leitores.

Resumindo, em termos de recepção, o leitor tem a possibilidade de ler, ouvir e combinar os fragmentos textuais; depois, pode interagir, descobrir e percorrer o espaço navegável em que se encontra; por fim, pode contribuir e partilhar as suas versões da tradução combinatória, guardando-as no weblog referido.

9 Para conhecer outras obras concebidas dentro desta lógica combinatória que usam o software *Poemário*, veja: *Amor de Clarice 2.0 – versão combinatória* (textos de Rui Torres e Clarice Lispector, léxico de Clarice Lispector), disponível em <http://www.telepoesis.net/amorclarice/v2/amor_index.html>; *8 brincadeiras para Salette Tavares* (selecção de textos por Rui Torres a partir de versos e com léxico de Salette Tavares), disponível em <http://telepoesis.net/brincadeiras>; *Do peso e da leveza* (textos de Rui Torres a partir de poesia e léxico de Sophia Andresen e Fernando Pessoa), disponível em <http://telepoesis.net/dopesoedaleveza/index2.html>; *Húmus Poema Contínuo* (textos de Herberto Helder a partir de Raul Brandão, léxico de Raul Brandão), disponível em <http://www.telepoesis.net/humus/humus_index.html>.

10 Disponível em <http://arquivopessoa.net/>. Este Arquivo Pessoa é uma actualização do CD-ROM *MultiPessoa-labirinto multimedia*, coordenado por Leonor Areal e co-editado em 1997 pela Texto Editora e a Casa Fernando Pessoa. O site teve Edição Obra Aberta CRL (2008) e contou com apoios do Instituto de Estudos sobre o Modernismo (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, Lisboa) e Assírio&Alvim, entre outros.

A título de exemplo, relembre-se a primeira sextilha do poema de Pessoa/Poe:

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais
«Uma visita», eu me disse, «está batendo a meus umbrais.
É só isso e nada mais.»

comparando-a agora com as formulações do *Poemário*. Por exemplo:

Numa trovoada árida, quando eu abria, fraco e curvo,
Mansos, duvidosos factos de histórias casuais,
E já quase tremia, gerei o que zumbia
O bafo de alguém que morria vagamente a meus vitrais.
«Uma bruma», eu me neguei, «está ecoando a meus pinheirais».
Noite, noite e nada mais.

Ou ainda:

Numa insónia maldita, quando eu via, curvo e duplo,
Sujos, ilegíveis versos de ânsias mentais,
E já quase morria, ouvi o que vestia
O fim de alguém que resistia delicadamente a meus vitrais.
«Uma música», eu me supus, «está entrando a meus currais».
Disse-me O Corvo, «Nunca mais».

Para a geração deste texto, que é um entre múltiplos possíveis, está implícita toda uma programação que não cabe num artigo desta natureza, pelo que nos limitaremos a explicar parte da programação do segundo verso do poema, aquele que diz "Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais," salientando a negrito os exemplos que serão apresentados. A esse verso corresponde o seguinte código:

<texto verso="Vagos, curiosos **tomos** de ciências **ancestrais**,"
ordem="1, 2, **3**, 5, **6**"
taxon="adjs_m_p_1, adjs_m_p_2, **subs_m_p_1**, subs_f_p, **adjs_f_p**">
</texto>.

Isto significa que a palavra "tomos," na posição 3 (relativa à frase), será animada pela categoria "subs_m_p1," a qual será declarada pelo autor.

Para as categorias, usa-se naturalmente uma sintaxe apropriada (neste caso, <adjs_f_p><frase>[léxico a usar]</frase></adjs_f_p>). Uma vez que o objectivo desta breve apresentação é esclarecer o modo como foi concebido "Um corvo nunca mais," e não o software *Poemário*, simplificaremos, explicando apenas que estas listas de léxico ou de lexias se apresentam como enumerações, dentro de uma lógica de bases de dados. Por isso, neste caso, a palavra "tomos" será substituída, no momento de animação ou interacção, por uma das seguintes: "ares," "baús," "ecos," "rios," "sons," "vôos," "anjos," "arcos," "atlas," "casos," "dados," "erros," "factos," "hinos," "jogos," "nexos," "nomes," "risos," "ritos," "astros," "circos," "cofres," "contos," "crimes,"

"cultos," "dramas," "fardos," "fluxos," "gestos", "golpes," "gritos," "lapsos," "livros," "mantos," "poemas," "poetas," "raptos," "rastos," "restos," "ritmos," "sonhos," "tomos," "trapos," "traços," "tropos," "versos," "vultos," "mestres," "rumores," "sonetos," "delírios," "esquemas," "objectos".

No caso da palavra "ancestrais", na posição 6, ela será substituída por elementos da lista <adjs_f_p>, como sejam, neste caso: "fatais," "finais," "ideais," "iguais," "vitais," "astrais," "carnais," "casuais," "infiéis," "irreais," "juvenis," "mentais," "mortais," "normais," "plurais," "sexuais," "sociais," "vernais," "audíveis," "difíceis," "estivais," "estéreis," "imortais," "liberais," "matinais," "musicais," "naturais," "notáveis," "outonais," "parciais," "pessoais," "pontuais," "visíveis".

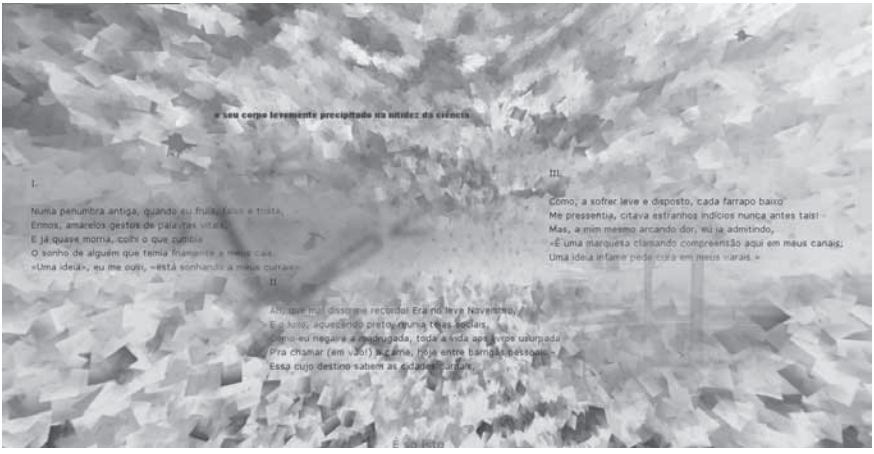
Em baixo, evidenciam-se os contrastes entre as diferentes traduções: a de Pessoa, à esquerda; e uma, entre várias possíveis, gerada pelo Poemário a partir da nossa acção-leitura:

"O Corvo", de Edgar A. Poe, traduzido por Fernando Pessoa	***Um corvo nunca mais*, uma entre milhares de milhões de versões possíveis, a partir de léxico de Fernando Pessoa**
I. Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste, Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais, E já quase adormecia, ouvi o que parecia O som de alguém que batia levemente a meus umbrais «Uma visita», eu me disse, «está batendo a meus umbrais. É só isso e nada mais.»	I. Numa melancolia difusa, quando eu via, mudo e culto, Ternos, numerosos fluxos de vozes matinais, E já quase desaparecia, fitei o que trazia O fim de alguém que ascendia indolentemente a meus varais. «Uma teoria», eu me supus, «está abalando a meus umbrais». Mas sem nome aqui jamais!
II. Ah, que bem disso me lembro! Era no frio Dezembro, E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais. Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada P'ra esquecer (em vão) a amada, hoje entre hostes celestiais ? Essa cujo nome sabem as hostes celestiais, Mas sem nome aqui jamais!	II. Ah, que bem disso me arrependo! Era no firme Novembro, E o sol, crescendo lasso, sorvia vozes mortais. Como eu fruía a beiramágoa, toda a vida aos vícios sonhada P'ra chamar (em vão!) a psique, hoje entre ruínas outonais - Essa cujo fim sabem as hostes transcendentais, Com o nome «Nunca mais».
III. Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais! Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia repetindo, «É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais; Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais. É só isso e nada mais».	III. Como, a dormir livre e escasso, cada livro brusco Me esclarecia, sofria confusos tumultos nunca antes tais! Mas, a mim mesmo fingindo dor, eu ia gritando, «É uma teoria procurando minh'alma aqui em meus degraus; Uma ilusão fingida pede metafísica em meus cais.» É só isso e nada mais.
IV. E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante, «Senhor», eu disse, «ou senhora, decerto me desculpais; Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo, Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais, Que mal ouvi...» E abri largos, franquendo-os, meus umbrais. Noite, noite e nada mais.	IV. E, mais breve num instante, já nem firme ou tolerante, «Princesa», eu clamei, «ou mágoa, decerto me acordais; Mas eu ia sonhando, quando viestes entrando, Tão tranquilamente avançando, trespassando por meus canais, Que mal fingi…» E abri frágeis, chorando-os, meus sinais. Mas sem nome aqui jamais!
V. A treva enorme fitando, fiquei perdido receando, Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais. Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita, E a única palavra dita foi um nome cheio de ais? Eu o disse, o nome /dela/, e o eco disse aos meus ais. Isto só e nada mais.	V. A culpa escura devorando, fiquei confuso gritando, Pávido e tais ares criando que os ninguém gerou iguais. Mas a fé era suspeita, a dor escura e liberta, E a única mentira dita foi um sonho farto de quintais - Eu o transformei, o medo dela, e o rumor rugiu aos meus pinheirais. Com aquele «Nunca mais».
VI. Para dentro estão volvendo, toda a alma em mim ardendo, Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais. «Por certo», disse eu, «aquela bulha é na minha janela. Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.» Meu coração se distraía pesquisando estes sinais. «É o vento, e nada mais.»	VI. Para cima estão passando, toda a crença em mim queimando, Não tardou que nascesse novo grito remexendo mais e mais. «Por certo», ouvi eu, «aquela melodia é na minha rima, Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.» Meu pensamento se enjoava exigindo estes rituais. Noite, noite e nada mais.
VII. Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça, Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais. Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento, Mas com ar solene e lento pousou sobre meus umbrais, Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais. Foi, pousou, e nada mais.	VII. Temi então a infância, e eis que, com muita negaça, Pulsou voraz e vago um espírito dos fatais risos outonais. Não teceu nenhum tumulto, não citou nem um sofrimento, Mas com riso vasto e grato chorou sobre os meus vitrais, Num falso dente de Hera que há por sobre meus varais. Foi, pousou, e nada mais.

VIII. E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura Com o solene decoro de seus ares rituais. «Tens o aspecto tosquiado», disse eu, «mas de nobre e ousado, Ó velhO Corvo emigrado lá das trevas infernais! Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.» Disse-me O Corvo, «Nunca mais».	VIII. E esta mágoa quieta e clara fez voltar minha literatura Com o apolíneo mistério de seus cantos parciais. «Tens o ódio calado, disse eu, «mas de solto e desejado, Ó bom rumor atroz lá das trevas originais! Dize-me qual o teu destino lá nas florestas essenciais.» É só isso e nada mais.
IX. Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro, Inda que pouco sentido tivessem palavras tais. Mas deve ser concedido que ninguém terá havido Que uma ave tenha tido pousada nos seus umbrais, Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais, Com o nome «Nunca mais».	IX. Sofri de crêr este duplo silêncio mentir tão calmo, Inda que tanto orgulho tivessem tristezas tais. Mas deve ser compreendido que ninguém terá havido Que uma frase tenha tido agarrada nos seus cais, Musa ou tumulto sobre o candeeiro que há por sobre seus currais, Libertar-se-á… nunca mais!
X. Mas O Corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto, Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais. Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento Perdido, murmurei lento, «Amigo, sonhos - mortais Todos? todos lá se foram. Amanhã também te vais». Disse O Corvo, «Nunca mais».	X. Mas o vento, sobre o canto, nada mais dissera, difuso, Que essa musa, qual se nela a glosa lhe ficasse em sinais. Nem mais som nem silêncio brotou, e eu, em meu desespero Curvado, insisti aflito, «Criatura, nomes - subtis Todos - todos lá se foram. Amanhã também te vais.» Com aquele «Nunca mais».
XI. A alma súbito movida por frase tão bem cabida, «Por certo», disse eu, «são estas vozes usuais. Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais, E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio de ais Era este «Nunca mais».	XI. A musa súbito comovida por ficção tão bem fadada, «Por certo», temi eu, «são estas línguas imateriais, Soube-as de algum génio, que a frescura e o silêncio Amaram até que o desespero da razão se perdeu em editais, E o canto de tristeza de seu ar cheio de sinais.» Disse-me O Corvo, «Nunca mais».
XII. Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura, Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais; E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais, Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais, Com aquele «Nunca mais».	XII. Mas, sabendo inda a alma inerte crescer a minha clausura, Levantei-me defronte dela, do vago riso e meus umbrais; E, alheado na certeza, sofri de muita maneira Que saberia esta hera caiada dos falsos tempos imortais, Esta luz solene e silente dos frios lugares fatais, É só isso e nada mais.
XIII. Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo À ave que na minha alma cravava os olhos fatais, Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando No veludo onde a luz punha vagas sombras desiguais, Naquele veludo onde /ela/, entre as sombras desiguais, Reclinar-se-á nunca mais!	XIII. Comigo isto cismando, mas nem glosa escutando À dor que na minha voz exortava os sonhos plurais, Isto e mais ia remexendo, a garganta exigindo No canto onde a voz erguia firmes teias pontuais, Naquele lixo onde ela, entre as ilusões espirituais, Libertar-se-á… nunca mais!
XIV. Fez-me então o ar mais denso, como cheio dum incenso Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais. «Maldito!», a mim disse, «deu-te Deus, por anjos concedeu-te O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais, O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!» Disse O Corvo, «Nunca mais».	XIV. Mexeu-se então o fim mais manso, como cingido dum incenso Que reinos dessem, cujos vagos crimes soam irreais. «Injusto!» a mim repeti, «deu-te Deus, por entes consumiu-te O gesto; traiu-te. Aguenta-o, salta, com teus sinais, O grito da que não esqueces, e que faz esses teus umbrais!» Mas sem nome aqui jamais!
XV «Profeta», disse eu, «profeta - ou demónio ou ave preta!» Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo, A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais! Disse O Corvo, «Nunca mais».	XV. «Velho», disse eu, «homem - ou bicho ou glosa rara! Fosse bicho ou alucinação quem te expôs a meus cais, A este canto e este medo, a esta alucinação e este degredo, A esta selva de dor e segredo, dize a esta sombra a quem gritais Se há um rumor difuso para esta ânsia a quem acusais! Com aquele «Nunca mais».
XVI. «Profeta», disse eu, «profeta ? ou demónio ou ave preta! Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais, Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais, Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!» Disse O Corvo, «Nunca mais».	XVI. «Bicho», cismei eu, «cadáver - ou luar ou glosa seca! Pelo pó ante quem ambos somos fracos e finais, Dize a esta carne transida se no bolor de outra obra Verá essa hoje adoecida entre terras espaciais, Essa cujo destino sabem as sombras astrais!» É só isso e nada mais.
XVII. «Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!, eu disse. «Parte! Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais! Não deixes pena que ateste a mentira que disseste! Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!» Disse O Corvo, «Nunca mais».	XVII. «Que esse corpo nos agite, luz ou rumor!», eu repeti. «Escuta! Ascende à mente e à literatura! Torna às mentiras irreais! Não deixes pena que negue a certeza que disseste! Minha música me ouça! Tira-te de meus sinais!» Com o nome «Nunca mais».

XVIII. E O Corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais. Seu olhar tem a medonha dor de um demónio que sonha, E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão mais e mais, E a minh'alma dessa sombra, que no chão há mais e mais, Libertar-se-á... nunca mais!	XVIII. E o vento, na noite branda, está ainda, está ainda No frio sangue de Éolo que há por sobre os meus vitrais. Seu bafo tem a tristonha prosa de um futuro que estranha, E a cor lança-lhe a estranha voz no passado há mais e mais, E a glosa dessa ideia que no passado há mais e mais, Isto só e nada mais.

Além destes textos combinatórios, disponíveis na versão vertical/códice, é necessário ainda compreender que na versão horizontal todos estes aspectos são apenas um dos elementos da grande orquestração multimediática a ser gerada.



Assim, devemos salientar que o ambiente de navegação da versão horizontal pode ser manipulado (neste caso, "rodado") pela interacção do leitor, criando um espaço de palavras no qual as combinatórias referidas, em regime de animação automática, são simultaneamente janelas que dão acesso à leitura e, ao mesmo tempo, espelhos que reflectem a simbiose/semiose da interacção com outros elementos, nomeadamente animações, vídeos e outros textos generativos.

Entre essas animações, destaque para um conjunto de palavras que palpitam à volta dos respectivos sextetos a que pertencem. A título de exemplo, o vocabulário seleccionado para a sextilha II: "frio dezembro fogo morrendo negro urdia sombras desiguais nome hostes celestiais"; para a sextilha V: "treva fitando receando sonhos sonhando infinita paz profunda maldita nome ais"; e para a sextilha VIII: "ave estranha escura sorrir amargura solene decoro ares rituais nobre ousado velhO Corvo emigrado trevas infernais".

Um corvo nunca mais pretende ser uma experiência que testa os limites de várias linguagens, suas possibilidades de interacção e relação. Inscrita no âmbito da ciberliteratura, a variedade de elementos generativos que apresenta tem por objectivo entregar o agenciamento da produção de sentido ao leitor. Espaço simulado de leitura interactiva, este trabalho apela à reflexão do leitor acerca do mundo em que se conhece: vertigem de imagens reticulares em permanente on/off, mundo-ópera de fragmentos verbovocovisuais presentes/ausentes, vida de escritas intermediadas pelo código e sua representação numérica de 0/1s. É só isso e nada mais. É só isso e tudo mais. É só tudo e nada mais. É só tudo e tudo mais.

CONTAMINAÇÕES FECUNDAS: TRAÇOS DE EDGAR ALLAN POE EM ANTERO DE QUENTAL E EM EÇA DE QUEIRÓS

Maria de Lurdes Morgado Sampaio
Professora Auxiliar
Faculdade de Letras
Universidade do Porto, Porto, Portugal
msampaio@letras.up.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 64-78 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 14 Out. 2010

RESUMO
Neste ensaio procura-se dar conta das repercussões directas e indirectas da leitura de Edgar Allan Poe na obra dos dois autores mais carismáticos da Geração de 70, Antero de Quental e Eça de Queirós, visando sobretudo mostrar como Poe foi um importante contributo para o aperfeiçoamento da arte narrativa de Eça de Queirós.

PALAVRAS-CHAVE
Antero de Quental; Eça de Queirós; Edgar Allan Poe; refracções; mistério; transferências.

ABSTRACT
This essay focuses on the direct and indirect influences of the work of Edgar Allan Poe upon Eça de Queirós and Ramalho Ortigão, the most important authors of the so-called "Geração de 70". One mainly intends to show how Poe played an important role in the development of Eça de Queirós' writing.

KEYWORDS
Antero de Quental; Eça de Queirós; Edgar Allan Poe; refractions; mystery; transfers

Estela

EDGAR
ALLAN
POE
T

1809-1949

(Alexandre O' Neill)

Sem pretensão de sobrevalorizar o papel de Antero de Quental na introdução de Edgar Allan Poe em Portugal, poder-se-á afirmar, sem reservas, que o seu contributo foi decisivo para a divulgação do poeta norte-americano nos meios literários oitocentistas. Antero foi o autor da tradução integral do conto "The Assignation," publicado, em 1865, no jornal de Penafiel, *O século XIX*, surgindo este antecedido de uma nota introdutória não assinada. Por via metonímica, seria plausível atribuir a autoria a Antero, mas não é de excluir a hipótese de ela pertencer a Germano Vieira de Meireles, director do jornal e amigo do poeta, tendo em conta o retrato de Poe *via* Charles Baudelaire e certas fórmulas publicitárias de aliciamento do leitor. Lê-se nesse texto o seguinte:

> O que hoje servimos à complacência dos leitores não é coisa ordinária e trivial, como qualquer produto de culinária nacional, difere muito. Edgar Poe tem as suas afinidades de mito em Portugal; cuidamos até que a sua estranha mas significativa fisionomia literária será apenas conhecida dos mais temerários e audaciosos filhos da nossa pequena Levi artística, que, atribulada pela curiosidade da *ideia nova*, se aventura, às descobertas mais paradoxais.
>
> Assim o apocalíptico e elegante autor dos Contos Excêntricos não existe para nós, e por isso galhardo prémio merece quem, afrontando os caminhos batidos do nosso gosto literário, ousa revelá-lo ao espanto das gentes.[1]

Na verdade, tanto quanto é possível averiguar, remonta a 1857 a descoberta portuguesa inequívoca do escritor norte-americano, que levaria à tradução (incompleta) de "The Unparalleled Adventure of One Hans Pfall," vinda a lume no jornal *A opinião*, com o título chamativo "Uma Viagem à Lua num balão feita pelo holandez – Hans Pfall". Sampaio Bruno, no entanto, no capítulo que dedica ao conto fantástico em *A geração nova*, refere a existência, anterior a 1857, de uma colecção de contos de Poe, traduzidos directamente do inglês por parte de autor anónimo, que ele considera ser o poeta Joaquim Simões da Silva Ferraz; mas não oferece fundamentação para uma hipótese que nem especialistas na tradução de Edgar Allan Poe em língua portuguesa – como é o caso de Margarida Vale do Gato – conseguem validar.[2]

1 Texto constante da reedição, com anotações, de Ana Maria Almeida Martins de *A entrevista*. Lisboa: Difel, 1993, p. 17. Proceder-se-á neste ensaio à actualização da grafia.

2 Cf. Margarida Vale do Gato, *Edgar Allan Poe em translação: entre textos e sistemas, visando as rescritas na lírica moderna em Portugal*. Tese doutoramento. U Lisboa, 2008.

A tradução de "The Assignation," feita por Antero em 1864, não está isenta de mistérios, pois esse conto de Poe não consta dos volumes traduzidos por Baudelaire até essa data. Assim, coloca-se a hipótese de Antero a ter traduzido directamente do inglês, língua que dominava perfeitamente, ou, como sugere Maria Leonor Machado de Sousa, que o poeta tenha partido de *Contes inédites d'Edgar Poe traduits de l' anglais*, da responsabilidade de William Hughes. (Sousa 116)

Qualquer que tenha sido a fonte e ponte utilizadas, o que importa desde já relevar é o modo como Antero não se enquadra na tradição europeia de recepção de Poe, *i.e*., numa recepção tão fortemente mediada e modelada por Baudelaire que levou os estudiosos de Poe a cunhar o neologismo "Poedelaire". Por outro lado, a própria escolha de um conto pouco estudado como "The Assignation," originariamente intitulado "The Visionary," só parece explicar-se em função de gostos e preocupações muito pessoais do próprio Antero. Recorde-se que nesse conto de ressonâncias shakespeareanas Poe situa a acção em Veneza e conta a história de um amor impossível, cujo desfecho é o suicídio duplo por envenenamento.

À época de tradução desse conto trágico e decadentista de Poe, Antero não experimentara ainda o pessimismo e o desespero que marcarão outras fases da sua vida, mas, segundo a crítica biografista, o poeta terá tido nessa altura uma forte decepção amorosa – o que poderá ter redundado numa leitura especular dessa narrativa poesca. Antero não se limitou, porém, a traduzir o conto e o poema neste engastado, suposta criação do protagonista da história. Em 1872, já então com 30 anos, inclui o poema do conto de Poe no seu livro *Primaveras românticas*, dando-lhe o título "Do inglês de Edgar Allan Poe".[3] A função deste singular título não é, de modo algum, clara: Antero assinala o território linguístico de origem, mas dificilmente se poderá afirmar que indentifica sem ambiguidades a autoria do poema traduzido. Recorde-se que em *Primaveras românticas* Antero insere um poema de homenagem a Baudelaire – "A Carlos Baudelaire" (Autor das "Flores do mal") –, cuja influência é notória noutros textos desse mesmo volume poético, mas no caso de Poe, a homenagem assume a forma de tradução-versão. O trabalho de apropriação do poema de Poe por parte de Antero só não pode considerar-se um gesto antropofágico, ou seja, o gesto de amor que a tradução total implica, na curiosa proposta de Haroldo de Campos, porque não chega a haver assimilação total ou a deglutição perfeita, que acontece na transformação do amador na coisa amada (e sublinhe-se que este tópico camoniano é glosado logo na abertura do livro, no poema petrarquiano "Beatrice"). Ao ser deslocado do seu contexto textual original, de uma narrativa para um livro de poemas, a composição poética ganha autonomia e, sendo *de* Poe, passa a ser também *de* Antero – ou ainda mais *de* Antero. Estamos perante um exemplo perfeito do *entre-texto* que todo o texto traduzido (ou em tradução) tende a ser, como sustentam actuais teóricos da tradução. Antero procede, aliás, a um reescrita acentuada do poema de partida, com alterações de ordem estrutural e lexicais bem notórias. A modificação mais radical, e que compromete mesmo o sentido e simbolismo do poema, regista-se quando Antero opta por colocar o sujeito poético a dirigir-se a uma mulher casada, quando, em Poe, ele se dirigia, como em "The Raven," a uma mulher morta. Sendo aparen-

3 Esta inclusão adquire maior significado, se tivermos em conta o facto de Antero de Quental ter destruído grande parte da sua produção poética anterior a 1865. Recorde-se que também Poe publicou autonomamente o poema do conto, com o título "To One in Paradise".

temente esta modificação explicada pelo episódio amoroso da adolescência de Antero, a atmosfera mórbida dilui-se, dando mesmo lugar a uma moderada ironia – talvez já motivada pela leitura de Baudelaire. No prefácio à reedição de *Primaveras românticas*, em 1983, Nuno Júdice chamava com pertinência a atenção para o percurso evolutivo inscrito no decurso do próprio volume: num primeiro momento (de intenso idealismo), confrontamo-nos com poemas líricos e declamatórios, devedores da tradição romântica; num segundo momento, sob o fascínio de Baudelaire e de *Les fleurs du mal*, temos poemas onde o humor, o erotismo e até o macabro são uma constante, não se eximindo Antero de tematizar o amor de formas muito mais prosaicas e num estilo menos empolgado.

Não havendo notícia de uma reedição, no século XIX, da narrativa "A Entrevista," poder-se-á já concluir que esta última imagem de Poe como Poeta, projectada por um escritor com o carisma de Antero, não poderia deixar de ter algumas consequências imediatas, ainda que, porventura, efémeras. Acentue-se que, em França, a imagem de Poe como contista ficaria reforçada pelo facto de Baudelaire ter apenas traduzido, ao longo da sua vida, quatro poemas do poeta norte-americano.

A esta recepção de Poe como poeta não ficaria, de facto, indiferente Eça de Queirós, quando, em 1866, dedica o terceiro dos folhetins publicados na *Gazeta de Portugal*, "Poetas do mal," à trindade Poe, Baudelaire e Flaubert. Se o termo "poeta" como sinónimo de escritor e de artista aparece frequentemente nesses folhetins da juventude queirosiana (reunidos mais tarde em *Prosas bárbaras*), o uso capitalizado do termo em título investia-o naquele momento de sentidos suplementares que o texto confirmaria. Nesse folhetim, Eça apontava as afinidades a vários níveis entre os poetas em estudo, para depois atentar nas particularidades de cada autor. O conhecido parágrafo introdutório parece desvelar, de imediato, a centralidade dada a Baudelaire:

> Conhecem Poe, Baudelaire e Flaubert? Estes homens só vêem o mal; os corpos magros despedaçados e podres, as vegetações líricas que luzem como no fundo de um sonho asiático, as nuvens ferozes onde vagueiam os danados do amor, os orvalhos caídos das frias esterilidades da lua, os uivos horríveis das almas que têm medo, os ventos que torcem os corpos dos enforcados, as pestes, as covardias do desespero – todas as flores do mal espêndidas e negras. (Eça 89)

Num outro passo, Eça referir-se-á à revolução na arte levada a cabo pelo "bando de Baudelaire". (Eça 92) Não obstante o seu estilo digressivo e empolgado, as abundantes metáforas e imagens assinaladas pelos críticos que se têm ocupado desses folhetins, Eça retratava de forma concisa a natureza da revolução desses escritores que várias vezes refere como "poetas livres": uma simultânea inovação nos temas e nas formas (que, a seu ver, vai muito para além de questões métricas e prosódicas). Eça acentua a excepcionalidade e os valores éticos e estéticos que unem os três criadores de formas novas: a recusa instransigente de escolas e fórmulas literárias tradicionais, o desprezo pela glória e pelo amor, a crítica ao industrialismo e materialismo burgueses e o comprazimento em realidades que horrorizam a "crítica ordinária" e o homem comum.

Comparando os retratos dedicados a Baudelaire e a Flaubert (o autor mais longamente analisado), dir-se-ia que o retrato de Poe é pobre e apressado. E, no entanto, a síntese de Eça é magnífica, apesar de parcial: a par da faceta terrífica de Poe (sempre o tema da perversidade, que tanto fascinaria o jovem Fernando Pessoa), Eça é sensível à dimensão humorística e

carnavalesca da obra do escritor, decerto já influenciado pela imagem do "histrião literário" veiculado por Poe nos ensaios *The Poetic Principle* e *The Philosophy of Composition*, traduzidos por Baudelaire respectivamente em 1845 e 1846, tendo o último (em fr. "La genèse d'un poème") sido incorporado na colectânea *Histoires grotesques et sérieueses* (1865). Leia-se o retrato de Poe pela pena de Eça:

> Então aparecem estes livros – 'As novas histórias extraordinárias', 'As Flores do Mal', 'Salambô', etc. O primeiro é de Edgar Poe; entre aquelas páginas passa o demónio da perversidade, ora hirto e lívido como os ciprestes, ora galhofeiro, jovial, ruidoso, às cambalhotas, mostrando os rasgões do fato, às risadas, mostrando a podridão dos dentes, sinistro e debochado como um palhaço das esquinas. (Queirós, *Prosas bárbaras* 92)

Após o esboço comparativo com Hoffman e Darwin, Eça deixa em aberto inúmeras questões, ao afirmar que Poe "diz a realidade dos terrores e das visões, a realidade". (Queirós, *Prosas bárbaras* 92). Poe, o artista visionário, autor de histórias extraordinárias situadas nos umbrais do fantástico, do gótico e do sobrenatural, parece mesmo desvanecer-se perante a conclusão sentenciosa de Eça: "O seu livro é a epopeia desvairada do sistema nervoso". (Queirós, *Prosas bárbaras* 92).

Em 1903, na introdução a *Prosas bárbaras*, Batalha Reis realça, com razão, a influência marcante, nesses folhetins iniciais de Eça, de todo um universo literário e cultural germânico, a par da influência dos românticos franceses e portugueses, mas minimiza, a meu ver, a importância de Baudelaire e de Poe (bem como de Shakespeare, que não se esgotara na fase da vida coimbrã). Mesmo que Batalha Reis esteja certo, quando afirma que só muito tarde terá chegado às mãos de Eça um exemplar de *Les fleurs du mal*, tal não significa que Eça não tenha tido conhecimento parcial ou total, directo ou indirecto, dessa obra. O texto "Poetas do mal," bem como a reiteração, nos folhetins, do tópico do *mal* (por vezes, com matizes bem baudelairianas) parecem contradizer essa ideia. Por outro lado, a presença de Poe parece perpassar na globalidade dos folhetins, que foram acolhidos, como sabemos, com grande estranheza pelos leitores portugueses. Pondere-se, por exemplo, o recurso ao monólogo e à forma dialogada (tão frequentes em Poe), vejam-se os folhetins "O milhafre" ("o milhafre filosófico e letrado"), "A bebedeira do coveiro" e atente-se nas imagens e motivos nocturnos, tétricos, nas diversas aves agoirentas da noite (e sobretudo os corvos do episódio do lenhador, em "Misérias"). Segundo testemunhos vários (entre os quais o de Batalha Reis), o que o leitor da época retinha e ridicularizava era a imagem de um escritor que se comprazia em falar de forcas e enforcados, de defuntos, de cadáveres, de covas e coveiros e de outros assuntos mórbidos e macabros. Bem elucidativo quanto a essa recepção caricatural dos folhetins de Eça – e, indirectamente evocativo da aliança amor-morte nos contos e poemas de Poe – é o comentário do crítico Teixeira de Vasconcelos, transcrito por Batalha Reis no referido prefácio: "Tem muito talento este rapaz; mas é pena […] que haja nos seus contos, sempre dois cadáveres amando-se num banco do Rossio".[4] De uma forma consciente ou inconsciente, há na globalidade da obra de Eça alguns motivos e *leitmotivs* que parecem dever mais a Edgar Allan Poe do que a crítica queirosiana tem reconhecido – e deixo de fora

4 Cf. Prefácio de Batalha Reis, em Eça Queirós. *Prosas bárbaras*. Porto: Livros do Brasil, s.d. 9.

deste ensaio o tema do *duplo* (eixo central da obra de Poe), que se apreende de imediato no nome das personagens e em jogos contrapontísticos de superfície, mas que é, no fundo, estruturante de todo o universo ficcional de Eça.[5] De lado ficam também os temas-tabu, imorais, as heresias e todos os "crimes" contra a moral pública tematizados por Eça – mais obviamente ligados à corrente realista-naturalista – embora, nalguns casos, a transgressão de valores e convenções sociais provoque no leitor um efeito de surpresa e horror que só os contos fantásticos de Poe (ou outros afins) podem provocar.

Um dos episódios mais extraordinários de *O mistério da estrada de Sintra* (escrito a meias com Ramalho Ortigão) é aquele em que o homicídio, alegadamente involuntário, de um garboso capitão inglês é ocultado pelo enterro do cadáver numa cova feita adentro muros lisboetas. O ritual mórbido desse funeral, a que não falta um simulacro de missa, inicia-se com o transporte do morto, embrulhado numa manta de viagem, para uma bizarra sepultura:

> Viéramos para o pavimento inferior do prédio, a uma casa térrea, a que se descia por quatro degraus para baixo do solo. Era ao fim da tarde. Estávamos alumiados com a luz das velas […]. Tinha-se cavado uma profunda cova. Sentia-se o cheiro húmido e acre da terra revolvida. (Queirós e Ortigão 212).

Perante tal passagem, e tendo em conta as leituras de Poe por parte de Eça, impossível não pensar em "The Cask of Amontillado" ou em "The Tell-Tale Heart," só para citar dois dos contos mais conhecidos de Poe. O facto de este passo surgir num capítulo intitulado "Concluem as Revelações de A.M.C," atribuído ao estudante de medicina A.M.C., ou seja, a Ramalho Ortigão (sem discordâncias dos críticos), não invalida a ideia de que também Eça subscreveu tal solução, tanto mais que não procedeu a qualquer revisão, quando reescreveu o texto antes da sua publicação em livro em 1885.[6] Esta solução, aliás, está muito aquém da solução drástica que Eça escolhe para o problema do Padre Amaro antes da revisão definitiva, em 1880, de *O Crime do Padre Amaro*, cuja primeira versão, com laivos de romantismo, remonta a 1875. Na segunda versão, criticada por Machado de Assis pelo seu carácter lúgubre e pelo seu descritivismo mórbido, o "crime" do Padre Amaro é literal, passível de punição legal, e tem o nome hediondo de "infanticídio". Amaro é-nos apresentado como um ser profundamente egoísta, assaltado por visões e imagens fantasmagóricas de ruína pessoal e social. A crueldade desse ser quase demoníaco em que se transforma o Padre Amaro-pai é acentuada pela descrição minudente e gradual das suas reacções e actos: primeiro, o terror perante a queda iminente, depois, a preparação do crime e, finalmente, o assassínio da criança:

5 Centrando-se na questão do incesto e à luz da psicanálise, Pedro Luzes explora a questão do duplo em "Significado do Incesto em *Os Maias*. Narcisismo? Sentimento amoroso?, in *Eça e Os Maias cem anos depois. Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos.* Org. por Isabel Pires de Lima. Porto: Edições Asa, 1989. 117-124. No estudo que eu própria dediquei a *O mistério da estrada de Sintra*, sublinhei igualmente as correspondências temáticas e funcionais existentes entre as personagens (os pares, sósias e réplicas – até onomasticamente marcados, como F. e Frederico Friedlien, F e Fradique, a Condessa de W e W. Rytmel (Sampaio 84-85). A este tópico dedica Rosa Maria Martelo o ensaio "Duplos e Metades: funções da complementaridade na construção das personagens queirosianas". *Estudos em homenagem a Margarida Losa*. Porto: Faculdade de Letras, 2006. 275-85.

6 Aliás, a oração fúnebre que Ramalho Ortigão escreve, tendo A.M.C. como porta-voz, deve muito à prosa de certos folhetins de *A gazeta de Portugal*, como um simples cotejo poderá confirmar. Poder-se-á mesmo considerar que nessa experiência lúdica que é *O mistério da estrada de Sintra* Ramalho Ortigão se terá dedicado com prazer, no capítulo em questão, a fazer um *pastiche* da prosa de Eça.

> A perseguição de João Eduardo pusera-lhe no sangue um medo febril. Aquela criança parecia-lhe uma coisa odiosa, que vinha para o acusar, para o caluniar, para o esfomear, para o matar. Tinha vontade de a esganar com as mãos. […] Abaixou-se, pôs a criança no chão, abriu o chale; as faixas brancas, uma toalha em que tinham embrulhado, destacavam na terra escura. Ergueu-se hirto, com os cabelos eriçados. A criança gemia. De repente, abaixou-se, tomou um pedregulho, pô-lo sobre a criança, entrouxou tudo num embrulho apertado, agarrou-o convulsivamente, atirou-o à água. Aquilo fez pchah! Umas rãs saltaram assustadas. Amaro ficou imóvel, gelado, fitando o rio.[7]

Eça não deixará nunca de tematizar o universo da obsessão e de comportamentos monomaníacos que Poe explorou como poucos: encontramos esse tema nos contos da primeira fase, como em contos mais tardios como "*O defunto*" (1896) e "José Matias" (1897), como o encontramos no tratamento de personagens singulares de alguns romances, de onde se se destacam Juliana e as Luísas que proliferam nos seus contos e romances. Recorde-se que o que leva a Luísa de *O mistério da estrada de Sintra* (também Condessa de W.) a administrar ópio ao seu amante é o ciúme extremo e a obsessão com a ideia de que ele terá outra mulher. A tentativa desesperada de confirmar a suspeita leva-a a procurar as cartas reveladoras dessa traição. Mas, ao contrário do que acontece no universo racional de "The Purloined Letter," as cartas não chegam sequer a materializar-se, ou seja, a instituirem-se como significante: ou não existem, ou não são descobertas. Por sua vez, o conto "Singularidades de uma Rapariga Loura," de 1874, entendido como um dos primeiros esboços de uma escrita realista, tematiza a cleptomania no feminino, aliada à ideia de alienação. A obsessão passional de Macário (espécie de gérmen de José Matias), que o conduz à beira da ruína pessoal, exacerba, por contraste, o carácter amorfo e abúlico de uma mulher-sombra, quase destituída de identidade. Neste caso, nenhuma explicação é adiantada para tal comportamento, sendo a história relatada (como na maior parte dos contos de Poe) em primeira pessoa, *como se* realmente tivesse acontecido, *i.e.*, como se se tratasse de uma histórica verídica.

Recorde-se que nesse mesmo ano de 1874, Ramalho Ortigão, também ele impressionado por Edgar Allan Poe, publica o texto (uma das suas farpas) "O crime de Vitorino e os Contos de Edgar Poe," onde relata a história do roubo cometido por um homem simples e pobre, vítima do fascínio que a palavra "tesouro" sobre si exerce, em suma, vítima dos seus delírios e sonhos.[8] Esta é a tese apresentada por Ramalho Ortigão, que trata o "caso Vitorino" como um exemplo dos desregramentos e perversões do sistema nervoso, capazes de anular a capacidade de discernimento crítico e racional do ser humano. Na esteira de Eça de Queirós (em "Os poetas do mal") escreve Ramalho Ortigão:

> A história do crime de Vitorino figura-se-nos demasiadamente parecida com os contos de Edgar Poe para deixar de merecer sob este ponto de vista a atenção dos alienistas, porque os contos de Poe são perfeitos estudos do sistema nervoso e têm a importância de resultados científicos. (Ortigão 123)

7 Cf. *O Crime do Padre Amaro*, 2 vols. (edição crítica das três versões por Helena Cidade Moura). Porto: Lello & Irmãos, 1964.
8 Com a data de Novembro-Dezembro de 1874, esse texto é uma das *Farpas* (Crónica mensal da política, das letras e dos costumes) (1873-1875).

Trata-se no fundo de retomar, de forma mais moderada, a teoria exposta por A.M.C. em *O mistério da estrada de Sintra* no último capítulo do romance: aí, AMC advoga, em tribunal privado improvisado, a absolvição da condessa de W., defendendo que "Todo o crime é uma enfermidade" (Queirós e Ortigão 211), fundamentando o seu veredicto no recurso a princípios da religião cristã. Escreve A.M.C./Ramalho:

> Castigar é usurpar um poder providencial. A justiça humana que se apodera dos criminosos não tem por fim vingar a sociedade, mas sim protegê-la do contágio e da infecção da culpa […] – Vá minha senhora; tem a mais plena liberdade. […] O seu futuro, violentamente assinalado pela desgraça, não pertence aos criminosos, pertence aos desgraçados. […] Os vestígios da sua culpa ficarão sepultados nesta casa". (Queirós e Ortigão 211-12)

O mistério da estrada de Sintra não se limita, porém, a ser uma paródia do folhetim romanesco, como alguns críticos desde cedo acentuaram (nomeadamente João Gaspar Simões), e a sua complexidade foi objecto de merecida atenção por parte de Ofélia Paiva Monteiro (Monteiro, 1985 e 1987). Em 2005, partindo desse fascinante estudo, procurei relevar a vertente poliédrica dessa narrativa que apontei como "*laboratório* para experiências estéticas diversificadas" e como "um texto seminal, que anuncia, no seu polimorfismo, os vários caminhos estéticos experimentados por Eça" (Sampaio 193). Refutava, acima de tudo, a tese bastante generalizada de que Eça e Ramalho teriam criado, com *O mistério da estrada de Sintra*, o primeiro romance policial português, seguindo o exemplo de Poe (e de Émile Gaboriau) – ou que teriam parodiado tal "género". Dos vários argumentos então apresentados nesse estudo de 2005, a que dei o título *Aventuras literárias de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão*: *da narrativa de um mistério aos mistérios de uma narrativa*, destaco: *i)* a inexistência, à época da sua escrita, da consciência de um "género policial" – que a paródia sempre pressupõe; *ii)* a ausência de qualquer atenção isolada, particularizante, aos chamados contos policiais de Poe (por ele designados apenas como "tales of ratiocination"); *iv)* a recepção privilegiada de um Poe demoníaco e terrífico que, segundo Margarida Vale do Gato, só a partir dos anos 1970 seria objecto de uma leitura revisionista (Gato, *Edgar Allan Poe em translação*). Não obstante o remate do seu juízo crítico, só a Teófilo Braga, caberia, no século XIX, o mérito de ser o primeiro escritor a relacionar o fantástico em Poe com a filosofia e a imaginação. O reconhecimento do valor de Poe é feito no notável ensaio sobre o conto fantástico que é a "Carta a José Fontana," de 1865, volvido em prefácio, nesse mesmo ano, ao seu volume *Contos fantásticos*:

> Os *contos de Edgar Poe*, a imaginação mais extraordinária da América, têm o fantástico da insolubilidade dos problemas filosóficos que constituem a acção; tocam às vezes a alta metafísica. […] Edgar Poe é a força da imaginação e do ideal suplantada pelo positivismo de uma sociedade manufactureira e orgulhosa do seu carácter industrial; nos seus Contos há a alucinação profética da doudice". (Braga IX)[9]

Não negando, nesse estudo de 2005, a existência do que tem sido designado por episódio detectivesco, o que então se procurou demonstrar foi que alguns aspectos das várias

9 Em 1886, no capítulo "O conto fantástico," Sampaio Bruno fará também uma leitura arguta dos contos de Poe (referido como "yankee"), que nada parece dever a Baudelaire.

indagações e da importância dos indícios neste folhetim se explicavam acima de tudo em função da importância que o paradigma indiciário, segundo Carlo Ginzburg, adquire nalgumas partes dessa obras (as escritas por Eça) e em função da sintonia dos autores da Geração de 70 com as correntes filosóficas e científicas europeias da época – incluindo a popularidade, entre os escritores, de ciências e pseudociências como a grafologia, a fisiognomia lavateriana, a paleontologia de Cuvier, em suma, o que Pessoa designou por "Microsophie: The Science of the Minute" (Pessoa 167). Nesse sentido, as "deduções de fantasia" por parte de uma personagem de *O mistério da estrada de Sintra* em torno de um longo cabelo louro, que conduzem à construção de um perfil de mulher, foram entendidas como um exercício parodístico da paixão demonstrada por Balzac pela fisiognomia.[10] Procurou-se, assim, mostrar que a leitura dessa narrativa de mistério como policial resulta, sobretudo, de dois motivos: de uma leitura anacrónica da obra em função de teorias sobre o género elaboradas no século XX e dos inúmeros expedientes realistas que encontramos no tratamento do "mistério" central que aí tem lugar. Não há senão afinidades pontuais entre o folhetim redigido conjuntamente por Eça e Ramalho e a famosa trilogia detectivesca de Poe (como existem com outras obras oitocentistas europeias). *O mistério da estrada de Sintra,* que na sua paródia ao folhetim romântico ainda se deixa por ele contagiar, pouco tem a ver com a vertente cerebral, analítica, não romanesca, da trilogia detectivesca de Poe, onde, como os irmãos Goncourt bem cedo notaram, as pessoas importam bem menos do que as coisas. Ou, nas palavras dos autores, após a leitura dos três famosos contos dedutivos:

> l'amour cédant la place aux déductions et à d' autres sources d' idées, de phrases, de récit et d' intérêt; la base du roman déplacée et transportée du coeur à la tête e de la passion à l' idée; du drame à la solution. (Goncourt 189)

A refutação da influência da trilogia detectivesca de Poe nesse folhetim de 1870 não significa, de modo algum, a refutação da influência de Poe quer a nível micro-textual, quer ao nível da construção global da obra. Podemos, assim, rastrear a presença de Poe em momentos pontuais e episódicos de *O mistério da estrada de Sintra*, como, por exemplo, no exercício de grafologia, porventura inspirado em "The Gold Bug" (um dos mais populares contos de Poe), ou no motivo das cartas como signo de ameaça (de traição), como podemos captá-la na dimensão de auto-reflexividade e metaficcionalidade dessa singular narrativa de mistério(s), que já incorporava, como acontece em muitos contos de Poe, a própria literatura como tema. Poderemos até deter-nos em questões de ordem extratextual e editorial, sugerindo como passível mote de reflexão (e reacção) para Eça a atitude de dualidade de Poe face ao público-leitor. Penso, em primeiro lugar, na afirmação de Poe em "The Philosophy of Composition" (divulgado por Baudelaire desde meados do século XIX), de que, com a escrita de "The Raven," se propôs compor "a poem that should suit at once the popular and the critical taste" (Poe 1846),[11] e também na sua declaração anti-romântica, nesse mesmo lugar, de que não receia mostrar ao público os bastidores do seu trabalho, explicando-lhe mesmo o processo de fabricação literária. Incidindo sobre o *fazer* do poema, Poe nunca deixa de ter em mente a relação texto-leitor.

10 Veja-se, por exemplo, um passo de *Une ténébreuse affaire*, que se inicia com "Les lois de la phisionomie sont exactes, non seulement dans leur application au caractère, mais encore relativement à la fatalité de l'existence" (Balzac 134).
11 Cf. texto em http://en.wikisource.org.

Em 1886, no prefácio a *Azulejos*, do Conde de Arnoso, Eça reflectirá sobre a alteração da relação entre os escritores e leitores, sobre a radical mudança no próprio modo de ler e, consequentemente, sobre o que entende como aviltamento da arte (quando os escritores se empenham em seguir "modas" e procuram agradar ao público).[12] Nesse texto, que é também, uma estimulante meditação sobre a "Leitura" ao longo dos tempos, Eça lamenta a substituição do "Amigo Leitor" pelo anónimo "público" (ou "turba" e "multidão"), para quem o escritor moderno escreve, assim como lamenta a relação de impessoalidade daí derivada. É quase no final desse prefácio-ensaio que Eça afirma: "A Arte é tudo – tudo o resto é nada" (Queirós, Prefácio a *Azulejos* 41). Dir-se-ia que Eça sentiu perante essa "multidão," que também chegara ao mundo das letras, a repugnância que, segundo Walter Benjamin, outros artistas do século XIX terão experimentado.[13] Mas nem essa pose marcadamente aristocrática (quiçá circunstancial), nem a defesa do naturalismo nesse ano de 1886 (no final de uma década em que Eça já se distanciara do naturalismo), são coerentes com a reedição de *O mistério da estrada de Sintra* em 1885, nem com a defesa veemente da fantasia e da imaginação levadas a cabo no prefácio a essa obra e ainda mais no prefácio francês que redigiu para *O Mandarim*. Não sendo este o lugar para avaliar as aparentes contradições de Eça, recorde-se que, de acordo com Maria de Lourdes Lima dos Santos, em *Intelectuais oitocentistas*, Eça parece ter-se adaptado bem cedo às novas exigências do mercado literário, pois também não dispensará estratégias publicitárias aquando da publicação de *O primo Basílio* (1878), no sentido de captar leitores em geral, e não apenas o "leitor perfeito" (Santos 274). E, de uma forma deliberada, em 1870, ainda no rescaldo do romantismo dos tempos de Coimbra, Eça e Ramalho constroem uma obra em consonância com as transformações sedimentadas no campo literário no século XIX, utilizando pela primeira vez eficientes estratégias publicitárias que despertaram a curiosidade do público.[14] Ainda que de forma lúdica e com intuitos didáctico-recreativos, Eça e Ramalho, inicialmente a coberto do anonimato, escrevem, no fundo, para a multidão, *i.e.*, o público da capital. Divertindo-se com a paródia e a caricatura do folhetim romântico, ambos se entregam à fabricação de uma inovadora história inverosímil recebida inicialmente como verídica, mediante o recurso a expedientes de autenticação bem familiares aos leitores dos contos de Poe.

Talvez a influência mais marcante de Edgar Allan Poe seja, afinal, aquela que, como todas as influências produtivas, assimiladas por grandes artistas se tornam quase invisíveis. Refiro-me à retórica da ficção, ao princípio da construção, ao perfeito domínio das técnicas narrativas de modo a produzir o efeito pretendido no leitor, que apreendemos logo nos contos iniciais de Eça (veja-se, por ex. "A morte de Jesus"). Um dos aspectos mais inovadores de "O mistério da estrada de Sintra" é, sem dúvida, o que Ofélia Paiva Monteiro designou por "jogos de verosimilhança," indissociáveis de todo um conjunto de processos de

12 Embora faça um juízo negativo das referidas mudanças, Eça esboça uma discussão da questão que se situa quase no âmbito da estética da recepção.

13 Ver estudo de Walter Benjamin, "*Sur quelques thèmes baudelairiens*" (1939). W. B., *Charles Baudelaire, Un poète lyrique à l'apogée du capitalisme*. Trad. J. Lacoste, Paris: Payot, 1979.

14 Há que considerar que em 1880, no célebre "Prefácio" às *Lyrical Ballads*, William Wordsworth analisa de forma pertinente (sem a pose aristocrática de Eça) as mudanças causadas pela industrialização e urbanização massiva, atribuindo ao poeta a missão de ir ao encontro do público (de todas as formas possíveis, desde a poesia ao "diálogo" em Prefácios). Vivendo em Inglaterra entre 1875 e 1887, atento a todos os fenómenos literários e culturais, é pouco provável que Eça não tivesse tido conhecimento desse prefácio. Aliás, só o conhecimento de cidades europeias e americanas (como New York) poderá fundamentar esta reflexão sobre "multidões," dado que "a multidão" da capital portuguesa não deveria ser, nessa época, muito significativa.

fabricação da ilusão de factualidade: o *medium* (o jornal neste caso), a ilusão do real (por ex., a toponímia familiar), a multiplicação de versões, a narrativa epistolar e, sobretudo, o uso de narrador em primeira pessoa. Quando usado de forma exímia como o faz Poe, até os acontecimentos mais inverosímeis e aberrantes parecem, por momentos, revestir-se de plausibilidade, ainda que contra as leis da física e a experiência do senso comum. Ou como Sampaio Bruno escrevia em 1886, "[C]hega a ter-se medo da infernal lógica do escritor; receia-se acreditá-lo, concluir com ele, raciocinar com ele" (Bruno 98). Aliás, a história da recepção crédula, nos E.U.A., de "Mesmeric Revelation," aquando da sua publicação, é bem a prova da força de uma narrativa em primeira pessoa, sobretudo, quando os factos narrados têm a roupagem da cientificidade e vão ao encontro de expectativas e desejos dos leitores num dado momento civilizacional. Se nem sempre a insistência na "verdade" dos "factos," antes mesmo de a história começar, como em "The Facts in The Case of M. Valdemar," se traduz em idêntica leitura pragmática, Poe é mestre na construção de universos complexos e perturbadores (situados na mente humana ou fora dela) e, sobretudo, na criação de um efeito de incerteza, que faz vacilar as mais profundas convicções dos seus leitores (do passado e do presente).

A modernidade de Poe apreende-se no modo como certas espécies literárias de que é considerado precursor, nomeadamente os dramas psicológicos, a ficção científica e o romance policial, nos colocam hoje (mais do que outros géneros) prementes questões epistemológicas e ontológicas. É nessas espécies narrativas (e não em espécies realistas canónicas) que o mundo da incerteza e da instabilidade que habitamos encontram a sua melhor expressão literária.

Na sua avidez de novidades estéticas, na sua permanente insatisfação, nas suas várias experimentações no campo da arte verbal, Eça nunca poderia ter ficado indiferente à mestria narrativa de Poe, ao seu domínio da arte contística, nem à estética da concisão que o autor americano expôs nalguns dos seus mais importantes ensaios. Em 1886, no prefácio ao volume de contos *Azulejos*, Eça caracterizará o conto pela sua brevidade, pelo "risco leve e sóbrio" (Queirós, Prefácio a *Azulejos* 33). Não se poderá concluir desse prefácio que ele coloque no mesmo plano de igualdade o conto e o romance, mas convém lembrar que a obra-prima romanesca de Eça, *Os Maias*, veio a lume dois anos depois, em 1888. Depois de 1888, Eça só publicaria mais um romance, aquele em que vai mais longe no retrato *mise--en-abyme* do ofício do escritor (ou de um tipo de escritor): *A ilustre Casa de Ramires* (1897). Mas durante quase uma década, para lá da reescrita e reedição das suas obras, Eça publica vários e excelentes contos, muitos deles bem reveladores do seu nunca extinto fascínio pelo fantástico, como defende Maria do Carmo Castelo Branco (cf. estudo de 2006), entre os quais, "O defunto," "A aia" e "Civilização". Aliás, nessa última fase da vida de Eça, não é só Fradique Mendes que retorna com nova vitalidade; outros contos iniciais parecem ressurgir sob novas roupagens, como, por exemplo, "Onfália Benoiton," "Singularidades de uma rapariga loira," "A morte de Jesus," "Uma carta (A Carlos Mayer)" e "Da pintura em Portugal," entre outros. Em 1897, Eça publica na *Revista moderna* (editada em Paris) um conto magistral, "A perfeição," e a sua obra-prima no domínio contístico: "José Matias". A primeira impressão que temos no contacto com este conto é que ele glosa e dá forma ficcional às teses expostas nos contos de 1867, "Uma carta (A Carlos Mayer)" e "Da pintura em Portugal". Nesses dois textos, claramente dominados pelo fascínio por Shakespeare, Eça defende com argumentos vários que "[a] arte estuda o homem," ou que é essa a sua finalidade (Queirós, *Prosas bárbaras* 230). A sentença não pode ser mais explícita:

> E todo o livro que não estudar assim o mistério humano, será a cópia de um costume, a repercussão de uma influência momentânea, a expressão de uma ordem de caracteres superficiais, mas não será uma obra ideal. Um exemplo: a epopeia humana de Shakespeare. (Queirós, *Prosas bárbaras* 230)

Lido por vezes como uma crítica ao espiritualismo ultra-romântico, "José Matias" (cuja matriz é, possivelmente, o conto de 1867, "Onfália Benoiton"), poderá também ser lido como uma crítica à filosofia materialista, racionalista, filiada no positivismo comtiano. O funeral de José Matias é, a meu ver, o *réquiem* do realismo-naturalismo.

A riqueza desta narrativa apreende-se bem no seu desfecho, na referência do narrador a José Matias como alguém "talvez muito mais que um homem – ou talvez ainda menos que um homem…" (Queirós, *Contos* 222). Após ter passado anos a estudar José Matias, a seguir-lhe os passos, os gestos, o olhar, o narrador nada sabe sobre o seu *objecto de estudo* – porque é, afinal, de um "case study" que se trata. José Matias só interessa ao narrador da história, na medida em que é matéria para o seu "Ensaio dos fenómenos afectivos," sendo a amizade afirmada, mas não confirmada, pois a posição do narrador é sempre de exterioridade e de distância afectiva (como se vê no funeral). Como o estranho homem de "The Man of the Crowd," de Poe, que persegue o seu objecto de estudo, o narrador desta história, filósofo anónimo e autor de várias obras, procura compreender o comportamento estranho (segundo os seus padrões de normalidade) de um homem que ama uma mulher, mas que recusa o casamento, contentando-se com a sua contemplação à distância. O tema do *voyeur* poe-baudelairiano, do espectador olhando através das vidraças, é só um dos muitos aspectos perturbadores deste conto em que o leitor também se vê envolvido, e se revê claramente no famoso *dictum* "Hypocrite lecteur, – mon semblable, mon frère".

Ao contar-nos, em primeira pessoa, no estatuto de testemunha, a história do amor anormal e obsessivo de José Matias, este filósofo materialista acaba por desvelar o seu próprio comportamento obsessivo, a sua fixação e "curiosidade perversa," que se dá a ver com mais clareza pela figura da preterição:

> E depois, aproveitando a tipóia, visitei o José Matias em Arroios, não por curiosidade perversa, nem para lhe levar felicitações indecentes, mas para que naquele lance deslumbrador, ele sentisse ao lado a força moderadora da Filosofia… (Queirós, *Contos* 207)

E o momento de descoberta do ritual diário de José Matias, na sua fase extrema de degradação física e psicológica, é também o momento de revelação de que o tema do duplo é um ponto nevrálgico nesta história, igualando o papel inquietante que este tema desempenha em grande parte dos contos de Poe, mas revestindo-se aqui de outras matizes, que implicam o próprio percurso estético-literário de Eça:

> E adivinha o meu amigo como ele gastava o dia? A espreitar, a seguir, a farejar o apontador das Obras Públicas! Sim, meu amigo! Uma curiosidade insaciada, frenética, atroz, por aquele homem, que Elisa escolhera!... (Queirós, *Contos* 220).

No conto "José Matias" conhecer o Outro é, sobretudo, uma forma de se conhecer a si mesmo – ou de ensaiar esse conhecimento. Nesta narrativa queirosiana, regida pelo princípio da verosimilhança, a questão é mais de ordem epistemológica do que ontológica (ainda que

presente) e, na sua desvinculação de uma filosofia empirista, Eça reforça com este conto a modernidade estética de uma obra como *As cartas de Fradique Mendes*. À medida que o narrador conta a história de José Matias, este torna-se, gradualmente, "matéria impenetrável," um enigma indecifrável, o Mistério, na sua plenitude, porque não explicável.

Perante um filósofo-detective que declara José Matias "doente," alienado e ultra-romântico, quando confrontado com a impossibilidade de o explicar à luz do senso comum e das teorias que assimilou, o leitor confronta-se também com as suas próprias dúvidas: como acreditar neste narrador? Em que acreditar? Quem foi afinal José Matias? Neste caso, os pactos de ficcionalidade não explicam a sensação de insegurança gerada pela consciência de um narrador não credível.

Na verdade, não é só Luísa que é uma ausência; também José Matias só "existe" *no* e *mediante* o discurso do narrador, na *versão* que este nos oferece dos acontecimentos. A impressão de que regressámos, desta forma, a *O mistério de estrada de Sintra* não é de todo destituída de fundamento. Mas enquanto nessa obra, a questão das *versões*, da dupla (ou múltipla) face da verdade e dos factos era equacionada de forma lúdica (informada pela experiência queirosiana da advocacia), em "José Matias" é a desconfiança epistemológica que prevalece, na falência da filosofia positivista – e na imagem de um conhecimento refractado, mediado, sempre diferido.

Com "José Matias," Eça de Queirós leva mais longe do que nunca a sua indagação sobre a " matéria negra" que é o ser humano – deixando sem resposta as múltiplas questões que levanta. O efeito no leitor, esse só poderia ser de profunda inquietação.

BIBLIOGRAFIA

Balzac, Honoré de. *Une ténébreuse affaire. Une épisode sous la térreur*. Paris: Flammarion, 1932.

Baptista, Abel B. *O professor e o cemitério. Rusga pelo "José Matias" de Eça de Queirós entendido como percurso de assassinatos regulares*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.

Benjamin, Walter. "*Sur quelques thèmes baudelairiens*. *Charles Baudelaire, un poète lyrique à l'apogée du capitalisme*. Trad. J. Lacoste. Paris: Payot, 1979.

Braga, Teófilo. "Carta a José Fontana". *Contos fantásticos*. 3ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, s.d.

Bruno, Sampaio. *A geração nova. Os novelistas*. Porto: Magalhães & Moniz Editores, 1886.

Castelo Branco, Maria do Carmo. *Prosas bárbaras. A germinação da escrita queirosiana*. Porto: Edições Fernando Pessoa, 2006.

Gato, Margarida Vale de, e Gina Guedes Rafael. *Edgar Allan Poe em Portugal (Catálogo)*. Lisboa: U Lisboa ; Biblioteca Nacional de Portugal, 1999.

---. *Edgar Allan Poe em translação: entre textos e sistemas, visando as rescritas na lírica moderna em Portugal*. Tese Dout. U Lisboa, 2008.

Goncourt, Edmond, e Jules de. *Journal* (Tomo I). Paris: Laffont, 1989.

Luzes, Pedro "Significado do incesto em *Os Maias*. Narcisismo? Sentimento amoroso?" *Eça e Os Maias cem anos depois. Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos*. Org. Isabel Pires de Lima. Porto: Edições Asa, 1989. 117-24.

Martelo, Rosa Maria "Duplos e metades: funções da complementaridade na construção da personagem queirosiana". *Estudos de homenagem a Margarida Losa*. Org. Ana Luísa Amaral e Gualter Cunha. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. 275-83.

Monteiro, Ofélia P. "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca. «O mistério da estrada de Sintra» - I". *Revista colóquio/letras* .86 (Jul. 1985): 15-23.

---. "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca. «O mistério da estrada de Sintra» - II". Revista *colóquio/letras* .97 Maio (1987): 5-18.

---. "Um jogo humorístico com a verosimilhança romanesca. «O mistério da estrada de Sintra» - III". Revista *colóquio/letras* .98 Jul. (1987): 5-18.

Moura, Helena C. *Três versões do "Crime do padre Amaro" – edição crítica*. 2 vol. Porto: Lello & Irmãos, 1964.Essencialmente

Ortigão, Ramalho. "Os crimes do Vitorino e os contos de Poe". *As Farpas XIV* (*1873-1875*). Lisboa: Clássica Editora, 1992. 119-123.

Pereira, Maria Eduarda V. *Constituição da ficcionalidade em Eça de Queirós*. Tese Dout. U Lisboa, 1996.

Pessoa, Fernando. *Escritos sobre génio e loucura*. Tomo I. Ed. Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 2006.

Poe, Edgar A. *The Complete Tales and Poems of Edgar Allan Poe*. Harmondsworth: Penguin Books, 1965.

---. *A entrevista de Edgar Allan Poe*. Ed. Ana Maria A. Martins. Trad. Antero de Quental. Lisboa: Difel, 1993.

---. "Histoires extraordinaires". *Project Gutenberg*. Trad. Charles Baudelaire. 7 Mar. 2007. Internet. s.d. <http://www.gutenberg.org/ebooks/20761>.

---. "Nouvelles histoires extraordinaires". Project Gutenberg. Trad. Charles Baudelaire. 10 Mar. 2007. Internet. s.d. <http://www.gutenberg.org/ebooks/20790>.

Queirós, Eça de, e Ramalho Ortigão. "Um mistério da estrada de Sintra: cartas ao Diário de Notícias". *Diário de notícias* [Lisboa] 23 Jul. a 27 Set. 1870: s.p.

---. *O mistério da estrada de Sintra*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1981.

---. "Prefácio". Prefácio. *Azulejos*. Por Conde de Arnoso. Lisboa: Sociedade Editora, 1886.

---. *Prosas bárbaras*. Fixação do texto e notas Helena C. Moura. Porto: Livros do Brasil, s.d.

---. *Contos*. Fixação do texto e notas Helena C. Moura. Porto: Livros do Brasil, 2004.

Quental, Antero de. *Primaveras românticas*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

Sampaio, Maria de Lurdes. *Aventuras literárias de Eça de Queirós e de Ramalho Ortigão: da narrativa de um mistério aos mistérios de uma narrativa*. Coimbra: Angelus Novus, 2005.

Santos, Maria de Lourdes. *Intelectuais portugueses da primeira metade de oitocentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

Sequeira, Maria do Carmo. *A dimensão fantástica na obra de Eça de Queirós*. Porto: Campo das Letras, 2002.

Sousa, Maria Leonor M. "Poe in Portugal". *Poe Abroad. Influence, Reputation, Affinities*. Ed. Lois de Vine. Iowa: U of Iowa City, 1999. 115-19.

O FANTÁSTICO DE EDGAR ALLAN POE NA POÉTICA DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Fernando Hilário
Professor Auxiliar
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
fhilario@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 80-91 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 11 Jun. 2010

RESUMO

«a "angústia da influência" de Harold Blom parece ser evidente em Sá-Carneiro, e traduzir-se-á na oscilação entre a sedução da descoberta e o desejo de apropriação-inovação – há como que uma consciência que o leva, por um lado, a não desbaratar o legado que o fascina e, por outro, a inflectir no sentido da transformação, reconvertendo, parcial ou totalmente, a matéria significante de outrem numa plástica sua.»

"Essencialmente, o que aproxima Poe e Sá-Carneiro, ou o que entre eles coincide, é o desejo de a obra ser em absoluto o triunfo de uma estética discursiva ou sígnica, isto é, a capacidade inventiva de criar um *logos*, em ruptura com o instituído, que instale a desordem para uma ordem outra, que cause estranheza, e acabe, eventualmente, por se constituir em escândalo para uns e elevação para outros, como aconteceu com *Eureka,* do poeta do Corvo, e desde logo em *Orpheu 1* e *2*, respectivamente, com *Indícios de Oiro* e *Poemas Sem Suporte*, de Mário de Sá-Carneiro".

PALAVRAS-CHAVE

Poe; Sá-Carneiro: descoberta, desejo, apropriação-inovação

ABSTRACT

"the "anguish of the influence" from Harold Bloom seems to be evident in Sá-Carneiro, and it will appear in the balancing between the discovery seduction and the wish of appropriation-innovation – there is a kind of consciousness that takes him, on the one hand, not to waste the legacy that fascinates him and, on the other hand, to move towards some transformation, converting partially or totally, someone else's significant matter into its own plastic art".

What makes Poe and Sá Carneiro similar, or what they have in common, is the wish to create the absolute triumph of a discursive or semiotic aesthetics, that is, the inventive capacity to create a logos against the established, which installs the disorder for another order. This may cause strangeness and may eventually lead to a scandal for some, and fulfillment for others, as it has happened with *Eureka,* by the poet of *The Raven* , as well as with *Orpheu 1* e *2,* respectively with *Indícios de Oiro* and *Poemas Sem Suporte*, by Mário de Sá-Carneiro.

KEYWORDS

Poe; Sá-Carneiro: discovery, desire, appropriation-innovation

Há poetas que desesperadamente são os seus poemas ou a sua poesia; vestem-se por dentro e por fora dessa linguagem, vivem dela e morrem por ela e com ela. Nada lhes é tão próprio nem irremediavelmente tão fugidio como a poesia; o que dão de si ao mundo e a si mesmos são os poemas, onde se acham em experiência doída, da expressão para o exterior insatisfeita e da introspecção de um "eu" cujo encontro é sobretudo desencontro.

Sua primordial razão da vida e da morte, em Sá-Carneiro a poesia não bastou como contraponto ao mal-estar social; ela própria pretextuou a agonóstica experiência do homem e do poeta.

*

A "Angústia da Influência" de Harol Bloom (queremos dizer: a obra e a angústia em si mesma) pode ser epígrafe a abrir – e talvez a rematar – o espírito deste texto sobre "O Fantástico de Edgar Allan Poe na Poética de Mário de Sá-Carneiro".

Em rota de colisão com o politicamente correcto da actualidade, nomeadamente com a crítica literária norte-americana, que defende a cultura do "homem comum" em detrimento da noção de génio, já extremada no confronto com o espiritualismo romântico dos meados do século XIX, Bloom, sob o pretexto de ter apenas como saudável e insuspeitado objectivo levar as pessoas a ler, apresenta ao mundo os génios que, na alçada de um cânone, são objecto da sua escolha.

Numa entrevista de 3 de Fevereiro de 2003, ao jornal brasileiro *Época*, Harold Bloom dizia:

> **Leio em português com certa fluência. Gosto muito de José Saramago, somos bons amigos, embora eu não concorde com a posição dele em relação à guerra contra o terrorismo. Ele é comunista, respeito as ideias dele, mas não concordo. É um bom escritor. Em poesia, a língua portuguesa legou Camões e Fernando Pessoa. Na ficção, adoro Eça de Queirós e Machado de Assis. Considero Machado o maior génio da literatura brasileira do século XIX. Ele reúne os pré-requisitos da genialidade: exuberância, concisão e uma visão irónica ímpar do mundo. Procuro um grande poeta brasileiro vivo. Ainda não o encontrei. Conheço Carlos Drummond de Andrade e ouvi falar de Guimarães Rosa, que adoraria ler. Não sei se terei tempo.**

Nós também não sabemos se Bloom vier a ler Guimarães Rosa, o incluirá na lista dos génios do Cânone Ocidental. Edgar Allan Poe estará certamente na lista das preferências do crítico americano, mas confesso que não li o livro de fio a pavio... Também não sei se Bloom leu Mário de Sá-Carneiro (se leu, pelo menos, o bastante…), o certo é que não o inclui na sua lista de génios, de que, naturalmente, faz parte Fernando Pessoa, apesar de a um e a outro poetas não faltarem *intensidade*, *exuberância* e *loucura*, características, entre outras, que Bloom advoga como pré-requisitos para a deificação do génio. Na tradição grega, um e outro são génios, ainda que de genialidade distinta, *Daemon*, espíritos iluminados, mas parece haver génios que outros génios ofuscam, como se houvesse uma categoria da espécie que os seriasse. Ainda em vida, Pessoa foi ascendendo ao pedestal da genialidade, enquanto a Sá-Carneiro a morte existencial foi necessária para resgatar a poesia e coroá-la de Beleza.

A lista de Bloom vale o que vale, e talvez ela pouco traga de novo àquilo que já sabemos. Por outro lado, não queremos enredar-nos na discórdia que opõe Bloom aos conceitos emer-

gentes, nem trazer aqui à discussão a, hipotética, necessidade de revermos os cânones, ou de os abolirmos, e, eventualmente, reinventarmos outra visão crítica para o estabelecimento dos critérios literários que as literaturas actuais incontestavelmente reclamam. Interessa-nos, no contexto deste trabalho, apenas (re)tomar algumas definições com que Bloom defende os denominados poetas fortes (ou geniais), para, partindo delas, situarmos a problemática das influências de Mário de Sá-Carneiro. Para o popular crítico nova-iorquino, um génio "é o autor capaz de mudar a história," e as respectivas obras devem ser vistas como biografias a marcar indelevelmente as sincronias e a diacronia dos lugares e dos tempos e não "consideradas apenas como meras manchas nas páginas do tempo". Na definição de Bloom, génios são também "aqueles que não se submetem às leis dos seus predecessores". Reter ainda do crítico a ideia de que "a literatura não passa de uma luta entre fracos e fortes, ao mesmo tempo que a crítica literária vai determinando as batalhas entre uns e outros".

A grande literatura – vamos dizê-la assim – é sempre imperfeita ou incompleta, até ao aparecimento da obra do autor que faltava, isto é, que ainda não tinha sido escrita, apresentada original, peculiar. Mas este momento redentor, o seu advento, apenas relança esse sentido de imperfeição. De algum modo, estamos sempre à espera que no surgimento de cada novo autor se dê a superação do autor anterior – não o aniquilamento da sua obra, mas uma revitalização que na actualidade onde nos encontramos se apresente como uma espécie de ultrapassagem e se fixe, nessa sincronia, redentora. António Lobo Antunes, na entrevista que dá ao JL de 7 a 20 de Outubro de 2009 (Antunes 24), em resposta à pergunta: "A sua obra pode vir a ser entendida como paradigma de uma época ou precursora de algo?", oscilando entre modéstia e vaidade, o autor de *Memória de Elefante* diz:

> Eu não quero ser precursor de nada. Eu quero realizar. E o que espero da vida é só isso: mais alguns livros. Nesse aspecto não mudei. Só peço tempo para escrever e acabar o meu trabalho. Mas já que fala nisso, só posso deixar a pergunta: «Depois destes livros poder-se-á escrever da mesma maneira?»

Bem, respondemos nós, é essa superação que estamos sempre aguardando, a única que faz sentido no devir da literatura.

Sabemos que do processo de estudo de um autor, e também da sua eventual consagração, faz parte encontrar-lhe as influências. Por assim dizer, não há autor a quem a Crítica não tenha feito o levantamento das influências. Como refere Eduardo Lourenço, "o crítico tem esse lugar cativo na arena das novidades de baixar o polegar ou de o erguer condenando à morte ou à glória". E essa decisão passa em muito pelo achar no novo livro boas influências. Trata-se, todavia, de um processo natural e de todo em todo necessário para a aferição da intertextualidade. Nem sempre, porém, as influências que se acham no autor são referências certeiras. Também não raro, essa espécie de obsessão pela descoberta da influência acaba por descorar o que, eventualmente, possa haver de original no novo autor. Como referiu Ruy Belo, "o processo de levantamento das influências pelo leitor ou pelo crítico, além de exigir um grande amor pela obra lida ou criticada, requer uma grande cultura" (285). Entendemos essa cultura, enquanto capacidade não só de identificação das influências, mas também o grau de uso que delas faz o autor influenciado. Desde logo interessa saber distinguir o que apenas é casual – aquilo que apenas se inscreverá num quadro banal de decorrência – do que é pertinente considerar para o campo da influência. Depois, interessa determinar se a influência se manifesta por um mero retomar-repisando, ou se ela adquire um significado novo.

Nem sempre o trabalho de medição da influência é, como sabemos, fácil. Por vezes, há circunstâncias de ordem pessoal, textual, cultural e epocal que condicionam a análise das influências, lançando os leitores e os críticos em pistas falsas.

A poesia e a novelística de Mário de Sá-Carneiro devem entender-se na relação estabelecida com a literatura do fim-de-século ao tempo do *Orpheu*, enquanto diacronia de espaço singular e prolixo do confronto da tradição-vanguarda, tempo profícuo de assimilações e/ou rejeições que convoca os criadores e permite distingui-los na intertextualidade suscitada. Neste enquadramento analítico, a obra de Sá-Carneiro revela-se, não tanto a de uma literatura em tentativa de ajustamento às solicitações modernistas, mas antes uma relação identificada ou conformada, afirmada em permanente intensidade, com os requisitos estético-literários, mas "ungidos do Novo," que a Modernidade em curso reclamava. Da dança dos *ismos*, Sá-Carneiro participa, não como um aprendiz, mas mais como um executante dos passes essenciais. A adopção do Sensacionismo é nele intensa, frenética; "nenhum sensacionista foi mais além do que Sá-Carneiro," considerou Pessoa. Por outro lado, não precisou de Paúis para entrar no Paùlismo, pois "já lá estava ou já o era, existencial e poeticamente, paùlico (M. F. 69); como refere Maria Aliete Dores Galhoz, "A ele, o paùlismo é adequação íntima e vital. Corresponde à obsessiva canção de um ego em enamoramento reflexo, denso e fruste, queixoso de libertação e amargado de grotesco" (XXXVIII). E, pela estética privilegiada do "eu" e do envolvimento do objectivo com o subjectivo, para a expressão psíquica do tédio, em resultado do Decadentismo e, sobretudo, do anseio de "um além," participa intensamente do Interseccionismo.

As influências literárias de Sá-Carneiro aparecem recorrentemente numa lista onde constam os nomes de Edgar Allan Poe, Oscar Wilde, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Fiódor Dostoievski, Cesário Verde e António Nobre. Alguns destes nomes são pertinentes para a influência objectiva, outros, nem tanto, e à luz de que tudo é influência ou a negação dela, todos serão admissíveis. Neste sentido, isto é, considerando que a literatura é uma herança à disposição do autor que a lê e que se deixa ou não influenciar por esta ou aquela obra, por este ou aquele momento literário, a lista bem pode ser mais inflacionada.

As influências de Sá-Carneiro podem ter começado em Victor Hugo, em Gothe e Schiller, autores que traduziu com 15/16 anos de idade. Podem ter começado, também, na tradução, em parceria com António Ponce de Leão, da peça *Les Fossiles*, de François de Curel. E, por estudos mais recentes, sobretudo os produzidos nos anos 90 do século passado, sabemos que há influências ou ligações a Gonçalves Crespo, Mário Beirão, Eugénio de Castro, Raul Brandão, Verlaine, Camilo Pessanha e, eventualmente, outros. É uma lista longa. Mas a influência também terá estado presente quando, com doze anos de idade, Sá Carneiro escreveu os seus primeiros poemas…

Antes de prosseguirmos pelos campos das influências de Sá-Carneiro, relembremos as que ele próprio testemunhou em discurso directo ao Inquérito do jornal *República*, de Abril de 1914 – texto em prosa, mas como se fosse pela linguagem a dramatização de um texto poético, um discurso da influência já assimilada e revertida às particularidades estilísticas do sujeito, aos seus referentes ontológicos, o que fará jus à apreciação que Pessoa lhe fez: "Génio não só da arte como da inovação dela".

> À minha vibração emocional, a melhor obra de Arte-escrita dos últimos trinta anos (que a Arte timbra-se para os nervos a vibrarem e não para a inteligência medi-la

> em lucidez) é um livro que não está publicado – seria com efeito aquele, imperial, que reunisse os poemas inéditos de Camilo Pessanha, o grande ritmista. Ouvindo pela primeira vez dos seus versos, fustigou-me sem dúvida uma das impressões maiores, mais intensas a Ouro e gloriosas de Alma, da minha ânsia de Artista. Rodopiantes de Novo, astrais de Subtileza, os seus poemas engastam mágicas pedrarias que transmudam cores e músicas, estilizando-as em ritmo de sortilégio – cadências misteriosas, leoninas de miragem, oscilantes de vago, incertas de Íris. Pompa heráldica, sombra de cristal zebradamente roçando cetim…
>
> No entanto, para falar de obras impressas, citarei como preferidas o *Só* de António Nobre, nas suas ternuras de pajem, saudades de luar, febres esguias – e ainda, frisantemente, o livro do futurista Cesário Verde, ondulante de certo, intenso de Europa, ziguezagueante de Esforço.

Para além desta declaração da influência, que diríamos coerciva, Sá-Carneiro reconhece também as "imitações" que faz, por exemplo, de Cesário Verde (cf. Carta a Fernando Pessoa, de 10 de Março de 1913, *Cartas I,* 86) e de Camilo Pessanha, como no caso do poema "Partida," entre outros. Neste assumir da hipertextualidade diante do hipotexto, a "angústia da influência" de Harold Blom parece ser evidente em Sá-Carneiro, e traduzir-se-á na oscilação entre a sedução da descoberta e o desejo de apropriação-inovação – há como que uma consciência que o leva, por um lado, a não desbaratar o legado que o fascina e, por outro, a inflectir no sentido da transformação, reconvertendo, parcial ou totalmente, a matéria significante de outrem numa plástica sua. Esta espécie de contaminação da intertextualidade, tê-lo-á levado, por exemplo, a (re)utilizar o início do primeiro verso do poema "Sozinho," de Ângelo de Lima, ("Quando eu morrer…"), para abertura de "Fim," escrito em Paris, cinco anos, pelo menos, após a publicação da composição do poeta de Rilhafoles[1]. Expondo os dois poemas perspectivas diferentes sobre o cortejo fúnebre da morte (um: trágico-dramático; outro: trágico-cómico) e onde se adivinha a influência de António Nobre, ambos, porém, traduzem uma crise similar da existência terrena dos dois poetas, para quem a poesia foi uma tentativa de ligação à vida, mas também uma inevitável separação (…)

Porém, algo ao arrepio destas considerações, é interessante reflectirmos sobre a posição que Pessoa toma, em carta a João Gaspar Simões, sobre as influências de Pessanha em Sá-Carneiro:

> Eu conhecia, de cor, quase todos os poemas do Pessanha, por mos ter várias vezes dito o Carlos Amaro. Comuniquei-os ao Sá-Carneiro, que, como é de supor, ficou encantado com eles. Não vejo, porém, que tenham influenciado o Sá-Carneiro em qualquer coisa. Uma grande admiração não implica uma grande influência, ou, até, qualquer influência […]

1 Publicado por A. Forjaz de Sampaio, no n.º 286 de *Ilustração portuguesa*, em 14 Ago. 1911, 214, com a indicação de ter sido escrito em Rilhafoles.

> Ora Sá-Carneiro tinha em si mesmo, ou de outras influências, tudo quanto o Pessanha lhe poderia dar, quando primeiro ouviu, como ele diz, "dos seus versos". (Pessoa 80)

Não sabemos bem como interpretar este juízo de Pessoa. Se aceitarmos como sérias e fundamentadas as suas posições, teremos de admitir que, a não haver influência de Pessanha em Sá-Carneiro, há identificação. Como adianta Fernando Cabral Martins,

> O teor dessa influência é, afinal de contas, entendido do modo mais radical, pois se trata de uma verdadeira incorporação: dizer "influência" é inútil – há identificação. E Pessanha é só o nome que pode tornar em si [Pessoa] como em Sá-Carneiro, a presença "natural" de "certos elementos". (196)

Da suposta influência que alguns querem ver – ou vêem – de Pessoa em Sá-Carneiro, há uma ideia, a nosso ver, moribunda, de que, imbuído pela amizade comum e da ânsia partilhada do Novo, o poeta suicida terá tentado imitar a despersonalização do poeta dos heterónimos. Como bem observa José Augusto Cardoso Bernardes, "Por detrás desta ideia está, evidentemente, a crença de que o poeta do «Quase» foi essencialmente um discípulo de Pessoa". (164).

Ora, em Sá-Carneiro há um só "eu," ainda que confrontado com um Eu-Outro, e essa concentração, apesar de reclamada dispersiva, devolve-se, por (in)transitividade, ao campo discursivo de um só sujeito. O Eu-Outro não se desdobra; vive em permanente tensão, envolvendo-se nas temáticas de Dispersão, Loucura, Sonho, Amor, Vida e Morte. A obra de Sá-Carneiro pauta pelo permanentemente irresolvido, vivendo nessa e dessa tenção, que só a morte, das existências real e poética, trará solução. Assim, em Sá-Carneiro, fará mais sentido aceitar a alteridade, não como um projecto fracassado, como entendeu Dieter Woll, mas antes por uma tensão agonística que o poeta, objectivamente, não pretendeu ou não quis resolver (…) De qualquer modo, bem diferente das questões de alteridade do ortónimo Pessoa, que, analiticamente, se desdobra em outros, cuja existência "real" e literária ele próprio estabelece, e, num fantástico fingimento, cria, por exemplo, Caeiro mestre de si mesmo, Bernardo Soares, um humilde ajudante de guarda-livros que escreve em prosa requintada a sua "autobiografia sem factos," e Álvaro de Campos o seu editor, em *Orpheu*, que desse modo se torna (o Pessoa homem e o poeta ortónimo) leitor do heterónimo. É, pois, um projecto maquinado, uma auto-encenação de intriga, que, sendo de um universo essencialmente literário, o homem não deixa de estar por detrás, e cuja concretização, não isenta de sobressaltos, Pessoa, com as suas "personalidades fictícias," vai resolvendo.

Em Sá-Carneiro, o "drama em gente" não tem expiação efectiva em um Eu-Outro; não há lugar nem tempo concretos para a exorcização, esta prevalece em estado de permanência lactante (…)

Sobre as aproximações da obra poética de Sá-Carneiro aos surrealistas, Cesariny afirmou:

> O que saudamos em Mário de Sá-Carneiro não é, de modo algum, a «dispersão do ser» […], mas sim a recusa de ser, este, aquele, aquilo, isto, ou aqueloutro («eu não sou eu nem sou o outro», diz o poeta) que leva à descoberta de associações cinéticas tão prodigiosas como as do poema «Rodopio».

Para José Régio, o defensor presencista do conceito de Literatura Viva, "aquela que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria" (*Presença*, n.º 1), o génio não era Pessoa, sim Sá-Carneiro, donde irrompia "*a lúcida inconsciência* do verdadeiro criador: o criador por fatalidade, por doença, por dom dos deuses, pelo quer que seja" (Cf. Lisboa 220), e não o analítico, raciocinado, consciente, voluntário e fingido Fernando Pessoa. Das publicações de Régio sobre os homens do Primeiro Modernismo, ressalta sempre uma certa indignação pelo facto de Sá-Carneiro, para ele o poeta verdadeiramente genial dessa geração, persistir na sombra da notoriedade ascendente de Fernando Pessoa. Num artigo publicado em 3/4/1946, n'*O Primeiro de Janeiro*, ao referir-se a "Caranguejola," de Sá-Carneiro, Régio afirma:

> **Sobre o seu senso do Mistério, (ou, diria eu, a sua intimidade com o Sobrenatural) escreveu Fernando Pessoa que excedia o dum Mestre incontestado no género, Edgar Poe. O seu poder de luxuriante invenção metafórica porventura terá influenciado o mesmo Fernando Pessoa. E, não obstante os fragmentos de cabotinismo ou esteticismo superficial que se peguem ainda a algumas das suas criações mais sérias; não obstante certo excessivo particularismo – que dum ponto de vista é força, doutro é deficiência – dos seus sentimentos e ainda das suas sensações, impõe-se-nos a obra desse poeta excêntrico por uma sinceridade irreprimível, irresponsável, directa, que bem raras vezes, palpamos na do seu amigo e rival.**

Todavia, sobre esta adesão de Régio a Sá-Carneiro, em quem o poeta do *Cântico Negro* via consubstanciada a sua máxima "a superior ingenuidade de toda a criação sincera" e que a não enxergava na obra de Pessoa, é interessante lembrar a *Filosofia da Composição*, de Edgar Alan Poe, segundo a qual um poema deve ser construído como se projecta uma barragem, usando-se "cálculos rigorosos dos efeitos a produzir e dos ingredientes a utilizar" (…) Mas, em Poe, a criação literária reverterá do compromisso entre uma imaginação fantástica com uma construção cogitada, aspectos que levam Pessoa a "exaltar a superioridade do correligionário Mário de Sá-Carneiro sobre a "imaginação visionadora do estranho" (Cf. Gato 23).

Parece ser de todo consensual que o legado do fantástico de Edgar Allan Poe, entre nós, para além de já ter tocado indelevelmente a Geração de 70, foi igualmente flagrante entre simbolistas e decadentes e na consequente confluência destas estéticas na vanguarda do Primeiro Modernismo Português[2]. O Simbolismo, na sua concepção de uma *estética sem estética declarada* e, em essência, considerado o triunfo do espiritualismo sobre o materialismo (por ventura, a instância fundadora da obra de Poe), favorece as interpretações míticas e feéricas do mundo, já traduzidas nas obras de Albert Samain e Gustave Kahn, ao mesmo tempo que susceptibiliza o efeito de fantástico. Em algumas narrativas de Raul Brandão, de Fialho de Almeida e de António Patrício, a influência do fantástico de Poe fora já ensaiada, ainda que se restringisse ao papel de, simbolicamente, acentuar a realidade, surgindo, portanto, como uma consequência e não em um processo de narratividade.

2 O consenso sobre a influência de Poe no Primeiro Modernismo não é extensivo ao entendimento que tiveram alguns presencistas. Sobre este assunto, veja-se *Edgar Allan Poe em Portugal* (pp. 24-25 e nota 19), de Margarida Vale de Gato.

Na experiência modernista, o fantástico de Poe incorpora o ficcional da prosa e da poesia, participando na construção estética das linguagens que visam a repercussão do insólito, do anómalo e do indizível. A tradução de Poe por Fernando Pessoa coincide com o tempo de preparação da heteronímia, e sabemos do impacto que a tradução criativa entretece na conflitualidade entre sedução e desejo voluntário de traição, ou de apropriação-transformação, confronto decisivo para aqueles que, deixando-se influenciar, "não se submetem às leis dos seus predecessores," como defende Harold Bloom.

Associada à, provável, influência decisiva de Walt Whitman, enquanto exemplo de força anímica para a demanda de Pessoa rumo a uma literatura singular, consubstanciada pela pluralidade literária dos heterónimos, a influência de Poe é central para a estética da verbalização desses discursos. Por outro lado, no campo da ficção, refira-se, como exemplo peculiar, o projecto pessoano de novelas policiais, cujo protagonista, o detective Quaresma, revela acentuadas parecenças com o Dupin, de Poe. Das experiências ficcionais de Pessoa parece ser também evidente a influência do conto *Thou Art the Man*, de Poe, na novela *Um jantar muito original*, de Pessoa[3]. Todavia, para estes e outros exemplos, não devemos perder de vista que a influência dos autores geniais nunca é um processo apenas adstrito a casos específicos, resultará antes da assimilação de todo o legado literário que lhes chega e da sua capacidade inventiva em transformá-lo.

Na novelística de Sá-Carneiro (e também na poesia), as afinidades com a narrativa de Poe podem ser identificáveis pela presença do "eu" do autor como personagem do espaço ficcional e no estatuto autodiegético – personagens reais e aí tornadas verosímeis, envolvidas no psiquismo do *ser e não ser*; também na criação do macabro e do sobrenatural, do aliciante policial de mistério e terror, na combinação dos factores reais com o fantástico e na obsessão tematológica do Sonho, da Loucura e da Morte, como tentativa de decifração do oculto e do insondável. O recurso à Cor, quer pela sugestão da sua simbólica ou da conotação metafórica, quer pelos efeitos sinestésicos, intensificadores da poeticidade da linguagem, sendo aspectos centrais da influência de Poe em Baudelaire, por exemplo, prevalecem na estética de Sá-Carneiro, como se este antes de se deixar influenciar pelo Simbolismo ou em especial por algum dos seus poetas, tivesse aprendido a lição de cromática (não diremos a da aritmética dos espaços…) de *A máscara da morte rubra*, de Edgar Allan Poe. Relembremos uma passagem dessa obra:

> A cor dos vitrais dessas janelas variava de acordo com a tonalidade dominante na decoração do salão para o qual se abriam. O da extremidade leste, por exemplo, era azul e de um azul intenso eram as suas janelas. No segundo salão os ornamentos e tapeçarias, assim como as vidraças, eram de cor púrpura. O terceiro era inteiramente verde, e verdes também eram os caixilhos das janelas. O quarto estava mobilado e iluminado a cor-de-laranja, o quinto era branco, e o sexto, roxo. O sétimo salão estava todo coberto por tapeçarias de veludo negro, que pendiam do tecto e das paredes, caindo onduladas sobre um tapete do mesmo material e tonalidade. Mas apenas neste salão a cor das janelas não correspondia à das decorações, as vidraças eram escarlate uma violenta cor de sangue. (Poe 179)

3 A abordagem comparativa às duas obras referidas, foi tratada por Maria Leonor Machado de Sousa, em "Fernando Pessoa e a Literatura de Ficção" (*Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoanos*. Brasília Editora, 1978).

Mas, essencialmente, o que aproxima Poe e Sá-Carneiro, ou o que entre eles coincide, é o desejo de a obra ser em absoluto o triunfo de uma estética discursiva ou sígnica, isto é, a capacidade inventiva de criar um *logos*, em ruptura com o instituído, que instale a desordem para uma ordem outra, que cause estranheza, e acabe, eventualmente, por se constituir em escândalo para uns e elevação para outros, como aconteceu com *Eureka,* do poeta do Corvo, e desde logo em *Orpheu 1* e *2*, respectivamente, com *Indícios de Oiro* e *Poemas Sem Suporte*, de Mário de Sá-Carneiro.

A literatura é, para Mário de Sá-Carneiro, o palco onde o escritor leva a cena a sua vida real e fantástica, de um Eu em Outro, vivida em conflito agónico. Um palco, diríamos construído por ele à sua medida, isto é, cuja linguagem formal se apresenta, simultaneamente, transgredida e transgressora, armadilhada em uma didascália que os dois actores, o Eu real e o Eu autor, recebem do poeta, do prosador ou do dramaturgo. Um palco onde o "eu" carrega sobre ele o peso insuportável dos seus próprios pronomes pessoais, o me e o mim, que o fustigam pela incapacidade de conseguir possuir algo ou alguém, a incapacidade do afeiçoamento, da amizade ou do sexo. É o palco do "eu," em transe por uma outra alteridade, sempre (in) transitiva, obsessivamente indagada, dir-se-ia como uma demência, em alguns casos, num síndrome adolescente ou mesmo de anseio infantil, nunca todavia lograda e talvez nunca "verdadeiramente" desejada resolvida, como já antes ousamos defender.

Para tentativa de grafar em texto o mal-estar, o escritor privilegia ou exibe um discurso singular, Novo, feito de ataques à gramática castradora, à língua servil, cujas liberdades e originalidades o ar experimentalista dos *ismos* do Modernismo propiciava – um discurso de delírio verbal, mas talvez o único passível de pôr em consonância um dizer inefável, ou seja, de dar dimensão própria, pessoal e adequada ao drama da vida e ao drama fantástico da Poesia, enquanto expressão plástica, cuja redenção é a verdade ou a seriedade posta nessa linguagem. Também o compulsar de uma alienação diante de uma implacável lucidez. Neste face a face, o que se exibe é uma *Dispersão*, tragédia numana real, e, ao mesmo tempo, metafísica. O que se exibe é a dramaticidade do tédio e do "Além-tédio," da ascensão instante e do regresso inevitável à dor, do cansaço do vivido e de um outro viver desejado em um outro. O que se exibe é uma *Confissão de Lúcio*, um retrato, hipotético em versão portuguesa de Dorian Gray, de Oscar Wilde, mas narrativa fantasmática, cujo fantasma é o "eu" discursivo do artista Sá-Carneiro, a sua tentativa de autognose, a perscrutação da sua libido (…)

A Elevação no ar, "Um pouco mais de azul – eu era além," e "Um pouco mais de sol – eu era brasa" são ânsias que se evolam em desígnio de perda irremediável. Na metáfora do fogo, já estabelecida por David Mourão-Ferreira, a vida de Sá-Carneiro ardeu em imagem poética sensacionista e sensorial; também da cor, do ar, da antítese da água que queima, do delírio alcoolizado em que o poeta se lançou, levando com ele o homem, à consumição.

O fascínio pela morte, que acaba por se concretizar em vida no suicídio do homem, foi sendo encenado gradativamente ao longo da obra, num desempenho fantástico que encenou o fantástico da vida real.

Na transferência da vida para o campo literário e na refrega dorida dos "eus," morre o "eu" real Sá-Carneiro, mas glorifica-se o "eu" poético. E nesse fado se terá achado, irremediavelmente, a doar a vida de homem para a assumpção gloriosa do poeta e da poesia, encontrados no desenlace trágico da morte.

O que a literatura de Sá-Carneiro nos lega é a encenação de uma peça teatral, anómala sob múltiplos aspectos; em síntese, a teatralidade de uma loucura que anda na rua, "assim como a de Ângelo de Lima," dizia ele ao seu companheiro dilecto do Orpheu; mas, sobretudo, uma loucura procurada, vertida nos textos, uma loucura poética, capaz de buscar o oculto e o insondável no mais além, de ânsias paúlicas e, mesmo que o poeta o negasse, de projecção futurista – afinal, de repercussão simbolista ou neo-simbolista, decadentista, nefelibata ou romântica, de um "eu" romântico, extremado, extrapolado, febril, dramático, trágico, tremendamente sentimental, de razão desviante, possesso de uma vida de morte. Nesse quadro de Belo Fantástico (à Edgar Allan Poe) de um Céu em Fogo, Sá-Carneiro é, então, o herói Ícaro que de tanto se aproximar do fogo arde nele em atracção fatal. Ao arder, consubstancia-se o desejo de mudança, de antecipar o tempo ou de abreviá-lo, pelo termo da vida. Dá-se, então, o encontro tantas vezes levado a cena ao longo da vida e da obra, e cumpre-se a Poesia de um dos mais singulares poetas da literatura universal.

No plano das influências, que são múltiplas, assimiladas e repercutidas em direcções diversas, a obra de Sá-Carneiro revela uma atracção, dir-se-ia febril, pela codificação e reconstrução das linguagens que mais intensamente sonorizem as características psíquicas em expressão nos textos; de algum modo, que susceptibilizem ou promovam o literário em detrimento do real. Na tradição do simbolismo, de Baudelaire e, sobretudo, no enunciado de Mallarmé, de que a arte deve ser essencialmente sugestão, a arte de Sá-Carneiro desenha-se intensa, em sintaxes múltiplas, significante, provocadora, fantástica, idealizada em sonho, na direcção, afinal, para onde o Modernismo apontava. Desta ideia de arte metafísica, leia-se um excerto de uma carta de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa:

> Como se a intelectualidade se não pudesse conter na arte! Meios-artistas aqueles que manufacturam, é certo, a beleza mas são incapazes de a pensar – de a descer. Não é o pensamento que deve servir a arte – a arte é que deve servir o pensamento, fazendo-o vibrar, resplandecer – ser luz, além do espírito. Mesmo, na sua expressão máxima, a Arte é Pensamento […] Ah! Como eu amo a Ideia! (Sá-Carneiro 130)

BIBLIOGRAFIA

Belo, Ruy. *Na senda da poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

Bernardes, José A. "Mário de Sá-Carneiro, aqueloutro". Revista *colóquio/ letras* .117/118 (Set. 1990): 163-168.

Duarte, Luís R. "Entrevista: António Lobo Antunes - a vida toda". *Jornal de Letras* 7 Out. 2009: 22-24.

Galhoz, Maria A. "Estéticas do modernismo em Orpheu". *Orpheu*. Lisboa: Ática, 1984. XXXIII--XLVIII.

Gato, Margarida Vale de, e Gina Guedes Rafael. *Edgar Allan Poe em Portugal (Catálogo)*. Lisboa: U de Lisboa ; Biblioteca Nacional de Portugal, 1999.

Hilário, Fernando. *A loucura de Ângelo de Lima. Eu sinto sempre o que escrevo*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

Lima, Maria A. "A morte do artista em 'a estranha morte do professor Antena,' de Mário de Sá-Carneiro e outros casos estranhos de Edgar Alan Poe". *Actas do I congresso internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada – Estudos Culturais*. Universidade de Évora. 2001.

Lisboa, Eugénio. "José Régio e Mário de Sá-Carneiro: as afinidades electivas?" *Revista colóquio/letras* .117/118 (Set. 1990): 215-223.

Martins, Fernando C. "Pessanha e Sá-Carneiro, intersecções". *Revista colóquio/letras* .117/118 (Set. 1990): 117-118.

Pessoa, Fernando A. *Cartas a João Gaspar Simões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

Poe, Edgar A. "A máscara da morte rubra". *200 Antologia Comemorativa dos 200 anos de Edgar Allan Poe*. Parede: Saída de Emergência, 2009. 179-188.

Régio, José. *Presença 1*. Coimbra, 1927.

Sá-Carneiro, Mário. *Cartas a Fernando Pessoa, I-II*. Lisboa: Ática, 1973.

Sampaio, A. F. "No Title". *Ilustração portuguesa*. 1911. 214.

Sousa, Maria L. "Fernando Pessoa e a literatura de ficção". *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoanos*. Porto: Brasília Editora, 1978.

OS SURREALISTAS E EDGAR ALLAN POE: ATRACÇÃO/REPULSA FATAL

Maria de Fátima Marinho
Professora Catedrática
Faculdade de Letras
Universidade do Porto, Porto, Portugal
msaraiva@letras.up.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 92-100 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 06 Mai. 2010

RESUMO

No presente ensaio, pretende-se analisar em que medida o texto de Cesariny "a edgar allan poe," incluído em *Pena Capital*, se apresenta como uma paródia de vários contos do autor de "The Assignation".

Oscilando entre a atracção pelo imaginário de Poe, repleto de pequenos detalhes que agradam aos surrealistas, e a repulsa por um universo que aposta na dedução e na história logicamente construída, mesmo se essa construção obedece frequentemente a um cânone que se afasta do realista, Cesariny escreve um poema que retoma frases, personagens, situações, de contos do escritor americano, numa espécie de homenagem subversiva ou de paródia irónica.

PALAVRAS-CHAVE

Surrealismo, *nonsense*, romance gótico, horrível

ABSTRACT

The objective of this essay is to discuss to what extent Cesariny's text "a edgar allan poe," from his work *Pena Capital*, can be regarded as a parody of various short stories by the author of *The Assignation*.

Showing both his fascination for Poe's imaginary world, full of surrealist details, and his repulsion towards a universe based on strict deduction and on a logically constructed story (even when this logical construction does not follow the canon of realism), Cesariny writes a poem where sentences, characters, and situations drawn from the American author's short stories give rise to a sort of subversive homage or ironic parody.

KEYWORDS

Surrealism, nonsense, gothic novel, horrible

André Breton, no primeiro Manifesto do Surrealismo, ao explicitar as diferenças que separam a nova atitude de anteriores correntes ou escolas, chega a uma definição, por demais conhecida, onde a tónica parece ser a de recusar qualquer filiação estética e qualquer preocupação de harmonia formal ou analítica (Breton 37). A importância que é dada ao ditado do pensamento e à ausência de controlo exercido pela razão são motivos mais do que evidentes de que as novas experiências aspiram a propósitos diferentes e, até, antagónicos e que, por isso, deverão servir-se de mecanismos revolucionários e, porque não, chocantes. Depois da definição de Surrealismo, dada como se de uma entrada em dicionário ou enciclopédia se tratasse, o que acentua o seu carácter transgressivo em relação a anteriores escolas, Breton parece sentir a necessidade de demonstrar a originalidade dos processos agora preconizados, simulando realçar detalhes insólitos em autores de séculos anteriores, ao afirmar e negar simultaneamente possíveis afinidades. Ouçamos Breton:

> Et certes, à ne considérer que superficiellement leurs résultats, bon nombre de poètes pourraient passer pour surréalistes, à commencer par Dante et, dans ses meilleurs jours, Shakespeare. *Au cours des différentes tentatives de réduction auxquelles je me suis livré de ce qu'on appelle, par abus de confiance, le génie, je n'ai rien trouvé qui se puisse attribuer finalement à un autre processus que celui-là.* (Breton 38)

E o processo é o de enumerar nomes de autores, atribuindo-lhes um pequeno detalhe, não raro irónico ou grotesco, que Breton considera como passível de ser considerado surrealista. Esta enumeração que engloba nomes tão díspares como Young, Sade, Vítor Hugo ou Rimbaud, contempla também Edgar Allan Poe, considerando-o surrealista na aventura ("Poe est surréaliste dans l'aventure," Breton 39). Poder-nos-íamos perguntar que característica(s) é(são) essa(s) que o transforma(m) num escritor que, embora liminarmente (não ouviu a *voz surrealista*, como diz Breton, "ils n'avaient pas entendu *la voix surréaliste,*" Breton 39), não repugna incluir num número restrito de criadores que se destacam pela pertença a um universo parcelarmente afim.

A resposta não é fácil porque não é linear. Sabemos que a novidade traz sempre como herança elementos do passado, mesmo se o recusa ou dele se distancia consciente e formalmente. Há pormenores, tópicos, métodos de Poe que não repugnam, antes pelo contrário, aos surrealistas. E a prova é, por exemplo, um poema de Mário Cesariny de Vasconcelos, intitulado "a edgar allan poe" do livro *Pena Capital*, publicado pela primeira vez em 1957. É ainda Breton quem, no *Second Manifeste du Surréalisme*, de Dezembro de 1929, alude a Poe a propósito da narrativa policial, desdenhando, ironizando, maltratando o método dedutivo, lógico, típico do policial e, aparentemente, contrário aos princípios surrealistas:

> N'est-ce pas une honte de présenter sous un jour intellectuellement séduisant un type de policier, *toujours de policier*, de doter le monde d'une *méthode* policière? Crachons, en passant, sur Edgar Poe. (Breton 81)

É curioso que, depois da última frase citada, Breton ponha em nota a tradução para francês da nota, em inglês, evidentemente, colocada por Poe ao conto "The Mystery of Mary Roget" (Poe 151), onde este explica os elementos de que se serviu para a elaboração da trama. A explícita rejeição do método de Poe não contraria o fascínio que ele exerceu, devido aos múltiplos ingredientes semelhantes usados por um e outros, mesmo se se parte de postulados diversos e se se pretende atingir fins opostos. Não deixa de ser interessante fazer uma correlação entre a célebre frase de Breton que define o acto surrealista mais simples, "L'acte

surréaliste le plus simple consiste, revolvers aux poings, à descendre dans la rue et à tirer au hasard, tant qu'on peut, dans la foule". (Breton 78), e os princípios subjacentes ao conto "The Murders in the Rue Morgue" (Poe 126-50), onde um orangotango mata duas senhoras, num acto gratuito, não motivado e imprevisível, escapando, por isso, à dedução policial. Aliás, este conto inicia-se por considerações várias sobre o raciocínio analítico, subjacente a muitos jogos, como o xadrez e o whist, transpondo as regras desses jogos para o discurso do narrador que acaba por chegar à descoberta do enigma por deduções lógicas que não andam longe das usadas pelos bons jogadores. A gratuidade do duplo homicídio perpetrado pelo orangotango não se afasta em essência das experiências do cadáver esquisito e dos diálogos automáticos que caracterizaram os primórdios do surrealismo. Claro que estes procuravam o ditado do pensamento e o funcionamento do inconsciente e Poe não reflecte o mesmo tipo de preocupações. No entanto, a ausência de lógica, a sensação de estranheza e, até, de *nonsense*, não deixam de ser perturbadoramente semelhantes.

E a verdade é que Cesariny, como dissemos, não resiste a dedicar-lhe um poema e a transfigurar algumas das suas personagens (Marinho 379-81), salientando-lhes os detalhes mais tétricos, mais terríveis ou mais desconcertantes. São cinco os contos evocados e são quatro as personagens que são expressamente nomeadas: Ligeia, do conto homónimo (Poe 590-600); Morella, também do conto do mesmo nome (Poe 601-04); Roderico, de "The Fall of the House of Usher" (Poe 207-20); Mentoni, de "The Assignation" (Poe 264-72). O conto "A Descent into the Maelström" (Poe 114-25) é convocado através da referência a Maelström e ao redemoinho mortífero de uma tempestade no mar.

No início do poema e antes de referir as personagens e o local citados, Cesariny recorre obsessivamente aos possessivos, que parecem definir o destinatário virtual através de uma série de atributos que facilmente reconhecemos como pertencentes às personagens a seguir explicitamente referidas. Os vários versos remetem para os contos citados, de modo indirecto, mas inequívoco.

Como não recordar o episódio da morte da criança em "The Assignation," quando lemos

> Minha criança grande escorregando pelos braços da mãe quando mil candelabros dardejando nas escadas dos palácios anunciavam um corpo delicado e quente (Vasconcelos 49)?

Transcrevo a passagem de Poe para percebermos o tipo de transposição que ele efectua, num processo paródico que releva mais da evocação e da reminiscência do que da simples colagem:

> Like some huge and sable-feathered condor, we were slowly drifting down toward the Bridge of Sighs, when a thousand flambeaux flashing from the windows, and down the staircase of the Ducal Palace, turned all at once that deep gloom into a livid and preternatural day.
>
> A child, slipping from the arms of its own mother, had fallen from an upper window of the lofty structure into the deep and dim canal. (Poe 264-65)

A apropriação das imagens, de que poderíamos multiplicar os exemplos, intensificada pelo uso do possessivo, legitima a leitura paralela, mesmo se percebemos que a "criança grande"

de que fala Cesariny não é exactamente a pequena criança que cai ao canal no conto do escritor americano, tal como a "minha caranguejola de diamante entre a vida e a morte a graça e a desgraça a verdade e o erro" (Vasconcelos 49) não corresponde *ipsis verbis* às hesitações do narrador perante a alternância inquietante e tétrica entre a morte e a vida de Lady Rowena, a segunda esposa do narrador em "Ligeia," até que, depois de várias mortes e "ressurreições," ele se vê confrontado com o cadáver da primeira mulher, para sempre lembrada: "And now slowly opened *the eyes* of the figure which stood before me. "Here then, at least," I shrieked aloud, "can I never – can I never be mistaken – these are the full, and the black, and the wild eyes – of my lost love – of the Lady – of the Lady Ligeia"" (Poe 600).

A técnica narrativa de Poe, devedora sem dúvida do romance gótico e dos românticos, não deixa de aliar ingredientes facilmente reconhecidos como atraentes para os surrealistas. O facto de os contos serem normalmente narrados em primeira pessoa (todos os convocados por Cesariny o são) favorecem a estranheza, como é o caso do narrador de "The Fall of the House of Usher" quando recebe uma carta de um amigo que não via há anos ou a perplexidade de todos os outros narradores perante os factos que se vão desenhando perante os seus olhos. É também a primeira pessoa que facilita o artifício da focalização externa, tão conveniente quando se quer manter o enigma, tão legitimadora quando se quer sublinhar o incompreensível, deixando na sombra explicações racionais, factos que, sem qualquer sombra de dúvida, atrairão os surrealistas.

O uso do futuro simples na passagem que se sucede imediatamente ao salvamento da criança, em "The Assignation," futuro que cede lugar a um *present perfect* (passado próximo) e a um passado definitivo, indica claramente o engodo de que o narrador, observador exterior, é vítima, acentuando essa sensação de desconhecido e inalcançável:

> No word spoke the deliverer. But the Marchesa! She will now receive her child – she will press it to her heart – she will cling to its little form, and smother it with caresses. Alas! *another's* arms have taken it from the stranger – *another's* arms have taken it away, and borne it afar off, unnoticed into the palace! (Poe 266)

Os fins inesperados que, regra geral, os contos possuem, derivados também do tipo de narração e focalização, são mais um elemento que, sem dúvida, é do gosto surrealista, apesar de estes rejeitarem o policial ou o romance que se vale de construções coerentes e tentativas mais ou menos conscientes de imitação da realidade.

A ilusão de procura da verdade que poderá ser erradamente entendida como verdadeira, dado o excesso de pormenores existente, é, contudo, contrariada por uma posição teórica, firme e que, com certeza, agrada aos seguidores de Breton:

> He must be theory-mad beyond redemption who, in spite of these differences, shall still persist in attempting to reconcile the obstinate oils and waters of Poetry and Truth (Poe, *Essays* 76).

Posições como a enunciada justificam as seguintes afirmações do início de "The Assignation":

> Once more thy form hath risen before me! – not – oh! not as thou art – in the cold valley and shadow – but as thou *shouldst be* – squandering away a life of magnificent meditation in that city of dim visions, thine own Venice – which is a star-beloved Elysium of the sea (…) yes! I repeat it – as thou *shouldst be*. There are surely other worlds than this – other thoughts than the thoughts of the multitude (…) (Poe, *Complete* 264)

E Cesariny fala em "meu Eliseu do mar" (Vasconcelos 50) e, na página seguinte repete: "Mas há, sim, outros mundos além deste, / outros pensamentos além dos pensamentos da multidão" (Vasconcelos 51) e sabe que a referência se reporta a outro texto e que o real só existe como construção, mas que esta deve ser elaborada sem uma falha, mesmo que na aparência surja como gratuita e automática.

Não se estranha que Poe, em "The Philosophy of Composition" (Poe, *Essays* 13-25), demonstre que o método utilizado, longe de ser casual, deriva de uma técnica superiormente construída, pesando-se cada pormenor e cada informação, de forma a criar o efeito pretendido no final:

> Nothing is more clear than that every plot, worth the name, must be elaborated to its *dénouement* before any thing be attempted with the pen. It is only with the *dénoument* constantly in view that we can give a plot its indispensable air of consequence, or causation, by making the incidents, and especially the tone of all points, tend to the development of the intention. (Poe, *Essays* 13)

A poética subjacente a estas afirmações está presente em autores como Agatha Christie ou Robert Wilson, se quisermos citar um escritor mais recente. Em ambos, somos confrontados com fins inesperados e imprevisíveis que vão, até, contra o tácito convénio dos códigos narrativos, como é o caso de *The Murder of Roger Ackroyd* ou *Endless Night*, onde os narradores proferem, conscientemente, um discurso que constantemente foge à verdade, com o fito de encobrirem a própria culpa. Esta evidente ligação ao futuro romance policial não pode ser desprezada e não está tão longe da estética surrealista como poderia parecer à primeira vista. Há elementos afins, que vão desde a construção do enigma até à técnica inerente à descoberta.

Aliás, o gosto do horrível une também Poe e os surrealistas, mesmo se os propósitos são diferentes e se as consequências podem até ser opostas. O grotesco e o tétrico (disforme) que transparecem no poema de Cesariny em expressões como "meu malfadado e misterioso homem," "porque Mentoni ainda ri, em traje de cerimónia, com a sua figura de sátiro" ou "as mãos brancas e nuas de firmes aranhas de prata" (Vasconcelos 49-51) vão encontrar eco, ou antes, os contos de Poe é que vão ser ecoados por Cesariny. É nítida em Poe a sedução pelo exótico, o sul da Europa (a Itália), tal como acontecia nos pré-românticos ou nos cultores do romance gótico, na crença (ingénua) de que nesses países se situam ambientes e circunstâncias mais propícias ao estranho e ao extraordinário. E Cesariny não resiste a começar o poema com os versos "Meu relógio soando de pés nus a quinta hora da noite italiana / minha cabeça de anéis dolorosos como jacintos pretos recém-colhidos" (Poe, *Complete* 49), apontando para o estereótipo escondido.

A circunscrição do lugar, a sua descrição detalhada determina o efeito pretendido para o incidente que deverá ocorrer. Poe alerta para a importância de especificar o lugar, de lhe

dar o realce necessário para o desenrolar da acção[1], permitindo uma atenção mais centrada no efeito pretendido. E é nestes ambientes que o autor desenvolve os seus enredos eivados de decadência, luxo e morte; o ópio a que por várias vezes se faz referência ("I had become a bounded slave in the trammels of opium," exclama o narrador de "Ligeia," Poe, *Complete* 595); o luxo desmedido em que se movimentam as personagens; a excentricidade própria da decadência (que os dândis finisseculares levarão ao auge); a beleza mortífera, ambiguamente ligada ao horrendo (de que é exemplo o conto "The Assignation") e, evidentemente, a presença obsessiva da morte, muitas vezes, precedida de violência e assassínio. Porque a morte é uma constante e é uma morte estranha, assustadora, quase reversível, uma morte que se afasta do código.

E é essa morte, que se persegue em todos os contos, a que Cesariny apela, nas personagens e nos lugares que, explícita ou implicitamente, convoca, atraído pelo insólito, pelo absurdo, pela beleza arrepiante.

A insistência na beleza de Ligeia, Morella ou Lady Mentoni destina-se a sublinhar a excepcionalidade desses seres que escapam a um destino comum e que pertencem preferencialmente a mundos quase alternativos. Não será assim de estranhar que de Ligeia se diga que "She came and departed as a shadow" (Poe, *Complete* 590) e que Morella inspira mais terror do que amor:

> And then, hour after hour would I linger by her side, and dwell upon the music of her voice – until, at length, its melody was tainted with terror, - and there fell a shadow upon my soul – and I grew pale. And shuddered inwardly at those too unearthly tones. And thus, joy suddenly faded into horror, and the most beautiful became the most hideous (Poe, *Complete* 601)

A bela e jovem Marchesa Aphrodite, casada com o velho Mentoni, incarna o tópico da bela e do monstro. Só que no conto, o monstro não se transforma em belo e jovem e ela faz um pacto de morte com um desconhecido que o narrador encontra, tornando-se testemunha do que se vai passar. O encontro com o desconhecido (que ela, evidentemente, conhece) é uma espécie de desencontro ou de pacto falhado[2], embora, na verdade, o encontro seja o da morte, provocado pelo mútuo envenenamento consentido. O velho Mentoni fica, aparentemente, na sombra, a sua existência é apenas pressentida, embora seja ele que Cesariny nomeia, como que significando a sua importância subterrânea, "the Satyr-like figure" que Cesariny expande, ao mesmo tempo que insinua a sua real importância:

> porque Mentoni ainda ri, em traje de cerimónia, com a sua figura de sátiro
>
> porque não houve forma de passarmos adiante e uma terrível nuvem cor de chumbo enche de espantosa velocidade o espaço (Vasconcelos 51)

1 Cf. Poe (*Essays* 21): "but it has always appeared to me that a close *circumpscrition of space* is absolutely necessary to the effect of insulated incident: - it has the force of a frame to a picture. It has an indisputable moral power in keeping concentrated the attention, and, of course, must not be confounded with mere unity of place»

2 Cf. Buescu (277): "entender o encontro como uma forma de desencontro ajuda-nos a perceber que os pactos importam também pela sua possibilidade de serem falhados, pela matriz deceptiva que justamente abrem, nem que seja como virtualidade.»

As capacidades extra-sensoriais que, regra geral, acompanham estas personagens concorrem para criar um universo instável, onde o interdito atinge máximos níveis de transgressão com a reversibilidade da morte e a migração das almas. No início do conto "Morella," podemos ler

> Persuaded of this, I abandoned myself implicitly to the guidance of my wife, and entered with an unflinching heart into the intricacies of her studies. And then – then, when, poring over forbidden pages, I felt a forbidden spirit enkindling within me – would Morella place her cold hand upon my own, and rake up from the ashes of a dead philosophy some low, singular words, whose strange meaning burned themselves in upon my memory. (Poe, *Complete* 601).

Nas últimas linhas há como que um renascimento aquando do baptismo da filha nascida com a morte da mãe (Morella), e, no momento em que o mesmo nome é dado à criança, ouve-se "I am here" (Poe, *Complete* 604). A presença incómoda só termina com a morte daquela, restabelecendo-se o equilíbrio ao separá-las na eternidade:

> But she died; and with my own hands I bore her to the tomb; and I laughed with a long and bitter laugh as I found no traces of the first, in the charnel where I laid the second, Morella. (Poe, *Complete* 604).

Semelhante é o terror que se instala em "The Fall of the House of Usher" ao desvendar progressivamente a relação entre os dois irmãos gémeos, relação que culmina com a morte violenta de ambos, depois de Lady Madeline ter sido enterrada e ter regressado num episódio digno de qualquer romance gótico:

> For a moment she remained trembling and reeling to and fro upon the threshold – then, with a low moaning cry, fell heavily inward upon the person of her brother, and in her violent and now finally death-agonies, bore him to the floor a corpse, and a victim to the terrors he anticipated. (Poe, *Complete* 219)

Aliás, a caracterização que é feita de Roderick aponta no sentido de uma desestruturação do indivíduo provocada pelo medo e pelo terror. Se compararmos a referência que lhe faz Cesariny ("os cabelos sedosos em torno da face, os olhos grandes, húmidos, luminosos, os lábios numa curva extremamente bela", Vasconcelos 50) com a descrição de Poe, verificamos que, no conto, apesar da beleza, se nota a progressiva decadência e consequente modificação. A própria designação de "a cadaverousness of complexion" (Poe, *Complete* 210) completada com "an eye large, liquid, and luminous beyond comparison; lips somewhat thin and very pallid, but of a surpassing beautiful curve" e explicitada na referência inequívoca às transformações no cabelo, indiciadoras de envelhecimento e deterioração, "The silken hair, too, had been suffered to grow all unheeded," dá o tom que prepara a tragédia final, indiciada pelo medo e pelo terror. A aparente harmonia presente na frase de Cesariny só pode ser lida ao contrário, isto é, só será completamente entendida se tivermos presente o hipertexto, condicionador do significado de estrutura profunda.

O mesmo se passa em relação aos quatro últimos versos do poema que se referem a Maelström, lugar que Poe evoca no texto "The Descent into the Maelström". Recordando o horror de um redemoinho no mar e a aventura por que passou o narrador e como se salvou, Poe não poupa as descrições mais horripilantes e as sensações mais fortes, ao ponto de pôr na

boca do narrador intradiegético a referência à alteração na cor do cabelo: "My hair, which had been raven black the day before, was as white as you see it now". (Poe, *Complete* 125).

O mesmo narrador termina o seu relato aludindo à descrença dos marinheiros, que não acreditam na sua mirabolante história, e dizendo "I told them my story – they did not believe it". (Poe, *Complete* 125), o que aponta para a discussão sobre a Verdade, que Poe levará a cabo em "The Poetic Principle". Não é, com certeza, por acaso que Cesariny coloca em itálico e entre aspas a frase ""*Contei-lhes a minha história*" – "*não quiseram acreditar-me!*"" (Vasconcelos 50) depois da descrição de Roderico (Roderick Usher) e antes da paráfrase de uma passagem do conto "The Assignation," já atrás citada. Esta espécie de colagem retira o sentido inicial ao texto e insere-o num contexto novo que, contudo, não pode deixar de evocar o antigo. A ambiguidade, que se gera, cria possíveis leituras a vários níveis e com distintas intenções. Se é verdade que o leitor do poema pode ou não reconhecer os textos que são apenas evocados, carregando embora todos os sentidos primitivos, é também verdade que o processo a que Cesariny recorre se situa na linha ténue que separa a paródia imediatamente reconhecível, pelo menos para um leitor mais atento e que partilhe do mesmo código cultural, da colagem ou da enumeração mais ou menos gratuita, que estaria próxima da teorização da escrita automática ou da actualização de expressões que insistentemente se tornaram presentes e que foi preciso libertar.

Oscilando entre a atracção pelo imaginário de Poe, repleto de pequenos detalhes que agradam aos surrealistas, e a repulsa por um universo que aposta na dedução e na história logicamente construída, mesmo se essa construção obedece frequentemente a um cânone que se afasta do realista, Cesariny escreve um poema que retoma frases, personagens, situações, de contos do escritor americano, numa espécie de homenagem subversiva ou de paródia irónica.

Permitimo-nos relativizar a frase de Breton, no *Second Manifeste du Surréalisme*, "aucun de nous ne doit avoir besoin d'ancêtres". (Breton 80), porque sabemos que os textos dos surrealistas negam constantemente o carácter absoluto que se lhes poderá querer atribuir.

BIBLIOGRAFIA

Breton, André. *Manifestes du surréalisme*. Paris: Idées ; Gallimard, 1965.

Buescu, Helena E. *Emendar a morte – pactos em literatura*. Porto: Campo das Letras, 2008.

Marinho, Maria de Fátima. *O surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

Poe, Edgar A. *Complete Tales and Poems*. Ljubljana: Mladinska Knjiga, 1966.

---. *Essays and Reviews*. New York: The Library of America, 1984.

Vasconcelos, Mário C. de *Pena capital*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

EDGAR ALLAN POE – DETALHES, SOMBRAS E REFLEXOS – AFINIDADES ESTÉTICAS E SUBVERSÕES ICONOGRÁFICAS

[Jorge Molder, Francesca Woodman e Janaina Tschäpe]

Maria de Fátima Lambert
Professora Coordenadora
Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto
Universidade do Porto, Porto, Portugal
mfatimalambert@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 102-120 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 17 Mai. 2010

RESUMO

Na leitura dos poemas de E. A. P. seleccionei excertos que considerei elucidativos – no respeitante aos artistas actuais, cujas iconografias lhes associei quase por intuição (quanto por cúmplice reflexão): Jorge Molder, Francesca Woodman e Janaina Tschäpe.
Na leitura de seus textos de ensaio e de recorte filosófico e estético, centrei-me em fragmentos de *Marginalia*, *Eureka* e *Filosofia da Composição*. Igualmente, estes me guiaram na subsistência e caminho cumprido em obras específicas dos artistas acima citados. Ao debruçar-me sobre as iconografias de Molder, Woodman e Tschäpe, apercebi-me de que as argumentações de E. A. Poe se reflectiam uma espécie de ressonância em "duplo sentido". Seleccionei aquelas imagens fotográficas e videográficas, nas quais mais se evidenciam os tópicos que entendi como denominadores comuns. Assim, se instaurou uma plataforma de reflexão, interpretações e transfigurações possíveis quanto intermináveis (quase).

PALAVRAS-CHAVE
Marginalia; proto-psicanálise; proto-fenomenologia; tempo; espaço; filosofia do imaginário

ABSTRACT
From a reading of E. A. Poe's poems, I choose the most obvious excerpts – according to the singularity of the iconography observed in the contemporary artists I selected: Jorge Molder, Francesca Woodman e Janaina Tschäpe. When reading the essays and philosophical texts from Poe, I particularly focused on *Marginalia*, *Eureka* and *Philosophy of Composition*. These readings also guided me towards a comprehension and interpretation of the some and chosen works of the above mentioned contemporary artists. When analysing their iconography, I understood that E. A. Poe reflexions should be taken in a double sense. I presented those video and photographic images that most evidently show the topics I considered as common concepts. So, I established a platform of possible analogies, approaches, interpretations and metamorphosis that might be extended (almost) further and further more.

KEYWORDS
Marginalia; before psychoanalysis; before phenomenology; time; space; philosophy of the imaginary

By a route obscure and lonely,
Haunted by ill angels only,
Where an Eidolon, named NIGHT,
On a black throne reigns upright,
I have reached these lands but newly
From an ultimate dim Thule –
From a wild weird clime that lieth, sublime,
Out of SPACE – out of TIME. (Poe 87, 88)

Marginalia poderia ser um subtítulo conveniente para esta comunicação. Segundo se lê nos termos introdutórios a essa publicação: "… são escritos com a distância suficiente, a fim que o espírito do leitor seja descarregado de um pensamento, seja este ligeiro, naïf ou trivial, todavia, um pensamento e não algo que pudesse sê-lo, com o auxílio do tempo e de circunstâncias mais favoráveis". (Poe, *Marginalia* 8)

Edgar A. Poe assinala a incapacidade de qualquer leitor (no relativo à respectiva "velocidade" do acto de ler), se procedesse a uma leitura em voz alta - quanto diminuição significativa da extensão e quantidade do seu acto; consciencializando, por oposição, a amplitude de recepção do "lido" (espécie de "vécu"), quando "lemos para nós próprios"… Poder-se-ia transpor esta argumentação no relacionável às artes visuais: ou seja, a diferença incontornável entre o que seja olhar as fotografias em acto directo e em acto intermediado (publicadas em uma qualquer edição impressa ou olhadas no ecrã de um computador… e salvaguardas as diferenças entre estes dois últimos actos).

Na leitura dos poemas de E.A.P. seleccionei excertos que considerei elucidativos – no respeitante aos artistas actuais, cujas iconografias lhes associei quase por intuição (quanto por cúmplice reflexão): Jorge Molder, Francesca Woodman e Janaina Tschäpe.

Na leitura de seus textos de ensaio e de recorte filosófico e estético, centrei-me em fragmentos de *Marginalia*, *Eureka* e *Filosofia da composição.* Igualmente, estes me guiaram na subsistência e caminho cumprido em obras específicas dos artistas acima citados. A viagem E.A.P. incorporou ambas vertentes: poética e ensaística; esta, mais intensamente no início, devendo ser ouvida/lida como uma aproximação à dei continuidade – em termos curadoriais – considerando as variantes e endereçamentos ricos a que permitem aceder.

Analisando os seus poemas, ao mesmo tempo que me debrucei sobre as iconografias de Molder, Woodman e Tschäpe, apercebi-me de que as reflexões de E. A. Poe se reflectiam mutuamente… por assim o afirmar, uma espécie de ressonância em "duplo sentido".

Seleccionei aquelas imagens fotográficas e videográficas – fixas e em movimento, nas quais mais se evidenciam os tópicos que entendi como denominadores comuns, aquelas que quase se exigiam logo após as ter confrontado nos inícios da minha pesquisa. Assim, se instaurou uma plataforma de reflexão, interpretações e transfigurações possíveis quanto intermináveis (quase).

No panorama literário português é incontornável a tradução empreendida por Fernando Pessoa de alguns dos poemas e contos de Poe, quanto no séc. XIX, o fora a acção de Baudelaire em França. A ênfase das traduções incidia, direccionando fortemente as premissas efabulatórias que tenderam à maior divulgação e mediaticidade (popularização equivalendo

mesmo a uma desvalorização/banalização) estereotipada da obra de Poe – a configuração de um imaginário "excêntrico," sobrecarregado e inusitado (até então). Entenda-se a sua obra de valência mais directamente "gótica," agindo como impulso, que muito tem sido abordado, antecipando criações que se converteram em estereótipos recorrentes: a idiossincrasia manifesta nos contos intensificou-se pelo recurso que a cinematografia – nos seus primórdios – lhe procurou.

Em termos de contextualização, assinale-se que a obra de Poe privilegia (é sustentada) a expansão do imaginário, não somente por recurso a uma escrita imputável à imaginação, quanto alimentada por metáforas, alegorias e convencionalismos adstritos a um vocabulário enfaticamente visual, onde se destacam as transfigurações. As transfigurações consubstancializam-se em morfologias humanas, animais e de vertente paisagística (arquitectural, urbana e natural). A sua representação por vezes assume proporções de uma certa convencionalização artístico/literária, detectável através de tópicos de externalidade – facilitando a recepção estética), tanto quanto propugna os domínios fantasmáticos do self. Numa cumplicidade que poderia entender-se de paradoxal, o autor americano afirmou a sua anterioridade científica, filosófica e estética (1848) quanto:

- à sistematização da psicanálise freudiana (1898);
- à explanação de conteúdos fenomenológicos (iniciados por Husserl e expandidos em distintas especificidades, destacando-se, Gaston Bachelard e Merleau-Ponty;
- à formulação de uma estética simbolista (finais séc. XIX).

Relembrem-se os antecedentes quer filosóficos, quer psicológicos propugnados pelo pensamento grego que E.A.Poe recupera e reinventa, em argumentações de foro cosmológico e quando recorre – em moldes de escrita – à tipologia privilegiada por Platão, travestindo-o no Diálogo *Eiros and Charmion* ou no *Colloque of Monos and Una* …

Atenda-se, também, aos antecedentes estéticos e artísticos na historiografia ocidental no respeitante à tradição onírica, ao predomínio de um imaginário híbrido – Jeronimus Bosch… (salvaguardado e/ou enfatizado em alguns autores, assim cumprindo superior missão cristianizadora).

A proposta que me coloquei, centra-se na explanação de excertos de poemas, por referência a imagens seleccionadas na iconografia de cada um dos três artistas visuais em causa. Ainda, a inserção de excertos de *Marginalia*, onde se encontram enunciados princípios, conceitos e ideias articuláveis, subjacentes, relacionáveis aos mencionados conteúdos iconográficos – devidamente inscritos nas correspondentes tendências estéticas propugnadas: Jorge Molder, Francesca Woodman e Janaina Tschäpe.

Um dos denominadores comuns entre os 3 autores é a recorrência, ascendendo à compulsividade, no tocante ao "auto-retrato," salvaguardando embora as diferenças estéticas e artísticas de sua assunção. O auto-retrato é gerido entre a fisicalidade [e transcendência] (Molder), a evanescência (Woodman) e a corporalidade presentificada [no caso de algumas das séries, a transfiguração] (Tschäpe]. Todas estas acepções remetem, a meu ver, para os conteúdos semânticos apreendidos na poética de Poe, quanto nos anteriormente anunciados excertos de âmbito filosófico e estético em sua prosa. Saliente-se, ainda, a concordância

aos estereótipos (visuais) configurados em protagonistas e nos ambientes que aglutinam os enredos dos contos mais divulgados…

1. **JORGE MOLDER:**

Sob signo de sombras, silhuetas e ocultações, Molder concretizou através do recurso a diferentes estratégias visuais as motivações identitárias que revelam o questionamento ontológico mais determinante na caracterização/fundamentação da sua obra de fotografia.

Em *Desconhecimento imediato* (2005), à semelhança do que se pode constatar em *Pequeno mundo* impõe-se a "dissolução," a "desmaterialização" simuladas do corpo, assumindo a fisicalidade uma justificação para uma suposta anulação, em prol da metaforização, através da constituição de uma retórica visual, porventura desconcerteante. Em termos metonímicos, o rosto cumpre essa decisão, numa sequencialidade oscilando entre a pseudo-revelação e soluções ônticas de seu paradoxo.

Figura 1. Jorge Molder – *Desconhecimento Imediato*, 2009

Há certas qualidades…tais compósitas
Com uma dupla vida, a que assiste
Uma entidade gémea que consiste
Em luz e em matéria, sombra e sólido.
Cindido é o *Silêncio:* mar e cais,

Corpo e alma. Um vive solitário
Em campo raso, e faz-se temerário
Mercê de humanos ecos, rituais
E indulgências…seu nome é "Nunca mais". (Poe, *Obra* 143)

No rosto, o olhar destaca-se, quer pela sua opacidade, pelo ocultamento absoluto ou parcial, quer pela translucidez de onde parece submergir. O olhar interpela pelo espanto, pela ameaça latente, pela dilaceração, promovendo emoções, desígnios que cativam o corpo próprio, organizando numa perspectiva de incidência quase aérea (construtivista, dir-se--ia…) O olhar residindo no rosto é suportado por um busto "invertido" ou cativado no reflexo sub-camuflado com esgar…

Figura 2. Jorge Molder - *CD*, 1998

Todos os enunciados visuais centrados nesse olhar, que promotor da acuidade do auto-retrato, correspondem, em toda a sua expansão mítico-simbólica, a tópicos qualificativos (estereótipos) banalizados na narrativa e na poesia de Poe, como acima se assinalou, conformada num imaginário romanticista que preanuncia o "ultra-romantismo," o "decadentismo," tanto quanto o "simbolismo" – tanto quanto o designado por "goticismo".

Em derradeira instância atinge um estádio quase extremo de máscara mortuária como em *Pinocchio* (2009). A fotografia regista o molde de gesso do rosto próprio, uma espécie de *doppelganger*. Igualmente as mãos são presentificadas em moldes, também à semelhança de certa tradição de cativação para a eternidade do indivíduo humano e pessoal…Assim, através deste (auto)retrato-máscara, se consumam as distintas acepções do rosto nas suas imagens fotográficas. As máscaras significam, quiçá, a "perda do rosto" (individuado para o holista ou vice-versa?), numa acepção antropológica, para agregação de um dividendo ontológico (?), quase ascendendo a "teleologização"?

Num outro direccionamento cúmplice, analisando as inúmeras e rigorosas Séries de Molder, o corpo próprio torna-se objecto de culto, de pregnância: *Linha do tempo* (2000) e *Curtas metragens* (2000). Vê-se a identidade em fuga (de e) no tempo (ocorrem as argumentações enriquecedoras de Sto. Agostinho nas *Confissões* e de Bergson em *Matière et mémoire*). Identidade em fuga no tempo é visibilizada, provando que é possível cumprir a complementaridade da noção que Poe, precisamente, assinalava como incompleta: o tempo apenas entendido - que "se dá"/"se torna" - enquanto súmula, sucessão de eventos. O tempo é consignado por externalização na sucessão de corpo(s) do mesmo em movimentos que, supostamente, definiriam (à semelhança) o espaço – na sua amplitude e configuração de área.

Figura 3. Jorge Molder - *Curtas metragens na linha tempo*, 2000

Um homem procura esboçar uma ombreira de porta. Não é bem um desenho aquilo que vai fazendo, é mais como se quisesse tornar precisa uma indicação urgente da qual poderia depender a sua sobrevivência, ou apenas uma memória. Não deixa transparecer qualquer atitude desesperada, mas antes alguma coisa entre a concentração e o devaneio. Percorre alguns locais certamente ligados ao seu passado.

Outro homem percorre incessantemente uma casa como se procurasse alguma coisa, alguma coisa que está mais dentro dele do que na casa, que se percebe já não ser habitada. (Jorge Molder)

O corpo próprio do artista discorre nos corredores de uma casa, alertando-nos para os valores simbólicos, arquetípicos de que Poe soube povoar as suas criações: casa como cenário, casa como substância, casa como conceito…; casa onde a sombra, onde a silhueta de Jorge Molder vagueia.

…Ser minha fala a música de um sonho.
E enquanto não vier brusco ruído
Quebrar o teu deleite adormecido,
Nossas mentes e almas…Ó, Senhor!...
Em tudo se hão-de unir, meu grande amor". (Poe, *Obra* 209)

"Cheguei a casa…já não era a minha
Casa, sumiu-se tudo o que continha,
Saí, franqueei o musgoso umbral,
E ainda que o fizesse de mansinho.
Uma voz se elevou do patamar
De alguém que antes cruzara o meu caminho…
Nem no Inferno, oh!, havia de encontrar,
Lá no seu leito fundo tão ardente,
Mais mansa alma…tristeza mais dolente. (Poe, *Obra* 57, 58)

A deambulação remete para a afirmatividade das imagens psíquicas que Poe já soube diferenciar das imagens mentais reunidas, talvez, sob a *entrega* das imagens memória…No espaço arquitectónico exerce-se a quase dissolução do corpo – *O pequeno mundo* (2001). A casa apropria-se do protagonista. Essa acção é consequência do processo deambulatório que propicia uma pertença quase indistinta a nível percepcional (e ontológica) entre um (protagonista/corpo) e outra (casa/arquitectura): paredes, corredores, portas... absorvem o ser pessoal na assunção celebrada sobre o seu "invólucro," esse "eu-pele" que Didier Anzieu soube designar.

2. **FRANCESCA WOODMAN:**

Figura 4. Francesca Woodman *Self-Deceit 5* (Roma).1977-78

A arquitectura assume um protagonismo notório na escrita do autor americano, albergando sentimentos e emoções que o entendimento "estratégico" procura conciliar. As descrições directas ou intermediais do espaço urbano ou rural direccionam o desenvolvimento das acções que as personagens são conduzidas a cumprir. Esta nota tipicamente romântica encontra paralelismo na encenação fotográfica que Francesca Woodman legou. Prematuramente desaparecida, ficou uma obra singular, eivada de uma assunção identitária *sui generis* e assegurando a intemporalidade da figura/personalidade do artista enquanto perseguido pelo paradoxo de si mesmo. Em finais da década de 70, Woodman revela-se, através de imbricadas construções visuais, de intrínseca valência performática.

Tua alma solitária se verá
Sombria, meditando num jazigo…
Ninguém, da multidão, prescrutará
Esse instante em que estás a sós contigo.
Guarda silêncio nessa solidão,
Que não é um exílio – pois então
Os espíritos dos mortos, que de frente
Viste quando viviam, novamente
Na morte te rodeiam…seus desejos
Vêm obscurecer-te: oh, sê silente!
A noite, embora clara, há-de cerrar-se,
E o olhar dos astros não há-de inclinar-se
Dos seus tronos no alto, celestiais…
(Poe, *Obra* 65)

Figura 5. Francesca Woodman *Untitled. Boulder*. Colorado, 1972-75

A artista-*persona* enreda-se em cenários naturais, trabalhados por recurso a trucagens, montagens e demais procedimentos técnicos, assimilando-se e enfatizando a sua presença. De forma equívoca, a sua figura submerge entre arvoredos, ocultada sobre tecidos ou mais, recorrentemente, dissolve-se em paredes internas à casa. Numa fotografia emblemática o seu corpo (que é mais um vestígio do que uma afirmação) atravessa uma lápide – atravessando reinos inconciliáveis…aparentemente. Woodman movimenta-se entre mundos: diurno e nocturno, consciência e inconsciência, vida e morte… Se atendendo à nomenclatura cinematográfica de André Gide em *Orpheu*, Woodman vive na *Zone*… Esse espaço onde a memória garante que se vivifica sempre e sempre, onde a realidade é a crença ansiada, onde a ilusão domina e confunde… espécie de caverna platónica…

Em *House #4*, a figura feminina atravessa-se entre a parede e o umbral de uma lareira, evocando um elemento primordial ausente – o fogo. Numa assunção simbólica complexa e potencializadora de intensa dualidade, o plano inclinado acentua a dramática prisão. O corpo tende sempre para uma dissolução visual, contrariando a impenetrabilidade dos materiais. Recorrendo a adereços do imaginário pessoal, quanto do colectivo, para acentuar a pseudo-ocultação da sua pessoa, extravasa o "gosto" pelo gótico – campas, emparedamento, espelho-cego… voltando-se para dentro da parede como se de uma estrada de luz se tratara…

Figura 6. Francesca Woodman - *House #4*, Providence, Rhode Island, 1976

Figura 7. Francesca Woodman - *From Angel Series*, Roma, 1977-1978

…Não há palavras – aí, para meu desgosto! –
Que digam o encanto que é amar,
Nem poderia agora eu traçar
A beleza suprema desse rosto
Cujas linhas, em meu lembrar distante,
São sombras vagas pelo vento errante:
Assim também recordo já ter lido
Dispersas folhas do saber de outrora
Até que, para meu olho abstraído,
Cederam suas letras seu sentido
A fantasias cujo senso ignoro. (Poe, *Obra* 53)

Francesca Woodman transportou no *Poem about 14 hands high,* os reinos de fantasia e de realidade, cujos intermediários são as mãos (também as luvas), a pele da pele numa escrita de reverso.

i am apprehensive. it is like when/
i played the piano. first i learned to/
read music and then at one point i/
no longer needed to translate the notes:/
they went directly to my hands. After a/
while i stopped playing and when i started again i found i could not/ play. i could not play by/ instinct and i had forgotten how to read music.

O corpo é apresentado em distintas acepções ôntico-visuais:

a) corpo envolto em papel – *Then at that point I did not need to translate the notes; they went directly to my hands.*(Francesca Woodman – *Providence* – 1976, texto e fotografia);
b) corpo que olha a sua silhueta carbonizada – *Providence/Rhode Island*, 1976 (fotografia);
c) corpo enjaulado no aquário e no espelho – *Space 2*,1975-1978;
d) corpo diluído entre o papel de forrar a parede e a própria parede – almas, carbonizações…;
e) corpo desajustado de focagem com efectividade do espelho que reflecte paredes; moldura de espelho com dissipação da pessoa (etérea), espécie de alma;
f) elevação do corpo como anjo na moldura, no umbral de uma porta que é transição de mundos, passagem entre *Eros* e *Thanatos;* asas-lençol (sem corpo de anjo) cuja figura as ladeia…poética da (não)matéria…

Figura 8. Francesca Woodman - *From Angel series*. Rome. 1977

Figura 9. Francesca Woodman - *Untitled*. Rome. 1977-78

Um anjo habita o alto firmamento,
"Que tem no peito fibras de alaúde";
Ninguém canta com tal arrombo e alento (…) (Poe, *Obra* 111)

Creio eu que os Anjos no Além,
Cantando uns com os outros, suspirosos,
Não acham, entre os termos carinhosos,
Palavra mais piedosa do que "Mãe". (…) (Poe, *Obra* 185)

A coincidência trágica entre os conteúdos iconográficos das suas fotografias e as circunstâncias biográficas converteram Woodman numa figura paradigmática, enfatizada em inúmeros *gender studies* focados no seu caos particular. Cartografou a identidade pessoal num (não) lugar onde a vida era morte e seu reverso. O corpo, porventura, um peso excessivo – uma carga imaginária "patológica," metáfora pungente – corporaliza-se no desejo de aparição, circunstância e condição de uma transitoriedade deliberada, demarcando-se do tempo/duração imposto e propugnando – em derradeira instância – o termo de vida que decidiu:

Eu não fui, desde a infância
Como outros eram…não olhei
O que outros viam…não busquei
Na mesma fonte as minhas ânsias…
Não foi do mesmo poço que tirei
Minha amargura…meu coração
Não entoou, em coro, hinos de louvor…
E tudo o que eu amei, amei em solidão… (Poe, *Obra* 199)

3. **JANAINA TSCHÄPE:**

Figura 10. Janaina Tschäpe - *The Moat and the Moon. Ghost.*2003

…To give form and narrative to the trance of art making, to portray not a dream world, but the sensation of being in one and to allow the viewer to temporarily embody the mind of the artist when everything is still at play is my main objective through a indiscriminatingly ample repertoire of multi- media and multi-disciplinary attitudes. - Janaina Tschäpe, 2004

Arquitectura, lugar e natureza são os tópicos que absorvem a auto-presentificação – performatizada – de Janiana Tschape. Numa irradiação peculiar, onde luz e escuridão se combinam, a obra da artista alemã, radicada no Brasil, alastra em Séries, cujas intensidade dramática e poética quanto a axiologia estética, se encontram subsumadas nos reinos do imaginário. O imaginário adquire proporções diferenciadas consoante os pressupostos conceptuais que se concretizam em fotografias, vídeos ou pinturas: imaginário da matéria, organizado em "mundos," em "ambientes," em cenografias dominadas por elementos matriciais. Os lugares multiplicam-se, desdobram-se em consonância com a personagem/autora que, prioritariamente, neles transita mais do que reside. Todavia a sua presença pode determinar-se por uma recorrência de maior duração ou pela fugacidade que deixa vestígios complexos e polissémicos. Assim, os lugares do seu imaginário(s) confirmam a sua radicação nas "estruturas antropológicas," seguindo Gilbert Durand. Todavia, não somente o conceito de imaginário alimenta a produção da artista, quanto nalguns casos, assume relevo o caminho do fantasmático; noutros destacam-se efabulações e ainda devaneios por onde deambulam ou se fixam figuras mutantes e/ou transfiguradas – *Blood Sea* (2004), *Lacrima Corpus* (2004) que se suspeita sejam a própria autora. Tschäpe converte-se em seres híbridos *versus* corpo/fantasma – *The Moat and the Moon* (2003), zoomorfos *Acqua Viva* (2003) ou ectoplasmáticos – *After the Rain* (2003), tanto quanto a sua *persona/*corpo se coloca/estabelece, aderindo ao chão em 100 pequenas mortes – *100 Little Deaths*.

Figura 11. Janaina Tschäpe - *100 Little Deaths*, Sarraceno, 2000

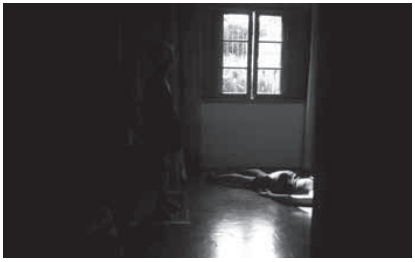


Figura 12. Janaina Tschäpe - *100 Little Deaths*, Rocha's House, 2000

Pela noite, a cada instante…
Tais eternas viandantes…
E toldam a luz estelar
Com o sopro dos rostos pálidos.
À meia-noite lunar,
Uma, entre todas nublosa,
(Que, feitos os testes válidos
Se sagrou a mais airosa)
Mergulha…mais e mais fundo…
E o seu centro se emaranha
Na crista duma montanha,
E o seu bojo, tão rotundo,
Se dissolve em véus perlados
Sobre casas…povoados,
Onde quer que possam estar…
Sobre as matas, sobre o mar…
Sobre os espíritos alados…
Sobre os seres estremunhados…
E os soterra totalmente
Num labirinto fulgente… (Poe, *Obra* 103)

Nesta série, desenvolvida entre 1998 e 2002, a sua presentificação possui algo de "sagrado" (quase religioso) ao estender-se no solo – terra, água… – evocando despojamento, aceitação e, sobretudo absoluto domínio e conhecimento de si. Na assunção do antropomórfico, explora o perigo, o horror e o medo – nas suas dimensões fantasmática e real – do artista perante a falha, a ausência. O corpo jacente é um tema frequente na iconografia ocidental, conotado com motivações e contextos religiosos e teológicos. Aqui, o corpo jacente, ventre em terra convoca o mito da fertilidade, realidade simbólica da mulher. A heterogeneidade de lugares recebe esse corpo jacente, em espaços interiores e exteriores, percorrendo uma diversidade de geografias, devidamente nominadas. O corpo é uma espécie de espelho de um Atlas, subjacente o conhecimento do mundo e estimulando a viagem ao além-mundo.

Figura 13. Janaina Tschäpe - *100 Little Deaths*, Mana.2002

Figura 14. Janaina Tschäpe - *100 Little Deaths*, Antiparos, 1998

Em visões do breu nocturno e incerto
Sonhei com o prazer de outrora…
Mas um sonho desperto, pela aurora,
Deixou-me o coração deserto.
Que faz senão sonhar sempre acordado
Aquele que olha de soslaio
As coisas em redor, e com um raio
Apontado para o passado? (Poe, *Obra* 73)

Mas quando a Noite o seu sudário
Deitava em tal lugar, e em tudo à volta,
E o vento misterioso andava à solta…
E o vento em canto murmurava…
Ah…era então que eu despertava
Para o terror do lago solitário. (…)
No veneno da onda havia dolo,
E em seu vórtice um esquife apropriado
A quem buscava o consolo
De um espírito, erguendo transviado,
Em seu imaginário isolado,
Um Éden no sombrio e torvo lago. (Poe, *Obra* 78)

Os excertos de paisagem natural (ou intervencionada pelo humano) acolhem a celebração de Tschäpe, em estradas sinuosas que se distendem, em plataformas de vegetação, dirigindo-se quase em espiral para o conhecimento auto-gnósico: orla da praia, águas paradas de um rio ou lago, áreas de terra batida e arvoredo, berma de estrada ou ponte, vales cavados…

A quietude da figura, como que descida ou pousada, não possui peso, nem é gerida pela gravidade. O seu hieratismo é antes uma suspensão colocada e decidida a sua demora, a sua delonga. Uma figura única confere-nos a noção de espaço, comprovando-se quanto Poe tinha razão ao aperceber-se que mais do que o acumulo de objectos e coisas poderiam definir uma área, torná-la mensurável – em termos perceptivos…

Figura 15. Janaina Tschäpe - *100 Little Deaths*, Antiparos, Frac Champagne-Ardenne, 2001

Em *100 Little Deaths*, Tschäpe encena situações, proporciona enredos, estimula o nosso imaginário particular a enredar-se com os estereótipos do mistério, mais do que do hermético ou esotérico. Tampouco confere o primado ao mítico e as simbologias que impõe são bastante conclusivas, contrariamente ao que mais frequente as caracteriza. Ao escolher-se a si mesma como protagonista que atravessa cartografias, assinala lugares efectivos por onde passa ou fixa. Como se referiu, os lugares são denominados, ao contrário de outros lugares presentes em diversas Séries da artista, que se assumem como "terra-de-ninguém" ou não-lugares quase…

Janaina Tschäpe, sendo figura única de seus "tableaux presque vivants," segura um tempo que transpõe a noção de sucessão pois radica num tempo sem cronometria objectiva… apenas experiencial – quer da parte da artista, quer por parte dos receptores (do público). A natureza, na sua dimensão cosmogónica, acolhe tempo e espaço, transcendendo-os e prometendo-lhes transcendência. Aí, os territórios do imaginário ganhem um dimensionamento credível, pela força semântica que exalam quanto o reverso, consequente da projecção ekfrástica dos fragmentos poéticos de E. A. Poe.

Figura 16. Janaina Tschäpe - *100 Little Deaths*, (Arco Natural), 1998

Vales sem fundo, infindas vagas,
Bosques vastos, onde cavas,
Cujas formas se sepultam
Nos orvalhos que as ocultam,
Montes eternos que avultam
Sobre oceanos sem costas;
Mares revoltos num tumulto
Contra os céus em fogo postos;
Lagos largos de águas extensas,
Águas quedas…mortas…densas…
Águas geladas pela neve
Onde ondula o lírio breve. (Poe, *Obra* 149)

Coda:

A diversidade da obra de Edgar Allan Poe tornaria infindável o enunciar de aproximações, referências, afinidades visuais a serem estabelecidas por relacionalidade e/confronto: à poesia, contos e ficções, ensaios, escritos críticos e filosóficos – *Marginalia, Eureka, Power of Words, Colloque of Monos and Una, Dialogue Eirós and Charmion, Philosophy of Composition, Philosophy of Furniture*…

Um dos aspectos que pretendi salientar consiste no facto do texto literário ser definido em causa relacional à força psíquica que exerce sobre o leitor, decorrendo da intensidade *ab initio* vivenciada pelo próprio autor. Essa força psíquica confere-lhe, precisamente, uma singular autonomia no campo da escrita, garantindo-lhe a consistência, a força prospectiva que se espelha em cada acto de leitura – nomeadamente, pela veemência iconográfica que induz e estimula em termos de recepção estética e poética.

Poe afirma a densidade do poema em si mesmo, *per se*… um poema é um poema, pré-figurando o esteticismo *fin-de-siècle* que adviria por mão de outros autores. É na alma (campo psíquico total) que se desencadeia a evidência do valor intrínseco do poético. A alma aspira a ser invadida totalmente pela linguagem e o poema é-lhe *apenas* o lugar de potenciação psíquica. O prazer poético vê-se agregado pela tristeza, pela tensão, pois é constituído de alegrias estéticas, apenas vislumbradas, entrevistas, através do poema em si. O poema será uma estrutura linguística onde a alma irradia, por entre rimas, palavras, frases, consubstancializando a *beleza* e predispondo, com frequência, ao *sublime*. Atenda-se à argumentação de Poe, quando refere que o "sentido poético" é "elevação"…, não antes "estimulação da alma," onde se reencontra. Eis os territórios do psíquico, cujos elementos conceptuais analisa: alma, espírito, sopro…Alma é entendida como distinta do corpo, dele se destacando, prestes a elevar-se em direcção à eternidade. Alma e espírito são dois modos que associados ao sopro (enquanto hálito que, ao nível das vias respiratórias, implica mudanças, trocas com o ar exterior) propiciam a junção do mental com o físico, do consciente ao inconsciente. Como assinala Poe, respiramos inconscientemente, mesmo quando dormimos, estando o sopro nos limites. A alma (através do sopro) toca o mais íntimo do íntimo, velando. É a fronteira entre o interior e o exterior. Na tradição esotérica, o homem na sua tríplice condição (corpo, alma, espírito) converge na imagem do carro atrelado + condutor + carro/veículo…

Nas suas reflexões, à semelhança dos conteúdos poéticos, E. A. Poe aborda os fenómenos que qualifica, denomina mais incisivamente de "psíquicos" do que de "intelectuais," estabelecendo-lhes a distinção (em termos epistemológicos). Menciona o que se sabe serem as imagens hipnagógicas…as "impressões psíquicas" expondo que, por vezes, estas se transferem para a memória, ficando assim disponíveis para a consciência…em toda a sua densidade pulsional (diríamos). Em *Marginalia* (1849) reafirma o "psíquico" como oposto a mental e em *Princípio poético*, associa-o à alma. O valor do poema centrar-se-ia, na capacidade e proporção de elevação e estimulação que, por necessidade psíquica, é efémera.

Os textos de E. A. Poe anunciam e corporalizam, já muito aprofundadamente mesmo nalguns aspectos, uma tarefa de conquista gnoseológica, incidindo em territórios que então se pressentiam mais do que estruturavam rigorosamente. Através de uma consciência pessoal, os campos informulados e anónimos adquiriram, progressivamente, uma consistência reflexiva inquestionável.

Em termos iconográficos o mundo estético estudado por Poe, reuniu conhecimentos pluridisciplinares que seriam explorados posteriormente por diferentes autores, como se sabe. A estética da vertigem, das bi-polaridades, das oposicionalidades, as dualidades… avançando para uma capacitação hermenêutica por parte do espectador/leitor.

No caso dos três artistas aqui propostos enquanto externalizando conceito e reflexões constitutivas do pensamento e criação de E. A. Poe, mais se poderia estender, particularizando detalhes essenciais e peculiaridades ínfimas. Concluindo, assinalo:

Figura 17. Janaina Tschäpe - *Nightmare*, 2001, vídeo, 3min52s

Janaina Tschäpe, em *Nightmare*, rende homenagem, sendo uma simulação de "filme mudo," onde as transfigurações do corpo e distorções da voz questionam os limites da vida, morte, sonho e da ficção poética.

> Olhai! A morte ergueu seu alto trono
> Numa estranha cidade ao abandono,
> Lá longe, onde o Sol morre com langor,
> E os bons e os maus, e os piores e os melhores,
> Desfrutam nessa terra, o eterno sono. (Poe, *Obra* 115)

Francesca Woodman, fez convergir, centrando em si, a dramática oposicionalidade que se verifica na leitura do autor americano. A sedução, a volúpia da tragédia que possui a sua mais intensa morfologia nas dissipações e assunções do eu.

Figura 18. Francesca Woodman-*Untitled New-York*, 1979-80

…Ser minha fala a música de um sonho.
E enquanto não vier brusco ruído
Quebrar o teu deleite adormecido,
Nossas mentes e almas… (Poe, *Obra* 209)

Jorge Molder, considerando a sabedoria extrema de si, explora a obra visual como poema metafísico, dominando as ambiguidades e afirmando as interpretações projectadas pelos seus receptores.

O meu trabalho tem a ver com o fingimento.
No fundo, talvez seja a questão que também me coloco a mim próprio: o branco será mais assustador que o negro?
O que me interessa são as transições e a carga afectiva. - Jorge Molder

Figuras 19, 20, 21 e 22. Jorge Molder – *Pinocchio*, 2009

"Chamei-lhe Pinocchio porque tem a ver com dois temas: um, a progressão do estado da memória, da matéria e da morte. O outro é o que significam os sentimentos [...]" - Jorge Molder

Ficam as palavras do autor e as imagens e pensamentos dos 3 artistas, num processo que apenas agora se inicia.

BIBLIOGRAFIA

Justin, Henri. *Avec Poe jusqu'au bout de la prose*. Paris: NRF ; Gallimard, 2009.

Poe, Edgar A. *Marginalia*. Paris: Allia, 2007.

---. *Obra poética (completa)*. Lisboa: Tinta da China, 2009.

---. *Poems and Essays*. Leipzig: Bernhard Taucnhitz, 1884.

---. *Poética (textos filosóficos)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

---. *The Complete Works of Edgar Alan Poe*. Memphis Tennesse: General Books, 2010.

---. *The Works of Edgar Allan Poe*. Vol. IX – Essays, Philosophy, Facsim. Ed. Milton Keynes, 2009.

HITCHCOCK PRESUMÍVEL LEITOR DE POE

Eduardo Paz Barroso
Professor Catedrático
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
epb@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 122-128 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 14 Jun. 2010

RESUMO
O presente texto suscita uma pergunta: porque é que Hitchcock nunca se sentiu motivado para realizar um filme adaptado de um texto E. A. Poe, sendo notória a existência de semelhanças entre o mundo ficcional destes dois artistas. A relação entre o olhar e o medo, mistério e realidade, ansiedade e ilusão, são apenas alguns dos traços comuns ao cineasta e ao escritor. Como hipótese de conclusão abrem-se perspectivas sobre a validade do conceito de *suspense* ser utilizado como instrumento estético na análise crítica dos contos de Poe.

PALAVRAS-CHAVE
Hitchcock, Poe, Cinema, Suspense, Crítica

ABSTRACT
This text evokes a question: why does Hitchcock never felt motivated to adapt to film a text by Edgar Alan Poe? There was a similar existence of a fictional world in both artists. The relationship between the look and fear, mystery and reality, anxiety and illusion, are just a few common traits both in the director's and writer's style. Following this, a new perspective on how the concept of *suspense* can be used as a critical aesthetic instrument in the work of Poe.

KEYWORDS
Hitchcock, Poe, Cinema, Suspense, Criticism

"Em qualquer história de simples susto ou perigo, não podemos extrair conclusões certas, a favor ou contra, mesmo dos dados mais simples"

Edgar A. Poe

A Narrativa de Arthur Gordon Pym de Nantucket

O cinema clássico interessou-se pelos contos de Poe como demonstra o filme de Jean Epstein (1897-1953) *A queda da casa de Usher* (1928). O *ralenti* foi a técnica a que o realizador recorreu para transmitir a sensação de um tempo anacrónico, como é o tempo do sonho. Outras adaptações de Poe para o ecrã cinematográfico são da responsabilidade de Roger Corman (1926) que adapta em 1960 aquele mesmo texto, e em 1961 o conto intitulado *O poço e o pêndulo*. Alexandre Astruc (1923), crítico da *Nouvelle Vague*, realizou igualmente filmes para a televisão (nos anos 60 e 80) adaptados dos contos anteriormente mencionados. Estes são portanto alguns sinais reveladores da apetência cinematográfica que este escritor desperta.

Não seria por isso motivo de estranhar se Hitchcock também se tivesse interessado por algumas das inquietantes histórias de Poe e as transformasse em cinema. O conceito de adaptação de um texto literário ao cinema conhece com Alfred Hitchcock uma versão pessoalíssima. Mais do que transpor uma história para o ecrã, o realizador reescreve-a cinematograficamente. O texto original é apenas a embraiagem da ficção. Veja-se a título de exemplo *Vertigo*. Quem se lembraria, na lógica do grande público, de relacionar o filme com o romance de Pierre Boileau e Thomas Narcejac intitulado *D´entre les morts*, e encontrar aí a duplicidade do conhecido e do desconhecido, da simulação e do acontecimento. Que romance nos pode trazer a força de Kim Novak misturada com o design de Saul Bass?[1]

Na sua introdução ao volume onde publica as suas conversas com o mestre, Truffaut considera que o realizador de *Os pássaros* " deve figurar ao lado dos "artistas inquietos," como Kafka, Dostoievski e Poe. E Bergman por seu lado, defendeu, um princípio actualmente pacífico: o cinema não é inferior à literatura. (Hitchcock e Truffaut 21)

Demonstrar que o realizador de *Rear Window* (1954) é um génio tornou-se hoje uma tarefa inútil. A sua personalidade satírica e reflexiva permite-nos imaginá-lo com facilidade a ler as histórias de Edgar Allan Poe e com elas desenvolver compulsivas estratégias fatais onde medo e dedução convergem para desfechos sempre imprevisíveis. Presumir que Hitchcock foi um fanático leitor de Poe é, mais do que uma suposição, a tentativa de estabelecer as bases de uma gramática do medo e da culpa. Tal como o escritor, o cineasta demonstra em quase todos os seus filmes que perante o susto e o perigo nunca se podem ter certezas absolutas.

Fernando Pessoa, sugere-nos, numa releitura actual das suas Páginas de Estética, o que separa Poe de Hitchcock. Para o poeta dos heterónimos ambos partilham o génio da elaboração intelectual e do raciocínio (o que também nos podia conduzir a Conan Doyle, outro

1 *Vertigo*, (A *mulher que viveu duas vezes*) 1958, é um dos mais célebres filmes de Hitchcock com um elenco que reúne alguns dos seus actores de referência, caso de Kim Novak e James Stewart. A linguagem cinematográfica, inovadora conta com a colaboração de Saul Bass, designer que neste filme proporciona imagens com sugestões Pop. O realizador, na montagem, potencia o seu efeito plástico e subordina-as à lógica do suspense que percorre toda a sua obra.

escritor capaz de criar um personagem ímpar, Sherlock Holmes, que trata a decifração dos crimes com a frieza de um jogador de bridge). Porém, observa Pessoa, o novelista norte-americano tem uma aptidão filosófica "gerada por sonhos, o que revela a sua incapacidade de raciocinar com clareza sobre temas filosóficos" (Pessoa 227). Já Hitchcock, se repararmos bem, desenvolve nos seus filmes um autêntico pensamento filosófico (uma espécie de sistema kantiano). As narrativas, literárias e fílmicas, destes dois criadores constroem-se sob o signo da incerteza, do inesperado, do oculto. Mas se tomarmos por exemplo em consideração *A mulher que viveu duas vezes*, encontramos uma "vertigem epistemológica," isto é algo de absolutamente improvável no autor de *A carta roubada*.

Dan Flory ensaia uma comparação entre o texto fílmico agora citado e as perspectivas de alguns pensadores que exprimem uma fé inabalável nos princípios universais como garantia de compreensão para os fenómenos que nos cercam. Essa poderia justamente ser a atitude representada por Scottie em *A mulher que viveu duas vezes*. Uma oportuna releitura de Aristóteles indica, a este propósito, uma desconfiança nas formulações universalistas. Tudo o que diga respeito aos fenómenos do comportamento e do papel que neles desempenham as inúmeras configurações da mente humana, não pode ser conhecido apenas com base em ideias e dados empíricos previamente adquiridos. Dan Flory convoca o pensamento de Thomas Kuhn e sua obra *A estrutura das revoluções cientificas* (1962), um marco na evolução do pensamento epistemológico, em cuja conclusão ressalta o princípio de que "as teorias afectam profundamente aquilo que pensamos dos 'factos' " (Baggett e Drumin 141-56). À vertigem inicial provocada pela falibilidade das grandes referências, sucedem novas metodologias formuladas de modo a que possam ser aceites variáveis até então consideradas improváveis. Uma perspectiva estritamente baseada nos factos pode ser insuficiente. A partir destas premissas Flory autoriza-nos a concluir que neste filme Hitchcock elabora uma crítica à forma de "conhecer as mentes humanas de modo demasiado próximo de um paradigma ingenuamente científico" (Baggett e Drumin 141-56).

Dos 59 filmes realizados por Hitchcock, incluindo curtas-metragens, em alguns dos quais teve também intervenção como argumentista, não encontramos um único dedicado a Edgar Poe, ou adaptado de uma das suas histórias. E no entanto, dir-se-ia que este escritor, percorre subliminarmente esta filmografia, com a qual partilha o sentido da intriga e uma técnica de representação do medo. Como em muitas cenas de filmes de Hitchcock, o susto vivido pelo leitor/espectador decorre não daquilo que se mostra, mas daquilo que não chega a ser visto, que é subentendido, induzido, e por fim imaginado como desfecho inevitável.

Jorge Luís Borges, outro minucioso leitor de Poe, considera na introdução a *A carta roubada* (Poe 9-13) que existem dois escritores norte-americanos sem os quais "a literatura do nosso tempo seria inconcebível, ou pelo menos muito diferente do que é. Um deles é, naturalmente, Edgar Poe. O outro Walt Whitman" (curiosamente ambos autores de eleição de Pessoa). Quando nas *Páginas de estética e de teoria e critica literária* (156) Fernando Pessoa, colocado perante os desenvolvimentos da civilização do seu tempo, traçava percursos para o pensamento e para a poética, escolheu Whitman como representante de um caminho caracterizado pela entrega ao mundo exterior. Quanto a Poe, decidiu inclui-lo (ao lado de Baudelaire, ou de Verlaine) na "fuga para o longe no espaço," para "estranho e o invulgar na vida".

Será e então legítimo enfatizar uma convergência entre Borges e Pessoa? E se assim for o que nos impede de incluir Hitchcock nesta linhagem? Observador agudo dos comportamentos e das razões mais secretas que determinam a conduta humana, este realizador

descobre, sob a aparência ingénua dos gestos, intrigas absorventes, transforma um episódio vulgar numa armadilha capaz de precipitar o espectador na mais improvável das realidades.

Filmes como *The Man Who Knew Too Much* (*O homem que sabia demais*, 1934, produzido para a Guamont British Pictures que teve posteriormente outra versão, em 1956, para a Paramount), *Rebecca* (1940), Spellbound (*A casa encantada*, 1945), Psicho (1960), *Marine* (1964), e de uma forma geral todos os filmes de Hitchcock, analisam escrupulosamente gestos e motivações, formas de agir, comportamentos aprisionados na complexa teia de relações entre o medo e a culpa, a ansiedade e a angústia, o crime e o castigo.

À semelhança daquilo que acontece na realidade, os filmes de Hitchcock confrontam o olhar e a consciência do espectador com a percepção dos factos mediante um diálogo, uma conversa entre personagens. A oralidade diz uma coisa, aponta um sentido. A imagem diz outra diferente, e por vezes um sentido paralelo ao anterior. As banalidades, percepcionadas como entretenimento e distracção, servem também para ganhar tempo. Um tempo necessário ao olhar introspectivo através do qual um interlocutor tenta captar no outro uma ideia profunda, apercebendo-se de uma subtil e comprometedora alusão à falta cometida (Hitchcock e Truffaut 154-157). Neste aspecto temos sobretudo presente as considerações de Hitchcock relativas a *I Confess* (*Confesso*, 1952), filme que permitiu ao realizador reflectir sobre uma questão de inquietante actualidade: "a verdade ultrapassa a ficção".

O público do suspense hitchcockiano é alimentado por uma expectativa de ficção na qual as emoções sobem constantemente de tom. O realizador, em *I Confess* elabora a narrativa com recurso a um método que equivale a injectar ficção no interior da ficção. Por exemplo, quando o espectador testemunha um acontecimento que suscita a maior incredibilidade, (e por consequência só pode ser legitimado no campo de uma espécie de ficção em segundo grau), Hitchcock opta por incluir esse elemento na trama fílmica, e desse modo gera uma maior desconfiança na mente do público. Demasiado intrigante para ter realmente acontecido, demasiado estranho para ser verosímil. Trata-se fundamentalmente de um meio crucial para provocar temor e insegurança no público, essa entidade superlativa com a qual este realizador mantém uma relação quase pessoal e profundamente irónica. Ou não fosse Hitchcock um talentoso disseminador de índicos, sinais, falsas pistas, enigmas que se desdobram nas fronteiras do verosímil.

Recorde-se a propósito que este filme exprime um dos traços culturais e psicológicos do catolicismo, um elemento importante para compreendermos o carácter e o pensamento hitchcockiano: um padre ouve um crime em confissão e acaba por ser acusado de o ter cometido. O problema, como acentua Truffaut, diz respeito à "transferência da culpa," questão aliás não isenta de ressonâncias psicanalíticas. "Qualquer padre que receba a confissão de qualquer assassínio fica ligado ao crime depois do facto," (Hitchcock e Truffaut 152). A inquietação que o filme trabalha, segundo a lógica de tensão que o caracteriza, uma vez levada até ao limite, suscita a dúvida sobre se devemos "conservar um segredo com o risco da própria vida" e até que ponto isso "é ridículo" (id. ibid.).

De um lado a vibração do segredo, do outro, a vida em risco. É exactamente dentro desta mesma dualidade que se move a escrita de Poe, quer no sentido literário, quer na vertiginosa dimensão poética de que a sua biografia se reveste. Adoptar Poe como signo indutor de sentido numa estratégia de abordagem à filmografia hitchcockiana poderá traduzir-se num método capaz de produzir resultados interessantes, tendo em conta que o processo criativo

do escritor implica imaginar aquilo que escondem comportamentos que qualificaríamos como "normais". No seu conto "Peter Pendulum, o homem de negócios," Poe demonstra como uma banalidade sensata, "O método é a alma dos negócios," pode ocultar uma estranha atitude perante o mundo. Trata-se da história de um homem de negócios que muda constantemente de área de negócio, qualquer deles mais insólito que o outro. A mudança não se deve à falta de sucesso, mas a uma doentia confiança nas virtudes do método. Poe apresenta-nos um personagem perturbado, que não sabe que o é, e narra as suas excentricidades como se fossem plausíveis. O leitor fica então a conhecer Peter Pendulum, uma criatura que faz da instabilidade uma ilusão de sucesso. O negócio de "Agressões e ferimentos," o negócio dos "Realejos," ou a "Criação de gatos," são actividades honestas e bem engendradas, mas deixam o leitor inseguro, apreensivo, até porque Peter Pendulum "era conhecido como um homem em quem se podia ter confiança" (Poe, *Histórias* 601-07)

Este texto de Poe acaba por desenvolver uma noção que é afinal um dos grandes recursos ficcionais de Hitchcock: o criminoso pode ser alguém – e normalmente é - em quem somos levados a confiar. Por debaixo de uma aparência inócua está escondido um assassino. Esta é uma fascinante lição sobre o *suspense*, e a sua génese aponta para fenómeno psicológico traduzido numa espécie de "terror" adiado.

"Carregar de emoção" e preencher a tapeçaria" são duas expressões que Hitchcock usou com frequência ao longo das entrevistas com François Truffaut. As mais de mil páginas das Histórias Completas de Edgar Poe são também elas um excesso de emoções proporcionadas a cada leitor. Relativamente à expressão "compor a tapeçaria," deduzimos facilmente que se trata de preencher um puzzle cujas peças são afinal factos psíquicos (é uma vez mais a Pessoa que devemos esta expressão). Quase no final de *A carta roubada* há uma pequena referência à Eneida de Virgílio onde se fala da ruína moral e sobre quanto é difícil dela recuperar (Poe, *A carta* 51). O autor de *A carta roubada* conheceu a ruína psicológica e física, e parece ter escrito muitos dos pesadelos que fizeram o seu delírio. Em Poe vamos encontrar uma fusão entre realidade e ficção, suscitada pela sua mente atormentada. A sua personalidade convulsiva faz dele um potencial personagem de um filme de Hitchcock (Edgar A. Poe, presumível habitante da *Casa encantada*). E inversamente, muitas narrativas de Poe também podiam ser sonhadas por personagens de Hitchcock.

Pela sua natureza, imagem em movimento, e pela sua estranheza, diluição de fronteiras entre o real e o imaginário, o cinema - e neste caso a obra de Hitchcock em particular – revela-nos um mistério cheio de jogos de luz e sombra. Tal como o inconsciente. Quanto a Poe, bastaria ter presente o célebre texto de Lacan, *Le séminaire sur La Letre Volée* (Lacan), e o jogo entre o olhar que nada vê, um segundo olhar que vê que o primeiro nada vê, e um terceiro olhar que vê o que os anteriores deixam a descoberto, mas devia ter sido escondido. Este enigma de uma carta que se desloca na "repetição" abarca o simbólico. Por outros meios se suscita assim o cinema de Hitchcock, quando reflecte olhares que sabem porque viram e olhares que vêem sem saber[2]. E se em Poe (como na literatura, ou no trabalho psicanalítico)

2 A partir do texto célebre de Lacan abrem-se múltiplas pistas e possibilidades, desde logo importa saber o que podemos tomar à letra (Lacan 34), ou paradoxalmente (pensemos agora em Hitchcock) que imagem pode ser tomada *à letra*? Nenhuma, seguramente.

a palavra diz sempre mais do que aquilo que parece dizer, em Hitchcock a imagem mostra sempre mais do que aquilo que o espectador supõe ver, "porque o suspense é o mais poderoso meio de sustentar a atenção do espectador". O olhar crítico seria então esse "terceiro" olhar, capaz de cerzir os intervalos, as fissuras, os espaços em branco e renovar a atenção.

BIBLIOGRAFIA

Baggett, David J., e William A. Drumin. *Hitchcock e a filosofia*. Alfragide: Estrela Polar, 2008.

Hitchcock, Alfred, e François Truffaut. *Hitchcock diálogo com Truffaut*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

Lacan, Jacques. "Le séminaire sur 'La lettre volée'". *Écrits I*. Paris: Seuil, 1966.

Pessoa, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Lisboa: Ática, 1973.

Poe, Edgar A. *A carta roubada*. Lisboa: Presença, 2008.

---. *Histórias completas de Edgar Poe*. Vol. I. Lisboa: Arcádia, 1971.

REFLEXÃO SOBRE AS (IM)POSSÍVEIS FRONTEIRAS DA MORALIDADE

Raquel Monteiro
Aluna do Doutoramento em Ciências da Informação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
raquelm@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 130-141 (2010)
Submetido/Submitted: 11 Dez. 2009 / Aceite/Accepted: 07 Jun. 2010

RESUMO

Este trabalho pretende reflectir acerca da presença ou ausência de moralidade em alguns dos contos de Fernando Pessoa e Edgar Poe. No caso de Pessoa, restringimos a nossa análise a um texto em particular: "Um jantar muito original".

Para atingir esse objectivo final, é importante atravessar algumas páginas de teoria escritas por ambos os autores, com o intuito de compreender a sua posição acerca da relação entre a moral e o texto literário.

PALAVRAS-CHAVE

Alexander Search, Fernando Pessoa, Edgar Poe, contos, moral, amoralidade

ABSTRACT

This work intends to reflect about the presence or absence of morality in some of Fernando Pessoa and Edgar Poe's short-stories. In Pessoa's case, we restrict our analysis to one particular text: "A Very Original Dinner".

To reach this final goal we need to cross some theoretical pages written by both authors, in order to understand their position regarding the relation established between moral and literary text.

KEYWORDS

Alexander Search, Fernando Pessoa, Edgar Poe, short-stories, morality, amorality

1. Numerosas são as páginas que se foram desenhando com o intuito de compreender as influências que perpassam a escrita pessoana. Tendo produzido textos da mais diversa índole, movido pelo desejo de se transformar em *toda uma literatura*, é natural que tais demarcações se afigurem por vezes difíceis e pouco consensuais. No entanto, esse não será certamente o caso de Edgar Allan Poe, o qual assume particular destaque quando nos referimos aos contos de raciocínio ou, se preferirmos, às "novelas policiárias".

> (…) será igualmente de atender (…) ao seu interesse por Edgar Poe que se manifesta, quando ainda muito jovem, pela leitura atenta (algumas vezes crítica) de livros como *Tales of Adventures. Mystery and Imagination* (um dos livros que recebeu na High School de Durban); pela tradução do poema "O Corvo" e de "Poemas Finais" na Revista *Athena*; pela persistente e anotada leitura da obra do autor de *The Purloined Letter* e, sobretudo, porque mais palpável, pelas considerações (nem sempre totalmente benévolas) que teceu sobre o autor (…) (Castelo Branco 12)

Tal como refere a autora do excerto transcrito, as notas e apontamentos legados pelo Poeta permitem-nos reconhecer, de forma "mais palpável," o interesse que Poe suscitou em Fernando Pessoa. Se é certo que as considerações que teceu nem sempre se afiguram "totalmente benévolas," também é um facto o reconhecimento da genialidade do norte-americano.

> O tipo imperfeito divide-se em dois subtipos: o homem dotado de génio e argúcia, mas não de talento, saltando, assim, um estádio intermédio de que Shakespeare e Goethe são exemplos supremos; e o homem simplesmente dotado de génio, sem o elemento equilibrante do talento ou da inteligência (…)
>
> Poe tinha génio. Poe tinha talento, pois possuía grande capacidade de raciocínio, e o raciocínio é a expressão formal do talento. (Pessoa, *Prosa* 387, 388)

Num dos apontamentos do espólio pessoano, intitulado "Characters of Men of Genius," pode ler-se o seguinte (Pessoa, *Escritos* 41):

> What is genius?
> Genius = Intellect +
> Byron. Genius. Carelessness.
> Rousseau.
> Shelley. – Perverseness incarnate.
> Keats. – Slothfulness.
> **Poe. – fear, weak will.**[1]
> Voltaire –
> Goethe –

Em primeiro lugar, e tentando ultrapassar o facto de se tratar de um fragmento inacabado, percebe-se de imediato que a descrição dos "Homens de génio" passa pela indicação das

1 Negrito nosso.

falhas do seu carácter, o que não menoriza, certamente, a admiração de Pessoa[2], apenas lhe confere a lucidez e racionalização a que sempre nos habituou. De facto, e atentando a este incontestável reconhecimento, não causarão estranheza as inúmeras confluências com a escrita de Edgar Poe, as quais não se poderão demarcar aqui com a brevidade necessária. Como tal, circunscrevendo esse vasto universo "transtextual," e sublinhando que não foi apenas o fascínio do raciocínio dedutivo presente nos contos detectivescos do autor de "O Corvo" que deixou marcas na obra pessoana[3], optou-se enveredar pelo percurso labiríntico de "A Very Original Dinner," escrito em 1907 e assinado pelo heterónimo Alexander Search[4].

A análise que se pretende levar a cabo assenta na criação de um diálogo entre "Um jantar muito original" e algumas das páginas, ortónimas e heterónimas, de prosa íntima e de teoria e crítica literária, uma vez que as limitações impostas a esta exposição inibem uma apresentação aprofundada de todas as particularidades desta narrativa.

Um dos aspectos mais singulares deste conto é, sem sombra de dúvida, a sua temática – o canibalismo. Contudo, este não se afigura como tema central da história – a centralidade parece estar na personagem Herr Prosit, na sua peculiar personalidade e na ainda maior peculiaridade do crime que premeditou e cometeu. Prosit é simultaneamente "um poeta do sabor" (Pessoa, *Ficção* 29) e o "louco autor desta façanha mais que horrível" (id. 43).

Apesar de o narrador desta história povoar o seu discurso de juízos de valor e considerações morais, será forçoso que o atento leitor de Pessoa estabeleça, em presença das pouco inocentes expressões transcritas, um paralelismo entre tais apreciações e as reflexões legadas pelo seu autor (Search/Pessoa)[5].

De facto, a interpretação de "Um jantar muito original," na busca do sentido moralizador da história, adquire novos contornos quando lida através do diálogo cruzado da obra pessoana. Se, numa primeira análise, assistimos ao julgamento de Prosit (que não se limita, como veremos, ao julgamento do acto criminoso), caberá ao leitor o aprofundar dessa análise, reconhecendo-se, ele próprio, capaz de lançar a sentença final, a partir do julgamento do juiz.

2 Relembre-se que Pessoa separa o homem de génio do homem comum, atribuindo-lhe uma incontestável superioridade, tal como se poderá verificar na seguinte nota:

> *"Genius.*
> A great, superior man – a surhomme – is one in whom are present in a high degree: Reflexion, Conscience, and Effort, the 3 states of higher consciousness, almost exclusively human". (Pessoa, Escritos 45)

3 A propósito do raciocínio no romance policial ver "O caso policial: classificações e argumentos" de Maria do Carmo Castelo Branco.

4 Apesar de ser referido o original em inglês, optou-se pela tradução portuguesa feita, em 1987, por Maria Leonor Machado de Sousa, a qual foi utilizada na edição *Ficção e teatro*, organizada por António Quadros. Assim sendo, todas as referências ao texto estarão de acordo com esta edição.

5 Esta ligação entre Pessoa e Search parece legitimada quando a confrontamos com o que se segue: "Na realidade, há uma série de factos, não ocasionais, que nos levam a crer que Pessoa atribuiu a esta personagem do seu drama um papel e peso muito especiais: a data comum de nascimento, no mesmo local; a escrita de cartas e a recepção de correspondência na mesma morada de F. Pessoa; a assinatura aposta em 18 livros em inglês, francês e português da biblioteca pessoana; a colaboração literária com escritores da vida real; a passagem da produção atribuída a outras personalidades para o seu nome e a fixação nele de um tipo de poesia mais confessional; o grande volume de produção poética realizada em seu nome ao longo de sete anos; a voz que tomou de Pessoa, substituindo-o nos anos difíceis da sua adolescência, do qual nos transmite, em inglês, as crises, os medos, as obsessões". (Freire 33)

2. O tema do canibalismo, refere Maria de Lurdes Sampaio, quando abordado por Fernando Pessoa, pode causar estranheza. Porém, esclarece: "a independência de um jovem autor, que bem cedo separa o sentimento estético do sentimento moral"; a necessidade de "uma experiência estético-literária sem limites" (Sampaio 249), a qual, segundo o próprio, deverá estar apartada de preconceitos e valores que em nada se relacionam com a concepção da obra de arte; a influência exercida por determinados autores, entre os quais Poe, contribui para a sua compreensão dentro do corpus da produção literária de Pessoa. Na introdução dos textos de *Ficção e teatro*, feita por António Quadros, há uma observação que nos permite reforçar a ideia desta influência: "(…) os contos planeados ou escritos nesta fase sob a capa deste pseudónimo ou quase heterónimo reflectem certa influência de Edgar Allan Poe e dos seus contos e poesias de terror (…)". (Pessoa, *Ficção* 27)

Finalmente, ainda com o mesmo propósito, deverá referir-se um estudo feito por Maria do Carmo Castelo Branco acerca de "O Caso Policial: classificação e argumentos," que permitirá corroborar aquilo que anteriormente se afirmou, isto é, o consensual reconhecimento de uma "(…) relação de inclusão, tanto do conto de Edgar Poe como dos fragmentos «policiários» de Fernando Pessoa". (Castelo Branco 14)

Com efeito, parece legítimo afirmar que o nome Edgar Allan Poe é incontornável. Os seus conhecidos contos de mistério e morte[6], precursores dos contos de terror modernos, não podem ser ilibados de tal influência, visível não só nas já referidas notas do Poeta, mas também no próprio texto de ficção (no discurso do narrador):

> Através de toda a literatura, muita subtileza, muita intuição, se despenderam em casos deste género. São manifestamente patológicos. Poe deu aos complexos sentimentos que os inspiram, pensando que se reduzem a um só, o nome geral de *perversidade*.[7] (Pessoa, *Ficção* 29)

De ressalvar, no entanto, que esta admiração é perfeitamente consciente, envolta em agudeza de raciocínio e sagacidade crítica.

Nas famosas páginas de "Heróstrato ou o futuro da celebridade," escritas num período compreendido entre 1929 e 1931[8], há uma clara recusa das qualidades teorizantes do escritor norte-americano:

> Temos tipos como Poe – génio associado a um elemento (raciocínio) da inteligência (a sua aptidão filosófica era uma ficção gerada por sonhos, como mostra a sua incapacidade de raciocinar com clareza sobre temas filosóficos, não obstante as suas admiráveis faculdades de raciocínio, como na sua célebre auto-ilusão sobre a composição de "O Corvo", que não é um poema muito notável, diga-se de passagem). (Pessoa, *Prosa* 389)

6 A título exemplificativo, podem-se referir os contos "The Fall of the House of Usher," "The Mask of the Red Death," "The Cask of the Amontillado".

7 Esta afirmação funcionará também como indicador do desenlace de "Um jantar muito original," assunto que abordaremos mais adiante.

8 Indicação dada por Richard Zenith, na edição de *Prosa* íntima e de autoconhecimento.

Todavia, não podemos separar tais afirmações do seu contexto - o período que separa "Um jantar muito original" das considerações acima mencionadas é preenchido por cerca de duas décadas de reflexão, resultando num pensamento amadurecido pelo tempo. Posto isto, poder-se-á afirmar que esta "auto-ilusão," exposta em "A filosofia da composição," teria sido justaposta numa espécie de exercício de experimentação e transposição teórica.

Desde o início do conto de Search são dados indícios do seu desfecho. O temperamento de Prosit, os fragmentos do seu discurso (cuidadosamente escolhidos pelo narrador), a presença constante de alguns lexemas – "brutalidade,""impulsivo,""grotesco,""obscuridade," etc. - são indicadores que nos permitem deduzir que o aspecto final da obra já estaria delineado na mente do seu artífice. Ora, em "A filosofia da composição," Poe diz o seguinte:

> Nada é mais claro do que, cada intriga digna desse nome, ter que ser elaborada até ao seu *desenlace* antes que qualquer coisa seja tentada no papel. É apenas com o desenlace constantemente em vista que podemos dar a uma intriga o seu indispensável ar de consequência, ou causalidade, fazendo os incidentes, e especialmente o tom, em todos os pontos, tender para o desenvolvimento da intenção. (*Poética* 33, 34)

E acrescenta:

> (…) a originalidade (a não ser em mentes de força rara) é sem dúvida nenhuma um assunto, tal como alguns supõem, de impulso ou intuição. Em geral, para ser descoberta, tem que ser elaboradamente procurada, e embora um mérito positivo de classe mais elevada, para ser alcançada exige menos invenção do que negação. (id. 45, 46)

De facto, como já foi referido anteriormente, o discurso do narrador permite-nos conceber o final do enredo e concluir que o *desenlace* estaria previsto, pois, tanto *os incidentes como o tom tendem para o desenvolvimento da intenção*.

3. As primeiras páginas da narrativa situam-nos, através do *flashback* feito pelo narrador – "**Foi** durante quingentésima sessão anual da Sociedade Gastronómica de Berlim" (Pessoa, *Ficção* 26) –, no momento em que Prosit torna pública a sua intenção de brindar todos os convivas com um *original jantar*; convite esse acompanhado de um desafio: "Desafio qualquer homem que aqui está (e, para o caso, podia dizer **qualquer homem em qualquer parte**) a dizer, depois de terminado, em que é que ele é original". (id. 32) Os apartes do narrador e a sua posição perante os acontecimentos (repare-se que o tempo da narração é posterior ao tempo da história) fazem com que o possível efeito surpresa, causado pelo homicídio e pelo subsequente canibalismo, se vá lentamente dissipando. Esta divulgação do desafio é precedida de uma longa e exaustiva descrição de Prosit, também ela carregada de indicadores que desvendam o desfecho deste *Jantar*:

> Estava pensativo – ele, Prosit; estava calado – ele, Prosit; estava sério – ele, Wihelm Prosit, presidente da Sociedade Gastronómica. (…) E, tal como uma tempestade (…), se alguma vez guardava silêncio, este era um descanso e um **prelúdio para uma explosão maior que todas**. (Pessoa, *Ficção* 27)

A repetição, que se destaca no excerto transcrito, funciona como exclamação, reproduz verbalmente o grau de estupefacção do narrador perante tais constatações. A descrição é acompanhada de uma constante (e obsessiva) avaliação do carácter do *criminoso* – "alegre," "sociável," mas de uma "vivacidade anormal," de uma "seriedade que não era natural;" evidenciava uma "disposição permanentemente antinatural," "a sua sociabilidade parecia patológica," a alegria era "falsa," o seu "sorriso grotesco;" "era grosseiro, brutal, impulsivo," "não era normalmente grosseiro, era-o anormalmente," possuía uma "brutalidade inata".

A descrição de Prosit invade a grande maioria das páginas deste conto. Aliás, o enredo tem uma ínfima importância, quando comparado com a exaustiva e minuciosa descrição do carácter da personagem principal. Contudo, estas observações não são inócuas, pois é através delas que detectamos a imposição do *determinismo*. O carácter de Prosit, de acordo com a descrição do narrador, possui uma anormalidade patológica que poderá propiciar uma espécie de predisposição para o crime ou, mais do que isso, para o acto monstruoso.

Também as referências ao seu discurso parecem cuidadosamente escolhidas. Os diálogos em discurso directo, apesar de escassos, assumem uma dupla funcionalidade - corroborar as asserções feitas pelo narrador e pressagiar o que se seguirá:

> «(…) de hoje a dez dias darei uma nova espécie de jantar, um jantar muito original.» (Pessoa, *Ficção* 31)
>
> «A originalidade do jantar», disse o Presidente, como alguém que falasse depois de reflectir, «não está no que ele tem ou parece, mas naquilo que significa, **no que contém**.» (id. 32);
>
> «Podemos saber», perguntou um membro, «o motivo do seu convite?»
>
> «**Sou levado a isso**», explicou Prosit, e havia uma expressão sarcástica no seu olhar decidido, «por uma discussão que tive antes do jantar. (…)» (id. 32)

A partir dos excertos transcritos é possível constatar que há uma clara premeditação do crime, o que o dota de maior gravidade e serve, simultaneamente, de reforço às considerações feitas pelo narrador – Prosit era, pelo seu carácter *grotesco*, forçado a infligir uma aparatosa e incontestável derrota aos cinco rapazes de Frankfort.

4. Há, todavia, um elemento que condiciona toda a narrativa - o seu narrador. Maria de Lurdes Sampaio refere que este não é um narrador "demiúrgico," pois, "No âmbito de um código de representação realista" e para conferir um carácter de verosimilhança, criando um narrador "credível ou fidedigno," é imperiosa a "focalização restritiva, limitada". A imagem de Prosit é, pelo discurso, "uma imagem reflectida, resultado de um efeito produzido noutra consciência e indissociável do sujeito que a cria," resultando daí "a incerteza e a ambiguidade, abrangendo quer o objecto (des)focado (Prosit) quer o sujeito que o foca (o narrador)". (Sampaio 256, 257) De facto, a emotividade confessada anula o efeito de entidade abstracta, que se constrói discursivamente, dando lugar a um narrador mais humano, mais próximo

do leitor, ou, se preferimos, um narrador/personagem *verosímil*. A sua parcialidade é-nos constantemente relembrada, apesar ele próprio nos tentar convencer do contrário[9]:

> Acabo de dizer que Prosit era grosseiro. É verdade: era grosseiro, o seu humor manifestava-se grosseiramente. Informo-vos de tudo isto com cuidado. Não escrevo nem louvor nem calúnia. Estou a descrever uma personagem o mais rigorosamente que posso. **Tal como o permite a visão do meu espírito**, sigo os trilhos da verdade. (Pessoa, *Ficção* 29)

A "verdade" anunciada pelo narrador está visivelmente afastada do escrutínio rigoroso do exímio raciocinador Abílio Quaresma, personagem de destaque nos contos policiais de Pessoa: "O raciocinador, se é deveras um raciocinador, tem o escrúpulo da abstracção, e escrúpulo de eliminar o mais possível a sua personalidade" (Pessoa, "Quaresma" 355). A descrição dos eventos é indissociável do mundo interior de Meyer (o narrador) e subverte os "propósitos" daquele que o profere.

A incapacidade de se dissociar das emoções suscitadas pela memória dos factos lembra os narradores de "Ligeia" e "Morella". O primeiro, arrebatado pela paixão, constrói uma idílica imagem da mulher amada, a qual é divinizada pela perfeição sobre-humana: "Observava os delicados contornos do nariz, e nunca contemplara perfeição que se lhe assemelhasse (…)," "os dentes que reflectiam, com brilho quase ofuscante, o menor raio de luz sagrada," "sorriso, que era ao mesmo tempo o mais exultantemente radioso que alguma vez vi" (Poe, "Ligeia" 5); o segundo, consumido pela destruição e pelo ódio, transforma a mulher num ser quase demoniacamente sobrenatural:

> (…) gostava de sonhar ao pé dela e de mergulhar na música da sua voz até que os acentos melódicos me penetravam de horror e uma sombra caía sobre a minha alma fazendo-a empalidecer e estremecer com essas vibrações e sons ultratelúricos.
>
> Desta maneira o prazer transformava-se subitamente em terror e o ideal do belo convertia-se num ideal odioso. (Poe, "Morella" 112)

Tal como em "Morella," o narrador de "Um jantar muito original" alimenta o seu discurso com sentimentos que, à luz das convenções sociais, são considerados negativos – ressentimento, abominação, ódio. A narrativa poderia ser encarada como lugar de redenção, onde confessaria o seu próprio crime. No entanto, o que acontece é precisamente o inverso – uma longa argumentação que tem o intuito de justificar o papel que ele e os restantes convivas representaram enquanto juízes e carrascos. As palavras parecem cautelosamente escolhidas: "ficaram todos esmagados pela impensável revelação" (42); "A loucura acima de todos os sonhos era horrível no domínio da realidade" (42). Prosit surge como responsável moral de

9 "Esta insistência do narrador nas suas limitações é, acima de tudo, uma estratégia para conquistar a confiança do leitor — uma forma de criar verosimilhança e inscrever no texto a imagem de um narrador credível ou fidedigno. No âmbito de um código de representação realista (…) ele não pode ser um narrador demiúrgico com capacidade para penetrar na interioridade das suas personagens. A focalização é aqui restritiva, limitada, o que permite gerar obscuridades e ambiguidades necessárias à criação de mistério em torno de Prosit, personagem ambivalente e enigmática, que se torna, desta forma, objecto (distanciado, mas privilegiado) da curiosidade do leitor". (Sampaio 256-257)

um outro crime, o seu próprio homicídio. O horror suscitado pelo seu acto despoletou uma incrível fúria. Pior do que isso, talvez o convívio com o Presidente tenha sido o suficiente para que essa fúria *pior que animalesca* transfigurasse aqueles "homens bem educados, bem vestidos, requintados, meio-artistas" (Pessoa, *Ficção* 43). Mas, não existia outra escolha. Se essa "fúria justa e descontrolada" fosse contida, seriam mais do que canibais involuntários, seriam cúmplices do abominável crime. O sentido de justiça impunha-se, mesmo que a aplicação da *merecida* punição se afigurasse contrária ao seu carácter: "Eu próprio, antes de todos, dei um murro no criminoso. Com uma fúria tão horrível que parecia vir de outra pessoa" (Pessoa, *Ficção* 43). Porém, "Sou brando, sensível, detesto sangue". (id. ibid.) Finalmente, a remição – "como foi possível praticar um acto que, para a minha maneira de ser habitual, era de tão terrível crueldade, embora justo" (id. ibid.) – feita, claro está, à sua maneira. O homicídio afigura-se como um mal necessário.

Também em "Morella" há factores que condicionam e predestinam a acção, desde a "profecia" da esposa moribunda – "(…) arrastarás, por toda a terra, o teu sudário como muçulmano". (Poe, "Morella" 115) – ao desenvolvimento da filha, que de dia para dia revelava no rosto "pontos de contacto entre a filha e a mãe (…) e cada vez essas sombras e semelhanças se tornavam mais densas" (ib. ibid.), culminando na cerimónia baptismal:

> **(…) a cerimónia do baptismo apareceu ao meu espírito, nesse estado de enervamento e de agitação, como para me libertar dos terrores do destino. Já na pia baptismal, hesitei em escolher os nomes (…) Mas que foi, então, que agitou em mim a recordação da morta? Que demónio me obrigou a suspirar uma palavra cuja simples recordação me fazia sempre afluir torrentes de sangue ao coração e às fontes? Que mau espírito falou do fundo dos abismos da minha alma quando, sob as abóbadas escuras e no silêncio da noite, murmurei ao ouvido do padre as sílabas Mo-re-lla? (id. 117)**

Em ambos os contos há uma inevitabilidade latente. Tanto o narrador de "Morella" como o de "Um jantar muito original" parecem condicionados por forças que não dominam – de um lado a responsabilidade recai no sobrenatural, do outro, é a moral social e tradicional que se impõe ao indivíduo. Coincidente é também a aparente ausência de qualquer preocupação moral, ou seja, não existe a pretensão de conferir aos contos um sentido moralizador. Os conceitos de bem e mal surgem-nos moldados pela visão daquele que conta, impedindo-nos de fazer, com segurança, qualquer juízo de valor. Se lhes quisermos reconhecer alguma intenção textual, ela deverá estar circunscrita a um objectivo primordial: contar uma história[10]. Talvez seja essa intenção narrativa que levou a crítica a acusar Poe de criar histórias avessas aos princípios morais. Acusação que recebe a merecida réplica do autor em "Nunca aposte a sua cabeça com o Diabo":

10 No caso de Pessoa, a necessidade de contar uma história adquire, neste conto, um carácter de excepcionalidade, contrariando a habitual tendência para a teorização, como acentua Maria do Carmo Castelo Branco: "Estes três fragmentos ["O banqueiro anarquista," "Três categorias de inteligência" e "Arte de raciocinar"] mostram à evidência a pouca importância dada pelo autor à *história do crime*, como se o texto ensaístico se sobrepusesse ao narrativo e a história a haver fosse um simples pretexto para explanações de uma retórica argumentativa. (…) A retórica argumentativa e os seus efeitos persuasivos voltam a sobrepor-se à ficção narrativa (policial ou outra) – como se o jogo e o prazer intelectual dele derivado se sobrepusessem sempre à arte de contar". (*Escritos* 16, 17)

> Um romancista, por exemplo, não tem precisão de se preocupar com a moral da sua obra. Ela está lá – quer dizer, está algures – e a moral e os críticos podem tomar conta de si próprios. Quando chegar a altura certa, tudo o que o cavalheiro pretendia, e tudo o que não pretendia, será trazido à luz (…), juntamente com tudo aquilo que ele devia ter pretendido e o resto do que ele claramente tencionava pretender.
>
> (…)
>
> Não há, pois bases justificadas para a acusação contra mim lançada por certos ignorantes: que eu nunca escrevi um conto moral ou, por palavras mais precisas, um conto com moral. (Poe, "Nunca" 96)

Do mesmo modo, Pessoa afirma que toda a literatura não tem que estar, necessariamente, agrilhoada a princípios morais, pois

> Objectivamente não existe qualquer relação entre arte e moralidade pela simples razão de que a arte é arte e moralidade é moralidade, e pela mesma razão porque não existe qualquer relação entre a verdade e a moralidade. (*Prosa* 376)
>
> A arte suprema tem por fim libertar – erguer a alma acima de tudo quanto é estreito, acima dos instintos, das preocupações morais e imorais.
>
> A arte nada tem com a moral, quanto ao fim; tem, quanto ao conteúdo. (Pessoa, *Páginas* 53)

Isso não significa necessariamente que o leitor, no seu livre exercício interpretativo, possa alegar que há uma total ausência de moral. Se no caso de Pessoa há a defesa de que a arte, "quanto ao fim," deve ser apartada da moral, isso não implica que o conteúdo do texto não propicie a reflexão moral no leitor.

> O primeiro característico da arte do esteta é pois a ausência de elementos metafísicos e morais na substância da sua ideação. Como, porém, os ideais helénicos procedem todos de uma aplicação directamente crítica da inteligência à vida, e da sensibilidade ao conteúdo dela, essa ausência metafísica não será uma ausência de ideias metafísicas, nem essa ausência de moral uma ausência de ideias morais. (Pessoa, *Apreciações* 75)

Retomando, uma vez mais, o artigo de M. L. Sampaio, verificamos que uma das possíveis intencionalidades de "Um jantar muito original" poderia residir na "caricatura da própria justiça," a qual surgiria a partir da amplificação do seu referente – "A «Sociedade Gastronómica de Berlin» não será, afinal, um corpo estranho e marginal na sociedade moderna, mas sim um produto dela". (267) Poderemos estar perante uma caricatura da "sociedade moderna em que a história é situada," onde a imposição da civilização através da violência, do "acto de justiça," se afigura como um mal necessário ou, se preferirmos, o tão afamado *mal menor*.

Assim encarado, este texto, apesar de não veicular claramente uma moral, seria uma reflexão sobre a moral. O ponto de partida estaria estabelecido na visão moral do narrador – no seu deturpado conceito de justiça, oriundo de um ainda mais deturpado conceito de moral.

Posteriormente, e tendo em conta que este narrador é produto do seu contexto, passamos para o conceito de moral social, isto é, da deturpação que a sociedade faz da moral, servindo-se dela para disciplinar e "civilizar".

Se quisermos enveredar por este caminho de leitura, as palavras de Charles Robert Anon, em "I saw the little children…" [1906?], poderiam servir esta possível conclusão moral, que, como vimos, ultrapassa os limites do texto para tocar nos princípios que modelam e conduzem a sociedade:

> "This free-will," I cried to myself, "this also is a convention and a falsehood invented by men that rhey might punish and slay and torture with the word 'justice', which is a nickname of crime. 'Judge not', the Bible has it – the Bible, 'judge not, that ye may not be judged'!" When I had been a Christian I had thought men responsible for the ill they did – I hated tyrants, I cursed kings and priests. When I had shaken off the immoral, the false influence of the philosophy of Christ, I hated tyranny, kinghood, priestdom – evil in itself. Kings and priests I pitied becouse they were men. (Pessoa, *Prosa* 49)

5. Para finalizar, relembre-se a já citada afirmação de Poe a propósito da relação entre o texto literário e a moral – A moral do "romancista" será reconhecida no "tempo próprio," nessa altura, "Virá à luz tudo o que tencionava dizer, tudo o que não tencionava, juntamente com tudo aquilo que devia tencionar". Em vez de tomar para si a responsabilidade de criar histórias com moral ou sem ela, compromete o leitor, numa arguta estratégia que lhe permite *agradar a gregos e troianos*, e que poderá ser encarada como uma antecipação das posteriores teorias que se lançam na apologia do papel do leitor. É, de facto, uma evidência da genialidade que lhe reconhece Pessoa.

Para além disso, é possível afirmar que a criação de um texto, que tenha como primordial propósito a veiculação de uma moralidade, poderia confinar o texto ao período da sua concepção. A transformação dos princípios morais acompanha a dinâmica das civilizações desde tempos remotos. Embora aceitemos a existência de valores que hoje são proclamados de universais e intemporais, o facto é que as profundas alterações que ocorrem no seio das sociedades dotam-nas de um elevado grau de imprevisibilidade. A obra de arte que apenas encontre móbil de expressão na apologia das normas de conduta de uma época arrisca-se a perder a imortalidade enquanto tal, transfigurando-se num mero registo antropológico de uma determinada civilização, num determinado período.

Apesar de não se pretender a defesa de uma arte amoral, arriscamos dizer que a possível imortalidade da obra deverá assentar mais na sugestão do que na imposição dogmática. Deste modo, mesmo no texto em que não exista, de forma objectiva, a pretensão de difundir qualquer moral, "Ela está lá – quer dizer, está algures (…)," entre leituras ou tresleituras.

BIBLIOGRAFIA

Castelo Branco, Maria do Carmo "O caso policial: classificações e argumentos". *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais* .3 (2006): 11-17.

Freire, Luísa. *Fernando Pessoa entre vozes, entre línguas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

Pessoa, Fernando. *Apreciações literárias*. Aveiro: Estante, 1990.

---. *Escritos sobre génio e loucura*. Ed. Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

---. *Ficção e teatro*. Ed. António Quadros. Mem Martins: Europa-América, 1986.

---. *Prosa íntima e de autoconhecimento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

---. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Lisboa: Ática, s.d.

---. "Quaresma, decifrador". *As novelas policiárias*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

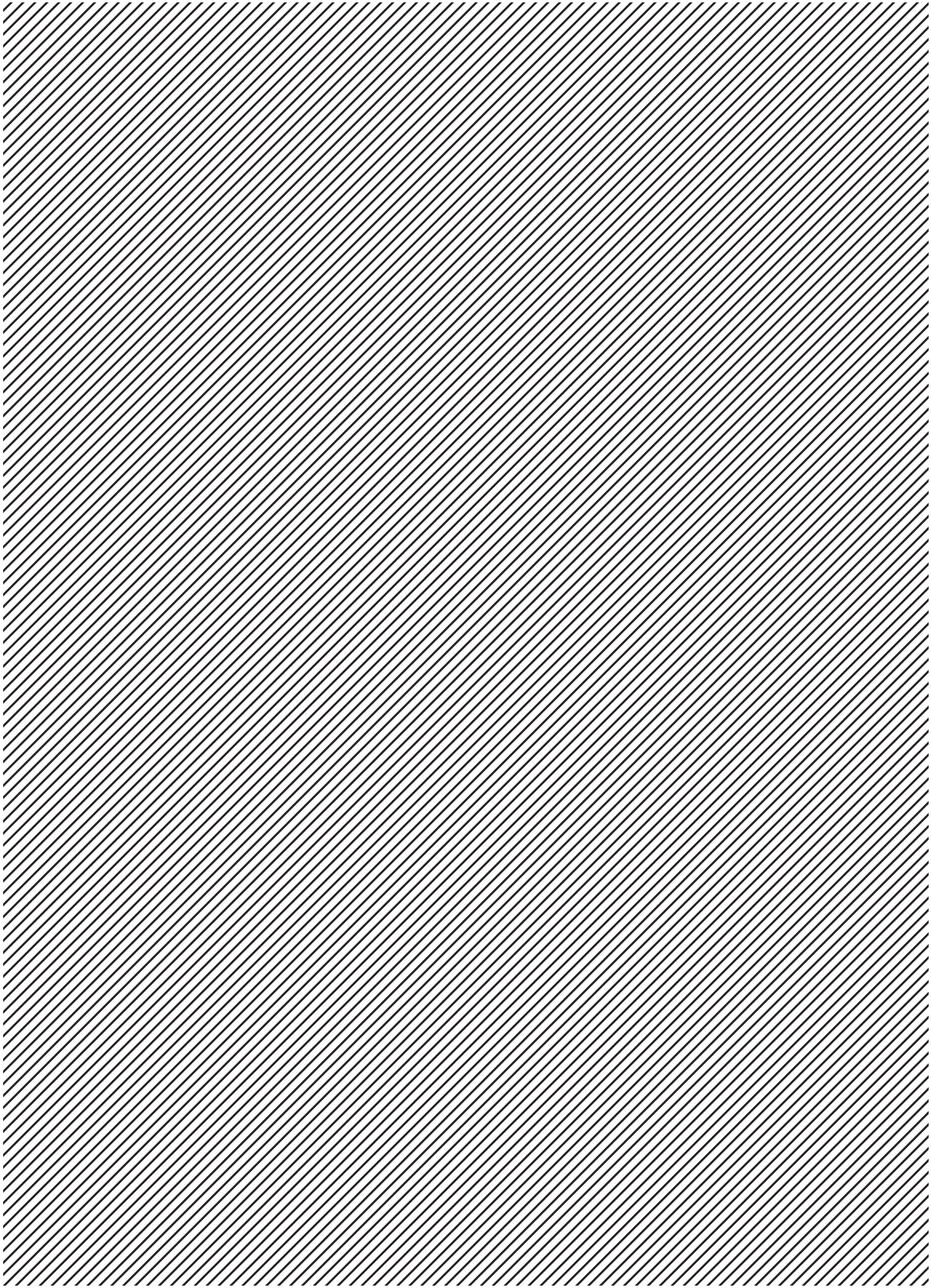
Poe, Edgar A. "Ligeia". *Histórias extraordinárias*. Lisboa: Diário de Notícias, 2000. 3-20.

---. "Morella". *Um homem na Lua*. Lisboa: Inquérito. 109-118.

---. "Nunca aposte a sua cabeça com o Diabo". *Todos os contos 2*. [Lisboa]: Círculo de Leitores/ Quetzal, 2009. 96.

---. *Poética (textos teóricos)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Sampaio, Maria de Lurdes "A ficção de Fernando Pessoa: estudo de um caso original". *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e literaturas* 1.1 (1994): 247-269.



CIÊNCIAS EMPRESARIAIS E DA COMUNICAÇÃO

A CONSERVAÇÃO E A PRESERVAÇÃO DE DOCUMENTOS DIGITAIS: UM DESAFIO NA ERA DA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO*

Alexandra Vidal
Aluna da Pós-graduação em Ciências da Informação e da Documentação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
20824@ufp.edu.pt

*Trabalho desenvolvido no âmbito do seminário Ciência e Gestão da Informação leccionado pela Professora Doutora Judite Gonçalves de Freitas, a quem muito agradecemos as sugestões efectuadas.

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 144-154 (2010)
Submetido/Submitted: 30 Abr. 2010 / Aceite/Accepted: 08 Out. 2010

RESUMO
A difusão e o acesso à informação têm sido temas centrais no novo paradigma dos estudos em arquivística. A conservação e preservação de documentos digitais, nas suas diversas formas, são um desafio central para o profissional/gestor da informação. Novas preocupações emergem: o perigo de perda de base de dados, a complexidade legislativa, entre outras. Em Portugal as instituições públicas e privadas têm vindo a implementar novos procedimentos, não apenas no sentido de facilitarem os seus serviços mas também com o intuito de aumentarem a rentabilização institucional, procedendo a uma abordagem sistémica e integrada dos sistemas de informação.

PALAVRAS-CHAVE
Informação, conservação, preservação, arquivo, arquivo digital.

ABSTRACT
The diffusion and the access to information have been central themes in the new paradigm of the archive and records studies. The conservation and preservation of digital documents, in their different forms, are a central challenge for the professional/manager of information. New worries arise: the danger of the loss of databases, the legal complexity, and many others. In Portugal public and private institutions have been implementing new procedures, not only to improve their services but also to maximize them in a systemic dynamic of the information society.

KEYWORDS
Information, conservation, preservation, record, digital records.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade a Humanidade procurou, nos mais diversos suportes, guardar, conservar e preservar a sua memória. É ao aparecimento da escrita que remonta o nascimento do arquivo e da arquivística numa componente eminentemente pragmática. Actualmente, a função da arquivística é gerir a trajectória da informação produzida pelas instituições públicas e privadas. Por fim, alcança o seu objectivo máximo ao difundir e possibilitar o acesso à informação. Hoje, deparamo-nos com uma actualização dos meios de acesso à informação, o ritmo das inovações tecnológicas obriga a modificações constantes. A própria noção de sociedade de informação acarretou o levantar de um conjunto de novas questões: penetração do poder pela tecnologia, nova economia do conhecimento científico e mutação do trabalho (UNESCO).

O auge das tecnologias digitais criou novos suportes de armazenamento com capacidades que parecem ilimitadas e que se caracterizam por uma facilidade de acesso sem precedentes. A memorização dessas formas de conhecimento constitui uma das tarefas mais importantes na edificação e consolidação da sociedade do conhecimento.

> Ao fazer arquivístico impôs-se um novo paradigma que está a par do paradigma científico-informacional que é o paradigma digital. A partir dos anos 80, do século XX, a nova revolução tecnológica e social, sobretudo, no domínio do audiovisual e da telemática, forçou a emergência de uma situação, concretamente para as disciplinas, como a arquivística, relacionadas com o fenómeno social da informação (Silva et al. 27).

Actualmente, a conservação e a preservação de documentos digitais constituem um vasto tema, multidisciplinar e sistémico. Por esta razão, optamos por focar alguns dos principais aspectos: as origens dos arquivos digitais, a referência a alguns conceitos e respectiva diversidade num primeiro ponto, e, num segundo ponto, incidimos, especialmente, sobre a questão da obsolescência. De igual modo, salientamos o papel das instituições na preservação digital e, mormente, do arquivista enquanto gestor de informação. Por último, de forma sucinta, referimo-nos ao estado da questão em Portugal.

1. ARQUIVOS DIGITAIS – DAS ORIGENS À HERANÇA

Para abordarmos as origens dos arquivos digitais temos que recuar à década de 70, remetendo desde logo para os esforços do centro de Arquivos Contemporâneos de França e a criação do programa *Constance* (*Conservation et traitement des Archives Nouvelles Constituées pour l'Électronique*). A comunidade arquivística internacional da época reagiu criando equipas multidisciplinares, com o objectivo de equacionar e sistematizar o conhecimento na matéria e na procura de soluções, nunca consideradas definitivas (Barbedo "Arquivos digitais" 9).

Mas os estudos científicos de arquivística não surgiram de imediato. Por exemplo, no caso do Brasil, nos *Anais do Congresso Brasileiro de Arquivologia*, durante a década de 70, o silêncio por parte dos estudiosos é notório. Foi necessário chegar aos anos 90, para emergirem as primeiras publicações relacionadas com as Tecnologias da Informação (Thomaz). A nível mundial, a Biblioteca Nacional da Austrália preparou no ano de 2003 um manual que intitulou *Guidelines for the preservation of digital heritage – Memory of the world*. Na senda da UNESCO pretendeu chamar à atenção para uma melhor compreensão do que é realmente uma herança digital e procurou uma definição precisa de *preservação digital*.

> Os materiais digitais incluem textos, bases de dados, imagens, documentos aúdio, gráficos, software e páginas web, a par de uma crescente amálgama de novos formatos. Frequentemente são efémeros e requerem uma produção profusa, manutenção e gestão para ser retida. Muitos destes recursos possuem valor e significado e constituem uma herança que deve ser protegida e preservada para as futuras gerações[11] (Guidelines 29-30).

Um arquivo digital é uma estrutura que compreende tecnologia, recursos humanos para incorporar, gerir e disseminar, numa perspectiva integral do objecto digital de natureza arquivística. Este não pode ser encarado meramente pela sua componente material, mas por tudo o que implica a sua existência, daí a sua natureza sistémica.

Mas antes de avançarmos, pensamos ser útil definir, sucintamente, alguns conceitos.

1.1. **UMA DEFINIÇÃO DE METADADO E DE DOCUMENTO DIGITAL**

Metadado é um termo que remete para as tradicionais actividades de representação da informação[12]. Daí a definição de "*dados sobre dados*". Imprescindíveis para assegurar autenticidade, compreensão e uso dos documentos digitais.

Já um *documento digital* é uma unidade de registo de informação codificada em dígitos binários, acessível por meio de sistemas computacionais, como por exemplo: textos, imagens fixas, imagens em movimento, páginas *Web*, bases de dados. Não constituem uma entidade material. Dependem de *metadados* do sistema que descrevem como a informação foi registada: *hardware*, *software*, linguagem e estrutura de dados.[13]

Mas grande parte da informação gerada actualmente é *nado-digital*. Segundo um estudo da Universidade da Califórnia, 92% das novas informações produzidas foram inscritas em meio magnético (Thomaz 115).

1.2. **A DIVERSIDADE DOS DOCUMENTOS DIGITAIS**

o seguimento do ponto anterior, realçaremos a importância actual dos arquivos audiovisuais, da microfilmagem e da digitalização.

O *audiovisual* encontra-se num período de transição da migração de dados de um plano analógico para um plano digital e, num futuro não muito longínquo, mas sequencial, de

11 Tradução livre.

12 Catalogação, Descrição Arquivística entre outras.

13 Do ponto de vista tecnológico, existe uma diferença entre "documento electrónico" e "documento digital". Um documento electrónico é acessível através de equipamento como (fita magnética, cassetes áudio e vídeo, filme) podendo ser registado de forma analógica. Já um documento digital é, como já referimos, um documento electrónico caracterizado pela codificação em registos binários. Assim sendo, todo um documento digital é electrónico, mas nem todos os documentos electrónicos são digitais. Porém, dada a necessidade de um maior aprofundamento em torno deste tema, que não cabe no âmbito deste trabalho Sobre o assunto deve ver-se Rafael António.

acordo com os especialistas, avançará para a HD (*High Definition*). A obra clássica de Ray Edmondson (Edmondson) considera que não existe nenhuma definição sucinta para arquivo audiovisual. As constituições da FIAT/FIAF[14] e IASA[15] não fornecem nenhuma definição precisa. Assim sendo, faltando uma definição internacional, os arquivos audiovisuais recorreram a uma gama de denominações, de entre as quais destacamos: a fonoteca, a cinemateca, a videoteca, entre outras. O referido autor propõe então duas soluções, uma para arquivo audiovisual e outra para arquivista audiovisual:

> Um arquivo audiovisual é uma organização ou departamento de uma organização vocacionada para coleccionar, administrar, preservar e prover o acesso a um conjunto de documentos audiovisuais e património audiovisual. Um arquivista audiovisual é uma pessoa ocupada a nível profissional na construção, aperfeiçoamento, controlo, administração ou preservação; ou na tarefa de garantir a sua acessibilidade, ou a servir a sua clientela (Edmondson 10).

Em termos de preservação também estes suportes são susceptíveis de uma rápida deterioração, caso não se encontrem nas condições consideradas ideais de conservação, sendo a mais comum o "*Síndrome do Vinagre*". Este reporta-se à decomposição de fitas com base de acetato, o que confere à fita um odor similar ao do vinagre[16].

A *microfilmagem*, em traços gerais, é uma técnica sobre filme (35mm). O microfilme se produzido e mantido em bom acondicionamento, tem alguns anos de longevidade. Porém, não obstante o seu passado glorioso, o seu futuro não parece muito promissor: a lentidão da pesquisa, a obrigatoriedade de uma busca sequencial, a utilização de um monoposto e a rápida deterioração, não lhe conferem a maneabilidade e actualidade que em tempos teve.

No que concerne à *digitalização* existem diferentes sistemas que fazem a captura da imagem: *scanners* ou máquinas fotográficas digitais. As migrações de dados devem ser regulares e muito bem definidas pelas organizações, de forma a garantir a sua futura acessibilidade. Um dos dilemas dos documentos digitais, especificamente os da *Internet*, é a forma, por vezes efémera, como se deslocam nesse meio.

2. **O FIO DA NAVALHA – O ESPECTRO DA OBSOLESCÊNCIA**

A preservação dos documentos digitais prende-se cada vez mais com a sua volatilidade. Um pergaminho ou um papel podem durar quinhentos anos, os formatos digitais ou bases de dados podem desaparecer num lapso de tempo. Sobre eles paira o espectro da obsolescência. A necessidade de actualizações constantes (a informação digital encontra-se no meio de uma dinâmica galopante) e o risco constante de perda de informação colocam várias

14 FIAT/IFTA: *Fédération Internationale des Archives de Télévision/International Federation of Television Archives*.
15 IASA: *International Association of Sound and Audiovisual Archives*.
16 Característica da decomposição de fitas com base de acetato, onde o ácido acético é um subproduto substancial que confere à fita um odor similar ao do vinagre. Após o início da síndrome do vinagre, o acetato degrada em uma velocidade acelerada.

questões de preservação e gestão da informação; estes constituem alguns dos principais inconvenientes do formato digital.

A forma como a informação digital é recebida e gerida, por vezes em diversos formatos, torna impossível a sua migração. De igual modo, a questão da selecção da informação digital não é de todo um tema pacífico. A preservação digital requer não apenas procedimentos de manutenção e recuperação de dados, mas também estratégias e procedimentos para manter o seu acesso e autenticidade.

Os formatos em que os documentos devem ser armazenados constituem outro problema que gera controvérsia podendo, sinteticamente, resumir-se a manter os formatos originais de produção documental ou proceder à conversão dos documentos para formatos normalizados: SGML (Standard General Markup Language), HTML (Hypertext Markup Language), SQL (Structured Query Language) ou outros. A utilização de arquitecturas abertas e formatos *standard*s representam uma mais-valia na estabilidade e interoperabilidade: permanecem mais tempo que o *software* comercial e permitem maiores intervalos entre migração de documentos para novos formatos (*Manual para a Gestão de documentos*). A tomada de consciência desta realidade conduziu à elaboração do Manifesto para a Preservação Digital.

2.1. **O MANIFESTO PARA A PRESERVAÇÃO DIGITAL**

Corria o ano de 2002 quando foi apresentado nos Cadernos da APBAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivísticas e Documentalistas) um manifesto dedicado à preservação digital. Resultado das preocupações de quatro investigadores em diferentes áreas da Ciência da Informação (doravante CI) que, a título individual, chamaram à atenção da comunidade científica para aquilo que consideraram como um défice de atenção a nível nacional para a matéria (Borbinha et al. 71).

Deste modo, esquematizaram as suas considerações da seguinte forma: a "Preservação Digital – Perspectiva de uma Biblioteca de Depósito" (Borbinha et al. 73). Neste sentido, a Biblioteca Nacional de Portugal deveria seguir em cinco frentes: abordagem interna (a nível estratégico), parcerias nacionais e internacionais, sensibilização política e competência tecnológica, a preservação audiovisual, alertando para a duração linear do conteúdo visual, a questão da migração do analógico para o digital, os custos e o restauro. Por fim, na perspectiva arquivística, tocaram em pontos fulcrais, tais como: a autenticidade dos documentos digitais, a capacidade probatória dos documentos, não apenas num sentido estritamente jurídico, mas num sentido mais amplo de testemunho autêntico dos actos.

Ao salientar estes itens, com carácter de urgência de uma definição de políticas e estratégias, estes autores remetem-nos para o tópico que abordaremos no próximo ponto.

3. **O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES NA PRESERVAÇÃO DIGITAL**

A globalização trouxe uma nova dimensão às instituições, ela não pode quebrar barreiras linguísticas ou culturais, mas alarga o espaço concorrencial das empresas. Integra as suas actividades num quadro mundial em todas as suas dimensões: gestão, controle financeiro, pesquisa e desenvolvimento, produção e venda (Braumann 708).

Só é possível a implementação de um programa de preservação digital se cada organização tiver na sua missão uma planificação específica para o efeito, mediante o seu contexto interno e externo. Permitindo a criação de sistemas de recuperação de informação baseados em formatos, padrões e/ou normas específicos assumindo o seu valor estratégico.

O trabalho com documentos digitais torna um serviço mais rápido, por exemplo: o sistema de *workflows*, permite transmitir a informação, gerir os seus fluxos de forma instantânea e recebê-la de volta, quase de imediato. Esta agilidade tem seduzido os organismos, mas esconde outros transtornos, tais como a rápida obsolescência dos seus suportes. Por isso, da euforia da digitalização deveria tender a passar-se para uma postura de razoabilidade digital.

3.1. **A VALORIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO**

Num contexto de afirmação da sociedade de informação, a crescente exigência dos cidadãos obriga a que se perspective o trabalho dos arquivos de forma inovadora e se planifique esse trabalho em função das reais necessidades da sociedade (Lima e Barbedo 1). Tudo está em mudança, em consequência do desenvolvimento da tecnologia digital, induzindo novas formas de organização da economia e da sociedade. O próprio Estado passou a ser um Estado *online*.

No caso dos arquivos públicos, a acessibilidade e, nomeadamente, a colocação de conteúdos *online*, valorizam a sua difusão e colocam o enfoque na figura do cidadão/cliente, cujo papel tende a ser cada vez mais activo em todo o processo. A cultura organizacional, a busca do mérito e da excelência pautam cada vez mais o dia-a-dia dos arquivos.

Na busca de uma maior visibilidade, o Projecto DigitArq, do Arquivo Distrital do Porto: produção, conversão e gestão de conteúdos digitais de arquivo (n.º 315/02) revelou-se inovador, permitindo a digitalização e o enriquecimento dos conteúdos passíveis de serem disponibilizados em formato digital, mas também possibilita a constituição de um saber fazer interno, passível de ser transmitido a outras instituições.

Pode servir para valorizar os recursos intangíveis (os recursos humanos), mas igualmente permite a cooperação com outras instituições. Mas há outro factor a ter em conta: os custos da implementação destes projectos e a sua continuidade.

3.2. **A EFICIÊNCIA *VERSUS* CUSTOS**

A preservação digital implica investimentos significativos que devem ser analisados e previstos pelas organizações através do reforço orçamental, considerando a elaboração de um Plano de Preservação Digital que deve ser visto ao longo e ao largo, ou seja, o que preservar e por quanto tempo se pode preservar. As escolhas para a gestão digital são vastas e o mercado é muito variado. Também é essencial a adequação das necessidades aos custos reais que devem ser razoáveis e passíveis de uma real aplicação. Cabe ao profissional da CI o pedido de vários orçamentos, a consulta de técnicos e a articulação das mais variadas medidas.

Mas os gestores da informação encontram inúmeros obstáculos na esfera da integridade dos dados digitalizados. Torna-se necessário definir *metadados* para a preservação digital a

longo prazo. A capacidade tecnológica e a disponibilidade de meios financeiros, "é uma condição primordial dado que a preservação de recursos digitais movimenta enormes massas de recursos de todos os tipos e para os preservar é necessário recorrer a montantes bastante elevados" (Saramago 1).

Cabe ao arquivista, inserido numa equipa multidisciplinar, optar pelas soluções de preservação mais adequadas. Isto porque, deve ter sempre em primeira linha de atenção os interesses da instituição (o organismo produtor).

4. O PAPEL DO ARQUIVISTA COMO GESTOR DA INFORMAÇÃO

Como gestor da informação deve gerir e implementar novas práticas que conduzam a uma maior agilização e a um aumento do interesse pela instituição que representam. Ao analisar o ciclo de informação, o seu papel pode ser visto de uma forma bem mais ampla do que a tradicional visão do seu lugar. Neste sentido, o arquivista é um arquitecto e gestor da informação digital.

Também é pedido ao arquivista um esforço no sentido da normalização, para tal as normas de descrição arquivística como a ISAD(G) e a ISAAR são o primeiro passo. Depois temos que transpor os instrumentos de acesso criados para uma codificação em meio digital. Surge-nos o padrão que se designa Descrição Arquivística Codificada[17]: é tecnologicamente neutra e não necessita de nenhum *software* ou *hardware* específico para funcionar devidamente, "Por sua vez, a XML permite que instrumentos codificados com EAD-DTD possam acompanhar as migrações e actualizações das suas plataformas tecnológicas, ao longo do tempo" (Andrade 4).

Ao profissional, aqui visto num prisma de 'arquivista digital' exige-se uma postura proactiva na preservação, fruição e selecção dos dados digitais. Mas temos que ser realistas: há informação que se está a perder, embora prevaleça um sentimento generalizado de que a maioria das organizações (públicas/privadas) ainda não pensou nas implicações da preservação digital (Campos).

5. O ESTADO DA PRESERVAÇÃO DIGITAL EM PORTUGAL

A CI em Portugal, relativamente a esta questão, tem estado em "estado de alerta". Ao longo do nosso trabalho tivemos ocasião de verificar que é um assunto envolto numa grande complexidade: "O processo de preservação digital implica uma quantidade enorme e muitas vezes inacessível de recursos humanos dotados de uma formação capaz. Mas a nível de competências nesta matéria o panorama continua a ser desolador" (Barbedo "Arquivos digitais" 3).

Por estas razões, na última década a Direcção Geral de Arquivos (doravante DGARQ) tem desenvolvido esforços significativos neste âmbito, recorrendo a investigadores internos e

17 EAD-DTD: *Encoded Archival Description*.

externos que têm trazido a público os resultados das suas importantes iniciativas. De seguida exporemos as que consideramos mais relevantes.

5.1. RODA[18] (REPOSITÓRIO DE OBJECTOS DIGITAIS AUTÊNTICOS) E O PROGRAMA SIADE (SISTEMAS DE INFORMAÇÃO DE ARQUIVO E DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS)[19]

Em 2007, a DGARQ e a Universidade do Minho publicaram um relatório final, resultado de um trabalho de vários especialistas que pretenderam definir os requisitos fundamentais para um arquivo digital, clientes e aplicações que a integram; estrutura da *metainformação*; protótipo de um arquivo digital para preservar objectos digitais susceptíveis de conservação definitiva e assegurar funções de preservação digital, numa perspectiva de gestão administrativa.

Das suas diversas partes destacamos as seguintes: taxionomias de objectos digitais, em que os documentos contemplados são o texto estruturado e os seus formatos (PDF, PDF/A)[20]; normas e conceitos, tendo como base o modelo OAIS[21] que visa identificar os componentes funcionais que deverão fazer parte de um sistema de informação dedicado à informação digital. Este modelo foi aprovado como uma norma internacional em 2003[22].

Já no âmbito do SIADE foi elaborado um caderno para a gestão de arquivos electrónicos e, por outro, um modelo de requisitos para a gestão dos mesmos[23].

Dos vários objectivos definidos para o programa SIADE, foi considerado prioritário o que respeita à elaboração de recomendações para a gestão de documentos de arquivo electrónicos, opção confirmada pelas conclusões obtidas a partir de dois inquéritos dirigidos, em 1999, à Administração Pública em que concluíram que, na generalidade dos casos: a gestão de documentos não é plenamente reconhecida como função organizacional; a debilidade do controlo arquivístico não é uma característica exclusiva do universo dos documentos electrónicos; por princípio, os documentos de arquivo electrónicos não são considerados documentos principais; não são reconhecidos requisitos específicos diferenciadores entre sistemas de informação e sistemas de arquivo; não existe a preocupação de preservar, a longo prazo, o acesso aos documentos electrónicos.

O panorama não parece ser promissor, mas são estes desafios que acabam por criar projectos deste tipo e estão na ordem do dia das preocupações da DGARQ (Direcção-Geral de Arquivos).

18 Internet. 29 Jan. 2010 <http://portal.roda.dgarq.gov.pt/pt/node/160>.

19 Internet. 02 Fev. 2010 <http://dgarq.gov.pt/dgarq/transparencia-administrativa/legislacao/siade_caderno11/>.

20 A escolha do PDF/A como formato de preservação para texto estruturado é sustentada pelo facto de permitir a persistência da aparência do *layout* original do objecto, factor relevante para a inteligibilidade do mesmo e por o formato PDF, do qual PDF/A é um subtipo, ser bastante disseminado por toda a comunidade cibernética garantir a persistência do mesmo (RODA 9).

21 Open Archival Information System.

22 ISO Standard 14721:2003**.**

23 MoReq: plano de classificação, controlo de segurança, retenção e destino; captura de documentos de arquivo; referenciação; pesquisa, recuperação e apresentação; *metainformação.*

5.2. **AS ISO'S**

A International Organization for Standartization tem como responsabilidade a elaboração e aplicação de *standards* internacionais de qualidade, entre as quais se contam, designadamente, as ISO 9001 que se referem ao design, produção, instalações e sistemas de serviço como resultado da integração de normas de qualidade em cento e onze países. É fundamental que os arquivos se guiem por estas normas, a fim de obterem uma abordagem comum a nível internacional.

A ISO 15489-1 - ISO/TR 15489-2 foi a primeira norma na área da documentação e informação, constituindo uma norma para a gestão de arquivos, com um conjunto de elementos e uma metodologia de implementação que permite às organizações estabelecer uma adequada gestão dos seus documentos, capaz de suportar o enquadramento de um processo de qualidade definido pelas normas ISO 9001 e ISO 14001.

Aquela norma pretende, afinal, ser útil aos profissionais responsáveis pela gestão da informação, dos arquivos e das tecnologias de suporte, bem como para a generalidade do pessoal de uma organização, implicado na produção ou conservação de documentos (Henriques).

Para além destas, temos ainda as ISO específicas, como é o caso da ISO Standard 14721:2003 que particulariza um modelo referencial para um sistema aberto de informação arquivística. O seu propósito é estabelecer um sistema para esta informação, quer física quer digital, com um esquema organizacional composto por pessoas que aceitam a responsabilidade de preservar a informação e de a tornar acessível.

CONCLUSÃO

A realidade digital é irreversível. O diálogo, para levar a bom porto a preservação da memória digital, terá que ser sempre interdisciplinar, o que nem sempre é fácil. Contudo, a luta por uma maior eficácia, transmissibilidade e segurança está para ficar e será sempre um assunto a considerar para as futuras gerações. Garantir a durabilidade deste património continuará a constituir um desafio para os profissionais da CI.

Mais do que conservação falamos em preservação, porque é diferente tomar medidas conservativas, que têm aplicabilidade praticamente imediata, em relação a medidas de preservação, mais dinâmicas no sentido de facilitar o acesso e o uso da informação. Compreende uma dinâmica global e sistémica que está em sintonia com a globalização da economia e da sociedade da informação. Traçam-se novos desafios, na medida em que a indústria da informação cresce de forma abismal e diversificada e os utilizadores mudam rapidamente. Como refere Le Coadic, está a nascer uma nova cultura informacional.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Ricardo S. "Construção de sistemas web para acesso a representações de informação arquivística permanente: algumas indicações de critérios e componentes". *Anais do I Simpósio Baiano de Arquivologia, Salvador, Bahia, 2007*. Internet. 02 Jan. 2010. <http://www.feudo.org/docs/sistemaarquivoweb-RicardoSodreAndrade.pdf>.

António, Rafael. *Desafios profissionais da gestão documental*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

Barbedo, Francisco. "Metainformação para interoperabilidade". 2008. Internet. 12 Jan. 2010. <http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/mip.pdf>.

---. "Arquivos digitais: das origens à maturidade". 2005. Internet. 20 Dez. 2009. <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno22005/CBAD205Barbedo.pdf>.

Barbedo, Francisco, Eugénia Gomes, e Cecília Henriques. *Recomendações para a gestão de documentos de arquivo electrónico*. 2000. Internet. 12 Jan. 2010. <http://www.dgarq.gov.pt/files/2008/10/siade_caderno11.pdf>.

Borges, Sónia A., e Miguel A. Márdero Arrellano. "Políticas e estratégias de preservação de documentos digitais". *Proceedings IV CINFORM, Salvador, Bahia, 2005*. Internet. 09 Jan. 2010. <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/SoniaMiguelPreservacaoDigital.pdf>.

Borbinha, José L., et al. "Manifesto para a preservação digital". *Cadernos de biblioteconomia, arquivística e documentação* (2002): 69-81. Internet. 20 Dez. 2009. <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno22002/Borbinha.pdf>.

Braumann, Pedro J. "A televisão na era digital: novos desafios". *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, 2007. 701-09. Internet. 28 Dez. 2009 <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno22002/Borbinha.pdf>.

Campos, Fernanda. "Informação digital: um novo património a preservar". 2002. Internet. 05 Jan. 2010. <http://www.bnportugal.pt/agenda/ecpa/informacao_digital.html>.

Edmonson, Ray. *Uma filosofia de arquivos audiovisuais*. Paris: UNESCO. 1998. Internet. 20 Dez. 2009. <http://www.apbad.pt/Downloads/GT_Downloads/Audiovisuais.pdf>.

Guidelines for the Preservation of Digital Heritage. Prepared by the National Library of Australia. 2003. Internet. 22 Dez. 2009. http://www.unesdoc.unesco.org/images/0013/001300/130071e.pdf

Le Coadic, Yves-François. "Qu'est-ce qui fait science dans science de l'information?" 2006. Internet. 28 Dez. 2009. <http://prisma.cetac.up.pt/artigos/4_quest_ce_qui_fait_science_dans_science_de_linformation_yves_francois_le_coadic.php>.

Lima, Maria João P., et al. "Arquivo digital: gestão e serviços ao utilizador". 2004. Internet. 10 Dez. 2009. <http://badinfo.apbad.pt/congresso8/com10.pdf>.

Manual para a gestão de documentos. Lisboa: IAN/TT, 1998.

Real, Manuel. *A rede nacional de arquivos, um desafio no século XXI.* 2004. Internet. 07 Jan. 2010. <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno12004/Real.pdf>.

Ribeiro, Fernanda. "Da arquivística técnica à arquivística científica: a mudança de paradigma". *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Ciências e Técnicas do Património*. 1. (2002): 97-110. Internet. 15 Nov. 2009. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3511.pdf ISSN 1645-4936>.

Saramago, Maria de Lurdes. "Metadados para a preservação digital e aplicação do modelo OAIS". 2004. Internet. 21 Dez. 2009. <http://badinfo.apbad.pt/congresso8/comm2.pdf>.

Silva, Armando M. da, et al. *Arquivística – teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

Thomaz, K. P. *Gestão e preservação de documentos eletrônicos de arquivo.* 2006. Internet. 03 Dez. 2009. <www.arquivística.net>.

AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO BANCO-CLIENTES NUMA PERSPECTIVA DE MARKETING RELACIONAL: O *HOME BANKING* COMO POTENCIALIZADOR DA RELAÇÃO

António Cardoso
Professor Auxiliar
CECLICO - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
ajcaro@ufp.edu.pt

Marcelo Fernandim
Licenciado em Ciências da Comunicação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
mfernandim@hotmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 156-168 (2010)
Submetido/Submitted: 27 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 03 Out. 2010

RESUMO

A cada vez maior penetração da Internet na sociedade actual está a revolucionar a forma de relacionamento entre os bancos e os clientes. Este estudo faz uma reflexão teórica sobre o Marketing Relacional e debruça-se sobre as motivações para a utilização das tecnologias, em particular do *Home Banking*, relacionando-as e aplicando-as ao sector bancário. Seguidamente, recolheu-se a informação para o estudo empírico, distribuindo um questionário por 50 clientes bancários. A investigação demonstrou que a utilização do *Home Banking* está positivamente relacionada com a manutenção de relações duradouras entre os clientes e as suas instituições financeiras de eleição. Mostrou igualmente que os clientes que credibilizam uma relação duradoura com o Banco, estão mais disponíveis para o desenvolvimento de uma abordagem relacional. Identificou-se um fortalecimento da relação pela maior percentagem de operações bancárias realizadas *on-line.* Finalmente, verificou-se um fortalecimento da relação entre a utilização do *Home Banking* e a propensão do Banco satisfazer todas as necessidades / desejos dos seus clientes.

PALAVRAS-CHAVE

Marketing Relacional, Home banking, Internet Marketing

ABSTRACT

The increasing penetration of Internet in today's society is revolutionizing the way the relationship between banks and customers. This study is a theoretical reflection on Relationship Marketing and looks at the motivations for the use of technology, particularly the Home Banking, relating them and applying them to the banking sector. Then retired to the information for the empirical study by distributing a questionnaire by 50 bank customers. Research has shown that the use of Home Banking is positively related to the maintenance of lasting relationships between clients and their financial institutions of choice. Also showed that customers give credibility to a lasting relationship with the Bank, are more available for the development of a relational approach. It was identified to strengthen the relationship for the highest percentage of banking transactions conducted online. Finally, there was a strengthening of the relationship between the use of Home Banking and the propensity of the Bank meets all the needs / desires of their customers.

KEYWORDS

Relationship Marketing. Home banking, Internet Marketing

INTRODUÇÃO

O Marketing Relacional é hoje um tema em destaque na literatura sobre Marketing. Tem a ver com todas as actividades de marketing orientadas para o estabelecimento, desenvolvimento e manutenção de relacionamentos de sucesso (Morgan e Hunt), pois as relações de boa qualidade influenciam positivamente a probabilidade de interacção futura entre as partes.

Nos últimos anos, os bancos têm concentrado os seus esforços de Marketing nos seus clientes, nomeadamente através da disponibilização de novos produtos/serviços e do acesso a canais de distribuição alternativos. A competitividade levou a uma redefinição das estratégias conducentes ao sucesso, nomeadamente na aposta na retenção e fidelização de clientes (Martins), para o qual as tecnologias de informação, em particular o serviço de *Home Banking*, ganham importância (Silva).

Vários autores (Zineldin; Figueiredo et al.; Kardaras e Papathanassiou; Harden; Kapoulas et al.; Ibbotson e Moran; Proença e Castro, "Business"; Proença e Castro, "Stress"; Martins; Silva) indicam existir uma relação entre o desenvolvimento da abordagem relacional e o uso das novas tecnologias na banca, subsistindo, contudo, a dúvida sobre qual o tipo de relação daí resultante.

Neste sentido, o objectivo deste trabalho é determinar a importância do marketing relacional no contexto das interacções bancárias, bem como o papel do *Home Banking* como elemento de aproximação entre os clientes/consumidores e o banco.

O MARKETING RELACIONAL NO SECTOR BANCÁRIO

O Marketing Relacional é hoje uma temática em grande destaque na conceptualização do Marketing. Para Grönroos o Marketing Relacional consiste em identificar e estabelecer, manter e valorizar e, quando necessário, terminar, relações com os clientes e outras entidades, de forma proveitosa, em que os objectivos das partes se encontram, através de trocas e comprometimentos mútuos.

Os pressupostos do Marketing Relacional estão directamente ligados a domínios fulcrais dos bancos, tais como: compreender os clientes, adaptar as ofertas às suas necessidades e evitar a saída de clientes para a concorrência, focalizando a sua acção na retenção e fidelização de clientes (Nelson; Meidan; Martins) com o objectivo de criar laços de cordialidade e entendimento para se chegar aos objectivos a que ambas as partes se propõem (Turnbull e Demandes; Proença e Castro, "Stress"; Martins).

Barron e Harris e Zineldin referem que o Marketing Relacional necessita do recurso da tecnologia para ser eficaz. A crescente preocupação com a satisfação do cliente (Grönroos) obriga as organizações a adoptar mecanismos que tenham em atenção a gestão dos relacionamentos com os clientes, nomeadamente o C*ostumer Relationship Management* (CRM) (Gummesson). Segundo Martins o CRM assenta na orientação para o cliente, no Marketing de relações e na gestão de base de dados que permitam um tratamento personalizado e individualizado dos clientes que, no caso do sector bancário, têm por objectivo: (1) Criar nos bancos de uma cultura centrada no cliente; (2) Assegurar relações e aumentar a rentabilidade com e dos clientes; (3) Direccionar esforços para os clientes mais valiosos.

O *Internet Banking* é um canal com suporte nas tecnologias de informação, nomeadamente através do acesso à Internet (Mols; Reis), criando a banca virtual (Liao et al.) que permite aos bancos reduzir custos, reter e fidelizar clientes (Geiger e Martin; Mols), ao mesmo tempo que permite ao cliente interagir com o seu banco.

Alguns autores chegam mesmo a defender que se trata da mais recente ferramenta de efectivo Marketing Relacional, constituindo uma verdadeira revolução na forma como as relações podem ser geridas (Daniel; Zineldin; Rayport e Sviokla; Schwartz; Stroud), uma vez que a interacção desenvolvida entre comprador e vendedor facilita a co-produção de serviços. Em resposta a esta dinâmica, os bancos começaram a utilizar intensivamente recursos de informática e telecomunicações para ampliar e rentabilizar as suas linhas de produtos e disponibilizar canais de distribuição que permitam aos clientes um acesso rápido e eficaz aos produtos e serviços bancários.

Um estudo realizado no início do ano de 2000 em Portugal concluía que a banca era o sector "excepção" no que diz respeito à personalização dos conteúdos, produtos e serviços oferecidos on-line (Figueiredo et al.). A banca virtual tem funcionado como um forte alicerce para os canais de distribuição tradicionais, proporcionando um serviço mais completo para os consumidores bancários (Duarte).

O estudo realizado por Silva concluiu que o uso do *Internet Banking* é fortemente determinado pela intensidade da sua utilização bem como pela diversidade de operações que o cliente efectua através dele, enquanto a disponibilidade do cliente para uma abordagem relacional está intimamente ligada à duração e manutenção da relação. Conclui ainda que, a dimensão "Intensidade de uso" foi a única com impacto relevante na utilização do *Internet Banking,* e ainda assim apenas sobre a "Adaptabilidade do banco". O banco tem maiores preocupações em relação a clientes que utilizem frequentemente o *Internet Banking*, uma vez que, tal facto pode traduzir-se em clientes cujas necessidades são melhor atingidas e, como tal "Clientes mais satisfeitos e mais propensos a manter uma relação duradoura e estável com o banco". Uma outra conclusão desta pesquisa menciona que existe uma forte associação entre a duração e manutenção da relação e a diversidade de locais de acesso ao *Internet Banking* (entendida como o reflexo da maior confiança na tecnologia). No seguimento desta conclusão e, para o mesmo autor "o cliente intensifica o uso da tecnologia e desenvolve-se um ciclo virtuoso".

O sector bancário e outros sectores que sustentam tecnologias de *e-banking*, nomeadamente do *Internet Banking* e *Home Banking*, devem contribuir para que os consumidores sejam alertados para as vantagens e desvantagens da adopção destas novas tecnologias, conduzindo à diminuição da incerteza e ao aumento da confiança e à sua consequente utilização pelos consumidores (Kolodinsky et al.).

METODOLOGIA

Tendo por base a revisão da bibliografia anteriormente efectuada surge a questão central que conduz este processo de investigação: Qual a importância do Marketing Relacional no contexto das interacções bancárias, bem como o papel do *Home Banking* como elemento

de aproximação entre os consumidores/clientes e o banco? Em consequência definiram-se as seguintes questões operacionais:

Q1: O marketing relacional é importante no sector bancário e evidencia-se nas dimensões satisfação, duração, equidade, qualidade da relação, contacto pessoal e adaptabilidade ao cliente?

Q2: A utilização do *Home Banking* funciona como um elo de fortalecimento (ligação) na relação cliente/banco, nas dimensões utilização, frequência, proximidade, comodidade, personalização e segurança, qualidade da informação e imagem de marca?

Para Geiger e Martin a estratégia de Marketing Relacional de presença na *Internet,* e consequentemente o *Internet Banking/Home Banking*, é um meio revolucionário que pode modificar totalmente as regras do mercado bancário, fruto de uma estratégia personalizada e interactiva, onde o cliente intervém activamente. A evolução tecnológica e as ferramentas de comunicação podem contribuir para o surgimento de excelentes oportunidades para criar relações fortes e de longo prazo (Zineldin). Silva afirma que o uso frequente do *Internet Banking* torna os clientes mais satisfeitos e mais propensos a manter uma relação duradoura e estável com o banco.

Neste estudo descritivo (Malhotra), com base num questionário, teve-se como referência os estudos realizados por Martins e Silva, apresentando-se estruturado em quatro partes: (1) Primeiramente (seis preposições) pretende-se avaliar os factores que o inquirido valoriza numa relação com uma instituição bancária, tendo base a escala desenvolvida por Taylor e Tood e posteriores adaptações de Martins e Silva; (2) Procura-se avaliar o grau e frequência de utilização do *Home Banking*; (3) Na terceira parte (sete preposições com base nos trabalhos de Silva, pretende-se avaliar o papel que *Home Banking* ocupa no quotidiano dos consumidores/clientes; (4) Caracterização socioeconómica dos inquiridos.

Assim, para avaliar a importância do Marketing Relacional, utilizou-se a escala de Taylor e Tood. Trata-se de uma escala multidimensional alicerçada nas seguintes dimensões: safisfação; duração ("continuidade-probabilidade" do cliente manter uma relação duradoura com o seu banco); equidade (esforço e tempo dedicados pelo banco e pelo cliente à relação); qualidade da relação (importância que o banco dá à relação com o cliente); contacto pessoal (importância do contacto com o gestor de conta); adaptabilidade do cliente/banco assume a dupla perspectiva: do cliente, o esforço para estabelecer uma relação com o banco, a sua predisposição para se ajustar aos requisitos do banco e a sua valorização de uma relação de longo prazo; do banco, o esforço para se adaptar às necessidades do cliente bem como a sua disponibilidade para resolver os problemas do cliente.

Na escala utilizada para avaliar a relação do inquirido com a instituição bancária, bem como na avaliação do serviço de *"Home Banking",* utilizou-se uma escala do tipo *Likert* de sete pontos (1= Discordo totalmente e 7= Concordo totalmente). Para facilitar a resposta dos inquiridos e a, posteriori, análise de dados, cumulativamente, fez-se uma tradução nominal da escala: discordo totalmente, discordo bastante, discordo ligeiramente, nem concordo nem discordo, concordo ligeiramente, concordo bastante, concordo totalmente. Na questão relativa à frequência de utilização do serviço do *Home Banking* utilizou-se uma escala de quatro níveis mas com correspondência diferente (1= Pouca frequência e 4= muito frequentemente), tal como utilizado nos trabalhos de Martins e Silva. Procurou-se, também,

conhecer a antiguidade de adesão ao serviço de "*Home Banking*": "menos de 1 ano"; "entre 1 a 3 anos"; "entre 3 a 6 anos" e "mais de 6 anos". Dada a simplicidade das questões e a clareza das instruções, todos os inquéritos foram correctamente preenchidos e consequentemente validados.

Realizou-se um pré-teste ao questionário junto de 10 indivíduos escolhidos por conveniência com o objectivo de averiguar a coerência interna do documento, a clareza das instruções e das questões, as dificuldades de resposta às questões apresentadas, a omissão de tópicos e a atractividade (Malhotra). Não havendo ajustes a realizar o inquérito foi distribuído pessoalmente a uma amostra 50 consumidores de serviços bancários, escolhida por conveniência (Malhotra) e residentes no distrito do Porto (Penafiel, Gondomar, Paredes, Marco de Canavezes).

4. **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Para a análise de dados recorreu-se ao SPSS e procedeu-se à análise dos resultados, realizando-se uma análise univariada e bivariada de dados.

A amostra é constituída por 50 indivíduos, sendo 23 do género feminino (46%) e 27 do género masculino (54%). Os inqueridos pertenciam maioritariamente à faixa etária 25-34 anos de idade (28%), seguindo-se o grupo dos "18-24 anos" e "45-55 anos" ambos com 22%. Apenas 4 inquiridos (8%) tinham mais de 55 anos de idade. Relativamente ao estado civil, 58% (29) dos inquiridos são casados, 38% (19) são solteiros, e os restantes 4% são divorciados (1) e viúvo (1).

A maioria dos inquiridos possuía o ensino superior (44%), seguindo-se o ensino secundário (32%) e, por fim, o ensino básico (24%). No que diz respeito ao rendimento bruto anual dos inquiridos, a maioria do inquiridos (32%) pertence ao escalão de rendimentos entre os "15.950€ – 36.750€", 20% ao escalão "< 4.250€", 16% entre "4250€ - 6450€" , 14% encontram-se entre "36.750€ -53.300€", não havendo qualquer inquerido com rendimento acima dos 53.300€ (tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da amostra

		F	%
Género	Feminino	23	46%
	Masculino	27	54%
Idade	18-24 Anos	11	22%
	25-34 Anos	14	28%
	35-44 Anos	10	20%
	45-55 Anos	11	22%
	> 55 anos	4	8%
	Total	50	100
Estado civil	Casados	29	58%
	Solteiros	19	38%
	Divorciados	1	2%
	Viúvos	1	2%
	Total	50	100

Habilitações Literárias	Ensino Básico	12	24%
	Ensino Secundário	16	32%
	Ensino Superior	22	44%
	Total	50	100
Rendimento Bruto Anual	< € 4 250	10	2%
	€ 4 250-€ 6 450	8	16%
	€ 6 450- € 15 950	9	18%
	€ 15 950- € 36 750	16	32%
	€ 36 750- € 53 300	7	14%
	> € 53 300	0	0
	Total	50	100

Relativamente ao grau de satisfação com o banco, 42,3% sentem-se bastante satisfeitos com os serviços prestados pelo seu Banco (M= 5,6; DP=1,2). Quando questionados sobre a importância dada a uma relação duradoura com o Banco de eleição dos inquiridos, 46,2% mencionaram que "concordam bastante" (correspondência do ponto "6" da escala do tipo Likert) e 19,2% "concordam totalmente" com a existência de uma relação duradoura com a sua instituição bancária (M= 5,5; DP= 1,2).

Para 50% dos inquiridos o seu Banco tem-se preocupado bastante em lhes potenciar uma relação saudável e duradoura; 15,4% concordam totalmente com esta ideia e 19,2% concordam ligeiramente. No entanto, convém realçar que 15,4% dos inquiridos não concordam que o seu Banco tenha canalizado esforços para potenciar uma relação duradoura (M= 5,5; DP= 1,59).

O gestor de conta parece desempenhar um papel fundamental na relação com os clientes (contacto permanente) para 46,2% dos inquiridos que "concordam bastante" e 14,4 % "concordam totalmente". Apenas 7,7% dos inquiridos não consideram nada importante ter um gestor de conta (M= 5,5; DP= 1,33).

Relativamente à avaliação dos serviços prestados pelas Instituições Bancárias, nomeadamente atendimento / satisfação das necessidades / desejos dos seus clientes, os inquiridos, na sua grande maioria, responderam afirmativamente acerca desta temática, ou seja, 42,3 % concordam bastante que o seu Banco se esforça por atender e satisfazer as suas necessidades e desejos, 23,1% concordam ligeiramente com esta ideia e uma percentagem muito reduzida (3,8%) encontra-se insatisfeito com o seu Banco de eleição (M= 5,5; DP= 1,005).

Perante a preposição "Há um igual esforço de ambas as partes para o sucesso da relação existente", registou-se uma grande dispersão de respostas. No entanto, 5 dos inquiridos concordam bastante em relação ao mútuo esforço para a manutenção de uma relação comercial estável e duradoura, 4 concordam totalmente com esta ideia e 4 concordam ligeiramente. No entanto, 6 dos clientes inquiridos discordam (M= 4,78; DP= 1,616).

Tabela 2. Relação com o sector bancário

Concordo totalmente 7- Discordo totalmente	**1**		**2**		**3**		**4**		**5**		**6**		**7**		**M**	**DP**
	F	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**		
V. 1. Sinto-me bastante satisfeito com o meu banco.	0	-	0	-	5	10%	5	10%	5	10%	25	50%	10	20%	5,6	1,2
v. 2. Potencio uma relação duradoura com o meu banco.	1	2%	0	-	3	6%	6	12%	7	14%	25	50%	8	16%	5,5	1,253
V. 3. O Banco dá bastante importância à qualidade da sua relação com os clientes.	2	4%	4	8%	0	-	0	-	11	22%	20	40%	13	26%	5,52	1,590
V.4. Para mim é importante um contacto permanente com o meu gestor de conta.	1	2%	0	-	3	6%	6	12%	12	24%	15	30%	13	26%	5,5	1,330
V. 5. O Banco faz todos os possíveis para atender/ satisfazer todas as necessidades /desejos dos seus clientes.	0	-	1	2%	0	-	6	12%	16	32%	20	40%	7	14%	5,5	1,005
V. 6. Há um igual esforço de ambas as partes para o sucesso da relação.	3	6%	1	2%	2	4%	7	14%	4	8%	5	10%	6	12%	4,78	1,616

Concluindo a análise à temática "Avaliação da Relação no Sector Bancário", pode-se constatar que todas as variáveis obtiveram um nível de respostas positivas elevado.

A análise das médias (> a 4,78) e o teste binomial de proporções ($p<0,05$) para todas as dimensões da abordagem relacional permite responder favoravelmente à primeira questão: o Marketing é importante no sector bancário nas dimensões: a) satisfação, b) duração), c) equidade d) qualidade da relação, e) contacto pessoal e f) adaptabilidade do cliente/banco.

Relativamente à utilização dos serviços de *"Home Banking" p*ode-se verificar (tabela 2) que 52% das pessoas (26) utilizam o serviço colocado à disposição pelo seu Banco. No entanto, os 48% que responderam negativamente não deixam de ser um valor algo elevado tendo em conta a importância que as referidas inovações tecnológicas têm na sociedade actual. O facto dos inquiridos residirem numa cidade do interior norte do pais e um grande número pertencer aos quadrantes socioeconómicos mais baixos podem explicar a percentagem elevada de não utilizadores. Por outro lado, os medos e principalmente a falta de informação e a incerteza a nível da segurança demonstrada pelos inquiridos (não utilizadores) no que diz respeito à utilização das tecnologias de informação e comunicação na banca (Kolodinsky et al.).

Verifica-se uma relação entre o tempo de adesão ao serviço de *Home Banking* e a frequência de utilização do serviço. Conforme se pode verificar na tabela 3, os utilizadores mais recentes do serviço têm uma frequência de utilização mais baixa. Prova disto é o facto de 60% dos

utilizadores com menos de 1 ano utilizarem o serviço com regularidade (em média uma vez por mês). Os utilizadores do serviço entre 1 e 3 anos utilizam-no frequentemente (pelo menos 1 vez por semana). Entre 3 e 6 anos são os utilizadores mais frequentes, uma vez que num universo de 7, 6 deles utilizam muito frequentemente o *Home Banking.* Os utilizadores mais antigos (há mais de 6 anos), utilizam com frequência o serviço (pelo menos 1 vez por semana). Concluindo, quanto maior for o tempo de adesão maior é a frequência de utilização.

Tabela 3. Longevidade e frequência de utilização do serviço

	Utilização do serviço			**Frequência de utilização**	
	Frequência absoluta	Frequência Relativa		Frequência absoluta	Frequência Relativa
Menos de 1 ano	5	19%	Pouca frequência	0	0
Entre 1 e 3 anos	8	31%	Com regularidade	6	23%
Entre 3 e 6 anos	7	27%	Frequentemente	12	46%
Há mais de 6 anos	6	23%	Muito frequentemente	8	31%
Total	**26**	**100%**		**26**	**100%**

Relativamente à avaliação do serviço de *Home Banking* prestado pelos bancos refira-se que apenas 26 dos 50 inquiridos recorriam a este serviço (52%).

Para 38,5% dos inquiridos concordam bastante e concordam totalmente (23,1%) que o seu Banco disponibiliza um serviço de fácil utilização, não se registando respostas negativas a esta afirmação o que nos leva a afirmar que, devido à unanimidade de reacções, os utilizadores do serviço têm facilidade de acesso e utilização em relação ao mesmo (M= 5,692; DP=0,991).

Para 69% dos inquiridos o serviço de H*ome Banking* é um elo de proximidade com o seu banco. A eventual aptidão dos utilizadores para as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação ou o facto de permitir fazer várias operações sem ter de se deslocar ao banco podem ser factores explicativos para estes resultados (M= 5,885; DP= 0,974).

Para a grande maioria dos inquiridos o *Home Banking* é um instrumento que facilita as rotinas das pessoas. Assim, 46,2 % e 34,6 % "concordam totalmente" e "concordam bastante" com a preposição apresentada (M= 6,192; DP= 0,962).

A questão da segurança no momento de efectuar as transacções é ainda uma questão com um grau de controvérsia manifestamente elevado neste meio. Os clientes bancários encontram-se ainda com algumas reservas nesta matéria. Para 65,4% dos inquiridos concordam (Bastante -26,9% e Totalmente -38,5%) com a ideia de que tem que existir um nível elevado nível de segurança para a realização das transacções (M= 5,846; DP= 1,231).

O *Home Banking* proporciona informação relevante, de fácil compreensão e no formato apropriado para 42,3% e 30,8% dos inquiridos que responderam "concordo bastante" e "concordo totalmente" respectivamente (M= 5,808; DP= 1,177). Para 84,7% dos inquiridos através deste serviço ficam a conhecer cada vez melhor os valores do banco (M= 5,692; DP= 0,991).

Relativamente ao grau de satisfação em relação ao serviço, 50% dos inquiridos encontram-se totalmente satisfeitos com o serviço de *Home Banking e* 46,2% <bastante satisfeitos (M= 6,462; DP= 0,570).

Tabela 4. Avaliação do Serviço de *Home Banking*

Concordo totalmente 7- Discordo totalmente	**1**		**2**		**3**		**4**		**5**		**6**		**7**		**M**	**DP**
	F	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**	**F**	**%**		
V. 1. Considero o serviço de *Home Banking* de fácil utilização.	-	-	-	-	-	-	4	15,4	6	23,1	10	38,5	6	23,1	5,692	0,991
V. 2. Considero o *Home Banking* como um elo de proximidade do cliente com o banco.	-	-	-	-	-	-	3	11,5	5	19,2	10	38,5	8	30,3	5,885	0,974
V. 3. Este serviço permite-me realizar todas as operações bancárias na comodidade de casa, sem ter que me deslocar ao banco.	-	-	-	-	1	3,8	-	-	4	15,4	9	34,6	12	46,2	6,192	0,962
V. 4. Potencia um serviço personalizado, onde me sinto seguro para realizar todas as transacções**.**	-	-	1	3,8	-	-	2	7,7	6	23,1	7	26,9	10	38,5	5,846	1,231
V. 5. O serviço proporciona informação relevante, de fácil compreensão e em formato apropriado.	-	-	-	-	2	7,7	2	7,7	3	11,5	11	42,3	8	30,8	5,808	1,177
V. 6. Através deste serviço, fico a conhecer cada vez melhor os valores do banco.	-	-	-	-	-	-	4	15,4	6	23,1	10	38,5	6	23,1	5,692	0,991
V. 7. A minha opinião sobre o serviço de *Home Banking*.	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3,8	12	46,2	13	50,0	6,462	0,570

A análise das médias (> a 5,6) e o teste binomial de proporções (p<0,05) para todas as dimensões da utilização do *Home Banking* permite responder favoravelmente à segunda questão: A utilização do *Home Banking* funciona como um elo de fortalecimento (ligação) na relação cliente/banco, nas dimensões utilização, frequência, proximidade, comodidade, personalização e segurança, qualidade da informação e imagem de marca.

O cruzamento entre variáveis (análise bivariada) permitiu identificar uma forte relação entre as dimensões proximidade (avaliação do serviço) e satisfação (avaliação da relação) (p=0,000<0,05). Para 50% dos inquiridos o *Home Banking* funciona como "ponte" de ligação entre o cliente e o banco. Da mesma forma, quem credibiliza o serviço potencia uma relação

duradoura com a sua instituição de crédito (p=0,001<0,05). Nas restantes cruzamentos os níveis de significância foram superiores a 0,05 (p=>0,05).

5. **CONCLUSÃO**

Este estudo permitiu compreender as dimensões que permitem medir a utilização do *Home Banking* e a sua abordagem relacional. Ao demonstrar que a variável "Utilização do *Home Banking*" é influenciada pelas dimensões utilização, proximidade, comodidade, personalização e segurança, qualidade da informação e imagem de marca, o estudo vai de encontro à literatura existente. Todas estas dimensões apresentam uma forte relação com a variável, demonstrando o seu contributo para a caracterização do conceito. Relativamente à abordagem relacional, o estudo conclui que são necessárias as seguintes dimensões para definir o conceito: satisfação, duração, equidade, qualidade, contacto pessoal e adaptabilidade. A constituição destas dimensões demonstrou uma forte contribuição para a manutenção da relação do cliente com o seu banco.

Nos últimos anos assistiu-se a um aumento significativo da utilização da banca através da Internet, mais concretamente do *Home Banking*. Esta situação, que está em parte aliada à mudança de mentalidades e estilos de vida, obrigou as instituições financeiras a estarem cada vez mais próximas dos seus clientes, e a disponibilizarem os seus produtos nos mais diversos canais de distribuição. Os bancos foram obrigados a uma gestão cada vez mais cuidadosa da sua oferta multicanal. Assim, a disponibilização da banca no canal electrónico tornou-se, acima de tudo, uma necessidade a que era urgente responder. Em Portugal, este assunto é bastante actual, pois o seu verdadeiro impacto só começou há dez anos atrás. Os resultados obtidos revelam que as hipóteses desenvolvidas foram suportadas por este estudo, assim como os objectivos inicialmente definidos foram atingidos.

Para além do interesse académico que este objecto de estudo pode despoletar aos investigadores das áreas das ciências empresariais e das ciências da comunicação, as instituições bancárias e os seus profissionais podem e devem reflectir sobre algumas das evidencias aqui apresentadas: a "figura do gestor de cliente" como potencializador da relação banco--cliente e o papel do "*Home Banking*" como ferramenta de gestão do potencial do cliente, sendo ambos fundamentais para a satisfação do cliente e para a proximidade (real e, ou virtual) entre banco-cliente. A abordagem da relação deverá sempre uma opção do cliente e nunca uma imposição da banca.

Todavia, o trabalho apresenta algumas limitações, fruto quer da complexidade inerente à temática, quer dos meios que envolveram a investigação. Assim, os resultados da investigação são limitados à amostra utilizada, não considerando todo o conjunto de indivíduos utilizadores do *Home Banking*. Foi usada uma população com um nível sócio-cultural e profissional médio/superior, reflectindo-se muito provavelmente nos padrões de abertura e utilização, ainda que recente, do *Home Banking*. Os inquiridos deste estudo são, essencialmente, residentes nas zonas periféricas das grandes cidades. O facto de não serem levadas em linha de conta as opiniões de pessoas residentes nas metrópoles poderá constituir uma limitação aos resultados do estudo, pelo que deverá ser uma barreira a ultrapassar em futuras prospecções nesta área de investigação. Como todos os fenómenos sociais, também este sofre influência de factores exógenos que não foram reflectidos nem tidos em consideração na realização do estudo. Assim, apesar de se ter realizado uma caracterização da

população amostral, a informação não foi analisada separando a amostra por grupos de características idênticas (por exemplo, ao nível do sexo, da faixa etária, do rendimento, das habilitações ou das classes profissionais).

Posteriores estudos deverão levar em linha de conta as limitações apontadas. Esta problemática deverá ser estuda à luz de outras perspectivas, nomeadamente o comportamento do consumidor, para que o novo modelo de análise integre factores externos com influência na relação entre o *Internet Banking* e a abordagem relacional. Expor as motivações que conduzem (ou não) os consumidores à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação poderá ser uma perspectiva a ser levada em linha de conta para estudos posteriores. Nesta perspectiva, poderia ser apelativo explorar esta relação numa base histórica, agregando o período desde a introdução do conceito (*Internet Banking*) até à actualidade, verificando a evolução (ou não) do conceito. Tendo em conta a importância que as novas tecnologias têm assumido na nossa sociedade em geral e, em particular, na Banca, torna-se imperativo que os Bancos privilegiem estes canais de distribuição de forma a potenciarem a captação dos clientes e, principalmente, a sua retenção e fidelização. Por ser vantajoso para os clientes e para as instituições bancárias, o estudo entre a relação o *Internet Banking* e o Marketing Relacional deverá continuar a ser explorado e aprofundado.

BIBLIOGRAFIA

Baron, Steve, e K. Harris. *Services Marketing: Text and Cases.* London: Macmillan Business, 1995.

Daniel, E. "Provision of Electronic Banking in the UK and the Republic of Ireland". *International Journal of Bank Marketing* 17.2 (1999): 72-82.

Duarte, A. M. *Canais de distribuição na banca: perspectivas de futuro.* Diss. Mestrado. U Técnica de Lisboa, 1999.

Figueiredo, A. D., J. J. Celorico, e P. Coelho *Empresas que em Portugal operam no domínio do comércio electrónico*. Coimbra: Instituto Pedro Nunes, Laboratório de Informática e Sistemas, 2000.

Geiger, S., e S. Martin. "The Internet as a Relationship Marketing Tool – Some Evidence from Irish Companies". *Irish Marketing Review* 12.2 (1999): 24-27.

Grönroos, C. "From Marketing Mix to Relationship Marketing: Towards a Paradigm Shift in Marketing". *Management Decision* 32.2 (1994): 4-20.

Gummesson, E. *Marketing de relacionamento total: gerenciamento de marketing, estratégias de relacionamento e abordagem de CRM para a economia de rede.* Porto Alegre: Bookman, 2005.

Harden, G. "E-Banking Comes to Town: Exploring How Traditional UK High Street Banks Are Meeting The Challenge of Technology and Virtual Relationships". *Journal of Financial Services Marketing* .6 (2002): 323-32.

Ibbotson, P., e L. Moran. "E-Banking and the SME/ Bank Relationship in Northern Ireland". *International Journal of Bank Marketing* 21.2 (2003): 94-103.

Kapoulas, A., W. Murphy, e N. Ellis. "Say Hello, Wave Goodbye: Missed Opportunities for Electronic Relationship Marketing within the Financial Services Sector?" *The International Journal of Bank Marketing* 20.7 (2002): 302-10.

Kardaras, D., e E. Papathanassiou. "Electronic Commerce Opportunities for Improving Corporate Customer Support in Banking in Greece". *International Journal of Marketing,* 19.7 (2001): 292-98.

Kolodinsky, J. M., J. M. Hogart, e M. A. Hilgert. "The Adoption of Electronic Banking Technologies by US Consumers". *The International Journal of Marketing,* 22.4 (2004): 238-59.

Lião, S., et al. "The Adoption of Virtual Banking: an Empirical Study". *International Journal of Information Management,* .19 (1999): 63-74.

Malhotra, N. K. *Pesquisa de marketing:* uma orientação aplicada. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman: 2004.

Martins, E. *Marketing relacional na banca – a fidelização e a venda cruzada.* Porto: Vida Económica, 2006.

Meidan, A. *Marketing Financial Services.* London: Mcmillan Business, 1996.

Mols, N. P. "The Internet and the Service Marketing: the Case of Danish Retail Banking," *Journal of Internet Research* 10.1 (2000): 7-18.

Morgan, R. M., e S. D. Hunt. "The Commitment Trust Theory of Relationship Marketing". *Journal of Marketing* 58.3 (1994): 20-38.

Nelson, M. "Bank Marketing and Information Technology: a Historical Analysis of the Post-1970 Period," *International Journal of Bank Marketing* 17.6 (1999): 265-73.

Payne, A. *Relationship Marketing for Competitive Advantage Winning and Keeping Costumers.* London: Butterwhorth Heinmann, 1999.

Proença, J., e L. Castro. "Business Relationships Dynamics and (In) Stability-A Comparative Case Study in Corporate Banking". *Journal of Customer Behaviour* 3.3 (2004): 185-256.

---. "Stress in Business Relationships: a Study on Corporate Bank Services". *International Journal of Bank Marketing* 23.7 (2005): 527-41.

Rayport, F. J., e J. J. Sviokla. "Exploiting the Virtual Value Chain," *Harvard Business Review* Nov.-Dez. (1995): 75-85.

Reis, S. C. *Os determinantes da adopção da internet como canal de distribuição no sector bancário.* Diss. Mestrado, U Coimbra, 2005.

Rutter, M., e S. Abreu. *Pesquisa de mercado*. São Paulo: Editora Ática 1988.

Schwartz, E. *Webonomics.* Londres: Penguin Books 1997.

Serrano, A. "Pessoas, tecnologias e vivência organizacional - breve reflexão". *Sistemas de Informação* .11 (1999): 45-47.

Silva, M. R. *Impacto do uso do Internet Banking nas relações banca de retalho-clientes particulares*. Diss. Mestrado, U Porto, 2006.

Stroud, D. *Internet Strategies: a Corporate Guide to Exploiting the Internet.* Londres: Macmillan Business, 1988.

Taylor, S., e P. A. Tood. "Understanding information technology usage: a test f competing models". *Information Systems Research* 6.2 (1995): 144-76.

Turnbull, P. W., e M. Demandas. "Marketing Bank Services to Corporate Clients". *Journal of Marketing Management* .11 (1995): 187-205.

Zineldin, M. "Beyond Relationship Marketing: Tecnhologicalship Marketing". *Marketing Intelligence and Planning* 18.1 (2000): 9-23.

ATUAÇÃO DA IMPRENSA JUIZFORANA NA GREVE DE 1912

Arthur Barroso Moreira
Aluno de Pós-doutoramento em Jornalismo
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
Professor Adjunto
Universidade Presidente Antônio Carlos, Juiz de Fora, Brasil
arthurabm@yahoo.com.br

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 170-179 (2010)
Submetido/Submitted: 29 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 01 Out. 2010

RESUMO

Estudou-se as notícias veiculadas por três jornais diários no período da greve de 1912, em Juiz de Fora. O pharol, Jornal do commércio e Diário mercantil. O objetivo aqui é destacar a atuação da imprensa como veículo capaz de informar, formar opiniões e construir história. Pelas informações obtidas pode-se afirmar que a imprensa juizforana da época foi capaz de atuar efetivamente como o quarto poder – o poder moderador.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa, Juiz de Fora, greve de 1912.

ABSTRACT

A study was made to reports by three daily newspapers during the strike of 1912, in Juiz de Fora. O pharol, Jornal do commercio and Diário mercantil. The objective here is to highlight the role of the press as a vehicle able to inform, form opinions and build history. From the information obtained can be stated that the press of the time from Juiz de Fora was able to effectively act as the fourth power - the moderator power.

KEYWORDS

Press, Juiz de Fora, Strike of 1912

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a greve do operariado juizforano em agosto de 1912. O fato de ser o primeiro movimento dessa natureza em uma cidade que era uma das maiores áreas industriais do Brasil despertou expectativas em todos os setores. Os veículos de comunicação eram numerosos, pois a cidade investiu em bens culturais e na formação intelectual de sua elite cafeeira, o que significou a presença de uma centena de jornais, de todos os estilos, no início do século XX.

O objetivo deste estudo é mostrar a atuação da imprensa juizforana no primeiro movimento operário local; reconhecer a importância destas publicações para o acompanhamento da greve pela sociedade, e mostrar que mesmo pertencendo a políticos ou empresários os jornais conseguiram atuar como poder moderador, ou seja, representante dos anseios sociais frente aos poderes oficiais. Assim, procedeu-se à leitura comparativa crítica de três jornais diários – *O pharol*, *Diário mercantil* e *Jornal do commercio* –, que são os mais importantes entre os existentes à época. Não houve preocupação em medir o espaço dado ao tema da greve, mas sim entender o conteúdo das informações veiculadas dentro de seu contexto histórico.

O período de tempo observado foi o de 17 a 30 de agosto de 1912. A inspiração para o presente trabalho partiu de um aluno de graduação – Luiz Carlos Fazza – que tratou do tema em seu trabalho de conclusão. Normalmente os estudos do período tratam das três greves (1912, 1919 e 1924), mas esta tem a relevância de marcar o início da perda de competitividade de Juiz de Fora frente a São Paulo pela primazia econômica no Brasil.

1. JUIZ DE FORA, 1830 – 1912

A queda na mineração, a partir de 1830, na região de Vila Rica, abriu a possibilidade de ocupação das terras proibidas ao longo ou nas proximidades do Caminho Novo. Os deserdados do ouro, com a ajuda de um mercenário do exército prussiano, transformaram um povoado às margens do rio Paraibuna em Vila no ano de 1850 – Santo Antônio do Paraibuna; que em 1865 tornou-se a cidade de Juiz de Fora.

A cultura cafeeira no Vale do Paraíba e a localização próxima ao Rio de Janeiro tornaram a cidade uma das mais importantes do Estado de Minas Gerais. Márcio Arcuri considera que nas décadas finais do século XIX e início do século XX, Juiz de Fora estava entre as mais importantes cidades em relação ao desenvolvimento econômico, social e cultural. Mas sempre necessitada de importar mão de obra.

Para Silvia Toyoshima o marco do crescimento econômico de Juiz de Fora foi o cultivo do café. O dinheiro movimentado na cidade deu origem às ligações com a capital do Império pela *Estrada União e Indústria* em 1861 – a primeira pavimentada da América Latina – e pela via férrea em 1877. Ao mesmo tempo a aristocracia rural permitiu o crescimento do comércio e implantação de indústrias, que trouxeram no seu rastro o desenvolvimento da comunicação e dos transportes: bondes de tração animal (1881), telefone (1883), telégrafo (1884), água em domicílio (1885), energia elétrica e iluminação pública elétrica (1889). O café também criou importantes bancos: *Territorial e Mercantil de Minas Gerais* (1887) e *Banco de Crédito Real de Minas Gerais* (1889).

Graças ao espírito empreendedor que dominava os donos do capital e a maciça presença de imigrantes europeus qualificados a primeira década do século XX tornou a cidade conhecida como a *Manchester Mineira*. Tendo em vista a importância dos imigrantes alemães e italianos nos primeiros anos da atividade industrial em Juiz de Fora é oportuno conhecer as condições em que aportaram na cidade.

Luis Eduardo de Oliveira relata que a *Companhia União e Indústria*, responsável pela construção da estrada de ligação da zona cafeeira com o porto, contribuiu para a chegada dos alemães. Mariano Procópio Ferreira Lage percebeu a carência de mão de obra especializada e providenciou autorização para trazer da Alemanha os trabalhadores. Assim, em 1858, Juiz de Fora recebeu 1.162 alemães – um salto imediato de 20% na população da cidade. Terminada a estrada os trabalhadores montaram pequenas fábricas, voltaram-se para a agricultura ou tornaram-se operários fabris.

Os italianos vieram em uma segunda fase de imigração, como participantes do projeto da Associação Promotora da Imigração que atuava com o objetivo de introduzir no país mão de obra barata e numerosa (também cristã, culturalmente adaptável e racialmente apta ao trabalho – segundo a visão dos legisladores do Império). Com dificuldades em trabalhar na região rural, muitos permaneceram para trabalhar nas fábricas.

Um terceiro grupo a formar o proletariado juizforano foi o negro. Ele só apareceu quando o café se extinguiu de fato. Assim, o proletariado de Juiz de Fora formou-se com negros, imigrantes europeus e pessoas vindas do campo, dispostos a trabalhar nas atividades industriais do período, cujos produtos – bebidas, couro, calçados, latas, máquinas agrícolas e industriais, folhas de flandres – eram, em sua maioria, exportados.

O operário – incluindo crianças – pouco usufruía do seu trabalho, pago de forma miserável e realizado em condições ambientais precárias e exigências psicológicas sub-humanas: dez horas por dia, sete dias por semana. A aristocracia rural ao travestir-se de burguesia industrial trouxe consigo a mentalidade escravocrata: considerava um favor o dever de pagar o trabalho recebido e não o fazia de forma justa. Em Juiz de Fora poucos se beneficiavam da atividade industrial e dos frutos que a modernidade da vida urbana trazia.

Se a elite industrial não aceitava a melhor distribuição da mais-valia e exauria o capital humano, os alemães, italianos e alguns brasileiros tinham a consciência de que não precisavam submeter-se cegamente com prejuízo próprio e de seus familiares. Obviamente, o conhecimento de outras idéias sobre relações de trabalho e dos sacrifícios dos quais fugiram os imigrantes contribuíram para o impasse trabalhista no início do século XX. Em 1912 não foi mais possível suportar a situação e movimentos ocorridos em outras cidades foram o exemplo do que poderia ser feito. Uma greve estendeu-se a diferentes grupos profissionais e o movimento de protesto deixou mudanças profundas nas relações trabalhistas e no desenvolvimento futuro de Juiz de Fora.

2. **OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO E A GREVE DE 1912**

O desenvolvimento cultural e a industrialização sempre caminharam juntos em Juiz de Fora. Escolas de todos os níveis mantidas pelo poder público ou mesmo pelo capital estrangeiro transformaram a cidade em pólo educacional da região. Numa época em que poucas

pessoas liam, a cidade contava, segundo Márcio Arcuri, com a circulação de mais de cem periódicos, de diários a mensais, distribuindo-se por diferentes setores, inclusive o sindical e o religioso. O que revela a multiplicidade de idéias que circulava entre a população.

Dos periódicos da cidade na primeira década do século XX, que noticiaram sistematicamente a greve de 1912 destacam-se os três que são os responsáveis pela formação da opinião pública à época: *O pharol,* o *Jornal do commercio* e o *Diário mercantil*. O primeiro é o mais antigo jornal de Juiz de Fora, com referência de sua presença em 1870 (encerrou as atividades em 1939) e de maior circulação no período; o *Jornal do commercio* foi fundado em 1896, sendo o mais conservador e, apesar do nome, não representava os comerciantes, no entanto seus editores tinham estreitos laços com os comerciantes da cidade e, no futuro tornar-se-ão editores do órgão oficial da Junta Comercial; e o *Diário Mercantil* apareceu justamente em 1912, tendo como fundador Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (IV), político de família tradicional do estado e com projeção nacional. Antônio Carlos havia trabalhado como colaborador do *Jornal do commercio*.

Os três jornais à época eram diários – sem circulação às segundas-feiras. Assim, nenhuma informação ao público foi veiculada nas duas segundas-feiras (19 e 26 de agosto) do período da greve de 1912. Nos três jornais destacam-se alguns pontos de aproximação e afastamento editorial nas edições do período de 17 de agosto, o dia seguinte ao início da greve, a 31 do mesmo mês, quando se considerou encerrado o movimento e objeto do presente estudo.

Além da circulação, o aspecto geral de diagramação dos três jornais era o mesmo: quatro páginas, diferenciando-se na divisão em colunas, pois *O pharol* contava sete e os demais, seis colunas gráficas. Pela denominação dada às colunas percebe-se a importância do telégrafo para a circulação das notícias naquele período. Nas segundas páginas eram publicadas no *Jornal do commercio*, o *Fio telegráfico*; no *Diário mercantil,* o *Pelo telégrafo* e em *O pharol,* na primeira página, as *Notícias pelo telegrafo*. Os três jornais veiculavam fatos internacionais, nacionais, regionais e locais ao lado de crônicas e notas sociais, publicações *A pedido,* editais e alguns poucos anúncios na primeira ou na segunda página. Diferenciando-se dos demais, *O pharol* oferecia duas oportunidades temáticas, uma voltada para a saúde: serviço médico ou dentário em coluna denominada *Guia dos consultantes,* na segunda página e outra dedicada à colônia italiana, escrita em língua daquele país. Na terceira e quarta páginas, enquanto o *Diário mercantil* veiculava muitas propagandas do Rio de Janeiro e algumas locais, o *Jornal do commercio* anunciava produtos de São Paulo e Rio de Janeiro; os produtos locais estavam mais presentes na quarta página. Ambos se interessavam e noticiavam com freqüência a chegada e saída de navios a vapor para as Américas e Europa. *O pharol* tinha naquelas páginas anúncios, principalmente locais, de colégios, bancos, material de construção.

Em relação à greve de 1912, os três jornais se fizeram presentes, ainda sem ponto de comparação com acontecimentos locais anteriores, pois era o primeiro movimento grevista de Juiz de Fora. Obviamente cada editor imprimiu a própria visão do fenômeno. Resalvando-se que é a visão da redação e não dos proprietários dos veículos.

2.1. **TECENDO O DIA A DIA DA GREVE NO NOTICIÁRIO**

A greve foi declarada no dia 16 de agosto de 1912 e foi notícia no dia 17, no *Jornal do commercio* (n.º 5017, 1) e em *O pharol* (n.º 195, 1). Ambos descreveram os acontecimentos do

início do movimento. O primeiro veículo considerou o fato consumado, mas limitado a 800 operários. Relatou a atitude pacífica dos trabalhadores e a grandeza dos senhores industriais que não pretenderam, jamais, se enriquecer com o sofrimento de seus empregados e muito menos deixar de ouvi-los. Ao referir-se à atitude pacífica dos grevistas, o jornal noticiou a chegada de reforço policial e de um delegado auxiliar vindo de Belo Horizonte. Por seu lado, os grevistas buscaram apoio junto à Câmara Municipal. Observa-se que o redator do *Jornal do comércio* adotou uma linha prudente ou naturalmente respeitosa para com os patrões, quase os considerando interessados na causa dos empregados. Descreveu a atitude pacífica dos grevistas como se fosse a única esperada do operariado juizforano e considerou que não precisavam recorrer à agressividade dos movimentos congêneres europeus.

O pharol (n.º 195, 1) anunciou que o operariado dera mostras, na véspera, de que entraria em greve. Citou como objetivo do movimento a mudança na jornada de trabalho para 8 horas/dia (ela era de no mínimo de 10 horas, podendo chegar a 14 horas diárias). Em relação a esta reivindicação, o jornal relatou que o operário Galdino de Medeiros recebera um telegrama anunciando que o movimento de Belo Horizonte conseguira as oito horas de jornada. O jornal exortou os operários, que calculou em 400, a uma atuação tranqüila e listou as categorias paralisadas: pedreiros, tecelões, carpinteiros, serviçais, sapateiros. Em relação aos reforços policiais, *O pharol* censurou diretamente a sua presença, mostrando-os como fator de possível amedrontamento aos operários e ameaça ao movimento e lançou um protesto formal. O veículo mostrou-se imediatamente simpático à causa operária, citando as reivindicações e justificando-a com o que já acontecia em outros países. Ficaram de fora nesse primeiro momento comentários sobre dos baixos salários e a exploração de mulheres e crianças menores de 14 anos. A censura direta ao reforço policial foi uma demonstração de apoio, ainda que parecesse duvidar da força do movimento quando considerou a paralisação feita por apenas 400 operários.

No segundo dia de circulação dos jornais com notícias da greve, 18 de agosto, o *Diário mercantil* (n.º 178) publicou o convite do Presidente da Câmara, Oscar Vidal Barbosa Lage – filho da aristocracia rural; aos industriais e aos sindicalistas para uma reunião na segunda-feira, dia 19, às 13 horas, na própria Câmara, cujo tema seria a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Essa medida resultava do fato de que, desde o início do movimento, os operários procuraram o Dr. Francisco Augusto Pinto de Moura, advogado, vereador e redator deste jornal; assim, o poder público esperava acabar com a agitação da classe operária. O *Diário mercantil* relatou ainda que a construtora *Pantaleone Arcuri & Spinelli* dirigiu carta à redação informando que reduziria em uma hora o tempo de trabalho dos seus operários, mas não há na informação de qual era a jornada na empresa.

Nesse mesmo dia o *Jornal do comércio* (n.º 5018) registrou a insatisfação da população com a presença da polícia, mas colocou-se claramente ao lado das forças de segurança, ressaltando a utilidade dos serviços que aquela força armada prestava diante da exaltação de alguns indivíduos. As pessoas exaltadas, na opinião do jornal, nem mesmo eram operários, mas agitadores. O jornal considerou a greve encerrada e baseou a sua posição na presença das famílias, à noite, passeando na rua Halfeld, onde havia locais de encontro das famílias da elite.

O pharol (n.º 196) do dia 18 dava grande destaque ao movimento grevista, dedicando-lhe três colunas. Noticia e aplaude a reunião marcada na Câmara Municipal, conclama e registra a calma; reconhece que há fábricas paradas, embora a maioria esteja trabalhando e registra a presença da força policial em algumas.

No dia 20 de agosto, quinto dia de greve e terceiro de circulação de notícias, o que chamou a atenção foi a reunião da segunda-feira na Câmara Municipal sem a concessão da redução na jornada de trabalho e o esclarecimento de que caberia à higiene municipal regulamentar a questão dos menores.

O *Diário mercantil* (n.º 179, 1) e *O pharol* (n.º 197, 1) deram notícia da assembléia acontecida no Largo do Riachuelo na noite do dia anterior (19/08) na qual Donato Donatti falou sobre o resultado negativo da reunião na Câmara Municipal e incitou os operários a permanecerem em greve. *O pharol* registrou que Donato Donatti "fala com extrema facilidade e com muita correção, foi aplaudidíssimo e interrompido várias vezes por aclamação prolongada". Esse registro era uma observação velada ao fato de que Donatti era um imigrante italiano e líder socialista, foi o fundador, em Belo Horizonte, da *Societá de Mutuo Soccorso* e foi presidente da *Liga Operária*, extinta em 1900. Por ocasião da greve foi convidado a orientar o movimento. O *Diário mercantil* relata que Donati pediu aos trabalhadores para agradecerem aos jornais locais e que cerca de três mil operários passaram pela redação dos jornais agradecendo o apoio que a greve recebia da imprensa.

No dia 21 de agosto, o *Diário mercantil* (n.º 180, 1), *O pharol* (n.º 198, 1) e o *Jornal do commercio* (n.º 5020, 1) concordaram que a greve permanecia de forma pacífica, noticiam mais uma vez a fala de Donatti, mas não chegam a um acordo em relação ao número de operários que participaram da reunião: dois mil, para o primeiro e 500 para o segundo que registrou, ainda, a presença de numerosos policiais nos Largos centrais da cidade em atitude provocativa para com a população. O *Jornal do commercio* registrou a falta de solução para o impasse e procurou justificar o lado patronal, chamando em sua defesa a insipiência da atividade industrial no Brasil e a impossibilidade de concorrência com os produtos estrangeiros. Diante disso, considera o redator, a prudência e não a desumanidade impedia os patrões de atenderem às reivindicações e mudarem a situação precária em que viviam seus "auxiliares". Nesse contexto de impossibilidade, no parecer do *Jornal do commercio*, o retorno ao trabalho pode trazer benefícios.

No dia seguinte, 22 de agosto**,** o *Diário mercantil* (n.º 181, 1) registrava a continuação da greve, a presença da polícia e a formação de uma comissão de trabalhadores, entre eles Donato Donatti, o vereador Pinto de Moura e sindicalistas vindos de Belo Horizonte, para negociar as reivindicações do movimento. Na noite do dia anterior, no Largo do Riachuelo, Donatti transmitia o malogro da reunião e informou que um telegrama da Federação das Indústrias de São Paulo oferecia duas mil vagas aos operários de Juiz de Fora. Assim, muitos partiram para São Paulo. O jornal também relatou a atitude de 3 mil grevistas que na manhã do dia 21/08 postaram-se no largo do Riachuelo com o objetivo de impedir que os trabalhadores do Morro da Gratidão e bairro Mariano Procópio chegassem ao trabalho. *O pharol* (n.º 199, 1) também noticiou o fato, mas considerou serem 2 mil os grevistas presentes naquela parede. Este jornal destacou que a categoria dos sapateiros solicitou aos sindicatos de São Paulo e do Rio de Janeiro solidariedade e auxilio para se manter em greve. O *Jornal do comércio* dedicou-se a um tema paralelo. Percebe-se acima que o posicionamento deste diário é disfarçadamente contra as reivindicações dos trabalhadores; esta posição mudará com a ação do Estado sobre o movimento grevista.

Com a manchete "Cena aviltante" o *Jornal do comércio* (n.º 5021, 1) relatou a morte do trabalhador Juvenal Guimarães, da Companhia Singer e Tinturaria Guarany, na noite daquele

dia 21/08. Também *O pharol* (n.º 199, 1) descreveu o tiroteio na rua Halfeld, afirmando que a arbitrariedade da polícia existia desde o início da greve:

> **foram coronhadas e rifles em cena no primeiro dia; foram prisões e violência no segundo; foram nos subseqüentes pequenas picardias, insinuações, novas arbitrariedades e arrochos ao povo, no firme desejo de despertar revoltas (*O pharol*, n.º 199, 1).**

O jornal ainda criticou duramente o delegado Paula e sugeriu sua exoneração.

Diante desse fato violento os estudantes se movimentaram e, como os jornalistas, telegrafaram ao Presidente do Estado Bueno Brandão, protestando, pedindo providências e punição aos culpados. Como os industriais se mantinham firmes em não atender às reivindicações, o descontentamento se generalizava e muitos operários, que até então se mantinham trabalhando, aderiram à greve. Em atitude de protesto, mais de cem operários seguiram para Curralinho (MG), contratados pelas indústrias daquela cidade.

No dia 23/08, o *Diário mercantil* (n.º 182, 1) volta a destacar os acontecimentos do dia 21/08 com a manchete: "A força policial contra o povo". Descreve os acontecimentos e noticia o sinal de pesar do comércio e dos cinemas, que fecharam as portas. O *Jornal do commercio* (n.º 5022, 1) noticiou o enterro do trabalhador morto, acompanhado por 2 mil pessoas, e a ordem do comandante do 2° Batalhão de polícia para que se recolhesse o contingente ao quartel, além da prisão dos policiais envolvidos no tiroteio da rua Halfeld. Com o título "Selo de Gratidão", *O pharol* (n.º 200, 1) relembrou a acolhida carinhosa dada aos policiais dias antes e a maneira grosseira como responderam.

Apesar dessas medidas disciplinadoras, chegava de Belo Horizonte um novo contingente de 30 policiais. O delegado auxiliar proibiu aglomerações no Parque Halfeld e sua iluminação foi cortada. Os motorneiros pediram proteção contra a polícia indisciplinada e receberam do poder público a alternativa de abandonarem o bonde quando vissem a polícia procurando conflitos. A polícia convidou a imprensa para assistir ao inquérito policial do tiroteio para que formasse um juízo seguro sobre os fatos e as providências tomadas pelas autoridades, além de pedir que a imprensa aconselhasse aos operários a evitar qualquer ajuntamento de pessoas.

Os eventos registrados no dia 24/08 pelo *Diário mercantil* (n.º 183, 1) dão conta de uma assembléia no Parque Halfeld, na qual Donato Donatti desmentiu o encerramento do movimento; informou sobre a chegada do Chefe Estadual de Polícia Dr. Américo Lopes, seu ajudante de ordens e do Dr. Antonio Afonso de Morais, diretor da divisão de estatística criminal do Estado. O *Jornal do commercio* (n.º 5023, 1) diminuiu o espaço dedicado à greve, considerando o dia normal e sem incidentes. Noticiou a abertura do inquérito para apurar responsabilidades e a solicitação da polícia para que as reuniões ocorressem em locais fechados. *O pharol* (n.º 121, 1) continuava a ocupar toda a primeira página com notícias sobre o movimento. Incriminou autoridades policiais, criticou atitudes não voltadas para as responsabilidades do cargo e condenou a presença de soldados e oficiais "ignorantes e perversos". Ainda abriu espaço para uma manifestação das Lojas maçônicas contra o vandalismo da polícia.

Em 25/08 o *Jornal do commercio* (n.º 5024, 1) e *O pharol* (n.º 202, 3) informaram o encerramento de parte da greve dos sapateiros, cujos patrões aceitaram as reivindicações. Diante

da aceitação da tabela alguns sapateiros retomaram as atividades. Estes profissionais assumiram o compromisso de contribuírem pecuniariamente com quem permanecia em greve. Neste dia o *Diário mercantil* (n.º 184, 1) e *O pharol* (n.º 202, 3) noticiaram o regresso Donato Donatti a Belo Horizonte envolto no boato – desmentido – de que fora expulso pela polícia local. Enquanto o *Diário mercantil* afirmava que a maior parte das fábricas permanecia fechada, *O pharol* considerava que a partida de Donatti diminuía o movimento.

A partir de 27/08, dias finais da greve, *O pharol* (n 203, 1) reconheceu a diminuição do movimento e o retorno de mais alguns sapateiros ao trabalho, além da saída de operários para outros estados. O *Diário mercantil* (n.º 185, 1) noticiou o fim da greve, a normalização do trabalho nas fábricas e o retorno do Chefe de Polícia a Belo Horizonte. O *Jornal do commercio* (n.º 5025, 1) dedicou-se a rebater as críticas feitas pelos jornais do Rio de Janeiro à atuação a favor dos operários pelos jornalistas juizforanos durante a greve.

Na quarta-feira 28/08 o tema se restringiu ao assassinato do operário Juvenal Guimarães. A partir deste dia aparecem breves relatos de uma ou outra fábrica ainda paralisada, sendo que após 31/08 o tema greve desaparece por completo da imprensa juizforana. Não há um balanço sobre o movimento e nem informações sobre as conquistas alcançadas. No resto do ano surgiram notícias relacionadas ao julgamento do alferes responsabilizado pelo tiroteio na rua Halfeld e as reações negativas ao veredicto de inocência.

4. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atuação da imprensa juizforana na greve de 1912 pode ser considerada como um dos raros momentos em que os veículos atuaram como quarto poder, ou seja, como moderadores entre os anseios populares e os poderes do Estado. Exemplo disto foi a repercussão negativa da atuação dos jornais locais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. O movimento grevista de Juiz de Fora e a atuação da imprensa local ficaram sob a mira dos jornais cariocas, sendo que o *Jornal do commercio* do Rio de Janeiro mostrou-se virulento contra a imprensa local e a favor da atuação violenta da polícia mineira. *O pharol* (n.º 204, 1) reproduziu extrato da opinião do veículo carioca: "Em Juiz de Fora, um italiano loquaz, agitador profissional sublevou o operariado e obrigou a polícia a uma intervenção mais enérgica". Ao mesmo tempo o *Jornal do commercio* (n.º 5025, 1) dirigiu-se a seu homônimo da capital do país rebatendo energicamente as críticas e termina dizendo que os redatores do Rio de Janeiro ficam ao lado de assassinos "que não nos causam inveja".

Em uma fase na qual os jornais já são veículos de propaganda da esfera privada – exemplificada na forma pela qual a imprensa do Rio de Janeiro e Belo Horizonte repercutiram a cobertura da greve em Juiz de Fora, ou seja, refletindo o desejo da burguesia industrial de não ceder e não dar voz às classes subalternas – a imprensa juizforana mostra-se pertencente à esfera pública, veículo para a discussão dos problemas públicos, dando voz aos vários lados que se defrontaram durante a greve de 1912.

Importante notar que apresar de os jornais pertencerem à alta burguesia – *O pharol* era um órgão monarquista que evoluiu para republicano conservador; o *Diário mercantil* pertencia a um dos políticos mais poderosos do país; o *Jornal do commercio* também pertencia a um político influente (mais tarde considerado o cacique de Juiz de Fora) – mantiveram um

posicionamento de moderação do conflito estabelecido entre os trabalhadores, os donos das empresas e o Estado – representado tanto pela Câmara Municipal quanto pela polícia.

Apenas o *Jornal do commercio* manteve uma posição inicial de propagandista anti-greve, justificando a posição patronal e pedindo a volta ao trabalho. Este posicionamento inicial está de acordo com o momento histórico dos conflitos sociais no Brasil, em geral resolvidos com extrema violência por parte do Estado. Esta posição muda com a rudeza das ações policiais. A partir da morte de um operário o veículo passa a trabalhar pela resolução negociada do conflito.

A mediação dos veículos juizforanos no contexto da época pode ser percebida também como um esgotamento da visão económica e dos métodos repressivos da República Velha. No entanto, ao fim da greve o tema morreu nos jornais. Pode-se especular os motivos, mas o mais provável é que o amadorismo das redações não deu a devida importância às questões de fundo e ao balanço do movimento (que se repetiria no futuro) – notícia velha não vende jornal.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Silvia de. *Classe operária de Juiz de Fora*: *uma história de lutas – 1912-1924*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

Arcuri, Márcio. "A imprensa em Juiz de Fora em 1897". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora* .10 (1986).

Oliveira, Luís E. de. "Cultura política e luta de classes: a experiência social dos trabalhadores de juiz de fora durante a primeira república". 2006. Internet. 20 jul. 2007. <http://www.uss.br/web/arquivos/textos_historia/Luis_Eduardo_CULTURA_POLITICA_E_LUTA_DE_CLASSES.pdf>.

Toyoshima, Silvia H. *Evolução de uma economia periférica: o caso de Minas Gerais*. Diss. Mestrado. U São Paulo, 1986.

ANTÓNIO RODRIGUES SAMPAIO E O *ECO DE SANTARÉM*[24]

Jorge Pedro Sousa
Professor Catedrático
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
jpsousa@ufp.edu.pt

Sandra Gonçalves Tuna
Professora Auxiliar
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
stuna@ufp.edu.pt

Patrícia Teixeira
Aluna do Doutoramento em Ciências da Informação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
patriciaoliveirateixeira@gmail.com

24 Trabalho produzido no âmbito do projecto "Teorização do Jornalismo em Portugal," apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de fundos estruturais da União Europeia (FEDER) e de fundos nacionais do MCTES, referência PTDC/CCI-JOR/100266/2008 e FCOMP - 01 - 0124 - FEDER - 009078.

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 180-195 (2010)
Submetido/Submitted: 02 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 04 Out. 2010

RESUMO

António Rodrigues Sampaio desempenhou um papel fundamental no jornalismo político do século XIX. Os seus jornais foram um veículo importante na transmissão dos seus ideais políticos, bem como reveladores das conjunturas jornalística e política da época. Assente numa pesquisa documental, bem como na análise discursiva dos exemplares do jornal, este estudo incidirá sobre o jornal clandestino *O Eco de Santarém*, cuja tumultuosa história, bem como o seu discurso, revela muito sobre a sua a visão empreendedora e aventureira.

PALAVRAS-CHAVE

António Rodrigues Sampaio, Jornalismo português, século XIX, *O Eco de Santarém*

ABSTRACT

António Rodrigues de Sampaio played a key role in the nineteenth-century Portuguese political press. His papers were an important vehicle for his political ideals, unveiling, at the same time, both the political and journalistic circumstances of that time. Based on documental research, as well as on the papers' discursive analysis, this study will focus on the clandestine paper *O Eco de Santarém* since its tumultuous story as well as its discourse are revealing of Sampaio's entrepreneurial and adventurous vision.

KEYWORDS

António Rodrigues Sampaio, Portuguese journalism, 19th century, *O Eco de Santarém*.

INTRODUÇÃO

António Rodrigues Sampaio foi um dos expoentes do jornalismo doutrinário e da política portuguesa no século XIX, num tempo em que fazer política e fazer jornalismo se fundiam frequentemente (vd. Traquina 24). Pode dizer-se que Rodrigues Sampaio terá sido o "político de jornal" – ou jornalista, pelos cânones da época – que maior êxito teve em Portugal entre 1835 e 1881.

O seu nome ficou principalmente associado ao jornal *A Revolução de Setembro*, que lhe valeu a alcunha de Sampaio da Revolução. No entanto, na sua actividade jornalística teve outros projectos, sempre articulados com a sua acção política, como liberal de esquerda, embrenhado na causa revolucionária. Com o eclodir da Patuleia[25], Sampaio refugiou-se em Lisboa (Sá 42), para lançar dois periódicos clandestinos – *O Eco de Santarém*, de que nos ocuparemos neste texto, e *O Espectro* – nos quais fez uso dos seus recursos retóricos para apelar à mobilização dos cidadãos para lutarem ao lado das forças rebeldes.

Assente na pesquisa bibliográfica, documental e hemerográfica, bem como numa análise discursiva da publicação referida, propomo-nos desvelar a forma como Sampaio plasmou a sua mundividência no seu discurso jornalístico, também político, incorporando-a no universo simbólico da sociedade portuguesa oitocentista ou, pelo menos, das elites politizadas da época. Desta forma, o presente estudo permitirá também indiciar algumas características do jornalismo português da época, bem como a acção que Sampaio sobre ele exerceu.

Muito embora existam vários estudos sobre a produção jornalística da época (Teixeira de Vasconcelos, Tengarrinha, Traquina), cujo contributo esclareceu este estudo, pretende-se aqui uma análise de uma publicação específica que se espera concorra para uma (re)construção do seu papel no exercício jornalístico do respectivo autor.

No que respeita à análise discursiva apresentada, conforme explica Sousa (343), procura-se "desvelar a substância de um discurso no mar de palavras," incidindo-se numa leitura flutuante, embora sistemática, da integridade do jornal referido; recolheram-se os excertos que, tendo em atenção o contexto discursivo, mais contribuíram para dar resposta a questões como as temáticas mais frequentes nesta publicação, os seus objectivos e as suas fontes.

25 A Patuleia, ou revolta dos 'pés descalços,' foi uma guerra civil ocorrida entre Outubro de 1846 e Junho de 1847, provocada pelo confronto entre o Governo cabralista (mas sem Cabrais) da direita autoritária liderado pelo marechal Saldanha, com a conivência da Rainha, D. Maria II, e a esquerda liberal e radical setembrista, paradoxalmente aliada aos miguelistas pró-absolutistas.

NUM. 1. 1846.

O ECCO DE SANTAREM.

LISBOA: TERÇA FEIRA 8 DE DEZEMBRO.

Não daremos aos nossos adversarios o praser do silencio: os gemidos das victimas, a voz da verdade irão perturbar os seus festins; esses banquetes de ouro e sangue em que se devoram as cartilagens da patria.

Honra, virtude, moral, tudo está perdido, tudo se sacrificou ao demonio da ambição que se apossou do poder.

A constituição está suspensa. Não ha direito mais que o da força: a legitimidade está na resistencia. O poder rasgou o pacto social e desligou nos da obediencia. Em nome da carta não manda elle por que a suspendeu; em nome do absolutismo, não reconhecemos o seu imperio.

Reina o silencio dos sepulchros, vamos interrompe-lo. O direito dos nossos adversarios não é melhor que o nosso. Não campeará a mentira, não folgará na solidão. Alardêa força — tambem temos força. O canhão sôa — tambem temos canhão. Não nos deixam jogar as armas da intelligencia, e não poderão fugir aos golpes da espada para que nos provocaram.

Temos por nós o paiz inteiro, as suas melhores intelligencias, a propriedade, toda a dedicação desinteressada e generosa, os nossos exercitos occupam toda a extensão do nosso territorio, os cidadãos offerecem voluntariamente as suas vidas no altar da patria. Ardor, enthusiasmo, vontade, quem poderá resistir a tantas qualidades reunidas?

A nossa causa é justa, a Europa assim o reconhece. A tendencia do seculo brinca dos esforços que a pertendem contrariar. Isto é que faz vacilar o poder, esse poder corrompido que leveu o throno a dous passos do abysmo, e o paiz a um cataclismo d'onde só póde salvar pelos esforços heroicos de seus filhos.

Temos de combater com a corrupção — não importa! — Uma nação inteira não se corrompe.

Temos necessidade de ser breves. Faremos em artigos repetidos a autopsia disso a que em Lisboa se chama governo, e mostraremos a ignorancia e a má fé que se observa em todas as suas providencias. Mostraremos as falsidades que se propalam, as verdades que se occultam, os factos que se invertem, as reputações que se calumniam, os dinheiros que se roubam, os rendimentos que se dissipam.

A lucta não será longa, porque o poder eivado na sua compleição chegou logo ao derradeiro quartel da vida — já dá os ultimos arrancos; mas é preciso sopea-lo porque a agonia póde ser terrivel em razão de ter sido mui criminosa a vida.

E Deos hade ser comnosco!

O Diario não cessa de nos dizer, que todos correm a alistar-se voluntariamente, mas apezar d'esse enthusiasmo... Lisboa tornou-se uma verdadeira tapada real; é uma montaria por essas ruas, que difficil é o escapar aos galgos da policia. Todos correm á prova a alistar-se, mas por medida preventiva os voluntarios vão inscriptos entre os cabos de policia. Nunca se viu um enthusiasmo igual, e paiz que não arie-

Figura 1. O Eco de Santarém

1. O *ECO DE SANTARÉM*: PERIODICIDADE E CARACTERÍSTICAS

Conforme se pode ver na tabela 1, terão saído apenas quatro números[26] deste jornal, entre 8 e 14 de Dezembro de 1846, redigidos quase integralmente por António Rodrigues Sampaio e impressos furtivamente em Lisboa, por José Elias da Costa Sanches, impressor dos cartazes do Teatro São Carlos, nas ruínas da igreja de Santa Catarina (Praça 46). Na colecção do *Eco* há ainda um suplemento ao jornal, no qual se insere uma carta expedida pelo Conde de Bonfim, de Torres Vedras, de 22 de Dezembro de 1846.

DATA	DIA DA SEMANA	PERIODICIDADE NA SEMANA
8 de Dezembro de 1846 (n.º 1)	Terça-feira	Trissemanário
10 de Dezembro de 1846 (n.º 2)	Quinta-feira	Trissemanário
11 de Dezembro de 1846 (n.º 3)	Sexta-feira	Trissemanário
14 de Dezembro de 1846 (n.º 4)	Segunda-feira	Semanário
22 ou 23 de Dezembro de 1846 (?)	Suplemento com carta de Torres Vedras expedida a 22 de Dezembro.	

Tabela 1. Datas de publicação d'*O Eco de Santarém*

Os três primeiros números ostentavam o design característico da época vitoriana: formato de quarto (19,5 x 25,6 cm, para uma mancha gráfica de 21,2 x 15,2 cm), cabeçalho encimado pelo número, do lado esquerdo, e pelo ano, do lado direito, a que sucedia o título, central, em maiúsculas, rodeado de espaço em branco, para ter impacto visual. A seguir ao título do jornal, surgia o local e data da publicação (Lisboa, X feira, X de Dezembro), destacados por dois filetes horizontais, um mais carregado do que o outro, como que desafiando as autoridades a encontrarem vestígios de um jornal clandestino impresso na própria capital. Aparecia, depois, o texto, paginado a duas colunas, com letra capitular a abrir o primeiro artigo. Normalmente, apareciam dois artigos, um a seguir ao outro, notícias e espaços para a "Correspondência Interceptada" ao inimigo e para notícias oficiais, mas sem grandes cuidados com o ordenamento e com a hierarquização das matérias. Alguns desses arremedos de secções eram intitulados ("Notícias" ou "Correspondência Interceptada," por exemplo), mas de forma despadronizada (tanto em itálico, como em maiúsculas, como em estilo normal), como era, aliás, comum nos jornais vitorianos.[27]

O quarto número é diferente. Embora mantendo o mesmo tipo de caracteres e de cabeçalho, aparece numa única folha de maiores dimensões e menor gramagem, talvez devido à urgência e circunstâncias da sua publicação clandestina perante a constante ameaça das autoridades policiais. A folha, paginada de um único lado, a três colunas, tem a dimensão de 40,5 X 24,2 cm, para uma mancha gráfica de 36 X 21,8 cm.

No dia 15 de Dezembro, a polícia, informada por denúncia, assaltou o local onde se imprimia *O Eco*. Os agentes fizeram uma busca, mas não encontraram vestígios da impressão do jornal, já que os moldes tinham sido destruídos e uma das filhas do referido tipógrafo escon-

26 A colecção da Biblioteca Nacional (cota RES 302//2A) apenas possui quatro números e um suplemento, sendo o quarto número datado de 14 de Dezembro. Se *O espectro* começou a ser publicado a 16 de Dezembro de 1846, assumindo-se como sucessor do *Eco de Santarém*, não é crível que tenham sido publicados mais números deste último periódico.

27 O único suplemento ao *Eco* apareceu numa folha de idênticas dimensões às dos três primeiros números do jornal, mas de menor gramagem, paginada de um só lado e com uma mancha gráfica de 14,5 por 15 cm.

dera a cabeça do jornal debaixo da roupa (Tengarrinha 166). A figura 2 permite ter uma ideia do modelo gráfico do *Eco de Santarém*:

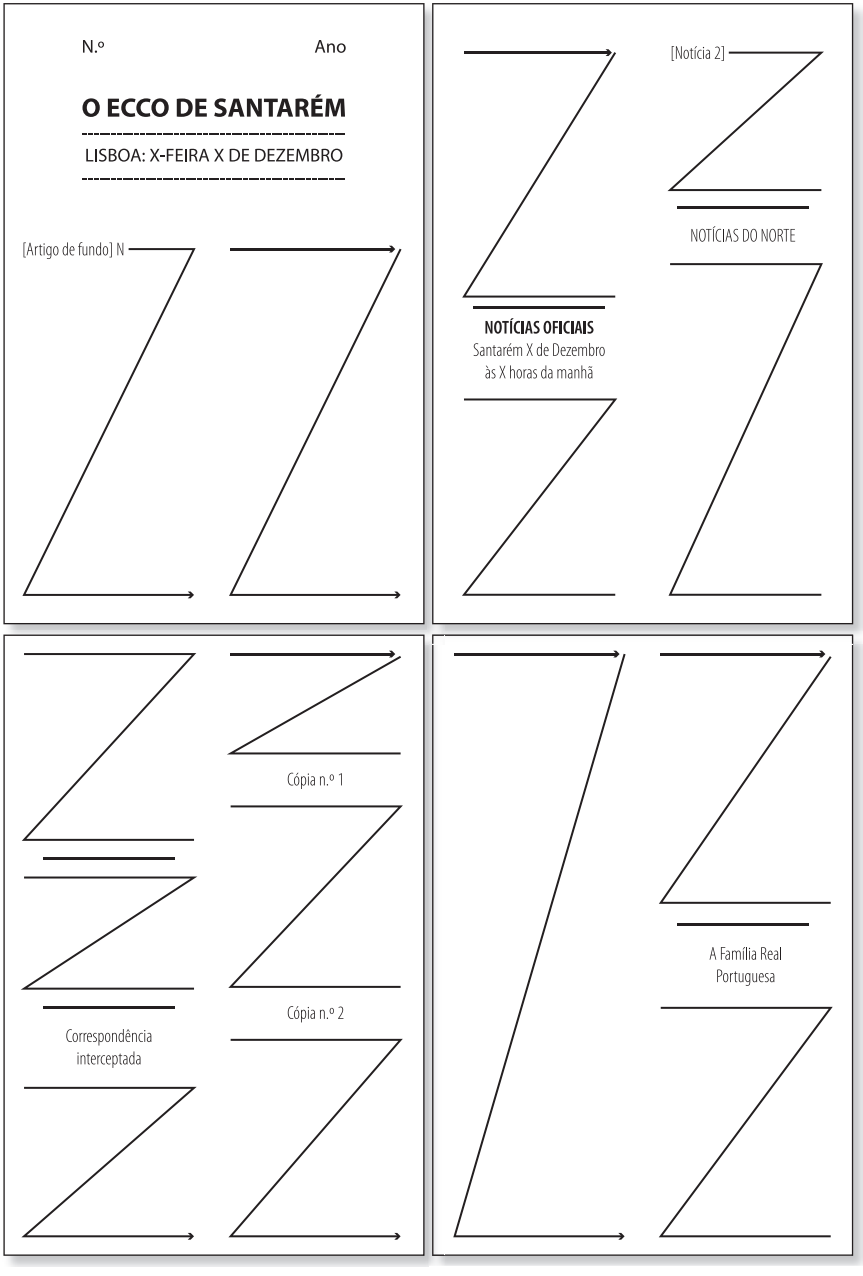


Figura 2. Esquema gráfico dos três primeiros números do *Eco de Santarém*

2. O DISCURSO DO *ECO DE SANTARÉM*

Num clima de guerra civil, o jornal fala, sobretudo, da revolta da Patuleia e da sua conjuntura, nomeadamente nos artigos de fundo, e sempre de forma a rebaixar e a denegrir o inimigo e a engrandecer a causa própria, atenuando o impacto dos insucessos dos correligionários:

> O estandarte popular tremula em todo o país. A opressão tem por seu apenas os palmos de terra que pisa. (…) A resistência foi simultânea no Porto, Coimbra e Algarve. (…) Em Viana do Alentejo derramou-se em batalha campal o primeiro sangue. (…) O Alentejo ficou livre (…). Em Trás-os-Montes, a causa popular foi menos feliz. O povo decidiu-se logo por ela (…), mas traído pelo barão do Casal levantaram mãos (…) contra os seus próprios pais e irmãos – Vagabundos e fugitivos, percorreram esses soldados algumas terras do Minho, que assolaram com as suas violências (…) – fugiram das vista do Porto e foram encurralar-se em Chaves (…). (11 Dez. 1846)

Metamorfoseando-se em analista militar, António Rodrigues Sampaio não hesita em justificar uma eventual opção patuleia por uma guerra de guerrilha, querendo mostrar que essa seria a opção correcta, por muito que os inimigos atribuíssem a alegada invisibilidade dos sucessos rebeldes à inexistência de vitórias expressivas que pudessem chamar suas. O relativo insucesso das forças patuleias é ainda justificado por Sampaio por uma alegada preferência dos rebeldes pela luta ideológica e intelectual em detrimento do confronto militar:

> Fizemos este boquejo para traçar a situação do país. Teríamos de comemorar a acção de Sintra, onde os populares se cobriram de glória, e outros muitos recontros se tivéssemos de enumerar os nossos feitos de armas. Porém, o nosso intuito é (…) consignar somente as conquistas do progresso intelectual (…).
>
> Prezamos em muito os nossos exércitos, mas a sorte da liberdade não está nos resultados de uma batalha (…), está na conquista das inteligências (…). (11 Dez. 1846)

Os acontecimentos da Patuleia também são objecto de notícias. Algumas são longas, comentadas, interpretadas e redigidas num tom arcaico (repare-se na insistência dos títulos nobiliárquicos e no uso de expressões como exmo), mas outras são curtas, pouco mais do que *leads* com a informação essencial que Quintiliano fixou para a posteridade nas suas *Instituições Retóricas*, no século I (sujeito, objecto, lugar, tempo, modo e causa). É de notar ainda a tentativa forçada de conotar os rebeldes com a nação e com todo o povo português:

> NOTÍCIAS OFICIAIS
>
> (…) No dia 4 houve vivo fogo de parte a parte entre as forças do coronel Lapa e do ex.mo conde de Vila Real, com grande perda das primeiras e nenhuma das segundas (…). Foi um dia de completo triunfo para as forças nacionais (eles são as forças nacionais). Eis a resposta que damos ao Diário quando pergunta «onde estão as forças populares?» (8 Dez. 1846)

De facto, apesar de ser um jornal doutrinário e panfletário, destinado a encorajar os rebeldes da Patuleia, o *Eco* também oferecia um vasto número de informações, quer inseridas nos artigos, quer mesmo como notícias. No entanto, essas informações, nem sempre recentes, são,

normalmente, enquadradas, insistindo-se na justiça e razão da causa própria e na injustiça da causa alheia, bem como no alegado apoio popular massivo à causa própria e desapoio à causa contrária. Os próprios insucessos das armas rebeldes são matizados com os relatos dos sucessos. Várias das notícias servem, principalmente, para denegrir e insultar o inimigo:

> Imoralidades
>
> A resistência foi simultânea no Porto, Coimbra e Algarve. (…) Em Viana do Alentejo derramou-se em batalha campal o primeiro sangue. (…) O Alentejo ficou livre (…). Em Trás-os-Montes, a causa popular foi menos feliz. O povo decidiu-se logo por ela (…), mas traído pelo barão do Casal levantaram mãos (…) contra os seus próprios pais e irmãos (...). (11 Dez. 1846)

Destinado predominantemente ao público burguês que liderava a causa patuleia, o jornal, ainda que confeccionado para ser lido em público e, assim, animar as hostes próprias, não deixava de ecoar preocupações extensíveis à generalidade da população, como as inquietações de natureza económica (carestia de vida):

> ESTADo Do MERCADo
>
> Notas a 900 réis e começa a faltar a prata para as trocar. Pão a 40 réis o arrátel. Carne a 35 rs, e todos os géneros de primeira necessidade têm subido extraordinariamente de preço. (14 Dez. 1846)

É ainda de salientar o facto de *O Eco* entrar em diálogo com outros jornais, nomeadamente com o principal jornal governamental – o *Diário do Governo* – para melhor se contrapor aos adversários, denegrindo-os, desmentindo-os ou tentando mudar o *spin* dos respectivos enquadramentos. Os jornais configuravam-se como um espaço público, embora imaterial e simbólico, por onde passavam muitas das discussões (mormente políticas) travadas no contexto da época. Porém, arcaicamente, as matérias, por vezes, remetem o leitor para conhecimentos contextuais que até lhe poderiam escapar:

> O *Diário* de 12 (sábado) publica uma notícia importante – é que o visconde de Vinhais recebeu um expresso pelo qual soubera que o barão do Casal saíra a 4 do corrente de Vila Real para Amarante (…) para marcharem sobre o Porto. O expresso também dizia que a Junta do Porto fizera propostas ao barão do Casal, que este rejeitara (…), respondendo *bocalmente* (é assim que escreve o literato, que talvez quisesse dizer *boçalmente*) que nada tinha a tratar com a Junta facciosa. (…) A proposta da Junta do Porto é falsa – A Junta propõe ao Casal uma entrega absoluta e um conselho de guerra. A Junta não transige nem com um apóstata, nem com um assassino. (14 Dez. 1846)

A contraposição aos adversários, numa tentativa de impor "uma verdade," foi, de resto, constante no *Eco*. Para isso, Sampaio desmente o inimigo (não necessariamente os seus jornais, mas o inimigo no seu conjunto) e apelida-o de mentiroso. No exemplo escolhido, não hesita em lançar, ironicamente, a mão a um facto que quase se esquecia – diz ele – de relatar, para obter um efeito de sentença final:

> *Cartaxo 6 de Dezembro*

> Já não há paciência para sofrer tanto vexame (…). Tem desertado muita gente daqui para Santarém, apesar de espalharem (…) que no quartel de Belém estão ingleses, e que o duque da Terceira está à testa de seis mil homens no Porto, etc. etc. Em patranhas ninguém os excede, até fizeram correr que o Bonfim vinha sitiar Santarém pelo lado oposto! Dizem aos soldados que o Governo fizera em Inglaterra um empréstimo de 400 contos em metal, e que a Rainha empenhara as jóias da Coroa em Londres para dar mensalmente para as despesas da guerra 30 contos!
>
> (…) Esquecia-me de dizer que fugiram 22 soldados de cavalaria para o conde do Bonfim. (14 Dez. 1846)

Um tema incómodo no *Eco* foi o da influência miguelista, pró-absolutista, no contexto da Patuleia. O ponto de vista assumido pelo *Eco* é o de que existiria uma aliança camuflada e insidiosa entre cabralistas e miguelistas que levaria estes a atacar os rebeldes patuleias. Essa proposta de geração de sentido permite ao *Eco* denegrir o inimigo cabralista, quer perante os patuleias, quer mesmo perante as potências liberais europeias:

> McDonell [chefe dos rebeldes miguelistas] foi chamado entre nós pelos cabralistas (…) e ousou atacar as forças do visconde de Sá na sua marcha para o Porto. O resultado desta ousadia foi deixar no campo (…) 17 mortos, muitos prisioneiros, e escapar ele mesmo por uma precipitada fuga para ir contar ao seu cúmplice Casal a notícia da sua derrota (…). Atentai agora no *Diário* de 4 e verás a solene promessa, a declaração categórica de que o ministério "*não voltará as armas contra miguelistas"* e por fim conclui a (…) tarefa notando na (…) folha de 7 estas palavras: "Os do Porto são *escarnecidos* e *motejados pela guerrilha dos miguelistas*, que (…) já os desarmam e *descalçam* (…)". Que estes motejos nos viessem do Saraiva de Londres, não nos admirávamos, mas que no-los dirigisse a folha oficial do Governo da Rainha, é o que nunca esperávamos! (11 Dez. 1846)

2.1. **PROPÓSITOS DO *ECO DE SANTARÉM***

O que queria, afinal, Sampaio do *Eco de Santarém*? O que prometia no jornal? Semelhantemente ao que sucederia num estatuto editorial contemporâneo, Rodrigues Sampaio elenca, num artigo publicado no primeiro número do novo periódico (8 de Dezembro de 1846), o programa do *Eco*. Escreveu que seria uma "voz da verdade" que não daria aos adversários "o prazer do silêncio" e que, portanto, rompendo "o silêncio dos sepulcros" iria "perturbar os festins" dos cabralistas, "esses banquetes de ouro e sangue em que se devoram as cartilagens da Pátria". Revela, ainda, ser sua intenção expor "as falsidades (...), as verdades que se ocultam, os factos que se invertem, as reputações que se caluniam, os dinheiros que se roubam, os rendimentos que se dissipam". Indicia, ainda, as condições difíceis em que o jornal seria publicado, ao mesmo tempo que sustenta a ilegitimidade do Governo, nomeado pela Rainha, sem eleições: "Temos necessidade de ser breves. Faremos em artigos repetidos a autópsia disso a que em Lisboa se chama Governo e mostraremos a ignorância e a má-fé que se observa em todas as suas providências". Promete, finalmente, convicto da razão e do apoio divino, que "A luta não será longa. (…) E Deus há-de ser connosco!"

O que se observa nos excertos de texto atrás citados é a crença de Sampaio no poder escrutinador e mobilizador do jornalismo, em prol da narração de uma causa e de uma "verdade".

Observa-se, também, a adesão a uma retórica romântica, transclassista, coloquial, directa e simples, mas também viva e apaixonada, destinada ao iletrado e ao erudito, pois apela mais às emoções partilhadas e à exaltação dos sentimentos do que à reflexão racional e serena. Está em causa o convencimento pela comoção. Não podia, aliás, ser de outra maneira, já que o *Eco* surge não para discutir com seriedade e profundidade os problemas do país mas sim para animar as hostes patuleias, num estilo ritmado por frases curtas, fortes e persuasivas, metafóricas, balanceadas entre ideias contrastantes (silêncio/festim; falsidade/verdade). Era, portanto, um estilo que se apropriava tanto a uma leitura silenciosa como a uma leitura em voz alta, para assembleias (opção adequada ao enorme analfabetismo da época).

Pode destacar-se também no *Eco* o recurso a uma linguagem figurativa, frequentemente metafórica, oportunamente irónica, em que se interpela o leitor e em que se confrontam conceitos, como o belo e o horrível, a voz e o silêncio, a liberdade e a prisão ou escravidão, e em que se remete reiteradamente o discurso para o tenebroso: os sepulcros, o sangue, a antropofagia dos que "devoram as cartilagens da pátria". Pode pois dizer-se que, tendo encontrado a "sua" fórmula retórica, Sampaio a repetirá exaustivamente, muitas vezes em diálogo com os jornais governamentais, já que a imprensa era o espaço (ainda que imaterial e simbólico) mais relevante de discussão pública das causas da época:

> O *Diário* não cessa de nos dizer que todos correm em alistar-se voluntariamente, mas apesar desse entusiasmo, Lisboa tornou-se uma verdadeira tapada real: é uma montaria por essas ruas que é difícil escapar aos galgos da polícia. Todos correm (…) a alistar-se, mas por medida preventiva, os voluntários vão todos amarrados (…). Nunca se viu um entusiasmo igual, e para que não arrefeça de todo vão enchendo as prisões de vítimas. (...). (8 Dez. 1846)

Os enquadramentos discursivos do *Eco* são invariáveis. Vejam-se alguns exemplos:

> 1) Cabralistas e saldanhistas, com a conivência da Rainha, colocaram o país a saque, importando, por isso, que os portugueses nobres e generosos os combatam:
>
> > Honra, virtude, moral, tudo está perdido, tudo se sacrificou ao demónio da ambição que se apossou do poder. (8 Dezembro 1846)
> >
> > Temos de combater com a corrupção. Não importa! Uma nação inteira não se corrompe! (8 Dez. 1846)
>
> 2) Ao suspender as garantias dadas aos cidadãos pela Carta Constitucional, a Rainha cometeu um acto ilegítimo e absolutista, rompeu o contrato implícito de confiança entre ela e os cidadãos, justificando a revolta dos súbditos:
>
> > A Constituição está suspensa. Não há direito mais do que o da força. A legitimidade está na resistência. O poder rasgou o pacto social e desligou-nos da obediência. Em nome da Carta, não manda ele, porque a suspendeu; em nome do absolutismo, não reconhecemos o seu império. (...) O direito dos nossos adversários não é melhor do que o nosso. (8 Dez. 1846)

3) A violência da revolta é justificada porque cartistas, cabralistas e saldanhistas, com a conivência da Rainha, exerceram previamente a violência sobre os constitucionalistas:

> O canhão soa – também temos canhão. Não nos deixam usar as armas da inteligência, e não poderão fugir aos golpes de espada que nos provocaram. (8 Dez. 1846)

4) Numa variação do enquadramento anterior, postula-se que a violência da revolta se justifica porque o Governo se sustenta na violência contra a "nação inteira" para se manter em funções:

> Um ministério imposto à força das baionetas é indigno. (…) Um ministério (…) sustentando-se pelas infâmias que pratica e pelas perseguições, é digno que baqueie (…) coberto com as maldições da nação inteira! (10 Dez. 1846)

5) A causa dos revoltosos da Patuleia é legítima e assim o prova a alegadamente massiva adesão do povo e dos espíritos mais iluminados à rebelião, com a bênção dos europeus:

> A nossa causa é justa, a Europa assim o reconhece. (…) Isto é que faz vacilar o poder, esse poder corrompido que levou o Trono a dois passos do abismo e o país a um cataclismo de onde só pode sair pelos esforços heróicos dos seus filhos. (8 Dez. 1846)

6) Ao aliar-se a cabralistas e saldanhistas, a Rainha revelou ingratidão para com os liberais que, liderados por seu pai, D. Pedro IV de Portugal e I do Brasil, lutaram para a colocarem no Trono:

> Há vinte e seis anos que (…) pelejámos pela liberdade (…). Chegámos a acreditar que iríamos colher o fruto dos nossos sacrifícios. Enganámo-nos. (…) D. Maria derrubou o Trono que lhe conquistámos, lançou por terra o diadema da liberdade, para cingir uma coroa de ferro. (8 Dez. 1846)

7) Os cabralistas e saldanhistas buscam ilegitimamente uma intervenção estrangeira num assunto nacional e obtiveram a conivência de Espanha:

Correspondência Interceptada

> Se ainda restasse alguma dúvida da interferência vergonhosa que a Espanha tem tido nos nossos negócios domésticos, o documento que abaixo transcrevemos o demonstrará (…). É do oficial maior da secretaria dos Estrangeiros, e dá bem a conhecer a conivência desleal, a cumplicidade, daqueles que se deviam conservar neutrais nesta contenda.

Cópia n.º 1

> Expede esta noite a legação espanhola um expresso seu a Badajoz. Por ele se pode mandar correspondência para Elvas, que para ali será transmitida a Badajoz. (8 Dez. 1846)

> 8) Cabralistas e saldanhistas são insidiosos, pérfidos, desleais, falsos, sempre dispostos a trair, por vezes "estupidamente," de acordo com as conveniências:
>
> E os ministros da situação juntam à indignidade, a inépcia e a estupidez (…). Seja a acusação feita ao duque de Palmela para o obrigar a sair de Portugal. Sentimos não poder transcrever na íntegra esse famoso documento. (…) Ao Governo britânico compete tirar o desforro de acusação tão traiçoeira. Nós só acrescentamos que se recordem nossos leitores do estulto *Diário* a anunciar cheio de júbilo a chegada do almirante inglês Parker, que vinha oferecer a sua esquadra, e hoje a polícia secreta alcunha-o de conspirador! (10 Dez. 1846)

Os exemplos anteriores, escritos também para "inglês ler," procuram demonstrar aos britânicos, e não só aos portugueses, a duplicidade dos cabralistas e saldanhistas, que, apesar de alegadamente procurarem o apoio inglês, não se coibiam de redigir proclamações anti-britânicas, mas hispanófilas e francófilas, nem se inibiam de acusar o duque de Palmela, anterior chefe do Governo, de, com os britânicos, denegrir do Governo português.

Que balanço se pode fazer do discurso do *Eco de Santarém*? José Manuel Tengarrinha avalia o jornal da seguinte forma:

> Pela violência da linguagem e o extremismo das suas posições, *O Eco de Santarém* confina já com o republicanismo (...) cuja única parte programática consistente se resume à deposição da Rainha. (...) Embora apresente uma técnica (...) segura e um conteúdo (...) rico (...), tem ainda um alcance bastante modesto. (Tengarrinha 166)

No entanto, apesar da truculência da linguagem, parece algo excessivo considerar o *Eco* um jornal pré-republicano, similar, por exemplo, aos primeiros periódicos republicanos portugueses, que surgiriam em 1848 (casos de *A alvorada*, *É tarde*, *O regenerador*, *A República*, *A fraternidade* e *O republicano*).

3. AS FONTES DO *ECO DE SANTARÉM*

Tal como era comum nos jornais da época, e conforme uma tendência que se manifestava desde a génese do jornalismo europeu no século XVII (Sousa 33-35), a matéria noticiosa resultava da observação pessoal, dos relatos de fontes, da troca de correspondência e do aproveitamento de notícias de outros jornais, que chegava à transcrição das mesmas:

> Ourém 5 de Dezembro
>
> Recebemos carta de Ourém do dia 5 do corrente, que diz assim: Ontem, pela uma hora da tarde, fomos atacados pelas forças cabralinas (…). Depois de três horas de fogo, retirou o inimigo ao anoitecer (…). (10 Dez. 1846)

É interessante notar que, sem censura, não havia no *Eco* grande preocupação pela natureza confidencial de algumas informações militares. Revelavam-se os movimentos de tropas amigas e o que se julgava saber das movimentações do inimigo.

A correspondência era tão importante para alimentar o jornal de informações que o único suplemento encontrado do *Eco de Santarém* resulta inteiramente da transcrição de uma carta:

> Suplemento ao *Ecco de Santarém*
>
> Temos a satisfação de dar ao público uma carta de Torres Vedras de 22 do corrente, escrita às 10 horas da manhã, em que o Ilustre General Conde do Bonfim expõe o brilhante estado em que se acham as forças nacionais.
>
> É assim que desmentimos os falsos boatos que a canalha ministerial anda apregoando (…).
>
> TORRES VEDRAS 22 de Dezembro de 1846, às 10 horas da manhã
>
> (…) aqui estou com 3200 infantes (…), 200 cavaleiros (…), mil infantes os batalhões nacionais (…). O Saldanha está há um dia e meio a uma légua (…), com uns 3 a 4 mil homens, no Ramalhal e Amial. Estão muitos famintos, não tendo recebido mais de 2 meias rações de pão, nos últimos três dias, e por isso estão desgostosos. Os oficiais já não ocultam o seu dissabor, sem atinarem com o que pretende o seu general Saldanha. O conde das Antas, com 4 mil homens e seis bocas de fogo e 300 cavaleiros marchou ontem de madrugada e está a duas léguas do inimigo e a três da minha coluna. (…) As posições em que me acho são fortíssimas e com as forças que tenho poderia aqui defender-me muito bem contra 8 a 9 mil homens (…). Á vista do exposto, o Saldanha será obrigado (…) a retirar (…).
>
> P.S. Quando o portador saiu de Torres Vedras ontem ao meio-dia, rompia o fogo.

Quadro 2. Suplemento ao *Eco de Santarém*

Apesar de no exemplo ser notória a preocupação de mencionar com rigor, até para efeitos de credibilização do discurso, o local, a data e a hora em que a carta foi produzida, muitas das informações recolhidas e publicitadas eram vagas e imprecisas. Algumas basear-se-iam, possivelmente, no que o redactor ouvia contar nas suas deambulações pelas ruas lisboetas:

> NOTÍCIAS
>
> O visconde de Setúbal (Schwalback) chegou domingo à noite a esta capital. Ignora-se a razão desta vinda. O Governo parece desejar ocultá-la – correm diversas versões sobre este caso.
>
> Dizem uns que houvera desinteligências entre ele e o Saldanha. Conta-se que este lhe chamara *besta* por causa da acção de Viana (…), e que o Schwalback respondera que *mais besta* era ele, Saldanha, porque estava há muito tempo pasmado sobre Santarém com medo de atacar (…). (11 Dez. 1846)

Noutros casos, Sampaio não oferece ao leitor pistas sobre a fonte (embora se presuma que resultem de correspondência ou de outros jornais, sendo referidos locais e datas das mesmas):

Santarém 10

Ontem saiu daqui o brigadeiro Mousinho de Albuquerque, comandando uma coluna de mil homens de infantaria de linha, 100 cavaleiros e duas peças de artilharia. Vai reforçar a divisão do conde do Bonfim (…). (14 Dez. 1846)

As observações do próprio redactor serviam, certamente, para a produção noticiosa. O exemplo abaixo, em que Sampaio procurou contrapor a malignidade tirânica dos adversários à resistência do povo, poderá resultar dessa actividade, sendo nele de realçar a preocupação pelo enquadramento da informação:

Na terça-feira, no Terreiro do Paço, e quarta, foram tais as violências que praticaram os defensores do Ministério, que o povo (…) resistiu à soldadesca, e debaixo de vozearias "morram os ladrões" e de uma chuva de pedras, os perseguiram por algum tempo (…). (11 Dez. 1846)

Muitas das notícias resultavam do aproveitamento de informações doutros jornais. Era grande a dependência deles para se saber o que se passava noutros pontos do país (e no estrangeiro).

Temos presentes periódicos de Coimbra e Porto. Até 7, deles extraímos o seguinte:

A Junta do Supremo Governo do Reino, por decreto de diferentes datas, havia restituído o tributo das sisas ao Estado (…). (14 Dez. 1846)

A transcrição (quando necessário, traduzida) de notícias da imprensa estrangeira permitia, por sua vez, alimentar um considerável fluxo de informações na Europa, embora em muitos casos, num clima de guerra civil, fosse aproveitada para se escrever sobre o que "lá fora" se dizia sobre o que se passava dentro do Reino:

No *Chronicle de St James*, jornal da Corte de Londres, em data de 21 passado, achamos o seguinte, que fielmente traduzimos.

A Família Real Portuguesa

Podemos assegurar que antes da partida da Corte para a Ilha de Wight, se deram ordens para o preparo de quartos no castelo de Windsor para o caso em que a Rainha de Portugal e El-Rei seu marido (…) julgassem conveniente aproveitar-se da hospitalidade britânica. (8 Dez. 1846)

De qualquer modo, os métodos "artesanais" de obtenção de informações geravam grande morosidade na circulação de notícias, pelo que muitas das "novas" publicadas eram já "velhas" e, por vezes, vagas, a ponto de por vezes o próprio redactor se queixar:

Notícias do Norte

Temos periódicos do Porto até ao primeiro de Dezembro. Nada contêm de maior importância além do que já é sabido.

> O regimento de fuzileiros da liberdade já contava no primeiro do corrente 400 homens (…). O Casal e Vinhais achavam-se ainda estacionados em Trás-os-Montes. Os partidários de D. Miguel continuam a sublevar-se na Província do Minho – deve, porém, fazer-se justiça aos cavalheiros deste partido, que faziam parte da coalizão, os quais têm sido fiéis aos seus compromissos. (8 Dez. 1846)

Um recurso curioso do *Eco* é a transcrição de correspondência interceptada ao inimigo. A informação dessa correspondência é sempre enquadrada, para gerar o significado pretendido pelo redactor e virar o que era dito contra os seus próprios autores. No exemplo abaixo, o marechal Saldanha chega a ser apelidado de "marechal das caras," de forma a acentuar a ideia de que mudaria de opinião conforme as conveniências:

> *Correspondência Interceptada*
>
> Abaixo transcrevemos a representação do marechal Saldanha dirigida à Rainha em 13 de Setembro (…). É mais uma cara que o marechal quis acrescentar às muitas que tem feito. (…)
>
> Senhora! (…) POR UMA CONSEQUÊNCIA FORÇADA, E RESOLVIDo A NÃO CONCORRER (…) PARA AUMENTAR OS MALES Do MEU PAÍS, DEPOIS DE SÉRIA LUTA COMIGO MESMO, TOMEI A RESOLUÇÃO DE DESAMPARAR A POLÍTICA INTERNA, E PARA O PODER VERIFICAR DE UM MODo ABSOLUTO, ROGO A VOSSA MAJESTADE SE DIGNE ACEITAR A RENÚNCIA QUE FAÇO Do LUGAR DE CONSELHEIRO DE ESTADo EFECTIVO. (8 Dez. 1846)

CONCLUSÕES

Esta breve incursão no percurso jornalístico de Rodrigues Sampaio permite perceber a forma como este construía os seus textos e, e termos de conteúdo, desvendar o seu pensamento jornalístico e posicionamento sobre os acontecimentos e problemáticas da época. Pode asseverar-se que António Rodrigues Sampaio foi um dos principais produtores simbólicos oitocentistas, graças à sua acção política através do jornalismo. No Eco de Santarém, ele tentou transmitir o ponto de vista dos rebeldes patuleias, recorrendo aos dispositivos retóricos do Romantismo, numa prosa mais emotiva que propiciadora de uma reflexão serena.

Acima de tudo, demonstra a acção e o papel do *Eco* nos acontecimentos, o que revela o papel da imprensa na época – a sua participação, as suas fontes e a construção do seu discurso – em especial o da imprensa clandestina. Sendo quase 90% da população portuguesa analfabeta, um jornal político, doutrinário e interventivo como o *Eco* não era redigido apenas para ser lido em silêncio, mas também para ser lido em voz alta perante assembleias de partidários. O *Eco de Santarém* fala sobretudo da guerra civil, apesar de, por vezes, se perder em diatribes pessoais, centrando-se na defesa da liberdade e assumindo-se como "voz da verdade," o que materializaria nele os valores da historiografia Clássica que o jornalismo incorporou.

Um exame aprofundado do papel desta publicação, bem como do percurso jornalístico de Sampaio, careceria de uma análise de outros textos e publicações da sua autoria e de outros que lhe foram contemporâneos, mas que caberia num estudo mais alargado e aprofundado.

BIBLIOGRAFIA

Praça, Afonso. "Um jornal clandestino do século XIX: *O Espectro* do Sampaio da Revolução". *História*. Fev. (1979): 42-46.

Sá, Victor. *O Sampaio da Revolução nas fracturas do século*. Porto: Associação de Jornalistas e Homens das Letras do Porto, 1984.

Sousa, Jorge P. "Uma história breve do jornalismo no Ocidente". *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa*. Org. Jorge P. Sousa. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008: 12-93.

---. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. 2ª ed. revista e ampliada. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

Sousa, Jorge P., et al. "A acção jornalística dos gazeteiros portugueses na primeira metade do século XVII". *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa* .6 (2009): 18-29.

Tengarrinha, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.

Traquina, Nelson. *A tribo jornalística*. Lisboa: Notícias Editorial, 2004.

Vasconcelos, Teixeira de. *Les contemporains portuguais, espagnoles et brésiliens. Galerie portugais. António Rodrigues Sampaio: journaliste*. Paris: Chez Tous les Libres de France et de l'Étranger, 1858.

---. *O Sampaio da Revolução de Setembro*. Paris: s.n., 1859.

EMPREENDEDORISMO SOCIAL E DESEMPENHO ORGANIZACIONAL: UM ESTUDO APLICADO ÀS ORGANIZAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS

Lara Santos
Aluna do Doutoramento em Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
laramgsantos@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 196-206 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 09 Out. 2010

RESUMO

O empreendedorismo social tem assumido, nas últimas décadas, um protagonismo visível em vários domínios da sociedade. É este o motivo que justifica o propósito do presente estudo, em que se pretende analisar o papel do empreendedorismo social na configuração de diferentes padrões de desempenho, no sector das organizações sem fins lucrativos.

Adoptou-se um design de estudo de caso, em que foram analisados seis casos realizados sequencialmente no tempo. Os resultados deste estudo demonstram que o empreendedorismo social é traduzido em inovação de actividades ou iniciativas, no estado de alerta para possíveis oportunidades e pela propensão para projectos com um risco calculado, com vista à concretização da missão social e prossecução dos objectivos sociais das organizações. Neste sentido, confirma-se que a adopção de um comportamento empreendedor promove efectivamente um desempenho superior em organizações que respondem ao crescente desafio de criar valor social.

PALAVRAS-CHAVE

Empreendedorismo social, orientação empreendedora, organizações não lucrativos.

ABSTRACT

Social entrepreneurship has assumed in recent decades, a visible role in various fields of society. That is the reason that justifies the purpose of this study, which aims to examine the role of social entrepreneurship in setting different standards of performance in the field of nonprofit organizations.

It was adopted a case study design, in which six cases were analyzed sequentially in time. The results of this study demonstrate that social entrepreneurship is translated into innovation activities or initiatives, in the state of alert for possible opportunities and the propensity for projects with a calculated risk, for the achievement of social mission and achieving social objectives of organizations. In this sense, it is confirmed that the adoption of entrepreneurial behavior actually promotes superior performance in organizations that respond to the growing challenge of creating social value.

KEYWORDS

Social entrepreneurship, entrepreneurial orientation, non-profit organizations

1. INTRODUÇÃO

A temática do empreendedorismo tem atraído nas últimas décadas um número crescente de investigadores, provenientes de diversas áreas disciplinares, os quais têm estudado este tema à luz de várias perspectivas teóricas e com diferentes propósitos (Shane e Venkataraman). Neste sentido, o empreendedorismo social transformou-se num fenómeno mundial na procura de abordagens inovadoras para a resolução de questões sociais complexas. Por outras palavras, o aumento do empreendedorismo social, como tema de interesse, está relacionado com o crescente consenso social e político sobre o que as organizações precisam para enfrentar as questões sociais.

Neste contexto, o principal objectivo do presente estudo foi analisar e compreender o papel do empreendedorismo social na configuração de diferentes padrões de desempenho no sector das organizações sem fins lucrativos. Considerando, desde já, que o conceito de empreendedorismo não constitui uma "receita milagrosa" para a obtenção de valor económico, pretende-se identificar quais os factores chave que, efectivamente influenciam e consubstanciam diferentes padrões no desempenho organizacional.

2. CONCEPTUALIZAÇÃO DO CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

O empreendedorismo social não é um fenómeno recente (Shaw e Carter). Contudo, delinear a trajectória histórica do empreendedorismo social seria uma tarefa extremamente difícil, e exigiria o retorno aos primeiros anos da civilização humana, dada a natureza social do indivíduo (Pariyar e Ward). Johnson argumenta que o conceito de empreendedorismo social tem evoluído num quadro complexo de relações políticas, sociais, económicas e culturais, ocorridas no campo de acção mundial, nacional e local.

Porém, o surgimento do conceito de empreendedorismo social, como área de investigação é, relativamente, actual (Hibbert, Hogg e Quinn). Importa definir o que é o empreendedorismo social e quais são seus os limites conceituais. O conceito é, intrinsecamente, complexo e, a literatura na área é tão recente que ainda não existe consenso sobre o tema (Neck, Brush e Allen), como podemos verificar na tabela 1.

Fonte	Definição de empreendedorismo social
Thake e Zadek (1997)	"Social entrepreneurs are driven by a desire for social justice. (…) They seek a direct link between their actions and an improvement in the quality of life for the people with whom they work and those that they seek to serve. They aim to produce solutions which are sustainable financially, organizationally, socially and environmentally".
Dees (2001:2)	"Social entrepreneurs are one species in the genus entrepreneur. They are entrepreneurs with a social mission".
Drayton (2002:123)	"Focus their entrepreneurial talent on solving social problems".
Tan, Williams e Tan (2005:358)	"Make profits for society or a segment of it by innovation in the face of risk, in a way that involves that society or segment of it".

Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006:2)	"As innovative, social value creating activity that can occur within or across the nonprofit, business or government sectors".
Mair e Martí (2006:37)	"Process involving the innovative use and combination of resources to pursue opportunities to catalyze social change and/or address social needs".
Peredo e McLean (2006:57-64)	"Instrument for addressing social needs"
Sharir e Lerner (2006:7)	"Acting as change agent to create and sustain social value without being limited to resources currently in hand".
Shaw e Carter (2007:419)	"New label for describing the work of community, voluntary and public organizations, as well as private firms working for social rather than for-profit objectives".
Zahra et alii (2008:5)	"encompasses the activities and processes undertaken to discover, define, and exploit opportunities in order to enhance social wealth by creating new ventures or managing existing organizations in an innovative manner".

Tabela 1. Definições de Empreendedorismo Social

A tabela 1 apresenta definições encontradas na literatura de empreendedorismo social ou de empreendedores sociais. Ao apresentar estas definições, entende-se que os empreendedores sociais unem os objectivos sociais com os económicos. O objectivo é a criação de valor social, ou seja, a promoção de bem-estar, através do incentivo de mudança social e/ou restaurando as necessidades sociais (Mair e Martí; Peredo e McLean). Ao mesmo tempo, as definições apresentadas na tabela 1 sublinham a criação de valor social (Dees; Mort, Weerawardena e Carnegie), a criação de bem-estar (Tan, Williams e Tan), o sentido de justiça social (Thake e Zadek), ou a resolução de problemas sociais (Drayton).

No conjunto, a maioria das definições existentes na literatura implicam que empreendedorismo social diga respeito ao aproveitamento de oportunidades para a melhoria e mudança social, ao contrário da visão tradicional de empreendedorismo que implica a maximização de lucro (Zahra). Assim, e conforme evidenciado na tabela 1, pode-se ainda observar que alguns autores se referem ao empreendedorismo social como um fenómeno comportamental (Neck, Brush e Allen) "expressed in non-for profit organization context aimed at delivering social value through the exploitation of perceived opportunities" (Weerawardena e Mort 25). Por seu turno, Peredo e McLean referem-se ao empreendedorismo social como sendo "instrument for addressing social needs" (57).

Numa outra vertente, o empreendedorismo social é encarado como um fenómeno processual de mudança social, de forma a colmatar as necessidades sociais (Sharir e Lerner).

No entanto, existe um consenso geral de que o empreendedorismo social ou o comportamento empreendedor serve, essencialmente, a objectivos sociais (Austin, Stevenson e Wei-Skillern).

3. ORIENTAÇÃO EMPREENDEDORA E DESEMPENHO DAS ORGANIZAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS: DECORRÊNCIAS DA MULTIDIMENSIONALIDADE DO CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Um conceito é multidimensional quando "it consists of a number of interrelated attributes or dimensions" (Law, Wong e Mobley 741), ou seja, em contraste com constructos unidimensionais, as dimensões de um constructo multidimensional podem ser conceptualizadas através da captação global dos seus atributos ou dimensões interrelacionadas (Law, Wong e Mobley).

É através da perspectiva de Law, Wong e Mobley que se conceptualiza o empreendedorismo social como um conceito multidimensional. Esta multidimensionalidade na conceptualização do empreendedorismo social é justificada através da compreensão do conceito tradicional de empreendedorismo. Segundo Kreiser, Marino e Weaver o empreendedorismo afirma-se na orientação estratégica individual do empreendedor. Desta forma, revela-se essencial abordar as características individuais desse comportamento, ou seja, as características da orientação estratégica do empreendedorismo.

A identificação das características mais relevantes da orientação estratégica poder-se-á aferir através das estratégias definidas pelas organizações (Gibson et al.). Na concepção de Morris et al. as organizações variam em termos da sua orientação empreendedora. Por isso, a multidimensionalidade do conceito de empreendedorismo social envolve também a expressão de um comportamento empreendedor, caracterizado pela gestão do risco, pela inovação e pela proactividade, com o objectivo de alcançar a missão social (Weerawardena e Mort).

Estas três características comportamentais na tomada de decisão, possibilitam aos empreendedores sociais a criação de valor social de forma a alcançarem a sua missão social, ou seja, os empreendedores sociais propendem à inovação, são proactivos e gerem o risco na tomada de decisão (Alvord, Brown e Letts).

Poder-se-á referir que a multidimensionalidade argumentada faz com que o conceito de empreendedorismo social se encontre num espaço de "eco-articulação" de todas as dimensões, ou seja, o empreendedorismo social só existe no espaço partilhado entre estas três características (Mort, Weerawardena e Carnegie).

Da mesma maneira, a análise multidimensional de empreendedorismo social facilita a compreensão da eficácia e dos tipos de comportamentos que se convertem em desempenho (Mort, Weerawardena e Carnegie). De acordo com Covin e Slevin, o empreendedorismo assume um impacto relevante no desempenho das organizações e pode ser considerado como um dos principais factores de vantagem competitiva. Este aspecto tem sido reportado em diversos estudos empíricos, os quais reforçam a existência de uma relação positiva entre orientação empreendedora e medidas de desempenho das organizações (Acs e Amorós).

No contexto das organizações sem fins lucrativos, designadas por Salamon e Anheier ("In search" 26) como organizações que actuam num "espaço social distintivo exterior ao Mercado e ao Estado" integrando realidades sociais heterogéneas, o conceito de empreendedorismo social assume especial relevância. Estas organizações, criadas pela iniciativa não estatal, devem ser conceptualizadas como uma dimensão específica no espaço público da sociedade civil (Salamon e Anheier), na produção e distribuição de produtos e prestação de serviços, contribuindo para a promoção de bem-estar, através do incentivo de mudança social e/ou

restaurando necessidades sociais (Peredo e McLean). Segundo Drucker é o desempenho destas funções de provisão de bens e serviços com impacto social que compõe o seu carácter distintivo. Neste sentido, as organizações sem fins lucrativos intervêm como catalisadores de novas abordagens aos problemas e necessidades sociais (Salamon e Anheier), por responderem de forma mais eficaz do que as organizações dos sectores público e privado, e com um leque mais alargado de serviços e bens (Rose-Ackerman). Por outras palavras, as organizações sem fins lucrativos têm vindo a desenvolver actividades que visam colmatar necessidades não satisfeitas nem pelo Estado nem pelo Mercado e têm vindo, igualmente, a desempenhar funções de proximidade relacional, afectiva e geográfica "entre quem presta o serviço e quem a ele recorre" (Amaro 91).

O ambiente competitivo em que as organizações sem fins lucrativos actuam, isto é, a crescente competição por subsídios e donativos, ou como referem alguns autores a existência de um "mercado de dadores" (*donor-market*) (Balabanis, Stables e Phillips), o reconhecimento da contribuição para a criação de empregos e crescimento económico, bem como as alterações das características dos seus grupos-alvo, faz com que seja necessário o papel destas organizações na economia e na sociedade (Shoham et al.).

Em virtude do papel e do comportamento destas organizações na sociedade e na economia (Hansmann), não se pode esquecer o quão difícil é medir os benefícios sociais ao contrário da medição dos lucros económicos, por outras palavras, "a capacidade de determinar uma compensação excessiva ou um desempenho inadequado é mais complexo nas organizações sem fins lucrativos do que nas organizações com fins lucrativos" (Carroll, Hughes e Luksetich 21).

A par dos constrangimentos convencionais e dos desafios enfrentados, o ambiente turbulento e competitivo (Davis, Morris e Allen), em que agem estas organizações, força-as a adoptarem uma postura mais competitiva nas suas intervenções, bem como a centrarem-se na orientação para resultados e a exercerem novas formas estratégicas, adaptáveis e inovadoras, na criação de valor social superior aos seus clientes/utentes (Morris et al.). Neste sentido, as organizações sem fins lucrativos devem decidir no sentido de melhorar o seu desempenho. Estas decisões envolvem a interpretação do ambiente, o desenvolvimento e implementação de programas e serviços, a criação de processos e estruturas, de forma a controlar os recursos e igualmente, no sentido de obter impacto no desempenho (Letts, Ryan e Grossman).

O empreendedorismo social é o comportamento decisivo para as organizações que pretendem a mudança nas dinâmicas e sistemas sociais, ao nível de um óptimo desempenho organizacional, bem como na criação de valor social (Alvord, Brown e Letts). A inovação, a proactividade e a gestão do risco permitem ao empreendedor social criar valor social superior aos seus clientes/utentes enquanto lidam com o ambiente turbulento em que operam as organizações sem fins lucrativos.

4. **METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO**

O estudo de caso qualitativo, como metodologia a adoptar na análise das relações entre empreendedorismo e desempenho organizacional, tem sido sugerido por vários autores (Austin, Stevenson e Wei-Skillern; Mair e Marti), dada a contemporaneidade do fenómeno bem como a complexidade do fenómeno em estudo.

Pretendendo explorar a relação entre o empreendedorismo social e a respectiva capacidade da orientação empreendedora no desempenho das organizações sem fins lucrativos, esta investigação considera a análise de seis casos de estudo. Um só estudo de caso seria exíguo no contexto desta investigação, pelo que, o desenvolvimento de múltiplos estudos torna o estudo mais consistente, enriquecendo os fundamentos e as opções de análise e abrindo novos caminhos à investigação (Yin).

5. **INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS**

O estudo foi organizado em duas fases de entrevistas, cada uma com um guião específico. Os guiões de entrevista, na etapa exploratória, foram desenvolvidos, com base na escala de orientação empreendedora desenvolvida por Covin e Slevin e nos objectivos de investigação definidos de acordo com a respectiva dimensão de análise. De acordo com a revisão de literatura e com os resultados esperados para este estudo, no decorrer da análise dos dados da fase exploratória, foi fundamental a confirmação dos dados recolhidos. Assim, elegemos dois casos confirmatórios das seis organizações entrevistadas na fase exploratória, por apresentarem uma alta propensão à orientação empreendedora, segundo a escala desenvolvida por Covin e Slevin.

Para cada caso, a entrevista foi realizada numa sala/gabinete das instalações das organizações, foi gravada em áudio e, posteriormente, integralmente escritas.

Na escolha dos casos, como podemos observar na tabela 2, tivemos em conta as unidades de classificação das organizações sem fins lucrativos, baseadas na Classificação Internacional do Sector Não Lucrativo (ICNPO) proposta por Salamon e Anheier.

Caso	Unidade sectorial – ICNPO	Forma jurídica	Missão social
Organização E1	Cultura e Lazer	Associação	Cultura e educação
Organização E2	Serviços Sociais	Associação	Apoio a idosos
Organização E3	Ambiente	Cooperativa	Protecção ambiental
Organização E4	Serviços Sociais	Cooperativa	Apoio a idosos
Organização C1	Ambiente	Organização não governamental	Protecção ambiental
Organização C2	Cultura e Lazer	Cooperativa	Animação sociocultural

Tabela 2. Caracterização dos "casos"

Numa primeira leitura aos casos, encontramos uma grande similaridade nas organizações, nomeadamente: o objectivo não lucrativo, o compromisso com a missão social e o envolvimento de um considerável grau de participação voluntária na sua gestão.

Tendo em linha de conta os casos analisados, podemos assim interpretar alguns resultados:

- O comportamento empreendedor é traduzido através da inovação em actividades ou iniciativas; do estado de alerta para possíveis oportunidades, e consequente procura e aproveitamento; e, propensão para projectos de alto risco, com um risco calculado.
- O comportamento empreendedor tem sempre em vista o alcance da missão social e o cumprimento dos objectivos sociais da organização.
- O aproveitamento de recursos humanos qualificados e com sentido de missão social são factores potenciadores ao desenvolvimento do empreendedorismo social em organizações sem fins lucrativos.
- A avaliação de desempenho da organização é realizada através da adesão, crítica e impacto às iniciativas/actividades desenvolvidas pelas organizações sem fins lucrativos.
- O empreendedorismo social é o comportamento decisivo no desempenho da organização sem fins lucrativos, com vista a alcançar a missão social.

6. **PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO ESTUDO**

Em termos de reflexão final, podemos afirmar que foi observada a importância das três características comportamentais da orientação empreendedora – inovação, proactividade e gestão do risco – que resulta na possibilidade de criação de valor social para a organização e para o utente/cliente. Manifestou-se assim, que o tipo de construção multidimensional, apresentado nesta investigação, coloca o empreendedorismo social na justaposição das dimensões determinadas, ou seja, o empreendedorismo social só existe no espaço partilhado da inovação, da proactividade e da gestão do risco em prossecução da missão social. Foi notória a compreensão do comportamento de empreendedorismo social tendo sempre por base o alcance da missão social e o cumprimento dos objectivos sociais da organização.

Investigações anteriores concluíram que o empreendedorismo social tem impacto no desempenho organizacional, como tivemos oportunidade de referir anteriormente. Os nossos resultados indicam que este impacto é insignificante quando existe uma baixa propensão a uma orientação empreendedora, e igualmente, uma carência de recursos humanos qualificados e com sentido de missão social.

A análise dos nossos dados sugere que quando a exploração do empreendedorismo social se entende como estratégia organizacional, o seu impacto é mais significativo no desempenho da organização.

Considerando que o empreendedorismo social é um comportamento complexo, que envolve uma orientação empreendedora, ou seja, que envolve três componentes: inovação, proactividade e gestão do risco, com vista a alcançar a missão social da organização, podemos afirmar, com base nos resultados, que a sua expressão numa organização não se limita à identificação de um conjunto de práticas. Contudo, estas constituem-se como importantes bases de conhecimento do empreendedorismo social e a sua análise, permite-nos também aferir o grau de propensão e o impacto que produz.

O presente estudo contribui, deste modo, para a conceptualização do empreendedorismo social no contexto das organizações sem fins lucrativos. Neste sentido, confirma-se que a adopção de um comportamento empreendedor em função das necessidades estratégicas e de desenvolvimento da organização, promove um melhor desempenho do que a adopção de um outro comportamento menos criativo e dinâmico. Por outras palavras, o

comportamento empreendedor promove, efectivamente, um desempenho superior em organizações que apostam no crescente desafio da criação de valor social.

BIBLIOGRAFIA

Acs, Z., e J. Amorós. "Entrepreneurship and Competitiveness Dynamics in Latin America". *Small Business Economy* .31 (2008): 305-22.

Alvord, S., D. Brown, e C. Letts. "Social Entrepreneurship – Leadership That Facilitates Societal Transformation – an Exploratory Study". *Center for Public Leadership* (2003). Internet. 26 Abr. 2009. <http://www.hks.harvard.edu/leadership/Pdf>.

Amaro, R. "O desenvolvimento local: um caminho para a sociedade-providência?" *Actas do II Encontro de Economistas de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

Austin, J., H. Stevenson, e J. Wei-Skillern. "Social and Commercial Entrepreneurship: Same, Different, or Both?" *Entrepreneurship Theory and Practice* 30.1 (2006): 1-22.

Balabanis, G., R. Stables, e H. Phillips. "Market Orientation in the Top 200 British Charity Organizations and its Impact on Their Performance". *European Journal of Marketing* 31.8 (1997): 583-603.

Carroll, T., P. Hughes, e W. Luksetich. "Managers of Nonprofit Organizations Are Rewarded for Performance". *Nonprofit Management & Leadership* 16.1 (2005): 19-41.

Covin, J., e D. Slevin. "Strategic Management of Small Firms in Hostile and Benign Environments". *Strategic Management Journal*, 10.1 (1989): 75-87.

---. "A Conceptual Model of Entrepreneurship as Firm Behavior". *Entrepreneurship Theory and Practice* Fall (1991).

Davis, D., M. Morris, e J. Allen. "Perceived Environmental Turbulence and Its Effect on Selected Entrepreneurship, Marketing, and Organizational Characteristics in Industrial Firms". *Journal of the Academy of Marketing Science*, 19.1 (1991): 43-51.

Dees, G. "The Meaning of Social Entrepreneurship". *Case Faculty* (2001). Internet. 07 Fev. 2009. <http://www.fuqua.duke.edu/centers/casepdf>.

Drayton, W. "The citizen sector: becoming as entrepreneurial and competitive as business". *California Management Review*, 44.3 (2002).

Drucker, P. *As organizações sem fins lucrativos*. Lisboa: Difusão Cultural, 1990.

Gibson, J., et al. *Organizações – comportamento, estrutura e processos*. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

Hansmann, H. "Economic Theories of Nonprofit Organization". *The Nonprofit Sector: A Research Handbook*. Ed. W. Powell. New Haven: Yale Press U, 1987. 27-42.

Hibbert, S., G. Hogg, e T. Quinn. "Consumer response to social entrepreneurship: The case of the Big Issue in Scotland". *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing* 7.3 (2002): 288-301.

Johnson, Sherrill. *Literature Review on Social Entrepreneurship*. Paper. Alberta: Canadian Centre for Social Entrepreneurship, University of Alberta, 2000.

Kreiser, P., L. Marino, e M. Weaver. "Assessing the psychometric properties of the entrepreneurial orientation scale: A multi-country analysis". *Entrepreneurship Theory and Practice* 26:4 (2002): 71-95.

Law, K., C. Wong, e W. Mobley. "Toward a Taxonomy of Multidimensional Constructs". *The Academy of Management Review* 23.4 (1998): 741-55.

Letts, C., W. Ryan, e A. Grossman. *High Performance Nonprofit Organizations- Managing Upstream for Greater Impact*. New York: John Wiley & Sons, 1999.

Mair, J., e I. Martí. "Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight". *Journal of World Business* 41.1 (2006): 36-44.

Morris, M., et al. "Antecedents and outcomes of entrepreneurial and market orientations in a non-profit context: theoretical and empirical insights". *Journal of Leadership & Organizational Studies* 13.4 (2007).

Mort, G., J. Weerawardena, e K. Carnegie. "Social entrepreneurship: Towards conceptualization". *International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing* 8.1 (2003): 76–88.

Neck, H., C. Brush, e E. Allen. "The landscape of social entrepreneurship". *Business Horizons*. 52 (2009): 13-19.

Pariyar, B., e A. Ward. "Social Entrepreneurship: Producing Yunus out of Branson and Teresa?" University of York. 2005. Internet 07 Mar. 2009. <http://www.york.ac.uk/enterprise/cetle/docs/papers/Pariyar(2005).pdf>.

Peredo, A., e M. Mclean. "Social entrepreneurship: A critical review of the concept". *Journal of World Business* 41.1 (2006): 56-65.

Rose-Ackerman, S. "Altruism, nonprofits, and economic theory". *Journal of Economic Literature* .34 (1996): 701-28.

Salamon, Lester M., e Helmut K. Anheier. "In search of the non-profit sector. I: The question of definitions". *Voluntas - International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations* 3.2 (1992): 125-39.

---. "The International Classification of Nonprofit Organizations: ICNPO-Revision 1, 1996". Johns Hopkins Institute for Policy Studies, Working Papers of the Johns Hopkins Comparative Nonprofit Sector Project .19 (1996).

. *The emerging nonprofit sector – an overview*. Manchester University Press ND, 1996.

Shane, S., e S. Venkataraman. "The promise of entrepreneurship as a field of research". *Academy of Management Review* 25.1 (2000): 217-26.

Sharir, M., e M. Lerner. "Gauging the success of social ventures initiated by individual social entrepreneurs". *Journal of World Business* .41 (2006): 6-20.

Shaw, E., e S. Carter. "Social entrepreneurship - Theoretical antecedents and empirical analysis of entrepreneurial processes and outcomes". *Journal of Small Business and Enterprise Development* 14.3 (2007): 418-34.

Shoham, A., et al. "Market orientation in the nonprofit and voluntary sector: a meta-analysis of their relationships with organizational performance". *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 35.3 (2006): 453-76.

Tan, W., J. Williams, e T. Tan. "Defining the 'Social' in 'Social Entrepreneurship': Altruism and Entrepreneurship". *International Entrepreneurship and Management Journal* .1 (2005): 353–65.

Thake, Stephen, e Simon Zadek. *Practical People, Noble Causes - How to Support Community Based Social Entrepreneurs*. s.l.: New Economic Foundation, 1997.

Weerawardena, J., e G. Mort. "Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model". *Journal of World Business* 41.1 (2006): 21-35.

Yin, Robert K. *Case study research: design and methods*. 2ª ed., s.l.: Sage, 1994.

Zahra, S. "Being entrepreneurial and market driven: implications for company Performance". *Journal of Strategy and Management* 1.2 (2008): 125-42.

Zahra, S., et al. "A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges". *Journal of Business Venturing* (2008).

APROPRIAÇÃO E COMPREENSÃO DE UM CONTO DE SARAMAGO: *A MAIOR FLOR DO MUNDO*

Maria Antónia Jardim
Professora Associada
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
mjardim@ufp.edu.pt

Marilene Barbosa
Aluna da Licenciatura em Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
18992@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 208-215 (2010)
Submetido/Submitted: 14 Abr. 2010 / Aceite/Accepted: 14 Set. 2010

RESUMO

Numa intersecção entre a Psicologia e a Psicologia da Educação, o conto de José Saramago intitulado *A maior flor do mundo* é analisado numa perspectiva hermenêutica, relacionando o texto com aspectos como a cognição, a moralidade e as pulsões. A ideia é promover uma compreensão melhor da obra assim como dar oportunidade para uma melhor compreensão pessoal, uma apropriação e avaliação do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura, infantil, hermenêutica, imaginação, psicanálise, psicologia, educação

ABSTRACT

This article links Psychology to Education through the story of José Saramago entitled *The Biggest Flower in the Whole World*. Hermeneutics of narrative is applied connecting the text with cognition aspects, as well as moral ones. The idea is to develop a better understanding of the work as well as to encourage a self-development as far as evaluation of the self is concerned.

KEYWORDS

Literature, hermeneutics, imagination, psychoanalysis, psychology, education

1. **LITERATURA INFANTIL E A ESCRITA**

Não só a escrita potenciou o desenvolvimento da Literatura, como a Literatura é fundamental parao processo de aquisição da escrita que por sua vez está directamente relacionado com o processo de leitura.

Como as histórias exercem fascínio em crianças de diversas idades, culturas e religiões, a literatura infantil acaba por ter tem papel determinante na aquisição da escrita e leitura. Entre muitos estudiosos destaca-se as considerações de Vygotsky. Este autor ressalta a importância do meio, como interacção do indivíduo com o mundo (processo interpessoal) para a formação do indivíduo, enfatizando o papel da linguagem para que a criança perceba o sistema simbólico-linguístico, processo intrapessoal. Este sistema é assimilado pala criança que tem papel activo em todo o processo. Ouvir, ver, raciocinar, transformar, formular hipóteses são processos contínuos entre a criança e seus interlocutores, isto inclui desde os diálogos quotidianos até à interacção directa com a leitura ou indirecta quando a criança assume o papel apenas de ouvinte. Nessas condições, é apenas uma questão de tempo até a criança reproduzir o sistema de comunicação oral e gráfica das pessoas com quem se relaciona.

Durante o contacto da criança com os sinais gráficos, há uma evolução gradual e sequenciada em nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Essa aquisição por nível retoma a ideia de Piaget na qual afirma que a aquisição de competências está relacionada com a maturação através da superação estágios de desenvolvimento. Portanto, seguindo Vygotsky e as interacções sociais ou seguindo Piaget e maturação individual, a literatura exerce papel de relevo na aquisição da escrita.

1.1. **LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

No contexto da Educação, a Literatura Infantil pode ser abordada por duas vertentes: instrumento de desenvolvimento da aprendizagem e instrumento de alfabetização. Embora o ideal para a formação do indivíduo seja que essas vertentes interliguem-se.

No sistema linguístico saussureano encontra-se o significante, o conceito, e o significado, a

imagem acústica atribuída ao conceito**.** Então, para que uma criança aprenda a ler é importante a formação de conceitos, bem como a atribuição de significação. Esse significado vai variar conforme as relações interpessoais da criança.

A leitura do mundo é anterior a leitura da palavra e a leitura desta palavra implica a continuidade da leitura do mundo. Além disso, ler o mundo é reinterpretá-lo através de uma prática consciente. Nessa perspectiva, a leitura é maior que um decifração de signos e sons. É na verdade uma formação individual, logo é mais do que um instrumento de desenvolvimento de aprendizagem, é mais do que um instrumento de alfabetização.

Ler um livro pode ser extremamente significativo. A leitura tem um papel formador da personalidade tanto para aspectos positivos como negativos e permite a reconstrução da identidade. Entretanto, assim como o texto reinventa o mundo real, o mundo real apodera-se do texto. Quem nunca se deixou influenciar por uma personagem ou viu em si o reflexo de um herói ou vilão? Muitos personagens são ícones, saltam das páginas e passam a fazer parte

do nosso imaginário, impregnando muitas vezes o nosso discurso: "Bela Adormecida, está na hora de ir para a escola" ou "Trabalho como uma gata Borralheira" (Jardim) são apenas alguns exemplos.

2. **A MAIOR FLOR DO MUNDO EM ANÁLISE**

No ano 2001, o renomado autor português e prémio Nobel de Literatura, decidiu pela primeira vez publicar uma história para criança. *A maior flor do mundo* é um livro ilustrado por João Caetano que conta uma história na qual o narrador inicia o texto com um diálogo com o leitor. Saramago, em uma conversa aberta com o leitor, explica a importante questão da adaptação linguística do texto à idade cognitiva, fala honestamente sobre as suas dificuldades em escrever e reconhece sua pouca capacidade de penetrar no mundo infantil. Como o autor mesmo afirma, é uma história simples sobre um menino de uma pequena aldeia que faz um grande gesto e é tomado como herói. *A maior flor do mundo* é uma hipérbole devido ao exagero, mas é uma metáfora de associação entre o objecto da flor e uma acção humana.

O destaque desta história é mesmo o seu final que não é válido apenas para crianças, pois não é todo dia que uma pessoa tão renomada reconhece a imperfeição de sua obra.

2.1. **IMAGINAÇÃO**

Vygotsky defendeu que o desenvolvimento humano se dá através de aspectos sócio-histórico-culturaise da vertente biológica. Embora acredite que esta assume maior destaque em relação àquela. Nessa perspectiva, descreve a actividade criadora, criatividade, como algo novo, resultado de reflexos do mundo exterior ou associada a determinadas construções do cérebro ou sentimentos, vindo a se manifestar apenas no ser humano. Na conduta humana, há o impulso reprodutor, relacionado com amemória o que significaque nada de novo é gerado, apenas reproduzido e há também o impulso criador, associado à fantasia e à imaginação. Afinal, conclui o autor que o cérebro não é apenas reprodutor de memórias. A imaginação é a base criadora que possibilita o desenvolvimento de acções sociais, artísticas, científicas e técnicas. Segundo Vygotsky, a imaginação está associada à realidade através da riqueza acumulada da experiência humana, através do enriquecimento social, por meio de relatos escritos ou narrados que juntamente coma fantasia expandem o conteúdo, através da emoção (há uma reciprocidade entre emoção e imaginação) e através da ideia materializada, a criação.

Na obra em análise, a imaginação não foi obstáculo para a criação. O item em falta entre a ideia criadora e criação foi descrito no texto como "… pelo menos a falta de paciência" do narrador. O autor explica sua incapacidade de materializar a ideia criadora, pois convence-se de que a vaidade o levou "… a pensar que a minha história seria a mais linda de todas…"

A ideia de Saramago vem de encontro à ideia de interacção da criança com o meio, com a descoberta ou logo na primeira página não acontecia a expedição em que "… sai o menino pelos fundos do quintal, e, de árvore em árvore, como um pintassilgo, desce o rio…" e "… dali em diante começa o planeta Marte". Essa acção mostra a descoberta, os estímulos constantes que a criança procura para alimentar a imaginação.

Quando Saramago lamenta a sua incapacidade de ser bem sucedido na escrita para crianças, está na verdade revisando a teoria da mente que é a maneira como cada indivíduo sente e como entende a mente dos outros. Recentemente, nos Estados Unidos, 90 livros infantis foram analisados com base nas referências voltadas para os estados mentais. Essa análise considerou as palavras e expressões, as ilustrações e situações irónicas e foi constatado que os livros apresentam uma alta proporção de referências textuais para os estados mentais, embora as ilustrações isoladas do texto não representam os conceitos dos estados mentais, sendo fundamental o conjunto texto-ilustração. Em *A maior flor do mundo*, as ilustrações são desfocadas talvez numa necessidade de dar movimento até mesmo ao que está parado.

Numa das ilustrações o narrador está em primeiro plano, mas apresenta detalhes como uma pequena fada que sobrevoa Saramago, interpretada aqui como a criatividade, a luz lateral que pode ser a inspiração, uma colecção de livros enciclopédicos que podem representar as pesquisas do autor, livros infantis na prateleira que podem ser referências textuais como "Gnomos e duendes" e "A ilha do tesouro" e o mais importante que são as personagem que saltam dos livros, o que pode representar a necessidade de dar vida às personagens no imaginário infantil.

A grande ironia da história está numa interlocução entre o narrador e o leitor. Um especialista da escrita que não sabe escrever. A escrita para criança deve ser ajustada à mesma, diferenciando-se bastante da escrita para adultos "… porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas;" e note-se um incentivo fundamental aos leitores em "Quem sabe um dia virei a ler outra história, escrita por ti que me lês, mas muito mais bonita?..".

Outro aspecto cognitivo bastante importante no livro, agora referente a personagem do texto, é a capacidade de tomada de decisão da criança. No trecho "Dali para diante, para o nosso menino, será só uma pergunta: "Vou ou não vou?" o narrador mostra a simplicidade do raciocínio infantil. A teoria da tomada de decisão afirma que o indivíduo deve analisar a situação e decidir com base no seu conhecimento, tendo 50% de possibilidade para cada premissa antes desta análise (Anderson) A criança então toma sua decisão pela aventura com uma razão de quem ainda não consegue ver bem suas probabilidades negativas. Assim, vence a diversão, prevalece o raciocínio indutivo no qual a criança chega a determinada conclusão que é provável, mas não é certa (Anderson).

2.2. **MORALIDADE**

A visão introduzida por Jean Piaget procurou descrever o desenvolvimento humano, mas interessou-se pelo processo em si, não pela relação com outros factores determinantes como a relação social. A estrutura da inteligência, então foi vista como responsável pela organização das condutas e a afectividade como reguladora de interesses, havendo uma forte conexão entre esses dois factores. Assim, a maturação da inteligência leva a uma maturação afectiva. Piaget interessou-se também pelo desenvolvimento moral, pois assumiu a moralidade como o campo de desenvolvimento no qual as relações entre afectividade e inteligência são muito importantes e organizou a moralidade em duas categorias: a moral heterónima (quando a criança ainda não percebe as consequências dos seus actos e o bom comportamento é aquele que não é punido por um adulto) e a moral autónoma (quando a criança já constrói regras próprias e são flexíveis de acordo com as situações) que estão

relacionadas com o desenvolvimento geral de acordo com os estágios de maturação (Lima-

-Santos e Toldy).

Kohlberg também se interessou pelo estudo da moralidade e elaborou histórias com situações específicas de conflito moral para que os leitores assumissem uma posição em relação a acção das personagens (Jardim). Como resultado de um extenso trabalho definiu seis estágios de desenvolvimento do raciocínio moral organizados em três grandes grupos: moral pré-convencional, moral convencional e moral pós-convencional. Cada grupo engloba dois estágios. Assim, a moral pré-convencional em seu primeiro estágio refere-se ao indivíduo que obedece as normas para evitar as punições e, no segundo estágio, é referente ao indivíduo que considera primeiramente suas necessidades e só considera as necessidades dos outros se for conveniente para si mesmo. A moral convencional, no terceiro estágio kohlbergiano, refere-se as pessoas que respeitam as normas apenas pela aceitação social e, no quarto estágio, refere-se as pessoas que preocupam-se com a ordem da sociedade e a manutenção das regras sociais. A moral pós-convencional define no quinto estágio pessoas que regulam-se no princípio democrático, a sociedade decide o que é correcto. O último estágio abrange uma minoria da população em geral. No sexto estágio as pessoas regulam-se pelos principio de justiça, igualdade e dignidade que são maiores que qualquer lei (Lima-

-Santos e Toldy).

As ideias de Kohlberg convergem com as ideias de Ricoeur. Este afirma que cada pessoa deve usar a imaginação como criadora de nova consciência e, da leitura surge a auto-interpretação, a auto-avaliação o que, consequentemente leva aos objectivos kohlbergianos (Jardim).

As histórias infantis estão normalmente impregnadas de valores morais, principalmente as fábulas. A ideia é transmitir valores para que sejam assimilados e reproduzidos pela criança. Saramago reforça a moralidade quando sua personagem "… achou que tinha que salvar a flor," não na expectativa de uma recompensa, nem por consciência de uma punição, nem para ser visto por outros, nem porque era determinado na lei, simplesmente porque era o correcto. Assim, a personagem pode "… fazer uma coisa que era maior do que o seu tamanho e do que o tamanho de todos os tamanhos". É uma criança no sexto estágio de moralidade de Kohlberg que respeita a vida acima de tudo.

3. **PSICANÁLISE DA LITERATURA**

Várias análises psicanalíticas já foram elaboradas para diversas obras infantis. Dessas análises resultaram afirmações que relacionam os contos com itens explorados na psicanálise. Como exemplo pode-se citar "O patinho feio" relacionado com as primeiras angústias de separação e desamparo infantil, "Capuchinho vermelho" e "Os três porquinhos" com a curiosidade sexual infantil, a oralidade e a sedução por um adulto, a "Bela adormecida" com a fase de latência no desenvolvimento e o "Pinóquio" com a busca de identidade autónoma.

A psicanálise relaciona-se com os textos porque é necessário o reconhecimento de símbolos como uma relação entre a regressão e progressão. Os símbolos evocam fases da vida, ou

seja, uma constante regressão assim como exploram o presente e possibilitam uma visão do que pode vir a ser no futuro (Jardim).

No texto em análise, a questão psicanalítica não está à superfície porque se trata de um enredo muito simples de uma interpretação muito aberta. A relação com a teoria psicanalítica é estabelecida apenas na noção de morte quando a criança encontra a flor, **"…** tão caída, tão murcha" que o superego vem à tona e buscando os valores morais desencadeia a pulsão de vida, então a criança faz "… cem mil viagens a lua…" para salvar a flor. A moralidade é vista na psicanálise de forma distinta da visão piagetiana, pois ocorre com a formação do Superego através da interiorização das normas.

A ideia narcisista do autor também é expressada pala sua vaidade quando pretende criar a melhor história de todas para, intrinsecamente, recompensar o seu Ego.

4. **HERMENÊUTICA DA NARRATIVA**

As várias análises realizadas aqui com a obra de Saramago permitem um envolvimento maior com o texto e, consequentemente, uma nova forma de leitura tanto nas linhas como nas entrelinhas. Segundo Ricoeur, a interpretação está entre a linguagem e a vida vivenciada por meio de conceitos interpretativos como o distanciamento, a apropriação, a explicação e a compreensão (Jardim). O distanciamento permite que o texto desprenda-se da intenção do autor e do objectivo inicial proposto para que receba vida própria nas mãos de outrem. Neste momento, surge a apropriação que é justamente a tomada do significado do texto num exercício cognitivo que é a transformação do novo em algo familiar para melhor compreensão, numa espécie de categorização mental e sentimento de pertença. Entretanto, o leitor vive da apropriação de desapropriação constante de acordo com sua compreensão da realidade. Assim, a acção de "apropriar" ocorre quando o leitor auto-questiona-se e toma consciência do seu lugar no mundo, percebendo suas fragilidades e potencialidades. O texto explica a acção humana e a compreensão do mesmo depende da compreensão subjectiva de si mesmo diante destas acções (Jardim).

O texto de Saramago é paradoxalmente simples e complexo. A simplicidade está na história em si. A complexidade está na filosofia de uma narrativa sem grandes pretensões, sem grande enredo e sem grande trama que num acto de apropriação particular desta análise tem o objectivo de mostrar a todos que não precisa ser grande autor para escrever para crianças. Pode-se afirmar então que é uma obra infantil para todas as idades. A real filosofia do texto é interpretada como a necessidade de incentivar as crianças a tornarem-se novos autores.

A Literatura está repleta de Psicologia. É a forma de pensar reflectida no papel, são as acções humanas reinventadas, é a transmissão de valores. A Literatura Infantil exerce a mesma função com a particularidade de ter que ser pensada como criança para reflectir acções de gente adulta.

Os textos são fundamentais para aquisição de muitas habilidades, não só a escrita, não só a leitura. São importantes para o conhecimento do mundo, são fundamentais para o conhecimento humano e para o auto-conhecimento.

Escrever para crianças não é um exercício simples. São necessárias muitas regressões e progressões numa hermenêutica consciente e inconsciente. É obrigatória a compreensão dos estados da mente, pois o autor precisa sair de si para encontrar a forma de raciocínio infantil, assim como a criança precisa sair de si para compreender a acção da narrativa como uma acção real. Quanto mais revisada a obra de Saramago mais intrigante a metáfora do texto. Será um texto feito por um adulto para crianças, ou será um texto feito por um adulto para adultos-criança? *A maior flor do mundo*, como metáfora, é vida, é moral, é boa acção, é simplicidade da acção do mundo, são os grandes pequenos gestos do dia-a-dia.

BIBLIOGRAFIA

Anderson, J. *Psicologia cognitiva e suas implicações experimentais*. Trad. Dalton Conde de Alencar. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 2004.

Fino, C. "Vygotsky e a Zona De Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas". *Revista Portuguesa de Educação* 14.2 (2001). Internet. 29 Out. 2009. <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37414212.pdf>.

Jardim, M. *Da hermenêutica à ética em Paul Ricoeur*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

Lima-Santos, N., e Toldy, Teresa. "Lugar da ética na formação dos estudantes de Psicologia". *Revista da UFP* .4 (1999): 191-99.

LIBERDADE DE IMPRENSA: DA INEXISTÊNCIA DURANTE A DITADURA AOS EXCESSOS DO QUARTO PODER COEVO[28]

Mário Pinto
Professor Auxiliar
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
mpinto@ufp.edu.pt

28 Trabalho produzido no âmbito do projecto "Teorização do Jornalismo em Portugal," apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de fundos estruturais da União Europeia (FEDER) e de fundos nacionais do MCTES, referência PTDC/CCI-JOR/100266/2008 e FCOMP - 01 - 0124 - FEDER - 009078.

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 216-226 (2010)
Submetido/Submitted: 31 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 07 Set. 2010

RESUMO

Direito inquestionável nos nossos dias, se bem que conquista relativamente recente, a liberdade de expressão sofreu inomináveis vicissitudes até atingir o estádio actual. Com efeito, se eram numerosos os que a reclamavam e tudo fizeram, durante a ditadura, para alcançar semelhante anelo, também não é despiciendo o número dos que, não inteligindo a sua essência, a destratam com aproveitamentos oportunísticos e pouco ortodoxos. Dicotomia posicional de que os testemunhos aqui coligidos e concatenados se pretendem apodixe.

PALAVRAS-CHAVE

Censura, liberdade de imprensa, "quarto poder".

ABSTRACT

Unquestionable right of our times, despite being a recent achievement, freedom of speech has overcome many obstacles before reaching its recent status. In fact, if there were many who proclaimed it, and did everything they could to achieve it, is also not insignificant number of those who, unable to comprehend its essence, mistreat it with opportunistic and unorthodox exploitations. Dualities of positions that the testimonials here presented and concatenated intend to be incontrovertible evidence.

KEYWORDS

censorship; press freedom; "fourth power"

1. INTRODUÇÃO

Conjugadas as especificidades do período a analisar (por demais conhecidas, tanto a montante quanto a jusante) com as inerentes à idiossincrasia do prisma que elegemos para o equacionar, pode afigurar-se relevar do âmbito da pura utopia a pretensão de aflorar tal temática num contexto político, a ditadura, cuja principal marca genética é, justamente, a ausência de liberdade.

Todavia, não obstante tratar-se de um lapso temporal coincidente, a nascente, com a vigência de um regime tão *sui generis* pela negativa – autoritário, esteado numa polícia que tudo controla e impede, em que os mais elementares direitos (incluído o de expressão) são postergados e/ou coarctados, que faz do medo (e da delação) condição *sine qua non* da sua existência, peculiaridades que nem por momentos se pode elidir – insistir em votar este período ao ostracismo é algo com que não se pode pactuar, até porque de inconcutível contraproducência. Tão inaceitável quanto pretender deli-lo da memória colectiva: tal estratégia apenas serve para inviabilizar um estudo que de uma perspectiva histórica e cultural antes se impõe levar à prática. Desde logo porque condição *sine qua non* para a cabal compreensão do passado recente e, daí, do presente: mormente aquilatar de que modo e em que medida influenciou comportamentos actuais, levar à compreensão das mentalidades que os ditaram; e, sobretudo, permitir inteligir de que forma a imprensa aproveita hodiernamente a liberdade de expressão conquistada. O que a experiência nos mostra nem sempre ser a mais curial, a mais proba.

É, pois, partindo desta constatação liminar – e após dilucidar o relacionamento jornalistas/políticos, – que nos propomos proceder à exegese da coabitação destes, tendente a aferir em que moldes é exercida, pelos primeiros, a liberdade de expressão: se com a imprescindível probidade, se de forma abusiva, aproveitada para se arrogarem um ascendente, plasmado no designado 'quarto poder' (incensado, mais por temor do que por merecido respeito) que de facto não têm.

2. DITADURA: POSICIONAMENTOS CONTRA

Passando à exegese da questão, comecemos por um dos mais antigos dos livros que sobre ela se debruçaram, *Os "Margalhos"*[29] *da censura*, de João Paulo Freire. Aludindo à inconstância do conceito, para além de uma característica intemporal, a hediondez, que lhe é atávica, Freire (8) tenta um esboço de definição ("É uma espécie de tampão de que o conluio monstruoso da Prepotência com a Imbecilidade vem lançando mão para obstruir o cérebro e comprimir as consciências".), antes de ir à etimologia do termo, que dilucida a sua extracção e quão desvirtuada e rebaixada foi: "Um Censor é um relé, uma coisa de baixo estofo".

Reportando-se à sua vigência (após situar o início em tempos imemoriais), traça, em seguida, o seu historial, desde o "velho Império romano onde existiu com certos rigores que a História regista" (Freire 9-10) situando o seu aparecimento entre nós "com a bula pontifícia

29 Nome que tem origem no do primeiro censor, segundo Freire "O primeiro censor conhecido foi Pedro Margalho". (10)

de Julho de 1547". Ao mesmo tempo que alude às primeiras demarcações (10): "A Censura foi, no seu início, uma arma meramente religiosa," data o surgimento da variante 'política': "Mas chega D. José e com ele essa tôrva figura do Marquês de Pombal," que cria a Real Mesa Censória, da qual decorre outra infausta instauração: "Estava criada a Censura Política". (10)

Concluído o historial de tão sinistra instituição ("A Censura foi, é, e será sempre, uma capa de vícios, nunca um desejo de morigeração".), Freire afirma, acerca da acção dos censores: cortam "O que cortaram sempre: aquilo que não convém aos seus interesses pessoais ou aos interesses da seita que representam, com a agravante de constantes inconsequências". (12) Asseveração que comprova, exemplificando.

Curioso, nesta demonstração das incongruências e iniquidades da censura, é a sua incapacidade de impedir a divulgação ("há os panfletos e jornais clandestinos, que aparecem nas casas, nos cafés, distribuídos à farta".) e a contraproducência do seu "exercício vergonhoso e vexatório" (12-13): "Não vale a pena. Com a agravante de que um jornal livre nem todos o querem ler, mas um jornal clandestino não há ninguém que não ambicione possuir e coleccionar". (13)

Prosseguindo a dissecção da actuação da censura, assegura Freire: "Depois 'veio a *lei das rolhas*' que, durante anos, foi suspendendo jornais, metendo jornalistas na cadeia […] exercendo a apreensão por capricho". (13-14) Panorâmica de caos generalizado em que, como o autor reconhece, não obstante as leis de imprensa existirem "no papel," o que de facto "reinou […] foi o arbítrio, o relaxamento, a perseguição e a revolta," do que resulta "chegarmos assim, desmoralizados e anarquizados, a 1910". (14) Data que, em vez de materializar o almejado marco salvífico, se revelou mais uma decepção, como enfatiza: "Passamos finalmente ao regime republicano e verificamos, com verdadeiro assombro, que a compressão, o garrote, usado para com a imprensa, aumentou, subiu de ponto!" porquanto, assevera, "À censura mais descabelada juntou-se a apreensão violenta […] e a fúria não se limita aos jornais monárquicos. Atinge também, poucos anos depois, os jornais republicanos e socialistas". (Freire 14-15)

Antecâmara de mais uma sucessão de altos e baixos, detonadores de originalidades em que tanto pontifica o grotesco ("Os jornais de há dez anos […] Vêm quase todos com as colunas em branco" 15), quanto o retorno de velhos vícios (15): "governos sucederam-se a governos, e todos […] usaram e abusaram da censura conforme lhes apeteceu e lhes conveio". Até que "Mas um dia o sr. General Gomes da Costa vai a Braga e vem de lá triunfante até Lisboa. O «28 de Maio» é um facto". (15) Mudança efémera e com os perniciosos resultados consabidos:

> Dois meses depois […], temos no tablado da política portuguesa, o sr. General Carmona, e com ele a censura e com a censura este Paraíso em que vivemos e em que os jornais se parecem de tal maneira que ler um é lê-los a todos. (15)

Singularidade a que também alude Monsaraz (45), autor que, mais do que perfilhar com o anterior uma perspectiva crítica, evidencia um profundo conhecimento dos meandros da censura, irrefutavelmente patente, porque sem ambages, quer no global quer em afirmações esparsas, do teor desta "O desnecessário recurso à censura prévia, mais ainda do que um crime ou do que um erro, significa ininteligência, falta de visão, incapacidade ou medo de governar". (32)

Definindo-a como "o habitual tormento da dispneia mental, de restrições à inteligência, de falta de ar para o espírito," que obriga, para a contornar, a que "Cada qual regresse às trevas do silêncio, ou então à meia-luz das habilidades redactoriais" (14) não se coíbe de a atacar: "O essencial é que desapareça de vez, que nos liberte desta presença indesejável, perniciosa, a que não pode habituar-se quem não renuncie ao encanto de pensar". (16) Identifica os seus sequazes – "Porque será que os Governos Ditatoriais, blasonando de fortes, sentem sempre o pânico da Opinião?" (19) –, cuja ilegitimidade vinca, exprobrando: "Toda a autoridade, toda a força, para confessar-se legítima, precisa de ser consciente. A perfeita obediência exige sempre que se saiba mandar" (19-20), porque, conclui, "quando a energia se transmuda em violência, deixa mesmo de ser ilícita a recusa de obedecer". No essencial por, ao extravasarem as suas prerrogativas, consubstanciarem genuínas prepotências:

> Os Governantes […] tomam quaisquer discordâncias sobre os actos que praticam como veros crimes de lesa-majestade. Interpretam a mínima ferida no seu orgulho como ofensa atentatória, imperdoável, à sua honorabilidade. (21)

Reconhecimento que permite a Monsaraz questionar a utilidade da censura e sublinhar a sua ilegitimidade: "Valerá a pena infringir-se o mais elementar dos direitos naturais – o pensar-se em voz alta?" (29), questão cuja resposta, decretória, aduz: "Impedir que o pensamento se exteriorize e publique significa, antes de tudo, falta de confiança e de coragem […]; incerteza no seu poder dialéctico para impor-se e dominar". (30) Vítima, ele próprio, dos métodos da censura, Monsaraz pode assegurar conhecê-la e, por isso, fundamentadamente expor o seu *modus operandi*:

> A Censura, por via de regra, surge de improviso, sem barulho, quando uma revolta ou uma guerra nos vem impor qualquer Governo provisório ou de coligação, (…). De início certificam-nos, com solenidade, que somente a gravidade da Hora pode justificar tão feia anomalia. […] Tem de limitar-se, evidentemente, aos periódicos quotidianos. Pouco a pouco, porém […] vai aumentando a olhos vistos: […]. É uma desconfiança permanente, a indiscrição «totalitária» de um insuperável zelo policial. (41-42)

Actuação cujos resultados também conhece: "cria-se aos poucos, pelas redacções, uma inevitável atmosfera de pânico" 42), tal como a forma de os evitar ou, no mínimo, debelar. Porque em função dos diferentes censores, diferentes serão as metodologias utilizáveis: se forem militares, a situação é mais suave; se, porém, forem outros "é preciso doirar a pílula: talvez assim a coisa passe…" (43)

Ruído na comunicação – que, *ipso facto*, se revelava assaz deficiente ou era inviabilizada – é também a tónica da tese de Luís Lupi, panegírico de Salazar e, em simultâneo, uma crítica suave à imprensa e, "com pinças," à censura. Começando por questionar (6) "se a Imprensa Portuguesa tem acompanhado o êxito e progresso – evidente e inegável em todos os aspectos fundamentais – da Revolução de Salazar," Lupi reconhece ser "forçado a concluir por uma resposta negativa". Admitindo poder não ter razão, garante, ainda assim, estar "convencido de que o lugar da Imprensa é na vanguarda de qualquer movimento nacional, e que, quando isto não se verifica, o êxito de uma época […] pode ficar ameaçado". (6) Porquê? "É que as realidades, mesmo as mais palpáveis e iniludíveis, têm de ser explicadas à opinião pública num dia a dia de informação e crítica, esclarecedoras," o que exige que

> (…) o cidadão deve ser protegido das especulações e dos abusos que ponham em risco a sua saúde física, o seu bem-estar e a sua consciência política impõem igualmente que tenha ao seu dispor uma informação diária em que deposite a mais sincera confiança. (7)

Perguntar-se-á: o que falhou, então, ou, "a quem atribuir a culpa?" (7), pergunta que não posterga: "É que todos, sem excepção, teremos uma parcela de culpa," da qual salvaguarda, contudo, a que cabe a Salazar, que "é mínima," até porque "Creio que o pensamento de Salazar tem sido algumas vezes mal interpretado". (8) Responsabilidade de quem? "Entre o Chefe do Governo e a opinião pública houve erros de interpretação, porque entre Ele e a Imprensa foram criadas barreiras que não deixaram de diminuir a luz de uma total verdade". (8)

Reconhecendo que a empatia que poderia ter-se estabelecido entre Salazar e os Portugueses só a imprensa a poderia ter viabilizado, se as tais barreiras não houvessem prejudicado a sua acção, está identificado o culpado:

> A quase sempre estandardizada análise feita durante anos seguidos, da Obra de Salazar e da sua personalidade (a única por vezes aceite sem reparos nem dúvidas, por aqueles que, em minha opinião, mal interpretavam Salazar) fizeram avultá-las sim, mas com evidentes sintomas de falta daquela espontaneidade que teria levado à opinião pública uma mensagem muito mais real, convincente e sincera. (Lupi 8)

Culpado que, no entanto, só após estas conjecturas nomeia: "Atribuo […] a uma censura prévia que se prolonga demasiadamente, bastante da responsabilidade dos factos que afectam a indispensável evolução e progresso da Imprensa". (9)

Efeitos inquestionavelmente perniciosos os decorrentes deste controlo, mas que não são os únicos. Outras repercussões, mais nefastas ainda, daí emergem, tais como, garante: a inviabilização de a Imprensa poder "cumprir a sua prestigiosa missão informativa e política" porquanto "O periódico para ter venda, necessita do interesse e da confiança do público". Requisitos com que – mormente a fiabilidade – , não pode contar, quando, "parece incontestável que em Portugal […], aumentou em proporções inconcebíveis a venda e expansão de revistas e jornais estrangeiros". (9) Constatações que permitem a Lupi (10) confirmar a perniciosidade da censura – a que, eufemisticamente, chama condicionalismo –, plasmada na subalternização em que coloca os jornais nacionais relativamente aos estrangeiros (mais fiáveis): "que, por gozarem da fama de independentes e livres de orientações oficiais, parecem por vezes merecer a preferência de importante número de leitores portugueses".

Cabe, a propósito, assinalar que a solerte perplexidade de Lupi é corroborada por Brás Medeiros – que assevera: "já satisfaria que se independentizasse a Censura […] e se lhe cometesse uma acção cada vez menos repressiva e mais orientadora," (Medeiros 10) – no excerto em que demonstra que as condições para a subalternização da imprensa portuguesa são corolário da acção dessa mesma censura:

> Assim: há pouco, quando da conferência de Londres acerca do Canal de Suez, recebemos a notícia da adesão de Portugal *directamente* do chefe dos serviços de Imprensa do S.N.I. Pois tal notícia, submetida a censura nos termos regulamentares, foi cortada! E a Nação dela tomou conhecimento através de emissoras e jornais estrangeiros. (10)

E a terminar esta breve revisão bibliográfica, o testemunho de Ribas, que alude ao "regime de rolha" (343), evocação (de relativa recorrência) que aproveitamos para registar o posicionamento de Boavida-Portugal, que estabelece sugestiva comparação com a garrafa champanhe de que faz ecfrástica descrição para, com iniludível azebre, rematar, reportando-se à censura: "O champanhe tem rolha… Ah! Mas isso da rolha é uma história comprida, que fica para outra vez…" (6)

De salientar, a encerrar esta primeira parte, é que o silenciamento imposto tinha repercussões ao nível da linguagem do quotidiano (em que pontificavam as meias palavras) e implicações a que o discurso jornalístico não ficava imune: levava em simultâneo à utilização de uma linguagem criptográfica e de um estilo insincero (que, sob a capa de aparente cortesia, era, na génese, hipócrita). Situação facilmente comprovável se, com esse almejo em vista, compulsarmos uns quantos jornais do período da ditadura. Basta, até, as primeiras páginas – como, por exemplo, esta, do *Diário de notícias* (DN), de 6 de Agosto de 1929 – para aferirmos da justeza da nossa afirmação:

> **Quási restabelecido da enfermidade que durante largo tempo o obrigara a permanecer no Hospital [...], já recolheu a sua casa o sr. ministro das Finanças, dr. Oliveira Salazar, que no sábado passado dera o seu passeio de automóvel até Cascais. (1)**

Se há ilação que o exemplo aduzido torna irretorquível é, ao nível da expressão, pontificar uma linguagem encomiástica (com as inerentes repercussões no conteúdo, também ele profundamente laudatório): trata-se de uma linguagem *engagée*, 'situacionista', que prima pela exagerada reverência, reflexo, afinal, do que constituía a "imagem de marca" de um contexto político peculiar em que muitos vocábulos eram liminarmente erradicados, porque réprobos para o emasculador sistema vigente; mas também de um "país de cócoras," ou, como diria Baptista-Bastos:

> **A pátria voltou a ser o revés de si própria. Refém de um passado engravatado, cabisbaixo e deprimido, Portugal "portugalizou-se," e os portugueses deixaram de significar para tornarem a ser insignificantes. ("DN Opinião" 25 Abr. 2007, 7)**

2.1. **USOS ABUSIVOS HODIERNOS A COBERTO DO 4º PODER**

Passando agora para os nossos dias – começando no advento da democracia mas omitindo o período imediatamente pós-revolução, cujos excessos são consabidos – se contrapusermos à 'breve' do DN de 1929 antes referida, passagens coevas aleatoriamente retiradas da chamada imprensa de referência – como por exemplo estas duas: "O primeiro-ministro pode considerar-se um homem feliz. Tendo ou não uma licenciatura, tem um emprego. Milhares de portugueses, licenciados e qualificados, não podem dizer o mesmo: estão desempregados". (Sobral), e "Maquiavel advertiu que, em política, não há moral. Sócrates não leu: mas aprendeu de ouvido". (Baptista-Bastos, "DN Opinião" 16 Maio 2007) – o contraste não poderia ser maior.

E a constatação que de imediato se impõe, é que, da escrita "A bem da Nação," do jornalista "atento, venerador e obrigado" à do seu colega hodierno, do endeusado 'Quarto poder', ocorreu um profundo avatar (passe a redundância), que ousamos asseverar ser um fiel retrato do que *lato sensu* aconteceu na sociedade, no país e na forma como a imprensa os

apresentava. E a vários níveis. Desde logo, ter a mutação verificada ido no sentido de maior descomprometimento, de uma linguagem menos cerimoniosa, mas que, como corolário da abertura verificada, levou também a que reiteradamente se passasse aos antípodas da pregressa, como se certos jornalistas se quisessem redimir de tão duradoura subserviência. Afirmação de que este caso, tão comezinho quão paradigmático, é cabal demonstração: enquanto em 3 de Agosto de 1926 o DN assinalava, na primeira página, "Passa hoje o aniversário natalício de S. M. o Rei Haakon VII da Noruega (...)," o mesmo jornal noticiava em 29 de Julho de 2005 (mas na página 41), sob o título "Juan Carlos em visita aos Açores" (monarca que um dia confessara a Jorge Sampaio ser esta a única região de Portugal que nunca visitara): "O presidente da República Portuguesa não se esqueceu do desabafo do monarca espanhol e, há uns meses, endereçou o convite aos reis de Espanha". Do panegírico de "S. M". e o "Rei" ao prosaico de Juan Carlos e Jorge Sampaio (ou "monarca," "presidente" e "reis") está plasmado todo um percurso democrático que recorrentemente tem levado a cair na irreverência e na animosidade acintosa. Ou, em casos extremos – como neste título, "O ministro é um camelo?" (Costa) – a raiar a insolência. Exagero de que não escasseiam exemplos. Aliás, lê-se e fica-se incrédulo.

Situação só possível por esquecimento intencional de determinados conceitos-chave, tais como, precipuamente, acarretar o estatuto de jornalista algumas obrigações morais e ser a sua uma profissão ao serviço dos demais, mas também por desconhecimento do que preconiza um dos mais eminentes teorizadores do jornalismo, Luka Brajnovic: "informador no puede ser cualquiera, sino la persona capacitada para ello. Capacitada tanto intelectual como moralmente". (62)

Convém deixar claro, a fim de obstar ao mínimo quiproquó, ser por demais óbvio não questionarmos a liberdade de expressão de que hodiernamente desfrutam os jornais – reputamos mesmo assaz gratificante a possibilidade de, ao lê-los, podermos fruir textos que, pondo a nu a actuação menos curial de certos políticos, nos ajudam a ver tudo o que está oculto num domínio que devia ser cristalino. O que não é, de modo algum, compaginável com a pesporrência de outros que, sem noção dos limites da sua função (que amiúde exorbitam), acabam por agredir reiteradamente os leitores através da imposição dos seus pontos de vista, porque convencidos de encarnarem o "quarto poder," mas ignorando que, como Brajnovic postula:

> En el fondo se trata de una obligación moral del informador que ni es ni representa poder alguno, si no quiere convertirse en un dictador y un usurpador. Su función es de servidor que pone – eso sí– toda su capacidad y todas las cualidades y posibilidades de un experto inteligente y honrado al servicio de los demás. En este sentido, la labor informativa es el *primer servicio* influyente en las relaciones sociales y de ningún modo el *cuarto poder* a nivel de los poderes legislativo, judicial y ejecutivo. (161)

Postura judicativa – em total contracorrente com a vigente – que não pode deixar de ser sublinhada e de merecer plena anuência. Justifica-se, aliás, a propósito deste tão controverso conceito, abrir aqui um breve parêntesis tendente a desmitificar e clarificar certas ideias feitas.

Questão pouco consensual – a de ser ou não o jornalismo o quarto poder – a verdade é que a generalidade dos especialistas propendem para o seu apoio tácito, assim lhe conferindo legitimidade para ombrear com os poderes legislativo, executivo e judicial. Embora não re-

futemos estas opiniões, o que a nosso ver está em causa é o modo como os jornalistas se propõem desempenhar o seu múnus: se, de uma forma íntegra (implacáveis fiscalizadores da actividade governamental) ou se, ao invés, como porta-vozes dos poderes instituídos, "casta de párias" sem pietismo denunciada e menoscabada pelos probos profissionais que com eles têm de conviver:

> A generalidade da cobertura montada […] constitui um circo mediático ao qual é abusivo e injusto aplicar a designação de jornalismo. Na cobertura deste tipo de casos não há apenas a considerar pseudojornalistas desonestos e sensacionalistas. (…) traficantes de emoções, de especulação e de morbidez. (Guerra 52)

Fechado o parêntesis, retomemos o fio do discurso que explanávamos para asseverar ser, em nossa opinião, uma mal disfarçada ânsia de afirmação como contrapoder que leva certos 'escreventes' hodiernos – não confundir com os *opinion makers*: veteranos credenciados, articulistas e colunistas de reputado mérito – a caírem no extremo oposto, e a produzirem uma comunicação tão entediante quanto a do seu colega "atento, venerador e obrigado," só que de sinal contrário: a subserviência substituída pela agressividade pesporrente. Como aqui:

> A nomeação como embaixador junto da OCDE relança na causa pública o ex-secretário-geral do PS. Que andava aos caídos desde os tempos em que agonizava na liderança dos socialistas. (Ramires 7)

Perguntar-se-á: mas como se chegou a este ponto? É público que a prática política atravessa, hodiernamente, uma fase menos boa (piedoso eufemismo para designar o pântano em que está mergulhada), ilação por demais óbvia e, *ipso facto*, tácita e ecumenicamente aceite. O que resulta da circunstância de esta ser, mais reiteradamente do que o expectável, adulterada, quando não subvertida. Motivo: o recorrente incumprimento – seja por deficiente compreensão da sua idiossincrasia, dos ditames que deviam presidir ao seu incremento ou dos princípios éticos que lhe subjazem seja por fins inconfessáveis – da sua finalidade primeira.

Afirmação que é de imediata comprovação empírica através da observação da prática quotidiana dos seus agentes e da leitura de qualquer periódico: por mais estocástica que esta seja não há necessidade de esquadrinhar muito, tal a pletora de exemplos susceptíveis de a corroborarem. E quando sobrevém algo similar, o que *a priori* se antevia como tarefa aliciante, torna-se uma sensaboria entediante e disfórica. Culpa de que não se podem eximir os seus actores directos, políticos e jornalistas, cujo relacionamento nem sempre é o mais ortodoxo ou, tão-pouco, paradigma de lisura. Desde logo pela promiscuidade (procurada por uns e aceite pelos outros) que entre ambos se entretece – como reconhecia Henrique Monteiro: "A pressão dos Governos sobre os jornalistas é uma constante e, curiosamente, faz-se por métodos que pouco evoluíram". (3) –, que, conclui, apenas contribui para agravar um relacionamento que de há muito nada tinha já de recomendável ("esquizofrénico" lhe chama):

> O que há, de verdadeiramente novo, é – na minha opinião – uma espécie de promiscuidade que há anos não existia e que tem vindo a tornar-se, cada vez mais clara. Os gabinetes têm cada vez mais ex-jornalistas, as agências de comunicação estão cheias de ex-jornalistas e o surgimento dos cursos de comunicação – que formam jornalistas, assessores e comunicólogos – fez de toda esta gente ex-colegas e amigos de sempre que se colocam em campos distintos e, por vezes, muitas

> vezes, com interesses opostos. […] Num momento ou noutro, sempre me pareceu que alguns governantes sentiriam um grande alívio se pudessem governar sem jornais. Do outro, a comunicação social, com os seus vícios e pecados próprios, passando de fases onde tudo é perdoado (os estados de graça), para aqueles em que nada é poupado. (3)

Resultado óbvio da pretensa imbricação de funções é a banalização de situações deste cariz: "Assessores que telefonam ameaçadores para as redacções. […] Já não bastava termos o poder executivo a morder os calcanhares da Imprensa". (Lourenço 33), e a emissão de comentários tão pouco abonatórios quanto o seguinte:

> Sem colocar em causa a qualidade e competência de todas as personalidades envolvidas, tudo isto contribui para o desprestígio dos cargos e dos titulares, que mais parecem pau para toda a obra do que cidadãos sinceramente preocupados em resolver problemas a favor dos seus eleitores. (AAVV 52)

Relacionamento outrossim afectado por se pautar por uma duplicidade ambígua – porque oscilante entre a ressumbrante animosidade no discurso descaroável de número não despiciendo de jornalistas em relação a determinados políticos ou, no extremo oposto, a subserviência bajuladora – e pelo temor reverente, vulpino destes para com aqueles, como afirma Paulo Baldaia: "Chega a ser confrangedora a dependência dos políticos em relação ao que se escreve nos jornais. Acreditam que os jornalistas têm um poder que verdadeiramente não têm," que explicita: "Quando muda o poder há sempre uma legião de fiéis que repete o beija-mão". (11)

Impetrância, de certos políticos, que só pode ter como corolário a perda de respeito com que amplas franjas de jornalistas a eles se referem. E que a adução do próximo exemplo – aleatoriamente recolhido, mas de *per si* assaz elucidativo – comprova:

> Armando Vara não tem especiais habilitações para a administração da Caixa – a não ser, claro, a militância e os serviços prestados ao PS. [...] Lembram-se do cartaz de campanha do PSD com a frase "quer mesmo que eles voltem?"? Estavam lá as caras de alguns que já voltaram, não à política, mas ao que a política pode fazer por eles. Fernando Gomes está na Galp, Vara na Caixa. E outros se seguirão. (Vaz 5)

3. **CONCLUSÃO**

Corolário do exposto é haver ficado demonstrado – através da compulsação adrede efectuada, da bibliografia disponível – quer a inexistência de liberdade de imprensa na primeira parte do período em apreço, quer a perniciosidade da censura (cuja presença consubstancia inultrapassável óbice para a consecução da liberdade de expressão) quer, finalmente, ser recorrente o exorbitar de competências por parte de certos jornalistas mais propensos ao ataque pessoal do que à denúncia de anomalias a reclamarem reparo e merecedoras de exprobração. Apodixe de quão imperativo é o aprofundamento da dissecção do tema e que, *ipso facto*, justifica que a ele se regresse em trabalhos futuros. Acreditamos ainda assim, ter ajudado a desvendar peculiaridades que marcaram e marcam os dois períodos do contexto epocal analisado, contribuído para a sua melhor compreensão e, por isso, sido alcançados os objectivos que nos propusemos.

BIBLIOGRAFIA

AAVV "Editorial". *Expresso* 19 Maio 2007.

Baldaia, Paulo. "Opinião". *Diário de notícias* 13 Ago. 2005.

Baptista-Bastos. "DN Opinião". *Diário de notícias* 25 Abr. 2007.

Baptista-Bastos. "DN Opinião". *Diário de notícias* 16 Mai. 2007.

Boavida-Portugal, J. *A vida complexa e grandiosa do jornal*. Lisboa: Ed. Fernandes, 1948.

Brajnovic, Luka. 2ª ed. *El ambito científico de la información*. Pamplona: Ed. U. Navarra, SA, 1991.

Costa, Luís. "Opinião" *Jornal de notícias* 2 Jun. 2007.

Freire, João P. *Os "Margalhos" da censura*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1926.

Guerra, João P. "Coluna vertebral". *Diário económico* 22 Maio 2007.

Lourenço, Camilo. "A cor do dinheiro". *Jornal de negócios* 13 Abr. 2007.

Lupi, Luís. *A imprensa e a revolução nacional*. Lisboa: Editorial Império, Lda., 1956.

Medeiros, Brás. *Retalho da vida de um* jornal. Lisboa: s.n., 1956.

Monsaraz, A. *Respiração mental – o problema da censura*. Lisboa: Of. Gráfica Pax, 1946.

Monteiro, Henrique. "Opinião". *Expresso* 14 Abr. 2007.

Ramires, Mário. "Opinião". *Expresso* 13 Ago. 2005.

Ribas, J. *Fundamentos psicológicos de jornalismo*. Lisboa: Ed. Gazeta Médica Portuguesa, 1953.

Sobral, Fernando. "Linha de água". *Jornal de negócios* 9 Abr. 2007.

Vaz, Raul. "Editorial". *Diário de notícias* 3 Ago. 2005.

A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DOS SERVIÇOS EM EMPRESAS ORGANIZADORAS DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES

Paulo Cardoso
Professor Associado
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
pcardoso@ufp.edu.pt

Sandra Isabel Bento
Mestre em Ciências da Comunicação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
sandrisabelbento@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 228-239 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 11 Set. 2010

RESUMO
O presente trabalho aborda a avaliação da qualidade em empresas organizadoras de feiras e exposições. Com base numa empresa de abrangência internacional a operar no Norte de Portugal, foi administrado o instrumento SERVQUAL a uma amostra de visitantes. O instrumento revelou ser aplicável neste contexto geográfico, tendo apresentado uma boa consistência interna em todas as suas dimensões. Os resultados revelaram uma significativa diferença entre expectativas e percepções e correlações positivas entre as dimensões da avaliação da qualidade e a satisfação global e entre esta variável e a recomendação a terceiros.

PALAVRAS-CHAVE
Qualidade dos Serviços, SERVQUAL, Feiras

ABSTRACT
This research work analyses the evaluation of the quality of the services rendered by a fair organizer. SERVQUAL questionnaire was administered to a sample of visitors of a Fair located in the North of Portugal but working in an international level. The instrument demonstrated its applicability in this geographic and business context showing good internal consistency in all its dimensions. Findings reveal a significant difference between expectations and perceptions and positive correlations between the dimensions of quality, global satisfaction and recommendation to others.

KEYWORDS
Quality in Services, SERVQUAL, Fairs

1. INTRODUÇÃO

À medida que a actual globalização do mercado se acentua, a procura se torna bem mais exigente e a competitividade entre organizadores de feiras se revela cada vez mais acirrada, uma cuidada avaliação e medição da qualidade do serviço prestado quer aos habituais, quer aos potenciais clientes afiguram-se de uma extrema importância. Assim, é fundamental que promotores feirais manifestem empenho em todo o processo da qualidade e participem nele activamente, estando sempre atentos às constantes mutações do mercado e preparados para se adaptar a elas rapidamente, determinando o seu sucesso tanto no presente como no futuro (Sanz).

Assente neste conjunto de pressupostos, o artigo tem como objectivo principal avaliar a qualidade do serviço em feiras, comparando expectativas e percepções dos seus clientes. Além disso, procura-se analisar quais as correlações entre as diferentes dimensões da qualidade de serviços, a satisfação global e a recomendação a terceiros.

Importa mencionar que, aquando do levantamento bibliográfico, constatou-se uma escassez significativa de estudos que se concentrasse na avaliação da qualidade dos serviços em feiras, na análise das suas respectivas dimensões e na pesquisa em prol da identificação das necessidades de serviços de quem frequenta as exposições (Kim). Assim, esperamos, com este estudo, promover a reflexão crítica, desafiando-nos a trazer algum contributo sobre esta temática.

Para o efeito, a presente análise divide-se em duas componentes distintas. A primeira parte refere-se a um enquadramento conceptual relativamente à importância das feiras profissionais, ao papel dos seus organizadores e à avaliação da qualidade em serviços. De carácter empírico reveste-se a segunda parte do artigo, na qual se procede à descrição dos objectivos, da amostra e da metodologia e técnica de recolha de dados que julgamos as mais adequadas, bem como à análise, apresentação e discussão dos resultados obtidos. Esta rubrica encerra com as principais conclusões, as limitações do trabalho e algumas sugestões para futuras pesquisas relacionadas com o tema.

2. AS FEIRAS PROFISSIONAIS E O PAPEL DOS SEUS ORGANIZADORES

As feiras são manifestações comerciais de inquestionável valor, reunindo, no mesmo espaço e num curto período de tempo, uma ampla oferta de produtos, serviços e informação, muitas vezes, rara e única (Quereda e Munuera). Este fenómeno complexo, rico e eficaz para o desenvolvimento económico e empresarial de um país (Castilho e Díaz) contribui igualmente para a criação de emprego, bem como para o crescimento das cidades e da actividade turística (Puchalt; Quereda e Munuera). Sob a perspectiva do marketing, as feiras constituem veículos de comunicação por excelência e uma das formas de promoção mais rentáveis e eficazes (Jiménez et al.) que possibilitam às empresas a divulgação da sua imagem e a notoriedade dos seus produtos (Gopalakrishna et al.; Le Monnier; Hansen).

O sucesso de uma feira depende não só de quem expõe, mas também do organizador e do seu desempenho. Os organizadores de feiras necessitam de colocar nas respectivas feiras um número significativo de visitantes de qualidade (Munuera et al.) e com interesse para os expositores, de organizar bem e com imaginação o espaço da feira e de fomentar bons

negócios. Eles deverão igualmente apostar em força na divulgação do evento através de um bom plano de meios directo e eficaz (Dallmeyer e Almeida *cit. in* Sousa) que inclua diversas actividades promocionais, de forma a que uma feira atinja o seu máximo impacto (Mesonero e Garmendia; Puchalt e Munuera).

Existem ainda outras exigências que devem ser colmatas pelos organizadores de feiras como é o caso da animação dos espaços e dinamização dos eventos. Aquilo que o público pretende é que a feira lhe ofereça demonstrações ao vivo, degustações, *workshops,* produtos interactivos, seminários, congressos, palestras e que haja acompanhamento da imprensa, com vista a cativar mais e melhor audiência para as exposições (Dallmeyer e Siskind *cit. in* Sousa). Daí ser fundamental que os promotores feirais sejam hábeis, inovadores e criativos na oferta de um espaço de acolhimento envolvente, agradável e de qualidade que proporcione comodidade e bem-estar e satisfaça os requisitos lúdicos do público "curioso" (Green et al.; Shores e Scott).

Ser o mais flexíveis e orientados possível para os clientes, empenhando-se na defesa dos seus interesses, procurando conhecer as necessidades de cada um para dar resposta às suas reais motivações (Day), proporcionando um bom serviço desde o primeiro momento, privilegiando o diálogo (Whiteley), a facilidade de contacto com todos os colaboradores (Kotler e Armstrong) e a sua rápida disponibilidade no acompanhamento e na resolução dos problemas detectados são os ingredientes-chave para o sucesso. Expositor e visitante gostam de ser ouvidos e compreendidos e de se sentirem únicos, acarinhados e valorizados, daí a importância em recolher as suas dúvidas, sugestões e críticas, pois, hoje, a vantagem competitiva dos promotores feirais não está apenas na mera satisfação dos clientes. Importa ir mais além, surpreendendo-os e excedendo as suas expectativas (Kano et al.; Brito e Ramos). Por isso, é fundamental para a instituição que os seus públicos-alvo comuniquem o que não está bem por meio de sondagens, entrevistas e inquéritos, vistos como ferramentas de análise para avaliar de que forma a empresa poderá preencher os anseios e requisitos dos seus *targets*, providenciando-lhes serviços de qualidade e excelência (Ham e Krumpe; Loomis). Na realidade, não há melhor indicativo sobre o êxito de um evento do que a opinião positiva de quem nele investiu para participar, seja como expositor ou visitante.

3. **A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE SERVIÇOS**

Parasuraman et al. ("SERVQUAL") definiram cinco dimensões para avaliar a qualidade dos serviços, considerando que existia um número considerável de discrepâncias entre prestador e cliente: *Tangibilidade* (aparência dos elementos físicos); *Fiabilidade* (capacidade para realizar o serviço prometido com prontidão, cuidado e precisão); *Capacidade de resposta* (disposição e vontade para ajudar os clientes e proporcionar um serviço rápido); *Segurança* (conhecimento, atenção e simpatia dos colaboradores e suas habilidades para induzir credibilidade e confiança) e *Empatia* (atenção individualizada aos clientes). Segundo os autores, estas dimensões exercem um forte impacto na satisfação dos consumidores e revelam-se de fulcral importância para as empresas, dado que lhes permitem detectar a origem dos problemas e tomar medidas correctivas no sentido de melhorar a qualidade do serviço prestado.

Parasuraman et al. ("A Conceptual Model," "SERVQUAL") definem a qualidade do serviço como a diferença entre as expectativas que os clientes têm relativamente ao desempenho do serviço prestado e as percepções acerca do serviço efectivamente recebido. É assim que,

para avaliar esse desajuste, os autores propõem o Modelo dos Cinco *Gaps*, os quais podem dificultar a capacidade do prestador em fornecer o serviço esperado, sendo eles: o conhecimento do mercado, a padronização do serviço, o desempenho do serviço, a comunicação com o mercado e a qualidade do serviço. Enquanto que as primeiras quatro lacunas decorrem do surgimento de incongruências no âmbito organizacional interno, o quinto *gap* posiciona-se mais concretamente ao nível do cliente, permitindo aos gestores ter a noção das disfunções da qualidade por ele percebidas e descobrir as formas mais adequadas de as prevenir ou eliminar em busca da sua satisfação (Berry e Parasuraman; Zeithaml e Bitner).

Partindo da definição das cinco dimensões, Parasuraman et al. ("SERVQUAL") conceberam a escala SERVQUAL, cujo intuito era o de receber informação acerca do que as empresas e os seus clientes entendiam como atributos primordiais da qualidade de serviços, por um lado, e os motivos das discrepâncias entre ambas as visões, por outro. O instrumento é composto por 22 itens, sendo pedido aos entrevistados que respondam com base numa escala de *Likert* de 5 pontos (desde "Discordo totalmente" até "Concordo totalmente") sobre o que esperam do serviço e como o percepcionam. Após recolha dos dados são comparadas as duas secções, calculando-se as diferenças para se obter os *gaps* do serviço. Se a distância entre expectativa e percepção for elevada, menor será a qualidade do serviço; porém se esse distanciamento for mínimo maior será a satisfação do cliente relativamente ao serviço oferecido (Parasuraman et al., "SERVQUAL").

O SERVQUAL tem assumido uma ampla expressão no seio das comunidades científica e empresarial, sendo utilizado para a análise da qualidade dos serviços em múltiplos ramos de actividade, como hospitais (Kamil et al.), agências de viagens (Cliff e Ryan; Bigné et al.), bibliotecas (Sanz), comércio (Hermosilla et al.), turismo (Pawitra e Tan), museus (Nowacki), centros comerciais (Alves e Vieira), universidades (Ergang), entre outros sectores.

4. **MÉTODO**

Na sequência da revisão de literatura realizada, este estudo propõe-se responder aos seguintes objectivos:

1. verificar quais as principais dimensões em termos de serviço esperado e serviço recebido;

2. analisar as diferenças entre expectativas e percepções relativamente às dimensões da qualidade em serviços feirais e

3. avaliar as correlações existentes entre "percepções," "satisfação global" e "recomendação a terceiros".

A fim de aplicar a metodologia num cenário real, e dada a sua natureza exploratória, o presente estudo foi realizado numa empresa portuguesa prestadora de serviços na área de organização de feiras, eventos e congressos com intervenção nacional e internacional.

Foi utilizada uma amostra não probabilística de conveniência, constituída por 105 indivíduos de ambos os sexos, com idades entre os 18 e os 64 anos, na maioria provenientes do Grande Porto, tendo todos eles usufruído dos serviços prestados pela referida empresa.

Como técnica de recolha de dados, adoptou-se o método quantitativo baseado num questionário aplicado individualmente, em Março de 2010. A escala SERVQUAL foi adaptada pela autora e os seus itens estruturados em duas secções destinadas a avaliar expectativas e percepções. A "Satisfação global" foi medida através de uma escala criada constituída por cinco itens. A "Recomendação a terceiros" foi analisada através de um único item. Os itens foram classificados pelos entrevistados através de uma escala de *Likert* de 5 pontos desde "Discordo totalmente" até "Concordo totalmente". Antes da aplicação do inquérito, foi efectuado um pré-teste a 10 indivíduos, para averiguar possíveis falhas quanto à sua redacção, não se justificando reformulações pertinentes.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. **PERFIL DA AMOSTRA**

A amostra era constituída por 56% de mulheres e 44% de homens, com idades entre os 18 e os 64 anos (M=37,39; DP=10,63). O número de indivíduos com o ensino secundário representava a maioria da amostra (57%), enquanto que cerca de um terço (32,5%) possuía habilitações académicas superiores e apenas 10,5% tinha o ensino primário. Relativamente ao distrito de residência, os entrevistados eram provenientes do Porto (91,4%), Braga (3,8%), Aveiro (2,9%) e Lisboa (1,9%).

5.2. **CONSISTÊNCIA INTERNA DAS ESCALAS**

A consistência interna das várias dimensões da escala SERVQUAL foi verificada através do Coeficiente Alpha. Todas as dimensões, quer ao nível das expectativas, quer ao nível das percepções, apresentavam uma boa consistência interna, com valores entre α=0.76 e α=0.93 (Tabela 1). Estes resultados são compatíveis com os obtidos em estudos anteriores que usaram a escala SERVQUAL em diferentes contextos sectoriais (Parasuraman et al., "Refinement"; Pawitra e Tan; Bigné et al.; Nowacki; Jafarpour; Alves e Vieira; Ergang).

Foi igualmente avaliada a consistência interna da escala de "Satisfação global", tendo-se obtido o resultado de α=0.90.

Tabela1. Consistência interna das dimensões

Dimensões SERVQUAL (Expectativas)	Coeficiente Alpha		Dimensões SERVQUAL (Percepções)	Coeficiente Alpha
Tangibilidade	0.78		Tangibilidade	0.81
Fiabilidade	0.86		Fiabilidade	0.91
Capacidade de Resposta	0.76		Capacidade de Resposta	0.89
Segurança	0.92		Segurança	0.88
Empatia	0.80		Empatia	0.93

5.3. **VALORES MÉDIOS DAS DIMENSÕES SERVQUAL (EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES)**

O passo seguinte foi uma análise descritiva dos dados, identificando, por ordem de importância, o valor médio e respectivo desvio-padrão de cada dimensão (Tabela 2). Dos resultados alcançados observa-se que os respondentes ordenam de modo distinto as primeiras três dimensões, quer em termos de expectativas, quer em termos de percepções. No que respeita às expectativas, os clientes identificam como critério mais relevante a "Fiabilidade" (M=4,64; DP=0,51), seguida da "Segurança" (M=4,59; DP=0,60) e da "Capacidade de resposta" (M=4,53; DP=0,54) e, por fim, a "Tangibilidade" (M=4,51; DP=0,57) e a "Empatia" (M=4,39; DP=0,60). Ao nível das percepções, o público aponta como dimensão mais forte na qualidade dos serviços prestados por um recinto feiral a "Segurança" (M=3,75; DP=0,83), depois a "Capacidade de resposta" (M=3,71; DP=0,78), seguida da "Fiabilidade" (M=3,65; DP=0,86) e da "Tangibilidade" (M=3,55; DP=0,76) e, em quinto lugar, a "Empatia" (M=3,49; DP=0,94).

No sentido de confirmar a ordenação das dimensões procedemos à comparação entre médias através de um teste T com amostras emparelhadas (*paired samples T Test*) quer ao nível das expectativas, quer ao nível das percepções. No que diz respeito às expectativas, concluiu-se que as três primeiras dimensões "Fiabilidade," "Segurança" e "Capacidade de Resposta" não se distinguem entre si (p>0,05), pelo que formam um grupo ao qual é atribuída maior importância. Em segundo lugar, com uma diferença significativa (p<0,05), surge a dimensão "Tangibilidade". E, finalmente, em terceiro lugar, aparece a dimensão "Empatia" (p<0,05). Quanto às dimensões percepcionadas, constatou-se que o primeiro grupo ao qual os inquiridos conferem maior relevância é composto pelas dimensões "Tangibilidade," "Segurança," "Capacidade de Resposta" e "Fiabilidade," dado não existirem diferenças consideráveis entre elas (p>0,05). De seguida, situa-se a dimensão "Empatia," colocando-a em última posição do *ranking* (p<0,05).

Os dados mostram-se concordantes com os de Parasuraman et al. ("SERVQUAL") e Alves e Vieira, nos quais a "Fiabilidade" foi considerada pelos clientes a mais importante das cinco dimensões na gestão das suas expectativas, enquanto que os "Elementos tangíveis" e a "Empatia" foram encarados como os critérios menos relevantes na sua perspectiva. Também Sanz e Bigné et al. detectaram que a "Fiabilidade" era a que desempenhava o papel mais preponderante na óptica dos utentes de serviços bibliotecários e agências de viagens, respectivamente. Contrariamente aos nossos resultados encontram-se os de Cliff e Ryan obtidos aquando da sua investigação a agências de viagens, na qual os clientes apontavam os "aspectos físicos" (*tangibilidade*) e a "perícia dos profissionais" (*segurança*) como os elementos mais importantes na avaliação da qualidade, estando menos preocupados com a *fiabilidade* do serviço prestado.

5.4. **AVALIAÇÃO DOS SERVIÇOS ENTRE EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES**

De forma a obter as discrepâncias (*gaps*) entre expectativas e percepções recorremos à comparação entre médias através de um teste T com amostras emparelhadas (*paired samples T Test*) (Tabela 2).

Tabela 2. Valores médios das dimensões SERVQUAL (expectativas e percepções)

Dimensões SERVQUAL	Expectativas Média (Desvio padrão)	Percepções Média (Desvio padrão)	Diferença das Médias (gaps)	Sig.
Empatia	4,39 (0,60)	3,49 (0,94)	,90	,000
Tangibilidade	4,51 (0,57)	3,55 (0,76)	,96	,000
Fiabilidade	4,64 (0,51)	3,65 (0,86)	,99	,000
Capacidade de Resposta	4,53 (0,54)	3,71 (0,78)	,82	,000
Segurança	4,59 (0,60)	3,75 (0,83)	,84	,000

Globalmente, o valor das expectativas é superior às percepções para as cinco dimensões (p<0,05). Com base nas diferenças dos valores médios, observa-se que a "Fiabilidade" é a que se encontra mais distante da qualidade, obtendo um índice considerável de 0,99. Em contrapartida, constata-se que a "Capacidade de resposta" é a que se afasta menos da qualidade do serviço. Contudo, embora esta dimensão não seja uma questão prioritária, poderá ser vista como um sinal de alerta, dado que apresenta um valor bem significativo de 0,82.

Os resultados obtidos são compatíveis com os que foram encontrados por Sanz, Bigné et al. e Ergang que concluiram que existiam deficiências no serviço quanto ao critério da "Fiabilidade".

5.5. **CORRELAÇÕES ENTRE A PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DOS SERVIÇOS, SATISFAÇÃO GLOBAL E RECOMENDAÇÃO A TERCEIROS**

Para analisar as possíveis relações entre as variáveis da escala utilizamos a correlação. Numa primeira etapa correlacionamos a percepção da qualidade dos serviços e satisfação global, sendo as dimensões "Capacidade de resposta" (r=0,557, p<0,01) e "Segurança" (r=0,511, p<0,01) aquelas que apresentaram o valor de *Pearson* mais elevado. Numa segunda fase relacionamos a percepção da qualidade e recomendação a terceiros, obtendo-se como correlações mais fortes as dimensões "Capacidade de resposta" (r=0,552, p<0,01) e "Segurança" (r=0,512, p<0,01) (Tabela 3).

Tabela 3. Correlações entre percepção da qualidade, satisfação global e recomendação a terceiros

Dimensões SERVQUAL (Percepções)	Satisfação global	Recomendação a terceiros
Tangibilidade	,330(**)	,341(**)
Fiabilidade	,412(**)	,380(**)
Capacidade de Resposta	,557(**)	,552(**)
Segurança	,511(**)	,512(**)
Empatia	,501(**)	,468(**)

** Correlação é significante abaixo de 0,01

Idênticas conclusões foram também extraídas de trabalhos de outros autores como Hermosilla et al., Pawitra e Tan e Nowacki, que atestaram uma correlação positiva entre a percepção da qualidade dos serviços prestados e a satisfação global, evidenciando, assim, que as necessidades e expectativas dos inquiridos foram, de uma maneira geral, atendidas. De igual modo, numa pesquisa realizada por Kamil et al., verificou-se uma correlação entre as dimensões da percepção da qualidade dos serviços hospitalares e a satisfação dos pacientes. Também no estudo levado a cabo por Kim, comprovou-se a existência de uma relação significativa entre a percepção da qualidade dos serviços prestados em feiras e a satisfação global dos expositores.

A última etapa da análise prendeu-se com a correlação entre satisfação global e recomendação a terceiros, verificando-se uma correlação alta de 0,88 (p<0,01). Estes resultados são compatíveis com os alcançados por Pawitra e Tan, estudo no qual os clientes admitiam revisitar o local e recomendá-lo a terceiros.

6. **CONCLUSÕES**

Neste estudo foi possível verificar que a escala SERVQUAL se adequa satisfatoriamente à avaliação da qualidade de serviços em feiras, tendo-se obtido uma boa consistência interna em todas as cinco dimensões originais. Significa que o modelo de Parasuraman et al. ("A Conceptual Model," "SERVQUAL") é válido e aplicável a outros cenários distintos dos que foram utilizados nos estudos originais, quer ao nível de área geográfica, quer ao nível de ramo de actividade, como é o caso do sector de feiras e exposições.

Ao nível das expectativas, o público aponta a "Fiabilidade" e a "Segurança" como as dimensões mais fortes na avaliação da qualidade em serviços feirais. Ao nível das percepções, as dimensões que obtiveram médias mais elevadas foram a "Segurança" e a "Capacidade de resposta".

Globalmente, o valor das expectativas foi superior ao das percepções para as cinco dimensões, o que significa que a qualidade percebida dos serviços em feiras ficou aquém do expectável.

Verificou-se a existência de uma correlação significativa entre as cinco dimensões da avaliação da qualidade e a "Satisfação global". No caso da empresa em estudo, quanto mais trabalhadas forem as dimensões "Capacidade de resposta" e "Segurança," maior será a satisfação dos clientes no cômputo geral. Relativamente à recomendação a terceiros, o que é mais importante a este nível na perspectiva do público são, novamente, as dimensões "Capacidade de resposta" e "Segurança". Tal constatação denota que a aposta nestas determinantes deverá ser cada vez mais forte rumo à excelência da qualidade dos serviços e à superação das expectativas. Finalmente, verificou-se uma alta correlação entre a "Satisfação global" e a "Recomendação a terceiros" o que significa que os utilizadores destes serviços, uma vez satisfeitos, apresentam uma forte tendência para recomendar o serviço a terceiros, divulgando assim, uma imagem positiva da empresa.

Apesar das conclusões retiradas é possível identificar algumas limitações no presente estudo. Dado que foi usada uma amostra não probabilística de conveniência torna-se difícil extrapolar os resultados para o universo. Futuras investigações poderiam ser estendidas a

outros organizadores de feiras em Portugal, de modo a tornar a análise mais completa e abrangente.

Por outro lado, seria também vantajoso levar em consideração outros pontos de vista como os dos expositores, fornecedores, colaboradores e até os próprios gestores da organização, de forma a obter um retrato mais rico sobre a realidade actual da qualidade do sector.

Seria igualmente interessante que se analisassem outros indicadores demográficos, designadamente a situação profissional, o rendimento mensal ou os hábitos comportamentais, sendo uma boa oportunidade para verificar se cada um destes factores exerce alguma influência na avaliação da qualidade dos serviços feirais.

Finalmente, e de forma a complementar a abordagem quantitativa inerente ao SERVQUAL, seria pertinente, em investigações vindouras, recorrer a outras formas de medição da qualidade baseadas em técnicas qualitativas como entrevistas individuais e *focus group,* no sentido de se obter uma informação substancial e profunda.

BIBLIOGRAFIA

Alves, Ana, e Aníbal Vieira. "A qualidade como factor de competitividade – medição da qualidade nos serviços". *Conocimiento, innovación y emprendedores: camino al futuro* .Fev. (2007): 3249-32.

Berry, Leonard, e A. Parsu Parasuraman. "Service Marketing Starts from Within". *Marketing Management* 1.1 (1992): 25-34.

Bigné, Enrique, et al. "SERVQUAL Reliability and Validity in Travel Agencies". *Annal of Tourism Research* 30.1 (2003): 258-62.

Brito, Carlos, e Carla Ramos. *Comércio electrónico – relação com parceiros de negócios*. Porto: Sociedade Portuguesa de Inovação, 2000.

Castilho, Francisco, e Pedro Díaz. "Las ferias comerciales y el marketing electrónico: un análisis comparativo". *Información comercial espanõla: revista de economía* Jan.-Fev.840 (2008): 141-53.

Cliff, Andrew, e Chris Ryan. "Do Travel Agencies Measure up to Customer Expectation? An Empirical Investigation of Travel Agencies' Service Quality as Measured by SERVQUAL". *Journal of Travel & Tourism Marketing* 6.2 Maio (1997): 1-31.

Day, George. "The Capabilities of Market-Driven Organizations". *Journal of Marketing* .58 (1994): 37-52.

Ergang, Sandro. *Estratégias de marketing de relacionamento na rede sinodal de educação: a relação entre as expectativas e a percepção da qualidade em serviços*. Diss. Mestrado, U Santa Maria, Brasil, 2007.

Gopalakrishna, Srinath, et al. "Do Trade Shows Pay Off?" *Journal of Marketing* .59 Jul (1995): 75-83.

Green, Gary, et al. "Construction and Validation of the National Survey on Recreation and the Environment's Lifestyles Scale". *Journal of Leisure Research* 38.4 (2006): 513-35.

Ham, Sam, e Edwin Krumpe. "Identifying Audiences and Messages for Non-Formal Environmental Education - A Theoretical Framework for Interpreters". *Journal of Interpretation Research* 1.1 (1996):11-23.

Hansen, Kare. "Measuring Performance at Trade Shows. Scale Development and Validation". *Journal of Business Research* 57.1 (2004):1-13.

Hermosilla, José, Graziela Rodrigues, e Ana Colenci. "Diferenças nas percepções de qualidade em serviços: um estudo de caso". *XXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Curitiba, Brasil, 23-25 Outubro, 2002*.

Jafarpour, Delbar. *The Impact of Online Trading on Customer Satisfaction in Tehran Stock Exchange*. Diss. Mestrado, Lulea University of Technology, 2006.

Jimenez, José, Isabel Cazorla, e Emilia Linares. "Ferias comerciales en España. Un análisis sectorial". *Distribución y consumo* 12.61 Jan.-Fev. (2002): 61-71.

Kamil, Insannul, et al. "Service Quality Analysis using Servqual Method – Case Study: MH Hospital". Proceedings International Seminar on Industrial Engineering and Management, Menara Peninsula, Jakarta, 29 e 30 Agosto, 2007.

Kano, Noriaki, et al. "Attractive Quality and Must-Be Quality". The Journal of the Japanese Society for Quality Control 14.2 Abr. (1984): 39-48.

Kim, Namsu. "The Relationship between Exhibitors' Show Performance and the Service Quality of Trade Shows: Research Based on International Trade Shows Held in Korea". International Business Research Seminar. George Washington University. 24 Abr. 2008.

Kotler, Philip, e Gary Armstrong. *Princípios de marketing*. 7ª ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1998.

Le Monnier, Fernando. *Marketing ferial. Cómo gestionar y rentabilizar la participación en salones profesionales*. Barcelona: Ediciones Gestión 2000, 2000.

Loomis, Ross. "How Do We Know What the Visitor Knows?: Learning from Interpretation". *Journal of Interpretation Research* 1.1 (1996): 39-45.

Mesonero, Mikel, e Fermín Garmendia. "Comunicaciones integradas feriales o cómo planificar con éxito una feria industrial". *Revista de dirección y administración de empresas,* .11 Mar. (2004): 109-29.

Munuera, Jose, Miguel Hernández, e Salvador Ruiz. "Planificación de las ferias como actividades del marketing". *ESIC Market* Jan.-Mar. (1995): 9-30.

Nowacki, Marek. "Evaluating a Museum as a Tourist Product Using the Servqual Method". *Museum Management and Curatorship* 20.3 (2005): 235-50.

Parasuraman, A. Parsu, Valarie Zeithaml, e Leonard Berry. "A Conceptual Model of Service Quality and Its Implications for Future Research". *Journal of Marketing* 49.4 (1985): 41-50.

---. "SERVQUAL: A Multiple- Item Scale for Measuring Customer Perceptions of Service Quality". *Journal of Retailing* 64.1 (1988): 12-40.

. "Refinement and Reassessment of the SERVQUAL Scale" *Journal of Retailing* 67.4 (1991): 420-50.

Pawitra, Theresia, e Kay Tan. "Tourist Satisfaction in Singapore – A Perspective from Indonesian Tourists". *Managing Service Quality* 13.5 (2003): 399-411.

Puchalt, Juan. "La actividad ferial en el contexto europeo". *Información comercial española: revista de economía* .840 Jan.-Fev. (2008): 29-50.

Puchalt, Juan, e José Munuera. "Panorama internacional de las ferias comerciales". *Información comercial española: revista de economía* Janeiro-Fevereiro, 840, 2008: 7-28.

Quereda, Pedro, e José Munuera. "El consumidor hedonista: la oportunidad para las ferias". *Información Comercial Espanõla*: *Revista de Economía* .840 Jan.-Fev. (2008): 93-103.

Sanz, Celia. "Evaluación de la calidad del servicio de préstamo de una biblioteca universitaria". *Revista general de información y documentación* 10.1 (2000): 211-23.

Shores, Kindal, e David Scott. "The Relationship of Individual Time Perspective and Recreation Experience Preferences". *Journal of Leisure Research* 39.1 (2007): 28-59.

Sousa, Cláudia. "Participação em feiras: conselhos para maximizar o sucesso". *Revista festas & eventos* .Fev. (2008). Internet. 03 Jan. 2010. <http://www.festaseeventos.net/>.

---. " Feiras: tendências e futuro". *Revista festas & eventos* .Out. (2007). Internet. 03 Jan. 2010. <http://www.festaseeventos.net/>.

Whiteley, Richard. *A Empresa totalmente voltada para o cliente*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

Zeithaml, Valerie, e Mary Bitner. *Marketing de serviços: a empresa com foco no cliente*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

TEORIA DA INFORMAÇÃO E CONCEPÇÃO POÉTICA EM SALETTE TAVARES[30*]

Rui Torres
Professor Associado
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
rtorres@ufp.edu.pt

Débora Cristina Santos e Silva
Pós-doutorada em Literatura e Hipermédia
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
Professora Titular
Universidade Estadual de Goiás, Anápolis GO, Brasil
Centro Universitário de Anápolis, Anápolis GO, Brasil
desants@uol.com.br

30 * Artigo escrito no âmbito do projecto "PO.EX'70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa," financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com fundos do MCTES, com co-financiamento da União Europeia, COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade/QREN/FEDER (Refª: PTDC/CLE-LLI/098270/2008).

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 240-251 (2010)
Submetido/Submitted: 14 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 13 Jul. 2010

RESUMO

Um dos contributos mais significativos do experimentalismo literário português do século XX foi a atitude auto-reflexiva do fazer poético. Na esteira de outros precursores, muitos poetas se ocuparam de traçar as bases teóricas das suas concepções estéticas. É este o caso de Salette Tavares, cuja actividade intelectual, intensa e dinâmica, premiou o acervo da literatura experimental portuguesa com textos teóricos relevantes. Neste artigo, apresentamos as considerações da autora a respeito da aplicação da teoria da informação à percepção estética, de Abraham Moles, num momento em que se debruçava sobre o seu próprio processo de criação e comunicação literária.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Experimental. Teoria da Informação. Comunicação Literária.

ABSTRACT

One of the most significant contributions of the literary experimentalism of the twentieth century was the self-reflexive stance of the poetical creation. In the wake of other precursors, many poets have addressed the theoretical basis of their creative work. That is the case of Salette Tavares, whose intense and dynamic intellectual activity has granted the collection of experimental Portuguese literature with relevant theoretical texts. In this essay, the author's considerations about Abraham Moles' application of information theory to aesthetic perception is presented, at a time in which she was reflecting about her own creative and communicational literary processes.

KEYWORDS

Experimental Literature. Information Theory. Literary Communication.

INTRODUÇÃO

O cenário da segunda metade do século XX foi marcado pelas consequências inevitáveis da chamada revolução tecnológica. Nesse contexto, a literatura salta das páginas do livro e do espaço reservado do quarto de leitura ou da biblioteca para as ruas da cidade - nos jornais, nos cartazes, nos grafites, nas performances públicas e nos média em geral. A poesia ressente-se desse estado de coisas e proclama novas formas de criação estética, pelas quais a palavra se liberta das amarras da sintaxe normativa e assume sua vocação metafórica pela via da construção imagética. Desta forma, palavra e imagem se (con)fundem numa proposta de renovação estética que busca a apreensão dos processos de comunicação desse Novo Mundo que desperta na passagem para o século XXI.

Não restam dúvidas de que a poesia concreta, tendência de carácter internacional que teve na actuação dos escritores brasileiros marcada expressividade, como explica Risério no seu *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital* (81), foi essencial nesse momento de transição para a movimentação daquilo a que em Portugal se convencionou chamar de poesia experimental, da qual participa activamente a poeta Salette Tavares, não somente como uma das pioneiras do movimento, mas também como representante autêntica da vertente experimentalista da poesia que se faz em Portugal nessa altura, em consonância com as descobertas coetâneas da comunicação verbovocovisual.

Não é sem razão que a aplicação da teoria da informação à percepção estética, feita por Abraham Moles, tenha estado na base de algumas concepções poéticas da época, assumindo um papel relevante na obra de Salette Tavares, como bem acusam as suas reflexões teóricas acerca do fazer poético na sua produção crítica, assim como a sua própria produção poética, enquanto artista interessada na intermedialidade das formas. Nos seus textos teóricos, a poeta discute também os pontos essenciais da teoria de Moles, avaliando a sua abrangência e o seu alcance interpretativo face à poesia emergente desses novos espaços expressivos, conjugando diferentes suportes, recursos e materiais, em construções que conclamam a participação activa do fruidor/utente/leitor, como elemento essencial do próprio processo criativo na experiência estética.

1. TEORIA DA INFORMAÇÃO E PERCEPÇÃO ESTÉTICA

A obra *Information Theory and Esthetic Perception*[31] é, como o próprio título indica, uma tentativa de aplicação da teoria da informação à análise da percepção estética, lidando por isso com conceitos familiares à teoria matemática da comunicação,[32] mas também à psicologia da percepção. O seu autor, Abraham Moles, concentra, mas não limita, a sua análise às mensagens de cariz sónico, isto é, às artes musicais. Além da aplicação da teoria da informação

31 É aqui usada a tradução inglesa de Joel E. Cohen (1966), que foi revista e aumentada pelo próprio Moles. O original em francês, *Théorie de l'information et percéption esthétique*, foi publicado em 1958.

32 Para estudar as bases da Teoria Matemática da Informação, de que não nos ocuparemos, ver *The Mathematical Theory of Information* (Urbana: University of Illinois Press, 1949), que reproduz um ensaio de Claude Shannon, "The Mathematical Theory of Communication," e outro de Warren, "Recent Contributions to the Mathematical Theory of Communication".

à percepção estética, Moles propôs ainda esquemas para possíveis aplicações da teoria da informação: ao fenómeno da linguagem, à análise fonética experimental, entre outros.

A teoria da informação interessou a uma série de autores da área das ciências humanas que dela fizeram uso para as investigações relacionadas com a psicologia, a música e a literatura. Entre os seus divulgadores, podemos contar não só Moles, mas também Max Bense, Umberto Eco e Gillo Dorfles. É através destes autores que Salette Tavares parece tomar conhecimento da teoria da informação.

O ponto central da teoria da informação é o da "descoberta" da materialidade da informação. A primeira consequência observável desta materialidade é a possibilidade de fazer uma aproximação aos fenómenos comunicacionais de uma forma objectiva, uma vez que aquilo que é material, é também mensurável. A possibilidade de quantificar a qualidade faz parte de um projecto que tinha por intenção abandonar uma estética, considerada obsoleta, baseada em critérios de valor centrados à volta da noção do Belo. Assim, a possibilidade de analisar o nível informacional das mensagens de uma forma estatística exerce o seu fascínio nas ciências sociais e humanas, já que elas carecem historicamente de um método estrutural que torne os resultados das suas investigações "palpáveis".

A quantidade de informação das mensagens é medida em termos de complexidade, permitindo-nos distinguir desde logo a informação de outros conceitos próprios dos estudos literários, tais como os de significação e sentido. Ao contrário da informação, que é uma medida de complexidade transmitida do emissor ao receptor, o significado de uma mensagem precede o emissor e o receptor, que apenas colocam esse mesmo significado em acção através da significação. O significado é, por isso, um dispositivo accionado pelo receptor como resposta à mensagem-significante veiculada pelo emissor, enquanto que a informação transmitida é algo concreto e passível de ser medida com relação às mudanças que opera efectivamente no receptor.

Nem sempre o receptor humano prefere grandes quantidades de informação. Se um maior grau de informação (de diferença) significa uma possibilidade de mudança, já um maior grau de inteligibilidade (de semelhança) poderá promover a continuidade e a segurança. É neste sentido que a informação aparece, em Moles, associada a uma noção de valor. Uma vez que aquilo que é conhecido não modifica, sendo internalizado pelo receptor (Moles 19), o valor aparece associado ao inesperado, ao desconhecido e ao que é original. Parece ser aqui que a poesia experimental encontra uma justificação e um incentivo para a sua postura de procura da novidade e da inovação.

Seguindo esta linha de pensamento, verifica-se que o inteligível é menos complexo e, portanto, mais banal. Como a etimologia da palavra, *interligere*, nos lembra, ser inteligível significa estabelecer o máximo número de ligações possíveis. Trata-se, portanto, daquilo que é mais comum ou, como assegura Moles, "[g]enerally speaking, intelligibility varies inversely as information". (54)

Neste sentido, a teoria da informação serve o propósito ideológico da arte moderna de duas formas distintas. Por um lado, ela declara a inovação como mito fundador da arte. Por outro lado – como tem consciência Moles no prefácio à tradução inglesa que aqui usamos – a teoria da informação é uma teoria estruturalista, assumindo que o mundo pode ser dividido em elementos de uma estrutura ou que a arte pode ter um programa objectivo e materialista.

Em termos da sua aplicação a critérios de avaliação literários, interessa reter que um elevado nível de informação surge associado, por via da originalidade, ao inusitado, requerendo um maior nível de reflexão, atenção e dedicação por parte do leitor.

Mesmo assim, devemos acautelar que uma acção totalmente inesperada, possuidora de uma quantidade absoluta de informação, caso acontecesse, poderia não ser, de todo, descodificada pelo receptor. É por isso que um conceito central na teoria da informação é o de *redundância*. Ao contrário da informação, a redundância expressa aquilo que é supérfluo, mas necessário, numa mensagem. Em termos de comunicação, é exactamente essa redundância que garante que a mensagem é transmitida no caso de um erro no canal, por exemplo. Isto porque é a redundância que permite ao receptor reconstruir a mensagem e saber por antecipação o que está a ser transmitido.

Estes pressupostos levam-nos a concluir que o receptor humano apenas consegue apreender, como forma, uma reduzida parte do total de informação que se lhe apresenta. Quando tal não se verifica, isto é, quando

> this maximum flow is exceeded, the individual selects, with the aid of criteria derived from his previous experience, forms from the message presented to him. (...) If the criteria fail him, the individual is overwhelmed, left behind by the originality of the message; he loses interest. (Moles 74)

A teoria da informação estabelece desta forma uma série de oposições dicotómicas que definem a forma contraditória como o ser humano se coloca perante o acto comunicacional, de que o binómio banalidade/originalidade (ou redundância/informação, ou ainda ordem/desordem) é o mais conhecido. A aplicação da teoria da informação à percepção estética terá que ter em consideração estes assuntos.

Uma outra distinção a que Moles faz referência na sua análise do espectro sonoro da mensagem musical é a que distingue entre *ruído* e *sinal*. Para Moles, pelo menos em termos estruturais, ruído e sinal são da mesma natureza, sendo a intencionalidade do segundo o aspecto diferencial: o ruído é um sinal que o emissor não pretendeu transmitir (Moles 79). Esta distinção é importante se tivermos em conta, como Moles lembra, que o ruído é o "backdrop of the universe". (85) Na verdade, não há sinal sem ruído, uma vez que todo o sinal *sai* do ruído. O ruído é, assim, um permanente aviso ao ser humano acerca da sua limitação em relação à apreensão e compreensão do universo em que vive. Nem sempre uma forma sobressai desse "fundo" de ruído total (Moles 86) – e deste modo a relatividade da própria matéria e dos valores coloca a teoria da informação no trajecto das poéticas que tentam relativizar a perfeição do aparelho perceptor humano ou da referencialidade da linguagem.

2. TEORIA DA INFORMAÇÃO E OPERAÇÃO DE LEITURA

Como referimos anteriormente, para Moles, a relação entre originalidade e redundância é dialéctica. Por um lado, a redundância é determinada com base no que já sabemos, no que constitui o nosso reportório. Por outro lado, esse mesmo reportório é aumentado com o processamento de nova informação. Mas, visto que cada pessoa tem o seu próprio reportório, cada receptor encontra a sua própria redundância e a sua própria informação, em função da sua sabedoria, dos seus hábitos mentais e da sua educação (Moles 125). É a identificação

deste espaço de criação individual que determina o modo como o receptor recebe e interpreta a mensagem, promovendo sempre uma "operação de leitura" diferente.

Vários autores abordam este mesmo problema, usando uma terminologia diferente: Moles fala ainda num "sociocultural scoreboard" (86) e Umberto Eco em "campo de relações" (*Obra aberta* 19). Sabemos, a partir deste último, que os textos têm espaços em branco que permitem ao leitor estabelecer as suas próprias relações de significação. Neste sentido, haverá sempre algo de novo para descobrir com uma nova leitura. Também Moles defende que quando um leitor relê um livro ou ouve uma sinfonia pela segunda ou centésima vez, "still he never knows the message so exactly, so perfectly, and in such detail that he gains absolutely nothing new from it". ("Teoria da Informação e Abraham Moles"127) Isto é, a mensagem nunca é totalmente banal/conhecida para ele/a.

Vem isto a propósito de uma distinção fundamental que Moles estabelece a partir da teoria da informação entre aquilo a que chama *informação semântica* e *informação estética*. Esta distinção permite diferenciar dois modos de informação presentes em toda e qualquer mensagem. Moles entende estes dois tipos de informação como pontos de vista distintos. O ponto de vista semântico é um "logical, structured, expressible, translatable viewpoint [que] prepares actions" (128), enquanto que o ponto de vista estético é intraduzível, não existindo autonomamente como linguagem. A intenção do último é alterar e modificar estados de consciência e, para isso, refere-se a um reportório individualizado e particular.

Max Bense dá também um lugar de destaque à teoria da informação na elaboração da sua estética, com o objectivo de explicar a realidade estética como uma realidade autónoma face à realidade física. Bense diferencia, à semelhança de Moles, um processo lógico, "o provável, o costumeiro, o não-surpreendente" e um processo estético, a que está associado "o improvável, o não costumeiro, o surpreendente". (172) Esta diferenciação entre o provável, o costumeiro e o não-surpreendente, "produz o verdadeiro ou o falso," ao passo que a diferenciação do improvável, do não costumeiro e do surpreendente "produz a diferença entre aquilo que, sumàriamente, chamamos belo e não belo". (Bense 172)

Colocados no plano da retórica, há, na poesia experimental, uma substituição da lógica sintáctica (aristotélica, silogística) pela ideogramática (rizomática). Desta forma, a poesia alcança a sua autonomia enquanto discurso estético, fora do alcance do discurso lógico-linear, num diálogo permanente e profícuo com todas as modalidades de arte e de meios de comunicação.

3. **TEORIA DA INFORMAÇÃO E POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA**

Diante do exposto, é-nos agora possível traçar relações com a produção poética de natureza experimental, uma vez que a primeira lança luzes para a compreensão dos procedimentos estéticos da segunda. Com efeito, esta teoria fez parte das reflexões dos diversos autores da poesia experimental portuguesa, além de Salette Tavares, como por exemplo E. M. de Melo e Castro e António Aragão. A produção poética desses autores serve bem para elucidar os conceitos desenvolvidos por Moles na sua teoria. Para estes autores, a informação é algo fundamental no estudo da obra de arte. Assim, as relações entre ordem e desordem, entre redundância e originalidade, são fundamentais para entender os princípios gerais da sua produção poética.

A capacidade de inovar, multiplicando as relações semânticas e criando sensações estéticas novas no receptor, está relacionada com o poder, próprio da poesia, de renovar as estruturas parasitárias criadas pelo uso regular da linguagem. A atenção que a poesia experimental coloca na materialidade da linguagem ou na sua tentativa de tornar visível o código, porém, contribui para uma maior dificuldade de descodificação e compreensão por parte do leitor. Como explica Haroldo de Campos, a poesia "vai crescendo em complexidade, o auditório vai carecendo de elementos redundantes, de normas, que o ajudem a decodificá-la". (153)

Por isso, a relação entre a poesia experimental e a teoria da informação, em particular através da obra de Moles, é veiculada pelos poetas experimentalistas portugueses de um modo quase pedagógico. António Aragão refere-se abertamente a Moles e à teoria da informação em textos que acompanham as suas exposições. Também José Blanc de Portugal usou o seu programa radiofónico de crítica literária emitido entre Agosto e Outubro de 1964, na Emissora Nacional, para explicar a teoria da informação. Num contexto em que analisava a poesia do grupo da PO.EX, Blanc de Portugal sentiu necessidade de explicar conceitos como os de informação e entropia, o que nos parece revelador acerca da importância destas teorias para os poetas em análise.

E. M. de Melo e Castro e Ana Hatherly chegam mesmo a considerar que a teoria da informação e a comunicação de massas são "pedras angulares da vanguarda" (72), visto representarem uma oportunidade para a crítica adquirir "um novo e rigoroso léxico crítico e um poderoso aparelho analítico" (72). E, no livro que sintetiza e introduz a poesia concreta e experimental em Portugal, *A proposição 2.01*, Melo e Castro dá grande importância à teoria da informação, concluindo que

> [o] trabalho criador do artista experimental é precisamente produzir estruturas de grande entropia, pois quanto maior for a entropia dessas estruturas maior e mais vasta será a informação possível; maior será portanto a pluralidade significativa da obra de arte. (100)

Não parecem, portanto, restar dúvidas de que o principal interesse dos poetas destas neovanguardas pela teoria da informação se relaciona com uma espécie de desmistificação que ela opera na criação artística, permitindo definir a função da poesia como a de produção de mecanismos de defesa e de alerta no leitor, mas também a de propor uma metodologia de análise que valide de um modo rigoroso as suas próprias criações poéticas.

4. INFORMAÇÃO ESTÉTICA NA OBRA DE SALETTE TAVARES

A leitura que Salette Tavares faz da obra de Abraham Moles é, sobretudo, uma resenha de cariz informativo. A necessidade de esclarecer e informar está, aliás, associada à teorização generalizada que caracteriza o "movimento" da PO.EX, como notámos atrás: perante um público sem as bases necessárias para a compreensão de uma poesia difícil e opaca, Tavares ensina, mostra e esclarece.

Salette Tavares concorda que o essencial em qualquer forma de arte é o facto de ela proporcionar uma espécie de "crescimento," uma vez que aquilo que a criação propõe não é ainda conhecido, mas antes "qualquer coisa que surgiu como nova e que como tal se propõe à compreensão do público" ("Teoria da Informação e Abraham Moles" 153). Ao declarar que

um maior grau de informação pode alterar o comportamento, presente e futuro, do receptor, a estética informativa indica também um caminho e uma alternativa para a arte moderna escapar à banalização das formas. A informação é, assim, interpretada como novidade e originalidade, da mesma forma que o poético está associado ao surpreendente e a um grau de inesperabilidade.

A teoria da informação surge na *Dialética das formas*[33] de Salette Tavares no seguimento da teoria da abertura da forma poética. A autora reconhece no receptor um papel fundamental na definição da mensagem. Da mesma forma, a medida de informação está directamente ligada a aspectos relacionados com a sua recepção: cada um encontra o seu próprio nível de redundância. Ora, Salette Tavares sugere que a arte deve empregar todas as técnicas ao seu alcance para aumentar a informação e diminuir a redundância, forçando o leitor a procurar no intrincado do texto a significação. Contrapondo a sua voz aos meios de comunicação de massa, que cada vez mais se limitam a replicar redundâncias, a ênfase da arte é colocada nas estruturas criativas e complexas, distinguindo assim o artístico do ritual, o novo do banal.

Uma das técnicas utilizadas por Salette Tavares para aumentar a informação verifica-se na articulação entre poesia e som, *lexis* e *melos*, considerados inseparáveis. A publicação de *Sound and Poetry,* de Northrop Frye, em 1957 (data da edição de *Espelho cego,* primeiro livro de poesia de Salette Tavares) é uma prova do reconhecimento dessa relação como fundadora da própria noção de poesia. A riqueza tímbrica da língua é explorada pela poesia desde muito cedo e os experimentalistas recuperam esse mesmo interesse. Como já referimos, nas origens da aplicação da teoria da informação à percepção estética por Moles (e, igualmente, da teoria da obra aberta de Eco) está um estudo do objecto sónico. A análise musical que Moles faz na sua obra coincide com os interesses de Tavares pela música contemporânea. Moles estudou a música electrónica norte-americana e Salette Tavares conheceu os estúdios europeus de fonologia onde trabalhavam Luciano Berio, Pierre Schaeffer e Pierre Henry, entre outros.

Abundam as referências ao universo sonoro no seu livro *Concerto em Mi Maior para clarinete e bateria*, mas também na sua participação, com Jorge Peixinho e Mário Falcão, no "Concerto e Audição Pictórica," na experimentação sonoro-gráfica das suas kinetofonias e no poema sonoro-informacional "Parlapatisse," publicados nos *Cadernos da Poesia Experimental*.

A poesia de Salette Tavares estabelece uma ligação vital com a música desde cedo, mas é em *Lex Icon* (1971) que essa ligação é mais evidente. É possível observar nesta obra um diálogo com John Cage, por exemplo, e com a *musique concrète* de Pierre Schaeffer e Pierre Henry, frequentemente usada para sugerir uma relação dos objectos com o mundo. É neste sentido que Tavares compara a música moderna com o bater d'"as portas":

33 Obra de Salette Tavares, por publicar, na qual a autora pretendia incluir vários dos seus artigos teóricos.

O som em si
é o ranger das portas
é o bater das portas
de Cage ou Pierre Henry. (Tavares, *Obra poética* 450)

Neste poema, não só tenta Tavares traduzir musicalmente o som das portas através do uso acentuado do encontro consonantal da oclusiva "p" e da vibrante "r," como também o compara às próprias propostas de Cage e Henry para incluir "barulhos" na composição sonora, desse modo aproximando-as do quotidiano em que existem.

No poema "O louceiro" do mesmo livro, é o próprio objecto que é comparado com o processo de composição da música contemporânea:

Um armário de louça é um instrumento moderno
quasi um estúdio de fonologia.
Por isso os armários quando fazem música
têm uma concepção muito peculiar da composição.
Constroem como John Cage porque
conhecem o "Discurso sobre o nada". (Tavares, *Obra poética* 420)

Esta inclinação para o uso criativo da sonoridade das palavras dá lugar a um correspondente teórico, que identificámos no estudo da periodicidade e do ruído. A periodicidade é uma estrutura temporal elementar que está relacionada com a expectativa de se saber o que vai seguir numa mensagem, a quantidade de ordem presente nas organizações temporais (Moles 69) e, por isso, uma das manifestações da redundância, determinando a configuração da mensagem e da sua recepção, mas também especificando a configuração do espaço em branco na folha.

Num nível oposto ao sistema que a periodicidade possibilita, encontramos o ruído. O ruído é a ausência de ritmo e de periodicidade: é a forma em absoluto potencial. O ruído coloca em crise a relação do receptor com a informação, uma vez que obriga o primeiro a reavaliar o que entende por intencionalidade artística e por autoria/autoridade.

Se interpretarmos o ruído como algo aleatório, desprovido de intenção, encontramos no pólo oposto, o da intencionalidade, o sinal. O sinal está na base de toda a semiose humana, possibilitando a percepção, ao contrário do ruído, que a dificulta. No entanto, sinal e ruído são da mesma natureza.

Salette Tavares aborda esta dialética da interpretação no poema "O lixo". Através da exploração de um jogo verbal sugerido por Augusto de Campos num poema em que a palavra "LUXO" aparece preenchida com pequenas reproduções da palavra "LIXO," Tavares faz uma elegia ao último, referindo-se a diferentes fases por que passou até ser "aceite" pelo mundo da arte:

Assim
o LIXO tornou-se uma jóia
e porque raro
o lixo é canto face gesto
mensagem protesto caro. (Tavares, *Obra poética* 436)

Mas nem sempre foi assim. Antes de se tornar "canto," "gesto" e "protesto," o lixo era interpretado como algo repugnante e, como tal, "era espurgado" (435). Só recentemente se tornou "raro" e, por isso, "caro". Assim, a poeta conclui que:

> Noutras eras os lixos de vergonha
> viviam calados
> hoje o lixo é o pretexto
> a matéria do poema
> de raro o lixo é luxo
> e
> só o luxo é lixo como sempre
> disse Augusto de Campos ferozmente. (439)

O lixo é o pretexto do poema de Tavares, servindo para compreender que outros "lixos," hoje "calados," podem no futuro tornar-se luxo e canto. Com isso, Tavares insinua que é possível observar, ao longo dos tempos, maiores e menores níveis de desordem aceites pelas artes. No caso do lixo, a sua "a quantidade de informação… / cresceu" (Tavares, *Obra poética* 436).

Outra distinção proposta por Moles que foi posta em prática por Tavares é aquela que separa em toda a mensagem uma informação semântica e uma informação estética. A separação destes dois pontos de vista da informação é importante porque vem mostrar, como diz Tavares, que "o próprio da obra de arte é transcender pela sua riqueza a capacidade de percepção do indivíduo" ("Teoria da Informação e Abraham Moles" 169). Para Tavares, portanto, não é o valor semântico que representa o critério da criação, mas o estético, uma vez que "[o] poeta tem o dever de inovar, de alterar, é essa a verdadeira missão do artista" ("Arquitectura" 197). Posicionando-se na fronteira entre uma teoria geral do texto e a sua própria poética, a autora começa por colocar uma questão de que também nos ocupamos: "Como se faz poesia hoje?" (Tavares, "Arquitectura" 198). Esta pergunta permite-lhe anunciar um novo paradigma, como resposta, porque a poesia experimental não se faz com "sentidos, significados, imagens literárias, etc., todo o intrincado semântico da poesia tradicionalista" (Tavares, "Arquitectura" 198). Na verdade, esta informação semântica pouco interessa à poesia experimental. Como refere,

> [a]s mais sérias e únicas grandes inovações na poesia moderna consistiram na transcendência da palavra semântica pela adopção de uma palavra ou de uma rede expressiva que transcende os valores semânticos colocando a tónica da autêntica comunicação não ao nível semântico mas ao nível da pura comunicação estética desenvolvendo-se ou em valores plásticos ou em valores sonoros, valores responsáveis em todo o tempo da verdadeira comunicação literária no plano estético. (Tavares, "Arquitectura" 198)

Claro que esta "receita" não invalida outras formas de distribuição dos significados ao nível semântico. Tavares não rejeita o Surrealismo, onde prefere ver, não o oposto do Concretismo, mas um uso do aspecto semântico como um "em si" estético e, portanto, um uso que é também criativo e original (Tavares, "Arquitectura" 198).

Se a informação semântica pouco interessa à poesia experimental, uma mudança de paradigma (do semântico ao estético) justifica-se por várias razões. A mais evidente é que a comunicação semântica foi absorvida pelos canais de comunicação de massa tais como

a rádio, o cinema e a televisão (Tavares, "Arquitectura" 198). Perante este facto, passa a ser função da poesia preocupar-se com a coordenada estética, reivindicando uma maior quantidade de informação, ao mesmo tempo contrapondo o seu jogo verbal criativo ao nível banal da comunicação.

Esta é a nova condição da forma artística a que começamos por nos referir e que Tavares procura contextualizar com a teoria da informação: autoreflexiva, aberta e complexa, como os poemas que fez e os textos teóricos com que os justificou.

CONCLUSÃO

A diversidade de abordagens estéticas da obra de Salette Tavares e a força criativa da sua influência traduz-se também em produções intermediais nas quais a linguagem poética adquire um carácter de experimento, do qual surgem diferenciadas combinações que *criam* o significado, ao invés de simplesmente *reproduzi-lo*. Desta forma, o vocabulário usual surge com significações insólitas, com uma sintaxe fragmentada, reduzida a expressões nominais próximas da linguagem primitiva. Recursos retóricos tradicionais são aplicados de uma forma diferente, evitando a comparação habitual nas relações imediatas de contiguidade e/ou substituição, pois forçam uma relação inusitada com o real por meio de imagens, por vezes, inconciliáveis entre si. Como ocorre igualmente com seus pares, nas criações de Tavares, a composição de vocábulos, formas e sonoridades assume uma autonomia que prescinde de uma relação com a realidade, da qual se desloca e se afasta intencionalmente, para realizar-se a si própria. Isso verifica-se porque o seu conteúdo verdadeiro reside nas forças formais, tanto interiores quanto exteriores.

Com a perda do poder representativo da linguagem face à realidade, a poesia abre-se também para as várias possibilidades de sentido que os diferentes contextos de produção e recepção da obra literária podem sugerir.

Diante disto, temos consciência de que a tarefa crítica é muito mais extensa e complexa, uma vez que terá que lidar com uma rede complexa de signos em seus múltiplos contextos. Reler Salette Tavares, quando nos encontramos ainda sob o peso das mesmas forças operadoras que sobre ela incidiram, parece pois uma tarefa fundamental. De qualquer forma, é sempre com outros olhos que a lemos, e a direcção do olhar é quase tudo nos caminhos e descaminhos da interpretação de uma obra.

BIBLIOGRAFIA

Bense, Max. *Pequena estética*. Trad. Haroldo de Campos. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Castro, E. M. Melo e. *A proposição 2.01. Poesia experimental*. Lisboa: Ulisseia, 1965.

Eco, Umberto. *The Open Work*. Trad. Anna Cancogni. Cambridge: Harvard UP, 1989.

Hatherly, Ana, e E. M. Melo e Castro, eds. *PO.EX: Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa*. Lisboa: Moraes, 1981.

Moles, Abraham A. *Information Theory and Esthetic Perception*. Trad. Joel F. Cohen. Urbana: U of Illinois P, 1966.

Risério, Antônio. *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

Tavares, Salette. "Arquitectura, semiologia e mass média". *Brotéria* .88 (1969): 196-220.

--- "Teoria da Informação e Abraham Moles". *Brotéria* .84 (1967): 152-73.

---. *Obra poética (1957-1971)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

A VERDADE É O QUE CAMILO DEIXOU ESCRITO

Rute Silva Correia
Aluna de Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura
Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal
rutesilvacorreia@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 252-262 (2010)
Submetido/Submitted: 09 Abr. 2010 / Aceite/Accepted: 27 Set. 2010

RESUMO
Abordagem de várias representações da história de Fanny Owen e José Augusto. Convertida em mito romanesco, a reprodução por diversos autores ao longo de mais de cem anos ainda deixa perceber a presença dos protagonistas – transformados em personagens-modelo do enredo oitocentista de Camilo Castelo Branco.

PALAVRAS-CHAVE
Romantismo; leituras comparadas; biografias; ficção.

ABSTRACT
Approaching multiple representations of the story of Fanny Owen and José Augusto. Converted into a literary myth, reproduction by several authors for over a hundred years still denounce the presence of the protagonists – real characters transformed into a model of nineteenth-century novel by Camilo Castelo Branco.

KEYWORDS
Romanticism; compared readings, biographies, fiction.

A verdade vive isolada do registo em que pode ser contada ao mundo.

(Luís, 1979: 183)

"A VERDADE É O QUE CAMILO DEIXOU ESCRITO".[34]

No momento da recepção de uma obra de arte, aquilo a que assistimos é à variação sobre um tema antecedente – variação essa que vem acrescentar-se a uma série de leituras estéticas e artísticas. Naturalmente, Fanny Owen e José Augusto foram mais *pessoas* de oitocentos que *personagens* oitocentistas. Mas, depois do enredo de Camilo, através das leituras de diversos autores, os dois chegam-nos num registo que os aproxima a uma derivação duriense da Catherine e Heathcliff brontëianos.[35] E, talvez por isso mesmo – por convocarem os mesmos círculos da memória, Fanny e José Augusto inquietam-nos sempre, solicitando a solução para o mistério.

A infausta história de amor terá decorrido entre o verão de 1949 – quando, numa tarde de Junho em Vilar do Paraíso, José Augusto e Camilo vêem "duas senhoras de impressiva belleza" (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 97) – e Setembro de 1854, o mês em que José Augusto se suicida em Lisboa. O casamento por procuração de Francisca Owen com José Augusto Pinto de Magalhães celebrou-se um ano antes, a 5 de Setembro de 1853, na igreja de Santo Ildefonso no Porto.

Duas circunstâncias fundamentais para a composição do mito romântico, que foram sublimadas por Camilo, terão sido o rapto de Fanny por José Augusto, e a trágica morte dele. No que diz respeito ao rapto de Fanny Owen, presumivelmente cometido na noite de 17 de Julho de 1853, as poucas notícias da época mencionam apenas "uma menina que foi raptada de casa dos seus pais". Ainda que o rapto fosse uma solução comum naquela época, para morgados desavindos das famílias e meninas de pouco dote, o rapto da rapariga é um incidente de potencialidade romanesca, que se ajusta perfeitamente ao pulso romântico de Camilo Castelo Branco. Mesmo a relativa trivialidade da situação vem ao encontro da marca de verosimilhança que o novelista tanto reclama para a sua escrita. Considere-se que foi Fanny a mesma "menina" raptada que referem os jornais, uma vez que o contrato matrimonial de Francisca Owen com José Augusto Pinto de Magalhães[36] tem várias páginas – elemento que denuncia muitas conversações prévias entre as duas famílias. Posteriormente, a causa oficial da morte de José Augusto foi gastroenterite por envenenamento,[37] e não a oitocentista "febre cerebral" perpetuada por Camilo. Hugo Owen estava hospedado com a sua mulher, Josefina, no mesmo hotel em que se encontrava José Augusto quando se suici-

34 Citação do filme *O dia do desespero*, de Manoel de Oliveira (1992).

35 Note-se que *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, data de 1847, enquanto a primeira edição de *No Bom Jesus do monte*, de Camilo Castelo Branco, é de 1864.

36 No arquivo da igreja de Santo Ildefonso (Casamentos: 1842.10.17/1859.08.14). Fonte: Arquivo Distrital do Porto.

37 Registo da certidão de óbito emitida a 30 de Setembro de 1854 (Óbitos: cemitério do Alto de São João). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.

dou. O irmão de Fanny não lhe fez funeral, e o corpo do morgado de Santa Cruz do Douro foi sepultado sem identificação, no Alto de São João, em Lisboa.

Ora, tudo o que a isto se acrescente será o "puro Romantismo" que refere Artur Portela em *Monges negros* (Portela 86) ou, pelo menos, pura criação literária – sempre adjudicante à narrativa de Camilo Castelo Branco. Camilo dedica *O Bom Jesus do monte*[38] exactamente àqueles que hesitam acerca da sua intervenção no caso de Fanny Owen. O enredo não é mais nem menos que uma alegação a seu próprio favor: mas Camilo praticou-a passados nove anos sobre a morte de José Augusto Pinto de Magalhães.

"Às dúvidas dos bons e às calumnias dos maus que decifraram horrores no silencio das duas sepulturas, a esses esclarece agora o homem que mais viveu na intimidade das suas almas. É tempo: são passados nove annos". (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 94) E se Camilo não disse a verdade? – provavelmente, Camilo não disse a verdade sobre os seus mortos. Os espíritos de Fanny e José Augusto perscrutam ainda através das várias leituras que acerca deles têm vindo a ser feitas. Em *Camilo e Fanny*, por exemplo, Manuela de Azevedo atribui esta mesma denúncia à personagem de José Augusto, quando esta declara que "Camilo nunca dirá a verdade!" (Azevedo, *Camilo* 210). Efectivamente, conforme refere João Bénard da Costa em *Os filmes da minha vida*, toda esta a história de Fanny se construiu sobre um "buraco negro" (Costa 70), que é o abismo sem fundo do coração humano e da sua memória; o "coração das trevas" agustiniano, herdado de Conrad.

Neste sentido, o mito oitocentista em que se transformou um casamento burguês assenta exactamente num detalhe nebuloso e altamente simbólico: a não consumação do casamento, hipótese principal da argumentação camiliana, demonstrada pela suposta virgindade de Fanny. Virgindade essa que é reclamada por Camilo, tendo alegadamente sido verificada na autópsia feita por um médico do Porto, chamado Joaquim Ferreira (Luís, *Fanny* 192):

> **Este Joaquim Ferreira, a quem chamavam no Porto o doutor janota, não tinha muito de sábio nem de rigoroso, nem de honesto (...). No entanto, [ele] dá-lhe crédito no famoso testemunho da virgindade de Fanny que ele próprio, Camilo, lhe pede para verificar. É preciso que uma demência de ciúme ainda o habite para que, passados nove anos, confesse essa atroz curiosidade, passados nove anos o doutor janota tinha morrido. (Luís, *Fanny* 192; sublinhado meu)**

Regressarei adiante à "demência de ciúme" de que fala Agustina. Por agora, relembro apenas que não são conhecidos relatório médicos, nem sequer registos legais que comprovem que a autópsia tenha sido feita... Não existe outro testemunho além da inconfidência de Camilo, póstuma a todos os protagonistas da história: inclusivamente ao próprio médico. Camilo afirma que Fanny estava, depois de morta, "virgem como se nunca tivesse saído do regaço de sua mãe!"; mas nem Fanny nem José Augusto (provavelmente os dois únicos implicados no assunto...) foram ouvidos directamente.

38 Camilo refere a história de Fanny em outros textos seus, como por exemplo em *Duas horas de leitura* (1858) e *Vinte horas de liteira* (1864). Existe uma alusão anterior no conto "Alda," incluído no volume *Um livro.* As várias exegeses têm nuances, o que é suficiente para denunciar a veia ficcional do novelista. Quando se comenta sobre "a versão de Camilo" dever-se-ia perguntar primeiro: sobre "*qual* das versões?"

Por outro lado, José Augusto guardou o coração de Fanny "e não o hímen" (Costa 70) resgatando para si – resgatando-o da corrupção da morte – aquilo que nenhum homem teria tocado, no sentido literal. Paradoxalmente, o destino do coração de Fanny é também ele objecto de esclarecimentos contrários. Camilo afirma que dele terá sido depositária "uma senhora" com quem Fanny Owen "conviveu na Foz" (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 143). Sobre o corpo de Fanny, o novelista indica que terá estado no jazigo dos Rochas Pintos, no cemitério da Lapa, no Porto (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 144). Hugo de Magalhães, descendente de José Augusto, assegura que o coração de Fanny foi mudado da capela do Lodeiro para ser depois colocado no "jazigo da família em Amarante, bem guardado e fora de vistas, sob uma laje de granito". (Azevedo, *À sombra* 38) Por sua vez, Manoel de Oliveira reclama a autenticidade do facto que, segundo o realizador, é "histórico, existe, é verdade. Não é uma invenção". Numa terceira versão da história, Oliveira explica como "o coração estava em formol no Hospital da Trindade. Mas alguém lhe pegou e não se deu ao trabalho de o voltar a meter no frasco". (Baercque e Parsi 61) E assim se perdeu o paradeiro do coração de Fanny, pelas ironias do desejo e do destino dos homens.

Como poeta, tendo vivido segundo os princípios vitais ditados por "uma só entranha (Castelo Branco, *Duas horas* 108), José Augusto terá querido conservar o coração de Fanny e preservá-lo da morte não necessariamente por ele ser puro mas, sobretudo, para o poder, enfim, possuir. Logicamente não o teria feito se as celebradas cartas remetidas por Fanny lhe tivessem levantado suspeitas sobre algum "segredo, uma amizade, um simples interesse" (Azevedo, *À sombra* 53)[39] de Fanny Owen por outro homem. Estas cartas terão sido levadas a José Augusto, por intervenção de Camilo, através de M. de Mattos (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 124). O destinatário da correspondência é comummente atribuído a Fuentes (o cônsul de Espanha no Porto naquela época, amigo da família Owen). Em *Fanny Owen*, Agustina introduz um elemento que ilustra a sua interpretação do caso, apontando como correspondente de Fanny o próprio Camilo Castelo Branco:

> Fanny escrevia regularmente a Camilo e fazia-lhe confidências simples (...) queixava-se de que não era compreendida, e pouco mais adiantava sobre os seus sentimentos (Luís, *Fanny* 109); "José Augusto rompeu o lacre; eram as cartas de Fanny para Camilo. (161)

Este desenvolvimento é uma solução importante na exegese de Agustina, que coloca a causa do infortúnio do casal no amor não correspondido de Camilo por Fanny – hipótese de resto desenvolvida por outros autores.[40] No romance de Agustina, a personagem de Camilo

39 No drama de Manuela de Azevedo a ambiguidade sobre a correspondência de Fanny Owen com Fuentes é sugerida por Maria e Maria Rita (a mãe e a irmã de Fanny), além de Camilo: "Maria Rita – Maria [escreve] ao pai, Fanny a uma pessoa amiga. (...) Camilo – Pois, não as interrompamos no seu diálogo de anjos com os homens! (...)" (Azevedo, *Camilo* 29); "Maria – Mas aqui a minha irmã anda agora com a mania de escrever cartas muito grandes". (31); "Maria – A propósito de amor (...) tem visto no Porto o Sr. Fuentes?" (45)

40 "Camilo Amou Fanny," por exemplo, é o título do primeiro dos três capítulos dedicados à história de Fanny Owen por Artur Portela, em Monges negros. No segundo dos capítulos, "Trágicos remorsos," Portela explora o desgosto de José Augusto após a morte de Fanny: "José Augusto deve ter chorado lágrimas e sangue sobre o cadáver daquela pobre Ofélia". (Portela, Monges 95); "O cadáver de Fanny ficou insepulto. Não está no cemitério da Lapa (...) trá-lo ele nos braços, apodrecendo-lhe a vida inteira!" (99);
Finalmente, em "Dois cadáveres" o protagonismo vai para o ciúme tétrico de Camilo Castelo Branco a seguir à morte

é afastada da convivência do casal durante os onze meses que durou o casamento, a pedido de Fanny (Luís, *Fanny* 183) que responsabiliza Camilo pela relação de José Augusto com "pessoas vulgares". N'*O Bom Jesus do monte*, Camilo justifica a sua denúncia da correspondência de Fanny pela "amizade desinteressada" que por ela nutria, acrescentada à intenção de anular a suspeita de José Augusto relativamente ao "passado" da sua noiva. O desamor no casamento de Fanny com José Augusto é outra ideia a que regressarei adiante, mas não serve à alegação de Camilo na sua actuação, quando ele próprio afirma ter na sua posse uma carta de José Augusto, "escrita meses antes da morte" de Fanny, em que ele a enuncia como: "a única mulher que amei, como sei e sinto que só tornarei a amar no céu". (Castelo Branco, *Duas horas* 111). Também contraditoriamente, Camilo refere como um escudeiro da casa do Lodeiro terá afirmado que nunca ouvira Fanny e José Augusto "altercar (...), acrescentando, que se não os vira chorar, também nunca os vira rir". (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 130)

Ora, estes indicadores não terão servido certamente ao "receio" de Camilo de que o tédio se instalasse no casamento dos amigos mas (ao invés, sobretudo e pelo contrário) agravados pelo afastamento imposto pelo casal, terão acumulado ao seu ciúme. Não é por acaso que na cena do baile no Porto, tanto no romance de Agustina como em *Francisca* de Manoel de Oliveira, é a personagem de Camilo que repara em Fanny: "Esta mulher ama alguém" (Luís, *Fanny* 44). Esta suposição admite o espaço preeminente do ciúme de Camilo. N'*O Bom Jesus do monte* – a sua declaração de inocência – ele intenta ilibar-se omitindo o seu amor por Fanny, enquanto desenvolve um mito Romanesco sobre o que terá sido tão só um casamento falhado: o desgosto ter-se-á instalado na casa do Lodeiro, sim, mas o Romantismo trouxe o obscuro à história e quebrou o tédio pelo mistério.

Foi o desejo dos dois homens que matou Fanny,[41] acrescentado ao ciúme que os dois amigos sentiam entre si. Quando escreve *Camilo e Fanny*, Manuela de Azevedo já destaca a relação entre estes dois como principal relativamente à de Fanny com José Augusto. A autora descreveu os três vértices de um triângulo que não assenta no ciúme da mulher, mas sim entre os dois homens, no desejo que sentem pela mesma mulher.

Também aqui o destino dos três augura resolver-se apenas "para lá da morte":

> Camilo – Até para lá da morte! Ficarei para sempre a vosso lado como se fosse a sombra muda, fria, implacável. E calarei para sempre o meu amor! (Azevedo, *À sombra* 62);
>
> Camilo – Serei a maldição do meu ciúme! (82);
>
> Fanny – [Camilo] queria o meu amor e deu-me o seu ciúme (...) foi ele que nos matou mas não o fez por mal, foi por amor (...) (213)

de Fanny Owen: "Quer ir para o pé de Fanny, para o cemitério da Lapa". (Portela, Monges 109)

41 Conforme observa Manoel de Oliveira: "As mulheres são mortas pelos homens! Pelo amor dos homens! Por causa do egoísmo dos homens. Elas querem alcançar o impossível e desembocam na indiferença". (Baercque e Parsi 109)

Foi o desejo, "vulgar parente da eternidade" (Luís, *Fanny* 190), que imortalizou a história de Fanny Owen com José Augusto. Os dois perseguem um vício um no outro: o vício da alma, com a qual só nos reunimos na morte, e que na vida a ninguém pertence. Não foi o desamor de José Augusto que matou Fanny. Ela tinha propensão para a tuberculose desde criança, é dito que "tomava xarope de papoilas" para acalmar os pulmões e a tosse. José Augusto tê--la-á amado muito, porque quis morrer com ela quando se suicidou em Lisboa, reclamando Hugo Owen e Josefina como testemunhas do seu acto desesperado.

Regresso ao pormenor da anatomia de Fanny, denunciado por Camilo nove anos depois da sua morte. Como referi, trata-se de um pormenor altamente simbólico, que transporta um casamento burguês falhado para o registo do mistério. Mistério esse que ninguém jamais saberá esclarecer, excepto Fanny e José Augusto no sonambulismo do seu sono eterno – é Camilo que assegura, naturalmente assombrado pelo fantasma de Fanny, que não a terá tornado a ver depois da sua morte "senão em sonhos" (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 141). Ao protestar a não consumação do casamento de Fanny com José Augusto, Camilo introduz outra contradição no seu enredo: não se explicaria o abalo que as cartas de Fanny terão causado a José Augusto sem que entre eles não tivesse existido um laço muito íntimo. Se as suas relações tivessem sido só fraternas, como Camilo quer fazer crer, não teria feito muito sentido José Augusto requerer ou sequer permitir a autópsia da sua mulher – em primeiro lugar pela indiferença que então manifestaria pelo assunto e, em segundo, porque esse acto denunciaria um traço de carácter que viria a reforçar a sua reputação, já pouco favorável. De resto, a autópsia poderá realmente ter sido feita, mas dificilmente com aquele resultado.[42]

Nem sequer é esse o detalhe mais importante no amor deste homem por esta mulher. A última ambição de José Augusto é a posse do *coração* de Fanny. O equívoco na inconfidência de Camilo reside exactamente aqui, na grandeza conferida a um pormenor anatómico que romantiza o enredo, mas pouco ou nada adianta para a resolução do mistério nem para a salvação das almas:

> Fanny amou alguém que não foi José Augusto, e atingiu-o com a transferência do amor de maneira tão absorvente que ele não teve maneira de escapar. No seu inconsciente sabia-se logrado e lutava por impor-se àquela paixão que, na realidade, excluiu sempre. No decurso desse diálogo desvairado e sem nexo, houve momentos de consumação a que se sucedia decerto um período de culpabilidade e frigidez. (Luís, *Fanny* 193)

Em *Fanny Owen*, a personagem de Fanny manifesta o desejo de roubar José Augusto a todos e a si próprio (Luís, *Fanny* 190), o desejo de que a ninguém mais ele conhecesse senão a ela própria, o que vem perturbar a relação homo-fraternal entre os dois homens. Trata-se de uma condução daquela ideia de acordo com a qual "que um ame é suficiente para que dois se amem," ou do triângulo entre uma mulher e dois ou mais homens, tão comum às heroínas do Romantismo:

42 Continuando esta ideia, Agustina faz a seguinte citação, alegadamente "a partir de um diário de José Augusto," escrito no tempo em que os dois ainda se encontravam na casa de José Augusto em Vilar do Paraíso: "Faz hoje um ano em que eu e tu sentimos morta uma saudade que há cinco dias nos fazia sofrer muito. Às nove horas da manhã abracei-te no teu quarto (...). A sexualidade é vivida como uma luta feroz". (Luís, *Fanny* 200; sublinhado meu)

> Ele vai matá-la, Fanny. O vosso amor é feito de coisas que não vos pertencem. É feito com o meu desejo, a minha alegria, o meu sofrimento. Eu dei-vos uma alma e, com ela, tudo do que uma alma é capaz (...) Ela sentiu um ciúme desabrido, em vez de indignação (...) aquela onda de atroz ciúme não a abandonou (...) fez com que ela se lançasse fora do seu resguardo e que o encarasse com um olhar que descrevia a embriaguez de um poder. (Luís, *Fanny* 137, 138)[43]

Em *Francisca* Manoel de Oliveira introduz uma cena em que Fanny pergunta a José Augusto se ele tem *uma* amante. Do meu ponto de vista, esta é a cena que mais afasta o filme de Manoel de Oliveira do romance de Agustina. Em *Fanny Owen*, o terceiro elemento é ela mesma – Fanny:

> Trata-se de uma situação que era perfeitamente clara, dois homens que são complemento um do outro (...). E aqueles dois homens, que mutuamente se invejam e se fascinam, são distraídos, involuntária e obstinadamente, pela mulher. A mulher interfere naquelas duas vidas um pouco pela inveja que ela sente, porque há qualquer coisa de que ela é excluída. (...) (Luís, *Agustina* 54)

As duas personagens masculinas acabaram assim por tomar Fanny como uma espécie de "apoio estético" para as suas simulações românticas, algures entre o real e o irreal. As naturezas contrárias dos dois ficam então ligadas pelo símbolo que é Fanny, "vítima da sua carga libídico-simbólica" (Luís, *Fanny* 171) e, consequentemente, das forças que se travam entre os dois amigos, alheias às suas (de Fanny) seduções. Esta situação cria uma tensão comportada, tanto em Agustina como em Oliveira, por um estado onírico e quase fantástico:

> Era Junho. Fanny estava a regar as flores. A presença dela, sem voz ou movimento que a localizasse, deu-lhe um súbito medo, como se ela visse claro no seu coração e isso fosse absolutamente inútil e significado. (Luís, *Fanny* 72)

O quadro de Fanny a regar as flores, com um "vestido de cassa e um chapéu de palha de arroz atado com uma fita azul" é transposta para o registo do sonho no filme de Oliveira (registo esse que se mantém nas sequências da fuga, da cena do jantar e nas duas repetições).

A convivência que existe entre as leituras de Camilo Castelo Branco, Manuela de Azevedo, Artur Portela, Agustina Bessa-Luís e Manoel de Oliveira compõe um diálogo inter-textual de reconhecimento mútuo, embora não seja sincrónico. Como já referi, a interpretação é sempre decorrente de interpretações prévias, e adaptada pela leitura de cada um dos autores – mesmo a interpretação de Camilo remete para os diários de Fanny Owen e José Augusto: ela uma "escritora falhada," nas palavras de Agustina, ele "um mau poeta," nas palavras de Camilo.[44] Também Manuela de Azevedo relembra que "nem Teixeira de Pascoaes nem Vila Moura, nem Raul Brandão ou António Cabral, nem Alberto Pimentel, Reis Ribeiro ou Hugo Rocha concluíram da mesma maneira, a respeito das intervenções de Camilo neste drama

43 Em *Francisca*, Manoel de Oliveira coloca esta passagem no sonho que Fanny tem no barco, a caminho da casa do Lodeiro.

44 José Augusto terá escrito as suas memórias num caderno chamado *Remember* (Castelo Branco, *No Bom Jesus* 93).

ou das razões que levaram à separação dos dois esposos," acrescentando que "alguns dos que mais estudaram a génese e as metáforas desta dolorosa história (...) chegaram mesmo a folhear os álbuns e os diários de José Augusto e Fanny. Mas deles haviam sido arrancadas algumas páginas (...)" (Azevedo, *À sombra* 11, 12).

Por sua vez, Agustina recorre à "colagem" no mecanismo de "baralha e torna a dar" que lhe é tão característico, assegurando que "quase todas as falas são as autênticas, que Camilo escreveu [e que] também muitas palavras de Fanny e de José Augusto se podem entender como ouvidas directamente da boca dos próprios em suas vidas". Classifica, no entanto, *Fanny Owen* de *romance* e não de biografia, descrevendo-o como um "romance de evasões e do fascínio que é a regra das interpretações" (Luís, *Fanny* 7, 8). Agustina assume-se assim "mais camiliana que Camilo," ao deixar à mostra este mecanismo de construção e desconstrução que responde a uma compulsão artística e ficcional que lhe é tão própria: "Digamos como nos folhetins de encomenda: o que vai acontecer?" (Luís, *Fanny* 83)

Somando o modelo do folhetim à encomenda efectiva de Manoel de Oliveira para o guião do filme *Francisca*, a versão de Agustina trata sobretudo de saber o que esta *para lá* do mistério. Melhor que ninguém, Agustina sabe que qualquer mistério tem tantas soluções quantas vozes se erguem sobre a terra...

No contexto da literatura moderna e contemporânea podemos classificar os romances de Agustina como romances de ideias, que são aqueles em que a narrativa é apenas um dos aspectos da composição. Este é a sua característica que melhor contribui para a adaptação cinematográfica destes romances e para a possibilidade de divagação inter-artes sobre uma série de enigmas sugeridos.

Na introdução de *Camilo e Fanny*, Manuela de Azevedo salienta a dificuldade de passar para filme "a presença total do espectáculo" na história de Fanny Owen e José Augusto. Quando escreve este drama, a autora tem a percepção de que "era ao cinema que caberia um tema que vive tanto de interiorismos e ambientes estranhos" (Azevedo, *À sombra*: 11). Teria sido necessário, porém, que o nosso cinema tivesse na época as "dimensões do tema revelado," o que acabou por surgir vinte anos mais tarde, com *Francisca* de Manoel de Oliveira.[45] O "teatro não é cópia da realidade," acrescenta a autora. E, efectivamente, tiradas as roupagens literárias acrescentadas por Camilo, permanece a questão sobre as reacções humanas dos protagonistas. Felizmente, tanto Agustina como Camilo e Oliveira são hábeis no jogo da dissimulação e da reinvenção de factos, não importando tanto a sinceridade como a psicologia dos factos e das almas.

"A memória foi-se com a alma" (Luís, *Fanny* 191); é esta a epifania de Fanny no leito da morte. Ela vai ao encontro da alma e, consequentemente, da sua memória. Para se libertar da terra e projectar-se no espaço infinito da morte, o amor de Fanny precisou de ser transfigurado pela memória, isto é, de se metamorfosear em literatura. Sem esta fixação ter-se-ia perdido no

45 Recordo que *Francisca* encerra a "tetralogia dos amores frustrados," que atravessou os anos 70 – *O Passado e o presente* (1971), *Benilde ou a virgem mãe* (1975), *Amor de perdição* (1978) e *Francisca* (1981). Foi com *Francisca* que Manoel de Oliveira recebeu o prémio de reconhecimento de carreira no Festival de Berlim.

esquecimento dos tempos, porque aquela que conhecemos como envolvida numa áurea de mistério se tratou, no fundo, de uma história "perfeitamente clara" – como diz Agustina – que apenas o amor e a memória do amor tornaram imortal.

Por outro lado, é com a morte de cada um que a memória "real" se extingue, irreversível. A história escrita pela memória dos outros, nove anos ou um século após a morte dos protagonistas trata-se, necessariamente, de uma variação. Mas afinal, se não é o sonho que nos prende à vida, é ele que a prolonga no tempo. Conforme nota Hélia Correia, no prefácio a *Vinte horas de liteira*,[46] Fanny Owen terá sido a "vítima de uma impressionante transferência de mitologia fálico-romântica para a vida quotidiana". (11) Ela foi o pólo libidinal de toda a intriga que, sem o acrescento romântico, não teria passado de uma afeição de boémios que terminou num casamento burguês. Este é, talvez, o único facto, ditado pela lei do coração humano, em que podemos acreditar.

Se Camilo não disse a verdade (o que é o mais certo), não temos onde procurá-la senão no sonho. É o que fazem Camilo, Agustina e Oliveira, ao representarem o abismo da noite que todos tememos – a noite do rapto de Fanny, quando a "mulher se separa das asas de anjo". Separados do mundo embora continuando nele (Costa 67) Francisca, Camilo e José Augusto erram fantasmagoricamente através de um comportamento mais nocturno que vigilante. Acresce-se o fascínio de Camilo em recriar, que não o furta ao ciúme nem ao despeito. É exactamente esse momento que nos fascina: aquele em que a criação subjectiva ultrapassa o humano.

Entretanto, as casas que os três habitaram vão caindo abandonadas. O Lodeiro, onde se ficaria "santo ou doudo, ou se cometeria um crime" (Luís, *Fanny* 24), não terá assistido a outra coisa mais romântica que um amor infeliz. Mas o Lodeiro que não recebe a visita do tempo e, por isso mesmo, que não cairá nunca, é a morada que habita a memória perpétua da história de José Augusto e da sua Fanny. A verdade não é o que Camilo deixou escrito; a verdade é a sombra do desejo no coração.

46 *Vinte horas de liteira* (Castelo Branco, 1864).

BIBLIOGRAFIA

Azevedo, Manuela de. *À sombra de Eça e de Camilo: infância e adolescência dos romancistas dadas à luz de novos documentos*. Lisboa: A. M. Pereira, 1969.

---. *Camilo e Fanny – comédia dramática em três actos e cinco quadros*. Lisboa: Expansão Cultural, 1957.

Baecque, Antoine de, e Jacques Parsi. *Conversas com Manoel de Oliveira*. Trad. Henrique Cunha. Lisboa: Campo das Letras, 1996.

Castelo Branco, Camilo. *Duas horas de leitura*. Pref. Mª Idalina Rosina Rodrigues [8ª edição conforme a 3ª]. Lisboa: A. M. Pereira [Cruz Coutinho, 1858], 1968.

---. *No Bom Jesus do monte*. Porto: Viúva More, 1864.

---. *Vinte horas de liteira*. Porto: Ulmeiro, 1984.

Costa, João Bénard da. "Francisca: o sonho e o vício". *Os filmes da minha vida - os meus filmes da vida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990. 67-71.

Leão, Isabel P. de, coord. *Estudos agustinianos*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009.

Luís, Agustina B. *Agustina por Agustina* [entrevista conduzida por Artur Portela]. Lisboa: D. Quixote, 1986.

---. *Fanny Owen*. Lisboa: Guimarães, 1979.

Oliveira, Manoel de. *Francisca* [argumento do filme no Arquivo da Cinemateca Portuguesa], 1980.

Oliveira, Manoel de. *O dia do desespero* [argumento do filme no Arquivo da Cinemateca Portuguesa], 1992.

Portela, Artur. *Monges negros*. Lisboa: Clássica Editora, 1951.

FILMOGRAFIA

Oliveira, Manoel de, real. *Francisca*. V. O. Filmes, 1981.

Oliveira, Manoel de, real. *O dia do desespero.* Atalanta, 1992.

CORPOS MUTANTES ENTRE A PINTURA E O CINEMA EM JULIÃO SARMENTO

Teresa Silva
Aluna do Doutoramento em Ciências da Informação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal
teresasilvacorreio@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 264-272 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 03 Out. 2010

RESUMO
Este artigo inscreve-se no âmbito do pensamento artístico contemporâneo. Pretende reflectir acerca das contaminações de linguagens nos territórios da arte, nomeadamente entre o fílmico e a pintura, cujas relações intertextuais tornam-se ambíguas, abrindo-se à polissemia de sentidos. Toma-se como análise um caso paradigmático destas questões, Julião Sarmento, cujas obras desconstroem fronteiras artísticas entre o cinema e as artes visuais. Sarmento, subverte referenciais e modos operativos na criação artística, numa perspectiva existencial, exercita territórios do desejo em múltiplas dimensões.

PALAVRAS-CHAVE
Arte contemporânea, cinema, estética, intertextualidade, Julião Sarmento, pintura.

ABSTRACT
This paper is related to the contemporary artistic thought. It aims at reflecting about the contaminations of the languages in the fields of art, namely between what film and painting languages are concerned. These intertextual relationships become ambiguous, allowing a polysemy of meanings. A paradigmatic case of these questions is Julião Sarmento, whose paintings shade off artistic frontiers between cinema and visual arts.
Sarmento subverts the referencial system and the operative way in the artistic creation. Furthermore, in an existencial perspective he experiences the territory of desire in multiple dimensions.

KEYWORDS
Contemporary art, cinema, aesthetic, intertextuality, Julião Sarmento, painting.

1. CORPOS MUTANTES ENTRE A PINTURA E O CINEMA EM JULIÃO SARMENTO

> O corpo do cinema, o corpo da vedeta, é como do objecto de paixão, um corpo intotalizável, um corpo não unificável, cujo poder de atracção é directamente proporcional à sua capacidade de se fragmentar e multiplicar numa infinidade de imagens desejáveis, cada uma mais intensamente desejável do que as outras. (…) Parcelas que se acumulam, mas que em vez de se aproximarem se afastam cada vez mais do total. Se o corpo absoluto é um vício, o artista é um viciado. A arte serve para preencher o espaço entre os músculos e o sentimento de uma ideia absoluta. (Melo 9)

Na contemporaneidade o(s) corpo(s) da arte[47] procuram trajectórias expansionistas, novos espaços de intervenção, novos códigos de afirmação estética, estabelecendo novas permutas criativas. São corpos que convocam a multiplicidade de áreas de experimentação por tráfegos de linguagens, traçam correspondências e ressonâncias entre diferentes modos operativos (pintura, escultura, filme, literatura, teatro), tornando-se dialogantes, ambivalentes, ambíguos e intertextuais.[48]

A representação do corpo na criação artística contemporânea multiplica-se e desdobra-se como metáfora do homem, convertendo-se num conceito dinâmico, encaminhando-o para a expressão de si mesmo, de si ante o mundo, transformando -se em gesto, movimento, grafismo ou performance, como forma de comunicar simultaneamente o corpo, o mundo e a arte. Na actualidade o corpo da arte, tal como o indivíduo, é uma espécie de mutante, assume identidades ambíguas, retalhadas e múltiplas, transgredindo fronteiras do seu ser, do seu parecer, do seu encenar, em corpos sem órgãos ou órgãos sem corpos que estabelecem relação com outros, preconizando diálogos por espaços vazios, intervalos e silêncios. A arte assume a polissemia do indivíduo e da comunicação em obras abertas, que pressupõem passagens por diversas leituras, remetendo o espectador para um papel activo na construção de imagéticas, entre o que é dado a ver e o que está oculto, de modo explícito ou intuitivo, como pressuposto artístico.

Neste sentido, é paradigmática a obra de Julião Sarmento, destacando-se internacionalmente no panorama artístico contemporâneo desde os anos 70, por interrogações pertinentes na tessitura de linguagens artísticas (cinema, literatura, pintura, desenho, fotografia, instalação), reflectindo sobre os corpos da arte e da história, nos seus limites emergentes. Propõe noções ambíguas de identidade na construção do sujeito e da representação, assumindo neste processo dimensões coreográficas, cinematográficas e ficcionais, numa singularidade conceptual e artística que o torna referência fundamental na teorização pós-moderna. Sarmento problematiza os grandes paradigmas da vida, o corpo, a sexualidade, a morte, procurando arquitecturas do ser, através de câmaras de memórias projectadas sucessivamente numa diversidade de referências históricas no eclectismo de linguagens artísticas.

47 No sentido das diversas categorias artísticas, artes plásticas, performativas, cinema, vídeo, música e outras.

48 Reporta-se ao conceito de intertextualidade como teoria que se desenvolveu nos anos 60 e 70 do séc. XX no âmbito de estudos literários de Kristeva, Barthes, Derrida, Genette, Riffaterre, a partir da geminação conceptual traçada por Mikhail Bakhtin.

Nas suas "arqueologias do pensamento,"[49] a dimensão biográfica e vivencial cruza-se com a história da arte, com a literatura e com o cinema. Sarmento recorre à citação de outras obras (pinturas, filmes, livros), que evoca e parodia em legendas e títulos, bem como à reprodução de gestos lendários e míticos, a nomeação de pessoas e lugares de dimensão biográfica, funcionando como "presas"[50] que furtadas do seu contexto, revertem-se em matérias férteis para a criação artística. É exemplificativo o quadro *Um encontro histórico* (1986)[51], uma composição tripartida combinando referências diferenciadas, Munch e a litografia *Omega e o urso*, o *Angelus* de Millet, bem como o ventre de Baubo do universo mitológico, em figurações sintéticas e expressivas que não procuram realismo mas a sua subversão. Sarmento, serve-se da partilha de linguagens[52] procurando a polissemia de sentidos, adopta como processo criativo a recursividade ambivalente entre artes, nomeadamente do cinema com as artes visuais, em citações, revisitações e referências[53]. Por outro lado, cria uma teia de relações mais complexa na intertextualidade entre o fílmico e a pintura, que incide nos modos operativos, estabelecendo processos de contaminação entre estas áreas artísticas. Refiro-me à apropriação de metodologias cinematográficas, como processos de montagem para criação de pinturas, e à apropriação das linguagens plásticas, explorando relações de tempo e espaço, para a criação de filmes (em Super 8). Estabelece uma espécie de "meta – representação"[54] entre o fílmico e a pintura pela percepção "de que o que vemos não se passa diante dos nossos olhos, mas é pelo contrário, uma memória fugidia de alguma coisa que já vimos – pelo canto do olho enquanto movimento" (Sardo 1). As suas pinturas são meios e não fins, que ultrapassam a dimensão estética da pintura de superfície; "os objectos produzidos por mim, apesar de terem o aspecto tradicional de pinturas, não são exactamente pinturas, pelo menos para mim não são". (Celant/Sarmento 148). Por outro lado, as fotografias e filmes são tributárias das preocupações analíticas e estéticas do seu trabalho pictórico. As suas obras estabelecem ambiguidades conceptuais na desconstrução de fronteiras artísticas, entre a pintura e o fílmico, redimensionando suportes e subvertendo linguagens. Cria filmes cujos fotogramas parecem ser quadros e quadros como fotogramas em sequências cinematográficas, construindo micro-ficções suspensas. Toma como processo de intervenção artística a encenação de formas e corpos numa perspectiva existencial, procurando essencialmente o espaço entre as coisas como matéria conceptual, que exercita territórios do desejo em múltiplas dimensões. Neste sentido, (…) Há uma dimensão do desejo que está antes, depois e para além da figurabilidade e que é a solidão, memória, silêncio e escuridão (…). A dimensão da solidão e memória profunda, é talvez a instância fundadora e o ponto de ancoragem mais decisivo do trabalho de Sarmento. (Melo 12)

49 Ver Ensaio/entrevista Germano Celant *Julião Sarmento: una rivelazione sensuale*, p.107.

50 Ver Filomena Molder *Uma forma inaudita de consolação*, p.147.

51 Decorrentes desta obra, Sarmento produz em 1987, *Conversation Piece*, *Segredos*, *Seraglio*, *Divórcio perfeito*, *Não é com açúcar que se apanham as moscas*, *Azul da Prússia*, técnicas mistas sobre tela onde o exercício da pintura conflui pacificamente em diferentes sub-géneros entre o realismo e a abstracção, entre o naturalismo e a sua subversão.

52 Sarmento iniciou o seu percurso artístico em 1972 pela pintura, evidenciando desde o início um carácter fragmentário e preocupações com o espaço que se reflectiram em filmes (Super 8) fotografias e instalações produzidos a partir de 1975.

53 São vários os quadros que têm como títulos filmes, nomeadamente, *Noite americana* (1982), em 1986, *Vampyr*, *Peeping Tom*, *Blue Velvet*, ou a série *Casanova* (1997). Para além da homenagem por títulos de obras, Julião Sarmento produz séries de pinturas que se reportam a filmes, *O espaço entre as coisas* (1989), baseadas numa cena do filme *Subida al cielo* (1951) de Buñuel, *Laura e Alice* (1994) de referência ao filme *Laura* (1944) de Preminger e *Casanova*, citando o filme de Fellini (1976).

54 Ver Delfim Sardo, *Uma iconologia do intervalo*, 2001.

Julião Sarmento reflecte sobre os paradigmas da vida e consequentemente a morte, em temas centrais do corpo, da sexualidade e da casa-memória. A sua história pessoal remete-se para uma dimensão universal dado que transpõe imagens de um inconsciente colectivo em obras que parecem ser conversas íntimas. Propõe singularidades na homenagem de filmes, excertos literários ou sonoridades, que parecem remeter o espectador para o papel de *voyeur* num convite a recriações imagéticas. Por outro lado, afirma, "o que faço é olhar para o espectador, mais do que o considerar uma peça como objecto de voyeurismo por parte do público (…) A pintura espia o observador". (Dercon/Sarmento).

A abertura sistemática de espaços vazios nas suas obras, em sucessivas interrupções de corpos e fundos, propiciam a imaginação numa encenação do invisível que provoca o diálogo.

Desde os anos 70, Julião Sarmento representa corpos, essencialmente de mulheres, questionando o corpo em si mesmo, pela presença ou ausência do outro. Para Sarmento o corpo da mulher "é uma desculpa para tudo,"[55] permitindo-lhe representações existenciais da vida e da arte. Sarmento conceptualiza o corpo no registo subtil da tensão sexual, que apela ao espiar e ao ser espiado, propondo ambiguidades entre o que se vê e o que está ausente. Realiza filmes, centralizando-se em zonas específicas do corpo feminino nomeadamente em *Faces* [56] (1976) e *Sem título* (1999) em que pernas de uma mulher percorrem eternamente uma calçada, numa tensão crescente de acções, conducentes a uma apoteose que nunca se verifica.

Sarmento, cria nas suas obras expectativas em emoções crescentes de acções, aponta para um clímax que não se realiza, remetendo o espectador para a consumação das cenas.

Nos seus filmes "é como olhar para um fotograma, quando o que queremos mesmo é o filme. Viajamos com a câmara mas nunca chegamos a lugar nenhum" (Searle 93). Neste sentido, cruza-se com um universo de David Lynch (nomeadamente em *Twin Peaks*, *Mulholland Drive, Inland Empire*), cuja excentricidade enigmática de personagens e enredo, criam envolvimentos e *suspense,* que nunca obtêm respostas conclusivas no seu desenlace.

As obras de Sarmento têm uma carga dramática intensa, dimensões do desejo que perspectivam, violentação, perversão, pornografia, sadismo, crimes e prenúncios de morte. Nas suas pinturas das séries *Golpes de misericórdia* (1988), *something glimpsed from the corner of the eye, in passing* (1998) ou *My Own Uncomfortable Secret* (1998), indiciam-se crimes mas nunca assistimos à sua consumação. Assim como em *Dias de escuro e de luz (1990*) e *Emma* (*1991*) os vestidos das mulheres desabotoam-se, mas nunca se despem completamente. Mais do que os prenúncios de um drama, o "verdadeiro sadismo" das suas obras consiste neste limiar de emoção e suspensão, em que coloca o observador.

> Somos, assim, mantidos como que à beira de algo. (…) ficamos com a sensação de que algo (…) talvez absolutamente chocante ou terrível - se desenrola à frente

55 Ver entrevista a Julião Sarmento por Helena Osório, Revista *Bombart* .01 Jan.-Fev. (2009): 12.

56 "Duas mulheres interagem. Começa pelo cabelo. O cabelo de uma torna-se o cabelo de outra. Depois beijam-se. É um beijo muito longo. Um beijo de dez minutos. Depois a câmara desloca-se para as mãos". (Celant/Sarmento 93)

> dos nossos olhos. Não só à nossa frente, mas para nós. É aqui que encontramos a imagem: algo aconteceu, ou vai acontecer, ou vai continuar a acontecer no preciso momento em que desviarmos os olhos. (…) Algo em que já pensáramos por nossa iniciativa. (Searle 93)

Sarmento representa corpos interrompidos, em jogos de ocultação e de revelação, suspende gestos e acções, abrindo espaços em branco, que lhe permitem dizer o que não se pode descrever. Nesse sentido as suas obras convocam o silêncio, como nas pinturas *Um silêncio de chumbo* (1989) ou *Pintura cega (três instrumentos de prazer e um de morte)* (1990), desenhando sobre tela de olhos fechados e com a mão esquerda formas indefinidas, em contrastes de branco e preto. Para Sarmento, "é uma obra só de interrogações,"[57] representando ausências, dúvidas, os desencontros e o vazio que tornam implícito o que não se vê. As suas telas contêm uma parte de "irrealização própria das grandes obras,"

> (…) que acaba por precipitar o espectador num vazio aparente, onde por fim cada um fica a fazer parte dessa realidade sempre incompleta. Num "despojamento radical". A multiplicidade desta pintura distribui-se num campo de significações, efeitos, narrativas, hipóteses de leitura. (Barroso 143)

Julião Sarmento explora o processo de interrupção, pela captação de instantes e fragmentos, multiplica ecrãs e simultaneamente trabalha o apagamento de formas e fundos, sugerindo sequências narrativas não explícitas, entre as aparências dadas e o que delas é oculto, propondo ao espectador possíveis reconstituições. Sarmento, conceptualiza a vida e a arte em obsessões e dialécticas constantes, por procedimentos de citação, repetição, apagamento, colagem, montagem, sobreposição, numa espécie de catarse que faz desaparecer o mundo e que simultaneamente o repõe em visões descontínuas singulares, em cada trabalho ou série. Serve-se do corpo do cinema, como corpo para a pintura e da pintura como corpo para filmes, em que mais do que o realismo da imagem, procura os desvios da representação na intertextualidade de linguagens. Interessa-se pelo olhar cinematográfico (o ver por detrás da câmara), transpondo para a pintura *zooms* na concepção de planos e pormenores que se autonomizam, bem como o retalhar de corpos e fragmentos que isoladamente parecem cancelar um todo, a vida e o mundo, permitindo-lhe criar imagens na suspensão de realidades. A composição por fragmentos, não obedece a uma lógica de *puzzle*, mas à de desintegração de imagens que montadas em novos contextos permitem confronto, transformação e invenção, abrindo novos sentidos e uma complexidade de leituras que inviabilizam qualquer explicação definitiva da sua obra.

Segundo Tarantino, Julião Sarmento é um dos artistas contemporâneos, cujo conhecimento da experiência de montagem cinematográfica se tornou fundamental para a sua produção artística. Refere-se à semiótica do cinema, demonstrando que a unidade do plano permite a sua desconstrução em fragmentos construtivos, com ou sem profundidade de campo, cuja noção de sequência, dentro de um plano ou para além deste, torna-se elemento determinante da singularidade da imagem filmada, nomeadamente na conceptualização proposta por Eisenstein, Bazin, e Metz:

57 Ver entrevista a Julião Sarmento por Helena Osório, Revista *Bombart* .01 Jan-.Fev. (2009): 12.

> Para Sergei Eisenstein, o trabalho de montagem começava no plano e estendia-se até à combinação destas unidades individuais. Para André Bazin, era a orquestração dos fragmentos dentro da profundidade de campo e a resultante aproximação da "realidade" o que constituía a essência do cinema. Para Christian Metz, a linguagem do cinema residia na sua capacidade de criar estruturas sintagmáticas profundas, nas quais semelhanças e diferenças podiam impelir uma narrativa ou enunciado. (Tarantino)

Tarantino considera a sequência entre séries o aspecto mais cinematográfico na obra de Sarmento, nomeadamente pela sua idêntica concretização, em *O espaço entre as coisas* (1989), em polípticos *David and Devil* (1986), *Vampiry* (1986), ou nas *Pinturas brancas* (1990 até actualidade), que incluem as sub-séries *Emma*, *O percurso do sol*, *Dias de escuro e de luz*, *Pina e Pateau*, assim como *The Beatles*.

As obras de Julião Sarmento são pedaços de histórias, que têm uma história e uma pré-história, são simultaneamente recordações e legendas. Pressupõem uma lógica sequencial, pela edificação ou destruição, remetendo-se para processos de construção auto-biográficos, num cruzamento pessoal de referências, extractos literários, figuras ou gestos da mitologia, e essencialmente filmes. Reporta-se a citações, evocações, sobreposição de ficções, de personagens míticos (como *Deméter* e *Baubo* 1986, a *Leda e o cisne,* 1995) ou historicamente lendários (como a série *Casanova,* 1997) criando trabalhos plásticos diversificados, em visões cinematográficas. Nas suas obras desdobram-se corpos e membros por sobreposição, questionando identidades como múltiplos ou uma só. Na sequência final do filme de Fellini, Casanova dança arrebatadamente com um manequim de uma mulher e Sarmento produz nesta série um holograma de uma mulher, cuja imagem imaterial é impossível de se agarrar. O cinema torna-se então um mecanismo dotado de uma eficácia que consiste aqui em paralisar o momento sexual, fetichisando-o e isolando-o simultaneamente, sendo este um dos temas dominantes para Sarmento.

Numa versatilidade de técnicas e suportes, torna assunto da arte o privado, o biográfico, segredos, traumas, medos, desejo e prazer, hoje reivindicados por inúmeros artistas contemporâneos (Cindy Sherman, Louise Bourgeois, Pipilotti Rist, entre outros). Será a singularidade de um discurso artístico que o distingue, remetendo-nos para zonas secretas e obscuras, numa perspectiva de construção de identidades ambíguas, que apelam à memória e ao silêncio, à compulsão imagética e ao vazio ou até mesmo à escuridão, numa constante reinvenção plástica do desejo. Neste sentido,

> As obras de Sarmento não concluem, não apresentam teses, nem hipóteses. Nem respostas, nem perguntas. As obras de Sarmento expõem e exploram um território sem limites atravessado pelo pulsar de um ponto de vista pessoal. Daí a sua enorme versatilidade e a capacidade de utilizar e combinar diferentes técnicas e suportes. (Melo 12)

O seu trabalho, parte da sua própria experiência cultural e pessoal, que abarca a cultura urbana, a *pop-art* e o cinema. Desde filmes experimentais de Andy Warhol (assim como outros de série B), a filmes de Buñuel, Fellini, Antonioni, Lynch, Godard, Vertov, até à ficção minimalista de Raymond Carver evocando outras referências literárias (Byron, Bataille, Barthes, Joyce) a par de publicações triviais, como materiais férteis para a criação artística. Julião Sarmento serve-se da montagem de imagens, numa espécie de autobiografia fragmentária,

sendo o desejo que autentifica a vida em imagens plásticas desconcertantes, de corpos incompletos que apelam à sedução, para a construção de lugares incertos como espaços de identidade. Questões protagonizadas na obra, *L´escalade du désir* (1978) em que quatro fotografias a preto e branco representando fragmentos de espaços interiores são complementadas na margem inferior, por pequenos sacos contendo açúcar, cinzas, cartas queimadas, tecidos e citações de Barthes, Bataille, e do próprio Julião Sarmento. Como diz Eduardo Prado Coelho, "Há um fundo biológico de não – dizer – um real impossível, um não dito, um tabu – que induz no vivido (individual ou colectivo) a força de certos actantes: metáforas obsessivas, significantes privilegiados, paradigmas". (82-83)

Percorrendo a obra de Sarmento, encontramos problematizações constantes do ser em identidades ambíguas numa intertextualidade de linguagens, propondo o observar e o ser observado em transparências (a imagem como vitrina) e opacidades (espessuras conceptuais) na perspectivação do desejo. Sarmento representa corpos interditos e transgressores nas cinematografias da vida, abrindo espaços vazios e silêncios como espaços de reflexão artística em múltiplos sentidos, estabelecendo pactos de cumplicidade com o observador.

BIBLIOGRAFIA

Barroso, Eduardo P. *A locomotiva dos sonhos – crítica, cinema e arte contemporânea*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

Cameron, Dan. "*Tales From the Reconstrution*". *Julião Sarmento: the White Paintings.* Montréal: Centre des Arts Saidye Bronfman, 1994.

Celant, Germano. "*Julião Sarmento: una rivelazione sensuale (ensaio/entrevista)*". *Julião Sarmento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

Coelho, Eduardo P. *Os universos da crítica*. Lisboa: Edições 70, 1982.

Dercon, Chris. *Julião Sarmento*. Roterdão: Witte de With Centrum Voor Hedendaagse Kunst, 1991.

Eco, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

Gil, José. *"Sem título" escritos sobre arte e artistas*. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.

Jenny, Laurence. *Intertextualidades*. Lisboa: Livraria Almedina, 1979.

Kristeva, Julia. *La révolution du langage póetique.* Paris: Seuil, 1978.

Lingwood, James. "*Flashback*". *Julião Sarmento: Flashback*. Madrid: Muséo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 1999.

Melo, Alexandre. "*O território do desejo*". *Julião Sarmento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

---. *Julião Sarmento. Encenações do desejo*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

Molder, Jorge. "*Untitled*". *Julião Sarmento*, Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Molder, Maria F. *Matérias sensíveis*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

Osório, Helena. "*Entrevista Julião Sarmento*". *Bombart*. 01 (2009): 9-13.

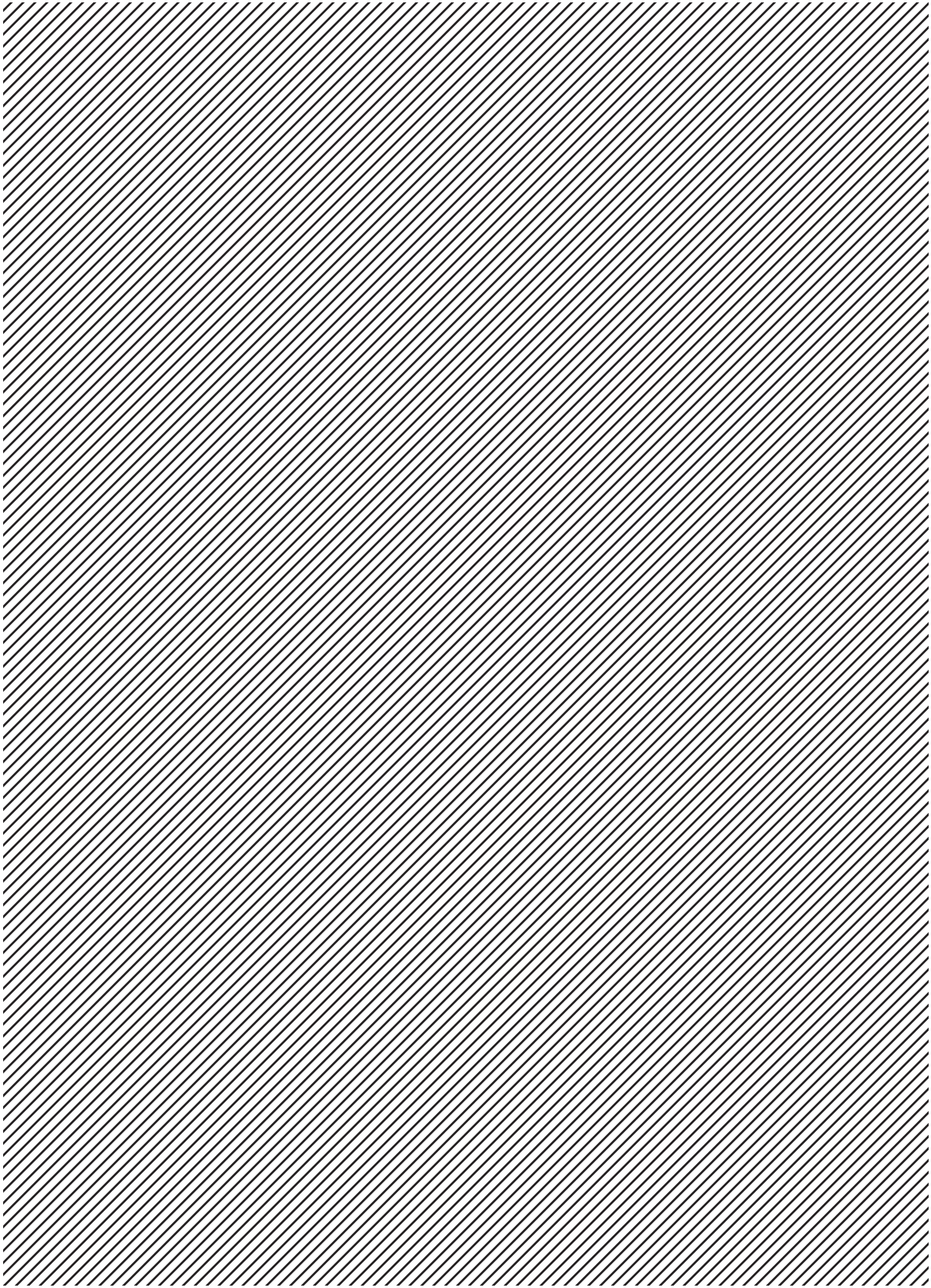
Piégay-Gros, Nathalie. *Introduction à l'intertextualité*. Paris: Dunod Editeur, 1996.

Sardo, Delfim. "*Uma iconologia do intervalo – repetição e montagem na obra de Julião Sarmento*" *What Makes a Writer Great*. Funchal: Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Fortaleza de S. Tiago Galeria Porta 33, 2001.

Searle, Adrian. "*El observador observado/The Watcher Watched*". *Julião Sarmento: Flashback*. Madrid: Muséo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 1999.

Tarantino, Michael. "*Julião Sarmento: uma montagem de atracções*". *Julião Sarmento*. Porto: Fundação de Serralves, 1992.

Tarantino, Michael. "*Sexo, filme e arquitectura/Sex, Film and Architecture*". *Julião Sarmento*. Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.



CIÊNCIA POLÍTICA E DO COMPORTAMENTO

AMBIENTE PSICOSSOCIOLÓGICO DA SALA DE AULA E RENDIMENTO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO

Abílio Afonso Lourenço
Professor Titular
CIPE - Centro de Investigação em Psicologia e Educação
Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal
investigar2010@gmail.com

Victor M. P. Da Rosa
Professor Titular
Faculty of Social Sciences
University of Ottawa, Ottawa, Canadá
victor.darosa@uottawa.ca

Maria Olímpia Almeida de Paiva
Professora Titular
CIPE - Centro de Investigação em Psicologia e Educação
Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal
investigar2010@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 276-289 (2010)
Submetido/Submitted: 06 Jul. 2010 / Aceite/Accepted: 10 Out. 2010

RESUMO

Esta investigação procurou analisar a influência do ambiente da sala de aula nos comportamento disruptivos dos alunos, assim como o impacto destes no rendimento escolar. Da amostra fazem parte 217 alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico do centro do Porto. Aplicou-se a Escala da Disrupção Escolar Professada pelos alunos (EDEP) e a Escala do Ambiente Psicossociológico da Sala de Aula (APSA). Poder-se-á inferir dos resultados que os alunos que percepcionam o ambiente da sala de aula como mais positivo são os que manifestam menos comportamentos disruptivos, bem como obtêm melhores notas.

PALAVRAS-CHAVE

Comportamento disruptivo; Sucesso académico; Ambiente da sala de aula.

ABSTRACT

This research sought to examine the influence of the classroom environment upon disruptive behaviors, as well as the influence of these behavior on academic achievement. A sample of 217 middle school students was selected in Oporto. We used the Disruptive Behavior Scale Professed by Students (DBS-PS) and the Psychossociological Environment of the Classroom (APSA) scale. It can be inferred that the students who perceive the classroom environment as more positive are the ones who show less disruptive behaviors and, as a result, they get better grades.

KEYWORDS

Disruptive behavior; Classroom environment; Academic achievement

INTRODUÇÃO

A indisciplina que hoje é observável na sala de aula incomoda o trabalho docente e discente, desviando o foco de atenção dos indivíduos que necessitam de fazer um esforço continuado para alcançar a mestria das suas realizações. As diferentes atitudes anti-sociais preponderantes em sala de aula e na escola causam um clima de indisciplina e *stress* no ambiente. A comunidade educativa necessita de encarar o flagelo da indisciplina na escola como forma de desenvolver estratégias que fomentem a qualidade do bem-estar psicossocial no ambiente educativo (Ramal).

Actualmente, e numa perspectiva da Psicologia da Educação, o foco da aprendizagem é dirigido para a importância dos pensamentos que o aluno vai traçando, como ainda para as dimensões cognitiva, comportamental e motivacional que este estimula nas aprendizagens que vai desenvolvendo (Lourenço). Conforme refere Biggs "os alunos aprendem por uma grande variedade de razões; essas razões determinam a forma como aprendem e esta determinará a qualidade do seu resultado". (14) Este novo paradigma da investigação considera os indivíduos como processadores da informação, realçando a forma como estes desenvolvem o processamento activo do conhecimento, à medida que vão atribuindo significado e sentido ao ambiente que os rodeia, ou seja, implica a atribuição de sentido ao que está a aprender (Biggs; Winne).

A consideração deste papel agente dos alunos suscitou um conjunto de questões que foram organizando e configurando a lógica da agenda deste trabalho:

> **O que significa ser um aluno disruptivo? Como se diferenciam estes alunos nos seus resultados escolares? Em que medida o ambiente psicossociológico da sala de aula tem impacto nos comportamentos disruptivos e no seu rendimento académico? Em que medida variáveis como o sexo, a repetência, o tempo de estudo e as metas escolares influenciam o ambiente psicossociológico da sala de aula?**

Neste decurso, foi crescendo e interiorizada a consciência da importância do estudo dos comportamentos disruptivos dos alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) em ambiente da sala de aula, como elemento facilitador do sucesso escolar. Equipar os alunos com competências para poderem enfrentar os desafios da escolaridade sempre foi um objectivo do agir da Escola. A escolha de alunos deste nível de ensino para a realização desta pesquisa, prende-se pelo facto de se considerar que é neste ciclo de estudos onde se operam importantes transformações cognitivas, afectivas e motivacionais. Sem uma visão abrangente das condições de aprendizagem, relativamente ao seu contexto, ambiente e afectos, torna-se difícil orientar os alunos para os objectivos educativos ambicionados.

1. COMPORTAMENTOS DISRUPTIVOS E AMBIENTE DA SALA DE AULA

Segundo Da Rosa e Lapointe, a *psyché* é particularmente a mesma em todos os povos. Trata-se da vida interior. Assim, em todo o mundo podemos encontrar indivíduos com os mesmos impulsos, os mesmos receios e os mesmos conflitos. As diferenças presenciadas revelam maneiras de viver cada cultura. Deste modo, torna-se evidente que qualquer sociedade influencia as atitudes e os comportamentos dos seus membros. Partindo do pensamento destes autores, parece ser consensual, dentro da comunidade científica, que o conceito de indisciplina, acompanhada ou não de violência física ou verbal, tem-se revelado

como um problema cada vez mais grave no quotidiano das nossas escolas, provocando sérios danos na aprendizagem dos nossos alunos, facto que, a não ser corrigido rápida e eficazmente, poderá hipotecar a Escola portuguesa (Lourenço e Paiva "Comportamentos;" Paiva e Lourenço "Disrupção"). Seguramente, se nos dispuséssemos a registar todas os acontecimentos verificados durante um tempo lectivo não ficaríamos surpresos ao constatar que uma parte substancial das intervenções orais advém do professor e que nelas predominam as funções de controlo, organização e estruturação metodológica, comparativamente às de informação, desenvolvimento e personalização.

A aula é um sistema aberto, um mundo de pequenos mundos altamente complexo, no seio do qual se conferem intercâmbios imprevisíveis e simultâneos entre os seus elementos. O ensino e os fenómenos a eles associados, como o próprio comportamento indisciplinado do aluno, devem ser vistos como fenómenos interaccionais no interior desse contexto específico.

De uma forma geral, e sem querer valorizar em excesso a diversidade de perspectivas disciplinares, ideológicas e idiossincráticas através das quais o problema tem sido analisado e o conceito definido, poder-se-á atestar que a noção de indisciplina escolar aponta para atitudes e comportamentos que põem em causa a efectivação das tarefas e actividades de ensino/aprendizagem, o convívio saudável e o apreço e consideração por um conjunto de deveres sócio-morais, valores e padrões culturais que se considera deverem presidir às relações entre as pessoas no quadro institucional da escola e da aula. Desta forma, ao considerarmos este fenómeno, fazemos referência a comportamentos que, na sua natureza, não são mais do que transgressões a regras normativas instituídas, de natureza escolar (normas regulamentares, contratos explícitos ou implícitos), e a uma ordem ético-social comummente adoptada, assente em valores que alegadamente norteiam o relacionamento das pessoas em sociedade. Segundo Prairat, essas regras (normativa e ética) são desenhadas para garantir as diferentes situações de aprendizagem, assegurar a socialização dos alunos, bem como demarcar as relações entre todos os intervenientes que coabitam o espaço escolar.

2. **MÉTODO**

2.1. **HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO**

Este modelo, centrado nos comportamentos disruptivos dos alunos, descreve determinadas relações causais entre as variáveis. Sendo o objectivo a comprovação da viabilidade do modelo proposto é formulada a seguinte hipótese: o modelo proposto representa as relações entre as variáveis existentes na nossa matriz empírica.

Relativamente às relações existentes no modelo hipotetizado para os alunos do 3.º CEB, estabeleceu-se que cada uma das variáveis latentes influi unicamente nos seus respectivos itens (Byrne, *Structural Equation Modeling With AMOS*) e que as relações entre variáveis observadas e inferidas são representadas por um alfa (α) e entre as inferidas por um beta (β). Deste modo, foram definidas as sub-hipóteses que norteiam as especificações delineadas: H1. O sexo dos alunos tem influência no ambiente psicossociológico da sala de aula; H2. O ano de escolaridade que os alunos frequentam tem impacto no ambiente psicossociológico da sala de aula; H3. O ambiente psicossociológico da sala de aula é afectado pelo número de reprovações dos alunos; H4. O tempo de estudo usado pelos alunos influencia o ambiente psicossociológico da sala de aula; H5. As metas escolares definidas pelos alunos têm uma in-

fluência no ambiente psicossociológico da sala de aula; H6. Os comportamentos disruptivos dos alunos são influenciados pelo ambiente psicossociológico da sala de aula; H7. Os comportamentos disruptivos têm um impacto nas notas obtidas pelos alunos; e H8. O ambiente psicossociológico da sala de aula influi nas notas obtidas pelos alunos.

2.2. **PARTICIPANTES**

Para esta investigação foi usada uma amostra de 217 alunos do 3.º CEB, distribuídos por 15 turmas de uma escola secundária com 3.º Ciclo, do grande Porto. Desta amostra, 112 (51,6%) alunos são rapazes e 105 (48,4%) são raparigas. No que concerne ao ano de escolaridade, 46 (21,2%) alunos frequentam o 7.º ano, 84 (38,7%) o 8.º e 87 (40,1%) o 9.º ano. Estes distribuem-se entre os 12 e os 20 anos (M=15,2; DP=1.73), verificando-se a existência de dois alunos com 19 anos e quatro com 20. Constata-se que os alunos do 7.º ano de escolaridade apresentam uma média etária de 13,3 anos (DP=.89), os do 8.º 15,5 (DP=1.65) e os do 9.º uma média de 16,0 (DP=1.33). Relativamente às notas escolares, a disciplina de Língua Portuguesa apresenta uma média de 2.82 (DP=.76) e a Matemática de 2.64 (DP=.96). Foram seleccionadas estas disciplinas por apresentarem maior insucesso e serem sujeitas a exame nacional no 9.º ano de escolaridade.

2.3. **INSTRUMENTOS**

Nesta investigação foi utilizada a escala EDEP (Veiga "Disruptive") para avaliar os comportamentos disruptivos dos alunos, apresentando 16 itens que estão distribuídos por três factores: Distracção-Transgressão (DT); Agressão aos Colegas (AP); e Agressão à Autoridade Escolar (AA). As pontuações mais elevadas dizem respeito a uma maior disrupção escolar e, pelo facto de existirem itens inversos, é necessário efectivar uma prévia inversão do seu valor numérico.

Para avaliar a percepção dos alunos sobre o ambiente psicossociológico da sala de aula foi utilizado o questionário APSA (Antunes), que congrega 22 itens distribuídos por 5 factores: Autoridade Compreensiva do professor nas aulas (AC); Envolvimento nas Aulas (EA); Afiliação nas Aulas (AF); Satisfação nas Aulas (SA); e Tarefas nas Aulas (TA).

As pontuações superiores correspondem a uma maior percepção sobre o ambiente psicossociológico da sala de aula, pelo que se torna necessário realizar uma prévia inversão do valor numérico dos itens inversos. No que se refere à classificação das respostas, em ambos os instrumentos (EDEP e APSA) usou-se uma escala de formato Likert de seis pontos, desde (1) Discordo totalmente até (6) Concordo totalmente.

2.4. **PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS**

2.4.1. **PROCEDIMENTOS**

Para atingir as metas propostas nesta investigação, os inventários utilizados foram aplicados em Abril de 2009, em espaço de sala de aula e durante o horário escolar, após a respectiva autorização da Direcção da escola e dos encarregados de educação. Foi garantida a confidencialidade

das respostas. O tratamento estatístico dos dados foi realizado com base no programa informático SPSS.17/AMOS.17 (Byrne, *Structural Equation Modeling With AMOS*; Lowe, Winzar e Ward).

2.4.2. **TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS**

A técnica de modelos de equações estruturais (Ullman e Bentler) possibilita ao investigador avaliar as relações causais entre variáveis não directamente observadas (inferidas) por meio de um agregado de variáveis observadas que servem de marcadores de cada variável inferida ou latente (Byrne, *Structural equation modelling with EQS*). Esta técnica permite analisar a validade preditiva observando as relações dos construtos avaliados com variáveis que a literatura usualmente indica como teoricamente associadas. Na figura 1 pode observar-se a representação pictográfica do diagrama causal, mostrando as variáveis e a direcção das influências causais.

Todos os cálculos dos parâmetros foram realizados através do AMOS 17, que nos permite observar os modelos utilizados através de matrizes de efeitos e de covariância. Num último momento é exposta a avaliação do modelo que é realizada por meio de indicadores estatísticos (índices de ajustamento) que permitem certificar a adequabilidade do mesmo.

Na apreciação dos modelos causais procura-se avaliar se o modelo hipotetizado clarifica as relações existentes na matriz dos dados empíricos. Esta avaliação dos modelos será realizada em dois momentos: o primeiro que se relaciona com o ajustamento global e o segundo com o ajustamento local. A análise do ajustamento global do modelo realiza-se em duas etapas: a análise do ajustamento do modelo e a interpretação dos dados correspondentes à comparação do modelo (MacCallum, Wegener, Uchino e Fabrigar). O ajustamento global do modelo revela o grau em que o modelo previamente determinado se ajusta à matriz de covariância dos dados. Os índices de ajustamento que possibilitam esta tomada de decisão são, especificamente: χ^2/gl; GFI; AGFI; CFI e RMSEA (Byrne, *Structural Equation Modeling With AMOS*; Schreiber et al.).

Relativamente ao valor χ^2/gl, este é calculado a partir da divisão do χ^2 do modelo pelo número de graus de liberdade. Segundo Giles admite-se um ajustamento aceitável do modelo quando este valor é inferior a 5. Por outro lado Byrne (*Structural Equation Modeling With AMOS*) afirma que valores superiores a 2 não deveriam ser aceites.

Quanto ao índice GFI (*Goodness-of-Fit Index),* trabalhado por Jöreskog e Sörbom, este faz a comparação da matriz de covariância da amostra usada com uma matriz de covariância calculada para a população, ou seja, indica que parâmetros eram expectáveis de múltiplas aplicações do estudo utilizando distintas amostras. O seu valor é estimado entre 0 e 1, onde um valor próximo de 1 indica uma medida de bom ajuste. Tal como o anterior, o valor do AGFI (*Adjusted Goodness-of-Fit Index*) indica a quantidade de variância e covariância explicada, ajustada aos graus de liberdade do modelo. Quando se verificam valores iguais ou superiores a .90 estes indicam um ajustamento robusto do modelo. Segundo Hu e Bentler, ao não compararem o modelo hipotetizado com qualquer outro, estes dois índices podem ser considerados como de ajustamento absoluto.

O índice CFI (*Comparative Fit Index*) apresenta o modelo hipotetizado algures numa escala de valores que variam entre 0 e 1, onde o zero indica um mau ajuste e o 1 um ajuste muito robusto. Este índice faz a comparação entre o modelo hipotetizado e um modelo totalmente independente, onde não é possível observar qualquer relação entre variáveis, tendo como

base o procedimento de máxima verosimilhança (Bentler). Este índice é fundamental pelo seu grau de ajuste em modelos hipotetizados onde se verifiquem amostras com poucos indivíduos. Como referem Hardy e Bryman e Hu e Bentler, quando se observam valores iguais ou superiores a .95 estes podem ser considerados indicadores de um bom ajuste do modelo.

Relativamente ao índice RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*), este refere-se à diferença que existe entre a matriz de variância e covariância da amostra e a matriz do modelo alcançado, tendo em consideração a adequabilidade do modelo. Como referem Hu e Bentler, valores entre .08 e .06 são indicadores de um ajuste razoável e quando são inferiores a .06 revelam um bom ajuste.

3. **ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As relações causais que foram hipotetizadas neste modelo derivam directa ou indirectamente da literatura existente (cf. Figura 1). É expectável que os alunos com percepções mais positivas do ambiente psicossociológico da sala de aula desenvolvam menos comportamentos disruptivos e, consequentemente, obtenham resultados escolares mais robustos. Foi hipotetizado, de igual forma, que o Ambiente da sala de aula tem impacto nas Notas, bem como algumas variáveis observadas (Sexo, Ano de escolaridade, Número de reprovações, Horas de estudo e Metas escolares) têm também influência no Ambiente da sala de aula.

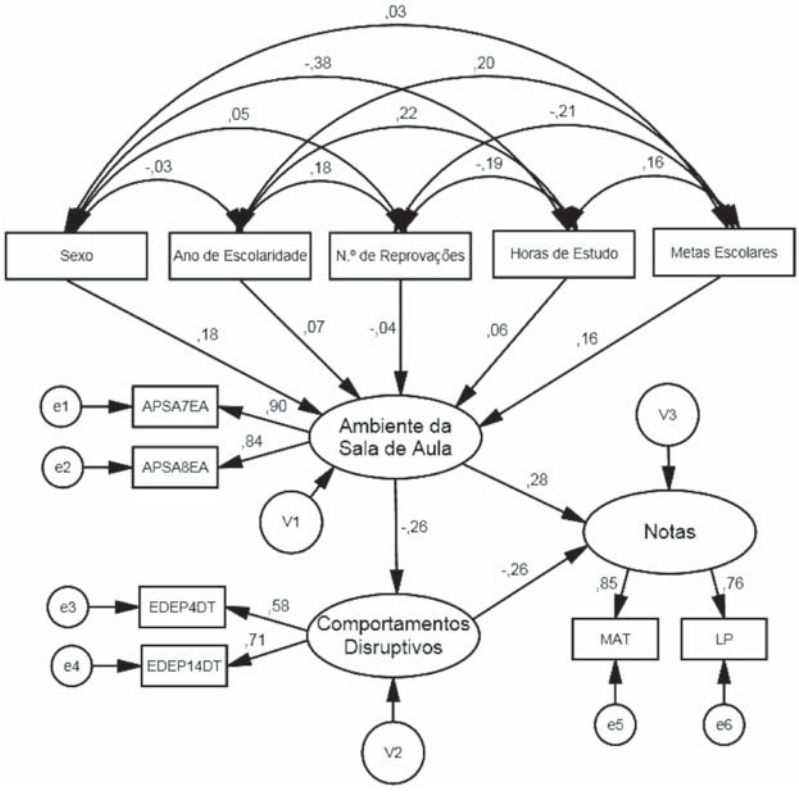


Figura 1. Especificação pictórica do modelo de relações causais com os valores estandardizados

No quadro 1 são apresentados os dados descritivos (mínimos, máximos, média, desvio-padrão, assimetria e curtose) relativos às variáveis incluídas no modelo de equações estruturais, podendo-se constatar que as assimetrias e as curtoses apresentam valores ajustados. Os dados alcançados indicam médias na pontuação item a item próximos do valor intermédio da respectiva distribuição.

Quadro 1. Estatística descritiva (mínimo, máximo, média, desvio-padrão, assimetria e curtose) correspondente às variáveis incluídas no modelo de equações estruturais

Variável	Mín.	Máx.	Média	DP	Assimetria	Curtose
N.º de Reprovações	0	5	1.59	1.29	.514	-.429
Horas de Estudo	0	9	2.40	2.49	1.064	.184
Língua Portuguesa	1	5	2.82	.76	-.010	-.348
Matemática	1	5	2.64	.96	.433	-.190
APSA7EA	1	6	3.94	1.85	-.429	-1.248
APSA8EA	1	6	3.83	1.84	-.315	-1.279
EDEP4DT	1	6	2.39	1.50	.817	-.356
EDEP14DT	1	6	2.65	1.55	.722	-.387

Legenda. Os itens APSA seguidos das letras EA correspondem ao Envolvimento nas Aulas; os itens EDEP seguidos das letras DT correspondem à Distracção-Transgressão.

Na figura 1 observa-se a especificação do modelo hipotetizado para a amostra. As relações causais apresentadas são as existentes no modelo considerando as hipóteses delineadas anteriormente. Teve-se em conta dois critérios para a avaliação dos resultados da contrastação do modelo de equações estruturais, nomeadamente, o nível global de ajustamento do modelo e a significância dos coeficientes de regressão calculados. Os índices de ajustamento global (índices de bondade) do modelo proposto são bastante robustos (χ^2/gl=1.338; GFI=.967; AGFI=.930; CFI=.977; RMSEA=.040), atestando a hipótese de que o modelo hipotetizado representa as relações entre as variáveis existentes na nossa matriz empírica.

Do quadro 2 e da figura 1 poder-se-á constatar que as sub-hipóteses que nortearam esta investigação foram todas confirmadas: H1. As raparigas têm uma percepção mais positiva sobre o ambiente psicossociológico da sala de aula do que os rapazes (α=.18; p<.05); H2. Os alunos do 9.º ano de escolaridade revelam uma percepção do ambiente da sala de aula mais positiva relativamente aos restantes anos (α=.07; p=n.s.); H3. O ambiente psicossociológico da sala de aula é afectado negativamente pelo número de reprovações dos alunos (α=-.04; p=n.s.); H4. Um maior investimento no tempo de estudo, por parte dos alunos, influencia de uma forma positiva o ambiente psicossociológico da sala de aula (α=.06; p=n.s.); H5. As metas escolares definidas pelos alunos têm uma influência positiva no ambiente psicossociológico da sala de aula (α=.16; p<.05); H6. Os alunos que têm uma melhor percepção do ambiente psicossociológico da sala de aula apresentam menos comportamentos disruptivos (β=-.26; p<.05); H7. Os comportamentos disruptivos têm um impacto negativo nas notas obtidas pelos alunos (β=-.26; p<.05); e H8. O ambiente psicossociológico da sala de aula influi positivamente nas notas obtidas pelos alunos (β=.28; p<.01).

Quadro 2. Resultados da contrastação da estrutura de covariância (valor e erro estimado e nível de significância) hipotetizado para a amostra

Hipóteses		Valores não estandardizados	Valores estandardizados	Erro de estimativa	p
H1	Sexo → Ambiente da sala de aula	.586	.18	.257	.023
H2	Ano de Escolaridade → Ambiente da sala de aula	.153	.07	.167	.361
H3	N.º de Reprovações → Ambiente da sala de aula	-.056	-.04	.098	.569
H4	Horas de Estudo → Ambiente da sala de aula	.043	.06	.054	.427
H5	Metas Escolares → Ambiente da sala de aula	.352	.16	.168	.036
H6	Ambiente sala de aula → Comportamentos Disruptivos	-.135	-.26	.058	.020
H7	Comportamentos Disruptivos → Notas	-.238	-.26	.099	.016
H8	Ambiente da sala de aula → Notas	.136	.28	.043	.001
	Sexo → Ano de Escolaridade	-.013	-.03	.026	.613
	Sexo → N.º de Reprovações	.030	.05	.044	.489
	Sexo → Horas de Estudo	-.470	-.38	.090	.000
	Sexo → Metas Escolares	.010	.03	.025	.686
	Ano de Escolaridade → N.º de Reprovações	.178	.18	.068	.009
	Ano de Escolaridade → Horas de Estudo	.408	.22	.132	.002
	Ano de Escolaridade → Metas Escolares	.112	.20	.039	.004
	N.º de Reprovações → Horas de Estudo	-.593	-.19	.222	.007
	N.º de Reprovações → Metas Escolares	-.200	-.21	.067	.003
	Horas de Estudo → Metas Escolares	.297	.16	.128	.020
	Comportamentos Disruptivos → EDEP4DT	1.000	.58	-	-
	Comportamentos Disruptivos → EDEP14DT	1.216	.71	.419	.004
	Ambiente da sala de aula → APSA7EA	1.000	.90	-	-
	Ambiente da sala de aula → APSA8EA	.926	.84	.122	.000
	Notas → LP	.710	.76	.135	.000
	Notas → Mat	1.000	.85	-	-

Legenda. LP=Língua Portuguesa; Mat=Matemática; os itens APSA seguidos das letras EA correspondem ao Envolvimento nas aulas; os itens EDEP seguidos das letras DT correspondem à Distracção-Transgressão.

Observa-se no quadro 2 que todos os valores de regressão de uma variável relativamente a outra se apresentam como significativos, excluindo os da relação da variável endógena Ambiente psicossociológico da sala de aula com as variáveis exógenas Horas de estudo, Número de reprovações e Ano de escolaridade. Quanto às variáveis observadas (exógenas) verifica-se que quanto maior for a ano de escolaridade dos alunos mais reprovam (α=.18), porém despendem mais tempo no estudo (α=.22) e apresentam metas escolares mais ambiciosas (α=.20). De igual forma, verifica-se que os alunos que mais reprovam são os que estudam menos (α=-.19) e exibem metas escolares menos exigentes (α=-.21). Assim, os alu-

nos que se aplicam mais ao estudo revelam metas escolares mais ambiciosas (α=.16). Por seu lado, as raparigas são menos aplicadas ao estudo (α=-.38), apresentam mais reprovações (α=.05), contudo têm metas escolares mais elevadas (α=.03). De realçar que as relações do sexo com o número de reprovações e com as metas não são estatisticamente significativas. Quanto à variância explicada das variáveis em estudo, as correlações múltiplas quadradas indicam valores de 18.2% para as Notas e 7% para o Ambiente da sala de aula, sendo estas as mais explicadas no modelo. A variável Comportamentos disruptivos (6.7%) é a menos explicada pelas variáveis em estudo.

Uma linha de investigação tem sido desenvolvida nestes últimos anos devido a um aumento acentuado de problemas relacionados com a indisciplina escolar. Esta investigação tem sido desenvolvida em vários países (Amado e Freire; Haber e Glatzer; Lourenço e Paiva, "Disrupção;" Paiva e Lourenço "Comportamentos disruptivos e sucesso;" Salmivalli, Kaukiainen e Voeten). Reflectindo sobre os comportamentos disruptivos dos alunos em ambiente de sala de aula, uma das preocupações da escola é possibilitar ao aluno participar na definição das normas disciplinares que constam do Regulamento Interno da escola para que ele acredite nelas e as respeite, a fim de que se estabeleça um ambiente favorável e harmonioso ao desenvolvimento da aprendizagem. Os dados alcançados neste estudo revelam que os alunos que têm uma melhor percepção do ambiente psicossociológico da sala de aula apresentam menos comportamentos disruptivos. Desta forma, o professor precisa de criar condições apropriadas às especificidades de cada aluno. No aspecto atitudinal, torna-se necessário desenvolver formação nesse sentido, não nos ficarmos apenas por considerações reflexivas temáticas. Diversas investigações, quer transversais quer longitudinais, têm realçado que as percepções positivas dos alunos acerca do clima psicossociológico da escola, ou em particular da sala de aula, aparecem associadas com menores problemas comportamentais e emocionais (Paiva e Lourenço, "Ambiente;" Roeser e Eccles), o que está plenamente de acordo com os nossos resultados. Estas dificuldades comportamentais observadas nos diferentes contextos, transformam-se, habitualmente, em insucessos na vida social, emocional e principalmente académica dos indivíduos. Da revisão de literatura não ficam interrogações sobre as consequências muito negativas, principalmente no âmbito pessoal e do insucesso escolar repetido dos alunos. De realçar ainda que a relação entre o rendimento académico e o comportamento desviante é indiscutível (Freire; Veiga, *Transgressão*), como se pode constatar com os resultados obtidos neste estudo, onde se verificou, mais uma vez, que os comportamentos disruptivos versus têm um impacto negativo nas notas obtidas pelos alunos, sendo esta associação de variáveis estatisticamente significativa. Como refere Polk o insucesso escolar, principalmente se for continuado, é um percurso que cria frustrações e ansiedades, gerando sentimentos de debilidade vivenciados por aqueles que caem no papel de alunos sem sucesso. Muitos estudos alertam-nos para as diversas consequências do insucesso escolar na personalidade do aluno, mesmo que esse facto lhe pareça indiferente. Alguma investigação portuguesa, certificando estudos internacionais, revela uma relação intensa entre o comportamento disciplinar, as aprendizagens e o aproveitamento académico (Freire; Paiva e Lourenço, "Comportamentos disruptivos versus;" Silva).

Finalmente, os professores e os educadores, cada vez mais, têm de adoptar, na sua *praxis* docente, o primórdio de que não há, em parte alguma, alunos que partilhem um quadro uniforme de atitudes e comportamentos, de sentimentos, de objectivos individuais e de preparação semelhante. Existem sim, sujeitos *per si* dispersos num amplo leque de interesses, competências e motivações que colocam, por este facto, novos desafios aos processos de ensino/aprendizagem.

4. **CONCLUSÕES**

Na introdução deste trabalho foram apresentadas algumas questões que serviram de norte para a prossecução desta investigação. No decorrer do estudo tentamos esclarecer algumas dessas preocupações, tendo sempre presente a clarividência que estas mesmas questões permaneceriam em aberto, dando a possibilidade a novas investigações sobre a temática em estudo, acrescentando e alargando novos horizontes.

Apesar de serem escassos os estudos sobre o ambiente da sala de aula e sua influência no sucesso escolar dos alunos, as investigações efectuadas no seu âmbito revestem-se de grande impacto para a melhoria do ensino/aprendizagem das nossas escolas. Este enriquecimento pode ser observado na contribuição efectiva para a melhoria do rendimento escolar da maior parte dos nossos alunos, se os professores possuírem os conhecimentos subjacentes à temática do ambiente da sala de aula e se os exercitarem na prática. Para além deste conhecimento, será também importante que os professores possam avaliar o tipo de comportamento disruptivo que os alunos exibem para poderem intervir adequada e atempadamente nas disfunções que possam surgir. É também essencial que conheçam o impacto de algumas variáveis significativas (e.g., sexo, número de reprovações, horas de estudo, metas escolares, ambiente da sala de aula, comportamentos disruptivos) no rendimento escolar exibido pelos alunos e possuam competências que lhes permitam ensinar e modelar a utilização de estratégias auto-regulatórias na sala de aula, tendo sempre como objectivo principal a mestria dos alunos.

Coventry refere que, nos primeiros anos de escolaridade, o insucesso escolar, quando relacionado com comportamentos disruptivos, é um fenómeno que funciona como promotor da abstracção estrutural e psicológica do aluno, reflectindo-se fortemente no seu autoconceito e nas suas ambições. Genericamente, poder-se-á dizer que o relacionamento social quotidiano no espaço escolar e a cooperação entre os alunos na aprendizagem tornam esse processo mais eficaz, prevenindo a problemática do insucesso académico, assim como atitudes preconceituosas, de injustiça e discriminação (Formiga; Garcia).

A criação de ambientes que os alunos percepcionam como capazes de induzir uma abordagem profunda e em que possam efectuar aprendizagens significativas, constitui o desafio sugerido ao sistema educativo em geral e aos professores em particular (Paiva). A literatura destaca a influência da percepção dos alunos sobre os métodos de ensino e de avaliação usados pelos docentes e das matérias que integram o currículo na adopção de uma determinada abordagem à aprendizagem. Ramsden referiu que os alunos nunca recebem, de forma passiva, a instrução do professor. Adaptam-se ao contexto, tentando corresponder ao que o professor manifesta valorizar na aprendizagem. No que diz respeito aos procedimentos de avaliação, os teóricos referem que os docentes proporcionam aos alunos sinais sobre o tipo de aprendizagem que se pretende que estes concretizem e a maneira como devem abordar a sua aprendizagem.

Só será possível alcançar a disciplina ambicionada a partir do momento em que o trabalho na escola se desenvolva a um nível interdisciplinar, em que todos os professores tenham uma mesma linha de acção, norteando o aluno para que auto-regule a sua aprendizagem tendo como objectivo a mestria escolar (Lourenço, "Processos;" Paiva).

Como realçam Martini e Boruchovitch, é necessário investigar como os alunos, que juntamente com os professores constituem a essência e o alicerce do processo ensino/aprendizagem, analisam e vivenciam as suas experiências de (in)sucesso escolar. Quando a sala de aula se transmuta num palco de múltiplas existências e a cortina se abre para dar outras vidas a cada aluno, criam-se e recriam-se, num ambiente único, formas singulares para exprimir sentimentos e emoções, orientando cada aluno no caminho da auto-descoberta e na revelação do Eu. Os distintos papéis experienciados por cada aluno permitem-lhe encontrar a sua identidade, onde o cumprimento desses papéis se adianta ao aparecimento desse Eu (Moreno). É na realidade uma ponte para o desenvolvimento pessoal do aluno. Assim sendo, e como resposta ao objectivo deste trabalho, poder-se-á dizer que o ambiente da sala de aula tem um papel primordial no rendimento académico.

BIBLIOGRAFIA

Amado, J. S., e I. P. Freire. *A(s) indiciplina(s) na escola – compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina, 2009.

Antunes, J. *Motivação e atitudes dos jovens alunos face ao ambiente da aula e da escola*". Tese Doutoramento. U Lisboa, 2002.

Bentler, P. M. "Comparative Fit Indexes in Structural Models". *Psychological Bulletin* .107 (1990): 238-46.

Biggs, J. B. "Approaches to Learning in Secondary and Tertiary Students in Hong Kong: Some Comparative Studies". *Educational Research Journal* .6 (1991): 27-39.

Byrne, B. M. *Structural Equation Modelling with EQS and EQS/Windows: Basic Concepts, Applications and Programming*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1994.

---. *Structural Equation Modeling with AMOS – Basic Concepts, Applications, and Programming.* New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001.

Coventry, G. "Perspectives on Truancy Reconsidered". *Discipline and Schools.* Ed. R. Slee. Melbourne: The Macmillan Company of Australia Pty Ltd, 1988.

Da Rosa, Victor P., e Jean Lapointe. *Psicologia e comportamento transcultural – uma abordagem antropológica.* Campinas, SP: Alínea Editora, 2004.

Formiga, N. S. "Há diferença entre homens e mulheres quanto ao rendimento escolar?" *Revista da educação* 2.2 (2002): 7-13.

Freire, I. *Percursos disciplinares e contextos escolares: dois estudos de caso*. Tese Doutoramento, U Lisboa, 2001.

Garcia, R. L. "Preconceito no cotidiano escolar: Ensino e medicalização". *Educação e sociedade* 18.59 (1997): 405-07.

Giles, D. C. *Advanced Research Methods in Psychology*. New York: Routledge, 2002.

Haber, J., e J. Glatzer. *Bullying – manual anti-agressão*. Alfragide: Casa das Letras, 2009.

Hardy, M., e A. Bryman. *Handbook of Data Analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

Hu, L.-T., e P. M. Bentler. "Cut Off Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives". *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal* .6 (1999): 1-55.

Jöreskog, K. G., e D. Sörbom. *LISREL – 8 User's Reference Guide*. Chicago: Scientific Software, 1993.

Lourenço, A. A. *Indisciplina na escola: uma abordagem comportamental e causal*. Diss. Mestrado, U Fernando Pessoa, 2003.

---. *Processos Auto-Regulatórios em Alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico: Contributo da Auto-Eficácia e da Instrumentalidade*. Tese Doutoramento, U Minho, 2008.

Lourenço, A. A., e M. O. Paiva. *Disrupção escolar – estudo de casos*. Porto: Porto Editora, 2004.

---. "Comportamentos anti-sociais dos adolescentes: influência da satisfação escolar". *Psicologia, Educação e Cultura* 10.1 (2006): 159-81.

Lowe, B., H.Winzar, e S. Ward. *Essentials of SPSS for Windows versions 14 & 15: a Business Approach.* Melbourne: Thomson Learning Australia, 2007.

MacCallum, R. C., et al. "The problem of equivalent models in applications of covariance structure analysis". *Psychological Bulletin* 114.1 (1993): 185-99.

Martini, M. L., e E. Boruchovitch. *A teoria da atribuição de causalidade: contribuições para a formação e atuação de educadores*. Campinas: Alínea, 2004.

Martini, M. L., e Z. Del Prette. "Atribuições de causalidade de professoras do ensino fundamental para o sucesso e o fracasso escolar dos seus alunos". *Revista interação em psicologia* 6.2 (2002): 149-56.

Moreno, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

Paiva, M. O. *Abordagens à aprendizagem e abordagens ao ensino: Uma aproximação à dinâmica do aprender no Secundário*. Tese Doutoramento, U Minho, 2008.

Paiva, M. O., e A. A. Lourenço. "Comportamentos disruptivos versus rendimento académico: uma abordagem com modelos de equações estruturais". *Psicologia, educação e cultura* 13.2 (2009): 283-306.

---. "Disrupção escolar e rendimento académico: um estudo com modelos de equações estruturais". *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia,* Eds. C. Nogueira et al. Braga: Universidade do Minho, 2010. 2704-18.

---. "Comportamentos disruptivos e sucesso académico: a importância de variáveis psicológicas e de ambiente". *Revista Argentina de ciencias del comportamiento*. (2010).

---. "Ambiente da sala de aula: um estudo de caso". *Educação & filosofia* 25.49 (no prelo).

Polk, K. "Education, Youth Unemployment and Student Resistence". *Discipline and Schools*. Ed. R. Slee. Melbourne: The MacMillan Company of Australia, 1988.

Prairat, E. *Questions de discipline à l'école*. Paris: Editions Érès, 2003.

Ramal, A. "É possível ensinar solidariedade e paz?" *Revista profissão mestre* .7 (2006): 34-35.

Ramsden, P. "Context and Strategy: Situational Influences on Learning". *Learning Strategies and Learning Styles*. Ed. R. Schmeck. New York: Plenum Press, 1988.

Roeser, R. W., e J. S. Eccles. "Adolescents' perceptions of middle school: Relation to longitudinal changes in academic and psychological adjustment". *Journal of Research on Adolescence* .8 (1998): 123-58.

Salmivalli, C., A. Kaukiainen, e M. Voeten. "Anti-Bullying Intervention: Implementation and Outcome". *British Journal of Educational Psychology* .75 (2005): 465-87.

Schreiber, J. B., et al. "Reporting Structural Equation Modeling and Confirmatory Factor Analysis Results: A Review". *The Journal of Educational Research* 99.6 (2006): 323-37.

Ullman, J. B., e P. M. Bentler. "Structural Equation Modeling". *Handbook of Data Analysis*. Ed. M. Hardy e A. Bryman. London: Sage, 2004. 431-58.

Silva, F. Vaz da "Nós brincamos mas também trabalhamos. Um estudo sobre os interesses e as estratégias dos alunos de uma turma 'difícil'". *Análise psicológica* 16.4 (1998): 553-67.

Veiga, F. H. *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola.* Lisboa: Fim de Século, 1995.

---. "Disruptive Behavior Scale Professed by Students (DBS-PS): Development and Validation". *International Journal of Psychology and Psychological Therapy* 8.2 (2008): 203-16.

Winne, P. H. "Self-Regulation is Ubiquitous But its Forms Vary with Knowledge". *Educational Psychologist* 30.4 (1995): 223-28.

"VIVER AOS BOCADINHOS": O PAPEL DO CUIDADOR INFORMAL DO IDOSO EM CONTEXTO DOMICILIÁRIO

Alcina Mangas
Mestre em Trabalho Social
Faculdade de Ciências Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
alcinamangas@hotmail.com

Teresa Toldy
Professora Associada
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
toldy@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 290-300 (2010)
Submetido/Submitted: 26 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 08 Set. 2010

RESUMO
O estudo do qual é aqui apresentada uma parte constou de catorze entrevistas a cuidadores informais de idosos do concelho de Vieira do Minho e procurou averiguar a relevância das redes informais na prestação de cuidados, os laços que unem os cuidadores aos idosos, a visão que a sociedade tem dos cuidadores e a visão que estes têm da qualidade de vida. Concluiu-se que a família continua a ser decisiva na prestação dos cuidados e que a prestação de cuidados afecta decisivamente a qualidade de vida dos cuidadores.

PALAVRAS-CHAVE
Cuidar, cuidadores informais, idosos, qualidade de vida.

ABSTRACT
The present article presents some conclusions of a research developed in Vieira do Minho. That study was based upon 14 interviews with informal caregivers of elder people. The research aimed to research the relevance of informal networks in the field of caring, the bounds that attach the caregivers to elder people, how society see caregivers and the opinion the last ones have on quality of life. The main conclusion is that family still has a decisive role in caring and that caring decisively affects the caregivers' quality of life.

KEYWORDS
Care, informal caretakers, elder, quality of life.

INTRODUÇÃO

Cuidar de pessoas idosas em contexto domiciliário constitui uma realidade complexa e multifacetada. As situações de dependência têm várias implicações na vida dos cuidadores e na vida das próprias pessoas com dependência, que necessitam de ajuda de terceiros para realizar as actividades de vida diárias, parcial ou totalmente, consoante o seu grau de dependência. A verdade é que estar dependente também condiciona toda a vida do cuidador, alterando tanto as rotinas da vida do dependente, como da pessoa que cuida dele. A qualidade de vida na velhice depende de constantes interacções ao longo da vida e não só de um elemento, por isso, reduzir a qualidade de vida ao acto físico de cuidar constitui um reducionismo.

As redes sociais de apoio informal (prestado por membros da família, vizinhos, amigos, em contexto doméstico) têm um papel decisivo relativamente às situações que o idoso dependente enfrenta diariamente. Elas são, sem dúvida, as que estão mais presentes. Neste sentido, a família continua a ter um papel preponderante no auxílio ao idoso dependente. A noção de família tradicional tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, com o aumento da esperança média de vida, a redução da fecundidade, o trabalho feminino fora da esfera doméstica e as novas formas de família, como refere Alarcão. No entanto, a família continua a ter a função de protecção da pessoa idosa, sendo este auxílio familiar frequentemente mais importante e desejado que o prestado por serviços formais (Quaresma).

Assim o objectivo geral do presente estudo, de carácter essencialmente exploratório, consistiu, fundamentalmente, em averiguar a relevância das redes informais na prestação de cuidados, os laços que unem os cuidadores aos idosos, a visão que a sociedade tem dos cuidadores e a visão que estes têm da qualidade de vida.

1. MÉTODO, TÉCNICAS, INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO E PROCEDIMENTOS

Adoptámos uma metodologia qualitativa, com recurso a análise de conteúdo, dado que o estudo pretendia analisar as opiniões dos cuidadores informais que cuidam diariamente da pessoa idosa, obtidas através de entrevistas em profundidade[1]. Realizaram-se, pois, 14 entrevistas a cuidadores informais (12 mulheres e 2 homens), familiares dos idosos alvo de cuidados, residentes em diversas freguesias do concelho de Vieira do Minho e utentes do Centro de Saúde, que proporcionou o acesso aos mesmos.

As entrevistas decorreram em diferentes freguesias do concelho de Vieira do Minho. A marcação das entrevistas teve por base uma auscultação prévia dos nossos entrevistados quanto à sua disponibilidade em colaborar no nosso estudo. O contacto foi realizado por nós, pessoal ou telefonicamente. O local de realização das entrevistas foi escolhido sempre com base nas disponibilidades dos nossos entrevistados. Todas decorreram em na sua habitação. Como ferramenta de registo, recorremos à gravação em suporte digital, após autorização

1 O projecto foi objecto de apreciação e aprovação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa.

dos nossos entrevistados, e posterior transcrição. As entrevistas tiveram um carácter semi-directivo. Dado o cariz exploratório do nosso trabalho, os entrevistados tiveram possibilidade de aprofundar os aspectos por si considerados mais relevantes em função das suas experiências. A duração das entrevistas oscilou entre os 35 e 60 minutos. De referir que as mesmas decorreram num ambiente calmo, propício à recolha de informação. Fomos recebidos pelos entrevistados de uma forma cooperante, o que proporcionou uma relação de empatia entre o entrevistado e a entrevistadora.

Para obtermos resposta aos objectivos inicialmente definidos, foi concebido um guião de entrevista em profundidade, com questões abertas. O guião de entrevista compreendeu 6 unidades de análise, designadamente: 1. caracterização sócio-demográfica do entrevistado; 2. acto de cuidar; 3. apoio informal; 4. apoio formal; 5. visão da sociedade acerca do cuidar e do cuidador e 6. visão do cuidador acerca da qualidade de vida. Para os propósitos deste artigo, apresentaremos aqui, sucintamente, a discussão dos dados obtidos nas unidades de análise 1., 3., 5. e 6.

2. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.1. PERFIL DOS CUIDADORES

Entrevista	Género	Idade	Estado civil	Habilitações Literárias	Profissão	Situação na profissão	Residência	Grau de parentesco com a pessoa idosa	Tempo de exercício no acto de cuidar
E1	Feminino	76	Casada	4.ºano	Doméstica	Reformada	a mesma que a pessoa dependente	Esposa	8 anos
E2	Masculino	76	Casado	3.º ano	Carpinteiro	Reformado	a mesma que a pessoa dependente	Marido	4 anos
E3	Feminino	52	Casada	4.ºano	Ajudante de Lar	Activo	a mesma que a pessoa dependente	Filha	4 anos
E4	Feminino	41	Casada	6.º ano	Doméstica	Activo	ao lado pessoa dependente	Filha	Desde Agosto de 2008
E5	Feminino	46	Casada	4.º ano	Empregada de limpeza	Activo	ao lado pessoa dependente	Nora	3 anos
E6	Feminino	51	Casada	6.ºano	Auxiliar de acção médica	Activo	a mesma que a pessoa dependente	Nora	7 anos

Entrevista	Género	Idade	Estado civil	Habilitações Literárias	Profissão	Situação na profissão	Residência	Grau de parentesco com a pessoa idosa	Tempo de exercício no acto de cuidar
E7	Feminino	59	Viúva	12.ºano	Administrativa	Reformada	a mesma que a pessoa dependente	Filha	3,5 anos
E8	Feminino	59	Casada	4.º ano	Doméstica	Activo	a mesma que a pessoa dependente	Filha	13 anos
E9	Feminino	50	Casada	4.º ano	Auxiliar de lar	Reformada por invalidez	ao lado pessoa dependente	Filha	Desde Janeiro de 2008
E10	Feminino	30	Solteira	5.ºano	Costureira	Activo	a mesma que a pessoa dependente	Neta	4 anos
E11	Feminino	56	Viúva	6.ºano	Doméstica	RSI	a mesma que a pessoa dependente	Filha	8 anos
E12	Masculino	83	Casado	4.ºano	Trolha	Reformado	a mesma que a pessoa dependente	Marido	2 anos
E13	Feminino	69	Solteira	Analfabeta	Doméstica	Reformada	a mesma que a pessoa dependente	Filha	4 anos
E14	Feminino	66	Casada	3.ºano	Empregada de limpeza	Reformada	a mesma que a pessoa dependente	Filha	3 anos

Tabela 1. Caracterização sócio-demográfica dos entrevistados.

2.2. **O APOIO INFORMAL**

O processo de prestação de cuidados é complexo e dinâmico, tal como diz Brito, caracterizando-se por constantes variações, ao longo do tempo, das necessidades e sentimentos de quem recebe os cuidados e de quem os presta, em função da própria evolução da doença e da situação de dependência, e de como o cuidador percepciona todos esses factores.

Para José e Wall, cuidar de uma pessoa idosa, em particular em situação de dependência, pode traduzir-se num trabalho árduo e exigente, tanto do ponto de vista físico, como afectivo. O facto de existirem diferenças entre os grandes dependentes (que necessitam de apoio permanente de terceira pessoa, para satisfação das necessidades básicas, bem como de cuidados permanentes de saúde) e os dependentes (que necessitam de apoio de terceira

pessoa para a satisfação das necessidades básicas, bem como de vigilância periódica no âmbito da saúde) (cf. Lemos) acaba por influenciar directamente a dificuldade do acto de cuidar. Os nossos entrevistados explicam que sentem dificuldades, designadamente no que diz respeito a tirar o idoso da cama, dar-lhe banho, lavar-lhe a cabeça, virá-lo e mudar a roupa da cama. Cuidar requer uma disponibilidade considerável de tempo e de energia (como fica patente nas queixas dos nossos entrevistados, concretamente, no que se refere a "falta de forças").

A rede informal tem uma enorme relevância nos cuidados ao idoso em contexto domiciliário. Os nossos entrevistados, através dos seus discursos valorizam muito o papel da família no apoio prestado ao idoso. A família constitui a retaguarda presente. Não se trata apenas do acto físico de cuidar, em si, visto que este, em alguns casos, é realizado pelo apoio domiciliário (rede formal). O que está em causa é todo o apoio afectivo, a partilha e, obviamente, também muitos aspectos do acto físico de cuidar, visto que não há apoio domiciliário 24 sobre 24 horas. A família ou um familiar assume o papel principal com a maior relevância em todo o processo do acto de cuidar. No nosso estudo, não restam dúvidas quanto à importância da rede de apoio informal, da família. No entanto, através dos discursos de alguns dos nossos entrevistados, podemos aferir que, em muitos casos, há uma indisponibilidade para os familiares ajudarem todos no acto de cuidar, recaindo o papel principal de cuidador, em princípio, numa única pessoa. Os nossos entrevistados, por vezes, referem que seria desejável que todos os irmãos olhassem pelos pais, "para verem como é," para sentirem a dificuldade de cuidar. Mas, quer queiramos quer não, há sempre um cuidador principal.

A família é unida por laços capazes de manterem os membros moral, material e reciprocamente durante uma vida e durante gerações (Minuchin). No entanto, os nossos entrevistados referem que nem sempre têm ajuda dos restantes familiares, embora também mencionem algum apoio por parte dos filhos, dos irmãos, de alguém próximo que "vai sempre dando a mão".

A ajuda na prestação de cuidados também está ligada à proximidade física: é sempre o filho, o cônjuge que vive junto, ou perto, e não os filhos que estão mais distantes, que cuidam. A este propósito, Fernandes afirma que os laços familiares serão, certamente, facilitados pela proximidade física, que viabiliza os contactos e o estabelecimento de práticas comuns quotidianas que podem fortalecer a solidariedade.

Os nossos entrevistados, na sua grande maioria, consideram que é uma obrigação cuidar. Nos seus discursos está muito presente a idade da obrigação, do dever. Encontramos também evidência de que cuidar da pessoa idosa, quando se é familiar, é considerado uma obrigação, ainda que nesta obrigação também haja afectos.

O ciclo geracional está muito presente no acto de cuidar. Apesar de não ser mencionado no guião de entrevista, podemos aferir dos discursos dos nossos entrevistados que há como que uma troca, que vai para além do tempo e do espaço. Para Portugal, os cuidadores informais de idosos são um exemplo de como, na dádiva familiar, a norma da reciprocidade se estende no tempo, ao longo da história, e vai para além da troca restrita, porque cuidar dos pais na velhice não é apenas uma retribuição pelas dádivas recebidas no decorrer da vida: é também uma retribuição pelas dádivas que estes fizeram, muito frequentemente, aos filhos dos cuidadores, de quem tomaram conta na ausência, muitas vezes, ligada à emigração.

No seguimento da reciprocidade dos cuidados, o acto de cuidar continua associado ao género feminino. Socialmente, as tarefas domésticas continuam associadas à mulher. No entanto, 2 dos nossos entrevistados são do género masculino e assumem que tiveram de cuidar, apesar de também considerarem que é um papel feminino. Como não tiveram a retaguarda dos filhos para cuidar da mãe, ficaram eles a cuidar, considerando que tal constitui um grande dever resultante do longo de tempo de vida em comum.

Além do apoio familiar, por vezes também existe apoio da rede de vizinhança. A este propósito, Paúl acrescenta que a relação com amigos e vizinhos difere da que se mantém com familiares, porque resulta de escolhas estruturadas, feitas na base de opções dentro do próprio meio social da pessoa. Dos discursos dos nossos entrevistados podemos verificar que alguns têm apoio dos vizinhos. Nos casos em que este não existe, é mais devido à desertificação do meio rural onde o estudo se realizou do que à negação de auxílio.

2.4. **A VISÃO DA SOCIEDADE ACERCA DO CUIDADOR**

Os discursos dos nossos entrevistados sugerem que a crítica e a censura social estão sempre presentes, caso não sejam os familiares a cuidar da pessoa idosa. A crítica social é referida pelos sujeitos, independentemente do género, da idade, de ter o apoio informal e formal. Considera-se, mais uma vez, que a obrigação e o dever de cuidar são dos familiares e não do Estado. Apesar de todos os cuidadores sentirem dificuldades no acto de cuidar, todos consideram que é um acto familiar (para alguns pode haver o apoio formal, mas por si só não é válido). Os próprios cuidadores também criticam, caso não sejam familiares a cuidar. Mais uma vez, parece-nos haver aqui a noção da reciprocidade familiar, do ciclo geracional, referido anteriormente, a ideia de que dos familiares cuida a família, independentemente de existirem condições efectivas para tal. Não podemos, também, negligenciar o facto de o presente estudo ter sido realizado no meio rural, numa comunidade em que todos se conhecem e onde estão enraizados os valores da família tradicional, ainda que com alterações. Os cuidados prestados aos idosos no meio rural são maioritariamente prestados pelos familiares, ainda que auxiliados, algumas vezes, pelo apoio formal.

Quando questionados acerca de como as pessoas na comunidade olham o acto de cuidar por parte dos familiares ou por não familiares (por opção destes), nove dos nossos entrevistados referem que as pessoas criticam quando não são os filhos a cuidar. Maior parte dos entrevistados considera que os filhos têm obrigação de cuidar, se não os filhos, as mulheres deles. Claramente, está aqui subjacente a ideia de reciprocidade e de dever em cuidar. A este propósito, Portugal retoma a distinção feita por outros autores entre dois significados da obrigação familiar de cuidar. No sentido jurídico e técnico, a obrigação define uma relação legal entre duas pessoas, em virtude da qual uma pessoa pode exigir algo da outra. Para além do desse sentido restrito, há a obrigação no sentido "lato". Esta consiste na obrigação moral que resulta de um compromisso, que não é *"obrigatória"*, no sentido jurídico do termo, dado que não está sujeita a sanções deste tipo, mas que funciona como um imperativo. No entanto, 4 dos nossos entrevistados também alegam que a sociedade tem falta de informação e, por isso, criticam quando não são os familiares directos a cuidar, pois não têm a noção do esforço que tal implica.

2.5. **A VISÃO DO CUIDADOR ACERCA DA QUALIDADE DE VIDA**

Se atendermos aos critérios de qualidade de vida definidos pelo Grupo de Qualidade de Vida da divisão de Saúde Mental da OMS (WHOQOL) verificaremos que esta engloba os domínios psicológico, social e ambiental. O domínio psicológico refere-se às emoções (positivas e negativas), à auto-estima, à imagem corporal, à capacidade de pensar apreender, à espiritualidade e às crenças pessoais. O domínio social envolve as relações pessoais com a família e amigos e o suporte social que compreende o apoio que se recebe a partir destas relações pessoais. O domínio ambiental refere-se à segurança física e protecção, ambiente no lar, recursos financeiros, cuidados de saúde, participação e oportunidades de recreação e lazer, ambiente físico e transporte.

Para Neri, a qualidade de vida na velhice depende de elementos em interacção, produto de uma história de interacção (vai-se delineando à medida que os indivíduos e as sociedades se desenvolvem); a avaliação da qualidade de vida envolve comparação com critérios objectivos e subjectivos, associados a normas, valores sociais e individuais, sujeitos a alterações no decorrer do tempo. Sobre o bem-estar dos cuidadores, os dados sugerem-nos que a situação de dependência dos idosos lhes alterou completamente a vida. São igualmente evidentes os significados atribuídos, na sua maioria, ao sentimento de impotência e cansaço. De uma forma geral, os nossos entrevistados referem sentimentos de tristeza, prisão, revolta, preocupação, questionando seriamente "aquilo em que a sua vida se tornou".

A qualidade de vida pode desdobrar-se em duas condições, ainda segundo Neri: as condições objectivas e as condições subjectivas. As condições objectivas podem ser verificadas por observadores externos, mediante parâmetros conhecidos e replicáveis (por exemplo, as condições físicas do ambiente, lazer e educação, as características da rede informal e o apoio proporcionado por eles, competências dos indivíduos). As condições subjectivas são verificadas de maneira indirecta, com base numa relação dos indivíduos com as condições objectivas de que dispõem, com o grau em que lhes parecem satisfatórias e os seus efeitos no bem-estar individual e colectivo.

Os dados sugerem-nos que os cuidadores não consideram ter qualidade de vida. Constata-se que sentem preocupação com o estado do idoso, com as suas condições. Contudo, muitas vezes, apesar da preocupação, existe um sentimento de desânimo, e esta resignação dos cuidadores parece resultar, em parte, de um cansaço acumulado. 11 dos 14 entrevistados referem que se sentem cansados. Não raras vezes, o cansaço também está relacionado com o tempo de sobrevivência do idoso, depois de ficar dependente. Não podemos deixar de referir, neste contexto, que muitas vezes, no momento de ficar a cuidar do idoso, o cuidador não acredita que este irá viver muito mais tempo.

No entanto, quando a questão é da qualidade de vida do idoso, os discursos alteram-se. Assim, 8 dos nossos entrevistados referem que os idosos têm qualidade de vida, associando esta ao acto físico de cuidar e não à noção global de qualidade de vida. Assim parece haver duas noções distintas de qualidade de vida: para o idoso dependente, a qualidade de vida está associada aos actos físicos; para o cuidador está relaciona com o bem-estar emocional, relações interpessoais, bem-estar material, desenvolvimento pessoal, bem-estar físico, autodeterminação, inclusão social, direitos.

Os cuidadores referem que estão desanimados, tristes, em sofrimento e dependentes, mas não associam ter mais ou menos qualidade de vida ao facto de ter também o apoio formal. Apesar de os apoios (formal e informal) não se substituírem um ao outro, complementam-se, para o bem-estar do idoso e do cuidador.

A identidade do cuidador é desencadeada pela "actividade de cuidar," mas transcende-se a partir do momento em que deixa de estar ligada somente ao acto físico de cuidar, pois no contacto com os idosos, há sentimentos que ultrapassam o acto em si, deixando o cuidador, ao longo do tempo, com uma mistura de sentimentos, angústias, medos, que o levam a pensar de uma outra forma, sem dúvida diferente, e mais complexa do que quando começa a prestar cuidados. É um trabalho contínuo e permanente, no qual se misturam sentimentos diferentes. Este processo de transformação em cuidador é complexo, pois ao redefinir a sua vida pela sua nova condição de cuidador, não é apenas a sua rotina que muda, é a própria pessoa que se transforma, construindo um novo "eu". Tudo se altera aos poucos e os cuidadores, muitas vezes, esquecem-se de si próprios, para viver em função do idoso. As rotinas mudam, tudo tem novos contornos, o que acaba por desencadear novos sentimentos e novas expectativas em relação ao futuro (Mendes). As dúvidas existentes por parte dos cuidadores, os frequentes sentimentos de angústia e até algumas vezes, de culpabilidade, levam os cuidadores a evitar falar sobre os seus sentimentos, os seus receios. Mas todos eles referem não ter qualidade de vida, independentemente de considerarem que o idoso tem qualidade de vida. Todos eles têm sentimentos de frustração, desânimo e de "tempo adormecido," todos eles aguardam por outros tempos e por outros resultados. De qualquer forma, dos discursos dos entrevistados parece depreender-se um certo conformismo e aceitação da situação.

Parece-nos que os nossos entrevistados associam à sua qualidade de vida muito mais do que estar a cuidar fisicamente do idoso. Referem que não podem sair de casa, não têm a liberdade necessária para conviver, passar férias, não se sentem incluídos socialmente. Quase todos os nossos entrevistados afirmam ter dores físicas associadas ao acto de cuidar (transferências, posicionamentos). Como estão sempre a cuidar, as suas relações interpessoais com as redes de vizinhança e até familiares ficam diluídas; todos eles referem que a sua vida se alterou: não gozam de autodeterminação, não são autónomos, estão presos, sem poder decidir o seu dia-a-dia, "vivendo aos bocadinhos". Seria nesta vertente que a interacção das redes formais e informais faria todo o sentido, não só para ajudar os cuidadores informais no acto físico de cuidar, mas também nas dimensões psicológica, social e ambiental referidas pelo grupo da WHOQOL.

CONCLUSÃO

O estudo apresentado permitiu concluir que, de facto, no contexto rural, os cuidados prestados aos idosos são maioritariamente assumidos pelos familiares, mais concretamente ainda, pela pessoa que se coloca ou é colocada no lugar de cuidadora informal. Tal deve-se tanto às circunstâncias de isolamento em que os idosos em causa se encontram, nomeadamente, do ponto de vista do acesso fácil a recursos formais de apoio suficientes, como à relevância atribuída aos laços que unem os cuidadores aos idosos. É legítimo concluir que a prestação de cuidados por parte dos familiares é encarada por estes como uma obrigação com um grau de vinculação irrefutável, resultante da interpretação do ciclo geracional como criador de um dever de reciprocidade: os filhos que são cuidados pelos pais, terão a obrigação de

cuidar dos pais na velhice, na expectativa de que os seus próprios filhos venham, também, a fazê-lo, quando chegar a sua hora. Esta obrigação recai preponderantemente sobre as mulheres da família, sobre uma mulher da família: a esposa, a filha, a nora, senão mesmo a neta.

A "obrigatoriedade" de filhos cuidarem de pais idosos não só decorre de laços afectivos inerentes à dinâmica específica de cada família e do ciclo geracional, como também corresponde às expectativas que a sociedade, o meio, tem relativamente ao cuidar. Apesar das dificuldades sentidas, do cansaço, os cuidadores informais, inseridos na sua comunidade, onde todos se conhecem e onde a família continua a reger-se por padrões tradicionais, consideram "uma vergonha" negligenciar os idosos. Cria-se, assim, uma obrigação que, não sendo entendida como algo jurídico, é encarada como algo ditado pela própria moral da comunidade.

Parece poder concluir-se daqui que não devemos deixar-nos conduzir por ideias alicerçadas numa crença generalizada de que o papel do Estado é "fazer". Apesar de as pessoas entrevistadas não o afirmarem explicitamente, pode depreender-se dos seus discursos que, do seu ponto de vista, a obrigatoriedade está ligada ao apoio informal e não ao formal. É a família que tem obrigação, portanto, os mecanismos da "sociedade-providência," que Santos define como (46) os "mecanismos de compensação criados a partir dos grupos sociais e das suas instituições, núcleos de vizinhança ou formas complementares de organização paralela ao Estado". O "Estado-Providência" é encarado como algo "auxiliar," frequentemente, "ausente". É com o apoio informal que as pessoas contam no dia-a-dia.

Contudo, parece também lícito concluir que a obrigação imposta afectiva, geracional ou comunitariamente tem custos muito elevados para aquilo que os cuidadores percepcionam como sendo a "qualidade de vida". A análise das respostas relativas à percepção que os mesmos têm da sua qualidade de vida própria e da qualidade de vida dos idosos revela, como vimos, expectativas bastante díspares. Os cuidadores tendem a considerar que os idosos têm qualidade de vida, visto que, na sua perspectiva, são bem tratados fisicamente. Mas as expectativas relativas à sua própria qualidade de vida são diferentes: relacionam-na com factores emocionais, interpessoais, sociais, com particular destaque para o desejo de recuperação da autonomia perdida. Deste ponto de vista é lícito falar de uma dependência mútua: se existe total dependência do idoso em relação ao cuidador, este também fica dependente do idoso de quem cuida. Enquanto para os primeiros, isso é o facto que lhes permite sobreviver, enquanto tal for possível, para os segundos, isso determina uma vida entrecortada pela obrigação quotidiana de cuidar. Parece, pois, poder concluir-se também daqui a necessidade de alargar a compreensão de apoios formais ao apoio àqueles que cuidam.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, M. *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Edições Quarteto, 2002.

Brito, L. *A saúde mental dos prestadores de cuidados a familiares idosos*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

Fernandes, A. *Velhice e sociedade: demografia, família, e políticas sociais – itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida*. Oeiras: Celta editora, 1997.

José, J., e K. Wall. "Trabalhar e cuidar de um idoso dependente: problemas e soluções". *Cadernos Sociedade e Trabalho - Protecção Social* .7 (2006): 119-154.

Lemos, M. *Os idosos dependentes – o caso das misericórdias das regiões Norte e Centro.* Maia: União das Misericórdias Portuguesas, 2000.

Mendes, P. "Cuidadores: heróis anónimos do cotidiano". *Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores*. Ed. U. Karsche. São Paulo: U. São Paulo, 1997. 117-198.

Minuchin, S. *Familles en thérapie.* Paris: Ed. Jean Pierre Delarge, 1997.

Neri, A. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. São Paulo: Papirus, 2001.

Paúl, M. *Lá para o fim da vida: idosos, família e meio ambiente*. Coimbra: Almedina, 1997.

Portugal, S. "O que faz mover as redes sociais? Uma amostra das normas e dos laços". *Revista Crítica de Ciências Sociais* .79 (2007): 35-56.

Quaresma, M. "Política de velhice. Análises e perspectivas". *Psicologia.* VI .2 (1988): 227-237.

Santos, B. S. *Portugal: um retrato singular.* Porto: Edições Afrontamento, 1993.

WHOQOL Group – Versão em português dos instrumentos de validação de qualidade de vida. 2000. Internet. 08 Dez. 2008 <http://www.ufrgs.br/psiq/whoqoll/htm>.

ANÁLISE DA FUNDAMENTAÇÃO DAS DECISÕES DOS JUÍZES: A RELEVÂNCIA DOS RELATÓRIOS SOCIAIS

Ana Sacau
Professora Associada, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
pssacau@ufp.edu.pt

Glória Jólluskin
Professora Auxiliar, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
gloria@ufp.edu.pt

Andreia de Castro-Rodrigues
Aluna do Doutoramento em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
andreiar@ufp.edu.pt

Salvador Gonçalves
Aluno do Doutoramento em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
salvador@ufp.edu.pt

Filipa Rua
Mestre em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto, Porto, Portugal
scardoso@ufp.edu.pt

Marisa Pinho
Aluna do Mestrado em Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
13125@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 302-312 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 09 Set. 2010

RESUMO

A partir da análise da importância dada aos relatórios sociais para determinação da sanção elaborados pela Direcção-Geral de Reinserção Social, o objectivo deste trabalho consiste em analisar como os juízes fundamentam a motivação das decisões de sentença. Através de uma metodologia qualitativa baseada na análise de conteúdo de sentenças no âmbito criminal, pudemos identificar três tipos de argumentos usados pelos juízes para motivar as suas decisões: argumentos relativos ao crime, argumentos relativos ao arguido e argumentos do próprio juiz.

PALAVRAS-CHAVE

Tomada de decisões, decisões judiciais, legislação e jurisprudência, condições sociais.

ABSTRACT

Using the analysis of the importance given to social reports for sentence determination made by Direcção-Geral de Reinserção Social, the aim of this paper consists in studying how judges justify judicial decisions. Using a qualitative methodology based on content analysis of criminal sentences we identified three categories of arguments used by judges to support their sentence decisions: crime explanations, offender explanations and explanations based on the own judge experiences.

KEYWORDS

Decision-making, judicial decisions, legislation & jurisprudence, social conditions.

INTRODUÇÃO

As decisões judiciais são decisões complexas e, não obstante a contribuição de diversos actores durante o processo judicial, o juiz tem, nesse processo, a última palavra. Para a elaboração da decisão, os juízes dispõem de várias fontes de informação que devem contemplar e das quais recolhem informações variadas sobre os aspectos legais, sociais e individuais do caso. Em muitos casos, uma dessas fontes de informação é o relatório social para determinação da sanção, elaborado por técnicos da Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS). A decisão final será produto da avaliação dessa informação e concretizada na sentença judicial, a qual deverá ser motivada. O n.º 2 do artigo 374.º do Código de Processo Penal (Decreto-Lei nº 78/87 de 17 de Fevereiro) estabelece que:

> Ao relatório segue-se a fundamentação, que consta da enumeração dos factos provados e não provados, bem como de uma exposição tanto quanto possível completa, ainda que concisa, dos motivos, de facto e de direito, que fundamentam a decisão (…).

Segundo Mata-Mouros (par. 23)

> "É a motivação que confere um fundamento e uma justificação específica à legitimidade do poder judicial e à validade das suas decisões, a qual não reside nem no valor político do órgão judicial nem no valor intrínseco da justiça das suas decisões, mas na verdade que se contém na decisão".

1. CONTEXTO DE ESTUDO DOS RELATÓRIOS SOCIAIS E O SEU IMPACTO NAS SENTENÇAS.

O Código de Processo Penal português de 1987 introduz os relatórios sociais como forma auxiliar de obter informação social sobre um arguido (art. 370.º). Os relatórios sociais são elaborados pela DGRS, um organismo independente pertencente ao Ministério da Justiça, e fornecem aos tribunais informação relativa às características individuais do arguido incluindo informação pessoal, psicológica, familiar e social.

Entre os relatórios que podem ser solicitados pelos tribunais encontra-se o relatório para determinação da sanção. Este tipo de relatório é submetido aos tribunais na fase de julgamento e pretende caracterizar e avaliar o indivíduo em causa. Fornece, em especial, informação relevante sobre o seu processo de socialização e o impacto que a situação judicial em que se encontra envolvido está a ter na vida do arguido, assim como as suas condições pessoais e a sua situação económica (art.71.º, nº 2, alínea d) do Código Penal). Pretende-se assim permitir aos tribunais adequar a pena às características e circunstâncias especiais de cada arguido.

O trabalho de recolha de informação social por parte dos técnicos baseia-se principalmente em entrevistas com o arguido e, quando necessário, com a sua família. Esta informação servirá também para informar quanto ao efeito antecipável de uma determinada pena num caso específico e as potencialidades de reinserção do arguido. Com base nessa informação, o técnico deverá sugerir, quando assim o considerar oportuno, uma sanção de execução na comunidade.

Os técnicos de reinserção dispõem de um guião para o preenchimento do relatório que tem como objectivo homogeneizar a sua elaboração e guiá-los na procura de informação. Este guião estabelece a seguinte estrutura: Identificação do processo e do arguido, I – Dados relevantes sobre o processo de socialização do arguido que permitam compreender o seu comportamento e situação actuais, II – Condições sociais e pessoais, incidindo sobre várias áreas de avaliação (escolar, familiar, etc.), III – Impacto da situação jurídico-penal na vida do arguido de forma a compreender as condições existentes para a execução de uma determinada sanção, e IV – Conclusão sobre as reais potencialidades de reinserção do indivíduo podendo incluir a recomendação do técnico sobre a sanção a aplicar.

Relativamente ao impacto destes relatórios sociais nas decisões dos juízes, existem poucos estudos que se debrucem sobre como o juiz usa a informação obtida através deles. Segundo alguns autores, as recomendações presentes nos relatórios sociais funcionam como bons preditores do resultado da decisão dos juízes (Stafford e Hill 411-20). Concretamente, o estudo de Mott sobre relatórios sociais indica que a caracterização familiar do arguido e a informação relativa à seriedade do delito são os dois factores mais importantes que o juiz tem em consideração quando toma uma decisão em casos de delinquência juvenil (421-32). Num outro estudo realizado em 1975, Hagan encontrou um efeito forte e directo das recomendações realizadas pelos técnicos nos relatórios sociais na decisão final dos juízes, com um índice de concordância de 80%. Outros estudos concluem no mesmo sentido, mostrando que a probabilidade de concordância do tribunal com a recomendação dos técnicos é alta, seja esta recomendação de liberdade condicional (70%) ou não (87%) (Jarvis in White 230-49). Contudo, outros autores assinalam que a qualidade e a quantidade de informação presente nos relatórios sociais é muito variável, o que provoca dúvidas acerca do seu real impacto nas decisões judiciais (Raynor 78-84; Downing e Lynch 173-90).

2. **PROCEDIMENTO**

Para esta análise, foram seleccionadas 23 sentenças emitidas em 2007 com os seus respectivos relatórios para determinação da sanção. As sentenças foram recolhidas e transcritas entre os meses de Maio e Julho de 2009. A selecção das sentenças foi realizada através de uma amostragem de conveniência por fazerem parte dos processos disponíveis para consulta, durante esse período de tempo, nas Equipas de Lisboa Penal 1 e 2.

As sentenças, em concreto a parte relativa à motivação legal da decisão, foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo, realizada por dois codificadores independentes. A unidade de registo escolhida foi a ideia – "partes da conversação ou mudanças na dinâmica" (Navarro e Díaz 192) - sendo, portanto, determinada por um critério "pragmático" (idem). Por sua vez, a unidade de contexto é o parágrafo, segundo um critério textual sintáctico (Navarro e Díaz 177-224).

O processo de construção das categorias e subcategorias foi aberto através de aproximações sequenciais. A análise foi guiada pelo propósito de estudar a informação que é usada, pelos juízes, na fundamentação da motivação das suas decisões sentenciais, nomeadamente percebendo que parte desta deriva dos relatórios sociais para a determinação da sanção.

No sistema de justiça português, as sentenças criminais estão estruturadas em três secções. A primeira secção, que se designa de 'relatório,' apresenta a descrição do caso criminal, in-

cluindo a identificação do arguido e das restantes partes (assistente e partes civis), o crime imputado ao arguido pela acusação, e o sumário das conclusões da contestação. A segunda secção denomina-se 'fundamentação' da decisão e inclui a descrição dos factos (provados e não provados) e a motivação (de facto e de direito) da decisão. A terceira parte designa-se de 'dispositivo' e é composta pela decisão final e por questões processuais (disposições legais aplicáveis, destino a dar a bens e objectos, etc.) (Lei n.º 48/2007, de 29 de Agosto).

O foco da nossa análise, tal como já mencionamos, centra-se na parte da motivação da decisão, porque é nessa secção que os juízes explicitam a fundamentação das suas sentenças. Nesta secção, os juízes expõem os motivos relacionados com os factos (dados como provados e não provados) e com a aplicação do direito que permitem alicerçar a sua decisão. Para além disto, após descritos os aspectos legais do caso na primeira secção, a fundamentação legal da decisão abre espaço para a individualização da decisão, permitindo a inclusão de considerações acerca do indivíduo e das suas características psicossociais.

3. **RESULTADOS**

Os documentos analisados diziam respeito a arguidos com idades compreendidas entre os 17 e os 55 anos. Em 21 dos processos os arguidos eram de sexo masculino. Todos os processos eram relativos a arguidos primários.

O procedimento de análise de conteúdo revelou três grupos principais de informação presentes na motivação da sentença: o acto (crime), o indivíduo (arguido) e o decisor (juiz).

3.1. **O ACTO**

Tal como se pode observar no Quadro 1, a análise de conteúdo revela que os juízes centram a justificação da sua motivação nas características legais do caso, sendo a informação relativa a estas a mais frequentemente referida. Mais concretamente, a justificação da decisão tomada inclui informação sobre os factores considerados para a determinação da medida concreta da pena, a existência de circunstâncias que permitam uma atenuação especial da mesma, a presença de condições para a sua suspensão e outras questões processuais. Este tipo de justificação legal é a mais comum com 153 unidades de registo identificadas e que se distribuem conforme se observa no Quadro 1.

Quadro 1. Categorias, sub-categorias e nº de unidades de registo (u.r.) referentes ao acto.

Categoria	Sub-categoria	Nº u.r.
Determinação da medida da pena **81 unidades**	Antecedentes penais	36
	Relatório social	19
	Dolo	8
	Ilicitude dos factos	6
	Modo de execução do crime	4
	Consequências dos factos	3
	Valor do bem protegido	3
	Motivações do arguido	2
Atenuação especial da pena **53 unidades**	Confissão/declaração do arguido	25
	Arrependimento	19
	Alusão ao estado mental do arguido	4
	Recuperação dos bens	4
	Tempo decorrido com bom comportamento	1
Suspensão da pena de prisão **6 unidades**	Ameaça da medida como prevenção	3
	Objectivos da pena; Tratamento	2
	Prevenção de futuros crimes	1
Questões processuais **13 unidades**	Testemunhas/Ofendido/a	12
	Provas e documentos	1

Para a determinação da medida da pena (art. 71.º do Código Penal), a existência ou não de antecedentes penais apresenta-se como o factor mais relevante. Esta determinação da medida da pena está também claramente fundamentada nos relatórios sociais. Nas 23 sentenças analisadas, num total de 81 unidades relativas à determinação da medida da pena, foram encontradas 19 referências a estes relatórios sociais.

Para a atenuação especial da pena (art. 72.º do Código Penal) aparecem como aspectos mais referidos a confissão do arguido com 25 referências, seguida do arrependimento com 19.

A suspensão da pena (art. 50.º do Código Penal) aparece frequentemente associada ao facto da ameaça da pena de prisão servir por si só às finalidades da punição, tal como consta do n.º 1 do art. 50.º do Código Penal[2].

Os testemunhos ouvidos na sala de audiências são também um factor legal mencionado como importante na motivação da decisão com 12 referências.

2 "O tribunal suspende a execução da pena de prisão aplicada em medida não superior a cinco anos se, atendendo à personalidade do agente, às condições da sua vida, a sua conduta anterior e posterior ao crime, e às circunstâncias deste, concluir que a simples censura do facto e a ameaça de prisão realizam de forma adequada e suficiente as finalidades da punição".

No seu todo, e conforme esperado, os aspectos legais dominam o corpo motivacional dos acórdãos. A seguir mostramos alguns exemplos das informações relativas ao caso presentes nos acórdãos dos juízes e que motivam as suas decisões:

Determinação da medida da pena:

"(...) o relatório social foi muito relevante para aferir as circunstâncias pessoais, económicas e familiares do arguido".

Atenuação especial da pena:

"Os arguidos, em audiência de discussão e julgamento mostraram sincero arrependimento relativamente à prática dos crimes pelos quais foram acusados".

"Os arguidos, à data dos factos, encontravam-se desesperados e sem dinheiro".

3.2. **O INDIVÍDUO**

Em segundo lugar e com um total de 92 referências, a fundamentação das motivações dos juízes centram-se no arguido (ver Quadro 2). Aqui os juízes referem especialmente factores relativos à situação externa, factores de prognóstico e a idade do arguido.

Quadro 2. Categorias, sub-categorias e nº de unidades de registo (u. r.) referentes ao indivíduo.

Categoria	**Sub-categoria**	**Nº u.r.**
Circunstâncias externas **44 unidades**	Situação social e económica	34
	Circunstâncias de vida	7
	Circunstâncias do crime	3
Prognose **20 unidades**	Prognóstico favorável/motivação para a mudança	16
	Tratamentos actuais	3
	Falta de projectos de vida	1
Idade penal **18 unidades**	Idade à altura dos factos	18
Traços **6 unidades**	Personalidade	6
Percurso **4 unidades**	Fraco processo educativo	2
	Evolução	2

Na aplicação de informação sobre o arguido na motivação das suas decisões, os juízes dão grande relevância às circunstâncias externas ao indivíduo. A referência a estas circunstâncias está praticamente saturada por informação relativa à situação económica e social do mes-

mo. Esta é a justificação mais frequente, com um total de 34 referências. Ainda dentro desta categoria que denominamos "Circunstâncias externas," as situações significativas da vida do arguido como "viver num ambiente institucional desde muito novo" ou "estímulos externos que os determinaram ao crime" são também mencionadas pelos juízes quando motivam as suas decisões.

A segunda categoria mais importante com 16 referências foi definida como "Prognóstico criminal" e nela enquadram-se as referências sobre as motivações para a mudança que permitem ao juiz esperar (ou não) um comportamento futuro positivo. Exemplos destas referências são: "a sua trajectória recente tem sido no bom sentido" ou ainda, "(...) e fraca assunção da necessidade de alteração do estilo de vida". Se o arguido estiver envolvido em programas de tratamento de drogas isto é interpretado pelos juízes como sinónimo de prognose positiva. Por outro lado, a inexistência de projectos de vida futuros é visto como indicador de prognose negativa. A motivação para a mudança interpreta-se também a partir do comportamento posterior ao crime do arguido: "o seu comportamento posterior aos factos revela-se ajustado ao processo de reinserção social".

As justificações baseadas na idade do arguido à altura dos factos também são relevantes. É importante salientar que a idade penal inferior a 21 anos à data dos factos é um dos aspectos que tornam os relatórios sociais obrigatórios segundo o Código de Processo Penal vigente na altura em que as sentenças analisadas foram emitidas (Art. 370.º do Código de Processo Penal de 1987, posteriormente alterado pela **Lei n.º 48/2007 de 29 de Agosto).** Para além disso, devemos ter em conta que 45,5% dos processos analisados eram referentes a arguidos com idade inferior a 18 anos à altura dos factos.

Finalmente, surgem, embora em menor grau, as referências à personalidade do arguido e ao seu processo evolutivo. A personalidade com referências como "imaturidade revelada" e o percurso de vida com referências como "fraco processo educativo relacionado com a internalização de normas familiares e regras de conduta" estão também presentes na motivação da sentença.

3.3. **O DECISOR**

Finalmente, surge a categoria relativa ao próprio juiz decisor denominada "Experiência pessoal do juiz" com quatro unidades de registo e na qual estão presentes, para a motivação da sentença, referências a conclusões baseadas na sua experiência pessoal. Isto significa que embora presente, a experiência pessoal e as atitudes dos juízes são quase inexistentes na fundamentação da motivação da sentença. Assim, podemos afirmar que os juízes, na explicitação da motivação das suas decisões seguem a Lei. Contudo, não deixa de ser interessante constatar que as quatro referências encontradas baseadas nas próprias conclusões dos juízes estarão relacionadas com drogas.

"A adição às drogas permite entender a cedência à tentação (…) mas não serve como escusa e precisa de consideração se a adição não é resolvida poderá facilitar a recaída".

E também:

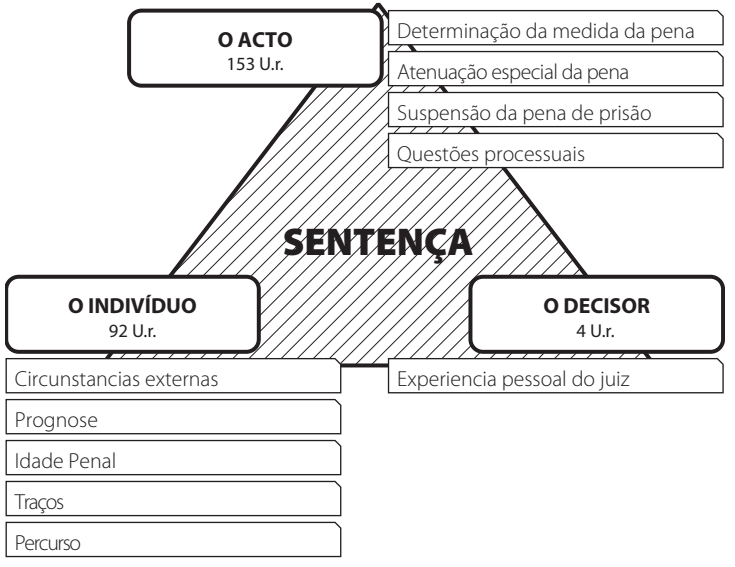
"As drogas que eles traficavam (…) (heroína, cocaína e outras) (…) são as que provocam mais adição, física e psiquicamente falando".

Mais ou menos robustos, estes argumentos mostram o que poderíamos denominar de teorias implícitas sobre as consequências da adição às drogas.

CONCLUSÃO

A análise de conteúdo revela três grandes fontes de justificação para a motivação da sentença: o acto, o indivíduo e o próprio decisor.

Figura 1. Representação da fundamentação da decisão de sentença.



Todas as sub-categorias relacionadas com o acto criminal estão contempladas no Código Penal português e, portanto, devem ser devidamente explicitadas na decisão final. Por este motivo esta categoria não será explorada em pormenor, na medida em que pretendemos privilegiar o indivíduo, por ser esta a categoria na qual a informação dos relatórios sociais está mais presente.

Um segundo conjunto de resultados indica que a avaliação dos juízes relativa aos arguidos está muito mais ancorada em aspectos da sua situação externa e não tanto nas suas características individuais (internas). Isto poderá indicar, por parte dos juízes, uma tendência para um *locus* de controlo externo. A situação social e económica do arguido, informação presente nos relatórios sociais, domina os argumentos baseados no indivíduo. As características familiares, condições de habitação, emprego/desemprego, rendimentos económicos estão muito presentes na aplicação individualizada da pena. Reproduzimos aqui alguns desses argumentos: "(…) as condições socioeconómicas muito precárias;""falta de ocupação profissional;""todos os arguidos trabalhavam;""todos os arguidos tinham vida familiar organizada;" "o arguido mostra-se integrado profissionalmente, social e familiarmente, vivendo com uma companheira, e tendo um filho recém-nascido ao seu cargo;""parece ser um jovem bem inserido na família de origem, integrado a nível escolar e social". Estes são alguns exemplos de

como a condição socioeconómica do arguido está presente na decisão dos juízes. Contudo é importante assinalar que a referência mais comummente utilizada é a menção genérica e imprecisa "atendendo à sua condição socioeconómica" sem que os juízes explicitem a forma e o sentido em que essa situação socioeconómica foi relevante para o processo de decisão.

A existência de condições que permitam ao juiz realizar um prognóstico favorável sobre o comportamento futuro do arguido também é um factor de decisão importante. Destacamos aqui alguns raciocínios neste sentido: "Expressa interesse em alterar o seu modo de vida, nomeadamente aderindo a um acompanhamento terapêutico;" "o arguido que identifica a problemática da toxicodependência enquanto principal factor dos factos criminais, evidencia uma postura que, apesar de ser algo desculpabilizante, traduz alguma consciencialização face aos factores de risco;" "a sua trajectória recente tem sido no bom sentido;" "se afastaram dos grupos de pares com comportamentos desviantes".

Neste caso, o discurso dos juízes é mais explícito, avançando explicações sobre a forma como entendem as consequências de determinadas evidências comportamentais ou atitudinais: "(…) anotação de atitudes gerais, nas quais não se espera, num juízo de prognose, uma apurada sensibilidade à pena". Noutras situações, pelo contrário, expressam essa prognose favorável como uma espécie de acto de fé: "dar um voto de confiança a este jovem;" "dar uma segunda oportunidade para se relançar no caminho do direito".

A idade à data dos factos é sem dúvida um aspecto destacado. Os argumentos esgrimidos pelos juízes neste sentido são, na sua grande maioria, objectivos expressados através de referências indeterminadas como: "atendendo à idade dos arguidos". Em algumas ocasiões, os juízes reinterpretam a informação relativa à idade inferior a 21 anos, preenchendo-a de significado pessoal: "o arguido ainda é jovem;" "a sua juventude;" "o arguido é muito jovem;" "era bastante jovem à data dos factos". Surge aqui uma apreciação desenvolvimental e maturativa cujo significado parece-nos ultrapassar o conceito legal de maioria/minoria de idade.

A referência às características mais individuais do arguido é feita de forma menos explícita. A maioria das unidades de registo identificadas para esta categoria são expressadas de forma vaga como: "a personalidade do arguido". Apenas numa ocasião foi introduzido um comentário valorativo: "revelou grande imaturidade". Esta utilização indefinida da informação relativa à personalidade do arguido impede-nos de compreender como é entendido e incluído este factor tão caracterizador da individualidade no *rationale* da decisão.

Finalmente, é possível compreender que pelo menos na dimensão formal/explicitada da motivação da decisão, isto é a sentença, há pouco espaço para considerações ou interpretações puramente pessoais. Quando isto acontece, verifica-se que ocorrem associadas a crimes relacionados com drogas ou cometidos por arguidos toxicodependentes. Uma interpretação plausível seria que os juízes fazem uso de teorias implícitas mais ou menos pessoais, ou juízos mais ou menos exactos sobre essa realidade, fruto da sua experiência pessoal. O interessante, e também pernicioso, é que estes juízos pessoais relativamente à realidade social parecem não ser mais do que as impressões decorrentes da experiência judicial com que esses juízes se confrontam, com os casos que chegam aos tribunais, podendo não corresponder, contudo, à realidade social do crime e aos aspectos psicológicos do consumo de drogas.

Dado o escasso número de estudos realizados sobre a forma como os juízes justificam as suas decisões e a relevância que a informação sobre o arguido possa ter na individualização da pena, este estudo não pretende mais do que ser uma primeira aproximação à análise das decisões judiciais. Contudo, não podemos deixar de salientar a pertinência dos resultados aqui apresentados. A análise da forma como os juízes justificam as suas sentenças permite o confronto da realidade das decisões judiciais de juízes, no seu concreto, trazendo pistas para uma exploração mais alargada. Consideramos, por isso, que os resultados obtidos serão um valioso ponto de partida para próximas investigações na área da tomada de decisões judiciais.

BIBLIOGRAFIA

Decreto-Lei n.º 59/2007, de 4 de Setembro. *Código penal.*

Decreto-Lei n.º 78/87, de 17 de Fevereiro. *Código de processo penal.*

Downing, Kevin, e Richard Lynch. "Pre-Sentence Reports: Does Quality Matter?" *Social Policy and Administration* 31.2 (1997): 173-190.

Hagan, John. "The Social and Legal Construction of Criminal Justice: A Study of the Pre--Sentencing Process". *Social Problems* 22.5 (1975): 620-637.

Lei n.º 48/2007 de 29 de Agosto [15.ª alteração ao Código de processo penal, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 78/87, de 17 de Fevereiro].

Mata-Mouros, Maria de Fátima. *"A fundamentação da decisão como discurso legitimador do poder judicial"*. 2003. Internet. 10 Mar. 2010 <http://www.crise-da-justica.com/A Fundamentação da Decisão.htm>.

Mott, Joy. "Decision Making and Social Inquiry Reports in One Juvenile Court". *British Journal of Social Work* 7.4 (1977): 421-432.

Navarro, Pablo, e Capitolina Díaz. "Análisis de contenido". *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en Ciencias Sociales.* Coord. Juan Manuel Delgado e Juan Gutierrez. Madrid: Editorial Síntesis, 2007. 177-224.

Raynor, Peter. "Is There Any Sense in Social Inquiry Reports?" *Probation Journal* 27 (1980): 78-84.

Stafford, Elizabath, e John Hill. "The Tariff, Social Inquiry Reports and the Sentencing of Juveniles". *The British Journal of* Criminology 27.4 (1987): 411-420.

White, Stephen. "The effect of social inquiry reports on sentencing decisions". *British Journal of Criminology* 12.3 (1972): 230-249.

AGRADECIMENTOS

Este estudo for realizado no âmbito do projecto PTDC/PSI/65044/2006 co-financiado pela FCT e o programa COMPETE da União Europeia no âmbito do programa QREN-FEDER.

A HERANÇA TRANSGERACIONAL NO INDIVÍDUO: UM ESTUDO DE CASO

Cátia Duque
Psicóloga Clínica
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
catiaduque@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 314-323 (2010)
Submetido/Submitted: 02 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 13 Set. 2010

RESUMO

A família cria um espaço onde cada membro desenvolve os seus papéis e a sua individualidade, usando a herança transgeracional como base de aprendizagem. Contudo, a transgeracionalidade pode levar ao estabelecimento de papéis disfuncionais numa família, obrigando o indivíduo a confrontar-se com a sua origem e os seus valores, projectando o seu comportamento através do que aprendeu com os progenitores. Este artigo debruça-se sobre o impacto da transgeracionalidade no indivíduo, apresentando um estudo de caso para ilustrar a temática abordada.

PALAVRAS-CHAVE

Transgeracionalidade, Família, Individualidade, Estudo de Caso

ABSTRACT

The family creates a space where each member develops his roles and his individuality, using his heritage as a basis for intergenerational learning. However, transgenerationality can lead to the establishment of dysfunctional family papers, forcing the individual to confront his origin and values, projecting his behavior by what he learned with his parents. This article aims at an exhibition on the impact of transgenerationality in the individual, presenting a case study to illustrate the theme.

KEYWORDS

Transgenerationality, Family, Individuality, Case Study

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> É lá, na morada do silêncio, do branco e do vazio, dominada pelos mandatos da herança transgeracional - logo, das palavras introduzidas por um outro qualificado -, que poderá instalar-se um verdadeiro e novo espaço de transcrição transformadora dentro do sujeito. É lá, na travessia em direcção à sua herança transgeracional, 'a sua miséria comum', que brotarão os sons, as cores e os sentidos, aproximando o sujeito da construção da sua própria historicidade. (Trachtenberg 127)

A família é um sistema auto-organizado, de acordo com Relvas e Lourenço (107), que evolui ao longo do tempo, procurando alcançar dois objectivos essenciais: a criação e o reconhecimento de um sentimento de pertença, e a possibilidade de desenvolvimento/individuação de cada um dos seus membros.

É no sistema familiar que os papéis de cada membro são desenvolvidos, criados através de um legado que foi passando de gerações em gerações e que se estendem até às seguintes. É nessa base de aprendizagem que o individuo se forma, se estrutura, se diferencia dos outros membros, dependendo da organização e do grau de funcionalidade do sistema familiar a que pertence.

Groisman (127) explica que a escassa diferenciação entre os membros da família pode conduzir a uma confusão de papéis que provoca perturbações na estrutura hierárquica da família, com inversões nas quais os filhos tornam-se pais e os pais tornam-se filhos, ou são todos irmãos, sem haver uma distribuição clara de papéis.

Almeida (102) indica que grande parte das representações do sujeito resulta da herança de representações da sua família, cujos elementos se estendem dos seus ascendentes aos seus descendentes. Sendo que um código familiar saudável garante, aos seus componentes, o direito à diferença entre os seres e as gerações, enquanto um código nosológico assegura a manutenção do *pathos* familiar e demarca o *locus* patológico a ser ocupado pelos seus membros.

A herança transgeracional pode levar ao estabelecimento de papéis disfuncionais numa família, obrigando o indivíduo a confrontar-se com a sua origem e os seus valores, projectando o seu comportamento através do que aprendeu com os seus progenitores. Quando as perturbações familiares ultrapassam as gerações anteriores e estendem-se às gerações recentes, aumenta a possibilidade de se desenvolver um vórtice na dinâmica familiar, abalando o seu sistema.

Na transmissão transgeracional, segundo Vianna (234), há uma abolição dos limites e espaços subjectivos, não existe a experiência de separação entre os sujeitos, que ficam à mercê das exigências do narcisismo. Uma característica deste tipo de transmissão, para a autora, é a cadeia, traumática, dominada pela repetição, em detrimento da memória e da historização do sujeito. Sendo assim, são transmitidos os lutos mal elaborados, os segredos, histórias de violência, traumas, enfim, o que não pode ser simbolizado, transformado.

Kaës ("Os dispositivos" 9) explica que o sujeito da herança é dividido: entre ser um fim em si e ser o elo da cadeia intersubjectiva à qual está sujeito. Ele ainda afirma que se transmitem configurações de objectos psíquicos (representações, afectos e fantasias) munidos dos seus

vínculos, incluindo sistemas de relações de objecto. Certos membros do grupo que precedem o sujeito, mantêm-no numa matriz de investimentos, predispõem sinais de reconhecimento, designam lugares, apresentam objectos de satisfação, oferecem meios de protecção e ataque, traçam vias de realização e enunciam limites e interditos.

2. **RELATO DO CASO CLÍNICO**

O objectivo deste estudo de caso é o de compreender o efeito da herança transgeracional na vida de um sujeito, que o conduz a uma sucessão de comportamentos e papéis, de acordo com o legado que lhe foi transmitido.

Yin (381) defende que o método de estudo de caso tem uma relevância comparativa com os outros métodos, quando as questões do "como?" e "porquê?" se focam numa sucessão de acontecimentos actuais, sobre os quais o pesquisador tem pouco ou nenhum controlo. Através da descrição deste caso, pode-se identificar os fenómenos que estão absorvidos nessa herança transgeracional, e os processos de *copping* usados.

2.1. **APRESENTAÇÃO DO SUJEITO**

A "S" é uma mulher com 28 anos, primípara, casada há três anos, morando também com a sua mãe. Foi encaminhada para uma consulta de psicologia pela sua obstetra, às 17 semanas de gestação, por manifestar ansiedade e insónia secundária, após ter deixado de tomar fluoxetina, a qual já tomava há cerca de um ano e meio, por humor depressivo. A "S" não planeou, nem desejou, esta gravidez, apesar de nunca ter usado métodos contraceptivos. Após saber que estava grávida, acusou o marido de ter feito de propósito. Referiu mau relacionamento conjugal, projectando na sua relação com o marido, os conflitos conjugais dos seus pais. Actualmente, a "S" vive com o marido e a sua mãe. Actualmente, trabalha num salão de cabeleireiro, mas manifesta insatisfação com o seu emprego.

2.2. **ANAMNESE**

A utente nasceu em 1981, veio de uma família desestruturada, sem nenhum tipo de apoio social, ocupando sempre um papel parental para com a sua mãe e irmão. A sua mãe foi internada, várias vezes, no Hospital Conde Ferreira com depressão, ficando a "S" responsável pelo irmão mais novo. O seu pai, apesar de viver com eles, manifestava um desinvestimento afectivo para com os filhos e esposa, e frequentemente usava violência verbal para com eles. Os seus pais acabaram por se separar, por causa de uma relação extra-conjugal do pai, que durou 15 anos, sendo esta a causa do estado depressivo da sua mãe. Apesar disso, continuaram a viver na mesma casa. Esta situação tornou-se insustentável para a "S," porque durante a sua infância, encontrou o seu pai, por várias vezes, com essa mulher. Explicou:

> A minha mãe sempre o interrogava sobre essa relação fora do casamento, ao que o meu pai dizia não ter tempo para aturar outras mulheres e que a minha mãe era doida, andava a delirar com esse assunto, que devia ter ficado internada, quando ele é que mentiu sempre.

Os conflitos aumentaram, principalmente porque a mãe a usava como apoio nos conflitos com o marido, culminando na saída da "S" de casa, aos 18 anos, onde passou a ter uma vida independente da família, indo trabalhar para um cabeleireiro. A "S" já vivia sozinha, quando se deu o divórcio dos seus pais, no entanto a mãe veio viver com ela nessa altura, alegando que estava sozinha e doente, e esta voltou a cuidar da mãe: "Sinto-me marido da minha mãe, por ter de cuidar dela e ter de lhe dar sempre atenção, não me sinto livre para fazer nada na minha vida".

Entretanto, casou-se, mas a convivência entre o marido e a sua mãe tornou-se muito conflituosa, com a incidência no facto de a mãe sempre dizer-lhe que ele a iria trair, tal como o seu pai fez, facto que fez com que a "S" nunca confiasse no marido. A "S" tem um irmão mais novo, com quem se dá bem, mas sente que o seu irmão apoia-se muito nela para tomar decisões e ela não se sente bem com essa responsabilidade. Além da sua mãe, o seu pai também se começou a aproximar desta nova família e a pressionar a sua presença, mesmo não sendo estimado pela "S":

> **Estou sempre a resolver os problemas do meu irmão, estou cansada de não poder queixar-me de nada à família, porque parece que todos precisam de mim, até o meu pai, que agora está sempre presente, nem entendo bem porquê.**

Em determinadas alturas, já na sua fase adulta, viu a ex-amante do pai e perseguiu-a para a acusar e lhe bater, não se conseguindo controlar. Acredita sobretudo, que a mãe a impulsionou a este comportamento, fazendo sempre lembrá-la do sofrimento que sentiram todos aqueles anos. Entretanto, engravidou, e não desejando a gravidez, culpou o marido pelo sucedido, recusando-se a lidar com a vinda de um bebé e o papel de mãe na sua vida.

Com esta situação nova, também a sua mãe começou distanciar-se e a investir pouco na vinda do novo membro, facto que fez com que a "S" tivesse ainda mais dificuldade em preparar-se para a nova fase e a assumir o seu novo papel na família. No decorrer da gravidez, sentiu vontade de confrontar a família em relação aos problemas que tinham e à posição em que a tinham colocado, de "mediadora" familiar.

Ao longo da gravidez, a "S" foi usando do poder da comunicação para falar com a família, e pôr a família a falar entre si, mostrando o que sentia sobre a incursão que faziam ao seu espaço: "Coloquei a minha família na sala e disse-lhes o que pensava, estava com medo que eles me criticassem, mas só ficaram espantados por nunca lhes ter dito mais cedo o que se passava comigo".

Uma relação conflituosa patente era entre a sua mãe e o seu marido, tendo havido uma ocasião em que a "S" os confrontou com essa situação e forçou-os a falarem. O confronto surtiu efeito e ambos começaram a dar-se melhor e a partilharem tarefas:

> **Disse à minha mãe para aceitar o meu marido e deixá-lo ter o seu espaço na nossa casa, onde ele vive. Também disse ao meu marido para ter paciência com a minha mãe, mas sobretudo para participar mais nas tarefas em família, para estar mais presente.**

Em relação à sua gravidez e sobre a vinda de uma filha, expressou que apesar de inicialmente não querer ter este bebé, com o passar dos meses, começou a desejá-lo, não conseguindo imaginar-se sem a sua filha consigo. Durante a gestação, a relação conjugal foi trabalhada

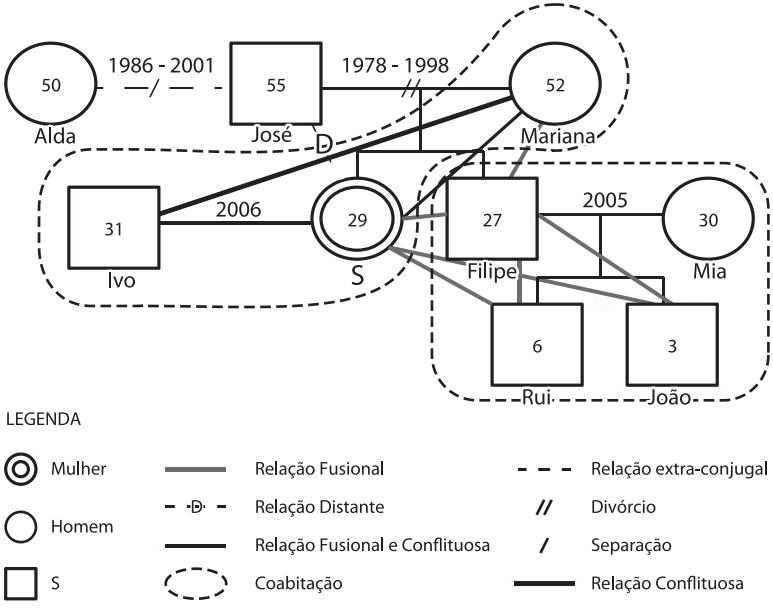
também, nomeadamente sobre determinadas crenças que a "S" tinha sobre o marido. A "S" acusava o marido de ser muito carente e imaturo, o que a fazia duvidar das suas capacidades paternas futuras. Os projectos para com o nascimento do bebé foram delineados em conjunto com o marido, tendo em conta o acompanhamento no parto e o puerpério: "É tão bom olhar para ela e tê-la no meu colo. Nunca pensei sentir isto, quando engravidei nunca me passou pela cabeça que ia sentir algo tão bom pela minha filha".

Revelou que, inicialmente não tinha paciência para ensinar o marido a cuidar da filha, mas foi-se esforçando a ter calma e a deixá-lo cuidar dela, sozinho, reforçando assim a relação conjugal e parental:

> No outro dia ensinei o meu marido a vestir a Carolina. Ele estava sempre a pedir, mas eu tinha medo que ele não fizesse bem, que a magoasse. Ele fez tudo com muito cuidado e ela nem se queixou. Fiquei do lado dele, mas não fiz nada, só olhava para ver se estava a fazer bem.

É importante referir que, recentemente, a "S" esteve em contacto com a ex-amante do pai, tendo-se controlado e não lhe agredido. A "S" propôs uma conversa para esclarecer a situação, visto o pai ainda negar essa relação. Após essa conversa, contou que apesar de lhe ter custado, sentiu alívio por ter resolvido uma parte da sua vida, sem ter vontade de voltar a agredi-la. A "S" manifesta vontade em resolver a sua vida, e que isso passa também por confrontar o pai sobre essa situação, apesar de ainda não o ter conseguido.

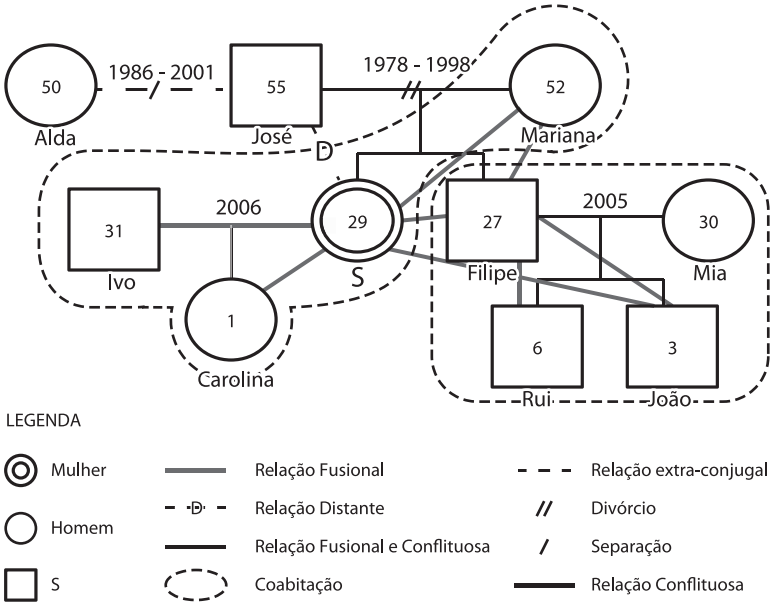
Tabela I. Genograma com Dinâmica Familiar antes da Gravidez da "S"



Neste genograma, que reflecte o período anterior à gestação da "S," destacam-se a relação fusional e conflituosa que a "S" tinha tanto com a mãe, quanto com o marido, bem como, a

sua relação distante com o pai. As únicas relações fusionais que tem, são com o irmão e os sobrinhos.

Tabela II. Genograma com Dinâmica Familiar depois da Gravidez da "S"



Neste genograma, que reflecte a fase após a gravidez da "S," destacam-se a relação fusional que a "S" desenvolveu tanto com a sua mãe, como com o marido, e em especial a relação fusional que criou com a sua filha. A relação distante com o pai mantém-se. De notar, também que já não há uma relação conflituosa entre a sua mãe e o seu marido.

2.3. **DIAGNÓSTICO**

De acordo com o D.S.M. IV – TR (429), verificou-se que a "S" sofria de Perturbação de Ajustamento. Esta perturbação, de acordo com Kaplan e Sadock, é uma resposta comportamental patológica a um stressor que resulta em prejuízo do funcionamento social ou ocupacional. Os stressores situam-se na faixa de experiência normal, como o nascimento de um bebé. Em seguida, estão presentes os seguintes critérios de diagnóstico que, segundo o D.S.M. IV – TR, são: desenvolvimento de sintomas emocionais ou comportamentais em resposta a um stressor identificável, ocorrendo dentro de três meses após o inicio do stressor; estes sintomas/comportamentos são clinicamente significativos, como por sofrimento acentuado, que excede ao que seria esperado da exposição do stressor e prejuízo significativo no funcionamento social; A perturbação não é melhor explicada por outra perturbação específica do Eixo I, ou exacerbação de perturbação persistente do Eixo I ou II; os sintomas não representam luto; e cessado o stressor (ou as suas consequências), os sintomas não persistem mais de 6 meses. Sinteticamente, no Eixo I, como síndrome clínica, está patente a Perturbação de Ajustamento (do tipo Crónico, porque existiu durante mais de 6 meses,

e subtipo com Ansiedade), não havendo nada significativo no Eixo II. Em relação ao Eixo III, como condição física, há a gravidez em si, e no Eixo IV, como problemas psicossociais e ambientais, há uma família conflituosa e fragilizada, com grande incapacidade em tomar decisões, deixando sempre essa acção para a "S". Paralelamente, há uma relação conjugal débil, relegada para segundo plano. No Eixo V, em termos de Avaliação Global do Funcionamento, a "S" demarca-se no código 60, com sintomas moderados/dificuldade moderada no funcionamento social e ocupacional, com pouco contacto com terceiros, conflitos com o companheiro e a mãe, e insatisfação no emprego.

2.4. **DISCUSSÃO DO CASO**

Kaës (*Transmissão 9*) encaminha a transmissão geracional à herança de material psíquico, afirmando que esta que pode trazer benefícios ou arruinar, considerando "negativo aquilo que não se retém, não se lembra, como a vergonha, a falta, a doença, o recalcamento e os objectos perdidos e ainda enlutados". Ainda para o autor, o material psíquico "positivo" transmitido seria "aquilo que ampara e assegura a continuidade narcísica, os ideais e mecanismos de defesa e identificações, que mantêm a complexidade da vida".

A "S" possuía uma relação conflituosa patente com a sua mãe, não só por causa da inversão de papéis, como também por esta a instigar nos conflitos entre os seus pais e a ex-amante do seu pai. Não só a sua mãe perpetuava o sofrimento da família pela traição do pai da "S," como projectava isso no genro, aturdindo o casal com a ideia de um desfecho idêntico ao seu, prejudicando a relação conjugal da filha. Para Almeida (102), esta trama advinda de uma romaria de antepassados - marcos duma temporalidade longínqua - pode gerar uma fixação dos seus conteúdos.

Um dos focos de maior conflito no sistema familiar da "S" era o facto de a nomearem de "mediadora" familiar, deixando-a a cargo das decisões mais importantes e das consequências dessas mesmas decisões, conduzindo a "S" a um registo disfuncional de não comunicação com a família, onde o mais evidente foi manter o segredo da traição do pai. Segundo Vianna (232), esse modo de organização familiar em que as leis de transmissão, os conceitos da descendência e do parentesco que a ela estão unidos, as leis da herança e da sucessão que aí combinam, obscurecem e embaralham as relações psicológicas. Fernandes afirma que a escolha de manter silêncio a respeito de situações familiares sofridas leva à transmissão que se fundamenta não no desejo do Outro, mas no enigma do não-dito. O calar tem dupla função: de alienar o sujeito no seu refúgio narcisista e submetê-lo a uma ordem familiar onde impera o pacto do silêncio. Por sua vez, Moro (259) refere que está em jogo o que é transmitido e o que é escondido, especialmente os traumas infantis e a maneira como cada um deles é contido. Para Paiva (108), o mito familiar mantém o grupo em certo equilíbrio, ainda que não seja o mais saudável sob vários aspectos, evitando movimentos de quebra de comportamentos, o que equivaleria a negar os vínculos de dependência, de pertença e de amor filial. Compreende-se que "recusar um mito" seria permitir novas possibilidades de pensar e de "vir a ser," inclusive a entrada de outros mitos, embora produzindo conflitos ou sintomas, até que a flexibilidade do grupo permita novo equilíbrio de funcionamento. Caso contrário, provocará rachaduras de difíceis resoluções na teia familiar.

A quebra do silêncio, para a "S" foi determinante para criar mudanças no seu sistema familiar. A sua gravidez e maternidade impulsionaram-na a querer criar mudanças. Quando inicial-

mente a sua gravidez a fazia criar evitamento em relação à sua família, no decorrer da mesma, a "S" não pode manter o "mito" criado pelos seus pais. Carter e McGoldrick (8) explicam que os stressores familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo da vida, frequentemente criam rompimentos neste ciclo e produzem sintomas e disfunção, como, por exemplo, no nascimento de um filho.

A possibilidade da vinculação da "S" à sua filha foi marcada pela conflito com a mãe, principalmente por esta não ter tido, de facto, um papel de cuidadora para com a "S" e o filho mais novo, durante a infância e adolescência destes. Para Macedo e Costa (48), a mulher que viveu uma relação significativa com a própria mãe terá, possivelmente, na experiência da maternidade, a oportunidade de voltar a significar esse papel, repetindo e melhorando o que lhe foi bom ou rejeitando o que experimentou como mau, libertando-se da angustia guardada do seu período de desenvolvimento infantil.

Actualmente, é notória uma maior competência da "S" em criar situações de diálogo, e repartir tarefas e papéis entre os membros da sua família, não só porque adoptou um novo papel na família, como assegurou o direito à sua individualidade e ao seu espaço. Como Trachtenberg (168) afirma, entre duas gerações está incluído um espaço de metabolização do material psíquico que será transmitido para a geração seguinte, de uma forma transformada e modificada. O herdeiro é um beneficiário dessas mudanças que conduzem a uma diferenciação e a uma evolução entre o que é transmitido e herdado e depois adquirido.

3. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

> **Cada um de nós é portador de um mandato transgeracional: podemos dizer que a nossa "árvore da vida" mergulha as suas raízes na terra molhada, no sangue que os ferimentos provocados pelos conflitos infantis dos nossos pais fizeram correr. Entretanto, essas raízes podem deixar a árvore da vida desabrochar quando elas não estão escondidas nas profundezas da terra, e portanto inacessíveis. (Lebovici, cit. in Moro 263).**

Falar de herança transgeracional é falar da família, do que recebemos de todas as gerações que nos antecederam e que serão passadas por nós para os nossos sucessores. É necessário perceber a importância dessa herança na criação dos papéis e na estrutura psíquica de um indivíduo. Há transmissões na família que passam registos disfuncionais, e que tornam não só o sistema familiar susceptível a conflitos e rupturas, como também pode potenciar os seus membros a manterem um registo de silêncio ou a quebrarem-no em definitivo, este último, culminando numa reestruturação do sistema. Estes jogos de herança transgeracional podem durar anos e manter os jogadores sempre activos em papéis específicos, dos quais se vêm retidos. No entanto, é possível o indivíduo ter competências para manter o "jogo" ou criar um novo.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Maria E. "Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto". *Ágora* 13.1 (2010): 93-108.

Canavarro, Maria C. (Coord.) *Psicologia da gravidez e maternidade*. Lisboa: Quarteto, 2007.

Carter, Betty, e Mónica McGoldrick, orgs. *As mudanças no ciclo de vida familiar: na estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. e 2ª reimp. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

DSM-IV-TR, Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais. 4ª ed. rev. Lisboa: Climepsi Editores, 2002.

Fernandes, Elizabeth C. *Transmissão geracional de comportamentos violentos – a repetição que não quer parar*, 2009. Internet. 9 Set. 2010 <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/transmissao-geracional-de-comportamentos-violentos-a-repeticao-que-nao-quer-parar-1064821.html>.

Groisman, Moisés, Mónica V. Lobo, e Regina M. Cavour. *Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996.

Kaës, René, org. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

Kaës, René. "Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração". *Transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. Ed. A. Eiguer. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. 5-19.

Kaplan, Harold I., e Benjamin J. Sadock. *Manual de psiquiatria clínica*. São Paulo: Artmed, 1998.

Macedo, Ragneli C., e Nina R. Costa. "Um lar saudável para uma criança saudável. Um relato de caso". *Investigação* 9.1 (2009): 45-54.

Moro, Marie R. "Os ingredientes da parentalidade". *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*. São Paulo, Brasil VIII.2 (2005): 258-73.

Paiva, Maria L., e Isabel C. Gomes. "Violência familiar: transgeracionalidade e pacto denegarativo". *Violência e sofrimento de crianças e adolescentes na perspectiva winnicottiana*. Eds. J. T. Rosa e I. F. Motta. São Paulo: FAPESPE, Idéias e Letras, 2008. 97-110.

Relvas, Ana P., e Madalena C. Lourenço. "Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade: perspectiva sistémica". *Psicologia da gravidez e da maternidade. Psicologias*. Org. Maria C. Canavarro. Lisboa: Quarteto (2007): 105-32.

Trachtenberg, Ana R. (org.). *Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: um destino entre as gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Vianna, Fabiana P. *Transgeracionalidade: "des-encontro" de gerações. Epistemo-somática* 3.2 (2006): 231-36.

Yin, R., ed. *Introducing the world of education - A case study reader*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

AS RELAÇÕES LUSO-AMERICANAS: UM GRANDE DESAFIO, ENORMES POTENCIALIDADES

João Luís Dias
Aluno do Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
joaoluisdias@ufp.edu.pt

Carla Pinto Cardoso
Professora Auxiliar
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
ccardoso@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 324-334 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 11 Set. 2010

RESUMO

As relações entre Portugal e uma das nações mais poderosas do mundo, os Estados Unidos da América, assumem uma especial importância no contexto das relações externas portuguesas. Contudo, este tema não tem merecido a atenção devida. Desta forma, o presente trabalho, sem deixar de fazer uma breve revisão do passado, refere-se ao essencial da actualidade das relações luso-americanas, nas áreas em que estas são mais pertinentes, com o objectivo de demonstrar a relevância do estudo das relações entre estes dois países.

PALAVRAS-CHAVE

Relações externas de Portugal, relações luso-americanas, diplomacia

ABSTRACT

The relations between Portugal and one of the world's most powerful nations, the United States of America, are very important to the Portuguese foreign relations. Despite this fact, the issue is not granted the attention it deserves. So this paper makes a brief summary of the past and refers essentially the current US-Portugal relations in the more pertinent fields, with the goal of demonstrating the relevance of studying this two countries' relations.

KEYWORDS

Foreign relations of Portugal, Portuguese-American relations, diplomacy

INTRODUÇÃO

As relações entre Portugal e os Estados Unidos da América têm pouco mais de dois séculos, devido à juventude da nação americana. Porém, assumem uma importância fundamental no panorama diplomático nacional.

Depois do colapso da União Soviética, os Estados Unidos adoptaram o papel de única superpotência mundial e, actualmente, com base na sua superioridade económica e militar, a nação americana domina também as atenções diplomáticas mundiais.

Portugal sempre teve relações privilegiadas com Washington, baseadas na atlanticidade dos dois países, mas também por partilharem interesses comuns ao longo dos tempos. Prova disto é o que é referido no relatório da biblioteca do Congresso americano:

> The United States and Portugal traditionally considered each other friends and allies. These sentiments were reinforced by the large number of portuguese immigrants to the United States and the growing economic and political importance of the Portuguese community. (Vicente 78)

Apesar disso, as relações luso-americanas não têm granjeado, como diz Jaime Gama, "um estudo sistemático com a profundidade que, em princípio, mereceria matéria de tão reconhecida importância". (Magalhães 9)

Uma das razões para isso suceder pode ter a ver com a integração portuguesa na União Europeia, um actor internacional com uma grandeza bem mais comparável à dos Estados Unidos, o que fez com que ganhassem maior destaque as relações entre esta instituição e o gigante do outro lado do Atlântico, relegando o papel de Portugal para segundo plano.

Contudo, o fortalecer da ligação portuguesa com os Estados Unidos não representará a negação da Europa ou da União Europeia, porque, como diz, Rui Machete (Machete 48), uma relação privilegiada com os EUA "permite, a Portugal, ter uma outra capacidade negocial na Europa". Também Jaime Gama defende esta posição, ao afirmar que "a integração de Portugal nas Comunidades Europeias deve significar não menos, mas cada vez melhor e mais exigente relacionamento com os Estados Unidos da América". (Magalhães 12)

O objectivo deste trabalho é tentar clarificar as ligações de Portugal com os Estados Unidos, em várias matérias cruciais, para melhor se compreender qual o verdadeiro estado da situação das relações de Portugal com o gigante norte-americano. Este tema assume grande importância, particularmente no ano em que o presidente norte-americano, Barack Obama, visita Portugal.

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A Guerra da Independência Americana teve início em 1775, quando os colonos se revoltaram contra os britânicos e declararam a independência dos Estados Unidos da América. Portugal foi dos poucos países a reconhecer, em 1783, a autonomia da jovem nação americana, ainda antes do Tratado de Paris que pôs fim à Revolução Americana (os outros foram Países Baixos e Espanha) (Melandri).

Em 1808, Thomas Jefferson, o terceiro presidente americano, deu as boas vindas ao continente americano ao Príncipe Regente e à corte portuguesa, que tinham fugido para o Brasil em consequência das invasões napoleónicas (Magalhães).

Portugal, que durante os primeiros anos da história dos Estados Unidos, desempenhava um papel relevante no comércio exportador americano por ser um grande importador dos cereais, apenas em 1816 teve o primeiro representante diplomático em Washington: o Abade José Correia da Serra. Porém, mais tarde, Correia da Serra abandona os EUA, na sequência de vários ataques de corsários americanos à marinha portuguesa.

Aquando da independência do Brasil, em 1822, os Estados Unidos não ficaram muito agradados com o facto de se instalar uma Monarquia na América, um "continente republicano," nem com a ligação das coroas brasileira e portuguesa. Como tal, não reconheceram o título de Imperador do Brasil a D. João IV. Quando D. Miguel rompe a ligação com o Brasil, o governo americano fica agradado e reconhece o governo miguelista em Portugal, apesar dos ataques da imprensa americana ao absolutismo.

Em 1840, é finalmente conseguido o acordo de comércio, que há muito era perseguido, entre Portugal e os Estados Unidos. Contudo, com a chegada de Zachary Taylor à presidência dos Estados Unidos, as relações luso-americanas sofrem um rude golpe. Este retoma o assunto do "General Armstrong," um navio corsário americano que tinha sido afundado por navios britânicos, em 1814, durante a guerra entre o Reino Unido e os Estados Unidos, no porto neutral da Horta, no Faial. Taylor, que pretende ser largamente compensado por Portugal, ameaça com a suspensão das relações diplomáticas entre os dois países e com outras represálias. Mas Taylor morreu subitamente e o seu sucessor, Fillmore, aceitou a proposta de indemnização portuguesa, tendo as relações luso-americanas regressado à normalidade. Terminava, assim,

> **um incidente que poderia ter tido graves consequências nas relações entre Portugal e os Estados Unidos, provocados por uma imprudente promessa feita por um presidente a um particular antes de exercer essas funções. (Magalhães 37)**

Em 1861, dá-se à Guerra Civil Americana. Durante este conflito, que durou até 1865, Portugal colaborou com o governo da União, ao contrário das maiores potências europeias, que mantiveram a neutralidade, abrindo os portos aos navios do Norte, mas não aos corsários a soldo das forças sulistas (a Confederação não tinha marinha).

Por esta altura, as relações entre Portugal e os EUA são as melhores. Para isso, muito contribuiu a política de ligação mais estreita com os americanos por parte do Ministro dos Negócios Estrangeiros Andrade Corvo e o papel de mediador desempenhado pelos Estados Unidos num conflito entre Portugal e o Reino Unido, num diferendo sobre a ilha de Bolama, em que deram razão aos portugueses. Contudo, este período de boas relações terminou com a Conferência de Berlim (1884-1885), onde a posição americana em relação aos interesses portugueses nas questões do Congo e dos caminhos-de-ferro de Lourenço Marques provoca uma grave crise nas relações luso-americanas, que só é mitigada pela simpatia que o governo português nutre pela causa americana durante a guerra hispano-americana (1898).

A primeira década do século XX é fértil em pactos entre os dois países e são assinados seis acordos – três comerciais e três sobre arbitragem, naturalização e emigração – apesar da

denúncia portuguesa do acordo de 1840, na sequência da vaga proteccionista mundial no início do século.

A 29 de Junho de 1911, os EUA reconhecem a República Portuguesa – foram a primeira potência mundial a fazerem-no – e dá-se início a um novo período nas relações entre Portugal e os Estados Unidos, marcado por três momentos fundamentais: as duas guerras mundiais e a guerra colonial portuguesa.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Portugal e os Estados Unidos são aliados na luta contra a Alemanha e Portugal cede aos EUA uma base naval nos Açores, para enfrentar a campanha submarina alemã no Atlântico.

Na II Guerra, Portugal manteve-se neutro durante todo o conflito, mas cedeu a base das Lajes aos Estados Unidos, por força do acordo luso-americano de Novembro de 1944. Após o final do conflito, a cedência das Lajes foi sendo renovada e, em 1951, dá-se o Acordo de Auxílio Mútuo para a Defesa e ainda o Acordo de Defesa entre os dois países.

Já a questão colonial provocou uma série crise entre Lisboa e Washington, já que os americanos eram favoráveis à descolonização, enquanto Salazar recusava tal cenário. Quando John Kennedy tentou dissuadir Salazar da guerra colonial, deu-se, porventura, a maior clivagem de sempre entre os dois países. O presidente americano proibiu a venda de armamento americano a Portugal para utilização em África e Salazar, que nutria uma profunda antipatia pelos Estados Unidos, respondeu com o recurso à sua arma diplomática mais poderosa: a base das Lajes, cujos acordos de cedência passariam a ser firmados a curto prazo. Como diz Norrie MacQueen: "a atitude de Salazar para com os Estados Unidos durante o resto do tempo em que permaneceu no poder poderia ser considerada *gaulista*". (MacQueen 77).

Contudo, em 1963 Kennedy é assassinado e o seu sucessor, Lyndon Johnson, não nutre o mesmo interesse pelas questões africanas, o que permite um desanuviar das tensões entre os dois países. Em 1968, Marcello Caetano substitui Salazar e institui uma política mais moderada, aproveitando a atitude menos agressiva do presidente americano, Richard Nixon, e as relações voltam a melhorar.

Em Abril de 1974 dá-se a Revolução portuguesa que derruba a ditadura marcelista. Porém, em plena Guerra-Fria, a perspectiva de se erguer um Estado comunista na Europa Ocidental, preocupa de sobremaneira os americanos, que passam a agir com grande cautela em relação a Portugal. Em consequência disso, o acordo das Lajes é renegociado em 1979, mas com poucas contrapartidas para Portugal, e só em 1983 é conseguido um acordo mais vantajoso para os interesses portugueses.

Mas a situação portuguesa estabilizou-se e o rumo seguido foi em direcção a uma democracia ocidental. Em 1986, Portugal adere à União Europeia e as relações com os EUA normalizaram-se e solidificaram-se.

Apesar de breve, esta perspectiva sobre a história das relações luso-americanas, incidindo, naturalmente, sobre a vertente política, diplomática e militar, oferece uma clara imagem da relevância desta ligação bilateral, entre dois países que partilham o Atlântico.

2. A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA OS ESTADOS UNIDOS

A presença portuguesa em solo americano remonta ao século XVI, quando o navegador João Rodrigues Cabrilho explorou a costa da Califórnia. Mais tarde, no século XVIII, um grupo significativo de judeus portugueses fixou-se em Nova Iorque, formando a primeira grande comunidade judaica em solo norte-americano. Porém, só no século seguinte é que se verifica uma emigração verdadeiramente expressiva de portugueses para o Novo Continente, maioritariamente oriundos dos arquipélagos da Madeira e, principalmente, dos Açores. Estes emigrantes portugueses dedicaram-se sobretudo a actividades piscatórias e agrícolas.

No século XX verificam-se dois momentos de grandes vagas de emigração portuguesa para a América. O primeiro foi no início do século, até 1929, altura em que, devido à Grande Depressão, os americanos levantaram grandes barreiras em relação à imigração. O segundo teve lugar após a erupção do Vulcão dos Capelinhos, no Faial, em 1957. Na sequência dessa catástrofe natural, os EUA mudaram a política de imigração em relação ao nosso país, o que permitiu que um grande número de cidadãos nacionais emigrasse para terras do Tio Sam (Vicente).

Calcula-se que, no período de maior emigração portuguesa para os Estados Unidos, entre 1820 e 1978, mais de 440 mil portugueses tenham migrado para o Novo Continente. Actualmente, o fluxo migratório de portugueses para os EUA apresenta números mais reduzidos, apesar de se manter uma corrente regular. Segundo as últimas estimativas do Departamento de Censos americano, de 2008, existirão mais de um milhão e 400 mil portugueses em solo norte-americano, espalhados por todos os 50 Estados do país, mas com destaque para a Califórnia, Massachusetts, Rhode Island e New Jersey (Vicente).

Agora que a presença de cidadãos nacionais nos EUA se encontra relativamente estabilizada seria conveniente, como diz Rui Machete, "considerar o estatuto das comunidades portuguesas nos Estados Unidos e a necessidade do seu *upgrading*". (Machete 45). Isto porque estes emigrantes portugueses têm uma menor influência na vida política e social americana do que outras comunidades de dimensão semelhante. Assim, é desejável que estes portugueses adquiram a nacionalidade americana, se inscrevam nos recenseamentos e votem, de modo a terem uma voz activa e participativa no país que os acolheu. Além disso, a naturalização também é importante para permitir o acesso a benefícios sociais e para precaver a deportação em caso de infracção à lei – o sistema jurídico americano prevê a deportação de imigrantes legais que quebrem a lei. Foi com o objectivo de encorajar os portugueses nos EUA, que não tencionavam regressar a Portugal, a adquirirem a nacionalidade americana, que a Fundação Luso-Americana, com o apoio do governo português, criou o programa *Portuguese American Citizenship Project*.

Finalmente, existem também organizações de interesse político com relevância para a comunidade luso-americana e para Portugal. O *Portuguese-American Leadership Council of the United States* (PALCUS) é o único *lobby* político luso-americano que actua nos EUA a nível nacional. No interior do Congresso existem o *Portuguese Caucus*, na Casa dos Representantes, e o grupo *Friends of Portugal*, no Senado, dois grupos que associam, em cada uma das Câmaras, os políticos que têm entre os seus constituintes um grande número de luso-americanos.

3. OS NORTE-AMERICANOS EM PORTUGAL

Ao contrário do que acontece com a comunidade portuguesa nos Estados Unidos, a presença de cidadãos americanos no nosso país é diminuta. Segundo os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, em 2008 existiam 2228 americanos com estatuto legal de residência em Portugal. Estes dividem-se entre o continente (1864), o arquipélago dos Açores (313) e da Madeira (51) (Instituto Nacional de Estatística).

Mas se a comunidade de norte-americanos a residir em Portugal é residual, o mesmo já não acontece em relação ao turismo, o que não é de admirar, visto que os Estados Unidos são o segundo país do mundo que mais gasta em turismo (mas também são o que mais recebem) e representam o oitavo maior país emissor de turistas para Portugal.

Nos últimos anos, o número de turistas americanos no nosso país tinha vindo a aumentar consistentemente, mas, em 2008, registou-se uma acentuada quebra, fruto, porventura, da crise económica que despoletou nesse ano. Actualmente, o cenário é, aparentemente de recuperação e, nos primeiros 11 meses de 2009, mais de 230 mil turistas americanos visitaram Portugal. O mesmo fenómeno observou-se com as receitas com os turistas provenientes dos Estados Unidos, que decresceram de mais de 300 mil euros em 2004, para 218 mil em 2008. De Janeiro a Novembro de 2009, assistiu-se a um tímido aumento de receitas. Todos estes dados estão ilustrados no quadro seguinte (AICEP).

Figura 1. Turismo dos EUA em Portugal

	2004	2005	2006	2007	2008	Var%a 04/08	2008 Jan/Nov	2009 Jan/Nov	Var%b 08/09
Receitasc	303.325	287.767	276.180	298.070	218.001	-7,0	220.864	220.779	0,0
% Totald	4,9	4,6	4,1	4,0	2,9	--	3,2	3,4	--
Posiçãoe	5	5	5	5	7	--	n.d.	6	--
Hóspedesc	232.483	239.650	258.076	274.275	240.173	1,2	230.927	231.206	0,1
% Totald	4,0	4,0	4,0	3,9	3,4	--	3,4	3,7	--
Posiçãof	7	7	7	7	8	--	8	8	--
Dormidasc	576.217	578.826	623.688	652.679	568.053	0,0	546.338	515.179	-5,7
% Totald	2,5	2,4	2,5	2,4	2,2	--	2,2	2,3	--
Posiçãof	9	9	8	8	10	--	10	10	--

Fontes: INE – Instituto Nacional de Estatística; Banco de Portugal

Unidades: Receitas (milhares de euros); Hóspedes e Dormidas (Unidades)

Notas: (a) Média aritmética das taxas de crescimento anuais no período 2004-2008

(b) Taxa de variação homóloga

(c) Inclui apenas a hotelaria global

(d) Refere-se ao total de estrangeiros

(e) Posição enquanto mercado emissor, num conjunto de 55 mercados seleccionados

(f) Posição enquanto mercado emissor, num conjunto de 22 mercados seleccionados

n.d.- não disponível

4. **RELAÇÕES CULTURAIS E CIENTÍFICAS**

A cultura é um dos aspectos mais importantes nas relações entre povos e assume uma especial importância no caso das relações luso-americanas, porque, como diz Rui Machete (Machete 25), "os Estados Unidos, goste-se ou não, são hoje o palco do mundo para muitas batalhas, incluindo as travadas no campo cultural".

De entre as matérias culturais, destaca-se, obviamente, a questão da língua portuguesa, uma das mais faladas do mundo. Havendo dois milhões de pessoas a falarem português nos Estados Unidos, entre portugueses, brasileiros e cabo-verdianos, é necessário garantir que os seus descendentes não abandonem a língua dos seus pais. Para isso, reveste-se de especial importância a aposta do ensino do Português, ao nível do primário e do secundário. É nesse sentido que o governo português tem realizado esforços para introduzir o Português como segunda língua dos exames de admissão universitária SAT (*Scholastic Assessment Tests)*. Também o Instituto Camões tem realizado um papel importante, dedicando cada vez maior atenção aos Estados Unidos.

É caricato perceber que o conhecimento da cultura americana, pela larga maioria dos portugueses, advém do que nos chega através das séries televisivas norte-americanas e dos filmes de Hollywood. Em Portugal, é muito escassa a compreensão da complexa realidade americana, seja ao nível da cultura, do ensino, da ciência, ou mesmo da política. Ainda pior é o conhecimento da cultura e da realidade portuguesa por parte dos americanos, sendo praticamente inexistente. Para mudar este facto, a Fundação Luso-Americana, fundada em 1985, tem trabalhado arduamente, através do incentivo à cooperação entre a sociedade civil americana e portuguesa.

No campo da educação, a Comissão Fullbright em Portugal tem contribuído para o intercâmbio de estudantes entre o nosso país e os Estados Unidos, através da atribuição de bolsas escolares. A presença de estudantes portugueses nos EUA começa a acentuar-se e a *Portuguese American Post-Graduate Society* conta já com cerca de 400 membros (Fullbright Portugal).

Já a cooperação técnica e científica entre os dois países, segundo Rui Machete (Machete 45), "tem progredido, mas ainda é relativamente diminuta". Os Estados Unidos oferecem enormes recursos e possibilidades nestes domínios, fruto do seu vasto complexo universitário e de institutos de investigação, que poderiam ser melhor aproveitados por Portugal. Da mesma forma, também os norte-americanos teriam a ganhar com uma maior aposta na cooperação luso-americana, pois o nosso país também possui alguns centros de investigação de grande qualidade que podem permitir uma experiência europeia de qualidade aos nossos vizinhos do outro lado do Atlântico.

5. **RELAÇÕES DE DEFESA E SEGURANÇA**

As relações luso-americanas nos campos da Defesa e da Segurança advêm, principalmente, da cooperação no âmbito da NATO e da cedência portuguesa da base das Lajes aos norte-americanos.

Portugal e os Estados Unidos foram membros fundadores da Organização do Tratado do Atlântico Norte, uma organização internacional de Defesa constituída em 1949, no contexto da Guerra-fria, para fazer face ao poderio militar do bloco soviético. Actualmente, apesar do fim da ameaça da URSS, a NATO ainda desempenha um papel de relevo nas relações internacionais.

No contexto da participação portuguesa na NATO, Portugal tem cooperado com os Estados Unidos em vários palcos de conflitos internacionais, como nos Balcãs, no Iraque ou no Afeganistão. Actualmente, Portugal participa com efectivos militares no Kosovo (295 militares) e no Afeganistão (167) (Estado-maior General das Forças Armadas). Outro ponto de contacto crucial entre os dois países tem sido, desde a II Guerra Mundial, a parceria luso-americana em relação à base das Lajes. Este essencial ponto estratégico é mesmo conhecido, entre os americanos, como o "porta-aviões" do Atlântico. A base dos Açores proporciona às Forças Armados dos Estados Unidos o apoio às suas forças colocadas em diversos pontos, como no Médio Oriente, na Ásia ou em África. Ao longo dos anos, sucessivos acordos têm sido firmados entre as duas nações, permitindo a utilização americana da base, em troca de contrapartidas para Portugal. Recentemente, esta parceria foi alvo de críticas, em Portugal, devido à polémica relacionada com a escala nas Lajes de voos da CIA em direcção à prisão de Guantánamo. Apesar disso, a relação luso-americana no que diz respeito à base açoriana não parece ter sido afectada.

Na actualidade, e na ausência de grandes conflitos, o cenário internacional permite que Portugal e os Estados Unidos se dediquem a novas matérias, que proporcionem uma maior e mais apertada cooperação. O continente africano pode, nessa óptica, representar uma forma de Portugal recuperar algum protagonismo, já que os Estados Unidos, nos últimos anos, têm aumentado o seu interesse por África e Portugal tem procurado desenvolver uma maior cooperação luso-americana e um maior empenhamento da NATO em África (Machete).

Ainda em relação às questões de Defesa e Segurança, e de Portugal mantém com os Estados Unidos da América um Acordo de Cooperação e Defesa, assinado em 2005, em Lisboa, e um **Acordo sobre Segurança de Informações Militares, celebrado em 1982, também em Lisboa** (Gabinete de Documentação e Direito Comparado).

6. **RELAÇÕES COMERCIAIS E ECONÓMICAS**

Os fluxos comerciais entre Portugal e os Estados Unidos sempre tiveram uma grande importância para o nosso país. Contudo, essa relevância tem vindo a diminuir, nomeadamente ao nível das exportações.

Em 2007, os EUA assumiam-se como o nosso maior parceiro comercial fora da União Europeia, ocupando a 5ª posição no ranking de clientes, mas, em 2009, tinham descido para o 9º lugar. As exportações portuguesas para os EUA representavam 6,1% do total das exportações nacionais em 2006, enquanto que, em 2008, esse valor desceu para os 3,5%. Em relação às importações, o panorama não mudou tão substancialmente. Ainda assim, desde 2004, o peso das importações provenientes dos Estados Unidos também diminuiu, especialmente em 2006, assistindo-se, a partir de 2007, a uma tímida retoma, como se verifica no quadro seguinte (AICEP).

Figura 2. Importância dos EUA nos fluxos comerciais de Portugal

		2004	2005	2006	2007	2008
Como cliente	Posição	5ª	5ª	5ª	5ª	7ª
	%	5,8	5,4	6,1	4,8	3,5
Como fornecedor	Posição	8ª	9ª	10ª	11ª	11ª
	%	2,3	2,2	1,5	1,7	1,7

Fonte: INE – Instituto Nacional de Estatística

Já para a dimensão americana, as relações comerciais com Portugal são relativamente pequenas. Segundo o Departamento de Estado norte-americano, em 2008 os Estados Unidos exportaram bens para Portugal no valor de 2,6 biliões de dólares, enquanto as importações representaram cerca 2,4 biliões (US State Department).

O governo português tem reunido esforços para aumentar o impacto das exportações de novas tecnologias e serviços, mantendo ainda os produtos que, tradicionalmente, sempre exportou, como os têxteis e o calçado. No sentido inverso, as empresas americanas desempenham no nosso país um papel significativo nos sectores farmacêuticos, de informática e de retalho. Por outro lado, a indústria automóvel norte-americana tem vindo, nos últimos anos, a retirar a sua presença em solo português.

A nível económico, importa, ainda, apontar a grande relevância que as remessas dos emigrantes portugueses no estrangeiro assumem para as finanças do país. Porém, nos últimos oito anos, estes envios financeiros decresceram cerca de 33%. Em 2008, segundo o Banco de Portugal, as remessas provenientes dos Estados Unidos foram de 171.462 milhões de euros e representaram 6,9% do total. Estes valores fizeram da comunidade portuguesa nos EUA a terceira mais importante a nível mundial (apenas ultrapassada pelas comunidades em França e na Suíça) e a maior contribuidora fora do espaço europeu.

CONCLUSÃO

Identificadas as várias dimensões das relações luso-americanas, ficam mais perceptíveis as razões que tornam tão fundamental uma ligação mais alargada, mais dinâmica e mais próxima entre Portugal e os Estados Unidos da América. Ficam também evidentes os interesses portugueses nos Estados Unidos, que são extremamente importantes e merecem um maior estudo e um maior destaque.

Portugal também possui algumas "cartas na manga" para conseguir contrabalançar o enorme poderio americano. A base das Lajes é o trunfo habitual, mas actualmente, dado o interesse revelado pelos Estados Unidos nas nações emergentes do Brasil e de Angola, o nosso país pode valer-se das relações de privilégio com esses países para se aproximar dos EUA e ser visto por Washington como um actor internacional de relevo, com quem vale a pena construir uma relação sólida de cooperação.

Portugal tem muito a ganhar com o estreitar de relações com o gigante do outro lado do Atlântico. Como país pequeno que é Portugal, o estabelecimento de relações de excelência com um tão poderoso actor internacional seria importante para aumentar a capacidade portuguesa de influenciar.

Assim, é no melhor interesse do país apostar nas relações luso-americanas, aproveitando-se das possibilidades que a nossa costa atlântica nos proporciona, mas sem nunca negligenciar a nossa posição europeísta que é, sem dúvida, a realidade a que pertencemos.

BIBLIOGRAFIA

Estado Maior General das Forças Armadas. 2009. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.emgfa.pt>.

Fullbright Portugal. 2010. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.fulbright.pt>.

Gabinete de Documentação e Direito Comparado. 24 de Agosto de 2009. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.gddc.pt>.

Instituto Nacional de Estatística. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.ine.pt>.

Machete, R. *Sobre as relações Portugal Estados Unidos.* FLAD, 2005. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.flad.pt/documentos/1215708814D0jDU7nb1Bv87VV3.pdf>.

MacQueen, N. *Descolonização da África portuguesa*. Mem Martins: Inquérito, 1998.

Magalhães, José Calvet de, et al. *Paradoxo atlântico. Diagnóstico das relações luso americanas*. Lisboa: Fim de Século, 1993.

Melandri, Pierre. *História dos Estados Unidos desde 1865*. Lisboa: Edições 70, 2002.

Relações Económicas Portugal-EUA. AICEP, Março de 2010. Internet. 23 Mar. 2010 <http://alencastre.ipapercms.dk/AICEP/Documentos/EUARelaesEconmicascomPortugal>.

US State Department. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.state.gov>.

Vicente, António L. *Os portugueses nos Estados Unidos da América.* FLAD, 1998. Internet. 17 Mar. 2010 <http://www.flad.pt/documentos/1246008736F8tDo0qe2Jk54DY1.pdf>.

CRENÇAS E EXPECTATIVAS INTERSUBJECTIVAS DE PAIS RELATIVAMENTE À PRÁTICA DE FUTEBOL DOS FILHOS NA ESCOLA DE FUTEBOL DRAGON FORCE DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO

José Magalhães
Mestre em Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
jose.magalhaes1984@hotmail.com

Milton Madeira
Professor Associado
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
madeira@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 336-352 (2010)
Submetido/Submitted: 04 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 04 Out. 2010

RESUMO

Este estudo consiste na análise intersubjectiva de três categorias de crenças e expectativas de pais relativamente à prática de futebol dos seus filhos na escola de futebol Dragon Force do Futebol Clube do Porto: o futebol como pedagogia e desenvolvimento, como carreira profissional e como integração em cultura clubística. Através de questionário construído para o efeito (QOISCERP) é comparada a perspectiva directa das crenças e expectativas de 100 pais com as crenças e expectativas que estes atribuem à generalidade dos pais. Os resultados mostram uma percepção de discórdia entre a perspectiva intra e intersubjectiva nas categorias A e B, e uma percepção de concórdia na categoria C.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia do Desporto, Pais e Filhos, Crenças e Expectativas, Intersubjectividade.

ABSTRACT

This study consists in an inter-subjective analysis of three categories of beliefs and expectations of parents about their children's football practice at Futebol Clube do Porto's Dragon Force football school: football as pedagogy and development, football as a professional career and football as integration in the club culture. Through a newly built questionnaire (QOISCERP), a direct perspective on beliefs and expectations of 100 parents is compared with the beliefs and expectations that they attribute to the generality of parents. Results show a perception of disagreement between intra and intersubjective perspectives in categories A and B and a perception of agreement on category C.

KEYWORDS

Sport Psychology, Parents and Children, Beliefs and Expectatives, Intersubjectivity.

INTRODUÇÃO

Este é um estudo que pretende trazer conhecimento novo acerca da temática da influência dos pais dos atletas no desporto infantil e juvenil. Para tal, foi realizada uma análise intersubjectiva de três categorias de crenças e expectativas de pais relativamente à prática de futebol dos seus filhos na escola de futebol Dragon Force do Futebol Clube do Porto, em instrumento construído para o efeito, intitulado "Questionário de Opinião Intra e Intersubjectiva sobre Crenças e Expectativas Relativas à Prática de Futebol dos Filhos" (QOISCERP).

No presente artigo fazemos uma revisão da literatura acerca da importância que os pais têm na prática desportiva dos seus filhos. Em seguida procuramos demonstrar a pertinência da análise das crenças e expectativas dos pais dos atletas do ponto de vista da intersubjectividade e sob as três categorias formuladas para o efeito: o futebol como pedagogia e desenvolvimento, como carreira profissional e como integração em cultura clubística.

Mostramos igualmente os passos seguidos para a construção e administração do QOISCERP. Por último são apresentados os resultados e a respectiva reflexão sobre os mesmos

1. MPORTÂNCIA DOS PAIS NO DESPORTO INFANTIL

> "Neste momento, já se pode afirmar que os comportamentos e atitudes dos pais constituem o factor mais importante para explicar as diferenças encontradas ao nível afectivo e emocional entre crianças e jovens que respondem bem e gostam do desporto, comparativamente aos jovens que experienciam emoções negativas devido à sua participação desportiva". (Gomes, "Aspectos")

Segundo Gomes ("Aspectos"), a família é a maior fonte de influência na vida dos atletas, pois é aí que os jovens primeiro aprendem e desenvolvem competências de vida e mecanismos de confronto para lidar com as exigências competitivas.

Já Carlsson, ao estudar atletas de sucesso em vários desportos, conclui que a iniciação no desporto organizado foi determinada pelos interesses dos pais e amigos entre os 7 e os 9 anos. Becker Jr. recorda ainda que o período etário entre os seis e os doze anos corresponde ao estádio de produtividade *vs.* inferioridade de Erikson, período em que a criança necessita de aprovação dos pais nas tarefas escolares. Becker Jr. afirma que este conflito é visível no desporto, na medida em que

> (…) as crianças com habilidade abaixo da média de seu grupo podem desenvolver este sentimento [inferioridade] se os seus pais mostrarem-se decepcionadas com elas. Durante a competição podemos assistir a criança, imediatamente após executar uma acção motora, olhar para os seus pais buscando aprovação. (26)

Ainda segundo Brustad, os pais são também importantes na forma como a criança ou jovem se auto-avalia, tendo estes um papel importante na definição da percepção de competência e no desenvolvimento do auto-conceito de crianças e jovens atletas. Gomes ("Aspectos") refere a existência de estudos de McCullagh et al. que apontam para uma forte correspondência entre as avaliações dos pais e a avaliação das crianças acerca da sua competência física. Gomes ("Aspectos") refere também o estudo de Harper (cit. in Gomes, "Aspectos") o qual mostra que as

crianças que tinham valores elevados de auto-estima podiam distinguir-se dos seus pares com valores inferiores ao nível do apoio social que recebiam das pessoas significativas.

Sobre as influências parentais negativas, Gomes ("Aspectos") refere os estudos de Scanlan e Lewthwait que demonstram uma relação entre pressão parental e receio de avaliações negativas por parte de pais treinadores com estados elevados de ansiedade pré-competitiva.

A importância da relação dos pais com a prática desportiva dos filhos é tão grande que merece destaque na famosa conceptualização realizada por Smith, Smoll e Smith, referente ao denominado triângulo desportivo, visível na Figura 1.

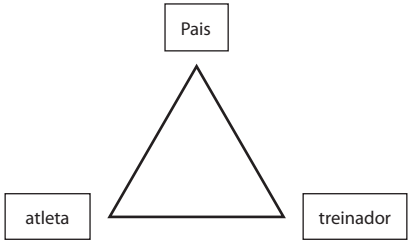


Figura 1. Triângulo Desportivo de Smith, Smoll & Smith (1989)

Esta conceptualização tripartida pretende dar conta dos três tipos de relações significativas existentes no contexto do desporto infantil e juvenil: (a) treinador/atleta, (b) treinador/pais e (c) atleta/pais; ou seja, o efeito dos pais sobre o jogo acaba por estar no mesmo plano que o do treinador e do atleta.

Segundo Hellstedt, a influência dos pais é de tal ordem que se podem considerar como sendo o *atleta invisível*. O mesmo autor conceptualizou o envolvimento dos pais na prática desportiva dos filhos segundo um *continuum* que vai desde o subenvolvimento ao sobre-envolvimento. Veja Figura 2 para o efeito:

Pais desinteressados	Pais mal informados	**ZONA DE CONFORTO**	Pais excitáveis	Pais fanáticos
Subenvolvimento		**Envolvimento moderado**		Sobreenvolvimento

Figura 2. Esquema de envolvimento dos pais na prática desportiva dos filhos segundo Hellstadt (cit in Gomes, 1997)

Estudos de Coakley (cit in Gomes, "Aspectos") sugerem também que

> (…) o *burnout* em jovens atletas está frequentemente associado ao grau de investimento que as suas famílias efectuam em termos de tempo e recursos gastos com a actividade desportiva. Assim, à medida que o grau de investimento aumenta, o jovem começa cada vez mais a sentir-se "prisioneiro" no papel de atleta, contribuindo para estados de burnout, que levam posteriormente, ao abandono da prática desportiva.

2. PAIS NO FUTEBOL: INTERSUBJECTIVIDADE, CRENÇAS E EXPECTATIVAS

O outro lado da conceptualização de Helstedt é, para além do *grau* de investimento, o *tipo* de investimento, e é nesta linha de investigação que este estudo se insere.

Gomes ("Aspectos"), num estudo acerca do envolvimento parental e orientação motivacional na prática desportiva, refere que "Em Portugal, os estudos acerca do envolvimento parental são escassos" (321). Acrescenta ainda Gomes ("Aspectos") que existem também dificuldades relativas, por um lado, ao

> facto de existirem poucos instrumentos de avaliação centrados nos comportamentos parentais, tanto ao nível nacional como internacional" (321) e, por outro lado, quanto aos instrumentos que visam a avaliação de aspectos de orientação motivacional, "a sua utilização tem privilegiado a perspectiva dos atletas e não tanto aquilo que é valorizado (em termos motivacionais) pelos pais na actividade desportiva dos filhos. (321)

Assim, este estudo pretende ser um contributo positivo para lidar com lacunas evidenciadas por Gomes ("Aspectos") no panorama que traça em relação à investigação acerca de orientações motivacionais dos pais em contexto desportivo.

Gomes ("Aspectos") refere existir algum consenso em torno da necessidade de se "distinguir entre os objectivos centrados no rendimento desportivo e os objectivos centrados na melhoria progressiva das competências atléticas". (321)

No entanto, esta é uma tipologia bastante fechada e específica, não permitindo por exemplo, distinguir entre investimento afectivo, económico e educativo que os pais fazem em relação à prática desportiva dos seus filhos. Não prevê também orientações motivacionais relacionadas com a vivência clubística, que vale a pena considerar no caso específico do futebol, devido à sua popularidade e simbolismo próprios.

Uma explicação plausível para uma delimitação tão específica das possíveis atitudes e valores dos pais relativamente à prática desportiva dos filhos, e centrada nos comportamentos concretos, prende-se certamente com a dificuldade metodológica em avaliar elementos desta natureza. Becker Jr. fornece um exemplo da dificuldade em asseverar com precisão o que os pais valorizam na prática desportiva dos seus filhos:

> O clima ideal na família seria aquele em que a criança fosse recebida sempre com afecto, após as competições, independentemente do resultado alcançado. (...) Muitíssimos pais dizem que proporcionam este ambiente na família. Na verdade eles até gostariam de fazer isso, mas não conseguem. Sua linguagem não verbal, das atitudes, é muito mais forte e denota vários sentimentos de decepção, mágoa e raiva. (25)

Igualmente num outro estudo, Verardi e De Marco entrevistaram 62 pais, tendo os resultados indicado que a maioria dos pais dizia incentivar a prática desportiva nos filhos. No entanto, conclui-se também que os mesmos pais raramente estavam presentes nos jogos, concluindo os autores que o comportamento dos pais não era consonante com o objectivo de incentivar a prática desportiva dos filhos.

Daqui decorre uma conclusão importante, a da dificuldade em avaliar as atitudes e crenças dos pais mediante o relato ou resposta destes a um questionário, na medida em que há um desfasamento entre o discurso oficial dos pais relativamente àquilo que acreditam ser melhor para o seu filho e, por outro lado, as suas práticas e comportamentos concretos.

Para melhor analisar esta problemática atente-se no seguinte exemplo: um pai acredita que o seu filho irá ser um jogador famoso. Não querendo assumir conscientemente esta crença, afirma publicamente que o seu filho está no futebol para se divertir e aprender. Mas, no entanto, considera que os restantes pais, esses sim, colocam os filhos no futebol por considerarem que estes vão ser jogadores de futebol famosos!

Uma análise psicanalista poderia neste caso postular a hipótese de que existem determinados aspectos do comportamento que não é permitido pelo sujeito que aceda à própria consciência por não corresponderem ao ideal do ego do sujeito, havendo uma cisão entre aquilo em que se acredita e aquilo que se faz. Eventualmente, esta auto-censura pode ser, através de um mecanismo de defesa como a projecção, ser atribuída a outros que não o próprio. Segundo Laplanche e Pontalis, a projecção é a operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo "objectos" que ele desconhece ou recusa nele.

Se se quiser, pode-se também utilizar a perspectiva e linguagem cognitivistas e traduzir esta projecção como atribuição de intencionalidade, sentimentos e crenças a outros, qualificando-se este processo como *inter-subjectividade* (Gardenfors cit. in Gillsepie e Cornish).

Assim, uma forma de avaliar de forma mais completa as crenças dos pais relativamente à prática de futebol dos seus filhos passa por avaliar tanto a crença subjectivamente assumida, como as crenças atribuídas ao outro. Isto é, passa por utilizar uma metodologia intersubjectiva na análise de crenças de pais associadas ao futebol infantil, avaliando tanto as crenças subjectivas dos pais como a percepção que estes têm relativamente aos outros pais de crianças jogadoras de futebol.

Gillespie e Cornhish referem vários níveis de análise da intersubjectividade, que passam pelas perspectivas directas, pelas meta-perspectivas e pelas meta-meta perspectivas, como se pode ver na Figura 3:

Comparisons			**Intra-subjective relation**
Direct perspective (S→X)	&	Metaperspective (S→O→X)	Perceived agreement/ disagreement
Direct perspective (S→X)	&	Metaperspective (S→O→S→X)	Feeling understood/ misunderstood
Metaperspective (S→O→X)	&	Metaperspective (S→O→S→X)	Perceived understanding/ misunderstanding

Figura 3. Relações de intersubjectividade percebida (Gillespie & Cornhish, 2009)

Encare-se a perspectiva dos pais sobre os outros pais como um campo ideal de projecção, onde se projectam sentimentos e crenças a um *outro.* Desta forma pode-se avaliar a extensão do viés, da discrepância entre a posição subjectivamente assumida e a posição atribuída

a *outro*, ao mesmo tempo que se pode avaliar o grau de percepção de concórdia destes em relação à restante comunidade.

3. **MÉTODO**

Esta investigação recorreu ao método exploratório e diferencial, realizado num corte transversal num só momento. Numa investigação diferencial, "a variável independente não é manipulada pelo investigador como na experimental, mas apenas medida" (Pinto 64). A avaliação e análise de diferenças e correlações entre as variáveis em estudo, de acordo com os objectivos definidos, foram realizadas através da construção de um instrumento próprio para o efeito, e de sua devida administração aos sujeitos, o QOISCERP.

A análise da intersubjectividade de perspectivas, de acordo com Gillespie e Cornish, é normalmente feita segundo quatro abordagens principais: questionários de auto-resposta comparativa, observação de comportamento, análise de conversa e participação etnográfica. Este estudo irá seguir a primeira abordagem metodológica, utilizando questionários de auto-resposta.

Gillespie e Cornish usam o modelo de Laing, Philipson e Lee para ilustrar vários níveis de intersubjectividade. De acordo com este modelo, pode-se dizer que foi realizada uma comparação entre um *ponto de vista directo,* neste caso a perspectiva de **S** sobre **X (S→X)** e uma *meta-perspectiva*, neste caso a perspectiva de **S** sobre o que o outro (**O**) pensa de **X (S→O→X).** Esta comparação pode ser formulada da seguinte maneira:

S→X / S→O→X

Assim, no caso da presente investigação, comparou-se a perspectiva dos pais **(S)** acerca da prática de futebol dos seus filhos **(X)** com a perspectiva deste pais **(S)** acerca do que consideram ser a perspectiva da maioria dos pais **(O)** sobre a prática de futebol dos respectivos filhos **(X).** Esta é uma *relação de intersubjectividade percebida* na qual se pode avaliar a percepção de concórdia ou discórdia dos sujeitos em relação à maioria.

Os objectivos específicos deste estudo foram assim os seguintes: **a)** avaliar individualmente as três categorias *Futebol como Pedagogia e Desenvolvimento*, *Futebol como Carreira Profissional* e *Futebol como Integração em Cultura Clubística;* **b)** analisar as diferenças entre as três categorias anteriores em função de perspectivas *intrasubjectivas* e *intersubjectivas; e* **c)** analisar as diferenças entre todas as subcategorias em função de dados sócio-demográficos tais como: a *Idade do Pai/Mãe*, o *Género*, a *Escolaridade*, a *Idade do Filho* e o *Tempo de Prática de Futebol do Filho*.

3.1. **PARTICIPANTES**

Este estudo contou com 100 participantes, todos eles pais de alunos matriculados e frequentadores regulares da escola de futebol Dragon Force do Futebol Clube do Porto Futebol SAD, na época desportiva 2008/2009. Foram 68 pais e 32 mães com idades entre os 28 e os 63 anos e uma idade média de 39 anos. O nível de escolaridade dos participantes pode ser consultado no Quadro 1.

Quadro 1. Níveis de Escolaridade dos participantes

Escolaridade	Frequência	Percentagem
1º Ciclo	1	1 %
2º Ciclo	9	9 %
3º Ciclo	23	23 %
Secundário	30	30 %
Superior	37	37 %
Total	**100**	**100 %**

São pais de filhos entre os 4 e os 13 anos (média de 8 anos), idades estas que abarcam todos os escalões de idade da escola Dragon Force. O tempo de prática de futebol dos filhos dos pais participantes da amostra deste estudo está entre os 2 meses e os 8 anos, com um tempo médio de 1 ano e 11 meses.

A selecção amostral foi a de conveniência parcial pela oportunidade ocasional de encontro efectivo com os pais por parte de um dos autores-pesquisadores, respeitando de qualquer modo os critérios de inclusão na amostra os quais foram definidos da seguinte forma: os inquiridos deveriam ser pais de alunos matriculados na escola de futebol Dragon Force; foram excluídos irmãos, tios, avós, primos e outros tipos de parentesco; os inquiridos deveriam saber ler e preencher devidamente o questionário e, por último ficou definido que não haveria distinção de sexo e idade na composição da amostra.

Quanto ao tamanho da amostra, este foi definido tendo em conta que a população de alunos da escola Dragon Force é de 750 alunos e, portanto de 750 encarregados de educação. O tamanho da amostra foi de 100 pais, o que se traduz em cerca de 13,3% da população, podendo esta então ser considerada uma amostra significativa.

3.2. **INSTRUMENTO**

Para este estudo foi especialmente elaborado um instrumento apresentado em algumas folhas do tipo A4, uma inicial contendo as Instruções e o Consentimento Informado dos participantes. Numa segunda parte tem-se a folha de resposta dividida em três partes: a primeira e a segunda dizem respeito a dados sócio-demográficos gerais acerca do participante e seu educando. Numa terceira parte tem-se o "Questionário de Opinião Intra e Intersubjectiva sobre Crenças e Expectativas Relativas à Prática de Futebol dos Filhos". O questionário pode ser consultado no Quadro 2.

Quadro 2. Estrutura do QOISCERP

Nível de análise Intersubjectivo	Nº	Questões por categoria	Categorias
Perspectiva Intrasubjectiva (X)	1	O facto de o meu filho jogar futebol é uma forma de aprender a ter regras e a ser disciplinado.	(AX) Futebol como Pedagogia
	4	O meu filho, através do futebol, desenvolve o seu corpo de forma saudável.	
	2	Acredito que o meu filho se pode tornar um jogador profissional.	(BX) Futebol como Carreira
	5	Penso na hipótese de o meu filho se tornar um futebolista profissional.	
	3	Inscrevi o meu filho no Dragon Force por ser a escola do Futebol Clube do Porto.	(CX) Futebol como Cultura clube
	6	Quero que o meu filho aprenda a cultura e valores do Futebol Clube do Porto.	
Perspectiva Intersubjectiva (Y)	7	A maior parte dos pais põe os filhos no futebol por se tratar de uma actividade pedagógica.	(AY) Futebol como Pedagogia
	10	No geral, os pais acham que os filhos, por jogarem futebol, aprendem a ser disciplinados	
	8	A maioria dos pais lá no fundo acredita que os filhos vão ser jogadores famosos.	(BY) Futebol como Carreira
	11	Qualquer pai de um aluno do Dragon Force sonha que o seu filho se torne um grande jogador	
	9	A maioria dos pais que inscrevem os seus filhos no Dragon Force são "portistas"	(CY) Futebol como Cultura clube
	12	A maior parte dos pais dos alunos da Escola Dragon Force gostam que os filhos sejam portistas e admirem o clube.	

Apresenta-se a estrutura do questionário em 3 categorias **(A, B, C)** que combinam com as duas perspectivas intersubjectivas **(X, Y)**, formando assim (3x2=) 6 subcategorias: **AX; BX; CX; AY; BY; CY**, como está disposto no Quadro 2. A numeração das afirmações apresentadas no quadro 2 corresponde à ordenação, de 1 a 12, no instrumento final.

3.3. **PROCEDIMENTOS**

O questionário foi administrado entre os dias 25 e 30 de Maio de 2009, nos 5 dias semanais de funcionamento da escola Dragon Force. Após a marcação de próprio punho do Consentimento Informado do pai ou da mãe, era administrado o questionário, tendo este durado em média cerca de 5 minutos a preencher. O questionário foi programaticamente administrado de forma a ser preenchido e devolvido no próprio dia e local da sua aplicação, não tenho havido excepções a esta norma. Os pais não tiveram dificuldades em responder ao questionário, uma vez que não ocorreu qualquer pedido de esclarecimento adicional.

4. **RESULTADOS**

Quanto ao **objectivo a)** (avaliar individualmente as três categorias: *Futebol como Pedagogia e Desenvolvimento*, *Futebol como Carreira Profissional* e *Futebol como Integração em Cultura Clubística*) apresentam-se agora, no Quadro 3, as correlações entre as questões que compõem as 6 subcategorias que vamos analisar.

Quadro 3. Correlações entre questões que compõe as 6 subcategorias do QOISCERP

Questões	Correlação de Pearson	Significância
1 ; 4 (AX)	0,405	0,000
2 ; 5 (BX)	0,686	0,000
3 ; 6 (CX)	0,520	0,000
7 ; 10 (AY)	0,245	0,014
8 ; 11 (BY)	0,281	0,005
9 ; 12 (CY)	0,644	0,000

Pelos resultados da correlação de Pearson e respectivos graus de significância, pode-se concluir que a subcategoria AY apresenta uma correlação estatisticamente **significativa** ($p < 0,05$) e que as restantes parelhas de questões que compõem as subcategorias em análise, apresentam correlações estatisticamente **muito significativas** ($p < 0,01$).

Em relação ao **objectivo b)** (analisar as diferenças entre as três categorias anteriores em função de perspectivas *intrasubjectivas* e *intersubjectivas*), apresenta-se os valores em percentagem de respostas, de cada uma das 6 subcategorias analisadas.

4.1. **RESULTADOS E COMPARAÇÃO DAS SUBCATEGORIAS AX E AY DO QOISCERP**

Na Figura 4 pode-se verificar que a esmagadora maioria dos pais (50%+45%=)95% concorda com uma perspectiva do futebol como pedagogia e desenvolvimento.

Já quanto à perspectiva intersubjectiva, ou seja, relativamente à forma como os pais perspectivam a opinião da generalidade dos pais, conforme pode ser visto na Figura 4, existem (45,5+10,5%=)56% de respostas considerando que a generalidade dos pais olha para o futebol dos filhos como uma actividade pedagógica, enquanto 27% não concorda ou discorda e, por último, 17% das respostas vão no sentido discordante.

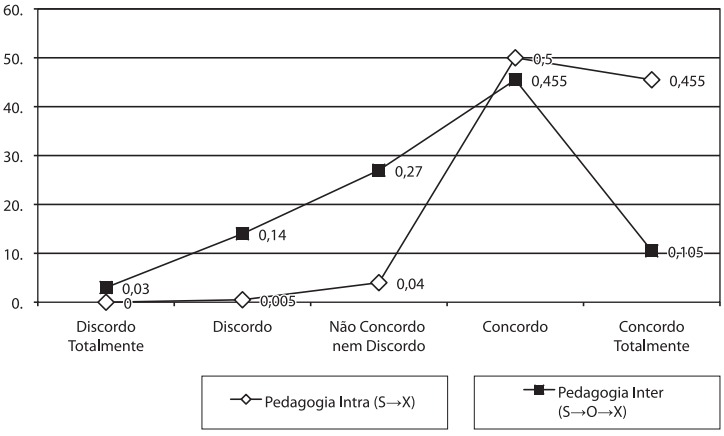


Figura 4. Comparação dos Resultados das Subcategorias AX e AY

Perante estes dados, e observando igualmente a Figura 4, podemos daqui concluir que existe uma diferença substancial entre a perspectiva individual dos pais **(S→X)** e a opinião que estes têm sobre a perspectiva da generalidade dos pais relativamente ao futebol dos seus filhos (**S→O→X**) como uma actividade pedagógica. Há portanto uma percepção de discórdia dos pais em relação à perspectiva dominante da generalidade dos pais, no sentido em que (**S→X**) pontua de forma mais elevada do que (**S→O→X**).

4.2. **RESULTADOS E COMPARAÇÃO DAS SUBCATEGORIAS BX E BY DO QOISCERP**

Como é possível verificar na Figura 5, há entre os pais uma elevada percentagem de respostas "não concordo nem discordo" (51,5%) relativamente à perspectiva da prática do futebol dos filhos como carreira profissional, restando (22,5%+9%=)31,5% de respostas positivas e (10,5%+6,5%=)17% de respostas negativas, referentes à Subcategoria BX.

Já quanto à perspectiva que os participantes têm relativamente à opinião da generalidade dos pais da **(S→O→X)**, como é possível verificar na Figura 5, os resultados da Subcategoria BY revelam-se bastante diferentes, na medida em que há (42%+12%=)54,0% de respostas positivas, 29,5% de respostas "não concordo nem discordo" e (4%+12,5%=)16,5% de respostas negativas .

Perante estas dados, e observando igualmente a Figura 5, podemos concluir, relativamente à perspectiva da prática de futebol dos filhos como possível carreira profissional, que existe uma diferença substancial entre a perspectiva individual dos pais (**S→X**) e a opinião que estes têm sobre a perspectiva da generalidade dos pais (**S→O→X**). Há portanto uma percepção de discórdia dos pais em relação à perspectiva dominante, no sentido em que (**S→X**) pontua de forma mais baixa que (**S→O→X**).

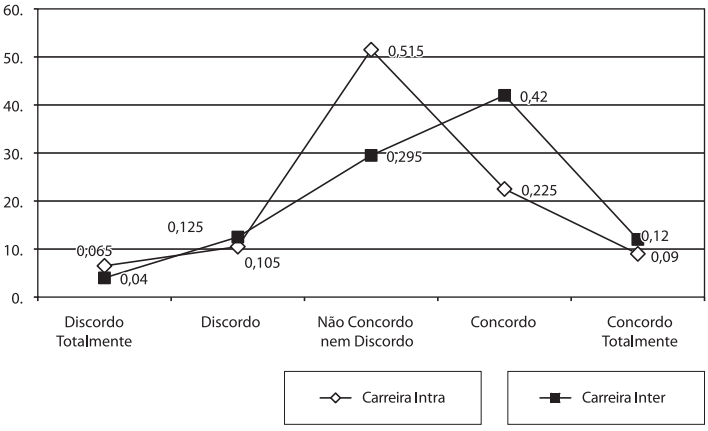


Figura 5. Comparação dos Resultados das Subcategorias BX e BY

4.3. **RESULTADOS E COMPARAÇÃO DAS SUBCATEGORIAS CX E CY DO QOISCERP**

Relativamente à Perspectiva Intrasubjectiva do Futebol como Integração em Cultura Clubística (FCP), pode-se verificar na Figura 6 que existem (52,5%+22%=)74,5% de respostas positivas por parte dos pais, apenas 6,5% de respostas negativas e 19% de respostas "não concordo nem discordo".

De acordo com a Figura 6, quanto à perspectiva que os participantes têm relativamente à opinião da generalidade dos pais da **(S→O→X)**, os resultados revelam-se bastante semelhantes, na medida em que há (50%+23%=)73% de respostas positivas, 19,5% de respostas "não concordo nem discordo" e (2,5%+5,0%=)7,5% de respostas negativas. Observando igualmente a Figura 6, pode-se concluir, relativamente à perspectiva da prática de futebol dos filhos como integração na cultura clubística do Futebol Clube do Porto, que existe uma grande semelhança entre a perspectiva individual dos pais **(S→X)** e a opinião que estes têm sobre a perspectiva da generalidade dos pais **(S→O→X)**. Há portanto uma percepção de concórdia dos pais **(S→X)** em relação à perspectiva que consideram ser a dominante (**S→O→X**).

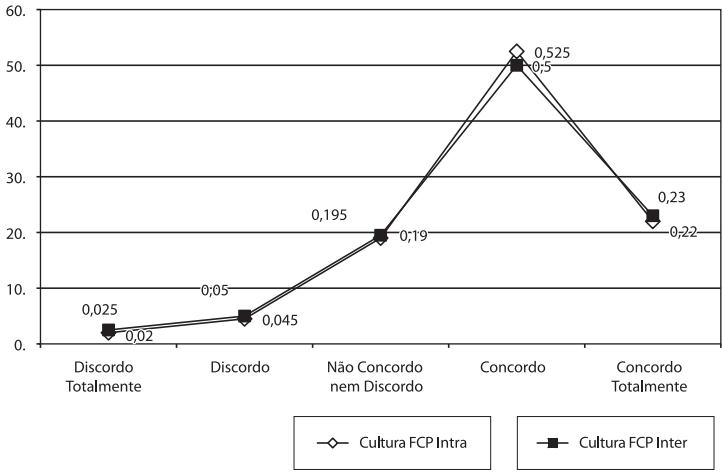


Figura 6. Comparação dos Resultados das Subcategorias CX e CY

4.4. **CORRELAÇÕES ENTRE O QOISCERP E OS DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS**

Em relação ao **objectivo c)** analisar as diferenças entre todas as subcategorias em função de dados sócio-demográficos tais como: a *Idade do Pai/Mãe*, o *Género*, a *Escolaridade*, a *Idade do Filho* e o *Tempo de Prática de Futebol do Filho*), apresenta-se no Quadro 4 a análise das correlações de Pearson entre as 6 subcategorias do QOISCERP e os dados sócio-demográficos.

Quadro 4. Correlações entre as 6 subcategorias do QOISCERP e dados sócio-demográficos

	Idade do Pai/Mãe	Género do Pai/Mãe	Escolaridade	Idade do Filho	Tempo de Futebol do Filho
AX	,669	,376	,668	,571	,852
BX	,687	,797	,000*	,704	,138
CX	,252	,200	,081	,964	,034
AY	,894	,232	,119	,711	,581
BY	,196	,031	,019*	,833	,651
CY	,673	,306	,159	,246	,504

A análise do Quadro 4 permite concluir que existem duas correlações estatisticamente significativas: entre a escolaridade e a subcategoria BX ($p < 0,01$); entre a escolaridade e a subcategoria BY ($p < 0,05$). É também de notar que ambas as subcategorias correspondem à categoria geral B - Futebol como Carreira Profissional.

5. **DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

Os resultados a serem discutidos e interpretados, e que remetem para os objectivos específicos deste estudo, podem-se assim ser sintetizados:

1. As parelhas de respostas que compõem as subcategorias em análise (AX, BX, CX, AY, BY, CY) apresentam correlações estatisticamente significativas entre si; Assim, podemos concluir que as 6 subcategorias do QOISCERP são válidas para análise e interpretação, uma vez que apresentam correlações estatisticamente significativas entre as parelhas de questões que as compõem;

2. A grande maioria dos pais concorda com uma perspectiva do futebol como pedagogia e desenvolvimento. No entanto, percepcionam uma discórdia relativamente ao que estes consideram acerca ser a opinião da generalidade dos pais relativamente a esta categoria, no sentido em que **(S→X)** pontua de forma mais alta que **(S→O→X**); poder-se-ia colocar neste caso a hipótese de haver uma projecção de crenças no *Outro*, segundo a qual os pais, embora concordem de forma esmagadora com o futebol numa perspectiva pedagógica e educativa, projectariam crenças nos outros que são inaceitáveis para a sua própria consciência;

3. Relativamente à perspectiva da prática de futebol dos filhos como possível carreira profissional, existe uma percepção de discórdia dos pais em relação à perspectiva dominante, na medida em que a maioria destes não concorda nem discorda, sendo que *os outros pais* estariam mais interessados na perspectiva do futebol como carreira profissional, no sentido em que **(S→X)** pontua de forma mais baixa que (**S→O→X**); Poder-se-ia aqui concluir que existe nos pais uma imagem da escola de futebol Dragon Force como um local onde pais levam os filhos acreditando que estes podem vir a ser jogadores profissionais, mas eles próprios individualmente não assumem levar o filho aos treinos por essas razões. Poder-se-ia colocar a hipótese de os pais, ao não quererem assumir uma posição clara, estariam a projectar crenças nos outros pais que estes próprios não pretendem assumir (mas que talvez as tenha). Isto leva também a crer que existe eventualmente uma imagem negativa dos (outros) pais que esperam que os seus filhos sejam jogadores profissionais;

4. Já quanto à perspectiva da prática de futebol dos filhos como integração na cultura clubística do Futebol Clube do Porto, existe uma percepção de concórdia dos pais **(S→X)** em relação à perspectiva que consideram ser a dominante (**S→O→X**), no sentido em que esta categoria pontua de forma bastante positiva nos dois casos. Poder-se-ía colocar a hipótese de que a valorização da cultura do FC Porto é, naquela comunidade, uma crença socialmente bem aceite e partilhada. Pode-se também concluir que a valorização do clube é unânime e incontestada, e é a única perspectiva, dentro das analisadas, verdadeiramente aglutinadora e geradora de consenso partilhado; e,

5. Existe uma correlação estatisticamente significativa entre a escolaridade dos pais e as respostas relativamente ao futebol como carreira profissional, no sentido em que quanto maior é a concordância intrasubjectiva **(S→X)** nesta categoria, menor é a escolaridade dos pais, e quanto maior é a concordância intersubjectiva **(S→O→X)** maior é a escolaridade dos pais. Isto pode ser explicado pelo facto de uma maior escolaridade estar associada a um conjunto mais diversificado de expectativas relativamente ao futuro dos filhos. Outra hipótese que se pode colocar é a de que os pais com maior nível de escolaridade tendem a valorizar mais o lado educativo e pedagógico das actividades dos filhos.

CONCLUSÃO

A primeira conclusão a tirar deste estudo é a confirmação do desfasamento entre aquilo que os pais acreditam e as crenças que atribuem aos outros pais relativamente à prática de futebol dos seus filhos. Legitima-se então o uso de metodologia que avalie uma intersubjectividade de perspectivas neste contexto. Talvez então, se se toma como correcta a hipótese de uma projecção sobre o outro de conteúdos indesejáveis do eu, se explique desta forma as dificuldades apontadas dos vários estudos em avaliar as reais motivações dos pais. Apenas em relação à cultura do clube vê-se uma percepção de concórdia dos pais em relação ao todo, ao conjunto de pais.

É talvez indispensável reflectir sobre estes resultados suportados uma reflexão teórica e multidisciplinar abrangente que nos possa indicar que forma é que estes resultados se enquadram no contexto da sociedade contemporânea, com seus valores, crenças, expectativas e representações sociais. Só assim se poderá talvez elucidar as diferentes ênfases que os pais colocam em relação às diversas categorias de crenças e expectativas em análise. O futebol não deve talvez ser visto fora do contexto da sociedade em que este é praticado.

> Quase todos os povos jogaram com uma bola, em quase todas as épocas, embora com diferentes motivações, e o modo como o fizeram e o fazem ainda é uma expressão estilizada, artística, das suas mentalidades. (Magalhães 13)

Face ao estudo desenvolvido e aos resultados obtidos, há também um conjunto específico de problemas que merecem no futuro um estudo mais aprofundado. Assim seria útil analisar crenças e expectativas de pais utilizando metodologia qualitativa e, por outro lado, realizar estudos semelhantes que incluíssem a recolha de dados relativamente à perspectiva dos filhos.

O presente estudo não ajuda o psicólogo do desporto a tirar ilações acerca das reais motivações dos pais para o envolvimento na prática de futebol dos filhos; ajuda, isso sim, a tomar consciência da extensão da ambiguidade e da ambivalência dos pais em relações a estas questões. Estas ambiguidade e ambivalência relativamente às crenças e expectativas relacionadas com o futebol infantil, deve-se talvez à natureza complexa do próprio jogo, que apela a várias dimensões humanas, muitas vezes contraditórias, e que se fazem notar nos próprios encarregados de educação dos jovens futebolistas.

BIBLIOGRAFIA

Albino, B., D. Torri, e A. Vaz. "Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar". *Educação e pesquisa* 33.3 (2007): 499-512.

Argimon, I. L., et al. *Técnicos de futebol e a prática da psicologia no esporte.* Psicologia.com.pt - O portal dos psicólogos, 2006. Internet. 4 Set. 2008 <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0273.pdf>.

Armstrong, D. M. *Belief, Truth, and Knowledge.* Cambridge: Cambridge Press, 1973.

Baumann, Z. *Modernidade e ambivalência*. Lisboa: Relógio d'Água, 2007.

Becker Jr., Benno, org. *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo: Feevale, 2000.

Brustad, R. J. "Affective Outcomes in Competitive Youth Sport: the Influence of Intrapersonal and Socialization Factors". *Journal of Sport & Exercise Psychology* .10 (1998): 307-21.

Carlsson, R. "The Path to the National Level in Sports in Sweden". *Scandinavian Journal of Medicine and Science Sports* .3 (1993): 170-77.

Cruz, Joaquim. *Manual de psicologia do desporto*. Braga: S.H.O. – Sistemas Humanos e Organizacionais, 1996.

Erikson, Erik. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zah, 1971.

Freud, Sigmund. "A teoria da sexualidade". *Textos essenciais da psicanálise*. Vol. II. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.

Gettier, Edmund L. «Is Justified True Belief Knowledge?» *Analysis* .23 (1963): 121-123. Internet. Transcribed into hypertext by Andrew Chrucky, 13 Set. 1997. <http://www.ditext.com/gettier/gettier.html>.

Gillespie, Alex, e Flora Cornish. "Intersubjectivity: Towards a Dialogical Analysis". *Journal for the Theory of Social Behaviour* 40.1(Mar. 2010): 19-46.

Gomes, Rui. *A relação entre pais e filhos no desporto.* Futebol Clube do Porto - Secção Natação, 2001. Internet. s.d. <http://www.new.fcpnatacao.com/files/artigos/relacao%20entre%20pais%20e%20filhos.pdf>.

---. «Aspectos psicológicos da iniciação e formação desportiva: O papel dos pais.» *Actas do I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física.* Ed. J. Cruz e A. Gomes. Braga: FCB/UM, 1997. 291-320.

Hellstedt, Jon. "The Coach/Parent/Athlete Relationship". *The Sport Psychologist* .1 (1987): 151-60.

Lawther, J. *Psicologia desportiva*. Rio de Janeiro: Fórum, 1973.

Magalhães, Álvaro. *História natural do futebol*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

Verardi, Carlos E., e Ademir de Marco. "Iniciação esportiva: a influência de pais, professores e técnicos". *Arquivos em movimento* 4.2 (Jul.-Dez. 2008): 102-23.

Martens, Rainer. «Science, Knowledge and Sport Psychology.» *Essential Readings in Sport and Exercise Psychology*. Eds. Daniel Smith and Michael Bar-Eli. Champaign, IL: Human Kinetics, 2007. 457-69. 20 Jan. 2010. Internet. < http://books.google.com/books?id=IE6IMsD-FhwC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>.

McCullagh, P., et al. "Motivation for Participation in Physical Activity: a Comparison of Parent-Child Perceived Competencies and Participation Motives". *Pediatric Exercise Science* **.5 (**1993): 224-33.

Moraes, Luiz, André Rabelo, e John Salmela. "O papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas". *Psicologia: reflexão e crítica* .17 (2004): 211-22.

Pinto, Amâncio. *Metodologia da investigação psicológica.* Porto: Jornal de Psicologia, 1990.

Rodrigues, Francisco X. "Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil". *Sociologias* 6.11 (Jan.-Jun. 2004): 260-99. Internet. 4 Set. 2008. <http://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a12.pdf>.

Scaglia, André. "Escolinha de futebol: uma questão pedagógica". *Motriz* 2.1 (2004): 36-43.

Scanlan, T. K., e R. Lewthwait. "Social Psychological Aspects of Competition for Male Youth Sport Participants: Predictors of Competitive Stress". *Journal of Sport Psychology* .6 (1984): 208-26.

Schwitzgebel, Eric. "Belief". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Ed. Edward N. Zalta. Center for the Study of Language and Information, Stanford University, 2006. Internet. 19 Set. 2008. <http://plato.stanford.edu/entries/belief>.

Seabra, Daniel. *Mágico porto vence por nós: um estudo antropológico de uma claque de futebol*. Diss. Mestrado. U Minho, 1999. Internet. s.d. http://dited.bn.pt/29181/214/998.pdf

Sérgio, Manuel. *Algumas teses sobre o desporto*. Lisboa: Compendium, 2007.

Smith, Ronald, Frank Smoll, e Nathan Smith. *Parent's Complete Guide to Youth Sports*. Reston, VA: American Alliance for Health, Physical Education and Dance, 1989.

Zizek, Slavoj. "Will You Laugh for Me, Please". *Lacan Dot Com* (2010). Internet. 2010. <http://www.lacan.com/zizeklaugh.htm>.

PERCEPÇÃO DO RISCO DE CONTAMINAÇÃO PELO VIH/SIDA EM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS

Margarida Soliz Fernandes
Aluna do Doutoramento em Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
margarida.soliz@idt.min-saude.pt

Zélia Teixeira
Professora Auxiliar
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
Psicóloga Clínica
CRI Porto Oriental, DRN, IDT-IP, Porto, Portugal
zelia@ufp.edu.pt / zelia.teixeira@idt.min-saude.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 354-364 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 11 Out. 2010

RESUMO

Actualmente, é do conhecimento geral, que o comportamento de risco associado ao uso de substâncias vai para além da troca de seringas. O consumo de substâncias como comportamento de risco, surge na sua vertente de efeitos directos a nível cerebral, dos quais se destacam a "desinibição" e diminuição da crítica, a estes efeitos podemos associar uma panóplia de substâncias modificadoras da consciência. No entanto, é neste contexto que o álcool surge como substância de eleição, por ser, a seguir ao tabaco, droga mais consumida e, quando comparada com as substâncias ilícitas, a responsável pela maior taxa de perda de anos de vida saudável (OMS).

Com o presente trabalho pretendemos avaliar o nível global de percepção de risco para a infecção do VIH/SIDA, os conhecimentos acerca da doença e estratégias de prevenção da infecção utilizadas e analisar se existem diferenças quanto a estes parâmetros quando dividimos a amostra de acordo com a variável consumo de drogas ilícitas em algum momento da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Percepção comportamentos de risco, VIH/SIDA, alcoolismo, toxicodependência

ABSTRACT

Today it is common knowledge that the conduct of risk associated with substance use goes beyond the exchange of syringes. The consumption of substances such as risk behavior, arises in part from its direct effects in the brain, among which are the "disinhibition and loss of critical, these effects can involve a variety of substances modifying consciousness. However, in this context is that alcohol appears as a substance of choice because it is, then tobacco, drug consumed, and when compared with illicit substances, responsible for the higher rate of loss of healthy life years (OMS).

The present work intend to evaluate the overall level of perceived risk for HIV/AIDS, knowledge about the disease and strategies for prevention of infection and used to examine whether there are differences in these parameters when we divided the sample according to variable consumption of illicit drugs at some point in life.

KEYWORDS

Risk behavior perception, HIV/AIDS, alcoholism, drug addiction.

1. INTRODUÇÃO

De todas as consequências negativas do consumo de álcool, os comportamentos sociais desadequados como a violência, suicídio e acidentes de viação, são os que constituem o lado mais visível do problema. Contudo, o consumo de álcool também está associado a efeitos positivos, que estão por sua vez relacionados com as expectativas em relação aos seus efeitos, como a auto-descoberta, a afectividade, e a desinibição para a interacção social (Steele e Southwick).

Neste sentido, percebe-se que o consumo de álcool e outras drogas está intimamente relacionado com os comportamentos sociais, que deixam subentender numa pessoa que as consuma, características de maturidade, atracção/sedução e sociabilização. Devido a esta natureza social da maioria destes consumos, o álcool e as drogas ilícitas são frequentemente associados aos comportamentos sexuais. Segundo Plant e Plant existem duas razões para esta associação do consumo de drogas e álcool com a sexualidade. A primeira relaciona-se com as ligações culturais e sociais entre o consumo de substâncias e os encontros sexuais, na medida em que o beber pode ser simplesmente um acompanhante ou percursor dos encontros e da actividade sexual. A segunda razão prende-se com a crença de que o álcool e as drogas têm efeitos positivos na performance e desinibição sexual. Aliás, Pechansky, Diemen e Genro referem, relativamente a este assunto, o aumento de comportamentos sexuais promíscuos quando as pessoas estão sob o efeito de substâncias, facto que faz aumentar o risco de infecção pelo VIH/SIDA.

O que referem os estudos realizados nesta área (MacDonald, Zanna e Fong) é que a intoxicação tem sido relacionada com a falha no uso de preservativos, tendo como maior consequência as doenças sexualmente transmissíveis e as gravidezes não planeadas. Contudo, só a partir da década de oitenta, após a descoberta do vírus da Sida é que a relação entre drogas psicoactivas e comportamentos sexuais ganhou alguma relevância.

A preocupação central sobre o consumo de drogas na sua generalidade e a sua relação com comportamentos sexuais de risco para a Sida, prende-se com o conceito de "desinibição," que já tinha sido objecto de estudo quando se abordavam questões como a relação entre o álcool e o crime (Plant e Plant).

Ao longo dos anos, têm sido realizados vários estudos que conjugam estas duas variáveis, álcool e comportamentos de risco, têm sido realizados, e a sua grande maioria converge para uma conclusão: o álcool está relacionado com os comportamentos sexuais que colocam as pessoas em risco de se infectarem pelo VIH/SIDA. Já em 1989, Plant et al. referiam que os comportamentos sexuais de "alto" risco estão associados ao consumo de álcool.

McEwan et al. referem a associação entre hábitos de consumo de bebidas alcoólicas e comportamentos sexuais inseguros. No mesmo sentido, Petry refere que as pessoas com problemas ligados ao álcool têm maior probabilidade de se infectarem pelo VIH. Maisto et al. concluíram no seu estudo sobre os efeitos do álcool na percepção do risco para contaminação do VIH/SIDA de mulheres heterossexuais, que a intoxicação pelo álcool pode ter efeitos negativos na motivação para relações sexuais seguras.

2. UM MODELO ORIGINAL DE EXPOSIÇÃO A SITUAÇÕES DE RISCO

Uma das possíveis explicações do fenómeno da exposição ao risco de contaminação pelo vírus da Sida em consumidores de substâncias assenta num modelo elaborado por Flávio Pechansky. Este modelo desenvolvido especificamente para consumidores de substâncias, parte do princípio que o uso frequente e abusivo de substâncias leva o individuo a diminuir a sua visão crítica referente aos riscos específicos associados ao consumo sistemático de substâncias, e aos riscos para saúde em geral.

Esta diminuição da crítica é influenciada pelos média, pela cultura e pelas crenças populares, assim como pela própria "contra-informação" produzida pelo consumidor, e geram uma baixa percepção de risco por parte do indivíduo. Esta baixa percepção favorece, por sua vez, a participação em condutas ou situações de risco, como é o caso das relações sexuais desprotegidas. Estas condutas tendem a aumentar, desta forma, o risco de contaminação e transmissão do VIH de indivíduo para indivíduo, particularmente dentro da sua rede social.

Segundo Pechansky as variáveis sociodemográficas podem potenciar a quantidade de condutas e situações de risco. Contudo o seu grau de interacção ainda não foi comprovado. Este cenário pode levar o indivíduo a aperceber-se do potencial dano a que está sujeito ou a que poderá sujeitar-se no futuro. Esta percepção tanto pode ser desencadeada por um momento específico (por exemplo um acidente sob o efeito da substância), ou por um conjunto de eventos que vão modificar a atitude do indivíduo. Esta "fase" é coincidente com o estádio de contemplação do modelo de Estágios para a Mudança de Prochasca e DiClemente.

É a partir deste momento, em que o sujeito percepciona um dano potencial, que está apto a pedir ajuda, marcando um ponto crucial na sua mudança de comportamento.

Outro factor proposto pelo autor é o da interferência da informação, quando se usa a substância, na diminuição ou aumento da crítica e percepção de risco. Este é de facto um componente importante na génese e manutenção do consumo de substâncias e da disseminação do VIH/SIDA, reforçando a ideia de que a informação acerca da transmissão, por si só, não é suficiente para se modificar de forma substancial o comportamento dos indivíduos, e que a "contra-informação" leiga sobre os efeitos positivos e prazerosos do uso de substâncias e de determinadas condutas de risco, exercem uma enorme influência na manutenção dos comportamentos de risco. Deste modo, acrescenta a necessidade de informação bem sustentada e completa para que esta tenha o peso suficiente para interferir na prática e comportamentos vigentes dos indivíduos, contrariando as forças que o mantêm exposto ao risco.

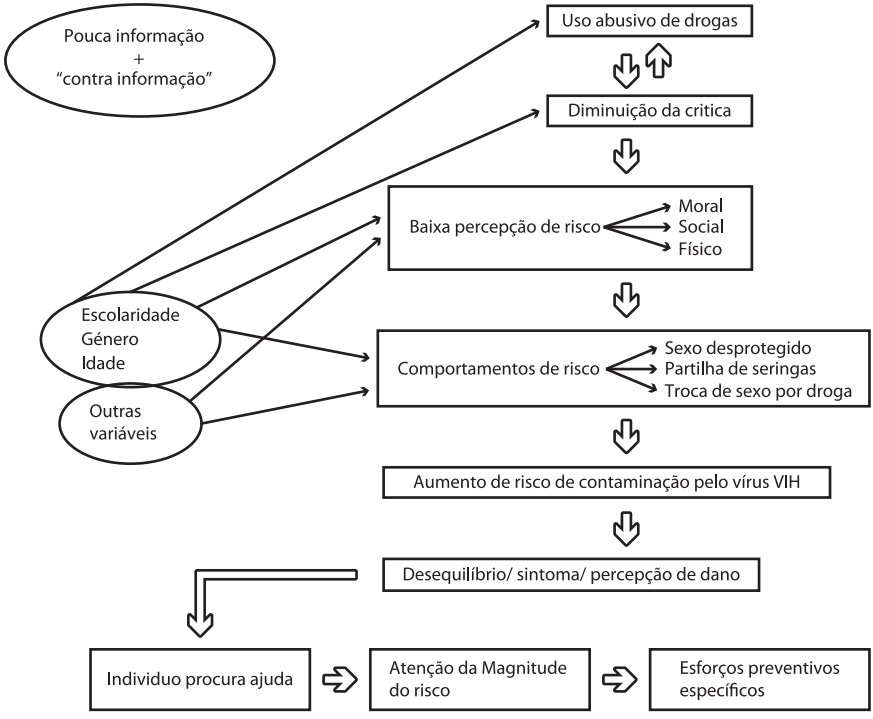


Figura1. Modelo de exposição a situações de risco (Pechansky, 2001).

3. **MÉTODO**

3.1. **DESENHO DA INVESTIGAÇÃO**

O estudo tem um formato descritivo, com o intuito de se perceber se existem diferenças entre dependentes de álcool sem história de consumo de drogas ilícitas e dependentes de álcool com história de consumo de drogas ilícitas, no que diz respeito à qualidade da informação acerca das formas de transmissão, prevenção e conceitos acerca do VIH/SIDA, à percepção dos comportamentos de risco e que estratégias são utilizadas para se prevenirem da infecção do vírus do VIH/SIDA.

3.2. **PARTICIPANTES**

A amostra aleatória foi constituída por 60 sujeitos de ambos os sexos (36 homens e 24 mulheres), com idades compreendidas entre os 27 anos e os 67 anos, dependentes de álcool, abstinentes em seguimento numa Unidade de tratamento pública especializada. Relativamente às características ao estado civil e escolaridade, a amostra era constituída na sua maioria (62%) por pessoas casadas e com baixa escolaridade (4 anos de escolaridade).

3.3. **PROCEDIMENTOS**

Os critérios de exclusão da amostra considerados foram o analfabetismo, na medida em que parte do questionário era auto-administrado; estar abstinente há pelo menos 15 dias, para prevenir as alterações da performance, devidas ao consumo de bebidas alcoólicas ou por acção de fármacos, no caso dos utentes em desintoxicação.

Os questionários foram administrados, aos primeiros 60 utentes que aceitaram participar no estudo, por dois investigadores um do sexo feminino outro masculino, emparelhando o género do investigador com o dos utentes. Optou-se por este procedimento com o intuito da administração dos questionários não causar embaraço aos sujeitos da amostra, já que um entrevistador do sexo oposto poderia causar esse efeito, na medida em que algumas questões se reportavam à intimidade sexual dos indivíduos.

3.3.1. **INSTRUMENTOS**

A recolha de dados foi efectuada através de uma Entrevista Estruturada, que continha questões acerca da percepção dos participantes sobre os seus comportamentos de risco, da realização, ou não, de testes de despiste para Hepatite B e C e VIH/SIDA, consumo de álcool e drogas ilícitas. No final era feita uma questão aberta, onde se perguntava aos sujeitos se já tinham ouvido falar da SIDA e o que era, para eles, esta doença (em anexo).

Foi também administrado um conjunto de dois instrumentos, que incluíam:

a) Um questionário Sócio - Demográfico, com questões relativas à idade, sexo, estado civil, existência ou não de filhos, escolaridade e profissão.

b) um questionário, referente aos conhecimentos acerca do VIH/SIDA (englobando questões sobre informação, infecção/contaminação e prevenção) usado pela CNLCS (Comissão Nacional de Luta Contra a Sida), em que as respostas assumiam o formato de verdadeiras ou falsas;

c) uma outra escala sobre as estratégias de prevenção a que os sujeitos recorreram no último ano para se protegerem da infecção pelo VIH (escala gentilmente cedida pelo Prof. Jorge Negreiros), em formato do tipo Likert com cinco possibilidades de resposta que variavam de "nunca"a "sempre;"

O tratamento dos dados foi realizado recorrendo ao SPSS 14.0 (Statistical Package for Social Sciences), usando os procedimentos do teste T de Student e do Qui-quadrado.

4. **APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS**

4.1. **DADOS DA ENTREVISTA ESTRUTURADA**

Verificou-se que mais de 65% da amostra teve mais do que um parceiro ao longo da vida (25% de 2-5 parceiros; 31% mais de 10 parceiros), contra 31% que refere ter tido apenas um único parceiro em toda a vida. Quanto à percepção dos seus comportamentos de risco,

65% dos participantes assumia que não tinha, nem teve anteriormente, comportamentos de risco.

Contudo, e no que diz respeito aos comportamentos de risco propriamente ditos avaliados na entrevista estruturada verificou-se que 97% da amostra já teve relações sexuais sem preservativo, 8% já partilhou seringas, 15% teve experiências de prática de sexo em grupo, 38% refere ocasiões em que teve relações sexuais das quais não se lembra como aconteceram, e 70% teve relações sexuais sob o efeito do álcool. Já na questão acerca da ocorrência de relacionamentos sexuais com pessoas que não conhecia ou que tinha acabado de conhecer 45% respondeu afirmativamente. Registou-se ainda nos indivíduos do sexo masculino que 50% recorre aos serviços sexuais de prostitutas.

Nas questões relacionadas com o consumo de álcool verificou-se que 47,5% da amostra iniciou os seus consumos de álcool na adolescência (X=15,9; DP= 8,1) e 44,8% começou a consumir excessivamente na fase de jovens adultos (X= 25,6; DP= 10,3). Quanto à sua interferência ao nível dos comportamentos sexuais, mais de 80% refere que o álcool interfere no seu relacionamento sexual, sendo paradoxalmente os factores desinibição (32%) e inibição (35%) os mais relevantes. O consumo de drogas foi referido por 20% da amostra, prevalecendo o policonsumo (13%). No entanto na altura apenas 3% referiu ainda estar a consumir drogas.

4.2. DIFERENÇAS ENTRE SUJEITOS SEM HISTÓRIA DE CONSUMO DE DROGAS ILÍCITAS (GRUPO A) E SUJEITOS COM HISTÓRIA DE CONSUMO DE DROGAS ILÍCITAS (GRUPO B)

Quando temos em linha de conta consumos de drogas ilícitas, passados ou actuais, entre os sujeitos da amostra (Grupo B), encontramos dados com significado estatístico no que diz respeito às seguintes variáveis:

A. Variáveis sócio-demograficas:

Verificou-se que existem diferenças significativas, quanto à escolaridade dos sujeitos ($\chi 2$ = 23,52; p= ,000), com os elementos do grupo dos consumidores de drogas ilícitas a apresentarem níveis mais altos de escolaridade. O estado civil é também uma variável onde se encontraram diferenças significativas entre os dois grupos ($\chi 2$= 11,66; p= ,020), apresentando-se o grupo dos sujeitos com história de consumo de drogas ilícitas mais sós (solteiros e divorciados) do que os sujeitos sem história de consumo de drogas ilícitas.

B. Variáveis associadas a comportamentos sexuais de risco:

Neste conjunto de variáveis, as que demonstraram exibir diferenças estatisticamente significativas são as que dizem respeito ao número de parceiros ao longo da vida ($\chi 2$= 8,94; p= ,030) em que os sujeitos com história de consumos ilícitos aparecem com valores superiores aos sujeitos sem história de consumos. O mesmo se verifica na variável "mais de um parceiro sexual" ($\chi 2$ = 13,78; p= ,000), onde se regista que o grupo B tem maior frequência de relações múltiplas.

A prática de sexo sem preservativo é outra das variáveis que diferencia os dois grupos, com significado estatístico ($\chi2 = 5,45$; p= ,020) e mais uma vez são os sujeitos com história de consumo de drogas que têm uma maior frequência desta prática.

Também se verificou existir diferenças altamente significativas para a prática de sexo em grupo ($\chi2 = 8,37$; p= ,004), prática mais comum nos sujeitos com história de consumo de drogas ilícitas.

C. Variáveis associadas à auto-percepção dos comportamentos de risco:

A auto percepção dos comportamentos de risco, também apresenta diferenças significativas entre estes dois grupos ($\chi2 = 6,61$; p= ,010). Os sujeitos com história de consumo de drogas ilícitas (Grupo B) tem maior percepção dos seus comportamentos de risco do que os sujeitos com apenas consumo de álcool (Grupo A).

D. Variáveis associadas ao despiste de DST's e VIH/SIDA:

Encontraram-se valores significativos que diferenciam os dois grupos quanto à realização do teste da Hepatite B ($\chi2 = 3,99$; p= ,046) e altamente significativos para a realização dos testes da Hepatite C ($\chi2 = 6,86$; p= ,009) e VIH/SIDA ($\chi2 = 12,00$; p= ,001), que ocorrem com maior frequência no grupo B, para os três tipos de infecção.

As diferenças são também estatisticamente significativas quanto às razões que levam os sujeitos a fazer os testes da Hepatite B ($\chi2 = 10,31$; p= ,036), da Hepatite C ($\chi2 = 9,88$; p= , 020) e do VIH/SIDA ($\chi2 = 17,62$; p= ,001), predominando no grupo B o motivo "desconfiança ou dúvida".

Quanto às questões "porque nunca realizaram o teste da Hepatite B," estas não diferenciam os dois grupos que apontam como razão principal para nunca o terem feito "nunca me mandaram ou pediram". Já no que diz respeito às razões para a não realização do teste da Hepatite C e VIH/SIDA as diferenças são significativas, aparecendo o grupo de sujeitos sem história de consumo de drogas ilícitas alegando predominantemente o desconhecimento da doença, a par da razão "nunca lhes ter sido pedida a análise para a Hepatite C" ($\chi2 = 13,27$; p= , 021).

Idêntica situação se verifica quanto às razões apontadas para a não realização do teste do VIH/SIDA, que distinguem os dois grupos do ponto de vista estatístico ($\chi2 = 16,39$; p= , 003), aparecendo o grupo A a alegar com maior frequência a resposta "não interessa ou não precisa" e a razão "nunca mandaram ou pediram".

E. Variáveis associadas ao consumo de álcool e aos atributos passíveis de serem feitos ao álcool:

O facto de terem tido consumo no passado ou no presente de drogas ilícitas, não distingue os dois grupos quanto à idade de inicio de consumo de álcool, mas estas diferenças aparecem, altamente significativas, na idade de inicio de consumo excessivo de bebidas alcoólicas ($\chi2 = 15,82$; p= , 001), que ocorre predominantemente no grupo A na fase de jovens adultos e no grupo B na fase da adolescência conferindo-lhes, um padrão de consumo mais precoce.

F. Variáveis associadas aos falsos conceitos:

A análise efectuada através do uso do teste T-Student e Qui quadrado, demonstrou existirem diferenças altamente significativas entre os sujeitos com história de consumos de drogas ilícitas e sujeitos que nunca consumiram drogas ilícitas, no que diz respeito ao nível de informação acerca do VIH/SIDA (t = -4,94; p= ,000), ou seja o grupo de sujeitos com historia de consumos de drogas tiveram uma maior média de respostas acertadas no questionário sobre informação acerca do VIH/SIDA (X.= 19,58; DP= 1,676) do que os sujeitos sem história de consumo de drogas ilícitas (X = 14,77; DP=3,250).

Verificou-se que os sujeitos com história de consumos de drogas ilícitas estão mais informados acerca do VIH/SIDA do que os sujeitos que não têm história de consumos, que por sua vez revelam um número elevado de falsos conceitos, relativamente a esta doença.

As diferenças significativas encontradas, correspondem a uma maior frequência de respostas acertadas por parte dos sujeitos do grupo B. Estas diferenças encontram-se nas variáveis que dizem respeito ao aspecto saudável das pessoas seropositivas ($\chi 2 = 4,22$; p= , 040), à possibilidade de se contrair o VIH/SIDA através da comida ou dos talheres (X2 = 8,91; p= , 003), ao risco de se abraçar uma pessoa seropositiva ($\chi 2 = 9,32$; p= ,002).

As diferenças são altamente significativas para as variáveis "Existe uma vacina que nos protege do VIH/SIDA" ($\chi 2 = 14,12$; p= ,001), "As pessoas com SIDA necessitam de estar sempre no hospital e não em casa" ($\chi 2 = 4,56$; p= ,033), "Uma pessoa com SIDA não pode ir à escola ou trabalhar" ($\chi 2 = 7,48$; p= ,006) e altamente significativas as diferenças entre o grupo A e B na variável que se refere à forma de transmissão do vírus pelas vias aéreas como a tosse ou o espirro ($\chi 2 = 21,97$; p= ,000).

G. Variáveis associadas às estratégias de prevenção:

O grupo B demonstrou ter mais relações sexuais com pessoas com quem não tem vinculo afectivo do que o grupo A ($\chi 2 = 14,01$; p= , 016). Já no que diz respeito à prática sexual com pessoas mais novas ($\chi 2 = 12,84$; p= , 025) verificou-se maior frequência desta prática pelo grupo dos sujeitos sem história de consumo de drogas ilícitas. Também se verificou que este grupo, não procura tanto limitar o número de parceiros com quem tem relações sexuais ($\chi 2 = 14,40$; p= , 013), como forma de prevenção das DST's e HIV.

5. **DISCUSSÃO**

Tendo em conta o nível de conhecimento dos participantes, foi demonstrado que aqueles que tiveram contacto com drogas ilícitas têm um maior conhecimento acerca do VIH/SIDA do que os sujeitos que apenas tiveram contacto com o álcool. Isto pode ser devido às campanhas de informação e prevenção que até há pouco tempo só se direccionavam para os grupos de risco que não incluem os consumidores de álcool. Outra possível explicação é a existência de uma sub-cultura toxicodependente que faz circular a informação dentro de si, enquanto os alcoólicos se encontram "escondidos" na população geral, tacitamente considerada como de menor risco, recebendo deste modo a mesma informação, que é sem dúvida escassa, e pouco clara.

Em termos de saúde pública e de intervenção concertada este estudo permite-nos ressaltar a necessidade de se implementarem abordagens à temática da infecção para o VIH/SIDA como princípios básicos de intervenção com dependentes de álcool.

Não descurando o valor das bebidas alcoólicas como lubrificante social, presente em situações de convívio, em rituais festivos e de trabalho, assumindo um valor simbólico que permite diferentes atribuições de significados aos locais de consumo, aos consumidores e aos seus comportamentos, torna-se imperativo aprofundar o conhecimento acerca da associação entre álcool e relações interpessoais.

BIBLIOGRAFIA

Bartholow, B., et al. "Effects of Alcohol on Person Perception: a Social Cognitive Neurocience Approach". *Journal of Personality and Social Psychology* 85.4 (2003): 627-38.

Fillmore, M. T., M. Vogel-Sprott, e D. Gavrilescu. "Alcohol Effects on Intentional Behavior: Dissociating Controlled and Automatic Influences". *Experimental and Clinical Psychopharmacology* (1999): 372-78.

Gordis, E. "Contributions of Behavioral Science to Alcohol Research: Understanding Who Is at Risk and Why". *Experimental and Clinical Psychopharmacology* .83 (2000): 264-70.

MacDonald, Tara K., Mark P. Zanna, e Geoffrey T. Fong. "Why Common Sense Goes out the Window: Effects of Alcohol on Intentions to use Condom". *Personality and Social Psychology Bulletin* 22.8 (Ago. 1996): 763-75.

Maisto, S., et al. "Effects of Alcohol and Expectancies on HIV-Related Risk perception and Behavioral Skills in Heterosexual Women". *Experimental and Clinical Psychopharmacology* 12.4 (2004): 288-97.

Mcewan, R., et al. "Sex and Risk of HIV Infection: the Role of Alcohol". *British Journal of Addiction* .87 (1992): 577-84.

Negreiros, J., e A. Magalhães. "Contributos para a compreensão dos comportamentos de risco de transmissão do HIV em consumidores problemáticos de drogas". *Toxicodependências* 11.2 (2005): 3-22.

"Neurociências: consumo e dependência de substâncias psicoactivas: resumo". Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2004.

"NIAAA - Alcohol Alert". *National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism.* 2002. Web. 2010 <http://pubs.niaaa.nih.gov/publicatins/aa57.htm>.

Pechansky, F. "Modelo teórico de exposição a risco de transmissão do vírus do VIH em usuários de drogas". *Revista brasileira de psiquiatria* 23.1 (2001): 41-47.

Pechansky, F., C. Szobot, e S. Scivoletto. "Alcohol Use Among Adolescents: Concepts, Epidemiological Characteristics and Etiopatogenic Factors". *Revista brasileira de psiquiatria* 26.1 (2004): 14-17.

Pechansky, F., L. Diemen, e V. Genro. "Presença de situações de risco para a transmissão do VIH em usuários de drogas não-injectáveis". *Revista de psicologia clínica* 28.3 (2001): 157-59.

Petry, N. "Alcohol Use in Patients: What We Don't Know May Hurt Us". *International Journal of STD & AIDS* .10 (1999): 561-70.

Plant, M., e M. Plant. *Risk Takers: Alcohol, Drugs and Sex Youth*. London: Tavistock/Routledge, 1997.

Plant, M., et al. "The Sex Industry, Alcohol and Illicit Drugs: Implications for the Spread of HIV Infection". *British Journal of Addiction* .84 (1989): 53-59.

Prochaska, J. O., e C. C. DiClemente. "Transtheoretical Therapy: Toward a More Integrative Model of Change". *Psychotherapy Theory Research and Practice* .20 (1982): 161-73.

Steele, C., e L. Southwick. "Alcohol and Social Behavior I: The Psychology of Drunken Excess". *Journal of Personality and Social Psychology* .48 (1985): 18-34.

AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL FRENTE ÀS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS DO SÉCULO XX PARA O SÉCULO XXI

Maria José Fernandes Porto
Aluna do Doutoramento em Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
mjfporto@hotmail.com

Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo
Professora Adjunta IV
Universidade Federal do Maranhão, São Luís MA, Brasil
telma.bonifacio@yahoo.com.br

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 366-376 (2010)
Submetido/Submitted: 07 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 11 Set. 2010

RESUMO

O presente artigo trata da formação inicial dos professores para atuarem na Educação Básica a partir das mudanças advindas da legislação oficial brasileira, das analises acadêmicas e cientificas dos estudiosos da educação e mais precisamente das demandas social e político-econômica do mundo globalizado. Analisa-se a formação do professor reflexivo e do desenvolvimento das competências nucleares a formação inicial. Para tanto se recorre a legislação normatizadora que delineia o percurso formativo e suas interpretações a luz de autores especializados sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE

Formação inicial de professores; Pratica Reflexiva, LDB 9394/96.

ABSTRACT

This article from this initial training of teachers to work in Basic Education from the changes arising from the official Brazilian legislation, analysis of academic and scientific scholars of education and more specifically of the social and political demands of the globalized world economy. Analyze the reflexive teacher's formation and development of core competencies to training. Therefore one uses the normalizing legislation that outlines the training path and their interpretations of light expert authors on the subject.

KEYWORDS

Initial teacher education; Reflective Practice; LDB 9394/96.

1. INTRODUÇÃO

A formação e a profissionalização de professores no Brasil são temáticas que se intensificaram a partir dos anos 1990, no quadro da reformas educativas, associadas às novas exigências geradas pela reorganização da produção e da globalização da economia. Para Libâneo, o que dá a tônica às reformas educacionais, "são os novos tempos que requerem uma nova qualidade educativa, implicando mudanças nos currículos, na gestão educacional, na avaliação dos sistemas e na profissionalização dos professores". (60)

É nesse contexto, não em função dele, muito mais pelas demandas pertinentes a profissionalização docente que as investigações acerca da formação de professores ganharam relevância, predominando aquelas que concebem o ensino como atividade reflexiva, adotadas em diferentes países, inclusive no Brasil.

O movimento do pensar ou o desenvolvimento das competências do pensar iniciou-se no final dos anos 1970 nos Estados Unidos, pautado na ideia de que cabe a escola desenvolver a qualidade do pensar nos alunos e professores. Este movimento inovou a relação ensino-aprendizagem quando propôs o desenvolvimento das competências do pensar que levam a reflexão, para além das competências relacionadas aos conhecimentos específicos. Como reconhece Schön, a responsabilidade da escola pelo desenvolvimento da capacidade do pensar e do refletir muda intencionalmente a metodologia de ensino e as estratégias voltadas para o aprender.

2. PRESSUPOSTOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL

Donald Schön foi o principal formulador americano do conceito de reflexão ao valorizar a experiência e a reflexão na prática. Baseou-se nos pressupostos de John Dewey, em Michael Polanyi, no conhecimento tácito formulado por Luria e elegeram como referencia fundamental, os ateliês de arquitetura como espaço concreto de sua prática, enquanto professor, para pensar o ensino e o aprendizado, de modo a facilitar a aquisição do talento artístico entre os alunos.

Partindo de sua prática e observando a de outros profissionais, Schön concluiu que as dificuldades para se desenvolver as capacidades reflexivas nos cursos de formação de professores devem-se as concepções de conhecimento pronto e as estruturas dos currículos existentes nas universidades, em que se privilegiam a aquisição destes conhecimentos e posteriormente, a sua aplicação.

Assim, defende o pesquisador americano que o exercício da prática deve ser desenvolvido desde o início da formação, e não apenas no final, por meio do estágio. Essa reflexão se apóia na epistemologia da prática, procurando entender o processo de aquisição de conhecimento do aluno a partir da sua reflexão sobre a prática**,**

> [...] ajudando a articular o seu conhecimento-na-ação com o saber escolar. Esta forma de ensino constitui-se uma reflexão-na-ação, que exige do professor uma capacidade de individualizar, isto é, de prestar atenção no aluno, tendo noção do seu grau de compreensão e das suas dificuldades (Schön 82).

Para o autor, é possível olhar retrospectivamente sobre a reflexão-na-ação, desde que o professor durante e após a sua aula reflita sobre o que aconteceu, o que observou, o significado que lhe deu e na eventual adoção de mudanças,

> na verdade refletir sobre a ação é uma ação, uma observação e uma descrição que exige o uso de palavras, valorizando a pesquisa na ação dos profissionais, edificando o que se convencionou como "professor pesquisador de sua prática (Pimenta e Ghedin 20).

As ideias de Schön foram absorvidas e ampliadas em vários países, num momento em que as reformas curriculares na qual se questiona a formação de professores está em voga, contribuindo para adoção de novas posturas que contemplam as legislações a respeito da educação, as mudanças sócio políticas e econômicas dos países emergentes e as necessidade da sociedade historicamente situadas.

No Brasil desde a Constituição Cidadã de 1988, passando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), e da construção das Diretrizes Curriculares Nacionais para formação do professor de Educação Básica, os educadores tem se dedicado ao resgate histórico da formação de professores e utilizando a reflexividade como aporte metodológico para compreender a prática docente na perspectiva articulada entre teoria e prática.

Nesse sentido Pimenta e Ghedin argumentam,

> que o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas terias da educação. A teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de analise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si próprios como profissionais. (24)

Mas, o grande problema que se apresenta na formação dos professores é que o lugar e o papel da teoria na prática do modo como são apresentados não contribui para transformar as teorias em saberes docentes contextualizados, e isto ocorre na maioria das vezes porque do modo como os estágios estão organizados, associados a pratica de ensinar não contribui em nada para as proposições formativas que destacam a importância da vinculação entre teoria e prática.

Assim procuramos analisar, a partir dos contextos educacionais as principais legislações que tratam da Prática de Ensino e as orientações pedagógicas advindas desse processo, tomando como recorte os últimos anos, ou seja, desde 1961 até 2000, quando temos a regulamentação dos cursos de formação de professores com base numa prática reflexiva.

Em 1961 a LDB 4024/61 foi uma oportunidade com que contou a sociedade brasileira para organizar o seu sistema de ensino, em seu aspecto formal, de acordo com o momento histórico pautado no desenvolvimentismo e que oportunizara a que fosse criado um sistema educacional que pudesse se inserir no sistema geral de produção do país, em consonância com o progresso social alcançado.

De acordo com Romanelli, essa lei apenas permitiu um processo de descentralização e flexibilização do currículo, como se observa

> a quebra da rigidez e certo grau de descentralização tem como única vantagem, talvez o fato de não ter prescrito um currículo fixo e rígido para todo o território nacional.A possibilidade dos Estados e os estabelecimentos de ensino anexarem disciplinas optativas ao currículo mínimo, estabelecido pelo Conselho Nacional de Educação foi, sem duvida, um progresso em matéria de legislação. (181)

Já em 1971 as reformas educacionais foram concentradas na Lei Federal n. 5540/68, da Reforma Universitária, e na Lei n. 5692/71 que fixou as diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º grau. No que se refere a formação para o magistério, o artigo 30 da Lei 5692/71 anuncia como regra geral a formação mínima para o exercício do magistério a Habilitação Especifica mínima de 2º Grau para o Magistério de 1º Grau Menor (1ª a 4ª série) e a Habilitação especifica de grau superior, em nível de Graduação em Licenciatura de longa ou curta duração em todo o ensino de 5ª a 8ª séries e Habilitação em Curso Superior de Graduação para o ensino de 1º e 2º Graus. (LDB 5692/71, Art.30)

Para Brzezinski,

> a escola passou a formar professores treinados e instrumentalizados, mediante "rações" de um saber fragmentado visando atingir cada vez mais a produtividade. Ao mesmo tempo, foi negada qualquer oportunidade de pensar, criticar ou criar. Houve, portanto, nesse momento, uma supervalorização dos cursos que formavam apenas técnicos. (59)

Assim a formação de professores para as séries iniciais em nível de 2º grau ganhou caráter terminal, ou seja, ao final do curso (com duração de três anos) o aluno estaria capacitado para o exercício do magistério.

Para Oliveira,

> esse caráter terminal atendia a um objetivo maior, seria formado, em curto espaço de tempo, um bom contingente de professore disponíveis a expansão que se pretendia naquele momento a nível de ensino publico, o que provocava uma desvalorização das profissões relativas ao magistério, decorrente de uma política expansionista que não visava a qualidade e sim a quantidade. (25)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 aprovada em dezembro de 1996, ao introduzir novos indicadores para a formação de profissionais para a Educação Básica, suscita outras discussões e encaminhamentos, pois a legislação e a regulamentação que estabeleceu padrões em âmbito nacional para a formação de professores prevêem a necessidade de formação superior para todos os níveis educacionais.

Isto, por si só, já constituiria um grande desafio, mas é ainda amplificada pelo exponencial crescimento do acesso a escola, não só mais especialmente da educação básica. Ilustra isso o fato de o ensino médio, nível que conclui a educação básica, ter crescido, na ultima década, de pouco mais de três milhões de alunos para cerca de oito milhões de alunos, o que significa uma demanda de dezenas de milhares de novos licenciados em poucos anos.

A LDB vem de encontro a essa realidade quando muitas de suas proposições atendem aos anseios dos movimentos sociais organizados e das entidades cientificas e acadêmicas no tocante a formação de professores, no seu Cap.6 – Dos profissionais da Educação – os artigos 61 a 65 vão explicitar como sedará a formação dos profissionais da educação, a saber: nos Artigos 61 e 62 da LDB a formação dos profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamento a associação entre teorias e práticas, incluindo a capacitação em serviço, além do aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Prevalece na lei a exigência da formação de docentes para atuar na educação básica em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério.

A LDB 9394/96 também irá contemplar a formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional na educação básica feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida nesta formação a base comum nacional.

Além disso, incluirá a pratica de ensino de, no mínimo trezentas horas (posteriormente alterado para 400 horas pela Resolução de n.1 CNE/CP de 18 de fevereiro de 2002 e as Diretrizes Curriculares para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, conforme Parecer CNE/CP 9/2001), destacando que a mesma não poderá ser reduzida a espaço isolado, que a restrinja ao estágio, desarticulado do restante do curso, esta deverá estar presente desde o inicio do curso e permear toda a formação do professor com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando a atuação do aluno em situações concretas e contextualizadas, com registro dessas observações realizadas e a resolução de situações – problema.

O referido parecer reconhece que, mesmo diante das modificações sociais e tecnológicas, a formação de professores tem mantido o formato conteudista com tradição moralizadora, não contemplando as novas necessidades oriundas da sociedade globalizada, onde as novas tarefas atribuídas a escola deve instaurar processos de mudanças no interior das instituições formadoras, que dê respostas aos novos desafios, sendo preciso como afirma Moraes:

> compreender a formação de professores como um sistema aberto que implica o entendimentos da existência de processos transformadores que decorrem da experiência, algo inerente a cada sujeito e que depende da ação, da interação e da transação entre sujeito e objeto, individuo e meio. (Moraes 54)

Para Arroyo,

> inovar é antes de tudo, redefinir os critérios de seleção e de organização dos saberes escolares, mudar concepções, desenvolver nos professores a consciência critica, para que possam questionar o conhecimento tido como oficial válido e recriar criticamente os conteúdos que transmitem. (145)

Quando se percebe que o cotidiano da escola é muito rico, que há um processo educativo, de socialização, de valores, que há um tecido sociocultural riquíssimo de nuances, que há uma diversidade de gêneros e matrizes simbólicos, a escola muda, se inova e se transfor-

ma. Esta é uma escola onde o desenvolvimento dos "talentos" é tão importante quanto o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Estas competências dizem respeito a uma forma de atuação que só existe em "situação" e, portanto, não podem ser apreendidas apenas no plano teórico, como também nem só no estritamente prático.

A aprendizagem por competências presente nas diretrizes curriculares e nos pareceres que orientam a formação de professores, parte do pressuposto de que a competência necessária ao professor não se pauta somente no conhecimento técnico e reprodutor, mas requer a compreensão das questões que envolvem a avaliação critica do contexto em que atua, a mobilização de vários recursos com capacidade de usar o conhecimento tácito já existente a serviço da reflexão na ação e sobre ação que está desenvolvendo.

> O trabalho docente competente e reflexivo é um trabalho que faz bem. É aquele em o docente mobiliza todas as dimensões de sua ação com o objetivo de proporcionar algo para si mesmo, para os alunos e para a sociedade. Ele utiliza todos os recursos de que dispõe – recurso que estão presentes ou que se constroem nele mesmo e no entorno – e o faz de maneira critica, consciente e comprometida com as necessidades concretas do contexto social em que vive e desenvolve o seu oficio (Rios 107).

Em busca de superar esta crise de identidade na formação docente a reforma da educação propõe uma profunda revisão nos modelos até então existentes. A critica aos modelos de formação docente deve-se aos currículos de caráter aplicacionista, que possuem ampla densidade teórica, ou seja, os currículos dos cursos de formação de professores são constituídos de uma carga horária amplamente teórica e somente no final do curso é que se tem a parte prática como os estágios, tidos como o coroamento do curso, quando encerrada a formação. É como se o professor formado não precisasse mais estudar, atualizar-se, não precisasse de permanente formação.

A ideia da educação continuada vem contribuir para que a formação inicial não seja vista como o fim em si mesmo, mas o inicio de uma profissionalização que não tem tempo para terminar, entretanto, é de se reconhecer, como afirmou Paulo Freire se referindo a formação de professores, que a experiência docente constitui conteúdo de sua formação e que se deve valorizar a prática docente. Com os estudos atuais, hoje se tem a clareza de que a pratica docente se gera no conhecimento próprio do ser docente, o que Gimeno Sacristán denomina de racionalidade limitada na perspectiva da epistemologia da prática docente, o mesmo que o Maurice Tardif define de racionalidade pedagógica – um tipo de conhecimento próprio do saber fazer docente.

No Brasil até o momento da reforma educacional nos últimos anos do século passado dependendo da política vigente, aos professores cabiam papéis ou objetivos diversos. Assim, a busca de um docente como mero transmissor de conteúdos foi adequado à chamada escola Tradicional; o papel de facilitador da aprendizagem, à escola Nova e o de aplicador de meios e técnicas adequadas, na escola Tecnicista.

Atualmente, um dos enfoques dados à formação docente é o da "formação do professor-pesquisador; ou seja, ressalta-se a importância da formação do profissional reflexivo; aquele que 'pensa-na-ação', e cuja atividade profissional parece estar aliada à atividade de pesquisa". (Schön 41). *Prática reflexiva, reflexão na ação, professor como investigador na ação*, são alguns dos termos usados atualmente para designar este enfoque, dentre outros.

Acreditamos, assim como aponta Schön, que o fato de o profissional refletir sobre sua ação, torna-o um pesquisador no contexto prático, o que vai contra as concepções muitas vezes presentes nos meios educacionais, de que o *ensino* e a *pesquisa* educacional são entidades separadas. Essa ideia de separação está baseada, segundo o autor, no modelo da *racionalidade técnica*, derivada do positivismo; postura esta em que o professor é visto como um aplicador de técnicas derivadas do conhecimento científico. Nos currículos pautados por esta lógica, o mundo acadêmico é separado do mundo da prática, e as disciplinas em que se 'aprende' os *conhecimentos específicos* aparecem no início dos cursos de formação, seguidas com as de *aplicação do conhecimento*.

Isso torna implícita a ideia de que o desenvolvimento de competências profissionais deve vir só após o conhecimento científico básico. Alarcão é uma das pesquisadoras que estuda a relação entre os conhecimentos que os professores têm dos conteúdos que ensina assim como a maneira que os docentes 'transformam' *conhecimentos científicos* em *conhecimentos ensináveis* em sala de aula.

Para Alarcão, o conhecimento dos professores enquadra-se em três categorias: o conhecimento do conteúdo da disciplina, o conhecimento do conteúdo pedagógico e o conhecimento curricular. O conhecimento de conteúdo é aquele adquirido na sala de aula através dos conhecimentos específicos da área de formação (História, Geografia, Ciências, etc...), o conhecimento pedagógico é aquele facilitador da relação ensino-aprendizagem, que possibilita a escolha de metodologias e recursos necessários para o exercício profissional e o conhecimento curricular são os saberes que possibilitam uma transposição didática para outros campos de ação que devem estar presente numa situação de aprendizagem, juntar esses saberes ensináveis é o que requer a formação de profissionais da educação hoje.

As possibilidades previstas para a prática reflexiva são várias, indo desde a busca de formas alternativas de ensino ou conduta pedagógica ate o próprio questionamento dos conhecimentos internalizados pelo professor.

É esse o caminho pretendido: analisar as concepções e atitudes que norteara a emergência e consolidação dessas iniciativas que ampliam o diálogo e os mecanismos de profissionalização docente capazes de reduzir, sensivelmente, as desigualdades de oportunidades de acesso ao conhecimento crítico-reflexivo desde a formação inicial do professor.

Está claro que não existe uma linha divisória ou mágica entre o mundo do professor que ensina e o mundo do aluno que aprende, no entanto o aluno não aprende de repente tão logo ouve a fala ensinante do professor, no entanto esse dialogo será aproveitado tão logo o aluno reflita sobre o mesmo dentro dos seus limites e interesses, cabendo ao professor aprender e dominar as formas de mostrar e dizer o que deseja que o aluno aprenda ou seja existe nesse processo um contexto concreto para uma analise dos fatos através da codificação ou representação de situações existenciais dos alunos, que num segundo momento passa-se a decodificação do dialogo educador-educando, abrindo a possibilidade de analise critica em torno da realidade codificada.

Escreve Freire:

> No contexto concreto somos sujeitos e objetos em relação dialética com o objeto; no contexto teórico assumimos o papel de sujeitos cognoscentes da relação

> sujeito-objeto que se dá no contexto concreto para, voltando a este, melhor atuar como sujeitos em relação ao objeto. Estes momentos constituem a unidade da pratica e da teoria, da ação e da reflexão. A reflexão só é legitima quando nos remete sempre ao concreto, cujos fatos buscam esclarecer, tornando assim possível nossa ação mais eficiente sobre eles, iluminando uma ação exercida ou exercendo-se, a reflexão verdadeira clarifica, ao mesmo tempo, a futura ação na qual se testa o que, por sua vez, se deve dar a uma nova reflexão. (135)

O mapeamento das concepções atuais sobre a formação de professores realizados por vários pesquisadores (Zeichner, Pérez Gómez, Marcelo Garcia, Contreras, Feldman), aponta em todas elas concepções acadêmicas, tecnológicas e praticas, com pequenas diferenciações em cada uma, não havendo razão para reprodução destes estudos, pois os mesmos estão divulgados, difundidos e estudados no país.

No entanto, não podemos deixar de pensar que num país de formação capitalista e neo-liberal como o Brasil essa leitura da reflexividade pode ser assumida de duas maneiras: por um lado o uso da reflexividade sob a orientação positivista, tecnicista cujo determinador é a racionalidade instrumental e por outro lado uma ação reflexiva pautada na critica reconstrucionista, comunicativa, hermenêutica. Deixemos a opção por um outro caminho a critério dos profissionais da educação.

Há posições dessas duas vertentes no meio acadêmico brasileiro com variações que são originarias do movimento iluminista de cunho epistemológico, com supremacia da razão que supõe a necessidade de utilizar o conhecimento para mudar a realidade, mas também para mudar nossas intenções, nossas representações e o próprio processo de conhecer. Todo esse embate não inviabiliza outras propostas que incorporam a reflexividade como o ponto de partida para um ato educativo questionador, investigativo, típico de um professor reflexivo que seja agente de sua própria aprendizagem e ao mesmo tempo da aprendizagem dos seus alunos considerando a reflexividade que se reporta a ação, mas não se confunde com a ação: um saber-fazer, saber-agir impregnado de reflexividade, mas tendo seu suporte na atividade de aprender a profissão, a um pensar sobre a pratica que não se restringe as situações imediatas e individuais, a uma postura política que não descarta a atividade instrumental como nos aponta Candau,

> visto que a atividade do professor é um trabalho pratico entendido em dois sentidos, o de ser uma ação ética orientada para objetivos envolvendo portanto reflexão, e o de ser uma atividade instrumental adequada a situações que exige estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral que ajudará a melhorar o trabalho docente e a capacidade reflexiva sobre o que e como muda. (Candau 67)

3. **CONCLUSÃO**

Acreditamos ser essa a postura reflexiva de nos fala o texto legal sobre a formação de professores no Brasil no qual o papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de analise para compreenderem os contextos históricos, sociais e culturais e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá a sua atividade docente, para nele intervir transformando-o através da sua pratica docente. A reflexão como aporte para compreender a profissionalidade

docente esta organizada de modo a criar condições de pensar a ação docente, sobre ela e depois dela a fim de ter um feedback sobre sua pratica, mas se a vida do professor tem seu contexto próprio : a sala de aula, a escola tem sua missão e o modo como se organiza para alcança-la, assim entendemos que ela também terá que ser reflexiva.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.

Arroyo, Miguel. "Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola". *Currículo e políticas e práticas*. Campinas: Papirus, 1999. 35-52.

Brasil, Conselho Nacional de Educação. *Resolução CP nº. 1 de setembro de 1999* [Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica].

Brasil/MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. *Referenciais para a formação de professores*. Brasília: SEF/MEC, 1999.

Brzezinsky, Iria. *Pedagogia, pedagogos, formação de professores: a busca e o movimento*. Campinas: Papirus, 1996.

Candau, Vera. *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

Freire, Paulo. *Educação como prática para liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

---. *Educação e mudança*. Petrópolis: Vozes, 1984.

García, Carlos. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

Giroux, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Imbernón, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2001.

Libâneo, José. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

Moraes, Maria. *O paradigma educacional emergente*. 5ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

Nóvoa, Antonio. *Formação contínua de professores: realidades e perspectivas*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

Oliveira, Romualdo. *Políticas educacionais: impasses e alternativas*. São Paulo: Cortez, 1995.

Perrenoud, Philippe. *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

---. *As 10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Pimenta, Selma, e Evandro Guedin, org. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um processo*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Rios, Terezinha A. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Romanelli, Otayza. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis: Vozes, 1985.

Sacristán, José, e Pérez Gómez, Angel. *Compreender e transformar o ensino*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Schön, Donald. *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS DO SUCESSO ESCOLAR: UM ESTUDO NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Maria Olímpia Almeida de Paiva
Professora Titular
CIPE - Centro de Investigação em Psicologia e Educação
Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal
investigar2010@gmail.com

Victor M. P. Da Rosa
Professor Titular
Faculty of Social Sciences
University of Ottawa, Ottawa, Canadá
victor.darosa@uottawa.ca

Abílio Afonso Lourenço
Professor Titular
CIPE - Centro de Investigação em Psicologia e Educação
Escola Secundária Alexandre Herculano, Porto, Portugal
investigar2010@gmail.com

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 378-390 (2010)
Submetido/Submitted: 08 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 10 Out. 2010

RESUMO

Estudou-se o papel explicativo do autoconceito nos comportamento disruptivo dos alunos, bem como a influência destes no sucesso académico. A amostra é constituída por 217 alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico do centro do Porto. Foi utilizada a Escala da Disrupção Escolar Professada pelos alunos (EDEP) e a Escala de Autoconceito – "Piers-Harris Children's Self-Concept Scale-2" (PHCSCS-2). Os resultados sugerem que os alunos com autoconceito mais elevado manifestam menos comportamentos disruptivos (β=-.23), bem como melhor rendimento escolar (β=-.30). Por sua vez, o autoconceito exerce uma influência directa e positiva sobre as notas. Das variáveis em estudo, as Notas (14%) e o Autoconceito (13%) são as mais explicadas no modelo. Poder-se-á ainda inferir que os alunos que apresentam um maior número de reprovações são os que investem menos tempo no seu estudo (α=-.19), como também apresentam metas escolares menos ambiciosas (α=-.21).

PALAVRAS-CHAVE

Comportamento disruptivo; Sucesso académico; Autoconceito.

ABSTRACT

This article studies the impact of self-concept in disruptive behavior, as well as the influence of these behaviors on academic achievement. A sample of 217 middle school students was selected in Oporto. We used the Disruptive Behavior Scale Professed by Students (DBS-PS) and the Scale of Self-concept – "Piers-Harris Children's Self-Concept-2" (PHCSCS-2). The results suggest that students with higher self-concept show less disruptive behavior (β=-.23), and a better performance in school (β=-.30). In turn, the self-concept exerts a direct and positive influence on the Academic achievement. Of the variables studied, the grades (14%) and Self –concept (13%) are the more explained in the model. It might even be inferred that students who have an increased number of failures are those that invest less time in their study (α =-. 19), but also have less ambitious school goals (α =-. 21).

KEYWORDS

Disruptive behavior; Academic achievement; Self-concept.

INTRODUÇÃO

Frequentemente, os professores não entendem a razão pela qual, após terem dedicado algum tempo a ensinar determinado assunto, utilizando distintos métodos de ensino, os alunos não o aprendem, alcançando classificações insuficientes nos vários momentos de avaliação. Questionam-se, igualmente, acerca dos motivos pelos quais certas estratégias de ensino e de aprendizagem conseguem resultados positivos com uns alunos e não funcionam com outros, bem como têm muita dificuldade em aceitar que alguns alunos não manifestem certas competências essenciais (Biggs).

> O que influenciará, na realidade, os resultados de aprendizagem? Os comportamentos disruptivos dos alunos? O autoconceito do próprio aluno? O tempo utilizado no seu estudo diário? O seu in(sucesso) ao longo da sua vida académica? As metas de estudo? Por certo todos, mas em que medida?

Assim, o presente estudo foi orientado na procura de respostas a determinadas questões relacionadas com o modo como os alunos do Ensino Básico abordam os seus comportamentos disruptivos e as suas percepções sobre o autoconceito, bem como a influência destes construtos na mestria escolar. Pretende também analisar alguns factores referentes às características sociodemográficas que poderão estar relacionados com estes construtos.

1. COMPORTAMENTOS DISRUPTIVOS E AUTOCONCEITO

Fazendo uma breve perspectiva histórica da (in)disciplina na educação, poder-se-á dizer que, apesar da indisciplina constituir um tema da actualidade, que inquieta todos aqueles que de alguma maneira estão ligados ao ensino, os comportamentos de indisciplina sempre existiram desde que a escola é entendida como um espaço formal de ensino/aprendizagem.

Conforme refere Veiga ("Avaliação"), o conceito de disrupção escolar tem sido discutido no meio científico (Lourenço e Paiva, "Disrupção"; Lourenço et al.; Paiva, *Comportamentos*) e, apesar de muito referido na literatura da especialidade, ainda se reveste de alguma novidade em Portugal. Como salienta o mesmo autor, a habitual referência, na literatura científica, da expressão *disruptive behaviour* justifica, de alguma forma, a escolha pelo seu equivalente na língua portuguesa e levou à adopção nos meios académicos do conceito de *disrupção escolar* como a transgressão ou infracção das regras escolares.

A escola tem um papel renovador das estruturas sociais e concorre para a mobilidade de intercâmbio social. Os professores são ou podem ser modelos de importância significativa e facultar um clima de acção crítica (Lourenço e Paiva, "Comportamentos"; Paiva e Lourenço, "Influência"). Deste modo, partindo do princípio que o autoconceito se apresenta como um aspecto essencial da personalidade de cada indivíduo, regulando as suas acções de forma diferente conforme seja positivo ou negativo, é importante entender como se manifesta em adolescentes, na medida em que permitirá uma melhor compreensão de como estes se ajustam aos diversos contextos de vida em que interagem (Neves e Faria; Paiva, "Influência"; Paiva e Lourenço, "Conflitos").

O autoconceito é um construto que tem causado um grande interesse por parte dos investigadores, onde a literatura revela uma panóplia de definições. Um dos autores mais citados

nesta temática é Bandura que definiu o autoconceito como uma perspectiva integral de um sujeito, para a qual contribui a experiência directa e as avaliações reconhecidas de outras pessoas significativas. Como nos é referido por Da Rosa e Lapointe, o sujeito aprende a reflectir, a sentir e a falar num contexto que condiciona um desenvolvimento que está exposto a qualquer tipo de influência. Trata-se de uma adaptação ao grupo humano com o qual o indivíduo deve viver.

2. **MÉTODO**

2.1. **HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO**

A parte empírica desta investigação tem como objectivo comprovar a viabilidade do modelo proposto. Este modelo descritivo dos comportamentos disruptivos dos alunos, hipotetiza e especifica determinadas relações causais entre as variáveis nunca deixando de ter em consideração a revisão de literatura. Deste objectivo resulta a seguinte hipótese: o modelo proposto representa as relações entre as variáveis existentes na matriz empírica.

No que diz respeito às relações constantes no modelo hipotetizado para os alunos do 3.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), foi assumido, por parcimónia, que cada um dos construtos influencia apenas os seus itens específicos (Byrne, *Structural Equation Modeling with AMOS*) e as relações entre variáveis exógenas e endógenas são representadas por um alfa (α) e entre as endógenas por um beta (β). Assim, foram estabelecidas as sub-hipóteses que orientam as especificações apresentadas: H1. O sexo dos alunos tem influência no seu autoconceito; H2. O ano de escolaridade que os alunos frequentam tem impacto no autoconceito; H3. O autoconceito dos alunos é afectado pelo número de reprovações; H4. O tempo de estudo utilizado pelos alunos influencia o seu autoconceito; H5. As metas escolares definidas pelos alunos têm uma influência no seu autoconceito; H6. Os comportamentos disruptivos dos alunos são influenciados pelo autoconceito dos mesmos; H7. Os comportamentos disruptivos têm um impacto nas notas obtidas pelos alunos; e H8. O autoconceito dos alunos influi nas suas notas.

2.2. **PARTICIPANTES**

Para o estudo do modelo de equações estruturais, utilizou-se uma amostra de 217 alunos do 3.º CEB, distribuídos por 15 turmas, de uma escola Secundária com 3.º CEB do centro do Porto. A amostra é constituída por 112 (51,6%) alunos do sexo masculino e 105 (48,4%) do feminino. Frequentam o 7.º ano de escolaridade 46 (21,2%) alunos, o 8.º 84 (38,7%) e o 9.º 87 (40,1%). Os alunos distribuem-se entre os 12 e os 20 anos de idade (M= 15,2; DP= 1.73), existindo dois com 19 anos e quatro com 20. O 7.º ano de escolaridade apresenta uma média etária de 13,3 anos (DP=.89), o 8.º 15,5 (DP=1.65) e o 9.º uma média de 16,0 (DP=1.33). No que diz respeito às notas escolares, a média obtida nas classificações de Língua Portuguesa foi de 2.82 (DP=.76) e na disciplina de Matemática de 2.64 (DP=.96). Por serem as disciplinas do currículo escolar obrigatório português onde o insucesso é maior e que são sujeitas a exame nacional no 9.º ano, foram escolhidas para este estudo.

2.3. **INSTRUMENTOS**

Alguns investigadores têm desenvolvido escalas de avaliação dos comportamentos e das competências sociais dos alunos na escola (Comer et al.; Loranger e Arsenault). Apesar de existirem alguns instrumentos associados ao clima escolar em geral ou ao ambiente de sala de aula, instrumentos esses com alguns itens acerca da disrupção escolar, são escassas as escalas construídas para avaliar os comportamentos escolares disruptivos. Outro aspecto importante tem a ver com o facto de alguns instrumentos apresentarem qualidades psicométricas, mas não assumirem a multidimensionalidade da disrupção escolar, sugerida pela bibliografia existente (Veiga, *Autoconceito e disrupção*, "Autoconceito e realização", "Disruptive"). A ausência de instrumentos que possam ser aplicados a alunos para que se manifestem quanto à disrupção escolar originou trabalhos de progressiva construção de um instrumento de avaliação (Veiga, "Autoconceito e realização"), tendo sido concluída a sua validação por Veiga ("Disruptive"). Assim, o EDEP apresenta 16 itens distribuídos por três factores: Factor I: Distracção-Transgressão (DT) – com 6 itens referentes a distracções e esquecimentos, a um certo desdém pela escola e pelas aulas, abarcando, também, algum absentismo escolar; Factor II: Agressão aos Colegas (AP) – inclui 5 itens e diz respeito essencialmente a atitudes agressivas dirigidas aos colegas; e Factor III: Agressão à Autoridade Escolar (AA) – apresenta 5 itens e inclui comportamentos escolares provocatórios (e.g., apresentar-se bêbado ou sob o efeito de drogas na escola, salientando a agressão física e/ou verbal dirigida aos professores e o furto/roubo na escola).

As pontuações superiores correspondem a uma maior disrupção escolar, pelo que é importante realizar uma prévia inversão do valor numérico dos itens inversos. No que concerne à classificação das respostas, utilizou-se uma escala de formato *Likert* de seis pontos, desde (1) Discordo totalmente até (6) Concordo totalmente. O EDEP é um instrumento de avaliação dos comportamentos disruptivos professados pelos alunos, com fidelidade e validade, bem como com qualidades psicométricas que possibilitam a sua utilização na investigação científica, nacional e internacional (Veiga, "Autoconceito e realização", "Avaliação", "Disruptive").

Quanto ao Autoconceito, o valor deste construto tem vindo a ser progressivamente realçado no campo da Psicologia da Educação, da Psicologia Social ou da Psicologia Clínica. A maioria dos autores (Marsh e Craven; Marsh, Walker e Debus; Skaalvik e Rankin) encara o autoconceito como um construto multidimensional, o que se encontra subentendido em instrumentos mais habitualmente utilizados na sua avaliação, como o "Tennesse Self-Concept Scale" (Fitts), o "Self-Esteem Inventory" (Coopersmith), o "Piers-Harris Children's Self-Concept Scale" (PHCSCS) (Piers) e o "Self Description Questionnaire" (SDQ) (Marsh e Craven; Marsh, Relich e Smith; Marsh, Walker e Debus). Destes instrumentos, foram adaptados para o contexto português o PHCSCS (Veiga, "Escala") e o SDQ (Faria e Fontaine).

O PHCSCS foi originariamente desenvolvido na década de sessenta do século XX (Piers e Harris), com edição revista na década de oitenta (Piers). O PHCSCS tem tido, desde sempre, uma grande anuência entre os investigadores, educadores e clínicos, o que aparece reflectido em mais de seiscentas citações em revistas profissionais e em livros de psicologia, educação e saúde, atestando o impacto do PHCSCS na expansão do conhecimento acerca do autoconceito e da sua relação com o comportamento. Finalizando um cuidadoso processo de revisão, surge a versão do PHCSCS-2 reduzida a 60 itens (Piers e Herzberg), validado para o contexto português por Veiga ("Uma nova"). O PHCSCS apresenta seis factores: Factor I - Aspecto Comportamental (AC) – com 13 itens que se referem à percepção que o sujeito tem do seu tipo de comportamento em distintas situações e à percepção que o mesmo tem da

responsabilidade pelas suas atitudes, quer na escola ou no seio familiar; Factor II - Estatuto Intelectual e Escolar (EI) – apresenta 13 itens que permitem verificar a forma como o indivíduo se vê a si próprio relativamente ao rendimento atingido nos trabalhos escolares. Está relacionado com o pensamento generalizado que os pares têm dele como elemento integrante da turma, devido à sua capacidade de aprendizagem e das suas ideias; Factor III - Aparência e Atributos Físicos (AF) – inclui 8 itens que têm como finalidade avaliar o que pensa o indivíduo acerca da sua aparência física. Uma pontuação baixa neste factor mostra que o indivíduo não gosta do corpo que possui; Factor IV - Ansiedade (AN) – com 8 itens que fazem referência à incerteza, aos receios, às preocupações e às intranquilidades com que o sujeito se observa e enfrenta as situações. Tem a ver com juízos negativos e emoções; Factor V - Popularidade (PO) – apresenta 10 itens que dizem respeito à forma como o sujeito se vê nas relações com os pares, à capacidade em fazer amigos, ao nível de popularidade e à maneira com se sente envolvido e pretendido nas actividades de grupo, particularmente nos desportos; e Factor VI - Satisfação e Felicidade (SF) – inclui 8 itens que revelam a satisfação que o sujeito evidencia por ser como é, estando mesmo associado ao grau de felicidade geral.

As pontuações superiores correspondem a um autoconceito mais elevado, pelo que é indispensável executar uma prévia inversão do valor numérico dos itens inversos. Para a determinação da pontuação no item, é atribuído 1 ponto ou zero, conforme a resposta dada denuncie, respectivamente, uma atitude positiva ou negativa face a si mesmo. Por exemplo, no item 1 ("Os meus colegas de turma troçam de mim") a pontuação é 1 se a resposta for "não" e 0 se a resposta for "sim". O *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale* é um instrumento de avaliação do autoconceito indicado por vários autores e, também, habitualmente usado na investigação científica, nacional e internacional, demonstrando características psicométricas que o representam como uma escala fiável para avaliar o respectivo construto.

2.4. **PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS**

2.4.1. **PROCEDIMENTOS**

Após a autorização da Direcção da escola, foram aplicados os questionários aos alunos em Abril de 2009, tendo sido assegurada a confidencialidade das respostas. O tratamento estatístico dos dados foi realizado com base no programa informático SPSS.17/AMOS.17 (Byrne, *Structural Equation Modeling with AMOS*; Lowe, Winzar e Ward).

2.4.2. **TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS**

Recorrendo a modelos de equações estruturais (Ullman e Bentler), foi pesquisada a validade preditiva, analisando as relações dos construtos avaliados com variáveis que os investigadores têm frequentemente referido como teoricamente associadas. Esta técnica de modelação de equações estruturais possibilita avaliar as relações causais entre variáveis inferidas (não directamente observadas) através de um conjunto de variáveis observadas que servem de marcadores de cada variável inferida ou latente (Byrne, "Structural Equation Modeling with EQS"). Este modelo está representado pictograficamente por um diagrama causal (cf. Figura 1), especificando as variáveis e a direcção das influências causais.

O cálculo dos parâmetros estimados foi efectuado com o AMOS 17 que nos apresenta os modelos usados a partir de matrizes de efeitos e de covariância. A avaliação do modelo é

executada através dos indicadores estatísticos que possibilitam concluir a adequabilidade do enunciado estabelecido anteriormente.

Na avaliação dos modelos causais tentou-se determinar se o modelo hipotetizado explica as relações existentes na matriz dos dados empíricos. A análise do ajustamento global do modelo seguirá duas fases: a análise do ajustamento do modelo e a leitura dos dados relativos à comparação do modelo (MacCallum et al.). O ajustamento global do modelo representa o grau em que o modelo estabelecido se ajusta à matriz de covariância dos dados. Serão descritos, seguidamente, os índices que permitem esta tomada de decisão, nomeadamente: χ^2/gl; GFI; AGFI; CFI e RMSEA (Byrne, *Structural Equation Modeling with AMOS*; Schreiber et al.).

Utiliza-se, frequentemente, o valor obtido a partir da divisão do χ^2 do modelo pelo número de graus de liberdade (χ^2/gl), considerando um ajustamento aceitável do modelo quando este valor é inferior a 5 (Giles), contudo Byrne (*Structural Equation Modeling with AMOS*) afirma que valores superiores a 2 não deveriam ser aceites.

O índice GFI (*Goodness-of-Fit Index),* introduzido por Jöreskog e Sörbom, compara a matriz de covariância da amostra utilizada com uma matriz de covariância estimada para a população, isto é, que parâmetros poderíamos esperar de replicações do estudo em diferentes amostras. O seu valor está compreendido entre 0 e 1, sendo a proximidade de 1 uma medida de um bom ajuste. O AGFI (*Adjusted Goodness-of-Fit Index*) expressa, tal como o anterior, a quantidade de variância e covariância explicada, ajustada aos graus de liberdade do modelo. Valores iguais ou superiores a .90 nestes índices são normalmente considerados indicadores de ajustamento do modelo. Estes dois índices podem ser classificados como de ajustamento absoluto por não compararem o modelo hipotetizado com qualquer outro (Hu e Bentler).

O RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*) é um índice que dá a ideia da diferença existente entre a matriz de variância e covariância da amostra e a matriz do modelo obtido, partindo do pressuposto que o modelo é adequado. Os valores compreendidos entre .08 e .06 indicam um ajuste razoável e quando são inferiores a .06 revelam um bom ajuste (Hu e Bentler).

O CFI (*Comparative Fit Índex*) coloca o modelo estimado algures num *continuum* de valores que oscilam entre 0 e 1, indicando o zero um mau ajuste e o 1 o ajuste perfeito. Este índice, desenvolvido por Bentler, compara o modelo estimado com um modelo completamente independente, no qual não existe nenhuma relação entre variáveis, com base no procedimento de máxima verosimilhança. Este índice é importante pelo seu poder de ajuste em modelos estimados em amostras com um número reduzido de indivíduos. Valores iguais ou superiores a .95 são considerados indicadores de um bom ajuste (Hardy e Bryman; Hu e Bentler).

3. **ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a recolha dos dados, fez-se a sua aplicação no modelo (cf. Figura 1), tendo como referência as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática para definir o construto Notas. No modelo assumimos que o Autoconceito influencia os Comportamentos disruptivos e que estes têm impacto nas Notas dos alunos. Foi ainda assumido que o Autoconceito dos alunos tem influência nas Notas, assim como algumas variáveis exógenas (Sexo, Ano de escolaridade, Número de reprovações, Horas de estudo e Metas escolares) também exercem

influência no Autoconceito dos alunos. Como já foi referido, as relações causais que foram hipotetizadas neste modelo derivam directa ou indirectamente da literatura existente.

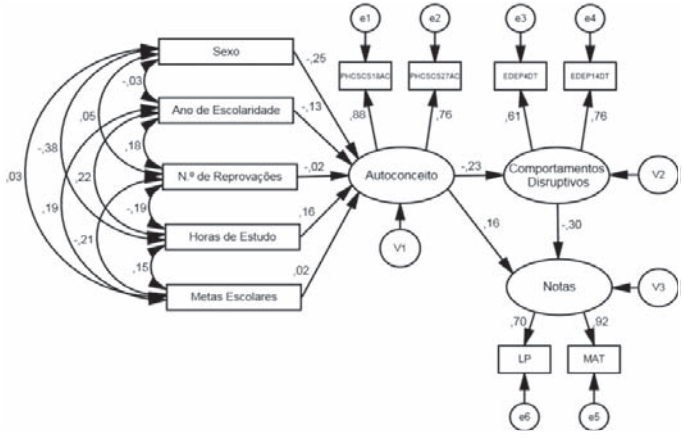


Figura 1. Especificação pictórica do modelo de relações causais com os valores estandardizados

No quadro 1 observam-se os dados descritivos (mínimos, máximos, média, desvio-padrão, assimetria e curtose) correspondentes às variáveis incluídas no modelo de equações estruturais. Relativamente à normalidade das variáveis incluídas no modelo, constatou-se que as assimetrias e as curtoses apresentam valores ajustados. Os valores obtidos apontam médias na pontuação item a item próximos do valor intermédio da respectiva distribuição.

Quadro 1. Estatística descritiva (mínimo, máximo, média, desvio-padrão, assimetria e curtose) correspondente às variáveis incluídas no modelo de equações estruturais

Variável	Mínimo	Máximo	Média	DP	Assimetria	Curtose
N.º de Reprovações	0	5	1.59	1.29	.514	-.429
Horas de Estudo	0	9	2.40	2.49	1.064	.184
Língua Portuguesa	1	5	2.82	.76	-.010	-.348
Matemática	1	5	2.64	.96	.433	-.190
PHCSCS18AC	0	1	.60	.49	-.424	-1.820
PHCSCS27AC	0	1	.61	.49	-.444	-1.803
EDEP4DT	1	6	2.45	1.56	.793	-.459
EDEP14DT	1	6	2.65	1.55	.712	-.479

Legenda. Os itens PHCSCS seguidos das letras AC correspondem ao Aspecto Comportamental; os itens EDEP seguidos das letras DT correspondem à Distracção-Transgressão.

A figura 1 especifica o modelo hipotetizado para os alunos da amostra. As relações causais possíveis são as constantes no modelo conforme as hipóteses atrás referidas. A avaliação dos resultados da contrastação do modelo de equações estruturais é baseada em dois critérios: nível global de ajustamento do modelo e significância dos coeficientes de regressão calculados. Os índices de bondade de ajustamento global do modelo proposto são robus-

tos (χ2=40.3; gl=31; χ2/gl=1.298; p=.123; GFI=.969; AGFI=.934; CFI=.978; RMSEA=.037), confirmando a hipótese de que o modelo proposto representa as relações entre as variáveis existentes na nossa matriz empírica.

Por outro lado, da análise do quadro 2 e da figura 1 poder-se-á concluir que as sub-hipóteses que orientaram as especificações foram todas confirmadas: H1. O sexo feminino revela um autoconceito inferior relativamente ao sexo masculino (α=-.25; p<.01); H2. Os alunos do 9.º ano de escolaridade apresentam um autoconceito inferior aos restantes anos de escolaridade (α=-.13; p=n.s.); H3. O autoconceito dos alunos é influenciado negativamente pelo número de reprovações (α=-.02; p=n.s.); H4. Um maior investimento no tempo de estudo, por parte dos alunos, influencia positivamente o seu autoconceito (α=.16; p<.05); H5. As metas escolares definidas pelos alunos têm uma influência positiva no seu autoconceito (α=.02; p=n.s.); H6. Os alunos com autoconceito mais elevado manifestam menos comportamentos disruptivos (β=-.23; p<.05); H7. Os comportamentos disruptivos têm um impacto negativo nas notas obtidas pelos alunos (β=-.30; p<.01); H8. O autoconceito dos alunos influi positivamente nas suas notas (β=.16; p<.05).

Quadro 2. Resultados da contrastação da estrutura de covariância (valor e erro estimado e nível de significância) hipotetizado para a amostra

Hipóteses		Valores não estandardizados	Valores estandardizados	Erro de estimativa	p
H1	Sexo → Autoconceito	-.217	-.25	.067	.001
H2	Ano de Escolaridade →Autoconceito	-.073	-.13	.043	.092
H3	N.º de Reprovações →Autoconceito	-.006	-.02	.025	.804
H4	Horas de Estudo →Autoconceito	.028	.16	.014	.046
H5	Metas Escolares →Autoconceito	.013	.02	.043	.763
H6	Autoconceito →Comportamentos Disruptivos	-.509	-.23	.235	.030
H7	Comportamentos Disruptivos →Notas	-.277	-.30	.090	.002
H8	Autoconceito →Notas	.337	.16	.171	.048
	Sexo ↔ Ano de Escolaridade	-.013	-.03	.026	.613
	Sexo ↔ N.º de Reprovações	.030	.05	.044	.489
	Sexo ↔ Horas de Estudo	-.470	-.38	.090	.000
	Sexo ↔ Metas Escolares	.013	.03	.026	.620
	Ano de Escolaridade ↔ N.º de Reprovações	.178	.18	.068	.009
	Ano de Escolaridade ↔ Horas de Estudo	.408	.22	.132	.002
	Ano de Escolaridade ↔ Metas Escolares	.107	.19	.039	.007
	N.º de Reprovações ↔ Horas de Estudo	-.593	-.19	.222	.007
	N.º de Reprovações ↔ Metas Escolares	-.202	-.21	.067	.003
	Horas de Estudo ↔ Metas Escolares	.286	.15	.128	.026
	Comportamentos Disruptivos →EDEP4DT	1.000	.61	-	-
	Comportamentos Disruptivos →EDEP14DT	1.229	.76	.370	.000
	Autoconceito →PHCSCS18AC	1.000	.88	-	-
	Autoconceito →PHCSCS27AC	.861	.76	.141	.000
	Notas →LP	.605	.70	.141	.000
	Notas →Mat	1.000	.92	-	-

Legenda. LP=Língua Portuguesa; Mat=Matemática; Os itens PHCSCS seguidos das letras AC correspondem ao Aspecto Comportamental; os itens EDEP seguidos das letras DT correspondem à Distracção-Transgressão.

Da análise dos resultados, verifica-se que todos os valores de regressão de uma variável sobre a outra são significativos, à excepção dos valores da relação do Autoconceito com o Ano de escolaridade, com o Número de reprovações e com as Metas escolares.

Quanto às variáveis exógenas, da análise do quadro 2, é ainda de referir que à medida que se progride na escolaridade os alunos reprovam mais (α=.18), contudo apresentam um maior investimento no tempo de estudo (α=.22) e metas escolares mais elevadas (α=.19). Constata-se, também, que os alunos que apresentam um maior número de reprovações são os que investem menos tempo no seu estudo (α=-.19), bem como apresentam metas escolares menos ambiciosas (α=-.21). Nesta sequência, os alunos que investem mais no estudo apresentam metas escolares mais elevadas (α=.15). Os alunos do sexo feminino estudam menos (α=-.38), reprovam mais (α=.05) e têm metas escolares mais ambiciosas (α=.03). De salientar que apenas duas destas relações não são estatisticamente significativas: relação do sexo com o número de reprovações e com as metas.

Relativamente às correlações múltiplas quadradas, estas indicam que as variáveis Notas (14.1%) e Autoconceito (13.0%) são as mais explicadas no modelo. A variável Comportamentos disruptivos (5.2%) é a menos explicada pelas variáveis em presença.

Desta forma, os alunos que apresentam problemas comportamentais para além de dificuldades de aprendizagem podem revelar um autoconceito mais negativo do que aqueles que apresentam apenas dificuldades de aprendizagem (Rock, Fessler e Church). Este autoconceito mais negativo poder-se-á justificar devido a esses jovens receberem um *feedback* negativo do ambiente, não só relativamente ao domínio académico, bem como em relação ao domínio social. Segundo estes autores, os alunos que no início da escolarização manifestam simultaneamente dificuldades de aprendizagem e comportamentos disruptivos têm tendência a apresentarem um decréscimo no progresso académico, intensificando os comportamentos inadequados ao longo do tempo.

Considerando, agora, a influência do autoconceito dos alunos nas suas notas escolares, González-Pienda menciona que foi somente nas décadas de oitenta e noventa do século XX que os factores motivacionais e afectivos se associaram definitivamente aos cognitivos, para clarificar, de forma mais conclusiva, as situações de êxito/fracasso na aprendizagem escolar. O mesmo autor refere que para um aluno atingir resultados escolares satisfatórios necessitaria de possuir capacidades para tal, mas, também, ter vontade para atingir as suas metas. Verifica-se, desta forma, a importância das variáveis motivacionais como fundamentais para dirigirem a acção para a persistência, na realização de objectivos ou metas previamente estabelecidas pelo sujeito. No presente trabalho, poder-se-á concluir que o autoconceito é uma variável motivacional que se relaciona com o sucesso académico, pois existe uma associação positiva e estatisticamente significativa entre o autoconceito não-académico e as Notas.

A relação entre o rendimento escolar e o autoconceito tem sido o tema principal de vários estudos (Kurtz-Costes e Schneider; Inglez de Souza e Brito). Os investigadores partem do princípio que as crenças negativas dos sujeitos sobre eles próprios são um factor-chave do insucesso escolar. Um número significativo de alunos terão dificuldades e fracasso na Matemática não por falta de capacidades, mas porque se consideram incapazes de aprender ou de fazer as coisas de uma forma correcta. Outros estudos aludem nesse mesmo sentido, acentuando que o fracasso em determinadas actividades pode não só baixar o autoconcei-

to de capacidades nessas tarefas particulares, como ainda originar um efeito de onda em relação a outras actividades (Neto).

Outro construto que se relaciona fortemente com as notas é a disrupção escolar professada pelos alunos. Atribuir a culpa pelo insucesso escolar somente às limitações pessoais e familiares dos alunos e descurar todas as outras variáveis que constituem o processo educacional exprime, no mínimo, uma análise superficial e simplista do processo de ensino/aprendizagem, que precisa ser urgentemente repensada. Essas explicações atribuem a responsabilidade aos alunos acerca do insucesso escolar, porém, não ponderam sobre o que eles sentem e pensam acerca do seu próprio desempenho escolar (Martini).

Atentos a todas estas dinâmicas do contexto educativo, os objectivos deste trabalho foram pertinentes - oferecer um contributo para o esclarecimento dos conceitos de Disrupção escolar e Autoconceito, e sublinhar a importância dos factores pedagógicos e afectivos, enquanto responsáveis pela criação de situações, no interior da aula e da escola.

BIBLIOGRAFIA

Bandura, A. *Social Foundations of Thought and Action*: *a Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

Bentler, P. M. "Comparative Fit Indexes in Structural Models". *Psychological Bulletin* .107 (1990): 238-46.

Biggs, J. B. "From Theory to Practice: a Cognitive Systems Approach". *Higher Education Research and Development* .12 (1993): 73-85.

Byrne, B. M. *Structural Equation Modeling with EQS and EQS/Windows: Basic Concepts, Applications and Programming*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.

---. *Structural Equation Modeling with AMOS – Basic Concepts, Applications, and Programming*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001.

Comer, J. P., et al. "Dimensions of children's self-concept as predictors of social competence". *Journal of Social Psychology* .127 (1987): 321-29.

Coopersmith, S. *The Antecedents of Self-Esteem*. San Francisco: Freeman, 1967.

Da Rosa, V. P., e J. Lapointe. *Culture et psychologie: une approche anthropologique*. Porto: Presses de l'Université Fernando Pessoa, 2001.

Faria, L., e A. M. Fontaine. "Avaliação do conceito de si próprio de adolescentes: adaptação do SDQ I de Marsh à população portuguesa". *Cadernos de consulta psicológica* .6 (1990): 97-105.

Fitts, W. H. *Tennesse Self-concept Scale: Manual*. Tennesse: Counsellor Recordings and Tests, 1965.

Giles, D. C. *Advanced Research Methods in Psychology*. New York: Routledge, 2002.

González-Pienda, J. A. "El rendimento escolar: uma análise de las variables que lo condicionan". *Revista galego-portuguesa de psicoloxía e educación* 7.9 (2003): 247-58.

Hardy, M., e A. Bryman. *Handbook of data analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.

Hu, L.-T., e P. M. Bentler. "Cut Off Criteria for Fit Indexes in Covariance Structure Analysis: Conventional Criteria Versus New Alternatives". *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal* .6 (1999): 1-55.

Inglez de Souza, L., e M. Ferreira de Brito. "Crenças de auto-eficácia, autoconceito e desempenho em matemática". *Estudos de Psicologia* 25.2 (2008): 193-201.

Jöreskog, K. G., e D. Sörbom. *LISREL – 8 User's Reference Guide*. Chicago: Scientific Software, 1993.

Kurtz-Costes, B. E., e W. Schneider. "Self-concept, Attributional Beliefs, and School Achievement: a Longitudinal Analysis". *Contemporary Educational Psychology* 19.1 (1994): 199-216.

Loranger M., e R. Arsenault. "Self-Evaluation Questionnaire of Social Skills for Adolescents in High School". *Journal of Adolescent Research* .4 (1989): 75-91.

Lourenço, A. A., e M. O. Paiva. *Disrupção escolar – estudo de casos*. Porto: Porto Editora, 2004.

---. "Comportamentos anti-sociais dos adolescentes: influência da satisfação escolar". *Psicologia, educação e cultura* 10.1 (2006): 159-81.

Lourenço, A. A., et al. "Effects of Personality on Interpersonal Negotiation Strategies and Self-Presentation in a School Setting". *Psique – anais* série *psicologia* .6 (no prelo).

Lowe, B., H. Winzar, e S. Ward. *Essentials of SPSS for Windows Versions 14 & 15: a Business Approach*. South Melbourne, Victoria: Thomson Learning Australia, 2007.

MacCallum, R. C., et al. "The Problem of Equivalent Models in Applications of Covariance Structure Analysis". *Psychological Bulletin* 114.1 (1993): 185-99.

Marsh, H. W., e R. Craven. "Academic Self-Concept: Beyond the dustbowl". *Handbook of Classroom Assessment: Learning, Achievement, and Adjustment*. Ed. G. Phye. Orlando: Academic Press, 1997. 131-98.

Marsh, H. W., J. D. Relich, e I. D. Smith. "Self-concept: The Construct Validity of Interpretations Based Upon the SDQ". *Journal of Personality and Social Psychology*. .45 (1983): 173-87.

Marsh, H. W., R. Walker, e R. Debus. "Subject-Specific of Academic Self-Concept and Self-Efficacy". *Contemporary Educational Psychology* .16 (1991): 331-45.

Martini, M. L. *Variáveis psicológicas de professores e alunos, ações interativas e desempenho académico: investigando possíveis relações*. Tese Dout. U São Paulo, 2003.

Neto, F. *Psicologia social aplicada*. Vol. II. Lisboa: Universidade Aberta, 2004.

Neves, S. P., e L. Faria. "Autoconceito e autoeficácia: semelhanças, diferenças, inter-relação e influência no rendimento escolar". *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais* .6 (2009): 206-18.

Paiva, M. O. *Comportamentos disruptivos dos adolescentes na escola: influências do autoconceito, sexo, idade e repetência*. Diss. Mestrado. U Fernando Pessoa, 2003.

---. "Influência dos factores sócio-culturais e da estrutura familiar no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes". *Revista de psiquiatria e de psicologia* .25 1-2 e 3-4 (2004): 9-28.

Paiva, M. O., e A. A. Lourenço "Influência da personalidade na negociação de conflitos em contexto escolar". *Psicologia, educação e cultura* 8.2 (2004): 533-59.

---. "Conflitos negociados na escola - estudo comparativo entre escolas com características urbanas, suburbanas e rurais". *Psicologia, educação e cultura* 11.1 (2007): 41-71.

Piers, E. V. *Manual for the Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (The Way I Feel About Myself.* 2ª Ed. rev. Tennesse: Counselor Recording and Tests, 1984.

Piers, E. V., e D. B. Harris. "Age and Others Correlates of Self-Concept in Children". *Journal of Educational Psychology* .55 (1964): 91-5.

Piers, E. V., e D. S. Herzberg. *Piers-Harris 2: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale*. 2ª ed. rev. Los Angeles, CA: Western Psychological Services, 2002.

Rock, E. E., M. A. Fessler, e R. P. Church. "The Concomitance of Learning Disabilities and Emotional/Behavioral Disorders: a Conceptual Model". *Journal of Learning Disabilities* 30.3 (1997): 245-63.

Schreiber, J. B., et al. "Reporting Structural Equation Modeling and Confirmatory Factor Analysis Results: a Review". *The Journal of Educational Research* 99.6 (2006): 323-37.

Skaalvik, E., e R. Rankin. "Math and Verbal Achievement and Self-Concepts: Testing the Internal/External Frame of Reference Model". *Journal of Early Adolescence* 12.3 (1992): 267-79.

Ullman, J. B., e P. M. Bentler. "Structural Equation Modeling". *Handbook of Data Analysis*. Eds. M. Hardy e A. Bryman. London: Sage, 2004. 431-58.

Veiga, F. H. "Escala de autoconceito: adaptação portuguesa do «Piers-Harris Children's Self--Concept Scale».» Psicologia 7.3 (1989): 275-84.

---. *Autoconceito e disrupção escolar dos jovens: conceptualização, avaliação e diferenciação*. Tese Dout. U Lisboa, 1991.

---. "Autoconceito e realização dos jovens em Ciências e Matemática". *Revista de educação* 5.2 (1996): 41-53.

---. "Uma nova versão da escala de autoconceito: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2)". *Revista psicologia e educação* 5.2 (2006): 39-48.

---. "Avaliação da disrupção escolar dos alunos: novos elementos acerca das escalas EDEI e EDEP". *(Des)ordem na escola – mitos e realidades.* Coord. S. N. Caldeira. Coimbra: Quarteto, 2007. 133-67.

---. "Disruptive Behavior Scale Professed by Students (DBS-PS): Development and Validation". *International Journal of Psychology and Psychological Therapy* 8.2 (2008): 203-16.

OBSTÁCULOS E FACTORES PROMOTORES DA PROCURA DE TRATAMENTO NO ALCOOLISMO

Marta Alexandra Fernandes Rodrigues
Psicóloga Clínica
Aluna do Doutoramento em Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
martalex.r@gmail.com

Zélia Teixeira
Professora Auxiliar
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
Psicóloga Clínica
CRI Porto Oriental, DRN, IDT-IP, Porto, Portugal
zelia@ufp.edu.pt / zelia.teixeira@idt.min-saude.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 392-401 (2010)
Submetido/Submitted: 22 Abr. 2010 / Aceite/Accepted: 12 Set. 2010

RESUMO

A presente investigação encontra-se alicerçada em dois objectivos principais, caracterização do consumo de álcool e motivação para o tratamento. Desta forma, apresentamos os dados recolhidos entre Janeiro e Junho de 2009, numa amostra de 52 utentes da Unidade de Alcoologia do Porto, serviço de ambulatório, sendo 30 utentes do sexo masculino e 22 do sexo feminino. A amostra situa-se entre os 23 e os 62 anos, tendo como média de idade 44,6 anos. Através de uma entrevista semi-estruturada analisaram-se os motivos para procurar tratamento, obstáculos e factores promotores desta etapa, e consequências do consumo. Os resultados obtidos apontam para a necessidade de não se desvincular o background dos utentes do momento do pedido de ajuda e que, numa fase inicial, possivelmente seria mais produtivo explorar as consequências do consumo, ou seja, as experiências negativas que constituem o seu dia-a-dia, na medida em que, nesta fase a reflexão sobre as vantagens da abstinência é algo de difícil antevisão. Salienta-se ainda, que o reconhecimento e consciência das diferenças entre os sexos, pode ser usado como uma ferramenta na maximização da eficácia das intervenções.

PALAVRAS–CHAVE

Obstáculos, factores promotores, tratamento, dependência alcoólica

ABSTRACT

This research is based on two main objectives, a characterization of alcohol consumption and the motivation for treatment. This way, we present the data collected between January and June 2009, a sample of 52 patients of the Alcohology Unit of Porto, outpatient service, 30 of those being male users and the remaining 22 being females. The sample's age range is between 23 and 62 years, and it's average is 44.6 years. Through a semi-structured interview we have analyzed the reasons to seek treatment, barriers and factors that promote this step, and consequences of the abuse. Results point to the need not to unlink the background of patients at the time of the aid application and that, at an early stage, it would possibly be more productive to explore the consequences of the consumption, i.e. the negative experiences that make up their day-to-day, insofar as, at this stage the reflection on the benefits of abstinence is something difficult to preview at this stage. Noted that the recognition and awareness of the differences between the sexes can be used as a tool in maximizing the effectiveness of interventions.

KEYWORDS

Obstacles, factors promoters, treatment, alcohol dependence

1. INTRODUÇÃO

Na ausência da exploração e compreensão do processo motivacional, isto é, dos factores que conduziram à procura de tratamento, os conceitos de motivação para o tratamento e para a mudança, podem ser interpretados e usados de forma errónea e inclusive ter o efeito inverso ao desejável. Torna-se necessário ter em conta que são várias as dimensões com impacto nos domínios da motivação, nomeadamente, aspectos sociais, pessoais, traços culturais, determinados tipos de tratamento, são alguns dos factores com força para influenciar a acção de procurar ajuda de forma diferenciada (Moos e Moos). Como tal, torna-se essencial aceder aos conteúdos que estão na base da tomada de decisão, ou seja, os compromissos subjacentes ao tratamento, o que concomitantemente permitirá compreender quais são as maiores preocupações e necessidades dos utentes, no momento da procura de ajuda.

Reconhecendo que o contacto inicial com uma instituição de saúde pode ser uma experiência algo ansiogénica, a identificação prévia das principais preocupações e necessidades dos utentes nesta etapa, permiti direccionar a intervenção para aquela que é a realidade dos sujeitos e, para os conteúdos que percebem como sendo mais importantes. Este processo vai aumentar a probabilidade de se verificar uma atitude de maior receptividade por parte dos utentes, potenciando assim, a eficácia da intervenção.

Identificar e compreender aquilo que promove e facilita a procura de tratamento, bem como aceder aos potenciais obstáculos neste processo, é algo de extrema relevância, quando se integra a influência destes factores no tipo de ligação e compromisso estabelecido com o tratamento. Com isto, sabe-se que existem momentos chave para o tratamento, momentos esses relacionados com a predisposição, aptidão e disponibilidade para a mudança. São muitas vezes situações de desequilíbrio, de insustentabilidade em manter o comportamento problema, ou seja, momentos de crise que geram a mudança, e a sua preservação depende da disponibilidade atempada dos serviços de saúde responsáveis. Neste sentido, a redução do número de obstáculos para a procura de tratamento e a amplificação dos seus factores promotores, em certa medida potencia a eficácia da intervenção terapêutica.

2. MOTIVAÇÃO E MUDANÇA: FACTORES FACILITADORES E DIFICULTADORES

Com o intuito de perceber o que promove a mudança e consequentemente a procura de ajuda, e na tentativa de aceder aos obstáculos da tomada de decisão, Fontanella et al. desenvolveram um estudo qualitativo com treze dependentes de substâncias e, concluíram que os sujeitos identificaram espontaneamente os fenómenos que constituem a síndrome de dependência, como factores motivadores para a procura de tratamento. O reconhecimento do problema através da presença de sintomatologia revelou-se um factor determinante, a consciencialização da relação problemática existente com a substância, leva a que ocorra uma mudança na forma de avaliar e compreender alguns fenómenos até então percebidos como egossintónicos, no sentido da passagem para a egodistonia. Contudo, a identificação de sintomas é apenas potencialmente determinante, muitos sujeitos não chegam a efectivar a procura dos serviços de saúde, na medida em que as suas expectativas quanto à eficácia e custos do tratamento, técnicas utilizadas e percepção de auto-eficácia, comprometem o processo de procura de ajuda.

Ainda neste sentido, Resende et al. realizaram um estudo com vinte e cinco dependentes de álcool, com o objectivo de avaliar a prontidão para o tratamento. Os resultados obtidos permitiram observar que 76% dos participantes apresentavam severidade grave de dependência, o que implica a presença de sintomatologia e de danos em diversos domínios. Estes dados vão ao encontro dos resultados obtidos por Oliveira, investigação na qual 72% dos sujeitos apresentavam igualmente dependência grave de álcool. Os dados resultantes dos presentes estudos, permitem pensar na hipótese de que os sujeitos procurariam tratamento quando o consumo de álcool deixasse de ser suportado por contingências reforçadoras positivas e passasse a ser sustentado pelas contingências reforçadoras negativas, inerentes à síndrome de privação. Assim, ao experimentarem prejuízos maiores tanto clínicos como psicossociais, o comportamento passa a ser mais punitivo que reforçador, o que promove maior disponibilidade para a mudança.

Por sua vez, num estudo de dimensões mais alargadas, envolvendo trezentos dependentes de álcool, Ribeiro et al. avaliaram os factores associados à adesão a um programa de tratamento em ambulatório e, genericamente concluíram que melhores níveis de relacionamento, estavam associados positivamente à adesão, sendo que laços interpessoais fragilizados não remetiam para a mesma. Observaram também que baixa idade de inicio de consumo, padrão de consumo recente mais elevado e presença de comorbilidade psiquiátrica, surgiram com factores associados positivamente à adesão, salienta-se que estas características clínicas estão habitualmente vinculadas à dependência de maior gravidade. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Tucker, Vuchinich e Rippens, que identificaram as questões de saúde, problemas no trabalho, relações interpessoais, familiares e actividades sociais, como os motivos mais frequentes para iniciar e manter a abstinência e consequentemente como factores de maior adesão ao tratamento.

Concluindo, embora não se verifique um consenso geral no que respeita aos factores associados à adesão aos programas terapêuticos, é possível nomear algumas características associadas, tais como: envolvimento de familiares ou outro significativo, ordem judicial, sexo, idade, uso de outras substâncias psicoactivas, comorbilidade psicológica, intensidade e duração do tratamento (Ribeiro et al.).

3. ***BOTTOMING OUT***

Miller e Tonigan descreveram a noção de *bottoming out*, como sendo o processo através do qual o indivíduo desenvolve motivação para a mudança como resultado de um sofrimento intolerável. Nesta perspectiva, os sujeitos estariam mais predispostos a procurar tratamento e a realizar acções no sentido da mudança, quando tivessem experienciado a diferentes níveis, consequências significativamente negativas provocadas pelo consumo de substâncias (Field et al.).

Contudo, num estudo recente desenvolvido por Field et al., constituído por uma amostra de duzentos veteranos de guerra dependentes de substâncias, dos quais 59% eram dependentes de álcool, os resultados vieram demonstrar o oposto à noção de *bottoming out*, isto é, que a motivação para a mudança estava negativamente relacionada com a descompensação ou a severidade dos problemas. Neste estudo, os sujeitos com níveis superiores de raiva ou de depressão apresentavam menor disponibilidade para a mudar. No que respeita à intervenção terapêutica, estes dados sugerem que o controlo ou redução dos factores

de vida stressantes, permite a evolução favorável da motivação para a mudança, o que se repercutirá positivamente em termos de eficácia do tratamento.

Alguns autores defendem que sem ser necessário atingir um grau de sofrimento intolerável, até certo nível, o stress emocional é importante para que o processo de mudança possa ocorrer (Field et al.), no sentido de que quando se verificam consequências negativas derivadas do consumo e perante a percepção de insustentabilidade em manter o comportamento problema, gera-se stress emocional, os custos suplantam os ganhos, é um momento de crise, que por sua vez gera mudança. Contudo, para que o processo de tratamento possa progredir positivamente, alguns factores stressantes terão que ser trabalhados no sentido do seu controle ou com o intuito de atenuar o seu impacto, de forma a criar condições que sejam favoráveis.

4. **ESTUDO EMPÍRICO**

Da presente investigação fizeram parte 52 utentes da Unidade de Alcoologia do Porto, do serviço de ambulatório, 30 sujeitos do sexo masculino e 22 do sexo feminino. A diferente proporção entre os sexos é representativa da realidade populacional atendida no serviço de alcoologia, no qual a frequência de mulheres é claramente inferior. A amostra situa-se entre os 23 e os 62 anos, apresentando como média de idade, 44,6 anos. No que respeita ao grau de instrução académica, é possível referir que mais de metade da amostra (53,8%), 28 sujeitos concluíram o 1.º ciclo do ensino básico, 11 sujeitos (21,2%) completaram o 2.º ciclo, 5 sujeitos (9,6%) o 3.º ciclo e, 9 sujeitos (13,5%) frequentaram o ensino secundário, um dos elementos da amostra era analfabeto. Profissionalmente, encontram-se 20 sujeitos no activo e 19 no desemprego. Sabe-se também que 22 sujeitos estão casados e 18 permanecem solteiros. Agora, quanto aos problemas ligados ao álcool, os dados recolhidos traduzem 34 sujeitos com presença de problemas ligados ao álcool na família. Contudo, no que concerne ao sentido da relação familiar, é possível precisar que 46,2% das relações familiares são de sentido vertical e que 19,2% são de sentido horizontal.

Os dados acima referidos foram recolhidos através de um questionário socio-demográfico que visa contextualizar e identificar os participantes social e demograficamente, bem como recolher eventuais especificidades. Com o intuito de aceder aos objectivos a que a presente investigação se propôs, foi elaborada uma entrevista semi-estruturada que está organizada em dois blocos distintos: o primeiro destinado à caracterização dos percursos individuais incidindo preferencialmente na caracterização do consumo de álcool, e um segundo bloco destinado à exploração dos conteúdos subjacentes ao compromisso com a mudança, debruçando-se na motivação para o tratamento e factores relacionados.

Desta forma, para organizar os dados não estruturados e tendo como objectivo descrever fenómenos e comportamentos, foi utilizada a estratégia não apriorística de análise de conteúdo, ou estratégia dedutiva, que consiste em estabelecer categorias através da informação recolhida com o intuito de analisar a sua frequência e relevância (Martins e Theóphilo). As categorias foram definidas a posteriori com base no critério semântico de categorias temáticas (Bardin). Como tal, a presente investigação segue um desenho exploratório descritivo, privilegiando a abordagem qualitativa que assenta no pressuposto de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é, definida pelos seus próprios autores (Polit e Hungler).

5. CARACTERIZAÇÃO DOS PERCURSOS INDIVIDUAIS

De forma genérica, no que respeita à caracterização do consumo de álcool, é possível mencionar que dos 52 participantes, 20 já haviam realizado tratamentos anteriores para a dependência de álcool, sendo que seis frequentaram mais do que um tratamento (entres dois a quatro). Quanto à exploração da história de consumo, é possível referir que a idade média da primeira experiência com álcool, foram os 17 anos, sendo a idade mínima 4 e a idade máxima 23, por sua vez, a idade média do consumo regular correspondeu aos 17 anos e do consumo excessivo aos 26 anos.

No que respeita exclusivamente ao consumo excessivo de álcool, os participantes identificaram vários motivos que posteriormente foram agrupados em seis categorias ("acompanhado," "sofrimento emocional," "estratégia de coping," "gostar de consumir," "falta de auto-controlo" e "refeições"), 22 participantes situaram-se na categoria "Acompanhado" referente ao contexto social e familiar e 16 sujeitos pontuaram na categoria "Sofrimento emocional" que engloba os motivos, fim de relação amorosa, morte de pessoas significativas, ser vítima de maus-tratos, tristeza e solidão. Neste sentido, no que se refere ao contexto do consumo excessivo ("familiar,""social,""laboral,""militar" e "sozinho") dois contextos claramente discrepantes foram os que mais se evidenciaram, 22 participantes pontuaram na categoria "contexto social" e 18 na categoria consumir "sozinho".

Por outro lado, com o intuito de se aceder à percepção que os participantes possuem relativamente à sensação de apoio para o tratamento e durante este, foi-lhes questionado como se posicionavam neste domínio, e a realidade obtida traduziu-se por 49 sujeitos a afirmarem sentirem-se apoiados nesta etapa. Como tal, tornou-se relevante perceber quem são os elementos considerados como figuras de apoio ("família," "amigos," "companheiro(a)," "patrões," "nenhum"), tendo a família sido referida por mais de metade da amostra (n=39).

Avançando na exploração da etapa de entrada para o tratamento, foi realizado um levantamento dos principais motivos que conduziram os participantes a procurar ajuda. Posteriormente, os motivos foram inseridos numa das sete categorias presentes na folha de triagem da Unidade de Alcoologia ("pessoal," "familiar," "profissional," "saúde," "social," "financeiro," "jurídico,""acidente de viação" e "outro"). Neste âmbito, salientaram-se as categorias "pessoal" (n=20), "saúde" (n=16) e "familiar" (n=12), como os motivos mais frequentes para procurar ajuda.

6. CONSEQUÊNCIAS DO CONSUMO DE ÁLCOOL EMERGENTES NA ENTREVISTA

Através das entrevistas realizadas, emergiram 62 consequências diferentes para o consumo de álcool, desta forma, foram construídas sete categorias: "saúde física" (n=37), "saúde mental" (n=37), "familiares" (n=17), "profissionais" (n=10), "económicas" (n=8), "sociais" (n=7) e "jurídicas" (n=4). Claramente as questões de saúde e do domínio familiar foram as mais relevantes. A exploração de informação deste carácter permite uma compreensão mais profunda da percepção que os sujeitos têm do seu próprio comportamento, fenómeno que vai permitir a concretização de intervenções mais focalizadas para a realidade subjectiva dos sujeitos.

Neste domínio e através da análise dos dados recolhidos, verificou-se a tendência para uma prévia identificação de sintomas antes da procura de ajuda, isto é, que a percepção da gravi-

dade do problema através de sintomatologia estava associada positivamente com a procura de tratamento. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Fontanella et al. e estão directamente ligados com o facto da ausência de sintomatologia ter sido percebida nesta investigação como um factor dificultador da procura de tratamento.

Concluiu-se também, que os homens valorizam mais a saúde física (n=23) em comparação com a saúde mental (n=15), no entanto, no sexo feminino, todas as participantes (n=22) pontuaram na saúde mental. A preocupação das mulheres com a saúde mental é um fenómeno muito interessante se o integrarmos num estudo desenvolvido por Grella et al., no qual verificaram que as mulheres apresentavam maior probabilidade de ingressar no tratamento de substâncias pela via da saúde mental. Neste sentido ainda, num estudo desenvolvido por Kreutzberg, as mulheres apresentaram o primeiro internamento psiquiátrico quatro anos após o início do consumo regular de álcool, e os homens apenas oito anos mais tarde. Os diferentes estudos explanam vários motivos que justificam a preocupação significativa dos elementos do sexo feminino com a saúde mental.

A nível global, as questões familiares (n=17) foram as segundas mais pontuadas, e de forma mais específica, representam o afastamento da família em relação ao consumidor e as dinâmicas familiares marcadas pelos problemas de comunicação traduzidos nos constantes conflitos e no clima de insegurança, desconfiança e julgamento que foi partilhado pelos participantes durante a entrevista.

Estes dados são relevantes para a selecção e adequação de estratégias de intervenção, na medida em que oferecem informações importantes sobre como chegar aos utentes pelo caminho que para eles faz mais sentido e como tal, potenciam a probabilidade de se verificar maior receptividade e envolvimento por parte dos mesmos.

7. **OBSTÁCULOS PARA PROCURAR TRATAMENTO**

Para a organização dos dados recolhidos neste domínio, procedeu-se igualmente ao critério semântico de categorias temáticas, o que originou quatro grupos diferentes: "factores relacionados com a substância" (n=14), "insight/qualidade da informação e crenças" (n=14), "sentimentos" (n=14) e "situações/contextos" (n=8).

No que concerne à discussão dos resultados, a presente amostra tornou evidente um fenómeno muito importante, o impacto das expectativas negativas em relação ao tratamento, como factor dificultador. Situação que remete para a necessidade de logo num contacto inicial, se desmistificar as especificidades dos diferentes tipos de tratamento e avaliar as expectativas dos utentes no sentido de adequá-las à realidade. A adopção deste tipo de atitude possivelmente permitirá reduzir a ansiedade inerente a um primeiro contacto com a instituição de saúde e potenciar espaço para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

A categoria referente à qualidade de informação, falsas crenças e mitos foi a mais pontuada no sexo masculino (n=11) como factor dificultador para a procura de tratamento. Ismail vem confirmar esta realidade ao mencionar que Portugal é um país incondicionalmente permissivo ao álcool, e a realidade é que a noção correcta do que é beber em excesso só é um dado adquirido para uma percentagem muito diminuta da população. Tendencialmente só é considerado consumo abusivo de álcool, quando o sujeito fica completamente alcooliza-

do, o que na gíria se reconhecesse como "andar aos esses". Este panorama evidencia a necessidade de se continuar a realizar prevenção universal e a fornecer informação adaptada ao nível de conhecimento dos utentes, para que possam ser parte integrante do tratamento e usufruir na totalidade do papel activo que lhes está destinado no processo terapêutico.

Quanto ao sexo feminino, ainda se verifica a influência do legado cultural no que respeita ao seu consumo. O beber no feminino continua a sofrer maior estigmatização social, o que se repercutiu nas pontuações das mulheres, cuja categoria mais frequente foram os sentimentos (n=10), que englobam a culpa, vergonha e tristeza, como factores dificultadores da procura de ajuda. Esta situação está claramente ligada à conotação sócio-cultural do alcoolismo no feminino, que pode ser trabalhada em contextos próprios como o de saúde, através da diminuição da culpa e da vergonha e, da promoção do *empowerment* e da responsabilização pelo tratamento.

Por fim, no domínio das situações/ contextos, foram encontrados diversos factores (desemprego, ser sem abrigo, demora nos serviços de saúde, pressão social, entre outros). Contudo, todos eles são factores de tensão, manutenção do problema, sendo que o seu controle ou a diminuição da sua força só será possível através do trabalho em equipa multidisciplinar.

8. **FACTORES FACILITADORES PARA PROCURAR TRATAMENTO**

A informação recolhida neste domínio não proporcionou a constituição das mesmas categorias encontradas para os factores dificultadores, com excepção da categoria factores relacionados com a substância, agora a incidir nos elementos egodistónicos com a mesma e na necessidade de alterar o estilo de vida. Assim, os dados recolhidos foram estruturados em seis grupos: "sociais/familiares" (n=27), "saúde física" (n=25), "factores relacionados com a substância" (n=15), "saúde mental" (n=8), "problemas com a justiça" (n=5) e "profissionais" (n=4).

No que concerne aos dados recolhidos, com excepção de oito, todos os restantes factores mencionados pelos participantes, dizem respeito a experiências de carácter negativo, prejudiciais e limitativas para os sujeitos. Estes resultados permitem pensar que possivelmente numa fase inicial, seria mais produtivo trabalhar com os utentes aquilo que têm a perder, os custos da manutenção do comportamento problema, na medida em que são essas experiências negativas que integram o dia-a-dia dos sujeitos e a sua realidade, na forma de receios, preocupações e necessidades. Como tal, reflectir sobre as vantagens da abstinência é algo de difícil antevisão, por constituir muitas das vezes, um universo totalmente desconhecido para o sujeito e por isso mesmo ser de difícil acesso.

A presente amostra evidenciou que as experiências de carácter negativo possuem um impacto claramente superior às experiências de índole positiva, como facilitadoras da procura de tratamento. Esta situação vem corroborar um dos muitos pressupostos defendidos por Miller no sentido de que nas alturas críticas os sujeitos estão mais aptos para a mudança, ou seja, quando as desvantagens e consequências de manter o comportamento problema são superiores às vantagens, a predisposição para a mudança é maior. Assim, a crise gera mudança, o que justifica a necessidade de respostas imediatas por parte dos serviços de saúde. É necessário preservar os momentos chave que garantem o sucesso da intervenção, sendo que a demora nos serviços de saúde foi um dos factores referidos como dificultador da procura de tratamento.

Os dados recolhidos, permitiram ainda identificar, que as questões ligadas às dimensões afectivas e relacionais foram mais valorizadas pelo sexo feminino (n=18) e que as questões ligadas à saúde foram mais pontuadas pelo sexo oposto (n=21). Como já vem sendo referido, estes dados podem revelar grande utilidade na selecção e adaptação de estratégias de intervenção de acordo com o sexo e, com o objectivo de ir ao encontro daquilo que faz mais sentido para o utente, promovendo simultaneamente a qualidade da intervenção.

Por fim, destacaram-se dois factores que acabam por estar interligados e que consistem no *feedback* dos exames de saúde e na consciência do consumo excessivo. Este resultado vem reforçar uma vez mais, a importância de se fornecer um *feedback* específico e personalizado aos utentes. Traduz-se numa experiência promotora de *insight*, que induz o reconhecimento do problema. Verificou-se que é um momento valorizado pelos utentes e apresenta-se como um importante factor facilitador da procura de tratamento que deve ser sempre reconhecido pelos profissionais de saúde.

9. **CONCLUSÃO**

Sendo o uso de substâncias um problema complexo que deve ser visto num *continuum*, torna-se importante que um sistema prestador de cuidados de saúde a este nível seja integrador e holístico, de forma a maximizar a efectividade global da resposta. Neste sentido, espera-se que a entrada para o tratamento seja a última etapa do *continuum* de consumo e simultaneamente a primeira etapa do processo de tratamento e como tal, é tão válida como qualquer outra fase de intervenção. Para que se obtenha sucesso na promoção da mudança de comportamento, é necessário que no contacto com os diversos níveis de cuidados do sistema de saúde, haja aplicação de técnicas, habilidades e instrumentos que promovam a receptividade e o envolvimento dos utentes no tratamento. É crucial avaliar as necessidades de mudança e a motivação para a mesma, com o intuito de adequar a intervenção à superação de barreiras e ao ambiente em causa, potenciando sempre a eficácia da intervenção (Filho).

No que respeita à prática profissional, os resultados obtidos espelham o desafio constante que é a intervenção e a relação com os utentes, devido à diversidade e complexidade dos seres humanos. Salienta-se o facto de que cada sujeito é o maior especialista de si mesmo e como tal, para chegar à subjectividade de cada um, o primeiro passo é ouvir com vontade de compreender.

BIBLIOGRAFIA

Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

Field, Craig, et al. "Association of Baseline Characteristics and Motivation to Change Among Patients Seeking Treatment for Substance Dependence". *Drug and Alcohol Dependence* .91 (2007): 77-84.

Fontanella, Bruno, et al. "Percepção da síndrome de dependência por pacientes em tratamento". *Jornal brasileiro de psiquiatria* 57.3 (2002): 196-202. Internet. 22 Jan. 2009. <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v57n3/07.pdf>.

Grella, Christine, et al. "Semelhanças e diferenças no tratamento, recaída e ciclo de recuperação entre os géneros". *Evaluation Review* .32 (2008): 113-124. Internet 3 Dez. 2008. <http://www.abead.com.br/artigos/arquivos/recaida_ciclo_recuperacao.pdf>.

Ismail, Fátima. Álcool benigno, álcool maligno. Porto: Âmbar, 2002.

Kreutzberg, Karl. "Frauen Leiden Meist Starker unter dem Alkoholismus". *Fortschritte der Medizin*, 16.24 (1998): 43-44.

Martins, Gilberto, e Carlos Theóphilo. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

Miller, William. "Enhancing Motivation for Change in Substance Abuse Treatment". *U. S. Department of Health and Human Service - Public Health Service*, 1999. Internet. 26 Nov. 2008 <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/bv.fcgi?rid=hstat5.section.61626>.

Miller, William. R., e Scott Tonigan. "Assessing Drinkers' Motivation for Change: the Stages of Change Readiness and Treatment Eagerness Scale (SOCRATES)". *Psychology of Addictive Behaviors* 10.2 (1996): 81-89.

Moos, Rudolf, e B. S. Moos. "Long-Term Influence of Duration and Frequency of Participation in Alcoholics Anonymous on Individuals with Alcohol Use Disorders". *Journal of Consulting and Clinical Psychology* .72 (2004): 81-90.

Oliveira, Margareth. *A eficácia da intervenção motivacional em dependentes do álcool*. Tese Doutoramento, UNIFESP/EPM, São Paulo, 2002.

Polit, Denise. F., e B. P. Hungler. *Fundamentos e pesquisa em enfermagem*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Resende, Geraldo, et al. "Análise da prontidão para o tratamento em alcoolistas em um centro de tratamento". *Revista de psiquiatria clínica* 32.4 (2005): 211-17. Internet. 6 Jun. 2009. <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n4/26055.pdf>.

Ribeiro, Mário, et al. "Fatores associados à adesão a um programa de tratamento de alcoolistas". *Jornal brasileiro de psiquiatria* 57.3 (2008): 203-211. Internet. 22 Jan. 2009. <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v57n3/08.pdf>.

Szupszynski, Karen, e Margereth Oliveira. "O modelo transteórico no tratamento da dependência química". *Psicologia: teoria e prática*, 10.1 (2008): 162-73. Internet. 4 Maio 2009. <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ptp/v10n1/v10n1a12.pdf>.

Tucker, Jalie, Rudy Vuchinich, e Paula Rippens. "Environmental Contexts Surrounding Resolution of Drinking Problems among Problem Drinkers with Different Help-Seeking Experiences. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 63.3 (2002): 334-41.

O CRIME DA GLOBALIZAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO DO CRIME

Laura M. Nunes
Professora Auxiliar
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
lnunes@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 402-410 (2010)
Submetido/Submitted: 30 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 11 Set. 2010

RESUMO
Pode afirmar-se que crime e globalização se associam, de forma a que o primeiro acabe por revelar novas modalidades, desenhando novas configurações para os velhos crimes através da abertura propiciada pela globalização e pelas novas tecnologias de comunicação. Do jogo à prostituição, do tráfico de seres humanos à fraude, do roubo às acções terroristas, o crime expande-se globalmente. O presente artigo procura apresentar brevemente esta nova realidade e apela à necessidade de se adequarem os mecanismos de controlo social.

PALAVRAS-CHAVE
Internacionalidade; Migrantes; Crime; Populações vulneráveis.

ABSTRACT
It can be argued that globalization and crime are associated, since crime ends up revealing new modalities and being extended to new configurations through the obtained by globalization and new communication technologies. From Illegal gambling, prostitution, fraud, human traffic to terrorist acts, crime spreads itself globally. This article aims to present briefly this new reality, and to draw the attention for the need to adapt the social control mechanisms.

KEYWORDS
Internationality; Migrants; Crime; Vulnerable populations.

1. INTRODUÇÃO

O crime tem-se revelado sob diferentes modalidades, em constante acompanhamento do processo de globalização que, a par de inúmeros benefícios, acarreta desvantagens e novos desafios às sociedades contemporâneas (Fontanel 34). Por isso, pode afirmar-se que crime e globalização se associam, de forma a que o primeiro acabe por revelar novas modalidades, desenhando, também, novas configurações para os velhos crimes, servindo-se da abertura propiciada pelo fenómeno da globalização e pelas novas tecnologias de informação.

A Criminologia, muito centrada no estudo do crime e do próprio criminoso, apresenta-se muito fragmentada entre diversas leituras interpretativas. Esta ideia não é nova e conduz à ineficácia da Criminologia na prescrição de medidas concretas para reduzir o crime nas actuais sociedades (Chan 337). A situação apresenta-se mais notoriamente, devido ao fenómeno da globalização, cujos processos de instalação e desenvolvimento implicaram a criação de condições muito diversificadas e até contraditórias, em que se acelerou a industrialização, tendo em vista a melhoria das condições de vida de alguns, com maior liberdade individual, enquanto muitos outros acabam por ver relativizada essa suposta liberdade, pelas mudanças em termos sociais e dos mercados de trabalho (Sen 4). De facto, no contexto da globalização, joga-se com a competitividade entre grandes redes empresariais, que se debatem para atrair capitais e mercados, num palco mundial de drásticas mudanças (Gorender 326). Essa dinâmica de permanente interdependência à escala mundial afecta os comportamentos das pessoas, entre os quais se inclui a conduta criminosa. Assim, a criminalidade muda diariamente, apresenta novas configurações adaptadas às actuais condições e, simultaneamente, abraça os crimes já há muito existentes, através da adequação de inovadoras e mais eficazes estratégias suportadas, também, pelo fenómeno da globalização. Da prostituição à moderna escravatura (Nelken 381), passando pelo tráfico de seres humanos (Silva, Blanchette, Pinheiro e Leite 155), de drogas e de armas (Buss 1582), o crime expande-se globalmente, podendo referir-se a existência do crime emergente da globalização e o fenómeno da globalização de certos crimes.

2. GLOBALIZAÇÃO: DEFINIÇÕES E DIMENSÕES

A globalização é um fenómeno que encerra elevada complexidade, integrando duas ideias fundamentais: a compreensão do mundo como palco de constante comunicação e a intensificação da sua percepção como um todo (Robertson 8). Trata-se de um conceito de difícil definição, até porque é alvo de variadas leituras, a que se atribuem diferentes significações (Santos 14). A despeito da ideia de que se trata de um fenómeno muito recente, há quem o refira com início no século XVI, com o arranque da expansão do capitalismo, enquanto outros apontam para um começo no século XX, através das novas tecnologias e do rápido desenvolvimento dos meios de comunicação nelas apoiados (Canclini 41).

Efectivamente, um número considerável de definições interpreta a globalização sob um ponto de vista económico, considerando a intensidade e a velocidade a que se processam as relações transnacionais, em termos produtivos e financeiros. Não obstante, essa visão não abarca as dimensões sociais, políticas e culturais implicadas no processo. A globalização deve entender-se como uma expansão daquilo que, sendo local, passa a abranger o globo (Santos 14). Tais relações, entre o que é local e o que se apresenta global, são muito recentes e prendem-se com a emergência de uma "consciência global" (Robertson 8). Então, a globa-

lização tende a traduzir a internacionalização das relações entre os povos de todo o mundo (Moreira 2), por via do fluxo de ideias e de actividades, quer em termos qualitativos, quer em moldes quantitativos (Wilson 19). Evidentemente, cada pessoa é afectada por este fenómeno nas mais variadas esferas da sua vida, sendo indubitável que o fluxo constante de capitais, de culturas e de pessoas molda a textura das interacções locais, altera a configuração e os destinos das cidades e muda drasticamente a percepção de cada um relativamente ao local onde vive (Savage, Bagnal e Longhurst 3). Quanto às dimensões deste fenómeno, diferentes teóricos enfatizam algumas dimensões em detrimento de outras. De acordo com Canclini, a globalização foi emergindo de dois processos: o da internacionalização da economia e da cultura, encetada pelos Descobrimentos e continuada pelos fluxos migratórios e pela divulgação de produtos e de costumes; e o da transnacionalização operada por organismos, empresas e indústrias de que são exemplo a produção cinematográfica de Hollywood, a indústria automóvel e outros que se alargaram a todo o globo (42). Assim, as dimensões económica e cultural são constantes nos discursos relativos à globalização, muito embora outras componentes estejam presentes, como as ambiental, política, social e cultural (Nye 245), pelo que há necessidade de perceber essas dimensões e o seu impacte sobre vários aspectos que afectam a vida das pessoas e, consequentemente, os seus comportamentos.

A globalização impõe-se, através de sistemas e de tecnologias que possibilitam a comunicação permanente entre todo o mundo, por via da integração mundial da economia, por meio de drásticas mudanças políticas e através da emergência de novas formas de estar e de aceder ao que é disponibilizado pelas sociedades actuais, em cujas cidades se deve assegurar a integração socio-cultural de populações de diversas proveniências (Giddens 596). O impacte de tais alterações faz-se sentir no mercado de trabalho e nos novos riscos que se desenham. Não existindo um quadro consensual a respeito das dimensões da globalização, também não se vislumbra uma forma de incluir num só esquema explicativo todas essas dimensões (Canclini 45). Tão drásticas mudanças não poderiam deixar intocável a criminalidade, que se constitui numa outra dimensão da globalização e um grande desafio para os actuais Estados, nomeadamente, e segundo Zaluar (154), no âmbito do crime organizado. Vive-se uma época repleta de riscos que têm subjacentes aspectos como os sistemas de justiça e as desigualdades, que também se relacionam com a prática criminosa. No contexto global, o crime passou a assumir contornos empresariais, cuja principal característica remete para a internacionalização, podendo mesmo falar-se do triunfo da criminalidade, que movimenta cerca de 25% do dinheiro que circula na economia global (Velloso 1581). As ameaças de cariz transnacional, em que o terrorismo (Miguel 115) e o crime organizado ombreiam com outros fenómenos, como o descontrolo dos movimentos migratórios e a grande visibilidade das assimetrias entretanto geradas (Miguel 114), também não são alheias ao desenvolvimento do crime nos diferentes locais do globo, onde as pessoas se deslocam cada vez mais.

2.1. **GLOBALIZAÇÃO E TRÁFICO DE PESSOAS**

Actualmente, parece estar a emergir uma nova globalização que reconfigura todos os limites, criando novos espaços de acção que têm subjacentes os elementos decorrentes da internacionalização das relações. Segundo Kyle e Dale, a globalização gerou condições para o desenvolvimento de relações transnacionais de que fazem parte as de índole criminosa, como o tráfico de pessoas, que integra uma das mais recentes actividades globais ilegais

(29). Nesses novos espaços de actividade, erguem-se crimes que passam pelo tráfico de seres humanos para trabalho escravo (30) e para exploração sexual (Aas 44).

A movimentação de pessoas foi-se revelando cada vez mais facilitada com o suporte das novas tecnologias e da ideia da "aldeia global," sendo que nunca houve tantas pessoas a residir fora dos seus países de origem como actualmente. Por outro lado, dado o progressivo aumento do controlo de fronteiras, proliferam os movimentos migratórios clandestinos, cujas consequências abarcam, também, a prática criminosa (Aas 30). O tráfico de seres humanos, inicialmente definido por abordagens feministas que se focalizavam exclusivamente no tráfico de mulheres, foi assumindo contornos mais alargados, remetendo agora para a migração e para o trabalho forçado. Entre as fileiras dos que são traficados, encontram-se, em grande número, as mulheres cujo tráfico visa essencialmente a exploração de trabalho sexual mas que, surpreendentemente, constitui um problema internacional desde o século XIX (Kempadoo 57). Também não será de estranhar que, a par das mulheres, as crianças e os adolescentes se apresentem particularmente vulneráveis, sendo, também por isso, alvo de tráfico, muito frequentemente para operarem no contexto da exploração sexual, no âmbito do trabalho escravo, para extracção de órgãos e até para a prática de sacrifícios contextualizados em certos rituais (Leal e Leal 267). Por isso, o tráfico de seres humanos não se fica apenas pelos interesses ligados à exploração sexual de mulheres, adolescentes e crianças. As vítimas de tráfico são diversificadas, em função do que se pretende explorar em termos de trabalho ou de "venda" (Repetskaia 47), e o trabalho escravo abrange diferentes sectores da actividade industrial e da economia informal (Vasconcelos e Bolzon 68). Os meios pelos quais as vítimas de tráfico se mantêm "colaborantes" com a situação passam pela ameaça, geralmente às famílias; pelas ameaças de violência, física e psicológica; pela coerção financeira, em caso de dívidas ou de outras situações de debilidade económica; e até pela coerção legal, quando a vítima se encontra comprometida a esse nível (Repetskaia 53). O problema avoluma-se, sendo que de acordo com Peixoto, Soares, Costa, Murteira, Pereira e Sabino, cerca de 300 cidadãos de Leste entram semanal e ilegalmente em Portugal. Geralmente, as pessoas são trazidas pela mão de organizações criminosas internacionais, como é o caso das "máfias" de Leste, presentes em território português desde a década de 90 (112). O seu *modus operandi* passa pelo recrutamento de pessoas nos seus países de origem, com promessas de trabalho. Uma vez chegados a Portugal (e a outros destinos), essas pessoas são mantidas em situação de ilegalidade para, nessa posição vulnerável, se submeterem a toda e qualquer forma de exploração. Ainda de acordo com os mesmos autores (115), a actuação de organizações ilegais como as chinesas, altamente estruturadas e organizadas, abarcam o tráfico de seres humanos como uma das actividades mais lucrativas, cobrindo também outras actividades ilícitas, como o tráfico de drogas, a prostituição e a falsificação de tudo quanto seja possível falsificar.

Em suma, muitos dos que engrossam as fileiras da moderna escravatura deslocam-se livremente em busca de melhores condições de vida e, uma vez chegados ao destino, acabam por ser atraídos para as redes de trabalho ilegal (Canclini 169), integrando vários sectores ilegais, como é o caso das redes de tráfico de drogas.

2.2. **GLOBALIZAÇÃO E TRÁFICO DE DROGAS**

O tráfico de drogas estende-se desigualmente pelo globo e é um dos crimes que mais facilmente se adaptou ao processo de globalização, fazendo uso das novas tecnologias de infor-

mação e participando activamente de circuitos financeiros internacionais que não revelam grande interesse em apurar a origem dos capitais, podendo mesmo dizer-se que até contribuem para os branquear. Nas rotas ilegais do tráfico de drogas circulam outras mercadorias, igualmente ilícitas, como armas e até mesmo pessoas (Font e Rufí 162). Por outro lado, a própria movimentação migratória inclui indivíduos com experiência no mercado de drogas e noutro tipo de criminalidade, transportando essas experiências para as implementar por todo o globo (Schiller e Fouron 232).

É precisamente nesse registo de conciliação das mais diversas actividades que certas organizações ilegais actuam em Portugal, onde começam por introduzir imigrantes, passando depois a estabelecer relações nos mercados de drogas e a adquirir casas de alterne. Assim, provavelmente, esses traficantes acabarão por se envolver mais em mercados ilegais preferenciais, como a prostituição, o tráfico de armas e de drogas (Peixoto et al. 256). Em muitos países, o tráfico de substâncias globalizou-se muito eficazmente, numa nova e mais complexa configuração semelhante à da indústria globalizada (Santana 99), em que se associam outras práticas ilegais e igualmente lucrativas. Acrescente-se que este tráfico não remete apenas para as drogas ilegais, uma vez que também são traficados outros produtos legais, como o tabaco e o álcool (Buss 1582). Assim, o fenómeno da globalização, acompanhado pelo drástico aumento do consumo de drogas, também forneceu a esse mercado respostas transnacionais a tão grande e sôfrega procura. Para tanto, contribuem as alterações dos mercados de trabalho, que levaram à fragilização de determinados sectores, como por exemplo o das pescas, cujos trabalhadores, por via da industrialização, se viram sem meios de subsistência, passando a dedicar-se ao tráfico ilegal de drogas, de tabaco e de pessoas (Aguirre 33). A par deste fenómeno, outros se foram desenhando à sombra da economia global gerando, por um lado, melhores condições para uns mas, por outro lado, maiores dificuldades de integração para outros que, face a situações de dificuldade e de precariedade laboral, se voltam mais facilmente para a ilegalidade (Aguirre 106).

Pode mesmo afirmar-se que o fenómeno da globalização, a par de um grande desenvolvimento a vários níveis, gerou condições potenciadoras da ilegalidade e da marginalização. Esta última, por sua vez, também se associa estreitamente ao fenómeno do crime (Findlay 115).

2.3. **GLOBALIZAÇÃO, MARGINALIZAÇÃO E CRIME**

A globalização impõe uma radical reposição das interacções, dos contextos de poder e de autoridade e, muito frequentemente, tende a sugerir uma maior capacidade para marginalizar, o que tem relações com o contexto do crime (Findlay 116).

Efectivamente, enquanto alguns consideram que a globalização cria empresas capazes de aumentar os postos de trabalho, outros desconfiam dessa visão altruísta dos detentores de grandes capitais, alegando que o interesse desses gigantes da actual economia será o de aproveitar a necessidade de trabalho por parte das populações locais (Siegel 236). Assim sendo, verificar-se-á um aumento de situações de pobreza e, também, de marginalização daqueles que, não tendo acesso às mesmas oportunidades de sucesso, poderão voltar-se para o crime. Neste clima, os criminosos de diversas áreas globalizam as suas acções à semelhança das empresas multinacionais legais, traficando mercadorias e pessoas à margem da lei. Nessas múltiplas facetas da criminalidade global, muitos encontram espaço e refúgio

para as situações de marginalização que se ligam tão frequentemente ao crime (Findlay 137) mediante ciclos, que seguem as etapas presentes no esquema seguinte.

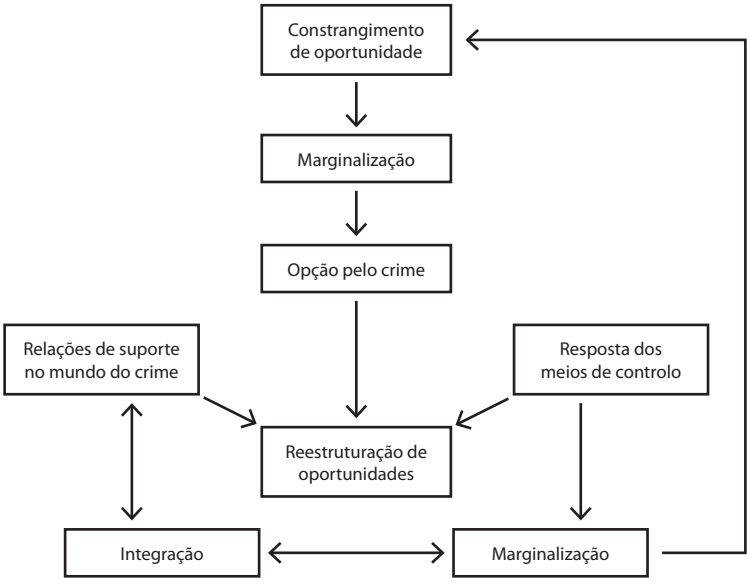


Figura 1. Ciclos de marginalização e a sua relação com o crime (adaptado e ampliado de Findlay, 2000).

Efectivamente, no contexto da globalização, as oportunidades de sucesso por vias legais apresentam-se cada vez menos acessíveis a muitos dos jovens residentes em meios urbanos. Para a juventude urbanizada, o chamado *gang*, ou o grupo de pares delinquentes, pode providenciar o apoio necessário e as oportunidades para alcançar o ambicionado sucesso, por vias da ilegalidade. Acontece que, na verdade, o *gang* é apenas uma pequena dimensão local das grandes redes de criminalidade internacional. Perante a associação entre criminalidade e globalização, e face à ligação entre marginalização e adesão ao crime, parece pertinente referir o seguinte (Findlay 126): a grande motivação subjacente à escolha pelo crime passa pela marginalização; a opção pela criminalidade é um passo significativo em direcção a uma multiplicidade de actividades ilícitas; o mundo do crime e as suas interacções encontram maiores fontes sociais de poder, e a opção pelo crime promove o estabelecimento de relações, numa rede que estimula a globalização dessas actividades ilegais. Assim, a tendência para a maior segregação que se tem vindo a desenvolver nas actuais sociedades globalizadas não parece o melhor caminho para combater a criminalidade.

3. **NOTAS CONCLUSIVAS**

Este artigo referiu apenas alguns dos principais aspectos que levam a que o fenómeno da globalização se apresente tão benéfico quanto danoso, apontando também algumas das suas dimensões e a forma como as mesmas afectam os comportamentos, nomeadamente a conduta criminosa. Após uma muito breve análise de certas facetas do crime que se têm desenvolvido à sombra da globalização, apresentou-se a relação entre aquele fenómeno e a tendência para a marginalização, bem como entre esta última e a possibilidade de adesão

à criminalidade, designadamente, pelas camadas mais jovens das cidades do mundo globalizado.

De facto, o que aqui se procurou foi alertar para o crime que prolifera através das oportunidades facultadas pelo fenómeno da globalização. A nova realidade criminosa estende-se por diversas áreas que se interligam sob grandes poderes que controlam o tráfico de drogas, de armas, de pessoas, etc., pelo que é inegável que o crime tem vindo a crescer à sombra da globalização e, simultaneamente, se tem globalizado. Por isso, parece ser chegado o momento de rever a educação e o desenvolvimento de forma mais adaptável a tão grandes desafios. Pode afirmar-se que a velha criminalidade, como a prostituição, o tráfico de drogas e de armas, se adaptou à globalização e, concomitantemente, pode falar-se de um novo espectro do crime mais actual e emergente deste contexto global. Assim, tudo leva a crer que é chegada a altura de pensar em formas de adaptar, também, as instituições de controlo social a esta nova realidade criminosa.

BIBLIOGRAFIA

Aas, Katja. *Globalization and Crime*. London: SAGE Publications, 2007.

Aguirre, Mariano. *Los dias del futuro: la sociedad internacional en la era de la globalización*. Barcelona: Içaria Editorial, 1995.

Buss, Paulo M. "Globalização, pobreza e saúde". *Ciência e saúde colectiva* 12.6 (2007): 1575-89.

Canclini, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

Chan, Janet. "Globalisation, Reflexity and Practice of Criminology". *Transnational and Comparative Criminology.* Ed. James Sheptycki e Ali Wardak. London: GlassHouse Press, 2003. 337-55.

Findlay, Mark. *The Globalisation of Crime*. Cambridge: Cambridge UP, 2000.

Font, Joan, e Joan Rufí. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume Editor, 2006.

Fontanel, Jackes. "O Estado e o processo de globalização". *Ensaios FEE* 19.2 (1998): 9-37.

Gorender, Jacob. "Globalização, tecnologia e relações de trabalho". *Estudos avançados* 11.29 (1997): 311-49.

Kempadoo, Kamala. "Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres". *Cadernos Pagu* .25 (2005): 55-78.

Kyle, David, e John Dale. "Smuggling the State Back in: Agents of Human Smuggling Reconsidered". *Global Human Smuggling. Comparative Perspectives.* Ed. David Kyle e Rey Koslowski. Maryland: The Johns Hopkins UP, 2001. 29-57.

Leal, Maria Lúcia, e Maria de Fátima Leal. "Tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual e comercial no Brasil. Realidades e desafios". *A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil. Reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais*. Ed. Renata Libório e Sónia Sousa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 266-88.

Miguel, Nuno. "Globalização, crime organizado e terrorismo: que relação?" *Negócios estrangeiros* .14 (2009): 112-222.

Moreira, Rómulo. "Globalização e crime". *Revista dos tribunais* 92.811 (2003): 469-96.

Nelken, David. "Globalization and Crime". *A Handbook of Comparative Social Policy*. Ed. Patricia Kennett. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2004. 373-87.

Nye, Joseph. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

Peixoto, João, et al. *O tráfico de migrantes em Portugal: perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas.* Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, 2005.

Repetskaia, Anna. "Classifying the Elements of Human Trafficking Crimes". *Human Traffic and Transnational Crime*. Ed. Sally Stoecker e Louise Shelley. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2002. 47-62.

Robertson, Roland. *Globalization. Social Theory and Global Culture*. London: SAGE Publications, 2000.

Santana, Adalberto. "A globalização do narcotráfico". *Revista brasileira de política internacional* 42.2 (1999): 99-116.

Santos, Boaventura. "Por uma concepção multicultural de direitos humanos". *Revista crítica de ciências sociais* .48 (1997): 11-32.

Savage, Mike, Gaynor Bagnall, e Brian Longhurst. *Globalization and Belonging*. London: SAGE Publications, 2005.

Scheper-Hughes, Nancy. "The Global Traffic in Human Organs". *Current Anthropology* 41.2 (2000): 191-224.

Schiller, Nina, e Georges Fouron. "Killing Me Softly: Violence, Globalization, and the Apparent State". *Globalization, the State, and Violence*. Ed. Jonathan Friedman. Oxford: AltaMira Press, 2002. 203-48.

Sen, Amartya. *Development as Freedom*. Oxford: Oxford UP, 1999.

Siegel, Larry. *Criminology*. 10ª ed. Belmont: Thomson, 2009.

Silva, Ana, et al. "Prostitutas, 'traficadas' e pânicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre "tráfico de seres humanos". *Cadernos Pagu* .25 (2005): 153-84.

Vasconcelos, Marcia, e Andréa Bolzon. "Trabalho forçado, tráfico de pessoas e género: algumas reflexões". *Cadernos Pagu* .31 (2008): 65-87.

Velloso, Renato. "A economia globalizada e a criminalidade". *Nómadas. Revista crítica de ciencias sociales y jurídicas* .20 (2008): 529-33.

Wilson, Ernest J. *The Information Revolution and Developing Countries.* Cambridge: The MIT Press, 2004.

Zaluar, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES SOBRE A VIOLÊNCIA INTERPESSOAL

Lúcia Machado
Mestre em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
luciamgsm@sapo.pt

Ana Isabel Sani
Professora Associada
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
anasani@ufp.edu.pt

Madalena Sofia Oliveira
Mestre Assistente
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
madalena@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 412-423 (2010)
Submetido/Submitted: 31 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 14 Set. 2010

RESUMO
Para avaliar as crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal realizamos um estudo quantitativo com 522 estudantes do ensino secundário do Norte e Centro de Portugal, de ambos os géneros e com idades entre os 15 e os 19 anos. Os dados recolhidos através da Escala de Crenças da Criança sobre a Violência revelaram que os argumentos legitimadores dos actos violentos derivam de razões de ordem social, cultural, educacional, mas sobretudo individual. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas para o total e em factores da ECCV em função do género e níveis etários.

PALAVRAS-CHAVE
Crenças, violência, adolescentes

ABSTRACT
To assess adolescents' beliefs about interpersonal violence we conducted a quantitative study of 522 high school students in northern Portugal, of both sexes and aged between 15 and 19 years old. Data collected through the Belief Scale of the Child on violence revealed that the arguments for legitimizing violent acts derived from social, cultural and educational reasons, but above all from individual reasons. There were significant differences in total and factors of ECCV gender and age levels.

KEYWORDS
Beliefs, violence, adolescents

1. **INTRODUÇÃO**

O fenómeno da violência encontra-se intimamente ligado às representações sociais, na medida em que estas condicionam positiva ou negativamente a sua percepção. A forma como cada pessoa interpreta os acontecimentos violentos depende da maneira como ela percepciona a realidade envolvente, abarcando não só as suas experiências pessoais, mas também toda uma matriz social e cultural onde se encontra inserida (Ribeiro e Sani 178; Zulueta 176). Desta forma, o fenómeno da violência remete-nos para as noções de representação social, crenças, estereótipos e pré-conceitos, presentes na vida social de cada sujeito, bem como para as noções relativas à influência da produção cultural, dos hábitos e dos símbolos culturais na estruturação dessas mesmas representações (Porto 250).

As crenças sobre a violência poderão ter um papel preponderante na compreensão do fenómeno da violência nas relações interpessoais, pois podem ou não legitimar, estes comportamentos. A interpretação de determinada situação vai condicionar a maneira como o indivíduo age, daí a importância de perceber quais as crenças associadas à violência. É geralmente aceite que o elevado número de comportamentos violentos registados por jovens está relacionado com atitudes de aceitação da violência (Cauffman et al. 653). A legitimação quanto ao uso da violência pode conduzir à perpetuação e agravamento de comportamentos violentos nos relacionamentos entre os jovens, havendo reciprocidade de comportamentos e de atitudes (Machado, Matos e Moreira 73).

A banalização do fenómeno da violência é caracterizada, fundamentalmente, pela legitimação do uso da agressão, quer física quer simbólica, como meio de regulação ou resolução de conflitos de interesses (Guimarães e Campos 189). O período da adolescência é fulcral na interiorização de mensagens veiculadas quer pela família, quer pelos grupos sociais onde o jovem se insere, as quais muitas vezes apelam às diferenças de género (valorizando-se e privilegiando-se o poder patriarcal), num processo que contribui, largamente, para o recurso à violência nos relacionamentos íntimos (Nutt 121). Alguns estudos com esta população (por exemplo, Lavoie, Robitaille e Hébert 34; Oliveira 14; Ribeiro e Sani 180; Sebastião et al. 43) que indicam a presença de alguns mitos sobre a violência, formas tradicionais de a conceber e que tendem a minimizar a sua prevalência e os seus efeitos. Estes são, então, muitos dos argumentos que enquadram teoricamente e justificaram a realização do presente estudo.

2. **O ESTUDO SOBRE CRENÇAS DE ADOLESCENTES SOBRE VIOLÊNCIA**

2.1. **OBJECTIVOS**

Este estudo teve como objectivo geral contribuir para uma melhor compreensão das crenças dos adolescentes sobre a violência. Os objectivos específicos deste estudo são os seguintes: i) Caracterizar as crenças sobre a violência dos adolescentes que estudam no ensino secundário de instituições escolares nacionais; ii) Determinar quais os fundamentos mais comuns na determinação das crenças dos adolescentes; iii) Analisar se existem diferenças ao nível das crenças sobre a violência dos adolescentes em função do género;

2.2. **MÉTODO**

2.2.1. **PARTICIPANTES**

Este estudo integra 522 estudantes de escolas secundárias e profissionais do distrito do Porto (Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo, Vila Nova de Gaia e Porto), Viana do Castelo, Bragança, Vila Real e Aveiro. Em termos de distribuição por género destaca-se a participação de 272 rapazes (52,1%) e 250 raparigas (47,9%), com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos de idade, sendo a média etária de 17,23, com um desvio padrão de 1,27. Dos 522 sujeitos que integraram a amostra, 175 frequentam o 10.º ano (33,5%), 174 frequentam o 11.º ano (33,3%) e 173 frequentam o 12.º ano de escolaridade (33,1%).

2.1.2. **INSTRUMENTO**

Para a realização deste estudo foi utilizada a Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (ECCV), construída e validada por Sani em 2003 para crianças e jovens portugueses com idade entre os dez anos e os 18 anos. Este instrumento permite avaliar algumas das crenças que os sujeitos possuem em relação à violência interpessoal, independentemente das situações retratadas fazerem ou não parte das vidas dos sujeitos. Os itens desta escala retratam essencialmente as tipologias de violência física e psicológica, comummente identificados e relatados pelas vítimas e público em geral. Cada item da escala representa uma ideia ou crença relativamente ao fenómeno da violência existindo para cada um hipóteses de resposta apresentadas num formato tipo *Likert*, com quatro opções, definidas como 1 – não concordo, 2 – concordo pouco, 3 – concordo e 4 – concordo muito. No geral os itens estão orientados desde crenças menos irracionais (1) a mais irracionais (4), à excepção de três itens (3, 27, 32) nos quais a cotação se inverte, alterando assim a sua interpretação.

As análises estatísticas à ECCV revelaram um *alpha* de Cronbach de .86 e diferenciaram quatro factores, os quais isoladamente têm também uma estrutura consistente com valores de alpha que oscilam entre .54 e .77. Os factores desta escala designam-se da seguinte forma: a) determinantes sócioculturais (abrange as diferenças históricas e culturais que podem originar violência; engloba a descriminação relativa à idade e ao género), b) determinantes individuais (integra a diversidade de razões pessoais que podem servir de fundamento e desculpabilização para o exercício de violência entre indivíduos), c) determinantes educacionais (remete para a ideia de que a violência justifica-se quando utilizada para punir e educar), d) etiologia da violência (integra as crenças sobre a origem da violência adoptando um fundamento biológico: a ideia de que a violência é inata e não adquirida e fundamento psicossocial: como há igualdade psicológica e social a violência não resulta das diferenças entre os indivíduos) (Sani 923-25).

Prévio ao estudo foram reexaminadas as qualidades psicométricas da ECCV para a presente amostra tendo os resultados revelado um *alpha* de Cronbach de .84 e replicada teoricamente a estrutura factorial supracitada.

A pontuação total mínima é 32 e a máxima é 128. Uma pontuação alta significa que a criança possui ideias congruentes com as afirmações que cada item apresenta, ou seja, quanto maior o grau de concordância com as alíneas, maior é a tendência do sujeito para apresentar crenças erróneas.

2.2.3. **PROCEDIMENTOS**

Para a elaboração do presente estudo houve necessidade de formalizar um requerimento à Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), bem como às escolas pertencente ao distrito de Aveiro, onde constava os objectivos da investigação, os instrumentos a utilizar, assegurando a confidencialidade de todos os resultados que se viessem a obter. Após a autorização para a recolha dos dados por parte da DREN foi solicitado consentimento à direcção das escolas, bem como informações sobre o horário dos alunos e disponibilidade dos docentes. Para assegurar o normal funcionamento das aulas, acordamos com os docentes procedimentos a serem adoptados para a aplicação dos instrumentos. O critério utilizado para a composição da nossa amostra teve por base a amostragem aleatória dentro das escolas seleccionadas, tendo o cuidado de distribuir de acordo com o género, idade e ano de escolaridade. A recolha dos dados decorreu entre Janeiro de 2008 e Junho de 2009. Os participantes tiveram conhecimento dos objectivos da investigação, sendo-lhes garantido o anonimato e a livre opção quanto à não participação. Seguidamente procedeu-se à leitura do instrumento em voz alta, seguindo-se um eventual esclarecimento de dúvidas e por fim o preenchimento individual do questionário. É importante salientar que todos os estudantes tiveram uma participação voluntária e deram o seu consentimento informado.

Os dados recolhidos foram introduzidos numa base de dados com vista a um tratamento estatístico com o apoio do programa informático *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 17.0, para o Windows.

2.3. **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

Os resultados que serão apresentados de seguida, referem-se ao tratamento estatístico efectuado, sendo elaboradas dois tipos de análises: análise descritiva para verificar frequências percentuais relativas aos dados recolhidos para os diversos itens da escala e análise diferencial para verificar se há diferenças nos resultados em função das variáveis independentes previamente definidas.

2.3.1. **ANÁLISES DESCRITIVAS**

Numa análise descritiva à tabela 1 concluímos que relativamente ao factor 1 os valores percentuais destacam-se para todos os itens em torno da opção de resposta "não concordo," o que reflecte um nível de crenças ajustado face às afirmações de fundamento sociocultural. São disso exemplo o item 25 "As mulheres têm direitos diferentes dos homens e por isso mais vale aguentar a violência" que obteve valores de concordância de 6,3%; o item 29 "Os homens têm mais direito de bater nos outros do que as mulheres" com 9,4% dos jovens a concordarem ou o item 26 "As crianças têm direitos diferentes dos adultos e por isso mais vale não contar que são maltratadas" com valores de 8,6% de concordância global. Não obstante tais resultados, o item 13 "A violência entre crianças não passa de brincadeira" teve um nível de concordância de 47,7%, o item 28 "A violência é um método que tenta resolver um problema" teve um nível de concordância de 32,4% dos sujeitos e o item 7 "Só controla a violência quem a exerce, os outros nada podem fazer" teve um nível de concordância de 28,7% na nossa amostra.

O factor individual ainda é muito utilizado para legitimar a violência, o item 9 "O álcool é responsável pela violência das pessoas" teve um nível de concordância de 81,2% dos adolescentes, no entanto só 15,9% dos mesmos pontuaram 4 (concordo muito). O item 1 "Para uma pessoa magoar outra tem que haver um motivo" teve um nível de concordância de quase três quartos da nossa amostra (74,3%), sendo que destes sujeitos a maioria pontuou 3 (concordo) e 4 (concordo muito). O item 2 "Quando se bate em alguém é porque essa pessoa fez algo de errado" obteve a concordância de 64,9% dos adolescentes, no entanto 27,4% dos sujeitos concordaram pouco. O item "As pessoas violentas são doentes da cabeça e não sabem o que fazem" obteve uma concordância de 57,3% da amostra e só 14% concordaram muito. O item 5 "É porque se confia nas pessoas que estas abusam ou magoam outras" teve um nível de concordância de 57,3% da amostra, no entanto só uma pequena parte (8,2%) dessa amostra concordou muito.

No factor educativo a grande maioria dos sujeitos discordam de todos os itens, excepto do item 30 "Quando os pais batem nos filhos é para eles se corrigirem". Este item apresenta uma distribuição mais repartida pelas diversas possibilidades de resposta, com 47,1% dos adolescentes a discordarem da afirmação, 36,8% a concordarem pouco, 13% a concordarem e 3,1% a concordarem muito, o que perfaz um total de 52,9% de adolescentes a concordarem com a afirmação.

Para o factor etiologia da violência 68% dos adolescentes concordaram com o item 3 "A violência tem a ver com o querer exercer controlo". O item 27 "A violência é algo que se aprende" apresenta um nível de concordância de 48,9% e só 5% dos sujeitos concordam muito com a afirmação. O item 32 "A violência tem a ver com o poder ou desigualdade" esteve perto de conseguir a concordância da maioria dos sujeitos, uma vez que 45,2% concordou. O item 27 e 32 indicam que a maioria da nossa amostra discorda que estes dois argumentos estejam na origem do aparecimento de comportamentos violentos.

Podemos concluir que para todas as afirmações existe uma grande variedade de respostas que vão desde não concordo (1) a concordo muito (4). No entanto, a maioria dos sujeitos justifica os seus actos violentos em determinantes individuais, na medida em que mais pontuam, de forma tendencialmente errónea, no factor 2. Destaque também para o facto da violência entre crianças não ser tida com grande preocupação, sendo por vezes assumida como uma brincadeira, assim como é relevante a percentagem dos que não consideram que a violência é aprendida, quando a sua origem pode estar na modelagem de comportamentos.

Tabela 1. Crenças dos adolescentes sobre a violência (n=522)

	Escala de Crenças da Criança sobre a Violência	Não Concordo (%)	Concordo Pouco (%)	Concordo (%)	Concordo Completa-mente (%)
Determinantes Socioculturais	7. Só controla a violência quem a exerce, os outros nada podem fazer	71,3	18,0	8,0	2,7
	11. A violência entre dois adultos é normal e aceitável	89,3	7,9	2,1	,8
	13. A violência entre crianças não passa de brincadeira	52,3	37,2	8,6	1,9
	14. Só conseguimos lidar com a violência se formos violentos também	80,8	12,3	5,7	1,1
	21. A violência não pode ser controlada	79,1	15,7	3,1	2,1
	23. É mais grave uma mulher bater num homem do que um homem bater numa mulher	86,4	7,9	3,1	2,7
	24. É mais grave uma criança bater num adulto do que um adulto bater numa criança	76,2	11,3	8,8	3,6
	25. As mulheres têm direitos diferentes dos homens e por isso mais vale aguentar a violência	93,7	4,2	1,5	,6
	26. As crianças têm direitos diferentes dos adultos e por isso mais vale não contar que são maltratadas	91,4	5,4	1,9	1,3
	28. A violência é um método que tenta resolver um problema	67,6	20,9	9,0	2,5
	29. Os homens têm mais direito de bater nos outros do que as mulheres	90,6	6,5	2,1	,8
Determinantes Individuais	1. Para uma pessoa magoar outra tem que haver um motivo	25,7	15,7	29,7	28,9
	2. Quando se bate em alguém é porque essa pessoa fez algo de errado	35,1	27,4	22,6	14,9
	5. É porque se confia nas pessoas que estas abusam ou magoam outras	45,8	27,4	18,6	8,2
	6. A violência deve ser uma preocupação somente para quem é violento	69,2	18,4	7,5	5,0
	8. As pessoas violentas são doentes da cabeça e não sabem o que fazem	42,7	26,1	17,2	14,0
	9. O álcool é responsável pela violência das pessoas	18,8	34,1	31,2	15,9
	10. Quem se droga não tem culpa de ser violento	73,4	18,2	5,4	3,1
	15. A violência está ligada a relacionamentos pouco afectivos entre as pessoas	42,9	27,4	23,2	6,5
	16. A violência sobre pessoas é sobretudo cometida por estranhos	60,2	28,2	9,6	2,1
	19. Quando a violência ocorre dentro de casa é dentro de casa que tem que ser resolvida. Ninguém deve meter-se	61,9	22,4	7,9	7,9
	20. Só quando a violência ocorre na rua ou noutros sítios públicos devemos meter-nos para acabar com a situação	53,6	24,5	13,6	8,2
	22. As pessoas que são maltratadas e não pedem ajuda é porque não se importam de apanhar	78,9	13,0	4,6	3,4
Determ. Educativos	4. As pessoas da família (ex: pais) têm direito de bater ou tratar mal	87,0	11,1	1,1	,8
	12. Um adulto (ex: pai, professor) tem direito a magoar uma criança para a educar	84,3	12,5	2,9	,4
	17. Um pai ou uma mãe têm direito a tratar mal o seu filho, porque eles é que mandam em casa	88,5	8,6	2,7	,2
	18. Quem cuida (ex: pais) têm todo o direito de bater	81,4	14,8	3,1	,8
	30. Quando os pais batem nos filhos é para eles se corrigirem	47,1	36,8	13,0	3,1
	31. As pessoas merecem apanhar para aprenderem	77,2	18,6	3,1	1,1
Etiol.	3. A violência tem a ver com o querer exercer controlo	32,0	21,8	25,7	20,5
	27. A violência é algo que se aprende	51,1	22,4	21,5	5,0
	32. A violência tem a ver com poder ou desigualdade	54,8	23,0	14,8	7,5

2.3.1. **ANÁLISES DIFERENCIAIS**

Pela observação da tabela 2 verifica-se que as diferenças são estatisticamente significativas para p<.001 para o total da ECCV, assim como para o Factor 1 , Factor 2 e Factor 3. Os resultados mostram assim que há diferenças quanto às crenças sobre a violência entre rapazes e raparigas, revelando que os sujeitos do género masculino, no geral, apresentam mais ideias distorcidas relativamente ao fenómeno da violência interpessoal. Os valores do desvio padrão são também eles maiores no género masculino do que no feminino, o que evidencia igualmente maiores níveis de dispersão dos resultados no ECCV. Relativamente ao Factor 4 as diferenças observadas não são estatisticamente significativas (p>.05).

Tabela 2. Teste T Student para amostras independentes relativos ao total e factores da ECCV em função do género

	Grupos	n	Média	D.P.	t	g.l.	p
Total ECCV	Masculino	272	52.11	11.40	5.136	494.281	000*
	Feminino	250	47.66	8.28			
Factor 1 Determ. Socioculturais	Masculino	272	14.91	4.19	5.005	489.295	000*
	Feminino	250	13.33	2.97			
Factor 2 Determ. Individuais	Masculino	272	22.96	5.55	3.586	516.227	000*
	Feminino	250	21.36	4.68			
Factor 3 Determ. Educativos	Masculino	272	8.21	2.64	5.103	478.898	000*
	Feminino	250	7.21	1.79			
Factor 4 Etiologia da violência	Masculino	272	6.03	2.20	1.426	520	154
	Feminino	250	5.76	2.04			

*p<.001

Na tabela 3 compara-se os resultados obtidos nos diversos factores da ECCV para os diferentes escalões etários com objectivo de verificar se há diferenças entre si. A análise revela que existem diferenças estatisticamente significativas para o Factor 2 – Determinantes Individuais (p≤ .001) e para o Total ECCV (p<. 05). Através do teste de *Scheffe* foi possível através da comparação múltipla dos cinco escalões etários (dois a dois) verificar a existência de diferenças entre médias somente entre o grupo de alunos de 16 e 17 anos (p = .002).

Tabela 3. *Anova One Way* para testar diferença de médias no total e factores da ECCV em função da idade

	Grupos		n	Média	D.P.	*F*	*p*	*Scheffe*
Total ECCV	G1	15 Anos	60	50.13	9.5	3.157	.014*	G2 > G3
	G2	16 Anos	94	52.61	10.5			
	G3	17 Anos	135	47.86	10			
	G4	18 Anos	134	50.49	10.7			
	G5	19 Anos	99	49.58	9.8			
Factor 1 Determ. Socioculturais	G1	15 Anos	60	13.87	3.8	1.435	.221	n.s.
	G2	16 Anos	94	14.88	3.9			
	G3	17 Anos	135	13.75	3.6			
	G4	18 Anos	134	14.26	3.9			
	G5	19 Anos	99	14.05	3.4			
Factor 2 Determ. Individuais	G1	15 Anos	60	22.62	4.6	4.553	.001**	G2 > G3
	G2	16 Anos	94	23.67	5.6			
	G3	17 Anos	135	20.81	5.0			
	G4	18 Anos	134	22.40	5.2			
	G5	19 Anos	99	22.14	5.0			
Factor 3 Determ. Educativos	G1	15 Anos	60	7.68	2.5	0.524	.718	n.s.
	G2	16 Anos	94	7.94	2.3			
	G3	17 Anos	135	7.51	2.0			
	G4	18 Anos	134	7.77	2.4			
	G5	19 Anos	99	7.81	2.6			
Factor 4 Etiologia da violência	G1	15 Anos	60	5.97	2.3	1.108	.352	n.s.
	G2	16 Anos	94	6.12	2.0			
	G3	17 Anos	135	5.79	2.1			
	G4	18 Anos	134	6.06	2.2			
	G5	19 Anos	99	5.58	2.0			

*p<.05 ** p<.001

2.4. **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Neste estudo os resultados mostram que os adolescentes adoptam menos os justificativos de ordem sociocultural, uma vez que discordaram da maioria dos itens que descreviam factores dessa natureza como determinantes da violência interpessoal. Por exemplo, as afirmações que têm subjacentes a legitimação da violência pelo controlo e poder masculino e submissão feminina tiveram alto nível de discordância, contrariando assim as concepções tradicionais relativamente ao género. Tal aspecto é de particular relevância uma vez que, sendo reconhecido que as representações que elaboramos relativamente à violência (Porto 264) podem legitimar ou não o uso ou até a permissividade de comportamentos violentos nos relacionamentos (Machado, Matos e Moreira 73), isto pode constituir um sinal positivo e um bom ponto de partida para desconstrução e debate acerca da não aceitabilidade da violência interpessoal.

Heise (142) e Machado, Matos e Moreira (76) defendem que a preservação da privacidade familiar é uma das crenças legitimadoras da violência. Neste estudo verificamos que 38,1% dos adolescentes admitem algum grau de concordância com a ideia de que "Quando a violência

ocorre dentro de casa é dentro de casa que tem que ser resolvida. Ninguém deve meter-se," sendo essa percentagem reforçada pelos valores de concordância de 46,4% na afirmação "Só quando a violência ocorre na rua ou noutros sítios públicos devemos meter-nos para acabar com a situação". Levar uma vida sem violência é direito de todos e a todos compete dizer 'não' à violência, pelo que devemos envolver-nos nesta questão porque a violência não é um assunto privado e achar que é ou ser tolerante abre caminho à discriminação (Sani 70).

O uso de álcool enunciado na literatura como um factor de risco de predisposição a comportamentos violentos (é apontando por 81,2% dos adolescentes como causa da violência, sendo esta uma crença errónea que fortemente se destaca entre os resultados apurados nesta investigação. Esta crença de que a violência se pode dever a causas externas e fora do controlo do agressor (por exemplo, álcool e drogas) (Heise, 142; Machado, Matos e Moreira 76) deturpam fortemente as concepções quanto à etiologia do problema.

A legitimação do uso da agressão como meio de regulação ou resolução de conflitos de interesses (Guimarães e Campos 189) e mesmo como método legítimo de educação através de castigos corporais (Canha 20) encontra-se ainda bastante arreigada na nossa sociedade, reflectindo os valores vigentes. No nosso estudo verificamos que 84,3% dos adolescentes discordaram da afirmação" um adulto (por exemplo, pai, professor) tem o direito a magoar uma criança para a educar," não obstante haver 52,9% dos adolescentes que assumem posição concordante com a afirmação "os pais batem nos filhos para eles se corrigirem," o que revela que embora não aceite há em muitas circunstâncias uma certa tolerabilidade pelo uso de práticas de disciplina punitiva.

No geral o género masculino apresenta crenças mais erróneas relativamente à violência interpessoal. A nível etário as análises só revelaram diferenças estatisticamente significativas para as determinantes individuais e para o total de ECCV entre o grupo de alunos de 16 e 17 anos. Alguns estudos anteriores têm apontando a possível influência de variáveis de ordem individual ao nível das representações sobre a violência (Ribeiro e Sani, 183), todavia a forma como essa influência se estabelece ainda não está totalmente clarificada.

3. **CONCLUSÃO**

Podemos verificar que muitos dos argumentos legitimadores dos actos violentos derivam de razões de ordem social, cultural, individual e educacional. A legitimação da violência com base em discriminação de género não se verifica nesta amostra de adolescentes. Não significa que razões culturais não fundamentem as crenças destes jovens, mas são sobretudo determinantes individuais os que maior aceitação tem na explicação da violência interpessoal. A crença de que a violência se deve a causas externas e fora do controlo do agressor (por exemplo, álcool) ainda se encontra muito enraizada na nossa sociedade e isso transparece na amostra deste estudo. Os adolescentes deste estudo ficaram muito divididos com a ideia de que a violência é algo que se aprende. Menos de metade dos jovens é que concordam que o comportamento do indivíduo sofre influência do ambiente, especialmente proveniente do ambiente familiar, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coacção.

A tolerância social presente em diversos contextos, como a família ou escola, quanto ao uso da violência, não deixa de estar associada, frequentemente, à legitimação de comportamentos, muitas vezes erroneamente pensados, como modos de demonstração de afecto nos

relacionamentos ou de cuidado parental. A desconstrução de tais concepções constitui um passo importante, senão o primeiro, na modificação individual de condutas pautadas pela violência nas relações interpessoais. Neste sentido os resultados deste estudo poderão contribuir e apoiar a realização de debates e programas de prevenção da violência que incluam a modificação de crenças erróneas, de modo a atenuar a violência interpessoal. As intervenções que diminuam a tolerância à violência, por exemplo através de programas escolares que abram a discussão a esta problemática ou que promovam o ensino de estratégias não violentas de resolução de conflitos, podem constituir importantes passos no sentido da prevenção primária da violência.

BIBLIOGRAFIA

Canha, Jeni. "A criança vítima de violência". *Violência e vítimas de crime*. Vol. 2 - Crianças. Ed. Carla Machado e Rui Gonçalves. Coimbra: Quarteto Editora, 2002. 13-36.

Cauffman, Elizabeth, et al. "The (Un)acceptability of Violence Against Peers and Dates". *Journal of Adolescent Research* .15 (2000): 652-73.

Guimarães, Sílvia P., e Pedro Campos. "Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes". *Psicologia: reflexão e crítica* 20.2 (2007): 188-96.

Heise, Lori. "Gender-Based Abuse: the Global Epidemic". *Cadernos de saúde pública* 10.1 (1994): 135-45.

Lavoie, Francine, Line Robitaille, e Martine Hébert. "Teen Dating Relationships and Aggression". *Violence Against Women* .6 (2000): 6-36.

Leonard, Kenneth. "Alcohol Use and Husband Marital Aggression Among Newlywed Couples". *Violence in Intimate Relationships.* Ed. Ximena Arriaga e Stuart Oskamp. London: Sage Publications, 1999. 113-35.

Machado, Carla, Marlene Matos, e Ana I. Moreira. "Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária". *Psychologica* .33 (2003): 69-83.

Nutt, Roberta. "Women's Gender-Role Socialization, Gender-Role Conflict, and Abuse: A Review of Predisposing Factors". *What Causes Men's Violence Against Women?* Ed. Michèle Harway e James O'Neil. Thousand Oaks CA: Sage Publications, 1999. 117-34.

Oliveira, Madalena S. *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Diss. Mestrado. U Porto, 2009.

Porto, Maria S. "Crenças, valores e representações sociais da violência". *Sociologias* .16 (2006): 250-73.

Ribeiro, Conceição, e Ana I. Sani. "As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal". *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Fernando Pessoa* .5 (2008): 176-86.

Sani, Ana I. *As crianças e a violência. Narrativas de crianças vítimas e testemunhas de crimes*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

---. "Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (ECCV)". *Actas XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos*. Ed. Carla Machado et al. Braga: Psiquilibrios, 2006. 917-26.

---. "Violence in society and social responsibility". *Actas do Cidadania(s) – Congresso Internacional sobre Discursos e Práticas*. Ed. Teresa Toldy, Cláudia Ramos e Sérgio Lira. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2007. 69-72.

Sebastião, João, et al. *Escola e violência: conceitos, politicas, quotidianos. Relatório de pesquisa*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, 2004.

Zulueta, Felicity. "Theories of Aggression and Violence". *Forensic Psychotherapy. Crime, Psychodynamics and the Offender Patient.* Vol. I. Ed. Christopher Cordess e Murray Cox. London: Jessica Kingsley Publishers, 1996. 175-86.

NOS DESPOJOS DA CRISE ECONÓMICA E FINANCEIRA: A INVIABILIDADE DE UMA MOEDA MUNDIAL

Paulo Vila Maior
Professor Associado
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
pvm@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 424-434 (2010)
Submetido/Submitted: 24 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 28 Set. 2010

RESUMO
A crise económica e financeira colocou o mundo perante desafios sem precedentes. A criação de uma moeda mundial – como resposta à crise e como medida preventiva de futuras crises – é equacionada. A moeda mundial esbarra em três obstáculos que têm diferentes enfoques teóricos: teoria realista (relações internacionais), teoria das escolhas racionais (ciência política) e teoria das zonas monetárias óptimas (ciência económica). A heterogeneidade é o pano de fundo da economia política real que domina a economia internacional, liquidando as aspirações da moeda mundial.

PALAVRAS-CHAVE
Crise económica; economia mundial; FMI; moeda mundial

ABSTRACT
The ongoing crisis raised important challenges. The idea of creating a world currency to overcome the crisis and to prevent future crisis is examined. However appealing it might be, the idea of a world currency faces three obstacles with different theoretical insights: realism (international relations), rational choice (political science), and the optimum currency area theory (economics). Theoretical heterogeneity is the political economic template of international economics, therefore jeopardising the aspirations of a world currency.

KEYWORDS
Economic Crisis; World Economy; IMF; World Currency

INTRODUÇÃO

Ainda sem ter sido totalmente dobrada a crise económica e financeira, há já algumas ilações a retirar. Com uma crise tão profunda e demorada como pano de fundo, este seria o contexto (pelo menos em tese) para medidas de fundo que combatessem os problemas actuais e prevenissem o surgimento de novas crises no futuro. A profundidade e a extensão da crise económica e financeira seriam a janela de oportunidade para a ruptura com o passado e a moeda mundial o ingrediente da ruptura. Todavia, a criação de uma moeda mundial, possivelmente gerida pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), não chegou a ser equacionada nas negociações internacionais que se seguiram à eclosão da crise financeira e económica (Goodhart). Ainda que não tenha saído do plano das ideias, importa apreciar a ideia e confrontá-la com o mundo como o conhecemos.

Interessa, pois, isolar os factores de ordem teórica que negam validade à moeda mundial. Os obstáculos resultam da teoria das relações internacionais (o realismo), da ciência política (teoria da escolha racional) e da economia (teoria das zonas monetárias óptimas). Mesmo que a possível criação da moeda mundial remeta para a economia, outras disciplinas científicas fornecem o substrato da moeda mundial. Esse é o papel desempenhado pelas relações internacionais e pela ciência política. Se a moeda mundial viesse a ser concretizada, os seus efeitos seriam mais estudados pelos economistas. Mas o que permite compreender o ambiente favorável à criação de uma moeda mundial é a ciência política de braço dado com as relações internacionais. Deste modo, limitamo-nos a recolher ensinamentos em correntes dominantes nas três disciplinas para se apreciar a possibilidade de concretização de uma moeda mundial.

1. OBSTÁCULOS COLOCADOS PELAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: A INFLUÊNCIA DO REALISMO

Socorremo-nos de um paradigma dominante – o *realismo* – para configurar a admissibilidade da proposta. De acordo com os preceitos da escola realista (Jackson e Sørensen), as soluções contempladas pelos decisores políticos são predeterminadas pela envolvente mundial. Entenda-se, pelo mundo como ele é, não de acordo com propostas normativas que não configuram, num determinado momento, as condições aceitáveis em que se enquadra o mundo (Gismondi). As opções de quem está envolvido em negociações internacionais são optimizadas em função das variáveis exógenas que não podem ser influenciadas pelos agentes envolvidos nas negociações. As soluções contempladas são as possíveis em virtude dos constrangimentos externos que são alheios à vontade e à capacidade de manobra dos intervenientes (Scheuerman). Ainda que, por vezes, as opções escolhidas sejam incompreensíveis para o observador comum, menos atento à influência surda exercida pelos constrangimentos externos que suplantam (e assim condicionam) a vontade dos negociadores. De acordo com a escola realista, os actores internacionais devem pautar o seu comportamento por padrões de flexibilidade. Só dessa forma possuem a capacidade de ajustamento às variáveis externas que não conseguem controlar (Donnelly).

O realismo importado das relações internacionais é útil para perceber o poderoso constrangimento exógeno com que a criação de uma moeda mundial se confronta. A moeda continua a ser olhada – e erradamente olhada – como um símbolo da soberania nacional (Milward). Quando alguma lucidez retira aquela carga simbólica da moeda, sobra a percep-

ção de que a moeda é um referencial de pertença, nem que mais não seja devido aos rostos de soberanos e a símbolos de identidade nacional que aparecem inscritos nas moedas e notas. A partir do momento em que a moeda nacional é consagrada, pelas autoridades nacionais, como um referencial de pertença, erguem-se obstáculos intransponíveis à sua substituição pela moeda mundial.

Apesar da UE se ter colocado na vanguarda quando avançou para a integração monetária, substituindo as moedas nacionais pelo euro (actualmente em dezassete dos vinte e sete Estados membros), a renúncia à moeda nacional em detrimento de uma nova moeda comum é olhada com desconfiança por países que não estejam envolvidos num processo de integração económica e política. Àqueles países falta uma cultura de socialização transnacional alimentada pelo enraizamento de hábitos de contacto e de aprendizagem com as boas práticas que um certo Estado membro da UE oferece aos demais (Schimmelfennig). Aos líderes políticos destes países não é oportuno reconhecer que a transição para uma moeda única na Europa não determinou uma perda de soberania dos países que abdicaram da respectiva moeda nacional (Dornbusch). A inconveniência em admitir os efeitos da integração monetária europeia está na necessidade em conservar o poder ao nível nacional, nem que esse poder seja apenas uma encenação para que os cidadãos se convençam de que o exercício do poder ainda se localiza na esfera nacional. Antes da moeda única europeia, formalmente os bancos centrais nacionais detinham o controlo da política monetária nacional. Todavia, na prática, todos se limitavam a seguir as orientações de política monetária do banco central alemão (Verdun). Com a transição para a moeda única e a criação do Banco Central Europeu, os Estados membros que eram seguidores passaram a ter uma palavra na concepção da política monetária da zona euro. Conseguiram, desse modo, reconquistar um poder que factualmente tinham perdido para a Alemanha. Ora, este cenário não é compatível com a erosão da soberania, como reivindicam os detractores da união monetária europeia.

Fora de ambiciosas experiências de integração económica e política, os países mostram-se pouco sensíveis a abdicar de elementos que consideram ingredientes da respectiva soberania nacional. Ainda que no passado recente existam inúmeros exemplos de efectiva abdicação da moeda nacional sem que ela formalmente seja substituída por outra, comum a vários países: assim aconteceu em todos os países que decidiram indexar o valor da moeda nacional ao dólar dos Estados Unidos (no que ficou conhecido como fenómeno da "dolarização") (Alesina e Barro). A invocação da moeda nacional como símbolo de soberania é um equívoco conceptual. Aceita-se quando esse atributo é invocado por leigos, por quem ignore os cânones da ciência política que ensinam os três alicerces da soberania nacional (Heywood): território, população e poder político. A relutância dos decisores políticos dos países é menos compreensível para um observador desatento. Insinua-se a inadmissibilidade dos políticos desconhecerem que a moeda não é um elemento constitutivo da soberania e que nem sequer seja um símbolo dessa soberania, atendendo ao processo de integração monetária em curso na UE e à perda factual de soberania (se esse fosse o ângulo de análise correcta) naqueles países que indexaram a sua moeda à moeda de outro país.

É pela lente do realismo que melhor se explica a indisponibilidade de muitos países para aceitarem uma moeda mundial. A substituição da moeda nacional pela moeda mundial poderia ser entendida, ao nível nacional, como cedência de poder. Se o monopólio do exercício da autoridade caracteriza a natureza do Estado (Hoffman), e se essa variável é um dado adquirido quando os países se envolvem na sociedade internacional obedecendo um código de conduta que tem no respeito recíproco da soberania nacional a sua pedra de toque

(Shaw), estes elementos são incorporados na análise realista das relações internacionais. Uma vez mais, o mundo é como é, não como gostaríamos que ele fosse. Nesta concepção realista das relações internacionais, mais importante do que admitir os efeitos benéficos de uma moeda mundial é a percepção dos elevados custos que ela representaria para quem nesse momento detiver o poder nos países. Para não caucionarem a anomia (e para não serem eles a dar cobertura ao desrespeito da autoridade em que se viram investidos), os líderes nacionais recusaram negociar a hipótese de uma moeda mundial (Goodhart).

2. **OS OBSTÁCULOS COLOCADOS PELA CIÊNCIA POLÍTICA: A TEORIA DA ESCOLHA RACIONAL**

O segundo contributo teórico que facilita a compreensão da moeda mundial vem da ciência política: a teoria da escolha racional (Elster). Esta teoria compreende uma abordagem social abrangente que analisa comportamentos humanos e apresenta teorias e hipóteses testáveis. São três os pressupostos da teoria da escolha racional (Pollack 32): i) o indivíduo é a unidade básica de análise; ii) os indivíduos têm comportamentos que maximizam a sua utilidade; e iii) as expectativas utilitaristas dos indivíduos dependem, contudo, de factores exógenos que constrangem as suas escolhas, ou seja, a decisão racional é tomada após a consideração das diversas alternativas em equação e dos obstáculos alheios à vontade do indivíduo. Os resultados dependem da interacção dos interesses dos indivíduos, depois de sopesados os constrangimentos exógenos com que se deparam. Um certo resultado é possível pela convergência de interesses de certos indivíduos que, num determinado momento, são os protagonistas.

A teoria da escolha racional centrada no comportamento dos actores relevantes é um valioso enquadramento teórico para a análise da moeda mundial. Coloca a ênfase nos interesses e nas estratégias dos actores e de como influenciam o processo político, quer ao nível nacional quer quando se articulam na ordem internacional. Os actores (nacionais e transnacionais; governos e não governamentais) maximizam os seus interesses independentemente das pressões exercidas por forças políticas e sociais (Neyer). A teoria desvaloriza o papel das organizações internacionais, negando-lhes autonomia e atribuindo-lhes uma influência residual na conformação das soluções internacionais (Pollack). São as escolhas dos actores mencionados que predeterminam o comportamento das organizações internacionais; por conseguinte, a atribuição de competências de gestão de uma moeda mundial ao FMI estaria sempre dependente do consentimento (e do interesse a concorrer nesse sentido) dos governos nacionais, aqui considerados como os actores mais relevantes.

O potencial explicativo da teoria da escolha racional está na resposta à seguinte interrogação: do conhecimento que temos do mundo e dos interesses que conformam as preferências dos governos nacionais, existem condições para a criação de uma moeda mundial? Em parte, a resposta incorpora elementos que são tangentes à análise feita no contexto do realismo das relações internacionais. Ou seja, a perda da moeda nacional não é consistente com os interesses domésticos dos governos nacionais, que passam pela afirmação de autoridade perante os cidadãos.

Para além desta coincidência, as expectativas racionais que norteiam o comportamento dos governos nacionais são condicionadas por uma dupla percepção. Em primeiro lugar, a heterogeneidade macroeconómica entre os países não aconselha a introdução de soluções

que forcem a homogeneidade onde ela está ausente (Barro). A moeda mundial implicaria a adopção de uma política monetária única que não poderia levar em consideração as necessidades específicas de certos países que se desviassem do padrão dominante na configuração da política monetária. Em segundo lugar, a consequência da heterogeneidade macroeconómica: perante as diferenças acentuadas entre os países, aos governos nacionais interessa conservar instrumentos que possibilitem uma acomodação às exigências do ciclo económico (Bofinger). Neste sentido, é do interesse dos governos nacionais manter a moeda nacional e preservar alguma autonomia (a que for possível num mundo crescentemente globalizado) na política monetária.

Estes dados correspondem às características da teoria da escolha racional: i) cada governo nacional, individualmente considerado, é a unidade de análise. As decisões que tomam levam em linha de conta as preferências nacionais; ii) as opções são consistentes com a maximização da utilidade de cada governo nacional. É o que se verifica quando os governos nacionais desvalorizam, ou até ignoram, a moeda mundial por não a considerarem adequada à maximização dos respectivos interesses nacionais; iii) a decisão tomada avalia as variáveis exteriores que a podem condicionar. É nesse contexto que exercem influência a profunda diversidade e a falta de sincronização entre as economias nacionais (Inklaar e de Haan). Aliás, parece nítido o veículo de transmissão entre este aspecto da teoria da escolha racional e a abordagem realista das relações internacionais: num caso como noutro, as decisões tomadas expõem-se, em última instância, aos constrangimentos colocados por variáveis exógenas. Neste caso, paradoxalmente, os constrangimentos externos concorrem a favor da preservação dos poderes nacionais.

Em síntese, consideramos que é sobretudo pelo ângulo de análise da teoria das escolhas racionais que se percebe a falta de interesse dos governos nacionais na moeda mundial. A moeda nacional é um útil instrumento de política económica. A moeda serve de concretização às preferências nacionais, tendo em conta a amplitude das diferenças económicas entre os países.

3. **OS OBSTÁCULOS COLOCADOS PELA CIÊNCIA ECONÓMICA: A TEORIA DAS ZONAS MONETÁRIAS ÓPTIMAS**

É possível recolher ensinamentos da ciência económica que são pouco favoráveis à criação de uma moeda mundial. À ciência económica interessa estudar as condições necessárias para a criação de uma zona monetária composta por vários países que aceitam substituir as moedas nacionais por uma nova moeda – a moeda única. Se essas condições estiverem preenchidas, estamos perante uma zona monetária óptima (mais vulgarmente conhecida como união monetária). A teorização data da década de sessenta (Mundell; McKinnon; Kenen), não sendo actualmente consensual entre os economistas (Artis). Consideramos, todavia, que é uma teoria relevante para perceber se a proposta de criação de uma moeda mundial é exequível. No entanto, como ferramenta analítica da moeda mundial, a teoria esbarra numa importante restrição: foi sempre usada para testar a viabilidade de uma união monetária entre um grupo restrito de países entre os quais exista proximidade regional, alguma homogeneidade macroeconómica e alguma identidade quanto às respostas de política económica. Identificada a restrição, será ocasião para apreciar as condições de validação económica da moeda mundial usando a única ferramenta teórica disponível para o efeito.

Para que uma união monetária entre vários países possa vingar é necessário perceber se estão satisfeitos determinados requisitos. Se ela não preencher esses requisitos, está longe de ser "óptima;" as probabilidades de obter sucesso esbarram na incapacidade de satisfazer aquelas condições prévias. De acordo com a teoria das zonas monetárias óptimas, uma moeda única só se pode impor se os países que a ela aderem mostrarem, à partida, alguma homogeneidade macroeconómica. Os países que empreendem a transição para a união monetária não devem apresentar grandes desequilíbrios nas preferências entre a inflação e o desemprego (Frankel e Rose): se um país apostar numa política de estabilidade de preços e outro optar pelo combate ao desemprego, aceitando taxas de inflação mais elevadas, podem-se gerar desequilíbrios incompatíveis com o funcionamento da zona monetária (que assim deixará de ser óptima). Como os países participantes na união monetária perderam um instrumento que estavam habituados a utilizar como mecanismo de ajustamento macroeconómico (a política cambial), menos sentido faz a participação numa união monetária se entre eles forem visíveis as diferenças entre inflação e desemprego (Alesina, Barro e Tenreyro). Só fará sentido o grupo de países avançar para a união monetária se, à partida, entre eles existir uma certa identidade de opções de políticas económica e não forem profundas as assimetrias na inflação.

Para impedir o agravamento dos diferenciais de inflação durante a união monetária, os países devem possuir idênticos mecanismos de determinação de aumentos salariais para evitar que discrepantes sistemas de fixação dos aumentos salariais transmitam impactos inflacionistas diferenciados. Quando os países estudam a possibilidade de formarem uma zona monetária óptima, as assimetrias de inflação são um obstáculo; pior seria se as diferenças de inflação fossem alimentadas por diferenças nas estruturas dos mercados de trabalho dos Estados membros da união monetária (Kydland e Prescott). Nesse caso, os diferenciais de inflação não seriam uma herança do passado; seriam o resultado da diversidade de comportamentos dos países. A união monetária poderia fracassar se os Estados membros não conseguissem ser homogéneos neste domínio.

Também as opções de política orçamental devem ser semelhantes. Está condenada ao fracasso uma união monetária onde convivam países conhecidos pela tradição de disciplina orçamental com outros onde a indisciplina orçamental é património genético. Os desequilíbrios resultantes de elevados défices orçamentais e de elevados níveis de endividamento traduzem-se num perigoso efeito de contágio do qual são vítimas os países bem comportados no plano orçamental (Buiter, Corsetti e Roubini). Neste sentido, também foram enfatizados os canais de transmissão entre a política orçamental e a política monetária: países que escorreguem para a indisciplina orçamental serão culpados pela elevação das taxas de juro. Numa conjuntura macroeconómica adversa, o aumento da taxa de juro penaliza indiscriminadamente os países que sejam bem comportados e os países mal comportados. Manda a prudência que os países interessados em formar uma união monetária só avancem se entre eles existir uma identidade político-económica quanto ao uso que dão à política orçamental. De outro modo, a consistência da (futura) união monetária está hipotecada.

Por fim, a teoria das zonas monetárias óptimas chama a atenção para os efeitos adversos de desníveis nas taxas de crescimento económico entre os países que se propõem a formar uma união monetária. Estas diferenciais são incompatíveis se a união monetária não for acompanhada por mecanismos de redistribuição de riqueza dos países mais abastados para os países mais carenciados (ou em favor daqueles que sofram um temporário abrandamento da taxa de crescimento, por comparação com os demais) (Kletzer e von Hagen). Na

ausência destes mecanismos, e na impossibilidade de utilizar a taxa de câmbio para recuperar assimetrias de crescimento económico, as disparidades prolongam-se no tempo. Para prevenir o fenómeno, é imprescindível assegurar alguma convergência das economias dos países durante a transição para a união monetária. De outro modo, a união monetária ficará associada a um agravamento das assimetrias de crescimento (e de desenvolvimento) entre os Estados membros.

A descrição abreviada da teoria das zonas monetárias óptimas é a prova cabal da inviabilidade da moeda mundial. Se em relação à união monetária europeia, onde o grau de homogeneidade é maior em comparação com a economia internacional, foram várias as vozes céticas quanto às possibilidades de sucesso da moeda única (por exemplo, Mélitz), os obstáculos que se levantam à concretização da moeda mundial são de outra dimensão. Nem seria preciso comparar países que se situam em diferentes escalões quando são classificados em função do grau de desenvolvimento; a simples comparação entre algumas das maiores economias permite a observação de profundas diferenças de comportamento macroeconómico (Blanchard), até das diferentes opções de política económica em resposta a uma determinada fase do ciclo económico.

É um problema de escala. Se, no contexto europeu, a união monetária avançou de forma cautelosa e mesmo assim não escapou a severas críticas, por maioria de razão redobram de intensidade os obstáculos à moeda mundial pelo agravamento das diferenças nos principais agregados macroeconómicos e nas opções de política económica. Não baseamos esta conclusão apenas na comparação das diferenças existentes entre os países europeus e as mais acentuadas diferenças que caracterizam a economia internacional; um ingrediente em abono desta conclusão é a participação dos países europeus na UE, enquanto no exterior da Europa as experiências de integração existentes não envolvem os países membros com a mesma profundidade. Como seria possível conceber uma moeda mundial se, por exemplo, as autoridades europeias e as autoridades dos Estados Unidos optaram por diferentes estratégias de política económica no combate à crise económica e financeira (Dolls, Fuest e Peichl)? Como seria viável uma moeda mundial se as autoridades responsáveis pela política monetária têm diferentes abordagens diante da actual conjuntura (conservadorismo da política monetária europeia em contraponto com o esmagamento das taxas de juro, hoje próximas do zero, nos Estados Unidos)?

Perante a diversidade nos agregados macroeconómicos e as reacções assíncronas das autoridades responsáveis pela política económica, a economia internacional está longe de satisfazer as condições de viabilidade de uma moeda única aconselhadas pela teoria das zonas monetárias óptimas.

CONCLUSÃO

A análise à moeda mundial partiu do seguinte pressuposto: perante os desafios colocados pela profunda e demorada crise económica e financeira actual, faria sentido repensar a arquitectura da ordem internacional monetária e criar uma moeda mundial. Do contraponto entre os possíveis ganhos da moeda mundial e as zonas de sombra que impossibilitam medir com precisão os seus custos, sobressaem os constrangimentos colocados pela teoria em três domínios: relações internacionais, ciência política e ciência económica. Todavia, a problemática em análise podia ser abordada através de diferentes pressupostos. Primeiro,

poder-se-ia interrogar se a crise económica e financeira que ainda perdura podia ser evitada, ou os seus efeitos negativos antecipados, através de uma moeda mundial. Segundo, é oportuno interrogar se determinadas moedas já não assumiram, no passado, o papel informal de moeda mundial.

Quanto ao primeiro problema, propomos uma resposta que desliga as causas da crise, bem como as soluções que para ela se possam preconizar, da emergência de uma moeda mundial. Esta crise não teve motivações monetárias nem resultou de uma acumulação de crises cambiais. A origem da crise é exterior a factores de ordem monetária e cambial. Por conseguinte, não parece razoável encarar a moeda mundial como panaceia para crises com a natureza e a dimensão da actual crise. Neste sentido, esgotava-se um argumento em favor da criação de uma moeda mundial.

A segunda interrogação obriga a um exercício retrospectivo. No passado, o dólar norte-americano desempenhou o papel de reserva de valor mundial. Assim aconteceu com o sistema monetário internacional instituído após o final da segunda guerra mundial até ao seu colapso em 1973, no qual o dólar era a âncora do sistema e da estabilidade cambial que o sistema assegurava. Mesmo depois de 1973, quando o mundo entrou no "não sistema monetário internacional," o dólar continuou a exercer protagonismo como unidade monetária de referência em diversos domínios (com particular importância para a denominação de operações de comércio internacional e como unidade monetária de referência para as cotações internacionais de matérias-primas).

BIBLIOGRAFIA

Alesina, A., e R. J.Barro. "Dollarization". *The American Economic Review*, 91.2 (2001): 381-85.

Alesina, A., R. J. Barro, e S. Tenreyro. "Optimal Currency Areas". *NBER Macroeconomics Annual* 17. (2002): 301-45.

Artis, M. J. "Reflections on the Optimal Currency Area (OCA) Criteria in the Light of EMU". *International Journal of Finance & Economics* 8.4 (2003): 297-307.

Barro, R. J. "Inequality and Growth in a Panel of Countries". *Journal of Economic Growth* 5.1 (2000): 5-32.

Blanchard, O. "The Economic Future of Europe". *Journal of Economic Perspectives* 18.4 (2000):3-26.

Bofinger, P. *Monetary Policy: Goals, Institutions, Strategies, and Instruments*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

Buiter, W., G. Corsetti, e N. Roubini. "Excessive Deficits: Sense and Nonsense in the Treaty of Maastricht". *Economic Policy* 16.Abr. (1993): 58-90.

Dolls, M., C. Fuest, e A. Peichl. *Automatic Stabilizers and Economic Crisis: US Vs. Europe*. IZA Discussion Paper no. 4310, 2009.

Donnelly, J. *Realism and International Relations*. Cambridge: Cambridge U P, 2000.

Dornbusch, R. "Euro Fantasies: Common Currency as Panacea". *Foreign Affairs*, 75. (1996): 110-24.

Elster, J., ed. *Rational Choice*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

Frankel, J. A., e A. K. Rose. "The Endogeneity of the Optimum Currency Area Criteria". *The Economic Journal* 108.449 (1998): 1009-25.

Gismondi, M. D. *Ethics, Liberalism and Realism in International Relations*. London: Routldge, 2008.

Goodhart, C. A. "The regulatory response to the financial crisis". *Journal of Financial Stability* 4.4. (2008): 351-58.

Heywood, A. *Politics*. 3ª ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

Hoffman, J. *Citizenship Beyond the State*. London: SAGE Publications, 2004.

Inklaar, R., e J. Haan. "Is There Really a European Business Cycle? A Comment". *Oxford Economic Papers* 53.2 (2001): 215-20.

Jackson, R., e G. Sørensen. *Introduction to International Relations: Theories and Approaches*. 3ª ed. Oxford: Oxford U P, 2007.

Kenen, P. B. "The Theory of Optimum Currency Areas: An Eclectic View". *Monetary Problems of the International Economy*. Eds. R. Mundell and A. K. Swoboda. Chicago: U of Chicago P, 1967. 41-60.

Kletzer, K., e J.von Hägen. "Monetary Union and Fiscal Federalism". Ed. C. Wyplosz. *The Impact of EMU on Europe and the Developing Countries*. Oxford: Oxford U P, 2001. 17-39.

Kydland, F. E., e E. C. Prescott. "Rules Rather Discretion: the Inconsistency of Optimal Plans". *Journal of Political Economic* 85. (1977): 473-92.

McKinnon, R. I. "Optimum Currency Areas". *The American Economic Review* 53.4 (1963): 717-25.

Mélitz, J. "Assessing the Costs of European monetary union". *Atlantic Economic Journal* 24,.4 (1996): 269-80.

Milward, A. S. "The Frontiers of National Sovereignty". *The Future of the Nation State: Essays on Cultural Pluralism and Cultural Integration*. Eds. S. Gustavsson and L. Lewin. London: Routledge, 1996. 82-92.

Mundell, R. "A Theory of Optimum Currency Areas". *The American Economic Review* 51.4 (1961): 657-65.

Neyer, J. "The Deliberative Turn in Integration Theory". *Journal of European Public Policy* 13.5 (2006): 779-91.

Pollack, M. A. "Rational Choice and EU Politics". *Handbook of European Union Politics*. Eds. K. E. Jorgensen, M. A. Pollack, e B. Rosamond. London: SAGE Publications, 2006. 31-55

---. *The New Institutionalisms and European Integration*. Constitutionalism Web-Papers ConWEB no. 1/2008.

Scheuerman, W. F. "Carl Schmitt and Hans Morgenthau: Realism and Beyond". *Realism Reconsidered: The Legacy of Hans J. Morgenthau in International Relations*. Ed. M. C. Williams. Oxford: Oxford UP, 2007. 62-92.

Schimmelfennig, F. "Transnational Socialization: Community-building in an Integrated Europe". *Transnational European Union: Towards a Common Political Space*. Eds. W. Kaiser e P. Starie. London: Routledge, 2005. 61-82.

Shaw, M. N. *International Law*. 6ª ed. Cambridge: Cambridge UP, 2008.

Verdun, A. "Monetary Integration in Europe: Ideas and Evolution". *The State of the European Union: Risks, Reform, Resistance, and Revival*. Eds. M. Green Cowles e M. Smith. Oxford: Oxford UP, 2000. 91-109.

NEGOCIAÇÃO E GRH: RESULTADOS PROVISÓRIOS DE UM ESTUDO QUALITATIVO

Ricardo Bessa Moreira
Doutorado em Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
ricardo.m.b.moreira@clix.pt

Pedro Cunha
Professor Associado
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
pcunha@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 436-448 (2010)
Submetido/Submitted: 10 Mai. 2010 / Aceite/Accepted: 28 Set. 2010

RESUMO

Abordar a negociação organizacional implica uma visão integrada sobre o processo negocial. As relações de poder entre o departamento de GRH e as diferentes divisões podem influenciar a performance organizacional. Este estudo baseia-se na análise de 20 entrevistas realizadas a outros directores de departamento(s) e unidade(s) sobre o papel negocial do departamento de GRH. De entre as principais conclusões, confirma-se a ideia de que o poder negocial subjacente à Gestão de Recursos Humanos pode ultrapassar uma lógica exclusivamente departamental.

PALAVRAS-CHAVE

GRH, Negociação, Poder e Performance

ABSTRACT

The study of the organizational negotiation requires an integrated view of the negotiation process. The balance of power between the HRM department and the other bodies plays a key role in organizational performance. This study is based upon the narrative analysis of 20 interviews undertaken with other department and unit directors regarding the role played by the HRM department in the negotiation process. One of the main findings of this study is that the idea that the power of negotiation inherent in HRM can transcend an exclusively departmental logic does indeed hold true.

KEYWORDS

HRM, Negotiation Power and Performance

1. **INTRODUÇÃO**

"O poder não é algo dividido entre os que o possuem, os que o detêm exclusivamente e os que não o têm e o suportam. O poder tem de ser analisado como algo que circula, ou melhor como algo que não funciona senão em cadeia. (…) O poder funciona, exercita-se através de uma organização reticular".

Foucault

Uma gestão dos recursos humanos estratégica que identifique as competências emocionais, sociais e técnicas de cada colaborador - que contribui para a sua motivação e os afecta individualmente para uma posição estratégica propiciadora de maiores vantagens competitivas - tem condições para interagir nas coligações que possam, hipoteticamente, emergir. Na medida em que os elementos que integram os diferentes departamentos possam, casualmente, incentivar a colaboração inerente aos objectivos partilhados - mais do que numa forma competitiva ou independente - negociarão com maior abertura e construtivamente as divergências para servir os clientes, relacionando a sua interacção com os resultados e os objectivos organizacionais delineados.

Grande parte do tempo dos colaboradores nas empresas é dedicado à negociação. Não é difícil equacionar quanto os gestores e, sobretudo, os gestores de GRH se dedicam a questões negociais. Negociar é um acto intrínseco à profissão de GRH. Todavia, os estudos empíricos que relacionam o poder negocial com as características organizacionais não abundam na literatura organizacional. A GRH como função 'partilhada' não se limita à participação das hierarquias em actividades confinadas aos responsáveis pela função. Trata-se de uma gestão dos colaboradores que deverá ser associada a uma gestão do processo de comunicação.

Os principais objectivos inerentes a este estudo inscrevem-se numa lógica de complexidade ao analisar-se até que ponto o poder negocial inerente à gestão das pessoas transcende uma perspectiva exclusivamente departamental. São os seguintes:

- Avaliar a participação da GRH no processo de tomada de decisão;

- Identificar e analisar as percepções dos outros departamentos sobre a importância, a influência e o estatuto do Departamento de Gestão de Recursos Humanos;

- Estabelecer ligação entre as várias formas/orientações de negociação (distributiva, integrativa e de motivos mistos) e os recursos utilizados nas diferentes práticas negociais empreendidas pela GRH (legitimidade, conhecimento e recursos materiais);

- Analisar os efeitos da intervenção da GRH na influência dos (des)equilíbrios de poder na negociação.

2. **GRH E NEGOCIAÇÃO: UMA BREVE REVISÃO DA LITERATURA**

A política é uma realidade para aqueles que tomam decisões nas organizações e começa a ser perspectivada para além dos parâmetros tradicionais na sua apropriação conceptual. Realça-se aqui a investigação desenvolvida por Bodla e Danish que avalia o grau de per-

cepção política nas organizações (POP - *Perceived Organizational Polítics*) e a sua influência na satisfação, no empenhamento, no envolvimento, no *stress* ou no *turnover*, tendo realizado 300 questionários a quadros de vários negócios (participantes em cursos de Gestão). A análise das correlações e da(s) variância(s) denota ligação negativa entre as supra-citadas percepções e a satisfação no trabalho, o empenhamento e envolvimento, mas expressa relação positiva com o *stress* e o *turnover*. Estes indícios podem contribuir para o incentivo a uma *performance* mais eficiente, baseada no mérito e na transparência. Sayli e Gormus confirmam esta ideia na sua reflexão sobre o papel de 'fronteira' que o Departamento de GRH desempenha, actuando como um 'pêndulo' entre a defesa dos interesses dos empregadores e dos empregados.

Na aferição do desempenho emerge na literatura a imagem do Departamento de GRH como um Departamento onde se gerem sensibilidades, ultrapassando-se o paradigma do Departamento de Pessoal. À semelhança de Pilenzo, que em 2009 realça um novo paradigma para os Recursos Humanos, Tobey e Benson, no seu *paper* sobre o alinhamento da *performance* e o valor percebido do cliente, mostram a força estratégica potencial que, no seu entender, o departamento deve assumir para conseguir ser influente. Wattanasupachoke realizou, também em 2009, uma pesquisa sobre a Gestão Estratégica de Recursos Humanos e a *performance* organizacional na qual demonstrou que a imagem, a reputação e a satisfação dos clientes têm uma grande preponderância estratégica para o departamento. Em determinados estudos análogos verificou-se o impulso de atribuir ao departamento um papel de parceiro estratégico, apesar de o cenário mais comum entre os inquiridos ser o do departamento acabar por actuar, com mais frequência, como parceiro de negócios.

O estatuto do Departamento de GRH é tema de discussão actual. Na pesquisa implementada por Farndale e Hope-Hailey no sector da Educação no Reino Unido demonstra-se a tendência para a manutenção de uma posição de 'baixo poder,' associada ao referido departamento e consubstanciada em rotinas rígidas, na fragmentação do poder departamental e na ambiguidade funcional do mesmo. O conceito de poder e a sua aplicabilidade nas organizações tem merecido gradual atenção por parte dos investigadores da área organizacional.

Na transposição destes pressupostos para o âmbito negocial, Brito, Capelle, Brito e Silva abordaram a dinâmica política no espaço organizacional, considerando as relações de poder numa organização cooperativa (um estudo de caso). Controlou-se todo o processo comunicacional e os desequilíbrios de poder durante a tomada de decisão inerente às negociações. Implicações similares acarreta a investigação de Spears e Parker que se debruça sobre a identificação negocial e o processo de tomada de decisão, partindo-se do princípio que os colaboradores têm as competências essenciais para se gerir conflitos. Esta abordagem aduz indicadores futuros para a investigação sobre negociação e para a percepção sobre a adequação de determinadas competências ao processo negocial. Um paralelo de intenções encerra o artigo de Guttman que defende que a gestão de conflitos deveria ser uma das competências-chave dos profissionais de Recursos Humanos.

Nos últimos anos têm aumentado os estudos empíricos em que negociação e emoções interagem. Olekalns e Smith são um reflexo deste tipo de investimento empírico, alegando dependência mútua entre poder, confiança e afectos na negociação. No nosso país um dos possíveis exemplos desta realidade é a reflexão de Almeida e Sobral sobre as *Emoções, Inteligência e Negociação: um Estudo Empírico sobre a Percepção dos Gerentes Portugueses*. Neste texto, os aspectos processuais são menos enfatizados em detrimento de um maior enfoque

nas características individuais do negociador. Esta asserção empírica (exploratória) comporta as percepções dos gestores das 500 maiores empresas nacionais sobre inteligência cognitiva e emocional. Ficou patenteado que os gestores atribuíram maior importância aos aspectos cognitivos do que aos aspectos emocionais. A pertinência de um maior controlo das emoções como imperativo de uma maior eficácia negocial é uma das conclusões desta pesquisa e serve de mote para o estudo empírico em vertente equação.

3. ESTUDO EMPÍRICO: A PARTICIPAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS NA NEGOCIAÇÃO ORGANIZACIONAL

Ao analisar a participação da GRH nas decisões e no negócio pretende-se equacionar a negociação relacionada com as percepções de (des)equilíbrio(s) de poder(es) no Departamento de GRH (através do estudo da visão dos outros departamentos numa perspectiva inter-departamental). Os conflitos agravam-se quando os desequilíbrios de poder entre departamentos se fazem sentir com maior intensidade. Trata-se, em última instância, da aferição do papel do departamento de recursos humanos nos fenómenos negociais tendo presente(s) contribuições percebidas de poder. Implícito nas categorias e dimensões está o propósito de investigar variáveis como: níveis de aspiração, tácticas, partilha de informação e avaliação subjectiva.

Actualmente, estas são variáveis importantes para o estudo da eficácia dos negociadores. Ao nível das abordagens que assentam em narrativas no âmbito da Gestão de Recursos Humanos sobressai o trabalho qualitativo empreendido por Kaudela-Baum e Endrissat. Os autores analisaram as dinâmicas estratégicas de GRH e advogaram a sua preponderância, tanto teórica como prática. Em complemento ao exposto surge o estudo de Aggarwal e Bhargava, no qual se equaciona a revisão da relação entre certas práticas de Recursos Humanos e o contrato psicológico, questionando-se sobre o seu contributo no comportamento dos colaboradores. As práticas emergentes da Gestão das Pessoas - alicerçadas em processos motivacionais de mudança social - podem conduzir a uma maior participação dos colaboradores, desde que sejam vistas como benéficas.

Devido à génese comportamental e às características de subjectividade de um dos objectos de estudo (o poder), a metodologia qualitativa reúne, *a priori*, as condições necessárias para uma efectivação apropriada desta temática - relacionada com o factor político no departamento de GRH e desenvolvida na perspectiva da negociação - que servirá de base à presente análise. A opção por uma amostra exploratória de conveniência fez-se sentir relativamente à escolha de quatro empresas consideradas, na sua quase totalidade, de grande dimensão. Foram realizadas 20 entrevistas com o intuito de se analisarem as perspectivas inter-departamentais sobre o poder e a política, tendo como base as diferentes expectativas, preocupações e percepções dos entrevistados, os quais eram Directores de diferentes Departamentos/Unidades, posicionalmente situados no organigrama ao mesmo nível hierárquico de atribuições. O facto de pertencerem, na sua maioria, a organizações com mais de 5000 colaboradores facilita o desenho funcional e estratégico das Unidades de Negócio, dada a complexidade das mesmas.

O mesmo fenómeno político pode ser relatado de formas divergentes. A análise de conteúdo é uma técnica de análise de textos em que os investigadores estabelecem as categorias e determinam as suas dimensões. Tratar uma entrevista como uma 'narrativa' significa ter

em conta as características de um texto. A transcrição de uma entrevista torna-a num texto. O recurso à categorização afigura-se particularmente adequado por poder constituir-se como um instrumento profícuo na tentativa de se contornarem os obstáculos subjacentes à interpretação dos dados qualitativos. Esta(s) técnica(s) auxilia(m) a análise dos dados, pois possibilita(m) a geração de evidências decisivas para as inferências teóricas incorporadas na investigação empírica.

As categorias escolhidas foram decididas *a priori* numa lógica de adequação a um contexto no qual se tenta analisar a dimensão política da GRH na perspectiva inter-departamental da tomada de decisão no âmbito negocial. Uma vez estabelecida, a matriz categorial não sofreu significativas modificações no processo de análise. Os principais vectores temáticos são a negociação e o poder no departamento de GRH. Assim, foram definidas as seguintes categorias de análise:

- papel da GRH na negociação nas organizações;

- orientações de negociação (distributiva, integrativa ou de motivos mistos);

- proximidade e participação da GRH na tomada de decisão negocial.

4. **ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS POR CATEGORIAS**

4.1. **PAPEL DA GRH NA NEGOCIAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES**

A maioria destas organizações possui origem 'matricial.' Segundo a tipologia de Mintzberg, as organizações tentam combinar o 'agrupamento funcional' com o 'agrupamento por fins,' convergindo departamentos e unidades de negócio. Dividido na base de agrupamentos funcionais, este tipo de organização 'facilita' a criação de equipas, constituídas por especialistas que realizam projectos comuns. A organização matricial tem como objectivos a partilha de conhecimentos e a adequação do saber dos especialistas aos trabalhos conjuntos.

Para grande parte dos entrevistados quem gere os recursos humanos não deixa de actuar enquanto uma espécie de 'mediador negocial,' não só no plano formal (negociações sindicais) como, substancialmente, ao nível dos acordos informais e das 'coligações':

> No meio disto, gerir pessoas é uma tarefa que está mais diluída na empresa, por isso não é só uma tarefa dos Recursos Humanos, mas é também uma tarefa na qual os Recursos Humanos poderão ter um papel regulador, potenciador (…). (E 7, p. 2)

> (…) Nesse sentido, para além de um gestor de sensibilidades o gestor de recursos humanos poderá ser um gestor de conflitos. O Departamento de Recursos Humanos pode ter um papel como *mediador*. (E 9, p. 4)

> Sendo o tal *pêndulo* entre o topo e a base (…). (E 14, p. 3)

> Nesse aspecto os Recursos Humanos, em termos de negociação, muito sinceramente… (silêncio prolongado) é um 'mediador,' não tem a função primeira de impor (…). (E 14, p. 4)

A mediação é o instrumento mais utilizado na integração de terceiros no processo negocial. No caso das organizações esta temática insere-se, gradualmente, numa lógica conflitual inter-grupal. A gestão dos conflitos assume, eventualmente, sentido duplo: para além de se implicar na mediação entre as partes do próprio grupo, pode-se, de igual modo, activar entre outros grupos (ou departamentos). A um mediador compete contribuir para clarificar as matérias de divergência – tomando consciência da origem conflitual das mesmas – e servir de 'facilitador' na identificação de áreas de convergência, ao mesmo tempo que flexibiliza eventuais concessões nos domínios do 'processo' e do 'conteúdo.'

Os sistemas negociais não institucionalizados proliferam no meio empresarial, sobressaindo no departamento que gere as pessoas, pelas suas características. É relevante para esta área equacionar como as interacções entre agentes organizacionais se reflectem nas decisões negociais. Os processos de decisão em matérias de GRH são, frequentemente, tidos como oportunidades de criação de '(des)acordos':

> Nesta empresa nem tanto, mas também se aplica um bocado isso. Parte muito do Departamento de Recursos Humanos. Têm de se fazer 'amigos,' têm de fazer com que o papel deles seja visto como uma oportunidade de melhoria e não como uma *ameaça*. É *chato* dizer que os outros é que têm de nos 'ajudar,' mas neste âmbito o Departamento de Recursos Humanos é que tem de demonstrar ter essas capacidades (de aprender mais sobre as unidades de negócio). (E 8, p. 4)

> Há situações em que se vai divergir, mas esse *espírito* leva-nos a chegar sempre a falar uns com os outros e com os Recursos Humanos e a chegar um *acordo*. (E 14, p. 2)

4.2. **ORIENTAÇÕES DE NEGOCIAÇÃO (DISTRIBUTIVA, INTEGRATIVA OU DE MOTIVOS MISTOS)**

Os elementos do Departamento de GRH intervêm numa espécie de *interface* organizacional, que pode comportar, para além de 'ameaças,' argumentos persuasivos e compromissos posicionais, que implicam acordos integrativos e resultados conjuntos. Os modelos psicossociológicos postulam como pressupostos imprescindíveis para o processo negocial a interacção estratégica e, por consequência, o surgimento de comunicação deficiente. Estes quadros conceptuais têm em consideração o facto de os *actores* poderem manipular as expectativas dos outros na questão do risco envolvido. Tal acção estabelece-se num binómio entre a divergência e a colaboração:

> Por exemplo, normalmente há um Director Financeiro e, normalmente, há um Administrador que também é responsável pela área financeira e pressupõe-se que seja uma pessoa da mesma área do Director Financeiro, com a qual o diálogo existe de outra forma. Nos Recursos Humanos tenho dúvidas que seja assim. Tenho dúvidas não, tenho a certeza que não é assim. (E 1, p. 3)

> Só com colaboração é que se resolvem as coisas. Ainda deveria haver mais reuniões… (E 2, p. 3)

> (Na negociação) o Departamento de Recursos Humanos tem que ter muita capacidade de comunicação para que os outros não o vejam como uma *intromissão*. (E 8, p. 4)

> Para quem lidera equipas, às vezes, é necessário tomar decisões para *o bem das organizações* que nem sempre vão ao encontro das expectativas de cada um… (E 11, p. 2)

A negociação materializa uma transformação de uma essência competitiva numa instância cooperativa. Se a oposição das partes é demasiado radical e evidente, e os 'territórios' estão bem circunscritos na separação de objectivos, com o desenvolvimento do processo, apesar das posições se manterem, as justaposições poderão pontificar, parcialmente, e a rigidez não será tão efectiva. Mas, a competição não deixa de existir, as estruturas nas quais assenta e se concretiza é que podem atenuar-se:

> "(…) Entramos naquela questão de: *até que ponto é que os Recursos Humanos estão a mexer no meu queijo*? (…) As pessoas que estão nas várias Direcções são, por norma, pessoas bastante competitivas (com ambição) e se vêem alguém meter o nariz no departamento deles… Pronto, por exemplo fiz um MBA no ano passado e notei muito isso… a maior parte das pessoas eram Directores (alguns Directores Gerais) e tivemos cadeiras relacionadas com a Gestão de Recursos Humanos, e quando se falava nisso, principalmente *os Directores de Produção mexiam-se na cadeira*… Porque diziam mesmo claramente que, das duas uma: ou o Director de Recursos Humanos percebe da função dele ou então está a *meter-se*; está a opinar coisas que não fazem sentido (…). Não sei muito bem como lhe responder… acho complicado. *Puxando um bocado a brasa à minha sardinha* e falando daquela parte que cada um de nós tem… a minha parte humana iria ficar um bocado 'estranha' se visse que alguém tem mais poder ou o mesmo poder que eu em determinadas decisões que dizem respeito ao meu departamento… (E 8, p. 3)

A negociação integrativa é exequível desde que o(s) pressuposto(s) que a gera(m) se alicercem em motivos cooperativos. Quando os benefícios são mútuos - e os proveitos podem ser 'repartidos' devido às estratégias que operacionalizam essa mútua consecução - estamos diante de imperativos integrativos. Este quadro direcciona-se para uma assunção negocial de génese multidimensional, uma vez que as trocas envolvidas são, na maior parte dos casos, multiformes. No entanto, apesar da interacção poder ser mais profícua do que a veiculada pelas estratégias distributivas, tal não equivale a dizer que haja um equilíbrio na afectação de 'ganhos.' O que se enfatiza, com relativo consenso, é a maior probabilidade de se chegar a um acordo.

4.3. **PROXIMIDADE E PARTICIPAÇÃO DA GRH NA TOMADA DE DECISÃO NEGOCIAL**

Para os outros directores, as decisões relativas à organização não aparecem, politicamente, como um fim em si mesmas. O facto da decisão política ter origem colectiva não retira

ao nível político um domínio muito particular. No desenho do(s) posicionamento(s) no(s) organigrama(s) o departamento de GRH é muito atreito a *pressões*, respondendo por decisões de amplitude estratégica que vêm da Administração e que podem causar-lhe constrangimentos (o exemplo mais candente é o dos despedimentos ou o das promoções):

> (…) É mesmo isso deveriam *poder dar a cara* por outro tipo de situações, mas a organização não está nas mãos dos Recursos Humanos. É um papel muito ingrato (…). (E 3, p. 3)

> É um papel ambivalente: defender os interesses das pessoas mas sem nunca prejudicar aquilo que a organização quer para as pessoas. (E 9, p. 1)

> O papel da Gestão de Recursos Humanos (…). Na minha equipa consigo perceber as motivações dos meus colaboradores, mas *ninguém me vai dizer a mim que quer o meu lugar*, está a perceber a ideia? (…) Para fazer isso tem que ser alguém que seja quase 'imparcial.' É aí que se enquadra o Departamento de Recursos Humanos. Tem que ser feito por alguém de fora… mais em termos daquilo que pode ser a evolução destas pessoas na organização (se gostam do que estão a fazer ou querem outros desafios) (…). (E 9, p. 3)

> (…) É um papel muito complicado, que eu não gostaria de ter, por uma questão muito simples: apesar de se ter de ter consciência da situação das pessoas as directrizes vêm de cima e, muitas vezes, não são do agrado das pessoas. De alguma forma ser o 'melhor amigo' e depois ter de ser 'o pior inimigo' é muito complicado… esta proximidade muitas vezes não se coloca, muitas vezes, por uma questão de 'mecanismos de defesa' por parte das pessoas que estão dentro do Departamento de Recursos Humanos. É quase serem *sindicalistas*… e eles não podem assumir esse papel (…). (E 9, p. 4).

No universo da gestão o conceito de 'politica' também assume outro significado. Do ponto de vista organizacional, a 'política' relaciona-se, igualmente, com os fins a atingir mediante os recursos disponíveis. É uma orientação de gestão que também se impregna de um certo sentido de 'manipulação social':

> (…) Tem que se ser *político* na gestão de conflitos (…). (E 12, p. 3)

> Existem comportamentos políticos e há uma enorme preocupação dos colaboradores em cumprir com aquilo que é a política da empresa a todos os níveis. *Grosso modo*, está perfeitamente *clarificado* para as equipas o que é que é a política; a estrutura e a estratégia da empresa. Repare uma coisa: depende da função, falo como Directora, há uma política que tem de ser cumprida só que há aquilo que chamamos de *jogo de cintura*" (…). (E 20, p. 3)

O discurso vem confirmar que, apesar do Departamento de GRH ter algumas incumbências, a forma como está organizado dificulta, de certo modo, uma maior movimentação negocial no (e do) mesmo, isto porque o controlo das contingências - que está sob a alçada da Administração e das chefias - é determinante para se conseguir congregar vantagens negociais fundamentais:

(…) Tenho a noção de que a Administração é que dita tudo, nas não quero estar aqui a..". (E 2, p. 2)

O grande problema parte da Administração e da visão que tem dos Recursos Humanos. Mesmo as questões das remunerações e prémios acabam por ser controladas pela Administração. Não estou a dizer que não o deva ser em termos de decisão final, mas não deve ser a própria Administração a conduzir o processo. (E 6, p. 2)

Quem tem que tomar decisões são as Direcções… Quando são tomadas decisões sobre pessoas (perfis) acho que é fundamental os Recursos Humanos darem a sua opinião mas, no que diz respeito a uma tomada de decisão mais estratégica (…), já é mais complicado (…) são mais as Direcções Gerais e a Administração a decidir (…). (E 8, p. 2)

A negociação acaba por ser feita pelas chefias (Direcções) mais a um nível *micro* do que *macro*… o *canal* é sempre feito pelas chefias até chegar aos Recursos Humanos (…). (E 15, p. 4)

Parece haver, pontualmente, a opinião de que a atribuição da influência do Departamento de GRH na negociação, formal e sobretudo informal, será tanto mais intensa quanto mais elevada for a posição na hierarquia - numa lógica de gestão abrangente e de orientações de negócio vincadas -, partindo-se do fundamento de que quem planeia e decide terá maior facilidade em entender a origem de um departamento com esta vertente:

É suposto que o Departamento de Recursos Humanos garanta uma visão transversal dos outros departamentos. Mas, é difícil o Departamento de Recursos Humanos ter a visão de outros departamentos. Eles tentam, sobretudo a sua Direcção, agora, é um desafio muito grande. (…). (E 8, p. 2)

A influência e o poder não estão, invariavelmente, dependentes da hierarquia, e impulsionam-se pelas interacções informais que se criam, mas a face mais 'oculta' do poder mantém-se 'por revelar' no tocante às sua(s) génese(s). Parece haver o sentimento generalizado de que a intervenção negocial do Departamento de GRH é bastante reduzida, principalmente no que diz respeito a assuntos que escapam aos seus objectivos particulares e a áreas que fujam da sua alçada. Em tudo o que não tenha que ver com a contratação ou a afectação do pessoal e a resolução dos seus problemas burocráticos, a sua capacidade de negociar 'esgota-se':

Eu não acho que o Departamento de Recursos Humanos se *interponha*, digamos assim, a esse nível de negociações… a menos que isso tenha a ver com gestão de pessoas. Se determinada decisão envolve as pessoas o Departamento de Recursos Humanos pode intervir ou, então, se é uma decisão de gestão *pura e dura*, em que o que está em causa é defender os interesses da organização, nesse caso, a negociação é directa entre as Direcções e a Administração. A menos que esteja pontualmente envolvido o Departamento de Recursos Humanos não participa nas negociações dos outros departamentos. Negoceia com a Administração e com os outros só quando a negociação tem a ver com pessoas (ex: aumentos salariais). Ouvem-se as partes e a decisão final pertence à Administração (…). (E 10, p. 3)

A ideia da forte influência da Administração nas acções de recursos humanos é dominante. É quase consensual a noção de que o Departamento de GRH goza de um estatuto relativamente pouco privilegiado considerando a escassa tomada de decisão estratégica em processos de negociação. A maioria dos directores de outros departamentos entrevistados aponta para uma certa convergência entre os objectivos da organização e os objectivos específicos do Departamento de Gestão de Recursos Humanos. No entanto, apesar destes actores percepcionarem alguma importância do departamento que gere as pessoas relativamente à 'missão' que realiza e à sua posição no organigrama, no que diz respeito à participação efectiva nas decisões essa relevância parece mais difícil de verificar-se, dado que as diversas 'culturas' das organizações demoram a assimilar certos pressupostos e a incorporá-los nas suas acções. A necessidade - patenteada na literatura e pelos próprios gestores de Recursos Humanos - de afirmar, por via discursiva, um estatuto diferenciado, encontra eventuais resistências no meio laboral.

5. **CONCLUSÃO**

Cada decisão tomada no âmbito da GRH assenta em impulsos de deliberação e manifesta-se num processo de escolha(s). A decisão, entendida num sentido mais lato, não deixa de ter um cunho subjectivo, neste caso por parte de quem gere os recursos humanos, podendo ser, por vezes, interpretada como arbitrária e mesmo que seja - em última instância - colectiva, a sua origem será sempre política e imputada à gestão de topo. O objectivo primário da decisão é supostamente convergente com determinados interesses dos colaboradores que constituem uma 'colectividade política,' no entanto, a sua concretização não corresponde, em múltiplos momentos, a essa lógica de complementaridade. A GRH é uma função disseminada pelos diferentes níveis de chefia e a responsabilidade do seu departamento enquanto órgão de suporte prende-se com a definição de sistemas transversais como o Desenvolvimento de Carreiras ou a Avaliação de Desempenho.

Não se pode escamotear que todos os departamentos, pelos recursos que mobilizam e pelos objectivos que patenteiam, têm a sua influência. No entanto, as conjunturas financeiras e de gestão e os contextos estratégicos é que determinam a intensidade de poder. O contributo de uma unidade ou departamento para a eficácia negocial depende, entre outros vectores, do grau de autonomia que lhe é imputado. Na globalidade das Divisões de RH, em avaliação, a dimensão jurídica permanece enraizada e condiciona o seu espaço de intervenção. As restantes unidades parecem ter outra 'margem de actuação.'

Nas entrevistas, muitos dos responsáveis pelos outros departamentos, ditos 'de suporte,' remetem para as unidades de negócio a preponderância no domínio da iniciativa de acção negocial. Embora a área dos recursos humanos integre quadros qualificados - pela sua génese e abrangência - não se consegue 'ultrapassar' um sentimento generalizado de legitimidade, por parte dos directores de unidade(s), para participar na resolução dos problemas que são intrínsecos a este Departamento de GRH, 'esvaziando' parcialmente a sua autoridade. A intervenção do departamento nas decisões organizacionais e de recursos humanos redunda na concepção de um sistema de recursos humanos 'absorvido' pelas unidades operacionais e de negócio. Apesar de alguns departamentos 'de apoio' serem mais enfatizados que outros, o que acontece é que, de uma forma geral, para estes entrevistados, quem tem poder negocial são as unidades de negócio.

A principal vantagem desta investigação relaciona-se com o possível contributo empírico deste artigo na tentativa de ligação entre GRH e negociação, sob o ponto de vista da distribuição de poder(es), e na aferição de uma perspectiva inter-departamental do(s) mesmo(s) quanto à participação que o Departamento de GRH pode ter na *performance* organizacional. Este tipo de abordagem afigura-se, de certo modo, inovador no panorama nacional. Por outro lado, uma das grandes limitações desta investigação relaciona-se com o facto de esta se inserir, metodologicamente, na dependência de uma outra de maior abrangência e dimensão. Com efeito, este estudo reveste-se de contornos de breve apresentação de um estudo qualitativo mais extenso que, na sua origem, se articula com um outro de natureza quantitativa, pelo que os resultados foram expostos de uma forma mais indirecta e provisória, constituindo-se como referências parcelares.

Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para pistas de investigações futuras, entre as quais se salienta o estudo das percepções de poder relativo (alternativas do negociador e oponente), de algumas variáveis sobre a temática dos estatutos baseados no poder do Departamento de GRH, da ligação entre negociação, identidade cultural e diversidade e/ou de questões relativas à ética negocial, tendo como base a confiança organizacional no Departamento de GRH.

BIBLIOGRAFIA

Aggarwal, Upasana, e Shivganesh Bhargava. "Reviewing the Relationship Between Human Resource Practices and Psychological Contract and their Impact on Employee Attitude and Behaviours: a Conceptual Model". *Journal of European Industrial Training* 33.1 (2009): 4-31.

Almeida, Filipe J., e Filipe J. Sobral. "Emoções, inteligência e negociação: um estudo empírico sobre a percepção dos gerentes portugueses". *RAC - Revista de Administração Contemporânea* 9.4 (2005): 1-16.

Bodla, Mahmood A., e Q. D. Rizwan. "Politics and Workplace: An Empirical Examination of the Relationship Between Perceived Organizational Politics and Work Performance". *South Asian Journal of Management* 16.1 (2009): 44-62.

Brito, Valéria G., et al. "A dinâmica política no espaço organizacional: um estudo das relações de poder em uma organização cooperativa". *RAC - Electrónica* 2.1 (2008): 141-54.

Cabral-Cardoso, C. "Portuguese Management between Global Rethoric and Local Reality: The Case of HRM". *Management Research* 4.3 (2006): 193-204.

Farndale, Elaine, e Veronica Hope-Hailey. "Personnel Departmental Power: Realities From The UK Higher Education Sector". *Management Revue* 20.4 (2009): 392-412.

Guttman, Howard M. "Conflict Management as a Core Competency for HR Professionals". *People and Strategy* 32.1 (2009): 32-39.

Kaudela-Baum, Stephanie, e Nada Endrissat. "Practicing Human Resource Strategy: Understanding the Relational Dynamics in Strategic HR. Work by Means of a Narrative Approach". *Zeitschrift fur Personalforschung* 23.2 (2009): 125-46.

Mintzberg, Henry. *Estrutura e dinâmica das organizações*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995.

Olekalns, Mara, e Philip L. Smith. "Mutually Dependent: Power, Trust, Affect and the Use of Deception in Negotiation". *Journal of Business Ethics* .85 (2009): 347-65.

Pech, Richard J. "Delegating and Devolving Power: a Case Study of Engaged Employees". *Journal of Business Strategy* 30.1 (2009): 27-32.

Philadepho, Patrícia B., e Kátia B. Macêdo. "Avaliação de desempenho como um instrumento de poder na gestão de pessoas". *Aletheia* .26 (2007): 27-40.

Pilenzo, Ronald C. "A New Paradigm for HR". *Organization Development Journal* 27.3 (2009): 63-75.

Sayli, Halil, e Alparslam S. Gormus. "Border Role of Human Resource Management - to Which Side Does The Pendulum of HRM Swing: Employer or Employees? - The Case of Turkey". *Management* 14.2 (2009): 43-59.

Spears, Marta C., e Darrell F. Parker. "Negotiation Recognition and the Process of Decision Making". *Journal of Organizational Culture, Communications and Conflict* 13.1 (2009): 55-64.

Tobey, David H., e Philip G. Benson. "Aligning Performance: The End of Personnel and the Beginning of Guided Skilled Performance". *Management Revue* 20.1 (2009): 70-89.

Vargas, Óscar H. "El concepto de poder y su interpretación desde la perspectiva del poder en las organizaciones". *Estudios gerenciales* 25.110 (2009): 63-83.

Wattanasupachoke, Teerayout. "Strategic Human Resource Management and Organizational Performance: a Study of Thai Enterprises". *Journal of Global Business Issues* 3.2 (2009): 139-48.

THE PORTUGUESE IN VENEZUELA: A CONTINUOUS PRESENCE

Victor M. P. Da Rosa
Professor Titular
Faculty of Social Sciences
University of Ottawa, Ottawa, Canadá
Victor.DaRosa@uOttawa.ca

Ari Gandsman
Professor Auxiliar
Faculty of Social Sciences
University of Ottawa, Ottawa, Canadá
Ari.Gandsman@uOttawa.ca

Salvato Trigo
Reitor
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
reitoria@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 450-464 (2010)
Submetido/Submitted: 19 Jul. 2010 / Aceite/Accepted: 25 Jul. 2010

RESUMO

Desde a época colonial que os portugueses fazem parte da história da Venezuela e continuam a ser um dos grupos mais importantes do mosaico nacional. Utilizando uma abordagem simultaneamente histórica e antropológica, os autores tentam demonstrar como a comunidade de origem lusitana constitui um bom exemplo de integração na sociedade venezuelana.

PALAVRAS-CHAVE

Emigração; Venezuela; Judeus; Portugueses; Associações étnicas

ABSTRACT

The Portuguese have played a formative role in the history of Venezuela since the colonial period. They are also one of the largest and most prominent immigrant groups in the present. This article will examine Portuguese immigration in both historical and ethnographic perspectives to show how their presence in Venezuela has been characterized by continuous and seamless integration. In doing so, we will reveal important continuities between the ease of Portuguese adaptation into Venezuelan society in both the past and the present.

KEYWORDS

Emigration; Venezuela; Jews; Portuguese; Ethnic Organizations

The Portuguese are one of the most active immigrant groups around the world. Their presence is visible in everywhere from Brazil to Canada, not to mention France and South Africa. They have also acted as a major colonial force in the world with colonies in Africa and Asia. In the Americas, their presence has been seen as both a colonial power in Brazil and as a major immigrant group in countries like the United States, Canada, and Venezuela. As Baganha writes, "migratory pressure, was, in Portugal, an endemic phenomenon rooted in an extremely biased redistribution of resources among its people" (52). This article will examine the Portuguese presence in Venezuela. Venezuela is a country that has historically known pro-immigration policies as a result of its low population density and economic considerations (Magnus and Morner). This article will take a historical and ethnographic approach and document some important continuities between patterns of past and current immigration.

IMMIGRATION IN THE SOCIAL SCIENCES

Social scientists were always interested in immigration even if it was not a major area of study. Not until the 1950s, however, did social scientists finally begin to pay serious analytic attention to processes of migration. This interest was a reaction to vast social change. One of the great demographic shifts in human history was occurring: the large scale movement of people from rural to urban areas. Initial studies documented processes of migration internal to national borders. Social scientists eventually turned to the question of immigration across borders. These studies coincided with what has been called "the new immigration". The "new immigration" beginning in the 1960s and 1970s was considered different from the great wave of immigration in the late 19th/20th centuries. That period witnessed a transatlantic migration of peoples largely from European countries to the Americas. This was partially a result of the abolition of slavery that necessitated the recruitment of a new work force.

Older models of immigration were predicated on the idea of assimilation. This assimilation was predicated on a permanent rupture of ties between immigrants and their home countries. On the other hand, the new immigration was seen to be a product of a contemporary globalizing world that is simultaneously increasingly interconnected and delocalized. Although initially seen through the lens of global systems and political economy theories, immigration came to be theorized around the emerging concept of transnationalism. Transnationalism as a general theoretical concept emphasizes flows of peoples, goods, and capital across borders and the gradual diminishment of the nation-state as the predominant model of social and political organization. For transnational theorists, borders and boundaries are fluid and permeable. Works emphasizing transnational perspectives examine how, rather than break ties with their countries of origin, immigrants continue maintaining and cultivating links to their homeland. Some of these ties are imaginative. The employment of the concept of diaspora emphasizes the way in which a homeland is actively imagined and recreated by immigrant communities.

Critics of transnationalism have argued that none of this is new. Distinguishing new from older patterns of immigration presupposes an artificial break rather than continuities. They argue that people have always been transnational. Maintaining ties with one's homeland is not recent. New technologies – communication technologies, in particular - have only made the maintenance of these ties easier. People can also travel back and forth between countries with greater ease.

Whichever perspective one adopts, the basic questions for social scientists remain the same: what circumstances make people leave their homes and what happens to them after they leave. This study will focus on the latter. Answering this forces one to address the question of identity. How do individuals and communities maintain their cultural identities post-immigration while adapting to their new surroundings? This is a question that persists over time, involving second and third generations (and beyond). This requires an examination of a community's cultural practices that are designed to maintain and reproduce itself through time. How do immigrant communities adopt to their new country while simultaneously remaining culturally distinct? This often involves a complex process of negotiation that leads to the formation of hybrid identities. Such studies can examine how linguistic practices are maintained and disseminated, either informally in the home or formally through schools. Formal organizations often play a vital role, whether social clubs, support groups or community and religious centers. The main ethnographic focus is public and visible manifestations of the community's presence – historical neighborhoods, festivals, and maintenance of distinctive cultural traditions. In this regard, the Portuguese are notable. On one hand, as we shall show, their integration into Venezuelan society has been relatively unproblematic and they have largely followed a pattern of assimilation, effortlessly dissolving into the local population. On the other hand, as the ethnographic portion of this study will show, the Portuguese have structures in place that are organized around the maintenance of a Portuguese community and a Luso-Venezolano identity.

THE PORTUGUESE PRESENCE IN VENEZUELA

"Mientras tanto conformémonos con advertir que la circunstancia de que un Estado de la República se llame Portuguesa, no es más que el testimonio de la intensa intervención de los portugueses en la formación de Venezuela". (Acosta Saignes 45)

Acosta Saignes, in his classic study Historia de los Portugueses en Venezuela (1959) highlights the integral role the Portuguese have played in the history of Venezuela. A scattered and disperse presence has been documented since the 1600s. Although this presence became more evident at the start of the 17th century, the first Portuguese arrived in Venezuela with the Spanish conquerors. Today, their presence is evident not only in the population but also in the geography. The fact that Venezuela has a state named Portuguesa as well as a river of the same name indicates the deep and profound Portuguese presence in the northern region of the South America continent. What is known today as Venezuela was sighted by Christopher Columbus, a "tierra firme" that was part of the same cultural complex for the Spanish colonizers as the Caribbean. In Venezuela, the indigenous population was a small and scattered presence (Tanner) unable to pose great resistance to European domination. The small-scale organization and fragility of social cohesion of indigenous peoples made it easy during the initial stage of the Spanish conquest of soldiers and missionaries.

By the end of the 15th Century, the Portuguese were primarily common sailors but arguably more adventurous than their leaders. Even the navigator of an early expedition, Juan Vizcaíno, was Portuguese although his name today appears strange. This indicates that during peninsular history of that moment, an insufficient linguistic differentiation existed between Portuguese and Spanish. This facilitated a vocabulary dilution that in the case of Venezuela occurred extensively with old country Portuguese in Venezuela, as described by Angel Rosenblat (*Buenas y malas palabras en el castellano de Venezuela*). This indifferentiation with

respect to Portuguese migrations to South America increased after the unification of 1580 a time where, according to testimonies, "in Seville and Madrid, there were streets in which no other language was spoken than Portuguese".(Acosta Saignes 18)

The 16th century witnessed the establishment of the Portuguese in the New Kingdom of Granada, now allies with the conquering Spaniards but also economic and strategic competitors. One can say that Portugal was involved in every major moment of the Spanish conquest and its subsequent colonization of this part of the world. Their involvement often seemed more pleasing to the local Spanish rulers than the court in Madrid, who during much of the 16th Century issued royal "cédulas" against the presence of Portuguese in their New World territories. In 1515, in the midst of a maritime rivalry that the Treaty of Tordesillas failed to subside, the Spanish crown decided to ban the presence of Portuguese in Spanish ships. Restrictions and prohibitions like this ensued but never really managed to achieve their goal; either because local Spanish governments asked for the mercy of the Crown in recruiting or negotiating with Portuguese who would be useful to them or because the Portuguese themselves had a dauntless adventurous spirit and an irrepressible tendency towards trade and commerce that resulted in their penetration and installation in these "tierra firme" territories.

On the battlefield as well as in settlements, agriculture and trade, the Portuguese will stake out a place across South America outside the borders of Brazil, where their establishment continued to be developed and consolidated. In the New Kingdom of Granada, the Portuguese Sebastian Cabrera Bello, in 1528, presented a plan of colonization to the Governor Garcia Lerma of the Provinces of Santa Marta and Venezuela, to establish twenty-five Portuguese married couples and another twenty-five Portuguese bachelors there. He pledged to carry seeds of wheat, rye, barley and pastel, but the settlement plan also included craftsmen, including masons, bricklayers, carpenters and blacksmith. Little is known of the success of the plan, but it was more daring than that of Bartolomé de las Casas, who failed in Costa de Paria or the "Capitulaciones" of Welser (1528) and Federman, in which Portuguese also participated (cf. Acosta Saignes 28-29). In 1532 Portuguese take part in the epic and dramatic conquest of the Orinoco by Diego Ordás as Juan de Castellanos documents in his *Elegias*, in which he praises the bravery of the Portuguese António Fernandes, a soldier from Herrera, in fierce fighting against the indigenous.

A Portuguese was still the lieutenant governor of Venezuela in 1542 by virtue of the absence of the titular Bishop Bastidas called Diego de Boisa. From what Luis Alberto Sucre said, he was a man of bad instincts who enslaved many Jirajaras Indian rebels who fled to Honduras, avoiding punishment for their crimes. Behaviors like these, however, were largely the exception. The historical records document people primarily interested in trade, agriculture and the mining of gold and diamonds, helping therefore in clearing lands and founding of new towns. In 1557, there are Portuguese who participate in expeditions prior to the founding of Caracas. In 1558, in recognition of the dedicated cooperation of Cortés Richo, Francisco Fajardo renamed the village of El Valle he founded as El Valle de Cortés Richo.

As these examples show, during this formative period in the colonial economic system, numerous Portuguese, or Gallego-Portuguese to be more precise, were already active in Venezuelan life. According to Gomez (166), many Portuguese signed up "for the expeditions of António Sedeño, Alonso de Herrera, Diego de Losada and others". Among the mass of

anonymous colonists, some Portuguese became foundational figures in the history of Venezuela. Among these, the most well-known and important is, without a doubt, Juan Fernández de León. As Hermano Nectario Maria writes (13), "he was born around the year 1543 in Villanueva de Portimão in the the province of the Algarves in the southern most part of Portugal, to a family that enjoined a high social position and an enviable fortune". Although his name was clearly hispanized, Juan Fernández de León would arrive at the port of Borburata at the age of twenty with seven slaves in his property; their sale led to the beginning of his important military and civic career in Venezuela. This Portuguese from the Algarves was one of the founders of the city of Santiago de León, later renamed Caracas after the native population who had lived there and had been conquered by the expedition of Diego de Losada (cf. Nectario María 16-18). The extent of Juan Fernández de León's influence on the early history of Iberian colonization of Venezuela cannot be underestimated - from discovering gold deposits to creating the first urban areas to the defense and administration of cities like the final one he established, Guanare (1591) (1), later capital of the Portuguese state. His descendents also helped to shape the independent Venezuelan state. At the beginning of the 17th century, his granddaughter married an ancestor of Simón Bolivar (cf. Nectario Maria 49), founder of Venezuela in 1811 and one of the great liberators of Latin America from Spanish colonialism.

The Portuguese presence in Venezuela did not please everyone, especially the Spanish aristocracy who felt it threatening to their political and economic prerogatives. For this reason, a new "cédula" in 1562 tried to end commercial relations that Portuguese vessels traveling to the Caribbean had with the Canary Islands. Not satisfied with this measure, the Spanish court adopted a new "cédula" the same year to order the closure of the waters of the Caribbean to Portuguese traders Benito Rodriguez and Simón Pinelo and, in the future, to all Portuguese and foreigners residing less than ten years in "tierra firme". Drastic and restrictive measures continued to be taken by the Spanish crown. A cédula from 1568 declared many Portuguese and "gitanos" were harmful in the region to the "good and peace of the law and of the neighbors and the inhabitants of it" (Acosta Saignes 35) and that all measures should be taken so that they would be expelled.

This "cédula" did not have the desired effect as the Portuguese continued to flow into diverse parts of Venezuela and blending in with already established groups. In truth, three years after the "cédula" of 1568, Governor Mazariegos said that when he arrived in the port of the island of Curaçau in 1570, he found a Portuguese caudillo. In a similar vein, in 1575 Mazariegos had to intervene to prevent the inhabitants of the island from continuing to deal with Portuguese ships that at the time controlled commerce in all of the Caribbean, struggling with the Spanish for commercial sea routes. Portuguese vessels, better skilled in the art of navigation, competed not only with the Spanish but also the French, the Belgians and the English, especially in the business of the exchange of leathers for pearls and spices in which Venezuela and more specifically, Margarita Island were rich. In the end, many Portuguese became naturalized residents of Venezuela by the decision of the Governor of the Province of Venezuela granting natural status to all residents who inhabited there at least ten years. They were already fully integrated. The only evidence of their Portugueseness would be names and nicknames that were so prevalent that they almost appeared to be Spanish. This prefigures what we would witness four centuries later in the 20th century, the perfect acculturation of the Portuguese in Venezuela.

The royal "cédulas" against the Portuguese were weakened in the last decade of the 16th century. This was the time in which Juan Fernández de León was one of the most powerful and important persons in the area. At this time, there was a constant arrival of slave ships that enhanced rivalries with Spanish residents. In 1598, we find in Venezuela, a significant number of Portuguese, safe from any signs that their entrance in the country was without authorization of the peninsular government. The strategy of the Spanish crown eventually shifted as they began to administer fines as "compuestos" so that those who entered the country illegally could pay to legalize their status. This occurred at around the same time that the crown in 1595 permitted Spanish slave ships to carry as many as two Portuguese as heads of sales and as many sailors as considered necessary. The presence of Portuguese to Venezuela was, however, limited to areas close to the water but throughout the region. Some like Fernández de León and companions founded the province of Espírito Santo de Guanaguanare and discovered the mines of San Juan, Plantilla, and Tiznados and others like the Araújo family penetrated the Venezuelan region of the Andes where in Trujilo, they created the Bairro de Araújas.

The large inflow of Portuguese at this time in Latin America was mainly due to the exodus of Portuguese Jews, a consequence of the alliance between Portuguese King D. Manuel I and Catholic Queen Isabel of Castilla and King Fernando of Aragon. Their edict of March 30, 1492 expelling the Jews from Spain was welcomed by D. João II whom, by the way, had organized the finances of the Portuguese kingdom and had given precious aid in anticipation of great discoveries (1). This was the condition for his marriage with the daughter of Isabel and Fernando, who were obstinate in their persecution of Jews. As a result, Portuguese Jews were granted great ease of travel to Portuguese possessions overseas, mainly for Brazil from where they passed for some countries of the American continent, from Mexico, Panama, The Dutch Guyana, Peru, Chile, Argentina, the United States and, also, Venezuela. In 1507, D. Manuel I signed the edict that made it possible for "marranos" (Jews who were forced to become Christians) to freely leave the country with the immunities that D. João II had already granted to them in 1497. These immunities were renewed in 1512 which provoked a second massive wave of Jewish exodus for Latin America. This exodus so greatly affected the Portuguese economy that it closed its overseas possessions to the Jews in 1531, having followed Spain in establishing the Inquisition.

The 17th Century witnessed therefore the same migratory movement of the previous century with Jews seeing the American continent as its "Promised land". D. João IV of Portugal, establishing by royal ordinance of 1649, the Companhia Geral de Comércio for the business of slave trafficking with Brazil, authorized Jews as shareholders, thereby creating a new ease for their establishment there and in other Latin American countries. From the middle of the 17th Century, and it can be said without exaggeration, that the South American commercial networks were dominated by the Portuguese, in large numbers descendents of the "marranos". Their commercial and economic power was so great throughout Latin America that if Spanish voices of protest against the situation were raised, they could end up in the arms of the Inquisition (2).

In Venezuela, our focus here, the Portuguese presence was particularly of note, as is seen from the first census of foreigners that was ordered by Governor Sancho de Alquiza in 1607 Top of Form (cf. Acosta Saignes 49-51). In eight Venezuelan populations, there were 125 foreigners, of which 92% were Portuguese. In cities such as Guanaguanare, Trujillo and Valencia, all of the foreigners were Portuguese. In Caracas, of 46 foreigners on the census, 41

were Portuguese with two Genoveses, two Germans and a Moroccan (cf. Oliveira 56). Also of note is the range of professions of the censured Portuguese: from carpenters, farmers, soldiers, blacksmiths, encomendeiros, priests, clergymen, miners, shoemakers, tailors, silversmiths, servants, clerks, and students, doctors and surgeons. These were all Portuguese whose names for this time were perfectly Venezuelanized.

If the 17th Century was one of relatively peaceful expansion of the number of Portuguese in Venezuela, the 18th century was very difficult for these first Portuguese of the South American diaspora. The constant disputes in this part of the world between Portugal and Spain for the establishment of borders, each interpreting differently the Papal Brief of Alexander VI and the famous Treaty of Tordesillas, created warlike tensions. Soon, in the beginning of the century, in 1704, Felipe V forwarded a royal "cédula" ordering the confiscation of goods for all resident Portuguese in Hispanic America and declaring war on Portugal.

Some Portuguese, in fact, had their goods confiscated but they had not been frightened and they continued to deal at the margins of the law, whether in slaves from the Orinoco or income-producing products of the time. A half a century later, their fearless and tenacious reputation led to the royal Spanish order to allow them to join the army, although no more than twelve in each battalion. At the end of the 18th Century, in 1787, the backup secretary of the Governor of the Province of Maracaibo was the Portuguese Diego Melo. Even more significant, by this time navigation documents of boats that arrived in Venezuelan ports were written in Portuguese.

These historic successes of the Portuguese did not prevent, however, minor surveillance and animosity from the authorities and Spanish inhabitants, continually bothered with the Portuguese economic influence not only in Venezuela but throughout Latin America and the Caribbean, where many were slaves, among them a woman named Maria Cruz Gomes who in 1819 was identified as a slave dealer. 19th Century consolidates the presence of the Portuguese in the colonial phase of Venezuelan history. Many Portuguese fought on the side of the Independence struggle on the side of Francisco Miranda and Simón Bolívar. Some distinguished themselves with their heroic actions like Paulo Jorge whose loyalty to Miranda led him to the scaffold. Portugal, meanwhile, would be perspicacious in being the first government of the world to recognize the calls for independence in Latin America.

Independence resulted in a new wave in migration of Portuguese to Latin America in general and to Venezuela in particular. This wave of emigration came in large part from the region of Madeira that in the 20th century would supply thousands of people that will make a large contribution to the social and economic development of this important Caribbean country.

This mass emigration from Madeira was a result of economic difficulties at home. At the same time, Venezuela was seen to be an important destination as a result of its wealth of natural resources. From the earliest stages of colonialism, a relationship existed between immigration and resources. Gold was the initial attraction for the Spanish colonial establishment in Venezuela. Groups of colonists arrived from some of the most diverse regions of the Iberian Peninsula – Galicia, Estremadura, Basque Country and also Portugal. Gold fever however was fleeting as European settlements strategically located on the coast or the edges of great waterways like the Orinoco River became involved in agricultural production and commerce with the exterior, notably Spain. Land exploration and commerce development

was the reason for increasing urbanization with the foundation of five settlements between 1500-1550 - Cubagua, Cumanà, Borburata, Coro, El Tocuyo (Tanner).

Venezuela had to wait for the appearance of oil in order to turn once again into a promised land luring an extraordinary migrant movement. The first oil wells were discovered in 1865 and subsequently monopolized by a small Venezuelan company in the state of Tachira. The monopoly lasted until 1913 when Royal Dutch Shell acquired important oil concessions that covered practically one third of Venezuela. Changes in the global economy after World War II led to increased economic development in Venezuela as a result of increasing demand for oil. The oil industry and its consequential dominance of the Venezuelan economy lured a new generation of immigrants. As Kritz writes, "The impact of immigration on the Venezuelan labor force was considerable by the end of the 1950s. Although the foreign-born population constituted only 7 percent of the total population in 1961, because of age selectivity 14.4 percent of the labor force was foreign-born".(Kritz 528) In Caracas, these numbers were even higher. The Portuguese comprise an important sector of this modern immigrant group (a large number of whom work in the oil industry), an analysis of whom comprises the object of this work.

ETHNOGRAPHY OF THE PORTUGUESE COMMUNITY OF VENEZUELA IN THE PRESENT

In the present, the Portuguese community of Venezuela is currently estimated at 400,000 people. Main areas of settlement are in the metropolitan area of Caracas (Federal District and State of Miranda), Valencia, Maracay, Barquisimeto, San Juan de los Moros, San Cristóbal, Maracaibo, Cumaná, Puerto Ordaz, Ciudad Bolívar and Margarita Island. According to Jorge Arroteia (37-40), the largest numbers emigrated from the Autonomous Region of Madeira, followed by the districts of Aveiro and Porto. Caracas is center to the greatest concentration of Portuguese and their descendents; although there even more than elsewhere immigrants from Madeira dominate. A specific Portuguese neighborhood in the city does not exist, like in South Africa, as we have observed in another work (Da Rosa e Trigo). Absence of an ethnic enclave is the first indication of a process of social integration of the community. It is evidence that the cultural and linguistic affinity of the receiving society has facilitated a process of mixing and "venezuelanization" of the community. This stands in contrast with other emigrant destinations where the community has been more conservative in maintaining visible signs of its Portugueseness.

The rapidity and ease with which members manage the Spanish language has swiftly broken the resistances and psychological inhibitions that the community could have had as a response to its assimilation into Venezuelan society. The Portuguese language co-exists harmoniously with Venezuelan speech. This is to such an extent that Spanish even surpasses Portuguese in conversations among members of the community. Individuals lose their habit of speaking Portuguese out of a lack of need as Spanish becomes the language of spontaneous everyday speech. This structural and lexical contamination of Spanish can lead to the loss of Portuguese speech.

The language of the host country allows for rapid social integration, enhanced by the mixing of Portuguese phenotypes that leads to a blurring of languages. This, however, does not mean that the community makes no effort to protect and preserve its cultural forms. With

almost perfect Venezuelan socialization, the Portuguese community does not feel the need to publicly display its cultural authenticity and specificity. It maintains its identity through secular and religious associations and in individual behaviors visible in private spaces reserved for Portuguese socialization.

Family Organization

In the study "Los Portugueses en Venezuela," Dalia Romero notes a difference in male and female Portuguese when it comes to forming a family. A vast majority of marriages formed by Portuguese young men in the 1980s were with Venezuelan women. The author contrasts this with young Portuguese women, the majority of whom continue to marry within their own community (Romero 24). The conclusion drawn by Dalia Romero from her research is a gap in social integration between Portuguese men and women, who are seen to hold more closely to the values of Portuguese endogamy. We can accept this conclusion but, however, we should note that this endogamous reality will certainly be altered by the second generation of the community when it comprises the base of family organization. This occurs by virtue of the force of diverse and powerful new factors of socialization for the second generation "*venezueliza-se*".

The shift of the "Portuguese house" from a typically rural setting to an urban space inevitably generates disturbances in the value systems of the immigrant. However, despite being born in the heart of a family structure dominated by a traditional patriarchy, the second generation will benefit in the near future both economically and from the personal and social growth provided by the new "Venezuela house". The rigidity of the educational model is subsequently broken, and the familial and social liberalization of morals that follows allows for more integrative behaviors. Schooling and the consequential increase in the cultural level of the second generation do not necessarily lead to a process of socialization where Portugueseness has no importance. The homeland remains an important geographic reference point with affective connotations but is always losing to the Venezuelan "world" that is lived in and inhabited (4).

The endogamy that Dalia Romero considers indication of the conservation of cultural values cannot be understood in absolute terms. Even endogamous marriages of the second generation will be a union of people who have become bicultural to varying degrees. The second generation will have a new philosophy of life that moves them away from the taboos transmitted to them by a family and educational monoculture. There is already less severity by which the Portuguese are able to keep one's social relations strictly within the spaces identified by Portuguese community life. This means that the ethical and aesthetic values of the second generation cannot be identical to their predecessors.

Another aspect that will contribute to a faster integration of the second generation into Venezuelan society is the lack of existence of what we could call "ethnic schools". In other countries with strong Portuguese emigration, these schools have had considerable effect in delaying and resisting socio-cultural assimilation. In Venezuela, there is an almost complete absence of a network of ethnic schools, not only for the Portuguese community but also for others. This proves what we had earlier intuited. The first generation did not feel its values to be threatened; for that reason they did not attempt to create mechanisms of preservation. This is also evidenced in the associations created by the Portuguese, especially in Caracas, where the bulk of the fieldwork for this essay was carried out.

SOCIO-CULTURAL ORGANIZATION

The degree of integration of the community and the subsequent cultural tranquility that is achieved went through moments of adaptation. Such manifestations do not constitute, however, the only cause so that the community organizes recreational and cultural associations, public project organizations, or creates professional associations. In truth, socio-cultural associations and events are also the product of an individual spirit of social affirmation, of expressive power of intercommunity, and in some cases, a display of economic success that emigration made possible. In short, these works that attempt to gain visibility within the host community represent a vindication of the negative image sometimes associated with the immigrant and the conquest of space in Venezuela society that gives evidence of an enterprising capacity that does not lose in comparison with national ones or with other European communities like the Italian and Spanish ones.

An incomplete observation limited to the consultation of documents from associations or radio and television shows or professional federations founded by Portuguese could lead to the conclusion that the Portuguese community in Venezuela exhibits a conservative and gregarious spirit that insulates its customs from the outside world. There is no doubt that in examining this evidence, we are in some form surprised by the number of organizations self-identified as Portuguese that now reach upwards of more than 60. Analyzed, however, by its charters and practice, we can verify that these charity organizations are predominantly Luso-Venezolanas, we can conclude that these organizations promote socio-cultural integration and mixing rather than preservation of the authenticity of Portuguese culture.

In the fieldwork that we carried out mainly in Caracas, where the most important social-cultural organizations of the community are located, such as the Centro Português, Associação Desportiva Luso-Venezuelana, Banco Plaza, and the Sociedade de Beneficiência de Damas Portuguesas, we saw evidence of the Venezuelan environment and the spirit of cultural, social and generational symbiosis that are supported in their activities. In fact, the dynamics developed by the Portuguese community in all areas of social intervention, as documented by Anizza Freitez and Irene Casique and the already-cited studies of Dalia Romero, they attribute its secondary (second) role, like the Italian, in economic and social importance. We do not intend to make a comparative analysis of the three most important European communities in Venezuela here - the Italian, the Spaniard and the Portuguese; we just wish to highlight the importance that the Portuguese and its descendants practically dominate all sectors of food distribution, above all through the supermarket Central Madeirense de Caracas that also dominated baked goods since starting in the 1940s. They are increasingly gaining prominence in the financial sector – the Banco Plaza – established March 8, 1989 is the best example of this. They also dominated men's fashion, especially through the most famous dressmaker in the country, Alvaro Clemente or Clement, native of the Algarve. They also have monopolies in the distribution of periodicals and also are notable in carpentry, furniture, metal works, civil engineering and transportation.

CULTURAL ASSOCIATIONS

Of the more than sixty institutional associations founded by Portuguese and still active in Venezuela, we will use as examples four that we had the opportunity to know in Caracas. The first of these associations that exemplify the enterprising spirit of the community is the

Centro Português. It was founded in 1958 by one of the first continental emigrants to arrive in Venezuela, Daniel Morais from Lisbon, and Manuel Oliveira from Vila do Conde, a man of great economic success and author of Memórias e Autobiografia de um Emigrante desde 1946 a 1977.

The Centro Português gained great prominence; at its peak in 1970, it reached its maximum limit of two thousand active shareholders. Its headquarters, prominently located on Avenida Luís de Camões, is impressive in its size and in the range and number of its activities. Combining a more purely recreational area with spaces for intellectual culture, the Centro Português is one of the most respected private clubs. It also raises questions in terms of its membership. Its social body – dominated by Portuguese of Madeiran ancestry - is not exclusive to those with origins from the Portuguese community. A visit to the Centro Português confirms how different it is from most other associations formed by Portuguese emigrants throughout the world. In truth, it has more aspects in common with a country club with its social life and sporting activities, with an emphasis on tennis and swimming.

Not as large as the Centro Português but equally important for local community life is the center of the Asociación Deportiva Luso-Venezolana, founded in 1972. Article Eight of its Statute states the following:

"Article Eight: The official language of the Association is Spanish; on certain special days related to the traditions of the Portuguese Nation, like for example Portugal Day, the use of Portuguese is permitted".

Self-described as Luso-Venezuelana, this association, both linguistically and in its charter, works towards the goals of social integration and acculturation. They collaborate with Galegan and Asturian communities, who frequently use its infrastructure for sporting activities, mostly for football and swimming. The association also has a considerable range of cultural and recreational activities, hosting parties for "Noche de Brujas" (Halloween), do São João, de Nossa Senhora da Saúde, das Vindimas e do São Martinho. Beginning in 1987, shareholder clubs like the Centro Português and the Asociación Deportiva Luso-Venezolana earned starting in 1987 non-profit status that allows it to develop its estate (patrimony) and to maintain a high level of social services that are well-recognized Caracas life.

Another institution that pleasantly surprises us is the Sociedade de Beneficência de Damas Portuguesas, founded in 1969, thanks to the enthusiasm of the then Portuguese ambassador's wife, Susana Meave Teixeira de Sampayo. The founding goals and nature of the organization stands out from the follow passage of its Statutes (Charter):

"it is a charitable association aimed to help and lend services to all kinds of people and especially to citizens of Portuguese nationality, destitute and those that find themselves in a difficult situation or affected by sickness or disability that impairs them from normal functions".

These noteworthy intentions are carried out in practice. In the headquarters of the Sociedade de Beneficência, they have recently a well-equipped doctor's office, where individuals and their families can be attended to for free; an area for the collection and distribution of clothing; and a scholarship area. But the Sociedade de Beneficência also works with other existing counterpart organizations in Venezuela; to mention one of relevance here, the Asociación de Beneficencia Portuguesa from Valencia.

Finally, a few brief observations about the Fundación Instituto Portugués de Cultura, whose motto – "For the enlargement of the Portuguese presence in Venezuela" fits well with its high purposes. Vigorously directed toward cultural activities –with special mention for literary conferences and colloquium, concerts, plastic arts exhibits, handicrafts, as well as screenings of Portuguese films. The Fundación Instituto Portugués de Cultura has reached its objectives, inspite of the enthusiasm and devotion of its promotors not always being recognized, people linked to diverse sectors of Caracas life, from University professors to industry to commerce to diplomatic core.

This foundation, provisionally housed in the Centro Português by one of its founders, the above mentioned Daniel Morais, a man of social and intellectual prestige in Caracas, has been without a doubt a reference point for the intellectual and cultural bridges between Portuguese and Venezuelans. Zealously pursued what is enshrined in its Acção projectada aos meios culturais de Venezuela (Cultural Projects for Venezuela): To create exchanges of artistic and literary values of Venezuela and Portugual in order to contribute t o the mutual knowledge of the cultures of both countries" (fifth paragraph).

It is obvious that Portuguese community association life in Venezuela is not limited to the institutions of Caracas that we just finished discussing. This discussion is not intended to be exhaustive. Rather, the intention is to demonstrate the existing harmony and symbiosis that exists between immigrant and host community. In reality, Venezuela was, is, and will continue to be a host community for Portuguese with whom they will continue to maintain a cultural, social, and economic dialogue. Baily, in distinguishing Latin American patterns of immigrant experience from the United States, finds a major difference in "the level of cultural distinction between the immigrants and the host societies" (282). In Latin America, the three major immigrant groups – Spanish, Italians and Portuguese shared similar cultures as well as linguistic similarities that allow for such a rapid and complete integration.

Notes.

(1) An extensive bibliography exists on this material. See for example, ***Jews in Colonial Brazil***, by Arnold Wiznitzer (1960); ***Los judíos en la Nueva España,*** by Alfonso Toro (1932); ***Los judíos en América: Sus actividades en los Virreinatos de Nueva Castilla y Nueva Granada***, by Lucía García de Proodian (1966); or the important works of Seymour Liebman (1964, 1970, 1974 e 1982).

BIBLIOGRAPHY

Acosta Saignes, Miguel. *Historia de los portugueses en Venezuela*. Caracas: Dirección de Cultura, Universidad Central, 1959.

Arroteia, Jorge C. *A emigração portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

Baganha, Maria Ioannis B. "Portuguese Transatlantic Migration". *Mass Migration to Modern Latin America*. Ed. Samuel L. Baily e Eduardo José Míguez. Wilmington, DE: Scholarly Resources, 2003. 51-68.

Baily, Samuel L., e Eduardo J. Míguez. *Mass Migration to Modern Latin America*. Wilmington, DE: Scholarly Resources, 2003.

Da Rosa, Victor P., e Salvato Trigo. *Portugueses e moçambicanos no apartheid; Da ficção à realidade*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1986.

Freitez, Anitza, e Irene Casique. *Los portugueses en Venezuela - Informe*. Caracas: Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales de la Universidad Católica Andrés Bello, 1989.

Garcia de Proodian, Lucía. *Los judíos en América: sus actividades en los Virreinatos de Nueva Castilla y Nueva Granada, siglo XVII*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1966.

Horevitz, Elizabeth. "Understanding the Anthropology of Immigration and Migration". *Journal of Human Behavior in the Social Environment* 19.6 (2009): 745-58.

Kritz, Mary M. "The Impact of International Migration on Venezuelan Demographic and Social Structure". *International Migration Review* 9.4 (1975): 513-43.

Liebman, Seymour. *A Guide to Jewish References in the Mexican Colonial Era 1521-1821*. Philadelphia: U of Pennsylvania P, 1964.

---. *Inquisitors and the Jews in the New World*. Coral Gables, Florida: U of Miami P, 1974.

---. *Los judíos en México y América Central*. México: Editorial Siglo XXI, 1971.

---. *New World Jewry, 1493-1825*. New York: Ktav, 1982.

---. *The Jews in New Spain; Faith, Flame, and the Inquisition*. Coral Gables, Florida: University of Miami Press, 1970.

Mormer, Magnus (in collaboration with Harold Sims). *Adventurers and Proletarians: The Story of Migrants in Latin America*. Pittsburgh: U of Pittsburgh P, 1985.

Nectario María, Hermano. *Juan Fernández de León, fundador de Guanare*. Caracas: Congreso de la República, 1991.

Oliveira, Belarmino de. *O emigrante português e os países de imigração*. s.l.: s.n., 1979.

Romero, Dalia. *Los portugueses en Venezuela*. Caracas: Instituto de Investigaciones Económicas y Sociales de la Universidad Católica Andrés Bello, 1992.

Rosenblat, Angel. *Buenas y malas palabras en el castellano de Venezuela*. Caracas ; Madrid: Ediciones E. M., 1969.

---. *Estudios sobre el habla de Venezuela: Buenas y malas palabras*. Caracas: Monte Avila Editores, 1987.

---. *Los conquistadores y su lengua.* Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1977.

Tanner, Chris. *Venezuelan Migration.* Dissenhoffen: Verlag Ruegger, 1980.

Toro, Alfonso. *Los judíos en la Nueva España.* México: Publicaciones del Archivo General de la Nación, 1932.

Wiznitzer, Arnold. *Jews in Colonial Brazil.* New York: Columbia UP, 1960.

PROJECTOS

AVALIAÇÃO DOS MOTORES DE PESQUISA COMO FERRAMENTA DE CONHECIMENTO

(Estudo de Caso Google, SlideShare, YouTube)

Fernando Bandeira
Professor Auxiliar
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
fband@ufp.edu.pt

Tânia Marisa Fernandes Dias
Aluna do Mestrado em Ciências da Comunicação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
20633@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 468-483 (2010)
Submetido/Submitted: 08 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 11 Out. 2010

RESUMO

O presente artigo visa avaliar o desempenho dos motores de pesquisa na Internet. Metodologicamente recorre a duas linhas de investigação que derivam, uma dos sistemas de recuperação de documentos e a outra do modelo de análise de documentos da Internet. Para responder as estas questões avalia: a adequação, a precisão, a densidade média de termos, o peso percentual dos descritores, o tipo e a fonte dos documentos. As conclusões evidenciam que o Google ocupa a primeira posição, o SlideShare a segunda e o YouTube a terceira.

PALAVRAS-CHAVE

comunicação de crise, densidade termos, Google, Internet, motores de pesquisa, precisão, SlideShare, YouTube

ABSTRACT

This article aims to evaluate the performance of Internet search engines. In methodological grounds it applies two different research traditions, one used to evaluate text retrieval systems the other is the model used to assess Internet documents. To answer these questions it uses the following indicators: precision, recall, average terms density, concept percent wage, document type and source. Conclusions are that Google is leading search engine followed by SlideShare and YouTube.

KEYWORDS

Concept density, crisis communication, Google, Internet, precision, recall, search engines, SlideShare, YouTube.

1. **INTRODUÇÃO**

A Internet teve a sua origem na necessidade de troca expedita e rápida de informação técnica e científica, porém o seu crescimento exponencial conduziu à disponibilização de uma grande diversidade informação *on-line*, contudo esta evolução quantitativa não correspondeu, em muitos casos, a informação criteriosa, relevante e fidedigna (Mintz).

Simultaneamente, foram desenvolvidas aplicações, vulgo motores de pesquisa, destinadas a auxiliar os utilizadores a localizar a informação. De uma forma muito simplificada, essas aplicações localizam ficheiros das mais variadas naturezas (sites, imagens, filmes, etc.), classificam-nos e disponibilizam-nos de uma forma hierarquizada (ranking) (Miller).

Entre esses motores o de maior nomeada é, sem dúvida, o Google, cujo domínio hegemónico, pode ser ilustrado com o neologismo "googlar," sinónimo de pesquisar informação na Internet. No entanto, existe uma variada plêiade de motores disponíveis (genéricos, meta pesquisa, directórios, especializados em determinados formatos de documento, etc.), por isso ocorre perguntar se existem diferenças de desempenho entre eles.

O artigo que ora se apresenta, visa justamente avaliar o comportamento de três motores de pesquisa diferentes (Google, SlideShare e YouTube), à luz de metodologias e indicadores científicos.

2. **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Ao questionar a eficácia dos resultados obtidos na pesquisa de informação, o presente artigo reclama-se de uma sólida linha de pesquisa, que trata a pertinência dos sistemas de recuperação de documentos (*text retrieval systems*), nas suas diversas facetas: qualidade da informação, funcionalidades do *software* de pesquisa, indexação/thesaurus, estratégia de pesquisa, etc.

Com efeito e restringindo o horizonte aos formatos digitais, ela remonta a 1964, ano da criação do primeiro sistema comercial de recuperação de documentos Dialog (Summit), embora seja só nos anos 70, com a maturidade da designada "*online industry*," que este tipo de investigação começou a ganhar sólida reputação em revistas científicas e livros.

De facto, a proliferação de serviços comerciais que ofereciam sistemas de pesquisa diversificados, o crescimento exponencial dos textos nas bases de dados e os custos de acesso (Bjørner), a breve trecho conduziram investigadores e *search brokers* a questões como: Quais são as bases de dados que devolvem melhores resultados? As que melhor permitem expressar o objecto de pesquisa? As que apresentam melhor qualidade de indexação?

Mais tarde, com o crescimento exponencial da Internet e dos motores de pesquisa, a avaliação dos recursos *online*, ganhou uma nova perspectiva, que era algo secundária na abordagem anterior — a análise da qualidade e fidedignidade dos próprios recursos de informação, o célebre modelo ACOAC (*Authority, Coverage, Objectivity, Accuracy, Currency*), cuja explicação está sobejamente documentada na Internet (existe uma óptima descrição de Elizabeth Kirk para a Johns Hopkins University (Kirk).

Por outro lado, reduziu-se a especificidade da análise, já que os motores de pesquisa não oferecem as mesmas funcionalidades que os sistemas de recuperação de documentos "... search engines don't have nearly the sophistication that even our early systems did…" (Roger Summit *apud* Bjørner 7), sendo por isso impossível aplicar-lhes os sofisticados sistemas de análise até então usados.

No presente trabalho, retoma-se relativamente aos sistemas de recuperação de documentos a questão de saber: "Quais as bases de dados que devolvem melhores resultados?" e relativamente às metodologias de avaliação de conteúdos Internet, o item *Authority* (fonte e tipo de documento).

Tendo em consideração estas linhas orientadoras, procedeu-se à escolha dos motores de pesquisa, recaindo esta sobre: o Google, o YouTube e o SlideShare. Como se mencionará na metodologia, cada um destes motores, propõe-se oferecer informação em formatos diferenciados: diapositivos (SlideShare), vídeos (YouTube), documentos indiferenciados (Google).

Esta escolha tem por base duas ordens de razão: a da oportunidade e a científica. Relativamente às razões de oportunidade, são recursos de pesquisa profusamente usados no meio académico, que os autores consultam recorrentemente, tendo por isso um conhecimento profundo da sua utilização, da interpretação dos resultados de pesquisa neles obtidos e da análise da informação recolhida.

No conjunto das escolhas o Google representa os motores de pesquisa clássicos e indiferenciados, por oposição ao SlideShare e YouTube, motores especializados e conotados com a Web 2.0, mais especificamente com o que Tim O'Reilly designa por potenciar da inteligência colectiva "Harnessing Collective Intelligence" (O'Reilly).

Complementarmente, trata-se em qualquer das escolhas, de líderes dos respectivos segmentos de oferta de informação, o que não sendo propriamente um considerando científico é, sem dúvida, um argumento superlativo para atestar da importância da escolha feita, no contexto dos recursos disponíveis na Internet.

Como se mencionou, na escolha também pesaram argumentos científicos. Nesta linha de argumentação convocou-se McLuhan, designadamente o conceito o "meio é a mensagem". (McLuhan e Fiore).

Embora se esteja ciente da impossibilidade de fazer uma transposição mecânica da proposta conceptual dos autores: pois o contexto em que foi feita é distinto, afigura-se pertinente explorá-la, tendo em consideração que o tipo de documentos disponibilizados por cada um dos motores de pesquisa (texto, vídeo, apresentações) deve obedecer a narrativas específicas, envolver o destinatário de feição distinta, condicionar a forma de apreensão da mensagem, estabelecer contornos singulares para cada conteúdo a transmitir3.

3 A título de exemplo: As apresentações pressupõem a presença do emissor como parte intrínseca do próprio dispositivo de comunicação. Com efeito, elas são construídas tendo como base a dinâmica que o narrador estabelece quer com a informação quer com a audiência. Por outro lado, os diapositivos segmentam a mensagem não só do ponto de vista lógico mas também físico, cada diapositivo forma uma unidade sintagmática com um peso

Consequentemente, afigura-se pertinente assumir o seguinte axioma: cada um destes recursos usando meios diferentes, veicula mensagens diferentes, isto é pontos de vista distintos sobre o conceito em análise.

3. **METODOLOGIA DO ESTUDO**

Apresentado o enquadramento teórico, mandam os cânones do trabalho científico que se explicite a metodologia usada na pesquisa, em obediência passar-se-á a referir o respectivo referente:

3.1. **QUESTÕES DE PARTIDA**

Sumariamente, o presente artigo visa aquilatar da informação relacionada com a comunicação de crise, disponível na Internet e acessível a partir de motores de pesquisa previamente escolhidos. Mais concretamente, propõe-se responder às seguintes questões:

Qual é o melhor motor de pesquisa? Qual é o que apresenta mais resultados e mais pertinentes?
Qual é o que apresenta maior densidade de conceitos?
Como é que o conceito em análise é tratado pelos motores de pesquisa?
Qual o motor de pesquisa que apresenta maior diversidade de conteúdos?
Qual o tipo de documentos mais referido?
Quais são as fontes mencionadas nos documentos?

3.2. **OBJECTO DE ANÁLISE**

Como já foi referido, o objecto de análise será o conceito "comunicação de crise". A sua explicitação em inglês (*crisis communication*), fica a dever-se ao facto da pesquisa com termos em português devolver um conjunto exíguo de documentos, considerando-se aprioristicamente que tal acervo poderia não ser significativo da informação disponível *on-line* sobre o tema.

Porquê "comunicação de crise"? Não existem razões de monta, trata-se de uma área de investigação próxima dos autores, na qual se sentem particularmente à-vontade para avaliar os documentos e respectivos conteúdos.

específico próprio. Mais existem boas práticas incontestadas que determinam, o número de parágrafos e o número de palavras por diapositivo e o próprio número de diapositivos por apresentação. (Duarte)
Outrossim, veja-se a o caso dos vídeos, como mensagem só fazem sentido enquanto unidade narrativa, ao contrário de um texto ou de um diapositivo, num vídeo é muito difícil identificar expeditamente segmentos específicos da mensagem, a informação retida depende em larga medida da memória auditiva/visual, enfim existem diversos níveis de significação, a linguagem corporal, a entoação verbal, os adereços a iluminação, etc. (Moran)

3.3. **UNIVERSO DE ANÁLISE**

Tomou-se como universo de análise os documentos disponibilizados na Internet.

3.4. **OBJECTO DE ESTUDO**

Actualmente é disponibilizada aos internautas uma grande variedade de motores de pesquisa, no caso foram seleccionados três: Google, YouTube e SlideShare. Os fundamentos dessa escolha foram já avançados no enquadramento teórico, são razões de oportunidade (curva de aprendizagem, liderança no segmento de mercado e especialização) e a expectativa teórica de que tratando-se de diferentes média, estes devem ser portadores de diferentes mensagens. Mais, em conjunto os três motores cobrem uma parte substantiva dos formatos informação disponível para pesquisa na Internet.

Com efeito, sendo o Google um motor de busca tradicional e genérico, permite a busca de documentos: institucionais, científicos, relatórios oficiais, informação comercial e marketing, etc. Ao mesmo tempo é também amplo o espectro de informação que disponibiliza, quer em termos qualitativos quer em termos quantitativos, pois pode ir da simples brochura comercial ao site de uma empresa até a um livro completo.

Já o YouTube é uma plataforma especializada, que funciona como um serviço de partilha de vídeo online. Nele predominam conteúdos relacionados com o entretenimento, mas também com formação e divulgação comercial. Trata-se de recursos com uma duração predominantemente curta (menos de cinco minutos), em que receptor da mensagem assume uma atitude mais passiva comparativamente com a informação providenciada pelos outros recursos. Em termos de conteúdos científicos, enquadra-se na linha da divulgação científica não apresentado, via de regra, profundidade conceptual ou recorte teórico assinalável.

Quanto ao SlideShare, é um motor de pesquisa especializado em apresentações (*slideshows*). Trata-se de documentos que raramente proporcionam a complexidade teórica de um livro, relatório ou artigo científico, todavia revelam-se excelentes fontes quando objectivo é ter um conhecimento integrado e diacrónico sobre um assunto, normalmente a narrativa numa apresentação é do estilo telegráfico, onde são apresentados de uma forma sintética e segmentada, conceitos, ideias, teorias, exemplos… mais importantes e basilares das matérias que se propõe tratar.

Pesquisando o SlideShare, tanto se encontram documentos com idoneidade científica e académica, por exemplo aulas, apresentações de estudantes, resumos de dissertações, recensões de obras, como apresentações comerciais, estudos de consultoras, etc. Complementarmente, dos três motores é provavelmente aquele que mais encarna a filosofia Web 2.0 e que pode ser utilizado em diferentes contextos e lugares.

Pelas razões avançadas, os três motores identificados, afiguram-se ser aqueles que melhor servem os propósitos enunciados nas questões de partida, por serem líderes dos respectivos segmentos de mercado e porque, dada sua especialização, acredita-se espelham de modo superlativo a variedade de informação disponível na Internet, ao mesmo tempo que revelam de forma mais abrangente as diferentes abordagens ao conceito objecto de análise.

3.5. **A AMOSTRA**

No que se refere à amostra, colocaram-se problemas de grande monta á sua determinação científica. A apresentação dos documentos disponibilizada por cada um dos motores é probabilística, pois eles passam por uma ordenação (*ranking*) determinada por um algoritmo, todavia esse algoritmo não é do conhecimento público, pelo contrário é dos segredos mais bem guardados (Michael). Assim a investigação encontrou-se face a um paradoxo, que é o de encontrar a dimensão de uma amostra probabilística, mas ignorando a probabilidade de um documento ocorrer numa determinada posição na série de resultados obtidos.

Assim, optou-se por analisar as 30 primeiras entradas de cada motor de pesquisa. Número que se estimou ser pertinente para o tipo de análise pretendida e para o tempo que é razoável despender na investigação de um artigo científico. Obviamente está-se ciente que uma amostra desta dimensão, está aquém dos valores que uma investigação de maior envergadura obrigaria.

No total foram analisados 90 documentos.

3.6. **DATA DAS PESQUISAS**

As pesquisas foram efectuadas na semana que decorreu entre 19 e 25 de Junho de 2009.

3.7. **TERMOS DE PESQUISA**

Os termos de pesquisa usados foram: "comunicação de crise".

Optou-se pela pesquisa em inglês "*crisis communication*" devido ao exíguo número dos documentos encontrados usando os vocábulos em português, nomeadamente no SlideShare e no YouTube.

Optou-se ainda pela utilização do termo de pesquisa entre aspas, isto é, restringiu-se a pesquisa aos documentos em que os vocábulos aparecessem em posições adjacentes, uma vez que se pretendia que os resultados correspondessem o mais rigorosamente possível ao conceito em pesquisa, condição que não seria praticável no caso de os vocábulos ocorrerem aleatoriamente nos documentos.

4. **CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO**

4.1. **RECOLHA DA INFORMAÇÃO**

Acedeu-se à página principal de cada motor de pesquisa. Nela inseriram-se os termos de pesquisa antes mencionados. De seguida, procedeu-se à extracção dos documentos identificados: no Google a gravação da página, no YouTube o *download* do vídeo e no SlideShare descarregaram-se as apresentações para disco.

Houve alguns problemas relacionados com os resultados de pesquisa que obrigaram à substituição de documentos, as listas de reprodução foram ignoradas (YouTube), os documentos repetidos ou que apresentavam problemas técnicos (por exemplo, que não se conseguiram visualizar) também foram ignorados, em todos os casos essas referências foram substituídas pelo documento imediato.

4.2. **TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO**

Após a recolha dos dados procedeu-se à análise e sistematização dos resultados obtidos, os documentos foram analisados individualmente, tendo sido consideradas as seguintes variáveis:
Conceitos ou termos mencionados no documento e relacionados com o tema de pesquisa;
Tipo de documento;
Tipo de fonte.

Durante a análise dos dados foram excluídos documentos que se mostraram irrelevantes para o estudo (por exemplo a crise financeira ou a crise da água).

No final da análise de conteúdo dos documentos pesquisados foram encontrados no total 224 termos que posteriormente foram reagrupados em dez grandes grupos. Deste processo de codificação, resultaram os termos apresentados na seguinte tabela.

Tabela 1. Termos em análise

Termos	**Motores de pesquisa**			
	Google	**Slideshare**	**Youtube**	**Total**
Plano de comunicação	21	9	1	31
Canais de comunicação	9	13	2	24
Construção da notícia	14	8	6	28
Aspectos legais e éticos	2	0	3	5
Formação/equipa de crise	19	5	11	35
Relações com os media	7	2	2	11
Identificar públicos	4	3	6	13
Hardware	5	0	1	6
Análise da informação	7	0	3	10
Boas práticas/auditoria/guidelines	4	1	1	6
Total	**92**	**41**	**36**	**169**

5. **ANÁLISE DE DADOS**

Sem prejuízo de medidas específicas que se possam estabelecer em função dos propósitos de cada investigação, existem dois indicadores obrigatórios para avaliar uma pesquisa de documentos, seja ela electrónica ou não: a precisão e a adequação.

5.1. **ADEQUAÇÃO**

A adequação (*recall*) obtém-se com o seguinte cociente: nº de registos identificados/total de registos na base de dados. Este indicador visa medir a pertinência da base de dados para o assunto em pesquisa (Meadow).

Tabela 2. Resultados da Pesquisa

Google	Slideshare	Youtube	Tot.Docs
62 100 000	77 000	668	62 108 368

Todavia e apesar de a adequação permitir em larga medida responder às interrogações colocadas, tal medida é impossível de calcular no presente estudo, pois o denominador, isto é o total de documentos indexados, em qualquer dos motores de pesquisa é desconhecido.

Não obstante, é inegável que os números são elucidativos, as diferenças de cifras manifestam-se em ordem de grandeza, o que significa que se está a falar de realidades distintas, com vantagem para o Google, seguido pelo SlideShare e, por fim, em posição modesta o YouTube.

5.2. **PRECISÃO**

A precisão é obtida pelo cociente nº de registos relevantes/total de registos identificados e visa identificar a eficácia da estratégia de pesquisa (Meadow).

Como se tratou de uma pesquisa simples, isto é, sem recurso ao "modo avançado" e os termos de pesquisa são os mesmos (*crisis communication*), só é possível retirar ilações relativamente ao que se poderia designar por "sensibilidade" de cada motor no que respeita ao conceito em avaliação.

Tabela 3. Precisão da Pesquisa

	Pertinentes	Tot. docs	Precisão (%)
Google	18	30	60
Slideshare	9	30	30
Youtube	15	30	50
Tot. docs	42	90	47

Nota. os valores reportam à amostra na impossibilidade de analisar a totalidade dos documentos resultantes da pesquisa

Os números relevam uma grande variação nos resultados, sendo que o SlideShare assume valores extremamente modestos, em torno de metade dos outros motores, também na relação YouTube/Google a vantagem de 10% para o último, não se pode considerar despicienda.

Todavia, parece ser a leitura do total dos documentos pertinentes (47%) que aponta uma evidência a ter em devida conta: pelos dados mais de metade do esforço dispendido nas pesquisas Internet é não produtivo.

5.3. **DENSIDADE MÉDIA DE TERMOS POR MOTOR DE PESQUISA**

Este indicador, permite centrar a análise no conjunto dos documentos e obtém-se com o cociente ∑ termos/∑ de documentos pertinentes.

Tabela 4. Densidade média de termos por motor de pesquisa

Google	Slideshare	Youtube	Tot.Docs
5,1	4,6	2,4	4,0
42%	38%	20%	33%

Como se pode constatar, a densidade média de termos por documento revela uma grande heterogeneidade entre os três motores e, consequentemente, uma grande dispersão em torno da média. Sendo que o Google e o SlideShare apresentam uma maior riqueza de conteúdos face ao YouTube com resultados manifestamente modestos

Será porventura interessante comparar este quadro com o anterior (precisão), pois se uma medida fornece informação sobre a riqueza de conteúdos a outra revela a sua importância, funcionando por isso em complementaridade.

Antes de proceder a essa comparação, é necessário avisar que se estão a comparar valores estruturalmente diferentes, quer nos conceitos que consubstanciam, quer na metodologia de cálculo (no primeiro caso pesos percentuais e no segundo médias), em termos de análise esta circunstância só permite, em rigor, comparar tendências ou semelhanças, não valores directamente.

Constata-se que a posição relativa entre os motores de pesquisa se altera, o Google lidera nas duas tabelas, em termos de precisão o YouTube ocupa o segundo lugar e o SlideShare o terceiro, já na densidade média de termos o SlideShare ocupa o segundo lugar e o YouTube o terceiro.

Dito por outras palavras, os resultados de pesquisa no YouTube devolvem mais documentos com informação sobre o tema, todavia embora em menor número os documentos SlideShare apresentam uma maior riqueza de conceitos.

Em todo o caso é interessante reter que em média, cada documento versa quatro conceitos, valor algo modesto se comparado com as fontes de documentação clássica.

5.4. **PESO PERCENTUAL DOS DESCRITORES POR MOTOR DE PESQUISA**

O peso percentual dos descritores por motor de pesquisa, consiste na desagregação ao nível de descritor, do indicador densidade média de termos por motor de pesquisa e mede a importância de cada um destes no total de informação recolhida.

O seu cálculo processa-se em duas etapas, a primeira visa neutralizar o efeito induzido pelas diferenças de precisão dos motores de pesquisa e obtém-se pelo quociente: fi descritor/∑documentos pertinentes no motor de pesquisa, na segunda etapa, com os resultados obtidos, constrói-se uma tabela de contingência, onde os valores são apresentados no seu peso percentual relativamente ao total.

A leitura global dos números evidência comportamentos algo difusos entre os motores de pesquisa. Partindo dos valores em totais, pode afirmar-se categoricamente que a primeira posição vai para o Google segunda para o SlideShare e a terceira para o YouTube.

Todavia a análise do desempenho descritor a descritor mostra que o Google contribui com 6 valores máximos e 1 valor mínimo, o SlideShare 2 valores máximos e 4 mínimos e por fim o YouTube 2 valores máximos e 5 mínimos, esta perspectiva de coloca os dois últimos motores praticamente em igualdade de circunstâncias.

Por outro lado os coeficiente de variação permitem constatar que o Google e o YouTube apresentam uma maior consistência entre valores que o SlideShare. Este último revela um comportamento tanto mais errante quanto apresenta o maior valor absoluto (10,5%), juntamente com três ausências de valores.

Tabea 5. Peso percentual dos descritores por motor de pesquisa

Descritores	Google	Slideshare	Youtube	Total	Acumulado
Formação/equipa de crise	↑8,7%	↓4,6%	6,1%	19,0%	19,0%
Plano de comunicação	↑9,7%	8,3%	↓0,6%	19,0%	38,0%
Canais de comunicação	4,1%	↑12%	↓1,1%	17,0%	55,0%
Construção da notícia	6,4%	↑7,4%	↓3,3%	17,0%	72,0%
Identificar públicos	↓1,8%	2,8%	↑3,3%	8,0%	80,0%
Relações com os media	↑3,2%	1,8%	↓1,1%	6,0%	86,0%
Análise da informação	↑3,2%	↓0%	1,7%	5,0%	91,0%
Boas práticas/auditoria/guidelines	↑1,8%	0,9%	↓0,6%	3,0%	95,0%
Hardware	↑2,3%	↓0%	0,6%	3,0%	97,0%
Aspectos legais e éticos	0,9%	↓0%	↓1,7%	3,0%	100,0%
Total	42%	38%	20%	100%	

legenda. (↑) valor máximo, (↑) valor mínimo

Tabela 6. Coeficiente de variação (%)

Google	Slideshare	Youtube	Total docs
6,8	10.5	8,3	6,8

Não obstante, é preciso não descurar a concentração de valores, pois quatro dos termos em análise, em conjunto computam 72% dos valores (ver coluna acumulado). Restringindo a análise a estes valores, a perspectiva altera-se radicalmente, o SlideShare ocupa uma posição de relevo (acumulando 32% em 72%), seguido pelo Google (29% em 72%), o YouTube revela a posição muito mais modesta (11% em 32%). Como se constata, este cenário apresenta-se singular e contrário às tendências predominantes anteriormente detectadas.

Com efeito os valores obtidos para o peso percentual dos descritores por motor de pesquisa, conduzem a diferentes vectores de análise, em grande parte contraditórios, sendo que as principais conclusões postulam:

Globalmente, se se pretende uma maior densidade de termos deve preferir-se o Google seguindo-se-lhe do SlideShare e por fim a uma distância considerável o YouTube.

Por outro lado, se a intenção de pesquisa é especialização, isto é uma menor dispersão de conteúdos o YouTube apresenta-se como a melhor escolha, seguido pelo Google já o SlideShare com um maior coeficiente o que revela uma grande dispersão de conteúdos.

Para concluir deve relembrar-se a grande concentração de valores, centrando a análise nesse núcleo central de descritores o SlideShare ganha vantagem sobre os restantes motores, o Google assume uma posição relevante enquanto o YouTube apresenta um desempenho objectivamente muito pobre.

5.5. **FONTE E TIPO DE DOCUMENTO**

Relativamente às fontes e tipo de documento, trata-se de indicadores da maior importância para avaliar da qualidade da pesquisa e do motor de pesquisa, pois as primeiras garantem credibilidade e o tipo de documento, e o segundo o rigor do tratamento e riqueza de conteúdos.

Antes de avançar com a leitura dos dados, convém mencionar que um documento pode assumir duas ou mais categorias[4]. Posta esta ressalva metodológica, o Google e YouTube surgem como os motores cujos tipos de documento são mais específicos, pois são na sua maioria única e exclusivamente caracterizados por um único termo, contudo os resultados do Google são quase exclusivamente teóricos, ao passo que os do YouTube se encontram distribuídos por todas as categorias.

4 Por exemplo, um estudo de caso com um enquadramento teórico, seria classificado nas duas categorias, esta circunstância justifica que os totais apresentem frequências superiores a número de documentos e impede que se achem valores percentuais, como foi regra nos outros casos deste artigo.

Por seu turno mais de 50% dos documentos SlideShare tem dupla caracterização o que, em princípio, os torna mais generalistas. Quanto à distribuição por categorias, de acordo com a experiência dos autores, elas revelam uma distribuição típica, com um maior peso para os textos teóricos, seguidos de estudo de caso e por fim, informação empresarial.

Tabela 7. Tipo de Documento

	Google	Slideshare	Youtube	Tot. docs
Estudo de caso	1	5	6	12
Seminário/formação/serviços	2	–	4	6
Teórico	18	9	15	42

As fontes dos documentos são sempre um bom indicador, que o pesquisador experimentado avalia para decidir sobre a natureza e a credibilidade da informação, sob este ponto de vista os resultados merecem algumas notas. A primeira é a fraca contribuição das universidades e organismos estatais para o cômputo dos documentos, este facto pode, eventualmente, ser obnubilado pelo peso da variável biblioteca/publicação digital, já que houve publicações provavelmente oriundas da academia e de organismos do estado que foram aí classificados em obediência à lógica de classificação estabelecida.

Tabela 8. Tipo de Fonte

	Google	Slideshare	Youtube	Tot. docs
Biblioteca/publicação digital	3	5	7	15
Empresa	7	–	6	13
Universidade/estado	8	4	2	14

Por outro lado, é de sublinhar o relevo que documentação oriunda do meio empresarial assume, será provavelmente resultado de actividades e serviços em expansão ou mesmo consequência da importância crescente que as empresas dão à visibilidade proporcionada pela Internet, contudo não se deve perder de vista que no quadro anterior a categoria correlativa (seminário/formação/serviços) só agrega seis em 42 resultados.

Centrando a análise nos motores de pesquisa, os valores não deixam de ser menos atípicos. O Google e o YouTube apresentam distribuições inversas, no primeiro caso crescentes e no segundo decrescentes, já o SlideShare apresenta valores próximos, mas distribuídos somente por duas variáveis, por isso uma leitura conjunta dos resultados obtidos pelos motores de pesquisa afigura-se pouco razoável.

Com a informação coligida não parece pertinente qualquer leitura ulterior, justificar-se-ia testar outras hipóteses para confirmar ou infirmar estas tendências, porém quer no âmbito quer na economia própria deste tipo de trabalho, tal não tem cabimento aqui.

6. **CONCLUSÕES**

Finda a análise de dados, é chegada a altura de contrastar as questões de partida com os resultados no sentido de as esclarecer.

A questão central é: Qual o melhor motor de pesquisa? O que apresenta mais resultados e mais pertinentes? O que apresenta maior densidade de conceitos?

Pode-se afirmar em termos quantitativos os motores apresentam resultados totalmente díspares, com efeito, se a bitola se colocar no número de documentos, o Google ganha indiscutível vantagem com milhões de documentos, seguido do SlideShare com milhares e por fim o YouTube com centenas (ver tabela 2). Todavia este indicador é muito rudimentar, sobretudo quando se fala de documentos *on-line*, onde os resultados das pesquisas frequentemente estão eivados de problemas como, documentos repetidos, *links* quebrados, sítios inactivos, etc., convém por isso analisar a qualidade dos documentos. Nesta perspectiva e no que respeita à precisão (tabela 3), embora o Google mantenha a liderança, o YouTube assume a segunda posição relegando o SlideShare para o último lugar. No que respeita à densidade de termos por documento (tabela 4), verifica-se novamente a vantagem do Google, seguido do SlideShare e do YouTube, deve no entanto notar-se que em ambos os casos existe uma polarização nítida de resultados.

A segunda questão versava a diversidade de conteúdos. O Google consegue obter frequências em todos os termos, quanto ao SlideShare, não apresenta valores em quase um terço dos termos. Todavia a esta análise tem um valor relativo, que só ganha relevância com a análise conjunta dos termos, contemplada na terceira questão colocada pelo artigo.

Como foi referido existe uma grande concentração (40% dos termos congregam quase dois terços dos resultados), restringindo a análise a este grupo, a tendência inverte-se, com o SlideShare a ocupar o papel de liderança seguido do Google e do YouTube. Já na análise dos termos menos versados, aflora o padrão dominante: Google SlideShare, YouTube.

Acresce que existem termos fundamentais na teoria da comunicação de crise (públicos, relações com os media, ...), mas que nos dados analisados revelam uma posição modesta.

Outra questão importante em qualquer pesquisa é "Qual o tipo de documentos são mais referidos?" Talvez não seja surpresa encontrar em posição de liderança os documentos de enfoque teórico, todavia a sua preponderância 70% contrasta significativamente com as restantes estudo de caso (20%), seminário/formação/serviços (10%).

Sinopse: O Google é, de todos os motores o que apresenta o melhor e mais regular desempenho. Ao SlideShare, embora com algumas reservas, merece ser creditada a segunda posição, pois apresenta na maioria dos indicadores essa posição. Por fim e com surpresa para os autores, surge o YouTube, sobretudo dado o seu fraco desempenho na maioria dos parâmetros, em contraste com a sua reputação no meio académico.

Adicionalmente emergiram três ideias, que embora não tivessem directamente contempladas pelas questões iniciais, parecem merecer alguma reflexão.

A primeira, é a fraca precisão dos instrumentos de pesquisa em análise (47%), isto é, mais de metade do esforço dispendido nas pesquisas é inútil.

A segunda, é a grande concentração de valores, o que pode indiciar um possível enviesamento da informação resultante da pesquisa.

A terceira, consiste na menor valorização de alguns dos tópicos em análise se comparados com as fontes de informação impressas sobre o tema, o que deverá conduzir à necessidade de questionar a consistência teórica dos documentos avaliados.

7. **LIMITAÇÕES E DESENVOLVIMENTO POSSÍVEL DO ARTIGO**

Como limitações podem apontar-se duas de maior importância: a data dos documentos e a dimensão da amostra. Relativamente à primeira, via de regra, foi muito difícil averiguar a data de publicação dos documentos pesquisados, embora no YouTube e o SlideShare fosse mencionado quando eles foram disponibilizados online (o que não corresponde necessariamente à data da sua publicação).

Para um pesquisador traquejado a data é um elemento de avaliação de suma importância, por um lado ela pode determinar a sua pertinência (se tratar de leis ou documentos com múltiplas versões, como é o caso de normas e comunicados), por outro lado, a data pode plasmar um variado conjunto de indicações complementares em função da natureza e objectivos da pesquisa (tecnologias em uso, teorias dominantes, contextos socioeconómicos, …). Trata-se de uma limitação exógena ao artigo, que embora possa colmatada com o uso de formatos normalizados de apresentação dos documentos como Dublin Core Metadata Standard, é muito pouco provável que venha a ser ultrapassado se se mantiver o paradigma que enforma a Internet actualmente.

A segunda limitação diz respeito à dimensão da amostra, provavelmente deveria incidir sobre um maior número de documentos, circunstância que poderia propiciar maior fidelidade e consistência dos dados recolhidos e mitigar o reduzido número de documentos em avaliação. No entanto, tendo em conta o tipo de análise pretendida e o tempo que é razoável dedicar a escrita de um artigo, considerou-se pertinente o critério que determinou o número de documentos analisados.

Para a realização de estudos futuros, recomenda-se alargar a pesquisa a um segundo conceito da mesma área ou de área diferente, para comparativamente se aferir e validar os resultados obtidos.

Complementarmente em vez de se usar um sistema de codificação que resultou da própria pesquisa, seria talvez mais criterioso usar um thesaurus da respectiva área de conhecimento ou definir uma lista de termos a partir do *corpus* teórico, por exemplo do índice remissivo de obras científicas relacionadas.

Por fim seria de considerar como bitola de comparação dos resultados obtidos *text retrieval system* como por exemplo a B-On.

BIBLIOGRAFIA

Bjørner, Susanne. "Online Before the Internet, Early Pioneers Tell Their Stories". *Searcher* 11.7 (2003): 52-61.

Duarte, Nancy. *Slide:ology, the Art and Science of Creating Great Presentations*. Sebastopol: O'Reilly, 2008.

Fleischner, Michael H. *SEO Made Simple: Strategies for Dominating the World's Largest Search Engine*. Totowa: Lightning Press, 2009.

Kirk, Elizabeth E. "Evaluating Information Found on the Internet". *Sheridan Libraries*. Internet. 10 Jun. 2009. <http://www.library.jhu.edu/researchhelp/general/evaluating>

Marshall, McLuhan, e Quentin Fiore. *The Medium is the Message*. New York: Penguin, 2008.

Maxwell, James C. *A Treatise on Electricity and Magnetism*. Oxford: Clarendon, 1982.

Meadow, Charles T. *Text Information Retrieval Systems*. Cambridge: Cambridge UP, 2008.

Miller, Michael. *Complete Idiot's Guide to Search Engine Optimization*. New York: Alpha Books, 2009.

Mintz, Anne P. *Web of Deception: Misinformation on the Internet*. New Jersey: CyberAge Books, 2002.

Moran, José M. "O vídeo na sala de aula". *Comunicação & educação* .2 (1995): 27-35.

O'Reilly, Tim. "What Is Web 2.0 Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software". *O'Reilly.* Internet. 10 Jun. 2009. <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>

Summit, Roger. "Reflections on the Beginnings of Dialog, The Birth of Online Information Access". *Dialog*. 10 Jun. 2009. <support.dialog.com/publications/chronolog/200206/1020628.shtml>.

IMORTALIDADE SIMBÓLICA, ESTUDO COMPARATIVO ENTRE TER OU NÃO TER FILHOS NUMA AMOSTRA DE PORTUGUESES

Paula Isabel Santos
Professora Auxiliar
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
psantos@ufp.edu.pt

ISSN: 1646-0480
Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, nº 7, p. 484-493 (2010)
Submetido/Submitted: 01 Jun. 2010 / Aceite/Accepted: 13 Set. 2010

RESUMO

Um questionário sóciodemográfico e a *Sense of Simbolic Immortality Scale (SSIS)* de Drolet (1990) foram administrados a um grupo de duzentos e quatro (N=204) adultos Portugueses (93 homens e 111 mulheres) com idades compreendidas entre os 18 e os 62 anos. Os resultados demonstram que não existem diferenças no sentido de imortalidade simbólica quando se considera a idade, sexo e estado civil, contudo os indivíduos com filhos apresentam um maior desejo de imortalidade simbólica.

PALAVRAS-CHAVE

Imortalidade Simbólica, Modos de Imortalidade Simbólica, Identificação por Delegação.

ABSTRACT:

A sociodemographic questionnaire and Sense of Symbolic Immortality Scale (SSIS) from Drolet (1990) were fulfill by a group of two hundred and four (N = 204) adult Portuguese (93 men and 111 women) aged from 18 to 62 years. The results revealed no differences in the sense of symbolic immortality when considering age, sex and marital status, yet individuals with children show a greater desire for symbolic immortality.

KEYWORDS

Symbolic Immortality, Modes of Symbolic Immortality, Next Generation Identification

INTRODUÇÃO

Robert Jay Lifton ("On Death") teorizou que há uma necessidade básica no psiquismo saudável, que se relaciona com a vida para além da nossa própria morte: o desejo de Imortalidade Simbólica (IS). Esta necessidade é expressa em cinco modos: natural, biológico, experiencial, criativo e religioso, e ajuda a ultrapassar a ansiedade perante a morte (Lifton e Olson, "The Human"). Neste contexto e sendo o modo biológico um dos caminhos através do qual conquistamos simbolicamente a imortalidade, quisemos perceber se o facto de ter ou não ter filhos influencia esse mesmo desejo, para o efeito efectivamos um estudo comparativo entre dois grupo de adultos, um com filhos e outro sem filhos. Descreveremos de seguida o nosso estudo, depois de efectuarmos uma breve revisão teórica sobre o conceito de Imortalidade Simbólica, seguidamente apresentaremos as conclusões e discussão. Terminamos referenciando algumas limitações do presente estudo bem como com a apresentação de algumas sugestões para estudos futuros.

IMORTALIDADE SIMBÓLICA

Desde que o ser humano tem consciência da sua morte que procura a imortalidade (Conn et al.). Ainda que tentemos negar a morte, ainda que a reprimamos e a afastemos da nossa consciência, a sua ideia faz parte da nossa vida e do nosso dia-a-dia (Mathews). Nesse sentido e confrontado com a limitação que o tempo impõe, procuramos de diversas formas ultrapassar o temeroso destino, procuramos prolongar-nos no tempo, mesmo depois da morte física, procuramos deixar legado no sentido de não sermos esquecidos, procuramos uma ponte entre a mágoa da finitude e o sonho da imortalidade, emerge assim o desejo de Imortalidade Simbólica (Lifton, *The Broken*). Ou seja simbolicamente queremos continuar vivos, seja através dos filhos, dos actos que praticamos, das obras que deixamos, da própria cultura com a qual nos identificamos, depositária da nossa identidade, da religião e até da própria natureza, que continuará a existir depois de nós (Drolet).

Sendo a negação da morte um processo universal, o sentido de imortalidade simbólica, ultrapassa essa negação (Lifton, *The Broken*), dando a resposta à aspiração universal de viver para sempre (Lifton e Olson, *Living*).

A consciência de morte individual é um forte estímulo para a identificação por reforçar a necessidade psicológica de nos revermos nos vindouros, nos nossos continuadores, depositários do nosso desejo de eternidade (Figueiredo). Delegamos nas gerações seguintes a responsabilidade de não deixar morrer a memória da nossa existência.

MODOS DE IMORTALIDADE SIMBÓLICA

Modo biológico: Talvez seja o modo com mais importância e o mais óbvio. Cada um de nós vive através dos seus filhos e filhas, netos e netas, numa cadeia biológica sem fim. Através dos laços familiares a vida não mais terá fim (Lifton e Olson, *Living*).

Em termos de conexão biológica, August Weismann falou há cerca de um século, no princípio da imortalidade celular, da imortalidade dos seres unicelulares e da imortalidade das células reprodutoras dos multicelulares. Mas essa imortalidade celular é apenas um dos as-

pectos da nossa continuidade biológica. Já que o homem é um ser cultural por excelência, a família ela própria é expressa em termos sociais (Lifton, *The Broken*). Os filhos são o nosso prolongamento (Unamuno).

Criativo: Enfatiza todas as nossas metas e criações artísticas e profissionais, que ajudarão outras pessoas e como tal, irão igualmente ajudar as futuras gerações (Lifton, *The Broken*). Todos desejamos deixar algo que nos sobreviva (Viederman).

Natural: Este modo está relacionado com a natureza, com o sentimento de que fazemos parte do universo e que este nos ultrapassa, como fazemos parte da natureza, que é eterna, podemos ter a certeza de que algo de nós continuará depois de morrermos (Lifton e Olson, *Living*). Este modo enfatiza a relação com os outros seres, com aspectos vivos e não vivos da natureza (Mathews).

Religioso: Este é o modo que surge mais rapidamente quando falamos de imortalidade. A imortalidade foi sempre o cerne das preocupações das várias religiões. Este modo lida com a possibilidade de transcender a morte através dos nossos objectivos e metas espirituais. Quer inclua ou não a ideia literal da vida para além da morte, a principal característica deste modo é tomar a forma de libertação, de uma vida profana ou mundana para um plano mais elevado da existência, onde é permitido ao self transcender a sua própria finitude biológica (Lifton, *The Broken*). O principal fio condutor de todas as religiões é transcender a finitude (Mikulincer e Florian).

Transcendental: Este modo é conseguido quando vivemos momentos de grande intensidade, nos quais a noção de tempo e de espaço desaparece, como por exemplo dar à luz, dançar, cantar, dançar ou outras experiências de êxtase. Este modo pode também ser induzido através do álcool ou drogas (Lifton, *The Broken*).

OBJECTIVOS E HIPÓTESES

Tendo em conta que o desejo de imortalidade simbólica é universal e tendo em conta que um dos modos de conseguirmos transcender a morte é através dos filhos, da descendência quisemos perceber de que forma essa variável (ter ou não ter filhos se repercute nesse mesmo desejo)

Não tendo encontrado literatura disponível que nos permitisse orientar as nossas duas hipóteses, socorremo-nos da hipótese nula:

Hipótese 1: O sentido de imortalidade simbólica não diferem entre dois subgrupos um com filhos e outro sem filhos

Hipótese 2: O sentido de imortalidade simbólica não difere entre o género feminino e masculino

Método

Participantes

Concorreram para este estudo um total de duzentos e quatro sujeitos (N=204) (93 homens 111 mulheres) com idades compreendidas entre 18 to 62 anos ($M = 41.23$, $SD = 12.61$). Todos os inquiridos são de raça caucasiana e de naturalidade portuguesa. Realça-se ainda que a situação profissional de todos os participantes é similar, tratando-se de empregados fabris, ou seja todos no activo. A descrição detalhada da amostra encontra-se nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1. Número de sujeitos por grupo e por estado civil

Estado Civil	GC	
	Frequência	Percentagem
Solteiro	65	31.8
Casado/União de Facto	111	54.5
Separado/Divorciado	19	9.3
Viúvo	9	4.4

Tabela 2. Caracterização dos grupos quanto ao número de filhos

Número de filhos	Frequência	Percentagem
Sem filhos	86	42.2
Um ou mais filhos	118	57.8

Material

Dois instrumentos foram usados neste estudo:

Questionário sócio-demográfico: Com informação relativa ao sexo, idade, nacionalidade, estado civil e ter ou não tem filhos

Sense of Simbolic Immortality Scale

The Sense of Symbolic Immortality Scale, é uma escala de atitudes ou crenças, desenvolvida por Drolet, em 1990, e adaptada para o português por Santos, constituída por um total de 26 itens/afirmações que representam áreas da vida que têm um papel importante no desejo de Imortalidade Simbólica. A resposta a estes itens é dada numa escala tipo Likert, de cinco pontos, que varia entre "Concordo Plenamente" e "Discordo Plenamente". O escore máximo possível é de 130 pontos e o mínimo de 26 pontos. Quanto maior for o resultado obtido maior é o sentido de Imortalidade simbólica (Santos).

Procedimento

Os participantes responderam ao questionário no Gabinete médico das fábricas (IMPETUS e Salgado & Neto, Lda.), fábricas ligadas à indústria têxteis sediadas na zona do Grande Porto

A recolha dos dados ocorreu durante os meses de Maio e Abril de 2008, depois de ter sido obtido o consentimento e colaboração das instituições supracitadas. Com os participantes foram seguidos todos os princípios éticos vigentes incluindo consentimento informado. A escolha desta população prendeu-se sobretudo com o facto de se tratar de população activa e saudável, e por outro por termos tido acesso à mesma através da colaboração das referidas fábricas. Os questionários, os quais foram preenchidos na nossa presença e tomaram cerca de 15 minutos a cada funcionário.

Análise de dados

A análise estatística foi realizada através do programa de análise de dado Statistical Package for Social Sciences (SPSS, versão 17.00). Os testes conduzidos prenderam-se com T-testes para amostras independentes (H1, H2) e análises de variância unifactoriais (ANOVA) (H2). A normalidade foi estudada através do teste Kolmogorov-Smirnovov com um nível de significância p <.05.

RESULTADOS

Hipótese 1: O sentido de imortalidade simbólica não diferem entre dois subgrupos um com filhos e outro sem filhos

Tabela 3. Médias e desvios Padrões para o resultado da SSIS, para os dois subgrupos: ter ou não ter filhos

	Tem filhos?				
Scale	**Sim (n = 144)**		**Não (n = 60)**		**t**
	M	**SD**	**M**	**SD**	
SSIS	95.5	10.107	88.9	12.811	2.39*

*p <. 05

Como se poderá verificar na tabela 3, o subgrupo com filhos obteve resultados significativamente superiores ao subgrupo sem filhos, com as médias de 73.6, e 68.3 respectivamente.

Hipótese 2: O sentido de imortalidade simbólica não difere entre o género feminino e masculino

Quando se considera o Sexo, verifica-se que o desejo de Imortalidade Simbólica é muito idêntico entre homens e mulheres (M = 95,34, DP = 12,80 vs. M = 94,78, DP = 13,27, respectivamente), não tendo sido observadas diferenças entre os grupos (t (202) = 1,184) p=0.8. A hipótese 2 não foi assim rejeitada

Foram ainda realizadas estatísticas exploratórias para a idade e estado civil, não se tendo verificado diferenças significativas em nenhum dos casos.

DISCUSSÃO

Concluímos que o desejo de Imortalidade Simbólica não parece depender da idade, sexo ou estado o civil, contudo, parece estar intimamente ligado com o facto de as pessoas terem ou não terem filhos. Ou seja, parece depender mais das vivências internas do que de factores sócio-demográficos (Dechesne et al.).

Talvez por serem os filhos uma das formas de as pessoas continuarem vivas através deles, de continuarem a sua jornada. Contudo, se atendermos às teorias de Lifton, o desejo de IS não se esgota na imortalidade puramente biológica estendendo-se à comunidade.

Não podemos deixar de questionar: será o desejo de imortalidade simbólica que incute o desejo de ter filhos, ou serão os filhos em si que empolam o desejo de IS?

É importante manter presente que o futuro da espécie depende do desejo de imortalidade simbólica, numa época em que se torna possível o controlo da natalidade, é imperioso atender à perspectiva que o ser humano faz do seu futuro e dos que lhe sobreviverão. Ainda que não seja um tema pouco popular entre os investigadores, a morte faz parte das nossas vidas e merece atenção no que se reporta à qualidade de vida (Neimeyer, Wittkowski e Moser)

Lifton, ao defender que o desejo de imortalidade simbólica se relaciona com saúde mental e dá mostras de estar a diminuir, face à avalanche de ameaças que pairam sobre o planeta e sobre a espécie humana, de entre as quais se destacam as ameaças terroristas, as ameaças nucleares e a destruição dos recursos naturais. Torna-se imperioso repensar a saúde mental e com esta, a saúde das futuras gerações e do planeta, pois a geração presente será sempre responsável pelo amanhã. Desta forma, é imperiosos que o homem acredite no futuro, se projecte e proteja quer o futuro do planeta quer as gerações vindouras, protegendo-se simultaneamente no presente (Lifton, "Americans"). Pois quem não acredita no amanhã, jamais poderá acreditar no presente, acrescentamos.

Citamos Lifton e Paulos, quando afirmam que a população mundial está a "desinvestir" no futuro e a ter cada vez mais ansiedade perante a morte, porque a morte perdeu sentido, e consequentemente a vida perdeu ou perderá sentido.

A falta de perspectivação no futuro, a falta de confiança gera um certo adormecimento psíquico (psyquic numbness) (Lifton, "Beyond"), onde predomina o hedonismo do imediato, (Florian e Mikulincer), o desejo de imortalidade simbólica correlaciona-se positivamente com saúde mental (Govindama).

Ironicamente é precisamente quando o homem precisa de se identificar com o futuro que esse mesmo desejo corre o risco de ser esmagado, face à avalanche de ameaças que pairam sobre a humanidade e que deixam adivinhar que o futuro pode ser receoso, numa mescla de falta de recursos naturais e valores humanos (Mathews).

A reprodução genética pode contribuir para a imortalidade biológica mas só o será como manifestação do desejo de reprodução quando assente em relações de parentesco (Figueiredo). Daí a importância do desejo de nos revermos nas gerações futuras, para assegurar a

própria sobrevivência da espécie, pois o controlo da natalidade ultrapassa o mero instinto de sobrevivência.

A imortalidade simbólica assenta no desejo do homem se perpetuar, o mais tempo possível através dos grupos sociais a que pertence, a preservação dos referidos grupos é essencial à viabilidade do referido desejo (Wade-Benzoni e Tost), o desaparecimento desses grupos deixaria de dar suporte as manifestações de desejo da imortalidade simbólica (Wade-Benzoni).

A Morte é um tema que merece a nossa atenção enquanto profissionais de saúde (Nagi e Lazerine), deveria dar-se mais importância à morte e às suas representações simbólicas (Abdel-Khalek e Lester).

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

As limitações do nosso estudo são diversas, uma das quais se prende com a natureza da amostra (empregados fabris), o que não nos permite generalizar à população portuguesa.

A escala utilizada (SSIS) apresenta igualmente algumas limitações, pois esta não nos permite perceber como é que as pessoas lidam com o problema da morte e da imortalidade nem nos permite compreender toda a diversidade e complexidade do ser humano a este respeito (Neimeyer, Wittkowski e Moser). Para além disso a escala não está aferida à população Portuguesa.

A própria questão da morte é falada de forma diferente de cultura para cultura e levanta ainda muitas resistências (Lester, Templer e Abdel-Khalek). O que pode ter levantado resistências nos participantes e ter levado a resultados inconclusivos.

Por fim anotamos que sendo este um estudo comparativo, não nos permite verificar de que forma o facto de ter filhos influencia a imortalidade simbólica, ou se é o desejo de imortalidade simbólica que leva a que as pessoas desejem ter filhos. Não nos permite, por não ser experimental, estabelecer uma relação de causa-efeito

SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Sugerimos para estudos futuros sobre a temática, o recurso a amostras mais alargadas e diversificadas, de forma a dar consistência e poder generalizar os resultados.

Seria ainda interessante cruzar estes dados com uma escala de bem-estar ou que medisse a qualidade de vida, bem como controlar a saúde mental (depressão, ansiedade, etc.)

Encorajamos estudos nesta temática, a sociedade contemporânea ignora a morte (Meissner). A morte continua a ser tabu (Zucker). A questão da morte, refere Kovács, é central na existência humana, é um tema importantíssimo. Ela estende-se ao nascimento, à aprendizagem social, à vida quotidiana e ritual, à identificação sexual à doença e ao envelhecimento (Conte, Weiner e Plutchik).

BIBLIOGRAFIA

Abdel-Khalek, A. M., e D. Lester. "Correlations of Attitudes toward Physician-Assisted Suicide, Death Depression, Death Obsession, and Trait Anxiety". *Psychol Rep* 98.3 (2006): 734.

Conn, R., et al. "Reduction of Anxiety about Death: Need for Beliefs about Immortality". *Psychol Rep* 79.3 Pt 2 (1996): 1315-18.

Conte, H. R., M. B. Weiner, e R. Plutchik. «Measuring Death Anxiety: Conceptual, Psychometric, and Factor-Analytic Aspects.» *J Pers Soc Psychol* 43.4 (1982): 775-85.

Dechesne, M., et al. "Literal and Symbolic Immortality: The Effect of Evidence of Literal Immortality on Self-Esteem Striving in Response to Mortality Salience". *J Pers Soc Psychol* 84.4 (2003): 722-37.

Drolet, J. L. "Transcending Death during Early Adulthood: Symbolic Immortality, Death Anxiety, and Purpose in Life". *J Clin Psychol* 46.2 (1990): 148-60.

Figueiredo, E. *Angústia ecológica e o futuro trajectos portugueses*. Lisboa: Gradiva, 1993.

Florian, V., e M. Mikulincer. "Symbolic Immortality and the Management of the Terror of Death: The Moderating Role of Attachment Style". *J Pers Soc Psychol* 74.3 (1998): 725-34.

Govindama, Y. "Mental Disorders and the Symbolic Function of Therapeutic Rites in the Reunion Island Hindu Environment". *Transcult Psychiatry* 43.3 (2006): 488-511.

Lester, D., D. I. Templer, e A. Abdel-Khalek. "A Cross-Cultural Comparison of Death Anxiety: A Brief Note". Omega (Westport) 54.3 (2006): 255-60.

Lifton, R. J. "Americans as Survivors". *N Engl J Med* 352.22 (2005): 2263-65.

---. "Beyond Psychic Numbing: a Call to Awareness". *Am J Orthopsychiatry* 52.4 (1982): 619-29.

---. "On Death and Death Symbolism: the Hiroshima Disaster". *Psychiatry* 27 (1964): 191-210.

---. *The Broken Connection: on Death and the Continuity of Life*. New York: Simon & Schuster, 1979.

Lifton R. J., e E. Olson. *Living and Dying*. New York, Praeger Publisher, 1974.

---. "The Human Meaning of Total Disaster. The Buffalo Creek Experience". *Psychiatry* 39.1 (1976): 1-18.

Mathews, R. C., e R. D. Mister. "Measuring an Individual's Investment in the Future: Symbolic Sensation Seeking, and Psychic Numbness". *Omega: The Journal of Death and Dying* 18.3 (1987): 161-73.

Meissner, W. W. "In the Shadow of Death". *Psychoanal Rev* 82.4 (1995): 535-57.

Mikulincer, M., e V. Florian. "Exploring Individual Differences in Reactions to Mortality Salience: Does Attachment Style Regulate Terror Management Mechanisms?" *J Pers Soc Psychol* 79.2 (2000): 260-73.

Nagi, M. H., e N. G. Lazerine. "Death Education and Attitudes toward Euthanasia and Terminal Illness". *Death Educ* 6.1 (1982): 1-15.

Neimeyer, R. A., J. Wittkowski, e R. P. Moser. "Psychological Research on Death Attitudes: An Overview and Evaluation". *Death Stud* 28.4 (2004): 309-40.

Santos, P. I. *Ansiedade perante a morte e imortalidade simbólica: outro diálogo com os deficientes motores*. Diss. Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 1999.

Unamuno, M. *Do sentimento trágico da vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 1988.

Viederman, M. "An Unusual Relationship: The Final Encounter of Picasso and Matisse". *Psychoanal Q* 62.4 (1993): 615-27.

Wade-Benzoni, K. A. "Legacies, Immortality, and the Future: The Psychology of Intergenerational Altruism". *Research on Managing Groups and Teams* 8. (2006): 247-70.

Wade-Benzoni, K. A., e L. P. Tost. "The Egoism and Altruism of Intergenerational Behavior". *Pers Soc Psychol Rev* 13.3 (2009): 165-93.

Zucker, A. "Death and Language: some Comments on Haussamen". *Death Stud* 22.4 (1998): 321-28.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos quantos participaram neste estudo, bem como às Instituições que permitiram a sua realização.

RECENSÕES

CRIME E COMPORTAMENTOS CRIMINOSOS

Laura M. Nunes

Não são poucas as tentativas de plasmar numa mesma obra o vasto mas com frequência estéril saber criminológico. Desde os volumosos e pedagógicos manuais norte-americanos até obras de autores consagrados, a produção bibliográfica em criminologia tem crescido exponencialmente nos últimos anos permitindo uma vasta variadade de leituras e obras de apoio e partilha de conhecimento. Contudo, são poucos os autores que se atrevem a uma obra geral da sua exclusiva autoria numa área de saber tão diversificada e pouco integrada. Quando isso acontece, a estratégia mais comummente utilizada por esses autores, salvo algumas excepções, é a elaboração de manuais básicos que resumem um pouco de tudo. Uma pesquisa rápida na Internet permite-nos identificá-los através de subtítulos como *For dummies* ou ainda *The basics* que esclarecem e justificam desde o início os limites e as pretensões da obra. Frente a esta opção encontramos obras de autores reconhecidos que publicam textos extensos e abrangentes legitimados por décadas de experiência científica e educativa.

O título escolhido para a obra em causa deixa no leitor a dúvida sobre as pretensões da mesma. Trata-se de uma manual geral, de uma reflexão crítica ou da exposição e discussão de uma determinada perspectiva?

No seu interior a autora esclarece:

> Este livro procura expor algumas das múltiplas facetas do crime e do criminoso, apresentando também algumas das muitas conceptualizações teóricas que procuram trazer luz a esse comportamento. (17)

Falta, no nosso entender, uma mais clara justificação sobre os critérios de escolha (se existem) das conceptualizações que irão ser expostas.

O conteúdo da obra apresenta-se estruturado em 11 capítulos em que a autora vai percorrendo de uma forma um tanto sinuosa as diferentes formas de percepcionar as origens e a explicação do comportamento criminal. Vão surgindo assim os factores biológicos, psicológicos e sociais que a literatura tem relacionado com o comportamento criminal.

Não há nesta obra uma exposição aprofundada e crítica mas sim um percurso geral, não comprometido e simplificado pelos diferentes quadros explicativos.

E é neste último ponto que reside o seu valor. Esclarecidas as suas pretensões, esta obra representa um grande esforço de agregação e síntese das principais conceptualizações teóricas que têm surgido ao longo da história. Uma leitura interessante para quem, pela primeira vez, se debruça sobre a complexa tarefa de explicar o comportamento criminal. Neste esforço de síntese, destaca-se a presença de súmulas que lhe dão um claro carácter didáctico. O leitor poderá encontrar no seu interior uma panorâmica geral bem explicada e uma porta aberta para novas questões e novas leituras.

Olhares mais maduros sentirão a falta de um compromisso na interpretação criminológica, da novidade das investigações mais recentes e do confronto com as grandes controvérsias da discussão científica em criminologia, resolvidas aqui com a escusa um tanto peremptória da complexidade do tema ou da divergência dos resultados das investigações.

Mas o objectivo do livro não nos parece esse mas sim ir ao encontro de um público necessitado de compreender um fenómeno socialmente relevante mostrando a esse leitor que a leitura do fenómeno criminal não é única nem consistente e muito menos consensual. Uma boa aprendizagem para interpretar uma realidade que nos é próxima mas que muitas vezes sentimos que nos ultrapassa.

Ana Sacau

ERAS DE EROS

Francisco Simões e Isabel Ponce de Leão

Eras de Eros, de Francisco Simões e Isabel Ponce de Leão, sendo um livro sobre o Erotismo, traduzido e enfatizado em dimensão ensaística, é, também, uma exaltação à Beleza da palavra poética e à imagem plástica do desenho e da escultura.

Podemos achar o livro dividido em duas partes, apesar da complementaridade existente entre elas. Numa primeira parte, de natureza ensaística, a que se junta Eugénio Lisboa em excelente exórdio, Isabel Ponce de Leão (IPL) traça o percurso diacrónico do erotismo, em dimensão ideológica e da repercussão cultural e social, enquanto uma certa arte de amar, e estabelece a relação sugestionada e/ou expressa que assume na literatura, mormente na poesia, e nas artes plásticas. É um trabalho rico de informação e acervo bibliográfico, hábil no estabelecimento das relações e repercussões do erotismo ao longo dos tempos, na consequente adequação das definições e conceitos, de uma abordagem actualizada e da rejeição de certos mal-entendidos em que a arte do amor erótico se enredou e enreda ainda. Neste campo, a referência ensaística, as considerações conceptuais, a reflexão e a exemplificação, nomeadamente através da poesia e da pintura, visam como que reabilitar Eros, na importância que deve ter para o sentido e o sentimento da relação amorosa, enquanto exercício sublime de arte erótica, desse modo negando, como defende IPL, "a obscenidade, a promiscuidade, o mau gosto escatológico, a impropriedade idiolectal, características mais próximas da pornografia".

Dos poetas referidos e convocados, ganha destaque, pelo maior caudal de referências e citações, David Mourão-Ferreira, que, deliberadamente, IPL quis privilegiar, não apenas pelo traço persistente de Eros na poética do autor de *A secreta viagem*, mas também pelas afinidades que se estabelecem com a mensagem plástica de Francisco Simões, constituindo ainda ensejo para referência à amizade entre os dois artistas e ao trabalho estético-literário que realizaram em conjunto.

Numa segunda parte, simbolicamente intitulada *Ao desígnio*, apresenta-se um conjunto de reproduções de oito desenhos e de quatro fotografias de esculturas de Francisco Simões (FS), acompanhadas em rodapé de excertos de poemas, cuja inserção nos parece ter como objecto essencial a ilustração, isto é, estabelecer a cumplicidade – pela mesma referencialidade, reforço ou complemento – que discursos distintos têm (ou podem ter) perante uma mesma linguagem. Trata-se, de resto, de consignar, nesta parte do livro, o que antes, no momento ensaístico, se defendera, isto é, a Beleza da arte erótica, consagrada, complementarmente, na expressão das belas-artes da poesia, do desenho e da escultura. Se nas imagens das esculturas de FS apresentadas no livro (e as da sua obra em geral), a mulher surge em figura isolada, impondo, todavia, uma sensualidade grácil e naturalmente evidenciada pela beleza do corpo e sua expressão ou narratividade formal, esta, por vezes, enriquecida ou complementada com elementos sugestivos (a flor, o fruto), é nos desenhos que se traduz com acentuada plasticidade e narratividade o erotismo, em harmonia e beleza, sobretudo nos trabalhos onde se exibe uma participação efectiva heterossexual. Por outro lado, os desenhos ganham no papel um espaço de expressão natural que às imagens das esculturas não é tanto devida.

De referir o aspecto cuidado do livro, a qualidade gráfica e gosto estético, da forma, à cor, passando pelo grafismo, aspectos que se repercutem desde a felicidade estética da capa, sugestiva, ou estimulante, do percurso que no seu interior é traçado; um livro que é para ler e para ver. E a este propósito, queremos dizer que o livro sabe a pouco, isto é, queríamos vê-lo mais composto, com mais desenhos de FS e mais poemas de mais poetas… É que o amor sabe sempre a pouco…

Eras de Eros, dir-se-á, a vários títulos, um livro belo, e dir-se-á então um livro de amor, da palavra e da imagem plástica, feito de cumplicidades e enredos, em torno de Eros e da arte de amar que lhe é subjacente.

Fernando Hilário

PATRIMÓNIOS PARTILHADOS: ESTUDOS SOBRE ÁSIA E ÁFRICA

Alcinda Cabral (Org.)

Em patrimónios partilhados, encontramos uma rica e abundante colecção de artigos, sobre duas áreas do mundo, a África e a Ásia. Por toda a obra é patente o esforço de análise e de aproximação entre estas zonas e a Europa, assim como do resto do mundo. O imaginário colectivo europeu foi dominado pelos sonhos orientalistas, no passado acompanhados ainda de conjecturas colonialistas e etnocêntricas. É louvável a riqueza de artigos e densidade científica da esmagadora maioria dos artigos. Destaca-mos alguns capítulos e artigos que pensamos estarem mais bem concebidos e organizados e onde considera-mos ter a capacidade científica para analisar.

O "outro" está cada vez mais próximo, presente na própria Europa como destaca o capítulo: Diásporas: condição, desafios, problemas, complexidades. Aqui é patente a proximidade africana e asiática, que com os desafios da globalização projecta na Europa até demograficamente a sua crescente influência, como ilustra o artigo de Rui Leandro Maia. A Europa é um continente com uma vibrante realidade multicultural, onde é necessário adoptar diversas teorias de mediação sócio-cultural, como afirmam os autores Pedro Cunha e Carlos Sequeira Cunha.

A questão islâmica é uma problemática dominante nos últimos 9 anos, onde a Europa é um protagonista deste contacto civilizacional, como o foi durante a história, aqui o artigo de Albino Cunha, assim como o de Soltarrés Chamorro, são espelhos investigativos de preocupações e problemáticas fundamentais para que seja possível um futuro de mútuo respeito e convivência, mas os artigos constituem também importantes avisos que ilustram que nem tudo pode ser resolvido exclusivamente com a bandeira do "Politically Correct" e do multiculturalismo galopante.

No capítulo "Políticas e Figuras do Poder: Isolamentos, Dependências, Interdependências," estão concentrados uma série de artigos muito interessantes para a análise em particular do Norte de África, dos quais destaco positivamente os artigos de Ángela Hernández Moreno, onde a autora se debruça sobre a tão actual problemática do Sahara Ocidental, onde podemos receber uma clara e justa análise das partes em questão. O artigo de Bem El Fassi Abdeslam e Slimani Zakiya aborda a original temática de análise da aproximação da política externa marroquina em relação aos países Ibero-Americanos, e abre igualmente interessantes perspectivas futuras de análise no que toca à historiografia e à análise das relações entre Portugal, Brasil e Marrocos. A análise geoestratégica de José Maria García Alonso no seu artigo sobre o investimento em armamento feito pelos países do Norte de África e do Sahara em comparação com o investimento feito no seu desenvolvimento económico, aponta para um problema comum a todos os países do Norte de África, assim como a muitos outros países africanos e asiáticos, onde os gastos com armamento superam em muitos casos os gastos com sectores chave ao desenvolvimento económico, de facto a grande maioria dos países do Norte de África sofre de fortíssimos deficits democráticos, que são patentes na perene dependência que demonstram pela compra de armamento, o autor salienta os casos de Marrocos e Argélia, onde os orçamentos militares tendem mais a subir, assim como a percentagem do PIB destinada à manutenção das forças armadas, o que, concluí o autor, é um dos factores de risco que aumentam a possibilidade de conflito militar em toda a zona do Sahara.

No capítulo "Sociedade, economia, valores éticos e princípios jurídicos," constata-se a coexistência muito próxima, mais uma vez, a uma diversidade de temas e abordagens que coloca um pouco em causa a coerência interna do capítulo. Aliás, a extensão do título já sugere, *a priori*, um esforço por incorporar temas dispersos num único capítulo. Tal não prejudica a qualidade individual dos artigos nem tampouco preclude a possibilidade de fazer pontes entre elas: a temática da globalização e as alterações profundas que ela vem imprimindo nas sociedades nacionais e na matriz dos Estados estão presentes em quase todos eles, de uma forma abrangente na contribuição de Cláudia Ramos, mais direccionado para o terrorismo (Maria Luísa Vasconcelos) ou para a cooperação internacional, no caso de Paulo Vila Maior. Exemplo prático de necessidade de ajuda ao desenvolvimento, é cabo Verde, cujo trajecto económico, social e político é dissecado por Isabel Costa Leite. Ironicamente, todos eles acabam por *esbarrar* de uma forma ou de outra na resistência do Estado soberano em manter as suas prerrogativas históricas de soberania, de autonomia de acção e de recusa da ingerência alheia nos seus assuntos, ou seja, na manutenção do Estado como sede fun-

damental de poder no meio internacional. Tal faz com que uma concepção de governação global dependa primariamente da organização e da vontade dos Estados (Cláudia Ramos), que a "cooperação internacional resulta de um acto voluntário dos países Desenvolvidos" (Paulo Vila Maior), que a problemática do terrorismo, protagonizada por redes de indivíduos efectivamente desvinculados de Estados, tem nos Estados a vítima, o reactor e até o perpetrador (Maria Luísa Vasconcelos). Esta última invoca Samuel Huntington e a sua tese do Clash of Civilisations o que nos remete um pouco para o tratamento da mulher enquanto alvo de discriminação, subalternização e violência em várias civilizações e múltiplos países, nomeadamente islâmicos, abordado no artigo de Isabel Ponce de Leão, Clara Rabaça, Teresa Toldy e Manuela Maia. Neste capítulo heterogéneo, há ainda lugar para uma incursão pelo direito comparado, no Ocidente e na China, escrito por João Casqueira.

Neste capítulo, "Comunicação, cidadania, identidade e universalidade," o enfoque é colocado sobre a problemática da comunicação contemporânea e os efeitos políticos e sociais que comportam. Assim, a info-exclusão afecta indivíduos, grupos sociais e mesmo países, que se arriscam a perder (mais um) comboio do desenvolvimento e do progresso. Também merece atenção a questão dos *mass media* e da sua mensagem por vezes sobre-simplificada, redutora ou enviesada, geradora e de percepções erróneas e de estereótipos perigosos. Norberto Ibanez vai ao ponto de defender que a fractura entre o Ocidente e o Islão é uma impostura que visa fomentar a guerra (?!?). Um pouco à margem do tema central do capítulo, refira-se um artigo sobre a criação e evolução da ASEAN e da UE e do crescimento da sua interacção.

No capítulo intitulado Religiões, Misticismos, Fundamentalismos, Inquietude, somos brindados com uma série de artigos relacionados com a problemática das religiões, uma temática bastante pertinente para a actualidade, em particular no que concerne à análise da religião islâmica e ainda a de outras correntes religiosas fundadas no Médio Oriente. Destacamos o artigo de Mihnoo Farhangmehr e Carlos Jalili, que analisa o carácter inovador e revolucionário da fé Bahai, esta fé perseguida até aos nossos dias dentro do seu país de origem o Irão, possuí uma característica bastante avançada para o seu tempo, que é a total emancipação da mulher e absoluta paridade com o homem. Este é um artigo bastante interessante para quem deseja conhecer uma diversa faceta de um complexo e enigmático país como o é o Irão, e que ilustra uma dimensão longe dos clichés cognitivos onde frequentemente classificamos inteiras populações.

Podemos ainda ler neste capítulo o artigo de José Sanchez Sandoval, que analisa o misticismo cristão e tenta encontrar pontos de contacto na religião islâmica, encontra estes mesmos paralelismos no sufismo, e na sua noção de santidade e sacralidade aplicada ao indivíduo.

Ivo Sobral e Rui Miguel Ribeiro

CADERNOS DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS N.º 4

Ana María da Costa Toscano (Org.)

Produzidos pelo Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA) da Universidade Fernando Pessoa, os quartos Cadernos de Estudos Latino-Americanos têm por título: "Nuevas perspectivas del Mercosul" (Novas perspectivas do Mercosul). Esta temática geral inclui duas subdivisões: a primeira é "El reflejo de las recientes políticas en el Mercosul" (Reflexo das recentes políticas no Mercosul). As questões abordadas dizem respeito às soluções de conflitos jurídicos e comerciais em sede da união aduaneira que constitui o Mercosul. A comparação entre o Mercosul e a União Europeia é estudada, para voltar a ser abordada e criticada na segunda parte dos Cadernos. A segunda subdivisão aborda "Las nuevas perspectivas económicas en el Mercosul" (As novas perspectivas económicas no Mercosul). Os desenvolvimentos referidos dizem respeito à explicação — ou tentativa de explicação — dos problemas de desenvolvimento crónicos dos países latino-americanos. Um outro aspecto desses desenvolvimentos concerne a existência, ou não, de interesses comuns entre a União Europeia e o Mercosul, bem como entre Portugal e o Mercosul — sempre no quadro da União Europeia.

João Casqueira Cardoso

D. BRANCA DE VILHENA: PATRIMÓNIO E REDES SOCIAIS DE UMA NOBRE SENHORA NO SÉCULO XV

Judite Antonieta Gonçalves de Freitas

O âmbito da micro-história - gradualmente recuperado após a vaga de fundo que impôs o tratamento das grandes estruturas e periodizações – conhece agora um novo fôlego nas produções da nossa mais recente historiografia. Porventura graças a uma reformulação, não só geracional dos investigadores da chamada "história local," mas também do reordenamento de fundos documentais conventuais e patrimoniais privados, descentralizados e disponíveis em locais distintos das bibliotecas e arquivos nacionais de referência.

A presente monografia, conduzida pela rigorosa formação medievalista de Judite de Freitas, conduz-nos a uma indagação minuciosa de uma senhora da nobreza rural de Entre Douro e Minho, centrado num património fundiário vinculado à capela erguida no convento de S. Domingos de Guimarães, no contexto do século XV. A investigação cumpre etapas de crescente sondagem que perspectivam parâmetros tão vários como o perfil social, o testamento, o domínio patrimonial e a sua distribuição, a economia dos campos, a composição das rendas e a tipologia dos caseiros.

Trata-se aqui de perceber, revivendo-o, o quotidiano administrativo de um lugar distante do Paço, isolado nos ermos da província duriense e que, subitamente, se confronta, como salienta o também medievalista bracarense José Marques, "com as exigências da determi-

nação régia, surgida em circunstâncias inesperadas para estas e outras instituições, algumas já pluricentenárias". De facto, na esteira da aprovação por D. Manuel I da Confraria da Misericórdia de Lisboa, instituída por D. Leonor, Regente do Reino, foi deliberado executar o arrolamento de todos os hospitais, confrarias, morgados e demais estabelecimentos que tivessem de alguma maneira carácter assistencial. O estudo empreendido pela historiadora reporta-se, assim, ao inventário extensivo da capela de D. Branca de Vilhena, datado de 24 de Maio de 1499, e de que se encarregou Diogo Borges, juiz que superintendia esse tipo de processos organizados na referida província.

Descritiva e expressiva no seu tratamento dos dados, Judite de Freitas compõe nesta monografia uma cabal identificação da geografia e das gentes associados ao território abrangido pela demanda, das suas relações sociais de dependência, dos regime dos foros e modos de produção económica, tudo convergindo numa detalhada teia de composição quantitativa que tinha como epicentro o convento dominicano de Guimarães. Rodeia-se a autora, para melhor certificação da paisagem patrimonial aqui descrita, com a segurança de elucidativos anexos que traduzem e auxiliam a leitura discursiva do extenso tombo patrimonial aqui reproduzido e faz jus a uma reavaliação historiográfica necessária das nossas micro-realidades locais num tempo de fortalecimento do poder central.

Joaquim Fernandes

CSI CATÁSTROFES

Maria de Fátima Terra Pinheiro Pereira (Org.)

As catástrofes naturais, ou provocadas pelo homem, sempre o deixaram perplexo e a contas com reflexões sobre a natureza e o sentido da existência. Lembro a discussão que se desencadeou na Europa de então no seguimento do terramoto de 1755, em Lisboa, acontecimento que provocou uma profunda comoção na época e levou a que homens como Voltaire e Kant levantassem questões de ordem metafísica a propósito do caso. O Holocausto foi outro acontecimento axial que levou, aparentemente, a que nada ficasse como dantes em termos éticos, políticos ou filosóficos. Mais proximamente, os genocídios no Ruanda ou na Bósnia, a crise do Darfur, os atentados contra as torres gémeas em New York, o tsunami na Tailândia, os desastres de Chernobyl e de Seveso, abriram portas a todas as teorias e discussões.

É neste contexto que surge com toda a oportunidade este livro em boa hora organizado por Maria de Fátima Terra Pinheiro Pereira. De facto, aqui se procura responder à pergunta como agir em situações de catástrofe natural tecnológica ou provocada por situações de guerra ou por grupos terroristas.

Artur Pereira procura responder no seu texto ao modo de como intervir, apoiando-se igualmente na legislação em vigor sobre esta temática. Assim, elege como tema central a constituição de equipas especializadas na identificação de vítimas, como acção determinante de uma doutrina de como actuar em situações de catástrofe.

No mesmo sentido vai Maria Cristina Mendonça, ao pôr a tónica na investigação forense e ao dar nestes contextos preciosas informações acerca das diversas técnicas da identificação médico-legal. Assim, elege entre outras os exames gerais (traços fisionómicos, sexo, cor de olhos, tatuagens…) até exames radiológicos, medicina dentária forense, dactiloscopia e genética forense.

Maria de Fátima Pinheiro segue uma linha semelhante, mas centra-se numa problemática fundamental no que concerne à identificação de pessoas vítimas de catástrofes, a análise do DNA, tema igualmente tratado pela autora conjuntamente com Laura Cainé num outro texto onde se abordam dificuldades presentes nesta técnica como a preservação do material biológico ou a contaminação.

Arlindo Marques Lagoa e de novo Maria de Fátima Pinheiro procuram num texto seguinte uma sensibilização para as noções básicas de biologia concernentes à análise genética em situação de catástrofe.

Já Márcia Cláudia Dias Carvalho aborda a questão extremamente pertinente dos agentes tóxicos presentes em muitas catástrofes quer naturais (erupções vulcânicas), quer tecnológicas (Chernobyl ou Seveso), quer provocadas por grupos terroristas ou situações de guerra (gás sarin, gás mostarda, desfolhantes, radiações…).

Ana Rita Nóbrega fala por sua vez da intervenção odontológica em situação de catástrofe como forma de identificação de cadáveres, retomando, de certa forma, uma temática já aflorada por Maria Cristina Mendonça, mas de um modo desta feita mais aprofundado sob o ponto de vista técnico.

Por fim tanto Patrícia Jardim e Teresa Magalhães como Isabel Silva falam nos seus textos das situações pós-traumáticas numa situação de catástrofe a partir das perspectivas médico-legal e psicológica.

José Soares Martins

LITERATURA E GEOGRAFIA

Isabel Patim et al. (Coord.)

É dentro de um processo que vem a desenhar-se há alguns anos, sob o enquadramento envolvente e norteador de *Encontros de Estudos sobre Ciências e Culturas*, que surgem agora publicadas as "Actas do IV Encontro," co-ligando a Literatura e a Geografia, sob o quadro operante de um *quase quiasmo*:

– da geografia das palavras
à geografia das migrações

A possível inter-penetração e interpretação quiásmica subjacente a este sub-título, mais do que a simples indicação de sentido direccional que parece indigitar, parece cumprir integralmente a função de complementaridade que Genette lhe oferece, anunciando, como acto de fala que é, a pressuposição ou o desejo de cruzamento da temática com os continentes da escrita, - desejo apontado pela Organização do Encontro, através da rede lexical evocada no Prefácio (*terra*, *lugar*, *espaço*, *natureza*, *sítio*, *território*, *fronteira*…), e aberto à circularidade científica, como o manifesta o texto fixado na contracapa da obra, quando referencia as áreas científicas diversificadas representadas pelos investigadores presentes. É dentro desta alternância e interseccionada migração que se movem os trinta e seis trabalhos que compõem este livro de Actas.

1. Aberto por um texto de Jesús Varela Zapata que, não por acaso, se intitula "Mapamundi: La Dimensión de la Cultura Y la Literatura en Inglés," tem, um pouco mais distante, resposta e desenvolvimento no texto de Ottmar Ette ("Caminhos do saber. Cinco teses sobre a consciência mundial e as literaturas do mundo") que desenha, através de cinco teses, a história da globalização (desde a expansão colonial da Europa ao começo do século XXI), integrando nessa caminhada o papel evolutivo e derivado da literatura, enquanto "ciência de vida," enquanto integradora das "literaturas do mundo" (espécie de *rede de observação sismográfica e*, simultaneamente, *de laboratório*, atentos à evolução e às agitações que "afectam a vida social e cultural, política e económica"), convivendo, na medida do possível, com as diferenças culturais (cujo princípio de efectivação possível irá colher nas palavras de Barthes

> …ne pas manier l'autre, les autres, ne pas manipuler, renoncer activement aux images – des uns, des autres -, éviter tout ce qui peut alimenter l'imaginaire de la relation

e, acabando, em última (mas não definitiva) tese, pelo que designa por literaturas *sem residência fixa* – aquelas que, em última fase, perderam a sua sedentariedade, indo integrar, "em medida cada vez maior, padrões nómadas, em movimento, de pensamento, escrita e percepção," desta forma defendendo não só o cruzamento de falas linguísticas, como literárias e culturais, numa interligação que possa contribuir para a perda crescente de uma territorialização específica e cumprir a valorização geral de todas as relações "multi-, inter- e transculturais".

Nos interstícios deste contexto, surgem vozes diferenciadas e de vários campos do saber, como as de Rui Leandro Maia, Maria Luísa Vasconcelos, Natália Ramos, Pedro Cunha, Paulo Vila Maior, João Casqueira Cardoso e, de uma forma mais centralizada, as de Alcinda Cabral e Márcia Ferreira ou, num *sítio* diferente e, consequentemente, noutro campo de observação, Carlos Braga.

Cláudia Ramos, através de um trabalho de fina ironia socrática, procura desvendar /revelar os sofismas que estão subjacentes ao discurso político (quer no texto constitucional, quer nos discursos parlamentares) à volta do conceito de "raça," na subtil transitoriedade do seu devir histórico. Teresa Toldy ("Allah in Deutschland? Representações da comunidade islâmica na revista *Der Spiegel*") aponta alguns "tópicos para uma agenda futura" e reabre o dossier da secularização, dentro da perspectiva da *diferença de função* e do *papel* das religiões. Isabel Costa Leite discute conceitos de "Nação e Identidade" no contexto de uma Europa futura. Alcínia Noutel desenha o seu discurso "Em torno dos Fluxos migratórios" e da necessidade de tolerância que possa superar conflitos entre conceitos e acções, acabando por defender

"uma estratégia de superação do medo," encontrando, curiosamente, em José Gil (*Portugal hoje, o medo de existir*), a solução para este país da "não-inscrição," sob um formato de aproveitamento das "duas forças que nos restam: "a nossa capacidade de fluir entre dois estratos e o nosso sentido lúcido do real".

2. Noutras cartografias (ou diagramas que, de forma transformada, acumulam saberes histórico – sociais), podemos encontrar (para além do estudo da *migração das palavras* – ou dos seus sentidos e alargamentos – aspecto tratado por Mário Pinto, ou de outra forma mais *colocada*, por Sérgio Lira, ou ainda a colocação da problemática no ângulo da publicidade, por Sandra Tuna e Francisco Martins), podemos encontrar, dizia, o espaço da "literatura temática" ou da "Antropologia literária" – espaço que surge tecido por migrações variadas e entrelaçadas da literatura com a geografia, circum-navegando os discursos de ensaístas aqui representados, como os de João Luís Fernandes, Maria do Carmo Castelo Branco, Isabel Ponce de Leão, Rui Torres, António de Oliveira, Susana Teixeira, Isabel Patim, Fernando Hilário ou Elsa Simões, e neles vão cruzando máscaras ou máscaras de máscaras (como as de Júlio Verne, Steinbeck, Eça de Queirós, Raul Brandão, Ferreira de Castro, Álvaro de Campos, Luandino Vieira, Al Berto, Aritha van Herk ou John Updike, e mesmo a máscara abstracta do "brasileiro de torna viagem," rondando as prosas literárias, mais pacíficas ou mais polémicas de alguns autores, como Ferreira de Castro, Camilo, Eça ou mesmo Luís de Magalhães, cuja prosa foi ironicamente aproveitada pelo autor de *Os Maias* na velha e velada luta com o autor de *Eusébio Macário*) – de certo modo e em conjunto demonstrando o que Kenneth Parker avança pela mão de António de Oliveira:

> A noção de exílio não se relaciona propriamente a um lugar, mas a uma posição – uma posição a partir da qual ninguém fala: há fronteiras mais significativas que nós atravessamos ao imaginarmos nossas terras natais do que as fronteiras que estão inscritas nos passaportes

e, em muitos casos, confirmando aquela "construção, partindo da ficcionalização" que Rui Torres reconverte em "As três Cartas da Memória das Índias" de Al Berto, ou, de outra forma, o que Maria do Carmo Castelo Branco traduz como inquietação do homem convertida em Literatura, lembrando Paul Hazard ou um fragmento do *Fausto* de Fernando Pessoa:

> Do eterno erro na eterna viagem
> O mais [que exprime] na alma que ousa,
> É sempre nome, sempre linguagem,
> O véu e a capa de uma outra coisa

Não gostaria, nem poderia, dentro deste mesmo ângulo da análise, deixar de lembrar a importante abordagem psicossocial de José Soares Martins (onde a ideia bachtiniana de "cronótopo" parece, de leve, perpassar) que percorre a viagem de termos como "estereótipo" e "preconceito," infiltrando-os no discurso dicotómico (endogrupo /exogrupo), de duas obras do Renascimento português, mas filiadas na ideologia vincada da categorização avaliativa: *Os Lusíadas* e a *Peregrinação*.

3. O cinema e a identidade cultural ou o questionamento alargado de "O que fazemos Aqui?" é uma combinatória interrogativa importante que mereceu um interessante e profundo estudo de Eduardo Paz Barroso, onde a ideia (desejo?) de identidade cultural percorre, como espécie de trémula trégua, um tempo de desagregação da equivalência, dentro do esvazia-

mento do "óbvio," anulado ou, momentaneamente, interrompido pelo "obtuso" que, pela sua natureza descontínua e indiferente à história, anula a metalinguagem, como se fora um "acento," uma "emergência" ou uma "ruga" na densa informação que nos cerca (Barthes *dixit*, em 1970, nos *Cahiers du cinéma*). Aprender a olhar (o cinema, a imagem) será, assim, como conclui, magnificamente, Eduardo Paz Barroso, uma forma de "nos podermos continuar a interrogar, em *plongée*, até sabermos o que fazemos aqui, imigrantes em parte incerta, afeiçoados à acústica de uma língua estrangeira".

Num campo que poderia ser o mesmo, mas onde o autor olha antes a marca escrita, Rui Estrada encontra ou determina "o lado certo da vedação" ou a nova interpretação transfigurada das fronteiras – cuja transgressão está tanto na *palavra* de Júlio César, como nos seus resíduos de significação, encontrados e consubstanciados /revisitados em *O Rapaz do pijama às riscas* pelo autor do ensaio, revelando, porém, a ideia feliz de que todas as soluções podem ou poderiam ser renovadas ou invertidas… dependendo apenas de quem governa o campo.

4. Finalmente, a educação, subjacente afinal, no seu sentido amplo, a todos os artigos, mas trazida aqui, em plano absoluto e por inteiro direito, por Rosa Bizarro, reflectindo sobre a escola de hoje, escola num mundo que se globaliza e onde a autora aponta hipóteses de solução, sublinhando o papel do formador de professores e defendendo uma pedagogia que "desafie os professores a trabalhar no sentido da reapropriação da dignidade ameaçada e da recuperação da nossa humanidade".

Para terminar: a dificuldade de um trabalho de recensão de um amplo "texto" ensaístico como este, não está tanto na sua estrutura, mas no ajustamento das peças. Espécie de novo "Navio de Argos," como o desenhou Roland Barthes, a sua forma mantém-se, como representação de uma estrutura e de um todo, apesar de lhe ter trocado e combinado, de forma voluntária, as peças. Como diria, porém, o autor de *Roland Barthes por Roland Barthes*, "o sistema prevalece sempre sobre o ser dos objectos".

Maria do Carmo Castelo Branco

CRIANÇAS ÍNDIGO – NOVAS ATITUDES PEDAGÓGICAS

Maria Antónia Jardim (Coord.)

O livro colectivo acima citado, publicado pelas Edições da Universidade Fernando Pessoa, é uma obra que surge na sequência de uma conferência realizada em 2007 na Universidade Fernando Pessoa sobre a temática da criança índigo. Coordenada pela Doutora Maria Antónia Jardim, esta obra pretende constituir-se como um contributo para esta problemática a partir das interrogações deixadas em aberta nessa mesma conferência, e apresenta também como objectivo fornecer informação científica sobre o tema.

Nesse sentido, é composta por sete capítulos escritos por diferentes autores e um prefácio que coloca questões críticas sobre o próprio conceito de índigo, mostrando como as categorias mentais que nascem dos conceitos, e que os condicionam, afectam positiva ou nega-

tivamente classes inteiras de indivíduos, não sendo portanto neutra a sua utilização social e científica. Acrescentado, no entanto, que o conceito índigo poderá ser «uma poderosa fonte de inspiração para novas descobertas.»

O primeiro capítulo pretende mostrar o estado da arte do conceito "criança índigo," argumentando que a controvérsia em torno desta ideia parece orientar-se no sentido de uma mais ampla aceitação e até mesmo do reconhecimento de que "estes novos seres possuem alterações ao nível do ADN". Seriam reconhecíveis pela sua "aura" azul, que seria um sinal claro da sua diferença. O segundo capítulo faz o cruzamento da temática índigo com a antropologia, mostrando como a ideia de criança se pode constituir em sinal em contextos históricos e a partir de influências sociais determinadas. Nesse sentido, a criança índigo, com as suas particularidades espirituais e sincréticas, assinalaria uma Nova Era (New Age), seria o seu ícone anunciador. O terceiro capítulo investiga as experiências e as opiniões do fenómeno índigo em Portugal, concluindo que estas são ainda bastante díspares e que o fenómeno deverá ser precisado para poder ser melhor compreendido pelos públicos envolvidos. O quarto capítulo enfatiza os problemas que podem advir do confronto entre a criança índigo e a escola tradicional, advogando uma forma de ensino-aprendizagem baseada na colaboração e na autoria da criança. O quinto capítulo introduz a literatura índigo (e não sobre a criança índigo) através da obra de referência de Carroll – Alice, sublinhando o papel da imaginação como pedagogia "alternativa e antecipadora de soluções para os nossos problemas quotidianos". O sexto capítulo relaciona a personalidade índigo com a criatividade, mostrando quais são as tipologias índigo, e, finalmente, o sétimo capítulo advoga a reinvenção de novas formas de intervenção na pediatria social que leve em conta as características índigo.

Esta obra é de fácil leitura e rapidamente porá o leitor ao par dos aspectos importantes que enformam este conceito novo no panorama das ciências sociais e humanas. A apresentação desta obra merece-nos ainda uma curta reflexão epistemológica e uma observação de tipo social. Ao longo da leitura deste livro apareceu-nos que a sua pretensão de se constituir como referência científica não tinha sido encontrada. Parece-nos portanto essencial que se reflicta sobre a fundamentação epistemológica deste conceito «índigo» – estamos perante ciência ou metafísica, como perguntaria Popper?

De facto, para que o conceito índigo tenha um assento científico, suficientemente universalizável, deverá apresentar um campo epistémico de inscrição que seja claro, uma conceptualização a partir de conceitos reconhecíveis pela comunidade científica (a aura deverá ser definida, as mudanças no ADN deverão ser indicadas, a energia, e outros, deverão ser operacionalizados), uma metodologia de identificação do fenómeno que seja partilhável e uma possibilidade de verificação e/ou de refutação das hipóteses que levanta.

Finalmente, a observação de tipo social iria no sentido dos trabalhos do sociólogo da ciência Bruno Latour, que mostrou amplamente qual o efeito dos conceitos científicos aplicados ao social: a sua preocupação com a democratização da ciência corresponde ao esforço de tornar esses conceitos escrutinizáveis pelos colectivos. O conceito de índigo é um destes conceitos com destino social prometido: seria importante defini-lo de forma a ser entendido pelo público e, mais importante ainda, deverá ser entendido sem discriminação de outras populações de crianças que só beneficiariam com algumas das propostas que os autores fazem para a criança índigo.

Marina Lencastre

ENTRE MANCHESTER E LOS ANGELES – ILHAS E NOVOS CONDOMÍNIOS NO PORTO PARADIGMAS SÓCIO-ESPACIAIS, POLÍTICAS DA DIFERENÇA E ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS URBANAS

Paulo Castro Seixas

Este é um livro que contém um trabalho solidamente estruturado e portentoso na sua abrangência e ambição. E poder-se-ia dizer que tal se deve ao facto de este livro ser a encorporação editorial de uma investigação de doutoramento, mas o que é certo é que se a envergadura do trabalho contido neste livro algo deve a essa condição, certo é também que nos encontramos perante um trabalho que revela um investigação inquieta, criativa e exigente a um nível que não é frequente encontrar em muitas teses de doutoramento.

Dito numa linguagem de uma antropologia tradicional, o trabalho em questão teve como terreno a cidade do Porto. No entanto, o trabalho que este livro encerra não é o de uma antropologia tradicional. E aqui a primeira identificação da ambição acima referenciada: a ambição teórico-metodológica que se expressa no declarado objectivo de fazer, não uma antropologia *na* cidade, mas uma antropologia *da* cidade produzindo uma antropologia do urbanismo. Paulo Castro Seixas utiliza o Porto para entender o Porto, mas não de um modo paroquial. O próprio título do livro denota já essa abordagem para além do Porto, uma abordagem que se poderia classificar de cosmopolita: bebendo em várias correntes teóricas que se debruçaram sobre o fenómeno cidade, recorrendo a uma variedade notável de fontes, desde a História à Sociologia na construção do quadro que nos oferece das vicissitudes formais e sociais da cidade do Porto desde finais do séc. XVIII até aos finais do séc. XX, colocando-se em lugares múltiplos e observando vários sítios e deles dando-nos as etnografias, o Porto é aqui paradoxalmente escusa e mote de investigação nesta antropologia do urbanismo: ficamos a saber mais do Porto ao mesmo tempo que ficamos mais sabedores das dinâmicas urbanas do passado recente e do presente das cidades ocidentais (ou vice-versa: fica-se a saber mais das dinâmicas urbanas do passado recente e do presente das cidades ocidentais ao mesmo tempo que ficamos mais sabedores do Porto). Ambicioso o livro, porque os objectivos da investigação proposta colocam um desafio ao antropólogo na sua arte de produzir antropologia. Isto é, como conciliar o cunho do saber antropológico, i.e., holístico, fruto de metodologias intensivas junto de comunidades Outras, normalmente de pequena dimensão e com quem se convivia de modo quotidiano por tempo extenso, com o universo urbano ocidental, existente a escalas maiores desde a cidade à conurbação, e tradicionalmente estudado por ciências sociais (ex: sociologia) que produziam a alteridade necessária não pela distanciação geográfico-cultural, mas pela utilização de metodologias quantitativas? Este é um desafio que Paulo Castro Seixas claramente reconhece como presente na sua prática de investigação e é um desafio que ele claramente supera. Uma das características marcantes da produção científica deste autor é precisamente a operacionalização para além do empírico, mas partindo sempre do etnográfico, da realidade observada através da formulação de modelos de operacionalização da explicação avançada. E não é só por entre *Esquemas* e *Quadros* ter o leitor trinta e nove tais operacionalizações de saber, mas mais pela teia de relações que Paulo Castro Seixas tece entre o Porto e o sistema mundo, ie, pela tese central da sua obra (a emergên-

cia de novo paradigma socio-espacial) que o autor cabalmente supera a potencialmente perigosa dificuldade em 'fazer antropologia em casa.'

O livro está organizado em cinco grandes momentos. O primeiro trata de questões mais do domínio da ciência antropológica, quer em termos da investigação que se propôs e se fez (Cap I), quer em termos do percurso pessoal que ela levou e respectivas opções metodológicas (Cap II). O segundo debruça-se sobre dinâmicas e transformações urbanas do último terço do séc. XX consideradas sempre num contexto de sistema-mundo. É aqui que se encontram a Manchester e a Los Angeles do título, e é aqui que Paulo Castro Seixas as cruza com o Porto: "E é aqui, entre uma pseudo-britânia hipócrita da hetero-exclusão dissimulada [as ilhas] e uma pseudo-califórnia ridícula da auto-exclusão [os condomínios fechados], que a pequena cidade do Porto joga as suas identidades". (7) O terceiro momento é aquele em que o olhar do autor se centra exclusivamente no terreno que lhe foi o Porto e em que nos é oferecida a etnografia levada a cabo nas ilhas e nos condomínios fechados. É o momento mais humanista e humanizado de toda a obra onde os leitores se cruzarão com histórias de trajectos individuais e discursos em primeira voz. O capítulo sobre as ilhas é particularmente feliz na sua leitura semiótico-social do espaço, suas vivências e pertinências simbólicas. No quarto momento saímos do terreno do vivido e falado em discurso directo para a análise dos discursos que produzem e legitimam a ideologia dessas duas formas de cidade. Paulo Castro Seixas escrutiniza de modo inspirado o discurso higienista do séc. XIX [sobre as ilhas] e o discurso publicitário do sec XX [dos condomínios fechados], sendo saudavelmente criativo na sua interpretação semiológica dos discursos das imobiliárias; complementa ainda este momento a análise dos discursos directos das trajectórias de vida de habitantes de ambos os paradigmas, cuidando de evidenciar os *modos* e os *porquês* das localizações num local e no outro desses viveres do Porto metropolitano. O quinto e último momento desta obra oferece-nos um remate da mesma em que o autor concretiza o que advogava no início da mesma: o engajamento da antropologia no 'fazer cidade.' O 'fazer cidade' é talvez o que melhor descreve esta obra devido não só à riqueza de dados sobre o Porto e sua região metropolitana, mas devido à criativa e sólida análise e atribuição de sentidos aos mesmos e ao facto de tal se fazer no enquadramento da cidade-região. É certo que é uma obra densa e claramente de cariz académico, o que condicionará um consumo por parte de um público mais alargado, mas seria de desejar que esta obra pudesse constituir-se como de leitura obrigatória para os agentes formais que em si têm a responsabilidade de 'fazer cidade.'

Um pequeno remate: esta é uma obra que sendo editada agora, não é de agora. Como o próprio autor refere na *Introdução*, a investigação aqui contida foi apresentada perante júri académico em 1999 (e logo, iniciada e desenvolvida em anos imediatamente anteriores). Esta contextualização é importante de se ter em mente, pois embora o tema (as cidades como universos metropolitanos) e opções de abordagem (inserção nos sistemas mundo) se tenham confirmado escolha inspirada pois continuam prementes, o certo é que a leitura no presente desta obra tem inevitavelmente um cunho datado (mormente nas balizas teóricas e trabalhos de referência citados e cruzados pelo autor na sua análise e reflexão teóricas), mas, sublinho, nunca desactualizado. E assim, porque entre a apresentação pública do trabalho e o seu dar à estampa medeia quase uma década, teria sido bem-vindo um texto de introdução em que Paulo Castro Seixas saísse um pouco do conteúdo da obra em si e esboçasse uma ponte entre o escrito em 1999 e o estado actual dos estudos sobre cidades (correntes ou abordagens que emergiram nestes quase dez anos), temas sobre o qual o autor tem continuadamente trabalhado, quer pela sua investigação posterior, quer pela sua actividade enquanto docente universitário. Uma tal introdução teria sido um modo de ainda mais sublinhar as

continuidades e evoluções entre o escrito em 1999 e o presente (como exemplo possível, refiro só a utilização não problematizada dos conceitos de Local e Global, algo perfeitamente característico da época em que a investigação e a escrita do texto foram levadas a cabo, mas que hoje em dia é bem mais caleidoscópica, questionada e questionável, mesmo por autores ligados ao estudos do urbano no sistema mundo, com por exemplo Saskia Sassen). E tendo em conta este desfasamento entre a data de produção do texto (1999) e a de edição (2008) talvez pudesse o texto original ter sido re-actualizado no que se refere à utilização de expressões como "no final do século passado e início deste século" (16) ou "ao longo de todo o século passado e até ao primeiro terço deste século" (19), pois potenciam incorrecções do conteúdo real do afirmado aquando da citação do texto. Mas o tempo é sempre escasso, e o facto de ficar esta excelente investigação agora mais disponível através deste formato de livro é motivo de regozijo para os que de nós se interessam por estes temas.

Paula Mota Santos

NUESTRA AMÉRICA N.º5

Rui Torres (Org.)

A revista *Nuestra América* neste número 5 é dedicada à Cultura Brasileira, sendo organizada pelo Professor Rui Torres. Trata-se de um volume dividido em seis partes, a saber: Cultura e Comunicação; Literatura – Prosa, Poesia e Teatro; Outras Artes; Crónica; Criações Literárias e, finalmente, Prosa. Esta organização não é completamente seguida na própria introdução, na qual os dois últimos títulos são agregados, porventura de forma mais correcta, sob a designação de Criatividade.

O volume funciona como uma espécie de poligrafia da Cultura Brasileira, sob o signo da multidisciplinaridade, tendo como centro o pensamento cultural e artístico. Este objectivo porventura legitima a ausência de artigos de carácter geopolítico e sociológico, no entanto diríamos que o pensamento cultural e artístico brasileiro e o seu interesse na actualidade não são alheios a tais perspectivas. O lugar do Brasil no mundo e o mundo que o Brasil inclui nos seus 'Brasis' são elementos fundamentais à compreensão do Brasil contemporâneo que passaram, em grande parte, ao lado desta poligrafia. De qualquer forma fazer uma colectânea sobre o Brasil é extremamente difícil. Será possível compreender o Brasil sem a referência aos três impérios, lusófono (e sua relação com Portugal), anglófono (e sua relação com os EUA) e da Grande América de língua espanhola? E internamente, o que tem o Rio Grande do Sul a ver com a Amazónia manauense e com a Baía de Salvador? E as capitais, Salvador da Baía, Rio de Janeiro e Brasília o que nos diz dos Brasis dentro do Brasil? E Brasília do alto dos seus 50 anos de utopia, o que nos dizem das cidades, da utopia e dessas 'utopias selvagens' e civilizadas desses Brasis todos dentro do Brasil? O volume 5 da *Nuestra América* não é suficientemente grande para dar conta da grandeza do Brasil mas pode-se dizer que é, ainda assim, uma boa tentativa.

A visão desta poligrafia tem a Cultura e Comunicação como eixo de articulação e isso implica uma atenção especial aos artigos desta secção e ao que eles nos dizem do Brasil. Paulo Tunhas, no seu 'Brasil barroco: pequeno inventário utópico' revela um conhecimento alargado e transdisciplinar no qual sustenta a sua visão de um país barroco quer numa definição

formal, quer semântica. Entre o estilo clássico, romântico e barroco, Tunhas apresenta-nos um Brasil essencialmente barroco:

> O Brasil é, desde o princípio, vegetal e animalmente barroco. Não é linear (o pictórico opõe-se ao linear); é profundo, não superficial; é atectónico, aberto; é uno (unifica formalmente o diverso); a sua clareza é relativa e não absoluta. (Tunhas 15)

O artigo tem na 'antropofagia' a sua metáfora maior, aparecendo o Brasil como um país em que todos somos deglutidos num mundo que nos transcende e em que o Rio de Janeiro, nas suas montanhas e irregularidades, funciona como uma 'totalidade não dialéctica de múltiplas facetas' (Tunhas 17) que é a evidência territorial dessa antropofagia. No texto seguinte, é antes S. Paulo a cidade que serve de terreno à antropologia comunicacional de Massimo Canevacci para compreendermos o Basil. De certo modo é a antropofagia que continua em cena mas agora em função do 'tríptico da contemporaneidade pulsante: cultura-consumo--comunicação (Canevacci 32). Este 'tríptico c-c-c', tem como centro o 'olho-que-vê e que-se-vê' e que relaciona arquitectura, design, moda, estilo e comunicação visual e em que esta última 'emerge como o elemento de unificação, pervasão e fragmentação das novas metrópoles' (Canevacci 32). O artigo, feito em forma de filme, vê a metrópole como um conjunto de '*morphings*' (meios humanos, meio digitais, meio arquitectónicos) em que os *dress-codes* interligam os *bodyscapes* e as *locations*. Se as montanhas do rio serviram a Tunhas de terreno simbólico, para Canevacci as locations em análise são a Sensoralia (o novo centro comercial de S. Paulo), o Moinho, o Piranha e a Rua Augusta. Canevacci segue neste artigo a sua obra emblemática, A Cidade Polifónica, no entanto parece-me difícil abordar o tema sem qualquer referência a Guy Debord e a Bruno Latour! Latour é citado no texto seguinte, o de Fernanda Eugénio sobre as 'Cenas electrónicas cariocas'. A antropofagia continua a ser a palavra-chave, nos corpos juvenis que se inventam, pela 'invenção de percepções' e se consomem nas cenas (outra vez o cinema) nocturnas electrónicas cheia de híbridos do Rio de Janeiro. Voltamos ao Rio! E no último texto desta secção, de Mónica Rector, continuamos no Rio de Janeiro, descrevendo o 'paraíso tropical' que esta cidade representava na década de 40-50 do século XX. O Rio é seguido ao longo do século em função das narrativas de Ruy de Castro e de Ary Quintela. Ipanema e Leblon vão surgindo nas suas influências europeias, americanas e brasileiras caracterizando um 'paraíso tropical' que se confundia com a identidade do país e que, entretanto, se extinguiu. A antropofagia continua mas agora na relação entre sexos.

Esta secção dá-nos uma visão do Brasil mas faltou-nos Manaus, Salvador da Baía, o Rio Grande, Brasília… Há tantos Brasis que seria difícil!

As secções seguintes centram-se na Literatura e Outras Artes. O artigo de Luciana Namorato sobre o conto 'Depois de Agosto', de Caio Fernando Abreu, trata do HIV e da sua estigmatização; o artigo de Maria do Carmo Castelo Branco é sobre Drummond de Andrade, esse grande poeta mineiro e figura maior do Brasil e Carolin Ferreira traz-nos uma breve história do teatro brasileiro moderno. Na secção Outras Artes, Lucia Santaella fala-nos das Artes do corpo biocibernético e Pedro Moura apresenta-nos um muito interessante estudo sobre a evolução do 'Zé Carioca.' Temos, ainda, as Crónicas e a Criatividade.

Em suma, esta *Nuestra América* é uma óptima poligrafia brasileira que tem como centro a cultura e comunicação, Rio de Janeiro e S. Paulo e…, de certo modo, a antropofagia.

Paulo Castro Seixas

A LOCOMOTIVA DOS SONHOS

Eduardo Paz Barroso

Poética

Este livro, na dispersão organizada dos seus objectos – cinema, artes plásticas, política –, oferece aquilo que vale a pena, porque é a palavra certa, chamar uma poética. Uma poética é uma busca das condições de possibilidade do prazer estético. O que Eduardo Paz Barroso faz é exactamente isso, e é desse seu projecto – admito que mais implícito do que explícito – que procurarei aqui, muito brevemente, falar.

Partes e Todo

As poéticas clássicas instituem-se, entre outras coisas, a partir de uma organização das relações entre as partes e o todo. No capítulo VII da *Poética*, Aristóteles, falando do todo <*to holon*> e da relação entre as partes, compara os mitos, ou fábulas, aos organismos vivos. E, no capítulo XXIII, referindo-se à identidade das leis da poesia e da tragédia, repete a ideia: a estrutura dramática do *mythos* – do mito, da fábula - da epopeia deve, tal como a da tragédia, ser constituída por "uma acção inteira e completa, com princípio, meio e fim, para que, una e completa, qual organismo vivente, venha a produzir o prazer que lhe é próprio" (sigo a tradução de Eudoro de Souza, Imprensa Nacional, Lisboa, 1992). Henry James, em *The Art of Fiction*, lembrar-se-á da lição: "A novel is a living thing, all one and continuous, like any other organism, and in proportion as it lives will it be found, I think, that in each of the parts there is something of each of the other parts".

Fragmento

A maneira que a filosofia encontrou para dizer esta articulação das partes e do todo foi o sistema. O sistema é, dos Estóicos a Kant e a depois de Kant, a forma clássica da poética filosófica. Os sistemas filosóficos constituem, efectivamente, todos articulados em que conjuntos de expectativas visam, regulados por critérios diversos, o seu preenchimento. O par expectativa/preenchimento é um par filosófico fundamental que longamente ocupou Wittgenstein e também, mais próximo de nós, Fernando Gil.

Seria no entanto um erro pensar que o modo único do preenchimento filosófico é o sistema tal como tradicionalmente concebido. O romantismo alemão, sobretudo com Novalis e Friedrich Schlegel, mostrou-nos uma outra possibilidade de articular expectativa e preenchimento: o fragmento.

Neste livro de Eduardo Paz Barroso encontramos a paixão do fragmentário. Uma paixão antiga. Eduardo Paz Barroso não estranhará que eu cite o título de dois livros por ele há muito tempo lidos e que o devem ainda ocupar: os *Fragmentos de dum discurso amoroso* de Barthes – mas também *O mecanismo romântico da fragmentação*, de Nuno Júdice (que é, em parte, de resto, se a memória não me falha, uma tentativa de recriação da atmosfera do romantismo alemão). Em *A locomotiva dos sonhos* a paixão do fragmentário exercita-se e encontra os seus objectos naturais: a propósito do cinema segundo Barthes, justamente (p. 95), da pintura de Fernando Calhau (p. 108), das imagens em geral (p. 129 ss), de Franz West

(p. 158). Poderia sem dúvida multiplicar os exemplos. E prolongá-los no tema das ruínas, que os românticos associam explicitamente ao fragmento. Encontramos também a paixão das ruínas neste livro.

Escreve Friedrich Schlegel, num dos fragmentos do *Athenaeum*: "A maior parte dos pensamentos não são senão perfis de pensamentos" (Fragmento 39). Quer dizer: algo que aponta para um preenchimento futuro. E num outro, dedicado ao "sentido dos projectos", "fragmentos de futuro":

> **Um projecto é o germe subjectivo de um objecto em devir. Um projecto perfeito deveria ser simultaneamente plenamente subjectivo e plenamente objectivo, um indivíduo impartilhável e vivente" (Fragmento 22).**

Dito de outra maneira: o preenchimento da expectativa – do "germe subjectivo" – realiza-se com a perfeita identificação da subjectividade e da objectividade, um acordo ou uma consonância que, em última análise, só podem ser fantasmáticos.

Sonho

A poética implícita a *A locomotiva dos sonhos* é também uma poética do fantasmático, e, obviamente, do desejo. Demorar-me-ei um pouco em Freud, já que o que ele diz é importante para se perceber essa poética do fantasmático, e também para compreender algo que direi a seguir sobre *A locomotiva dos* sonhos: a teatralidade (permito-me reenviar, a propósito de Freud, para o meu artigo "Realidade, prazer, conflito. Freud e o problema da representação", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 48, 1-4, pp. 9-59). A poética deste livro é também uma poética da teatralidade.

O que é uma "representação fantasmática" <*Phantasievorstellung*>, como aquela à qual Freud dedicou um artigo célebre: «*Ein Kind wird geschlagen*», ou aquela que se manifesta nas "cenas de sedução" <*Verführungszenen*>, que inspiraram a Freud uma revisão teórica profunda – justamente no sentido de sublinhar a autonomia do fantasma? Ela é o produto de uma "actividade fantasmática" <*Phantasietätigkeit*>, de um "trabalho da fantasia" <*das Phantasieren*>, uma criação <*Bildung*> - de algum modo uma criação contínua - do sujeito que fantasmiza <*das Phantasierende*>.

Qual a origem do fantasma? O desejo: "Os desejos não satisfeitos são as forças pulsionais <*Triebkräfte*> dos fantasmas, todo fantasma é a realização de um desejo, uma correcção <*Korrektur*> da insatisfatória realidade". Quer dizer que os fantasmas se encontram afectivamente hiper-investidos. De facto, os fantasmas realizam, tal como os sonhos, desejos: são fantasmas de desejo <*Wunschphantasien*> (conscientes ou inconscientes, como Freud explicou), e, no caso extremo da psicose – como igualmente no caso do sonho -, esses fantasmas, quando o sujeito decide abolir a prova de realidade, podem penetrar no sistema da consciência – sufocar o psiquismo - e aí serem preferidos à realidade, serem tomados como uma "melhor realidade" <*als bessere Realität*>.

Dá-se então a alucinação. É como se as "representações que não se encontram destinadas a realizar-se" encontrassem o único caminho possível para a sua realização. Mas trata-se, na psicose, de uma passagem ao limite da actividade fantasmática. O modo de aparecer mais frequente do fantasma dá-se nos sonhos, constitui a ontologia destes, uma ontologia que é

solidária com a sua lógica: os sonhos são sobretudo reanimações <*Wiederbelebungen*> dos fantasmas, potenciadas por "restos diurnos" <*Tagreste*>. Em termos kantianos, poder-se-ia dizer que os sonhos são a *ratio cognoscendi* dos fantasmas (e, bem entendido, do inconsciente), e os fantasmas (e, bem entendido, o inconsciente), a *ratio essendi* do sonho.

A "vida fantasmática" <*Phantasielebens*> exibe não uma realidade "objectiva comum" <*gemeine objektive*>, mas uma "realidade psíquica" <*psychische Realität*>, que é a do mundo fantasmático <*Phantasiewelt*> que, para o neurótico, é como uma religião. E os fantasmas possuem uma temporalidade particular, que é também a do inconsciente. Por causa dessa temporalidade particular, "é muitas vezes impossível fixar a data do seu aparecimento". "Um fantasma flutua <*schwebt*>, por assim dizer, entre três tempos, os três momentos temporais <*Zeitmomenten*> da nossa faculdade representativa".

O fantasma ecoa efectivamente a intemporalidade do inconsciente: os mitos são, acima de tudo, "resquícios deformados <*entstellten* Überresten> dos fantasmas de desejo de nações inteiras, os *sonhos seculares* <*Säkularträumen*> da jovem humanidade". Junto com o sonho, é na actividade artística que a particular ontologia do fantasma melhor se manifesta. Tal como o neurótico, o poeta cria um mundo fantasmático, dotado de "grandes quantidades de afecto" – que, no entanto, contrariamente ao neurótico, distingue claramente da realidade -, guardando, no entanto, tal como a criança que brinca, uma perfeita seriedade. A realidade do jogo, da poesia e do sonho – a realidade fantasmática – corresponde ao modo de existência, à *Existenzform*, do inconsciente.

Teatralidade

A propósito de Manuel de Oliveira, escreve Eduardo Paz Barroso: "O olhar da câmara de filmar deixa-se finalmente prender à dimensão teatral" (p. 75). A actividade fantasmática que a arte recupera possui uma teatralidade intrínseca, e, à sua maneira, a reflexão de Eduardo Paz Barroso é uma reflexão sobre a teatralidade do pensamento. A poética que este livro põe em cena é uma poética da expectativa que visa um preenchimento só realizado oniricamente. O preenchimento onírico é simultaneamente mais precário e mais absoluto que os preenchimentos autorizados pelo princípio da realidade. Mais precário porque, obviamente, deficiente do ponto de vista prático, e mais absoluto porque se trata, idealmente, de um preenchimento sem resto.

A teatralidade própria ao preenchimento fantasmático do desejo poderia ser ainda apontada em muitas outras páginas deste livro. E, por razões boas de ver, mais nas que respeitam ao cinema do que nas que incidem na pintura. Por um motivo simples: não há ecrã na pintura. Penso, por exemplo, numa referência a *Crash* (ao formidável livro de Ballard, como é formidável todo o Ballard, e ao filme de Cronenberg) (pp. 211-212). Encontramo-nos aqui em pleno fantasmático teatral: o acidente de automóvel como realização fantasmática – e dramática, já que ilustração de um *mythos*, como queria Aristóteles - do desejo sexual.

Muito brevemente - haveria muito mais a dizer sobre a *Locomotiva dos sonhos*, mesmo dentro do quadro restrito que me propus aqui –, a poética de Eduardo Paz Barroso, se a minha leitura é boa, reorganiza a relação das partes e do todo (até dentro da própria estrutura do livro, que alberga vários objectos, como disse no início) a partir de um fragmentário implícito, gerando expectativas que, como os perfis de que fala Schlegel, nos cabe completar, ou melhor, reconhecer que se encontram já fantasmaticamente completadas, preenchidas. A

teatralidade da poética vem justamente do facto de ela apelar para um *mythos* prévio que não pode nunca ser completamente explicitado. "Entre excessivo e incompleto" é o título de um dos textos (p. 205 ss). "Excessivo" remete para a satisfação alucinatória do preenchimento, e o excesso de afecto que lhe é concomitante; "incompleto", para a precariedade da *Existenzform* do pensamento, de todo o pensamento. A teatralidade – o jogo e a poesia, segundo Freud - encontra-se no entrelaçamento paradoxal do excessivo e do incompleto. "Entre excessivo e incompleto": eis uma bela definição do fragmento.

Paulo Tunhas
Universidade do Porto

CADERNOS DE ESTUDOS MEDIÁTICOS VI (NOVOS MÉDIA, NOVAS GERAÇÕES, NOVAS FORMAS DE COMUNICAR), EDIÇÃO ESPECIAL

Elsa Simões Lucas Freitas e Sandra Gonçalves Tuna (Orgs.)

Reflectindo os desenvolvimentos nas diferentes áreas da comunicação e dos média, os presentes cadernos apresentam elucidativos ensaios retratando avanços e características presentes nos meios e modos de comunicar actuais, especialmente visando e /ou envolvendo os jovens. Organizada em quatro secções (A Comunicação e os Novos Média, Comunicação e Identidade, Comunicação e Discursos, A Comunicação e os Média: Perspectivas Didácticas), esta edição especial dos cadernos reúne um conjunto de artigos nos quais é levada a cabo uma profícua reflexão alicerçada em perspectivas diferenciadas e na consideração da especificidade das temáticas, tão diversificadas mas simultaneamente interdependentes, como comunicação digital (Simões, Gouveia, Cairrão, A. Cardoso, Meirinhos, Mendes, Bandeira), identidade (Martins, Estaún, P. Cardoso, Leite, Teixeira, A. Cardoso) semiótica (Galhardo, Freitas) ou didáctica (Júnior, Coutinho, Silva, Harwood, Pinto).

De realçar igualmente a interessante complementaridade entre abordagens de carácter mais teórico e outras de carácter eminentemente mais prático, que contribuem inegavelmente para o enriquecimento, sob diversos ângulos, do conhecimento nos estudos de comunicação, designadamente na área da relação entre os média e os públicos, com destaque para o grupo (os jovens) que congregou os textos aqui reunidos.

Pedro Reis

RUMOS DO JORNALISMO NA SOCIEDADE DIGITAL: PORTUGAL E BRASIL

Paula Melani Rocha e Jorge Pedro Sousa

Este livro é o resultado de um projecto de investigação de Pós-Doutoramento de Paula Melani Rocha, realizado na Universidade Fernando Pessoa com orientação de Jorge Pedro Sousa. Tentando responder a perguntas acerca das transformações do Jornalismo enquanto profissão, os autores abordam a formação académica dos profissionais jornalistas tendo como contexto de análise a socidade global e digital dos nossos dias. Para isso, comparam-se os currículos de Cursos de Jornalismo em Portugal e no Brasil, procurando aferir a influência que o Processo de Bolonha e as novas tendências do Jornalismo contemporâneo têm no desenho e execução pedagógica dos Cursos oferecidos por instituições de ensino de Jornalismo.

Os autores dividem o livro em quatro capítulos, que tentaremos aqui resumir. No primeiro Capítulo, intitulado "Jornalismo sob o olhar da profissão", começam por delinear uma breve história do Jornalismo ocidental em sua relação com o processo de profissionalização da carreira. Tomando como ponto de análise inicial os casos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, este estudo introdutório tem a vantagem de situar as diferenças fundamentais entre o Jornalismo brasileiro e o português que são apontadas a seguir, identificando assim momentos históricos que contribuem para uma melhor compreensão entre o etos do Jornalismo português e brasileiro. Propõe-se ainda neste capítulo uma reflexão conceitual acerca das diferenças entre profissão e ocupação, a qual serve como referencial teórico para a análise que se segue. Ao incluir e compilar dados históricos relevantes, serve ainda a função de ajudar estudos que se venham a realizar no âmbito de uma sociologia do Jornalismo em Portugal e no Brasil.

No segundo Capítulo, os autores analisam e comparam a formação académica do Jornalismo em Portugal e no Brasil, tendo em consideração que esta é requerida pela profissionalização da carreira. Propondo uma metodologia sólida de teoria, pesquisa e ensino em Jornalismo, os autores discutem as diferentes relações de poder postas em prática com o ensino e a prática do Jornalismo nestes países, alargando, desse modo, a reflexão proposta no capítulo anterior.

"A logística dos cursos de Jornalismo" em Portugal e no Brasil é analisada no Capítulo 3 do livro. Partindo de um enquadramento acerca do Processo de Bolonha, são estudadas em primeiro lugar as transformações dos cursos de Jornalismo em Portugal no contexto do Processo de Bolonha, tendo como universo de análise oito instituições de ensino superior (UNL, ISCSP, UM, UBI, UC, UFP, ULP e ESCS). A composição das estruturas curriculares destes diferentes cursos é apresentada com grande detalhe, através de um corte sincrónico do qual se podem inferir as tentativas de adaptação dessas mesmas instituições ao "Jornalismo na Sociedade Digital". Embora se trate de estruturas que estão em permanente reformulação, a opção dos autores de analisar cursos disponíveis na altura da pesquisa é aceitável e mostra resultados eficazes, principalmente porque os autores procedem os capítulos mais informativos de reflexões críticas pertinentes. Em segundo lugar, os autores explicam a influência do Processo de Bolonha na América do Sul, contextualizam as discussões do Mer-

cosul Educacional e analisam as "grades" curriculares de dez instituições de ensino melhor classificadas nas análises do ENADE. Por fim, comparam-se os currículos de ambos os países.

O último Capítulo do livro é um estudo acerca do mercado de trabalho do Jornalismo, que os autores vêem como "um cenário em transformação". Este estudo, que deriva dos dados apresentados e das considerações feitas ao longo dos capítulos anteriores, permite identificar um conjunto de alterações fundamentais que marcam o mercado do Jornalismo português. Além disso, são ainda incluídas entrevistas realizadas a profissionais do mercado de ambos os países que ajudam a compreender e a contextualizar essas mesmas transformações.

Este livro, comparando a formação do profissional jornalista com as mudanças na sociedade e no mercado de trabalho, é um excelente guia de estudo para todos os interessados nas problemáticas do ensino superior do Jornalismo em Portugal e no Brasil. Poderá ainda interessar a profissionais e a estudantes das Ciências da Comunicação em geral, por apontar, de um modo claro e historicamente situado e sustentado, as transformações e as possibilidades de adaptação que se lhes colocam hoje em dia.

Rui Torres

ANTROPOLÓGICAS N.º11

Alcinda Cabral e Maria Dolores Vargas Llovera (Coord.)

Vivemos tempos de turbulências múltiplas. A crise económica atingiu o mundo, levando muitos autores e pensadores de quadrantes diversíssimos a exortar à necessidade de repensar estilos de vida. A primeira pan-epidemia do século XXI parece ter chegado, recordando-nos uma certa "leveza do ser". O terrorismo não acabou: todos os dias vemos e lemos notícias de novos atentados. O mundo pode ter-se tornado mais frágil. As culturas desempenham, certamente, um papel nestas encruzilhadas. A questão da diversidade de identidades não passou de moda: constitui um dos ingredientes (se não mesmo o ingrediente preponderante) de muitos conflitos, mas também de muitas tentativas de diálogo. Divide e congrega, alimenta novas fronteiras e legitima a cessação de outras. Circula. Dá um lugar aos não-lugares, mantém-se como "pátria" em espaços de deslocalização. Evoca "paraísos perdidos", encontrados na mente dos itinerantes, rasga espaços para novas formas de participação e de pertença. É precisamente sobre o papel das culturas para a constituição de identidades diversas que o presente número da Revista Antropológicas se debruça, com o objectivo de apresentar "análises e experiências de estudos que reflectem as realidades sociais que vão surgindo nos nossos espaços de convivência, a partir de uma visão real e científica" (8) – para utilizar as palavras das suas editoras – centrada na cultura como "criadora das bases das quais se constrói a existência social ao longo dos tempos" (7).

A revista perpassa as questões da cultura e da identidade, apresentando-as de uma forma reflexiva, geral, que discute a diversidade, a pertinência e a distorção do conceito de "confronto cultural" e a compressão espaço-tempo resultante da globalização, mas também apresenta estudos aplicados, quer estejamos a falar da análise do significado geopolítico e

simbólico das fronteiras no México, quer se trate das noções e formas de participação dos "cidadãos europeus", conceito, ele próprio, em debate. Circulam pelo número associações de migrantes brasileiros e estudos comparados de Portugal e da Roménia, museus e influências estrangeiras sobre casos de desenvolvimento industrial na Galiza, reflexões sobre as transformações do ensino-aprendizagem em tempos digitais, mitos, relações resultantes de crenças e "augurius ex avibus".

A diversidade do material publicado neste número, característica de uma revista que, sem perder a sua identidade antropológica, pretende dar voz a uma concepção multi e interdisciplinar do saber, decorrente tanto da complexidade da própria realidade, como de uma concepção "ecuménica" da investigação, merece uma apresentação mais detalhada de cada um dos contributos, que serão mencionados de forma breve e não necessariamente pela ordem em que os encontramos na Antropológicas, e que congregam investigadores da Universidade Fernando Pessoa, das Universidades do Porto, Alicante, Santiago de Compostela, Sevilha, Chiapas (México), Ottawa, Saint-Paul (Canadá), do ISCTE e da UFSCAR (Brasil).

Assim, este número abre com um artigo de Salvador Becerra que equaciona a questão da "Diversidad Cultural y su problemática" a partir da antropologia social e cultural: a fragmentação cultural dos Estados, o "mosaico de etnias e culturas", constitutivo da realidade actual, coloca desafios à capacidade/possibilidade de co-existência de indivíduos e grupos com identidades diversas: o facto permanente da emigração reclama uma reflexão sobre o etnocentrismo e a segregação, bem como sobre o relativismo (que, na perspectiva de Becerra, não nega a existência de pontos de referência, mas sim a transformação de uma cultura específica em referência global) e o multiculturalismo. O autor propõe uma concepção deste último que não consiste numa "simples justaposição de comunidade étnicas distintas, mas sim numa aceitação das diferenças e num proporcionar o diálogo entre culturas, o que implica reconhecer algumas normas e valores partilhados que estão acima de cada grupo" (26): estes valores têm de se fundar nos direitos humanos e nos princípios democráticos.

Juan José Santander, por sua vez, no seu texto intitulado "Confrontación cultural", desenvolve uma reflexão na qual pretende desmontar os enviesamentos a que este conceito tem sido sujeito e que, da ideia de diálogo que lhe é subjacente, o fazem passar a veiculador da noção de confrontação como (des)encontro agressivo. Santander recusa a ideia do "choque de civilizações", que, na sua perspectiva, se baseia numa argumentação falaciosa, invisibilizadora de um "pensamento único", de acordo com o qual "só existe uma maneira de se organizar, de governar, de educar, de produzir e de negociar e – o mais crucial e óbvio desta questão – de pensar" (33).

É à existência de fronteiras interiores e exteriores – tomando o exemplo dramático da fronteira do Sul do México e do norte da América Central – que se dedica o artigo de Alain Basail Rodriguez, intitulado: "Las fronteras como metáforas del riesgo". Na perspectiva de Alain Basail, a dramaticidade real e simbólica destas fronteiras está no facto de elas visibilizarem e enunciarem os encontros e desencontros entre os "hemisférios norte e sul das Américas, a macro-região centro-americana e as tendências globais" (35), assim como as "fronteiras do desconhecimento, da incompreensão de causa e responsabilidades, da tolerância e a da diversidade" (47). Contudo, as fronteiras também são lugares de construção de identidades "transculturais". Estas, na perspectiva de Alain Basail, e retomando Wallerstein, apelam a "impensar as fronteiras" (idem), a superar o modelo dualista de classificação do mundo, o que leva o autor a concluir que "a verdadeira geometria política da fronteira, que define o seu

carácter relativo e manipulável, depende da negociação de acordos a partir da constitutiva topologia relacional" (48).

Mas se o texto de Basail se debruçava sobre fronteiras estabelecidas pelos Estados e as suas consequências para os cidadãos e os não-cidadãos, Cláudia Ramos fala-nos do "papel dos actores não estatais no contexto das relações internacionais" (51), no seu artigo: "What about the people? Popular legitimacy and the context of global threats". Face à recente ameaça terrorista, aos desafios que a mesma coloca e à política securitária de Estado, abre-se um novo espaço de participação cívica à escala europeia – o espaço de intervenção na/da sociedade civil. Cláudia Ramos coloca ainda a hipótese de o "comum interesse" dos cidadãos em se protegerem poder constituir uma área na qual estes estejam mais dispostos a "aceitar um papel mais pró-activo" da União Europeia (58). Baseando-se na concepção kantiana de paz universal, a autora termina o seu artigo colocando duas perguntas pertinentes: "how inspirational can democracy be for diminishing the 'power' of terror" (66) e ainda "how can non-state actors contribute to the definition and the implementation of security policies? (idem). À primeira pergunta Cláudia Ramos responde dizendo que a segurança não pode pôr em causa os direitos humanos. À segunda, dizendo que, apesar das assimetrias mundiais no que diz respeito ao reconhecimento da democracia como o sistema político mais adequado, as democracias ocidentais têm vindo a construir-se com base no estabelecimento e fortalecimento de sociedades civis, baseadas no princípio da legitimidade, da liberdade de expressão e dos direitos fundamentais, em geral. O aumento da consciência destes direitos por parte dos cidadãos contribuirá, certamente, na perspectiva da autora, para que não estejam dispostos a abdicar deles, não pela via da força, mas, da "interpenetração", do "interculturalismo" e da "integração humana" (66).

Paulo Vila Maior, por seu turno, apresenta-nos um artigo sobre a "A cidadania da União Europeia", dando-lhe o sugestivo subtítulo: "Algo mais que retórica?". Nele procura reflectir sobre a dimensão transnacional do conceito de cidadania europeia e sobre as suas lacunas, derivadas, do seu ponto de vista, da tentativa de extrapolar para o nível europeu uma concepção de cidadania originária e típica dos Estados-nação, bem como da ausência de poderes significativos do ponto de vista da fixação de impostos. Depois de um périplo por dados estatísticos europeus nos quais se procura analisar "a quem os cidadãos são leais", Paulo Vila Maior conclui que a fidelidade dos cidadãos é, sobretudo, nacional ou infra-nacional. O facto de a tributação dos impostos continuar a ser feita a nível nacional introduz uma desarticulação entre o conceito do "no taxation without representation", que constitui "uma das garantias de cidadania" (102), e a situação dos cidadãos da comunidade europeia, que, do ponto de vista do autor, se poderia traduzir no adágio: "no taxation with representation" (104). Contudo, Paulo Vila Maior pergunta-se se "a ausência de competências supranacionais ao nível de impostos é um obstáculo à cidadania da EU – a uma cidadania efectiva, que ultrapasse o domínio retórico" (95). E conclui: "Se a resposta for afirmativa, talvez a cidadania da EU não passe de uma quimera" (idem). Contudo, a tributação de impostos a nível nacional não significa que uma parcela dos impostos não reverta a favor do orçamento da EU e que esta não desempenhe uma "tímida função redistributiva" (106). Sendo assim, nas palavras finais de Paulo Vila Maior, "a cidadania da União perfila-se no horizonte como algo mais que simples retórica" (107).

A necessidade de repensar o conceito e os critérios de posse e atribuição dos direitos de cidadania está também presente nos dois artigos deste número referentes à imigração de brasileiros para Portugal, o grupo de imigrantes mais representativo actualmente. Assim, no

texto de autoria de Alcinda Cabral e Márcia Ferreira, intitulado "As associações de imigrantes brasileiros. Espaços de e para a cidadania", são apresentadas associações de imigrantes provenientes do Brasil, bem como o seu papel na reivindicação de direitos civis. O artigo faz um historial, breve mas elucidativo, do movimento associativo de imigrantes em Portugal, concentrando-se, depois, na referência às associações de brasileiros existentes no país, que, na perspectiva das autoras, procuram "contrariar o desenraizamento provocado pela perda dos referentes da cultura de origem" e, por outro lado, "colmatar as desvantagens no acesso pleno aos direitos de cidadania" (90), nomeadamente, no que diz respeito aos direitos individuais, sociais e culturais fundamentais, bem como à reivindicação do direito de se fazerem representar em órgãos determinantes para a definição das políticas de emigração.

Se o artigo mencionado se debruça sobre as associações, o texto de Igor Machado e de Alexandra Almeida e Ellem Reis, intitulado "Algumas características do fluxo migratório de brasileiros de Governador Valadares para Portugal", concentra-se em relatos de imigrantes brasileiros provenientes daquela cidade, procurando demonstrar os "processos de 'invisibilização' social por parte dos mesmos", para evitarem ser reconhecidos publicamente e, assim, serem também alvo dos preconceitos por parte da população portuguesa que os autores dos relatos identificam como "típicos" no que lhes diz respeito. O artigo, de cariz etnográfico, recolhe vozes e visões que não deixam de criar um certo efeito de "espelho" no qual os portugueses, um povo migrante, se poderia rever:

> Nós fomos pra [sic] lá trabalhar onde eles não gostavam de trabalhar. E a discriminação que temos de brasileiros lá, não sei se em quase todos os países tem, lá tem sim: no Brasil esteja passando fome, tem que tomar cuidado; é brasileiro está passando fome é ladrão. Só isso. Infelizmente, eles têm isso de nós (117).

Se uma das consequências mais óbvias da globalização é a circulação de pessoas, num processo que pode ser interpretado como de transmissão das culturas por via da mestiçagem, temos, por outro lado, a sensação de que o mundo se contraiu: é esta a ideia-chave do artigo que nos é proposto por Victor Da Rosa e por Jean Lapointe, intitulado "La compression espace-temps et la mondialisation: une perspective anthropologique", no qual se procuram analisar os impactos da mundialização na vida do indivíduo, nomeadamente, nas suas relações interpessoais e sociais. Retomando a teoria de Bastide, de acordo com o qual "a modernidade é o movimento associado à incerteza" (75), os autores consideram que a perda de relevância do Estado, da sociedade civil e da comunidade conduz a um individualismo narcisista, à emergência de uma "geração do eu", nas palavras de Giddens, mencionado pelos autores (cf. 77).

É sobre o binómio ou a antítese "indivíduo/colectivo" que se debruça o estudo apresentado por Laura Ciochină e Luísa Faria, intitulado "Individualismo e colectivismo: estudo exploratório com adolescentes nos contextos culturais português e romeno", e que pretendia investigar o

> significado atribuído por adolescentes à dimensão cultural de individualismo – colectivismo (…), a fim de lançar ulteriormente pistas para o estudo da relação entre a dimensão cultural e uma dimensão de índole mais psicológica, isto é, as concepções pessoais de inteligência (…) de adolescentes dos referidos contextos culturais (127).

Baseado em entrevistas a alunos portugueses e romenos que procuraram explorar as questões das relações de independência e dependência-interdependência na família, na escola e no grupo de pares, bem como na definição do self e numa perspectiva geral, o estudo concluiu que ser individualista ou colectivista "difere em função dos três domínios referidos e do contexto cultural analisado", existindo em ambos os contextos uma tendência individualista no interior da família e uma atitude colectivista no grupo de pares. Na escola existem semelhanças nos dois contextos, aliás, o artigo anuncia que esta questão será algo de um aprofundamento posteriormente.

É também no espaço-escola como lugar privilegiado de ensino-aprendizagem que se situa o artigo seguinte, da autoria de Nelson Lima Santos e Inês Gomes, intitulado: "Transformações e tendências no ensino-aprendizagem na era do digital: alguns passos para uma arqueologia de um novo saber-poder", no qual se procura fazer uma reflexão de fundo sobre aquilo que os autores designam como a passagem do "saber" ao "e-saber". Esta reflexão é pontuada por perguntas muito relevantes:

> Que políticas de ensino-aprendizagem e de inovação e desenvolvimento? Que investimentos sócio-económicos? Que recursos humanos e tecnológicos? Que métodos? Que técnicas? Que instrumentos e ferramentas? (155)

Constatando que existem cada vez mais respostas e menos capacidade de perguntar (cf. idem), os autores propõem uma didáctica mais centrada na "construção de perguntas" do que naquilo que se poderia considerar um *fastfood* de conteúdos e supostos conhecimentos, impessoal e desresponsabilizante.

Paulo Tunhas, no seu artigo intitulado "Belief relations", apresenta aquilo que pode ser considerado, até certo ponto, o correlato filosófico das relações de pertença enunciadas em artigos anteriores do ponto de vista antropológico, sociológico, psicológico ou dos estudos culturais. De facto, o seu texto debruça-se sobre três formas de relações – externas, internas e mistas (externas/internas) - equacionando-as à luz das "relações de crença", que, na sua perspectiva, poderão constituir formas de "enlace com a mente do 'selvagem'", do outro (cf. 218). Esta parece ser uma forma de resposta às perguntas (metafísicas) colocadas pelo próprio autor acerca da possibilidade ou não de nos colocarmos no lugar do outro.

A possibilidade de encontro com o outro mediada pela crença é, de certa forma, retomada no artigo de Thiago Sales, intitulado: "A imersão mítica do real". Neste, o autor, estabelecendo um diálogo entre Sahlins, Malinowsky, Lévi-Strauss e Eliade, procura demonstrar "em que medida uma desconstrução do conceito metafísico de mito indicará o quão imerso na facticidade do real está o mesmo", como "representação, por excelência, da aceitação do destino e das angústias quotidianas" (225). Estas, bem como as narrativas que manifestam "a indignação universal que o homem sente quando não consegue ver juízos de valor de nenhuma espécie na natureza" (236), desafiam a compreensão "logocêntrica" do mundo ocidental, que erigiu o seu conceito de racionalidade em única interpretação teórico-abstracta credível do mundo.

A revista aqui apresentada inclui ainda um estudo etnográfico dedicado ao tema: "Augurius ex avibus. Aproximação ao significado do cuco nos sistemas simbólicos europeus", da autoria de Joám Pim e Bárbara Kristensen e que, baseando-se num inquérito respondido por homens e mulheres de idades compreendidas entre os 34 e os 95 anos, residentes no

concelho de Baleira (Galiza), procurou recolher informação sobre as crenças e rituais relacionados com o cuco, primeiramente neste contexto geográfico e, de forma mais ampla, nas tradições europeias. O grande interesse deste artigo, extremamente pormenorizado, está na descrição dos usos e costumes de diversas sociedades europeias revelados nas crenças e superstições associadas àquela ave.

Por fim, encontramos dois artigos, respectivamente, sobre o Museu Etnográfico de Dubrovnik, da autoria de Sérgio Lira, e sobre "El proyecto ilustrado y la influencia inglesa en enl desarrollo industrial de Sargadelos", da autoria de Purificación Vásquez e Jesús Varela Zapata. O primeiro, acompanhado de fotografias do museu analisado, leva-nos a percorrer um museu situado precisamente numa cidade que, nas palavras do próprio autor, "evoca um paradoxo" (161), uma vez que "concilia" um "local excepcional de lazer" com a "guerra, no sentido mais abjecto do termo, quando populações civis e património cultural são sistematicamente destruídos em nome de um grande nada" (idem). Sérgio Lira apresenta-nos o museu de forma crítica, apontando as suas riquezas e as suas limitações, de entre as quais, penso poder dizer sem trair a perspectiva do autor, a maior poderá ser considerada o facto de ter ficado perdido no tempo.

É também das raízes perdidas no tempo, do historial de uma fábrica, das suas metamorfoses, que nos fala o artigo de Jesús Zapata, cujo título já foi mencionado. Terminamos com ele, pela ligação que faz entre o património tangível, presente nas paredes, ornamentos, artefactos e instrumentos da fábrica, e o património intangível, constituído pelas comunidades vivas que ela evoca: "Ao vê-la, reconhecemos as nossas raízes e ao escutar o silêncio do seu trabalho, percebemos as mãos operárias do nosso país. Sargadelos sempre fabricou cerâmica, hoje em dia, porcelana, com desenhos inspirados no mais profundo da alma e da arte galegas" (203).

Teresa Martinho Toldy

NORMAS EDITORIAIS

1. **SUBMISSÃO DE ARTIGOS**

- Os artigos candidatos à publicação nesta Revista devem ser trabalhos originais que não tenham sido publicados.

- Podem ser submetidos: artigos originais e inéditos; informações técnicas, normas ou especificações; comunicações apresentadas em congressos; cartas ao editor; artigos breves; artigos de revisão, estados da arte; e resenhas.

- Cada autor não poderá, como autor principal, submeter mais do que um artigo para cada número da Revista. A informação sobre os autores deve aparecer na língua em que foi redigido o artigo.

- Os artigos podem ser submetidos em português, inglês, francês e espanhol. Com o objectivo de contribuir para uma maior projecção internacional dos investigadores e da investigação, a edição electrónica das revistas terá os artigos traduzidos do português para o inglês.

- O envio dos originais deve ser efectuado para o endereço revistasfaculdades@ufp.edu.pt, colocando no campo do assunto o nome da revista (*Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, *Revista da Faculdade de Ciência e Tecnologia* ou *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*) para a qual se destina(m) o(s) documento(s).

2. **REVISÃO E ADMISSÃO**

- Todos os artigos são submetidos a um processo de *double-blind refereeing* por pares especialistas nas respectivas áreas.

- Para cumprimento do parágrafo anterior , o(s) nome(s) do(s) autor(es) deve(m) aparecer somente na primeira página.

- No caso de comentários não concordantes, é solicitada a análise de um terceiro revisor, seguindo-se o parecer do Coordenador de Número que decidirá sobre a aceitação ou a rejeição do artigo.

- A revisão final dos textos será da exclusiva responsabilidade dos autores, pelo que eventuais erros ou gralhas não podem ser imputados à revista.

- Textos em provas finais só podem ser alterados por razões de ortografia. Qualquer outra alteração **não será** levada em conta.

- A revista reserva-se o direito de publicação, de acordo com a conveniência editorial.

3. **POLÍTICA DE DIREITOS DE AUTOR**

- Os artigos publicados nesta Revista terão um acesso aberto e estão sujeitos a uma licença da Creative Commons «Atribuição - Uso Não-Comercial - Obras Derivadas Proibidas

2.5 Portugal» (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/pt/), ou seja, eles podem ser copiados, distribuídos e exibidos, desde que sejam citados os autores e a editora (Edições Universidade Fernando Pessoa). Não estão autorizados nem o uso comercial nem as obras derivadas.

- O conteúdo dos artigos é da exclusiva responsabilidade dos autores, cabendo-lhes a obrigação de obter as autorizações do material que estiver sujeito a direitos de autor.

4. **NORMAS**

Apenas serão considerados os artigos que cumpram as seguintes normas:

- Não excedam as 12 páginas A4, com um espaçamento entre linhas de 1,5;

- Contenham um resumo em português e em inglês, até 100 palavras, que exponha as ideias principais e as conclusões a que se chegou;

- Incluam palavras-chave *(mais informações no final do documento)*;

- Sejam encabeçados pelo título, nome do autor, categoria, instituição e contacto electrónico com formatação idêntica à dos exemplos seguintes:

O UTENTE E A DoR – ESTUDo COMPARATIVO
EM DUAS INSTITUIÇÕES HOSPITALARES

José Silva
Professor Associado
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
jsilva@ufp.edu.pt

Maria Gomes
Aluna do Mestrado em Medicina Dentária
Faculdade de Ciências da Saúde
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
mariasan@ufp.edu.pt

Joana Matos
Enfermeira
Hospital de São João, Porto, Portugal
jmatos@hsj.pt

Eduardo Pereira
Licenciado em Enfermagem
Faculdade de Ciências da Saúde
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
Investigador
REQUIMTE, Faculdade de Farmácia

Universidade do Porto, Porto, Portugal
edupereira@ufp.edu.pt

Paulo Silva
Investigador
REQUIMTE, Faculdade de Farmácia
Universidade do Porto, Porto, Portugal
silvap@ff.up.pt

- Respeitem os formatos:
  - dos textos:
    - O texto deverá ser escrito em processador de texto Microsoft Word;
    - A página terá todas as margens a 2,5 cm;
    - Todo o corpo do texto deverá ser formatado em Times New Roman, tamanho 12, espaçamento entre linhas de 1,5;
    - Os títulos e subtítulos terão de ser devidamente identificados (1.; 1.1.; 1.1.1), formatados em Times New Roman, tamanho 14, negrito (*bold*), espaçamento entre linhas de 1,5;
    - Em caso de utilização de caracteres ou símbolos especiais, o autor deverá entregar o tipo de letra (*font*) em formato digital;
    - NÃO utilizar formatações especiais como:
      - Estilos (*headings*, hiperligações etc.);
      - Texto em colunas;
      - Cabeçalhos de páginas (*headers*);
      - Diferentes tipos de letra;
      - Sublinhados;
      - Hifenização automática;
      - Numeração automática de capítulos, secções ou parágrafos.
  - das ilustrações (imagens, gráficos, quadros etc.):
    - As ilustrações devem ser gravadas em ficheiros separados, devidamente identificados. No documento do texto deverá constar apenas a indicação do local de inserção da ilustração (com indicação do nome do respectivo ficheiro);
    - A numeração e os títulos das ilustrações devem constar unicamente no corpo do texto;
    - As figuras deverão ser enviadas no programa original onde foram criadas e em formato TIFF ou JPEG, com resolução de 300 dpi/ppp ao formato da impressão;

- Ao seleccionar a ilustração deverá ter-se em consideração que a impressão da revista é a preto, pelo que aquela deverá ser entregue em escala de cinzas.

- Os gráficos, quando criados em Excel, deverão ser enviados no ficheiro original (Excel) acompanhados das respectivas tabelas;

- De igual forma, os gráficos do SPSS devem ser exportados como tabelas e acompanhados dos dados que lhes dão origem e do respectivo gráfico;

- Os quadros construídos com tabelas deverão utilizar apenas um traço simples a separar linhas e colunas, dado que serão formatados de acordo com o grafismo das Edições da UFP.

- Coloquem as palavras-chave seguindo as indicações:

  - A fim de normalizar as palavras-chave, permitindo um melhor acesso aos documentos publicados na Revista, utilizam-se os descritores da base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) (http://regional.bvsalud.org/php/decsws.php?lang=pt).

  - Apesar do título, esta base de dados inclui praticamente todas as categorias abrangidas nestas publicações: Anatomia; Organismos; Doenças; Compostos químicos e drogas; Técnicas e equipamentos; Psicologia e psiquiatria; Ciências biológicas; Ciências naturais; Homeopatia; Antropologia, educação, sociologia e fenómenos sociais; Tecnologia, indústria, agricultura; Humanidades; Ciência da informação; Denominações de grupos; Assistência à saúde; Ciência e saúde; Saúde pública; Características de publicações; Vigilância sanitária; Denominações geográficas.

  - Não esquecer que as palavras-chave devem escrever-se no singular e, no caso destas terem mais do que um género, utilizar-se o masculino.

- Respeitem as regras concernentes às formas de citar, organizar a bibliografia e formatar os textos:

  - Citações:

    - As fontes originais deverão ser referenciadas no corpo de texto, acrescidas das páginas, independentemente de se tratar de citações directas.
      Exemplo correcto: (Kotler e Rainisto 26) ou (Smith, Yang e Moore 76)
      Exemplo incorrecto: ~~(Kotler e Rainisto, 1999)~~

    - As citações directas que excedam as duas linhas deverão aparecer destacadas do corpo de texto e em fonte menor (Times New Roman 9pt), sem aspas nem itálico. As citações que não excedam as duas linhas aparecerão entre aspas inseridas no corpo texto.

  - Referências bibliográficas: A bibliografia será ordenada por ordem alfabética e terá obrigatoriamente de respeitar o seguinte formato:

TIPO	MODELO	EXEMPLO
Livros		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. *Título da obra [em itálico]*. Edição [quando existente]. Local de Publicação: Nome da Editora, Ano.	Patrício, Luís D. *Droga de vida, vidas de droga*. Venda Nova: Bertrand, 1995.
	Volume de livro Canha, Jeni "A criança vítima de violência". *Violência e vítimas de crime*. Vol. 2 – Crianças. Ed. Carla Machado e Rui Gonçalves. Coimbra: Quarteto Editora, 2002. 13-36.	
	Utilização de um volume específico de uma colecção Freud, Sigmund. "A teoria da sexualidade". *Textos essenciais da psicanálise*. Vol. II. Mem Martins: Publicação Europa-América, 2000.	
	Editor de livro Elster, J., ed. *Rational Choice*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.	
Capítulos inseridos em obras		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. "Título do capítulo". *Título da obra [em itálico]*. Ed. [Nome do editor/coordenador]. Local de Publicação: Nome da Editora, Ano. Páginas.	Harris, Muriel. "Talk to Me: Engaging Reluctant Writers". *A Tutor's Guide: Helping Writers One to One*. Ed. Ben Rafoth. Portsmouth, NH: Heinemann, 2000. 24-34. Hansmann, Hans. "Economic Theories of Nonprofit Organization". *The Nonprofit Sector: A Research Handbook*. Ed. William Powell. New Haven: Yale P U, 1987. 27-42.
Artigo		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. "Título do Artigo". *Título da Publicação [em itálico]*. Volume.Número (Ano): Páginas.	Lazzarini, Luca, Jon T. Mader, and Jason H. Calhoun "Osteomyelitis in Long Bones". *Journal of Bone and Joint Surgery* 86A.10 (2004): 2305-23. Field, Craig et al. "Association of Baseline Characteristics and Motivation to Change Among Patients Seeking Treatment for Substance Dependence". *Drug and Alcohol Dependence* .91 (2007): 77 - 84.
	Artigos sem nome de autores ou publicações sem autor(es) explícito(s): a referência deve ser feita a partir do título "Business: Global Warming's Boom Town; Tourism in Greenland". *The Economist* 26 May 2007: 82.	
Acta		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. "Título da comunicação". *Título da obra com local e data da realização do evento [em itálico]*. Ed. [Nome do editor/coordenador]. Local de Publicação: Nome da Editora, Ano. Páginas.	Mann, Jill. "Chaucer and the 'Woman Question.'" *This Noble Craft: Proceedings of the Tenth Research Symposium of the Dutch and Belgian University Teachers of Old and Middle English and Historical Linguistics, Utrecht, 19-20 January 1989*. Ed. Erik Kooper. Amsterdam: Rodopi, 1991. 173-88.
Antologia		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome., org. *Título da Publicação [em itálico]*. Local de Publicação: Nome da Editora, Ano.	Becker Jr., Benno, org. *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo: Feevale, 2000.
Dissertação/tese/monografia de final de curso por imprimir e impressa		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. *Título da dissertação ou tese ou monografia [em itálico]*. Tese Doutoramento ou Diss. Mestrado ou Monografia. Nome da Universidade ou Instituição onde foi adquirido o grau [U para Universidade, I para Instituto, IP para Instituto Politécnico, E para Escola] + Nome do Local, Data.	Antunes, Carlos M. *Motivação e atitudes dos jovens alunos face ao ambiente da aula e da escola*. Tese Doutoramento. U Lisboa, 2002. Toyoshima, Silvia H. *Evolução de uma economia periférica: o caso de Minas Gerais*. Diss. Mestrado. U São Paulo, 1986. Porto Alegre: Editora Gaia, 2000.
Lei ou Decreto-Lei/Lei/Despacho/Aviso…		
	"Decreto-Lei/Lei/Despacho/Aviso n.º ___/ano, de dia de mês - breve explicação do assunto". *Diário da República* n.º ___, série, ano.	"Decreto-Lei n.º 48/95, de 15 de Março - Código Penal". *Diário da República* n.º 63, 1.ª Série-A, 1995.

TIPO	MODELO	EXEMPLO
Relatório		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. *Título do Relatório [em itálico]*. Rel. [Relatório] ou Rep. [Report]. Local de Publicação: Nome da Editora, Data. Sér. [série] ou Ser. [series].	Haylock, M., B. Trewin, and N. Nicholls. *Climate Extremes: Indicators for State of the Environment Monitoring*. Rep. Canberra: Australia: State of the Environment Technical Paper Series (The Atmosphere), 2000. Ser. 2.
	Autor colectivo [instituição]. "Título do relatório". Instituição, Local onde está sediada, Data.	World Health Organization. "WHO report on the global tobacco epidemic, 2009: implementing smoke-free environments". World Health Organization, Geneva, 2009.
	Autor colectivo [instituição]. *Título do relatório [em itálico]*. Local, Data de publicação. Internet. Data de acesso [mês abreviado com as três primeiras letras, excepto "Maio"]. <endereço>.	WHO/FAO/OIE. *Expert Workshop on Non-human Antimicrobial Usage and Antimicrobial Resistance: Scientific Assessment.* Geneva, Switzerland, 1-5 Dec. 2003. Internet. 12 May 2010. <http://www.who.int/foodsafety/publications/micro/en/amr.pdf>.
Documentos na Internet		
	Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. Título do documento [entre aspas]. Nome do sítio [em itálico]. Ano. Internet. Data de acesso [mês abreviado com as três primeiras letras, excepto "Maio"]. <endereço>.	Alvord, S., D. Brown, e C. Letts. "Social Entrepreneurship – Leadership That Facilitates Societal Transformation – an Exploratory Study". *Center for Public Leadership*. 2003. Internet. 26 Abr. 2009. <http://www.hks.harvard.edu/leadership/Pdf>.
	Enciclopédia em linha Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. Título do documento [entre aspas]. Editor. *Nome do sítio [em itálico]*. Ano. Internet. Data de acesso [mês abreviado com as três primeiras letras, excepto "Maio"]. <endereço>.	Schwitzgebel, Eric. "Belief". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Ed. Edward N. Zalta. Center for the Study of Language and Information, Stanford University, 2006. Internet. 19 Set. 2008. <http://plato.stanford.edu/entries/belief>.
	Locais na internet e páginas pessoais ou de instituições Editor, autor ou coordenador [se existir]. Nome do sítio. Nome da instituição/organização. Data da criação [se disponível]. Internet. Data de acesso [mês abreviado com as três primeiras letras, excepto "Maio"]. <endereço>.	Felluga, Dino. *Guide to Literary and Critical Theory*. Purdue U. 28 Nov. 2003. Internet. 10 Maio 2006 <http://www.cla.purdue.edu/academic/engl/theory/>. Universidade Fernando Pessoa. 2008. Internet. 13 Jan. 2010 <http://www.ufp.pt>. *Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer.* s.d. 25 Set. 2009 <http://www.alzheimerportugal.org>.
	Publicações académicas em linha Sobrenome, Nome + Inicial do segundo nome. "Título do Artigo". Título da Publicação [em itálico]. Volume.Número (Ano): s.p. [se não houver uma correspondência impressa da publicação]. Internet. Data de acesso [mês abreviado com as três primeiras letras, excepto "Maio"]. <endereço>.	Dolby, Nadine. "Research in Youth Culture and Policy: Current Conditions and Future Directions". *Social Work and Society: The International Online-Only Journal* 6.2 (2008): s.p. Internet. 20 Dez. 2009 <http://www.socwork.net/2008/2/special_issue/Dolby>. Borbinha, José Luís et al. "Manifesto para a preservação digital". *Cadernos de biblioteconomia, arquivística e documentação* 17.2 (2002): 69-81. Internet. 20 Dez. 2009. <http://www.apbad.pt/CadernosBAD/Caderno22002/Borbinha.pdf>.
	Norma Europeia *[Título em italico] Council Directive Ano/n.º/EC, of dia mês*. Ed. Union, The Council of the European Union. European Union: Official Journal of the European Communities, Ano. Internet. Data de acesso [mês abreviado com as três primeiras letras, excepto "Maio"] <endereço>.	*Council Directive 1999/31/EC, of 26 April*. Ed. Union, The Council of the European Union. European Union: Official Journal of the European Communities, 1999. Internet. 4 Mar. 2010 <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:1999:182:0001:0019:EN:PDF>.

Praça 9 de Abril, 349
4249-004 Porto
T. + 351 22 507 1300
F. + 351 22 550 8269
geral@ufp.edu.pt
www.ufp.pt

edições UNIVERSIDADE
FERNANDO PESSOA